100 ptas.

L - 438

Lisboa — 26 de Julho — 1899. —

S. de Soto Cortés

osto

2500 reis

R. 11. 217

INSTRUCAM DA CAVALLARIA DE BRIDA.

TRATADO UNICO.

Dedicada ao Invicto Martyr

S. JORGE

TRIBUNO DA MILICIA ROMANA, DEFENSOR da Igreja Catholica, antigo Patraõ de Portugal.

POR

ANTONIO PEREIRA REGO

Cavalleiro da Ordem de Chriſto.

COM HUM COPIOSO TRATADO DE ALVEITARIA.

COIMBRA:

Na Officina de JOSEPH ANTUNES DA SYLVA, Impreſſor da Univerſidade. Anno de 1733.

Com todas as licenças neccſſarias.

A cuſta de Manoel Caſtanheira Mercador de livros, & Familiar do Santo Officio.

COIMBRA:

ANTONIO DE MARIZ

E

SEBASTIANA DE ALMEIDA

DE

CARVALHO

A S. JORGE

BUscava eu (Nobilissimo Cavalleiro, & Augustissimo Martyr) hum varaõ insigne, debaixo de cujo presidio este meu Tratado visse a luz do dia: Eis-que se me offereceo o vosso para amateria apto, & para o amparo seguro. Sendo necessaria a qualquer penna, que voa huma espada, que defenda, donde acharia a minha penna melhor defensaõ, que na vossa espada, cujos rayos aos amigos alumiaõ, & aos inimigos deslumbraõ? He a materia apta para a eleiçaõ, que faço, porq̃ dedico cavallaria a hum Tribuno do Romano exercito, quando vivo em carne mortal; & a hum Capitaõ da Igreja Catholica, quando immortal espirito. A gloria, em que reynaes agora, naõ apagou em vós, antes aperfeiçoou a inclinaçaõ generosa, que tivestes no mundo; porque sendo vosso espirito belicoso na terra, despois que viveis no Ceo se valeraõ, & valem de vòs os Principes Christaõs nos conflictos, & batalhas. Duraõ em Portugal, Aragaõ, & Navarra muitos exemplos, mais que em Cedren. Compend.

hiſtoriar. Paulo Diacon. l. 6. de geſtis Longob. c. 5. Niceph. l. 7. cap. 15. Bar. tom. 7. Annal.

ſagrados marmores entalhados, nas memorias eſcritos. Deixo os documentos domeſticos, da noſſa Heſpanha, & dos eſtranhos de Grecia, França, Inglaterra; daõ teſtemunho ao mundo em ſuas hiſtorias Cedreno, Paulo Diacono, Nicephoro, & Veronio.

Venant. Fortunat. l. 1. Epih. 13.

Exta o Epigrama de venancio Fortunato ao templo, que hoje tendes em Moguncia.

Martyris egregij pollens micat aula Georgi,
Cujus in hunc mundũ ſpargitur altus honor.
Carcere, cæde, fame, vinclis, ſite, frigore, flãmis,
Confeſſus Chriſtum, duxit ad aſtra capur.
Qui virtute potens, Orientis in arce ſepultus,
Ecce ſub occiduo cardine præbet opem, &c.

Foraõ as voſſas acçoens taõ novas, & admiraveis ao mundo, que deſpertaſtes a inveja dos inimigos da Fè para vos cantarem entre as fabulas. Tanto cegam os rayos de huma luz grande? Neceſſario foy que a Igreja mandaſſe crer, que ouvera hum Jorge no mundo. Dura ainda hoje eſta incredulidade na

Gelaſio Papa cap. Sancta Romana diſt. 15.

falſa eſcola, & peſtilente cadeira de Calvino, & Kemnicio inimigos da verdade, & cõtrarios voſſos. Taõ do Ceo foſtes todo, que pareceſte na terra eſtranho. Sobre as certezas da Fè naõ ha outra certeza; mas vòs fizeſtes palpavel, o q̃ era crivel, aparecendo viſivelmente entre nôs, & dando a noſſos inimigos tanta materia de pranto, como a nòs de agradecimento. Quanto ao patrocinio da obra para que vos convido, em vòs o tenho ſeguro; porque vale-

valeremſe os homens de outros homenss ſogeito à meſma mortalidade, naõ podem adquirir aos ſeus livros aquella vida, a que aſpiraõ iZenta, & livre de caduco fim de ſeus autores. Deſde meus primeiros annos comecei logo a verſar a arte da Cavallaria no theorico, exercitando o pratico; o que lia reduZia a obra, & algumas couſas, que obſervava obrando, acrecentava ao que lia. O que era inclinaçaõ ſe me feZ uſo, & vida, & mais horas gaſtei neſte exercicio que em todas as outras humanas ocupaçoens. Ao que li, & pratiquei fiZ eſta Sũma, que publico agora, naõ por oſtentaçaõ propria, ſenam para comodidade alhea. O deſejo he de aproveitar, & creyo que he fallarvos ao coraçaõ offerecervos eſte deſejo, aos PortugueZes eſcrevo entre quem logra es a authoridade de Patrono, & aglo-
ria de defenſor, & indo de voſſo nome titulado eſte papel em ſuas maõs logrará a attençaõ, & eu a voſſos pès ponho o meu (ſe algum tiver) mereci-
mento.

Voſſo ſervidor devotiſſimo.

Antonio Pereira Rego.

PROLOGO

AO LEYTOR.

QUEM ſe expoem a mandar os trabalhos do ſeu entendimento a julgar ao tribunal do vario juizo dos homeus, nem merece que lhe perdoem os erros, nem que lhe louvem os acertos. Ha quem condene o bom, ha quem aprove o mao, ha quem nem de hum, nem de outro cure. Os regidos cenſores de desluxir, os necios entremetidos a preverter, os incurioſos a deſprezar; deve ſer a porfia dos Eſcritores digna de todo eſte caſtigo. Eu que eſtava bem fòra de ſemelhantes dependencias, & alheyo do penſamento de ſer julgado ſem neceſſidade fuy obrigado de amigos, & animado de doctos a fazer publico eſte mal limado volume, que ordenava mais por curioſidade propria, que para doutrina alhea. Obedeci a huns, & a outros, & por fazer menos os meus deſacertos lhes proteſtei, que os haviam de partir entre ſi, quando me viſſe cenſurado.

Naõ he o meu intento doutrinar aos grandes homens de cavallo, que deſtes quero eu aprender todos os meus dias; mais modeſto he o meu atrevimento. Com os moços curioſos fallo, & àquelles eſcrevo, que tendo muito deſejo de exercitar eſta excellente arte o naõ fazem por falta de regras, & preceitos, que no noſſo vulgar ſe naõ tem atè agora eſcrito com a clareza, que demanda a Cavallaria de Brida. Por eſta cauſa intitulei eſte papel, *Inſtrucçaõ da Cavallaria de Brida*, porque ſirva de rudimentos a muitos para chegarem depois aos primores da arte, que outros lhe eſcreveraõ mais ſcientificamente.

Ajunto tambem huma recupilaçaõ de toda a Alveitaria, por ſe naõ aver eſcrita no noſſo idioma com as clarezas, que haõ miſter

dos Alveitarẽs, a cuja eſpeculaçaõ, & pratica me inclinei com algũ eſtudo, curioſidade, & experiencias, por ver o pouco engenho, a muita groſſaria, & ignorancia, com q̃ os mais dos Alveitares lançaõ a perder os cavallos indo a darlhes remedio; porque poſſa todo o cavalleiro na ſua eſtrebaria ou aonde a caſo ſe achar mandar acudir aos ſeus cavallos com mais acerto, que em caſa dos Alveitares, & os ſabia conſervar ſaõs, & preſervados de achaques. Para eſta recopilaçaõ, que intitulo *Summula*, elegi as opinioẽs mais ſeguras de todos os Authores de Alveitaria q̃ adiente refiro no principio della, aſſim eſtrangeiros, como naturaes que melhor eſcreveraõ em diverſas lingoas deſta arte Vetrionaria. Muitas couſas adquiri com experiencia propria, mas anteponho as alheas; pelo que diſſe Plutarco, que a obra da aranha ſaìda das proprias entranhas naõ era melhor, que a da abelha colhida de eſtranhas flores.

Quizera acertar a fazer o que eſcreve Valerio Maximo no liv. 8. cap. 12. *Sapientiſsimi artis ſuæ profeſſores ſunt à quibus, & propria ſtudia verecundé, & aliena callidè æſtimantur.* Bem ſey que muitos julgaràõ inutil eſta obra minha; outros pòde ſer que a experimentem proveitoſa; aquelles naõ ſe me dà que me condenem; eſtes naõ quero que me louvem. Quem me reprehender me fará melhor ſegundo Auzonio.

Cum vera objurgas, ſic inimice juvas.

Quem me louvar me impedirá a melhora, conforme Juvenal Satyr. 1.

.... *Probitas laudatur, & alget.*

Do Lec. Hieronymo da Motta Abbade de Santa Maria de Mugaens.

ROMANCE AO LEYTOR.

PAra q̃ do Author te informe
te offereço, leitor amigo,
poucas flores de hũ remance
entre as folhas deſte livro.
Donde o Lima a Ponte morde
com dentes de criſtal fino,
povo, que naõ ſó os cavallos,
mas tambem enfrea os rios.
Antonio Pereira Rego
nace, & deſde menino,
em vez da cana pueril,
montou os brutos altivos.
De illuſtre ſangue gerado,
& de acçoẽs heroicas filho,
naõ ſei qual ſeja mais nobre,
o herdado, ou adquirido,
Metido jâ nos eſtudos,
ás letras já premitido
foy moço de muytas artes,
mas de nenhum arteficio.
A natureza officioſa
o fez de mil prendas rico,
parece que o natural
premeou ao merecido.
Logrou entre os outros dotes,
todos delle meſmo dignos,
huma viril gentileza.
ſem eſcandalos de lindo.
Mas ſempre taõ abſoluto
ſenhor do ſeu alvedrio,
q̃ alcançando tantos dotes;
naõ chegou a ſer marido.
Quando a caçar ſe diverte,
mais por arte que diſtino,
as aves tem menos penas
do que executa caſtigos.
Com trombetas caçadores,
lanças, tiros, caẽs temidos,
he o flagelo das feras,
q̃ tem por ſeguro os riſcos.
As manchadas feras buſca,
& faz os ſeus golpes limpos,
nas campanhas por aſſalto
nas aſperezas por ſitio.
Joga as armas com deſtreza,
E offerecẽdo alguns partidos
de barato ao ſeu contrario,
lhe dá caro aver renhido.
Hum tempo ſeguio da guerra
o perigoſo exercicio,
quando das veas de prata
correo ſangue o noſſo Minho
E levando do terreiro
à campanha o meſmo eſtylo,
no ſerio andou taõ valente,
quanto airoſo no fingido.
O ginete que o reſpeita
ſó com natural inſtincto,
ſe dá por envergonhado
d' elle o naõ aver corrido.
Taõ dono do irracional (mo,
ſe moſtra, & meſtre taõ pri-
que faz do menos azado
bruto, hũ ligeiro Hipogrifo.
Ao ſubir de hum rude potro,
em cada enſayo lhe finto,

levar

levar a inveja hum tormento,
cobrando o potro hum avizo.
Quando escaramuças Guia,
em confusos laberintos,
qualquer discurso se perde;
elles sómente acha o fio.
Se joga as canas de veras,
Se faz o falso conflicto;
as canas se tornaõ lanças,
& he canas ver os seus tiros.
Corre à sortilha taõ destro,
que aquella mesma imagino
que he a sortilha cõ que a sorte
sempre o desprezou consigo
Pois vello ao buscar o touro
dentro do arriscado circo,
feridas tambem logradas,
golpes tambem succedidos.
Desde logo se promete,
que o mais ferós inimigo,
trazendo a lua por armas,
torne quartos dividido.
Este pois em ocio agora,
q̃ he degoceo de entendidos,
alternando a lança, & pena,
dous mal conformes officios,
E n quarenta annos de idade,
muitos, quando bem vividos,
ainda em quaresma de annos,
tem do Abril da vida os brios.
Neste tratado te offerece,
todo o praticado, & lido.
dos contendores nas praças,
dos professores nos livros.
Aceita o dom, & a vontade,
que eu sei que he seu disignio,
naõ mostrar cavalleiro,
se naõ cortezaõ, contigo.
Eterno será seu nome,
porq̃ algum dente maligno
gastará pedras gravadas,
mas nunca papeis escritos.

De hum amigo do Author

ROMANCE.

INsigne Pereira, invicto,
nova admiraçaõ da Europa;
ou já no agrado das prendas,
ou jà no acerto das obras,
Vòs com cujo sangue illustre
bem, sem que a vea se rompa
o melhor fica corrido
de q̃ com o vosso naõ corra.
Vòs com cuja espòra, & maõ
o bruto aquem ninguẽ doma,
ou já nas iras se enfrea,
ou jà nas furias se volta.
Cuja discreta energia,
ni deste livro se abona, (&tos
pois correndo a folha aos do-
mostra tanto acerto, em folha.
Cuja galla, & discriçaõ, (sombra,
doma hũ bruto, hũ mũdo as-
se quando se monta aquella,
esta quando se remonta.
Mas nesta arte, que enculcaes
naõ vos imitar he força,
porque perco as estribeiras
no q̃ esta liçaõ me assombra.
Qualquer escritor se admita,
pois a elegancia mais docta

ha

ha de eſcrẽver a Baſtarda,
quando eſcreve à Brida a voſ-
Nas noticias deſte livro (ſa.
vejo, por vãagloria noſſa.
quando a voſſa fama corre,
quanto o voſſo nome monta.
Se Troya a vòs tivera
domando do bruto as forças,
chorára os deſpojos Grecia,
cantára os triumphos Troya.
Voſſos cavallos envejaõ
os que na altiva carroça,
pizando hum ſolio de luzes
correm de Safir Alſombras.
Mas ſer voſſo ſó merece.
o Pegazo, em quem ſe nota,
dando hũa fonte ao Parnaſo
dar materia a tanta hiſtoria.
Montai pois q̃ aſſim ſeguro (ta,
do bruto, em q̃ a morte mon-
por mais q̃ venha cõ penas,
ſe o ſeu corre o voſſo voa.
E ſeraõ voſſas emprezas,
& naõ com vãagloria pouca
quando hũs clarins para a fama
hũs padroẽs para a memoria

De Frey Hyeronymo Vahia, em nome dos Leytores ao Author.

DECIMAS.

VOcs & nôs, Rego admirãdo
feſtas eſtamos fazendo,
vôs, nos eſcreveis correndo
& nós vos lemõs folgando:
eſtas, que himos alternando,
por bem voſſo, & noſſo bem,
nenhũa parelha tem;
porque ſingulares ſam,
as voſſas, ſortes nos daõ,
as noſſas, juſtas, vos vem.
Sempre roubaes os ſentidos,
quer diſcurſeis, quer corrais,
correndo os olhos levais,
& diſcurſando os ouvidos:
mas os ſentidos, ſentidos
naõ ficaõ por ſe perder.
que ouvindo voſſo dizer,
que vendo o voſſo luzir,
hum já naõ tem mais q̃ ouvir,
outros já naõ tem que ver.

Da Madre Mariana da Gloria Religioſa em Val de Pereiras, Prima do Author.

DECIMAS.

PRrimo de balde me animo
a deſcrever voſſas partes,
pois ſois nas melhores artes
em tudo, & por tudo Primo:
q̃ conheça o mundo eſtimo
neſte tratado profundo,
que naõ admitis ſegundo,
mas com prova mais fiel,
fizereis melhor papel:
ſe vos viua todo o mundo.

Se

Se vos louvo vos offendo,
cõ engenho, & metro eſcaço
mas naõ olheis ao que faço
ſenaõ ſó ao que pertendo:
que ſuppoſto naõ entendo
da arte de cavalgar,
ſempre vos ouvi gabar,
& por boca alhea fallo,
que quem vos vio a cavallo,
naõ tem mais que deſejar.

De Gaſpar Marinho Pereira Cavalleiro da Ordem de Chriſto, Primo do Author.

DECIMAS.

JAc agora como ſuſpeito
Rego com voſſa inſtruçaõ
todos os mais ficaràõ
tomando Rego direito:
adquirrieis tal conceito,
que os q̃ melhor voto tem,
diráõ, & diráõ muy bem,
q̃ por vôs em toda a parte,
da Cavallaria a arte
he Rego vay, Rego vem.

De ambas as maõs vos valeis,
de tal ſorte que ignoraes,
com qual a redea guiaes,
com qual a pena moveis
mas diſtinguillas podeis
deixandonos com ſuſpeita,
de q̃ ha deffeito q̃ enfeita,
veudo que em vós chegã a ſer
luſtre grande o naõ ſaber
qual he voſſa maõ direita.

De Dom Antonio de Amorim Pereira, Comendador de Santa Maria de Airais da Ordem de Chriſto, ſobrinho do Author.

DECIMAS.

NAõ ſey qual vos faz mayor,
no mundo, q̃ vos aclama,
ſe de cavalleiro a fama,
ſe o credito de eſcritor:
mas ſe hey de dizer ſenhor,
neſta materia o que ſentendo,
digo, & iſto ſe eſtá vendo,
que de voſſa pena uzando,
haveis de alcançar voando,
mais do q̃ alcançais correndo.

Eſta arte ſendo vós guia,
& niſto naõ deſmerece
alèm de arte me parece
feſta de Cavallaria:
com tanta galantaria,
& com razoẽs taõ germanas
acreditaes ſoberanas (ſtas,
da Brida as leys nunca injuq
que nella as razoẽs ſaõ juſtas,
& a galantaria he Canas.

De Frey Luis de Mendonça,

DECIMA.

AUtor aos mais eminentes,
cavalleiro aos mais ſubidos,
deixaes, ſenhor, mui corridos,
bẽ q̃ os fazeis mais correntes;
a manilha aos eloquentes,
o preço aos deſtros levaes,
a vòs meſmo aventejaes,
porque com geral eſpanto
correndo nas praças tanto,
nos livros correreis mais.

De Gonçalo Marinho Pereira, Sobrinho do Author.

DECIMA.

POde o celebre Mondego
q̃ eſcolas curſa eloquente,
envejarvos a corrente
do Lima animado Rego,
Parelhas com alto Pégo
Podeis correr, já naõ fallo,
no illuſtre, o diſcreto callo,
pois com gloria, naõ pequena
atè no correr da penna,
ficaes ſempre de Cavallo.

De Paulo de Amorim Salgado, ſenhor dos engenhos da Conceiçaõ, & S. Paulo, Irmaõ do Author.

DECIMA.

LEva ô Tejo de ouro areas
Mõdego amores, & magoas
o Douro copioſas agoas,
o Minho leva Amaltheas,
Guardina ſaudades veas.
Cavado do Ceo protentos,
Leça os feus remanços lẽtos,
outros, nem penas, nẽ glorias
Lima jà produs memorias
Contra os feus eſquecimẽtos.

De Chriſtovaõ Salgado, Cavalleiro da Ordem de Chriſto, Irmaõ do Author.

DECIMA.

URnas de criſtal prepara,
Lima, a perene memoria
do teu Rego & em ti por gloria
rẽaça qual fenis rara;
ſe alcançou a ſorte avara
de Phaetonte a ſepultura
no pò, donde eterno dura
quanto regeó mal a Ethonte,
Rego; q̃ emmenda a Phaetonte
memoria eterna aſſegura.

De João Silgado de Castro Capitão Môr da Villa de Ponte de Lima por sua Alteza, irmão do Author.

DECIMA.

DE Phaetonte as demasias
hoje fazeis mais culpadas,
porque foraõ cavalgadàs;
se foraõ Cavallarias:
vòs só governando os dias
podeis ser Sol, & o Sol cego;
ou mais que Sol (Claro Rego)
pois se o Sol dobrãdo a magoa
deu com seus cavallos na agoa
vòs os fareis vir ao Rego.

De hum Amigo do Author.

SONETO.

DEl de Ethonte; & Pirois flamante colo
Las riendas pide el Juven animoso,
Y fue Phaeton, en precipicio undoso,
de un Polo incendio, Rayo de outro Polo;
Oy de ti solo, ò Rego, oy de ti solo
La rienda ardiente, el coche lumidoso
De Ethonte, & Pirois sin peligroso
Rezelo inutil, los fiara Apolo:
Ati los diera, ati los entregàra,
Sin que la hermosa luz del Orizonte
Tibia moriera, torpe se acabàra;
Pues tu mejor, que el lucido Phaetonte;
Con arte docta, con sciencia rara,
Sojugas a Pirois, domas a Ethonte.

De Dom Luis Trancoso de Lira, Comendador da Ordem de Calatrava, senhor da Piconha, Primo do Author.

SONETO.

REndir del mar la indomata fiereza,
Templar del fuego el impeto sediento;
Parar en medio de su curso el viento,
Milagros son del arte, y la destreza;

Mas

Mas que ſerá domar el aſpereza
De un Cavallo, de un bruto tan violento.
Que es mar de eſpumas, fuego por aliento,
Y de Aquilon la miſma ligereza,
Tifis, Anfion, y Prometeo perdonen,
Por màs que los zelebre el coro Griego,
Y a tus pies ſus cabeças deſcoronen;
Todo lo han hecho tus deſtrezas, Rego,
Pues regiendo un Cavallo ſolo, ponen.
Lei al mar, freno alviento, y rienda al fuego.

De Paulo Pereira de Meſquita, Primo do Author.

SONETO.

DOmando de un Cavallo la fiereza,
Cuerpo, manus, y pies todo ajuſtado
A la ſilla, a la rienda, al bruto oſado,
Bien la Brida enſeñò tu gentileza;
Oy ſiguiendo felis la miſma empreza
A la vòs, pluma, y lengoa, has aplicado
Dulçura, eſtilo, y alma, y acertado
Deſcribes, lo que obraſte con deſtreza;
En una, y outra accion airoſo, y dieſtro,
Veſtido de dulçura, ò de brabeza.
Fuerte en el campo, ò doto en eſta ſuma;
Te acclaman, Rego, todos por Maeſtro,
Reſpetando la imbidia tu grandeza,
O ya tomes la lança, o ya la pluma.

De hum Amigo do Author.

SONETO.

OSeu Pegazo, o ſeu Bellerefonte
Celebre a antiguidade mais conſtante,
Diquelle os paſſos conte, as azas cante,
Deſte as victorias cante, os trofeos conte.

Derra-

Derraimé ẽm agoa a Cabalina fonte
Metrico alento a vea modulante,
Com que o Cavallo que a abrio levante,
E ao cavalleiro que o domou remonte.
Vislumbre esse elogio será breve
De quantos, Rego illustre, a idade nossa
A vossa lança, à vossa pena deve,
Pegazos pois domastes, porque possa
Achar mais Cabalinas, quando offerece
Os voos immortaes da fama vossa.

Do Tenente General Francisco Pita Malheiro, Cavalleiro da Ordem de Christo, Tio do Author.

SONETO.

CAvalleiro que ao cume do alto Monte
Gloria, & honra te chama, & te desvella,
Por aqui se caminha, a ponte he aquelle;
Lá tens, ò Rego na sua patria Ponte;
Mas qual em outra o fero Redomonte
Fez celebre a excellencia de Isabella;
Este fará, que de huma, & outra sella
A Brida sô, por singular se conte.
Triste daquelle q̃ apassar se avança,
Sem confessar que he esta a estrada nova.
Por onde a gloria militar se alcança.
Cede: & naõ queiras mais expressa prova,
Que a de sua pena, porque a de sua lança;
Creyo que mais te renda, que te mova.

De Sebastiaõ Pinto Correa, Amigo do Author.

SONETO.

NAs regras, Rego, que nos dais agora
De montar com destreza, & compostura,
O vosso nome em gloria se assegura,
E a nossa patria em honra se melhora.
Jà nas azas da fama voadora

Vos

Já nas azas da fama voadora
Vos leva pelo mundo alta a ventura
E esta partida fora cousa dura,
Se a vossa patria lá tambem naõ fora;
No Capidolio está ainda o cavallo,
De Marco Aurelio para gloria sua.
Esperando que vós vades montalo,
Que ainda que seja hum bronze a qualquer pua;
A Brida sabereis tambem picalo
Que deixe o Campidolio, & sai à Rua.

De Francisco de Sousa Lobato, Cavaleiro da Ordem de Christo. Sobrinho do Author.

SONETO.

A S leis que com destreza executastes
Da Brida, com ventagem descrevestes
Como entaõ nos terreiros suspendestes,
Agora nas palestras admirastes;
Muytas entaõ envejas motivastes,
Mil aplausos agora merecestes,
Como Rego ligeiro entaõ correstes,
Qual Rego cristalino hoje limastes,
Correndo as lanças, & limando o estillo;
Insigne vos venera hum, & outro clima,
Hum só por vellas, & ambos por ouvillo;
Desde hoje, pois não pòde se reprima,
Nem mais correr ao rebatado Nilo,
Nem mais limar o nosso patrio Lima.

Do Doutor Pedro Marinho Falcão, Amigo do Author.

SONETO.

A palma que logrou Cesar em França.
Na vossa patria a fama vos ordena,
Tudo foy obra de sua lança, & pena,
O mesmo obra vossa pena, & lança.
No Luzo bruto, Cesar sempre alcança.
Immortal louro, gloria não pequena,
Outra tanta alcançaes, quando serena;
Por vòs a fama voa, & naõ se cansa.
Em parelhas iguaes com bizarria,
Remontaes vossa fama celebrada;
Se ou Cesar; ou nada repetia
Immortal nome, gloria incomparada,
Repetirà mil vezes à porfia
Agora o mundo, ou Pereyra, ou nada.

INSTRUCCAM DA CAVALLARIA DE BRIDA.

CAPITULO I.

Que cousa seja Cavallaria: quais forão os primeiros inventores della: nobrezas: & excellencias desta arte.

MUITA variedade se acha entre os artigos Escritores, para aver de averiguar, quem fosse o inventor da nobilissima arte de Cavallaria. A ingratidaõ dos homens se foy vallendo das comodidades das artes, sem conservar a memoria de seus Authores. Diodoro Siculo no livr.6. affirma, que foy Neptuno o primeiro domador de cavallos: outros querem, que Belletofonte filho del Rey Glauco, quando no celebre cavallo Pegaso venceo a monstruosa, & indomita Quimera. Os Numidas em Africa (hoje Reyno de Tunes) segundo Apiano livr. de Libia, já pelejavaõ em cavallos, mas sem sellas. Os Lapitas povos de Thessalia em Grecia, que se chamàraõ Pelettronios, & Centauros, achàraõ o uso das sellas, & freyos, & foraõ os primeiros, que exercitàraõ escaramuças, & cavallos armados. Herodoto exalta grandemente a Zebar de Pico, & affirma ser o primeiro, que domou scientificamente estes generosos

ſos brutos. Tratãõ neſta materia Celio Rodiginio livr. 5. & livr. 11. cap. 63. Gaſpar de Ribera nas ſuas Apoſtillas. Angelo Policiano nas ſuas Miſcellaneas. Cardano no ſeu livr. de Rerum varietate. Pedro Victorio, & outros: em cujos eſcritos ſe poderà ver copioſamente. A diſcordia deſtes Authores por duas vias pode reconciliarſe: A primeira dizendo, que todos os referidos foraõ inventores deſta artè em varias Provincias. A ſegunda que a Cavallaria he couſa taõ nobre, & util, que varias naçoens arrogàraõ, & atribuiraõ a ſi a invençaõ della, & pela muita antiguidade deſta arte, ignoramos o ſeu principio, como couſa de taõ alto preço.

Parece ſem duvida, que a Cavallaria he das artes a mais principal, & a mais illuſtre, aſſim pelo preſtimo, & utilidade, como pela eſtimaçaõ. A utilidade he tanta, quantas ſaõ as victorias, que na guerra ſe alcançaõ: A Cavallaria he a que mais rompe, a que mais atemoriza, a que mais promptamente obra; na Cavallaria conſiſtio o nervo da antiga guerra ſegundo Ariſtoteles liv. 4. da Politica cap. 13.

Os Mayores Monarchas, os Princepes mayores ſe prezàraõ mais de Cavalleiros, que de Princepes, & Monarchas. Alexandre no ſeu Bucephalo ſe augurou pela boca de Phelippe ſeu pay, para conquiſtador, & ſenhor do mundo ſegundo o Curcio liv. 1. Julio Ceſar mais ſe prezava das ſuas Cavallarias, que das ſuas batalhas; & delle ſe conta, que por deſtro, & forte no exercicio deſta arte, ſem ſella, nem freyo fazia ſaltar, correr, & paràr o mais bravo, & indomito cavallo.

Taõ grande he a utilidade da Cavallaria na guerra, que de muitos Generaes ſabemos, que acompanhados ſómente da Cavallaria ſe deraõ por bem guardados nas campanhas, & muitos Princepes della ſómente ſe daõ por aſſegurados, & ſervidos nas ſuas Cortes.

Na jornada que fez Phelippe Segundo, ſendo Princepe de Eſpanha, para Alemanha, por Italia, ſahio a recebelo a Trento o Duque Mauricio: & como naõ trouxeſſe o eſplendor, & fauſto digno de ſua peſſoa, deu occaſiaõ a que os Eſpanhoes mur-

mu-

mutaſſem: Chegoulhe alguma noticia, & depois de os hoſpedar, lhes diſſe, que queria moſtrarlhes a ſua recamera, & ornato de ſua peſſoa, & caſa: & levando-os a huma galaria, que eſtava ſobre hum terreiro da praça, lhes moſtrou dous eſquadroens de cuto centos Cavalleiros armados, (aquem avia mandado ſecretamente, que eſtiveſſem montados neſte tempo,) & diſſe aos Eſpanhoes: Eſta he a minha recamera, o ornato de minha caſa, & a ſegurança de minha peſſoa. Achava eſte Princepe ſerem mais bem gaſtadas as rendas do ſeu eſtado com a Cavallaria ſómente, & ſó com ella ſe dava por bem guardado.

Salamaõ o mais glorioſo Rey do univerſo, & Princepe das ſciencias, taõ inclinado foy à Cavallaria, & teve de Cavallos tanta copia, que cincoenta, & dous mil ſuſtentava nas ſuas eſtrebarias, como ſe vè do 3. liv. dos Reys cap. 4. verſo. 26. & do 2. Paralip. cap. 1. verſ. 14. Verdade que ſe naõ crera ſe a Eſcritura Sagrada o naõ verificàra: & fora vaõ o teſtemunho de Joſepho, nas Antiguidades liv. 8. cap. 2.

De Julio Ceſar conta Tranquillo, que as guardas de ſua peſſoa fazia ſempre com Cavallaria, & que eſcolhia para ellas Eſpanhoes Cavalleiros pelo bom concerto, que do valor da Cavallaria Eſpanhola ſe tinha, & lhes fazia favores, & honras grandes. Eſta meſma attençaõ tiveraõ ſempre os mayores Princepes aos ſingulares homens de Cavallo. O Emperador Carlos V. ordenandoſe humas canas em feſtas publicas, em que elle tambem entrava, com os grandes de ſua Corte: & chegandolhe à noticia, que excluiaõ a hum grande homem de Cavallo, que alli avia com nobreza, ainda que ſem titulo, nem igualdade aos demais: ſaindo hum dia à huma ſala, donde ſe achavaõ todos os nomeados para as canas diſſe: He tempo de ordenar cada hum a ſua quadrilha, & advirtaõ, que a fulano mo naõ ocupem porque o tenho eſcolhido para a minha.

Antigamente ſó às peſſoas Reaes era permittido andar a cavallo, & aos que a cavallo ſe achavaõ ſe tinha a veneraçaõ, & reſpeito; como Reaes peſſoas. Depois ſe veyo a ordenar, que entre mil de pè ſe eſcolheſe o mais nobre para Cavalleiro, que ſe

ſe chamava Miles. Durou eſta obſervancia atè que os Perſianos a relaxàraõ mais, permitindo, que os homens de illuſtre ſangue andaſſem a cavallo com condiçaõ, que ſerviriaõ na guerra de Cavalleiros. Na eſcritura lemos ſer a mayor honra, que o Rey dos Perſas Aſſuero podia fazer a hum vaſſallo concederlhe, que montaſſe em hum Cavallo dos ſeus: aſſim foy honrado Mardoquéo, levado pela Cidade em hum cavallo del-Rey: *Qui de ſella Regis erat.* Eſther cap. 6. verſ. 8. Ficou por brazaõ de nobreza entre os Perſas o ſer Cavalleiro. O meſmo era o Cavalleiro, que nobre, & principal. Uſurpàraõ eſte uſo os Romanos dividindo a Republica, & Magiſtrados; Equites, & Plebeos, & as familias nobres ſe chamavaõ Equeſtres. De Perſas, & Romanos ſe derivou eſte coſtume aos Eſpanhoes, & tambem aos Portuguezes: Cavalheiro chamaõ, & dizemos Cavalleiro ao homem nobre, a toda a boa acçaõ, que ſe obra chamamos Cavallaria, & lance de Cavalheiro à generoſidade, à liberalidade, ao primor, ao bom trato, ao valor, à corteſia, à oſtentaçaõ ao luzimento, & às couſas, que mais ſe eſtimaõ no mundo chamamos de Cavalheiro. Vemos que para ſe aver de lançar o habito de Chriſto, de que tanto ſe honraõ os mayores Senhores deſte Reyno, & ainda mayores eſtimaçoens merecera ſe a facilidade, com que hoje ſe alcança as naõ deminuira, ou de qualquer das outras Ordens Militares, ſe ha de moſtrar primeiro, como o que os recebe he Cavalleiro. Tanta eſtimaçaõ tem adquirido no mundo a arte de Cavallaria.

CAPITULO II.

Das ventagens, que a Cavallaria da Brida faz à da Gineta.

HE queſtaõ mui renhida, & perſiada entre os Cavalleiros praticos, & eſpeculativos averiguar, qual ſeja de mais utilidade, & eſtimaçaõ ſe a Cavallaria da Brida, ſe a da Gineta? Porêm naõ taõ claras as ventagens, que aquella leva a eſta, que ſe naõ aver paſſado pela ponte dos Syllogiſmos de Ariſtoteles, mas ſó por eſta do Lima o moſtrarei com cla-

lareza, & evidencia, pois ſó em defenſaõ da Brida tomei a ena.

Todos os apaixonados da Gineta trabalhaõ incançavelmen- e por ſuſtentarem a conſervaçaõ da ſua Cavallaria, affligindo-os randemente o verem que eſta ſe naõ ſegue, & vai daixando, & q̃ Brida ſe uſa, & vai em augmento com universal eſtimaçaõ; & eſta e a mayor prova da excellencia da Brida, que commummente ſe braça tanto, quanto aquella ſe rejeita.

As couſas do mundo com os tempos foraõ apurando ſeus qui- ates para mayor auge de ſua perfeiçaõ: primeiro os homens ve- ſtiraõ pelles de animaes, & habitáraõ covas, & palhoças, que vie- em a trajar gallas, & à viver em palacios. Aſſim tambem nas artes os tempos as achàraõ rudes em ſeus principios, & os tempos as aperfeiçoàraõ; & ſalva a ſuſtancia foraõ elegendo humas fór- mas, & reprovando outras. Na arte da guerra (ſe a cálo naõ he mais que arte) temos o exemplo: as armas antigas nos primei- ros ſeculos, armados foraõ dentes, & unhas; o tempo trocou eſta fórma em paos toſtados: ſuccedeolhe o uſo do ferro: ſegui- raõſelhe as maquinas dos Arietes, & Trabucos; reformàraõ-ſe eſtes inſtrumentos, & outros muitos, & hoje vemos a guerra em ſubſtancia a que foy ſempre, & fórma mui differente. Iſto meſmo paſſou nas outras artes nobres, & meccanicas. Reformouſe na Ca- vallaria a fórma da Gineta, reyna a da Brida: floreceo a Gineta, & murchouſe ha muitos dias: & como a outro intento diſſe Ovid. 5. triſt. 9.

Nos quoque floruimus, ſed flos fuit ille caducus.

Mas porque os defenſores da Gineta naõ nos opugnem com o noſſo fundamento, & daqui nos concluaõ dizendo, que ao me- nos foy mais antiga eſta Cavallaria, & que a mayor antiguidade argue mayor nobreza, lhe advirto, que nego ambas eſtas infe- rencias; porque he evidente que he mais antigo o uſo da Brida. No cap. 1. diſſemos, que os que primeiro montàraõ Cavallos foy ſem ſella, & freyo: eſta era Brida imperfeita, & com a ſella ſe aper- feiçoou a Brida. Depois ſe inventou a Gineta, & uſouſe a Ca- vallaria neſtas duas fórmas: mas a larga experiencia moſtrou,

que

que a Brida erã muito airosa, & necessaria, & a foraõ abraçando todos, excepto poucos, que amaõ a Gineta mais por conveniencia, que por utilidade.

Da razaõ da arte he a utilidade, o uso de cousa inutil naõ se chama arte. Diogenes vendo a hum moço exercitar hum jogo com destreza lhe disse, como refere Laercio livr. 6. quanto melhor o jogaes, tanto peior fazeis. Em cousa sem proveito de que serve a destreza? Outro sabio diz Plutarc. em Laconicis, vendo a hum hospede seu, que se presava de estar sobre hum pê sómente largo espaço; & perguntava se se atrevia a fazello assim; respondeo isso faz qualquer pato, desprezando desta sorte a arte, que naõ tinha utilidade. E se como deixou escrito Apiano de bello Punico: *In bellis sola spectari solet utilitas*: & o mesmo dissera da arte da Cavallaria: & eu mostrar que a Brida he mais util, & prestante, que a Gineta, creyo que consiguirei o fim, a que me encaminho.

Para todas as acçoens da Cavavallaria tem mayor prestimo a Brida, que a Gineta, assim para a guerra, como para a paz. Para a guerra naõ ha duvida que he de mayor fortaleza, & seguança, & he de melhor exercicio das armas. Vejase o Soldadado à Brida com as suas pistòlas nos còldres (que na Gineta se naõ permitem) posto em pê nos estribos, sogeitando melhor o Cavallo com menos temperilho, que o freyo ginete, metido em humas borrenas, como em sua casa propria, taõ forte, & taõ firme, que parece alli pregado. Eu vi em presença de hum exercito nosso nesta Provincia do Minho, cortar huma balla de artelharia a cabeça a hum Soldado, & andar o cadaver hum grande espaço na sella, por mais que o Cavallo assombrado do golpe corria a huma, & outra parte. Isto que succedeo a hum Bridaõ morto, se não acha muitas vezes em hum Genetario vivo, que basta hum pequeno repellaõ, para o lançar fòra da sella.

A postura da Gineta he de assentado, & he de pè a postura da Brida: já se vè quam impropria he para a peleja a Gineta. Redicula cousa fora que dous se desafiassem, para pelejarem assentados: O alento não sofre estas fleumas, nem permite esta postura.

O

O verbo *ſto*, que entre os Latinos he eſtar em pé ; entre os meſmos ſignifica conſtancia , & fortaleza na peleja : Virgilio livro 5. da Æneid.

His magnum Alcidem contra ſtetit —
Stas gravis Entellus , niſuquet immotus eodem.

& logo. Stacio livro 10. da Thebaida.

Nulla ne protepidis , clamabat , Numina Thebis
Statis ?

Pelo contrario o aſſentarſe he ſinal de fraqueza , & de cançaço. Aſſim introduz Virg. a Entello recuſando liv. 5.

Hic gravis Entellum dictis caſtigat Aceſtes
Proximus ut viridiante toro conſederat herbæ.

Aſſim deſcreve a Helena com o temor de Troya deſtruhida liv. 2.

Abdierat ſeſe , atque aris inviſa ſedebat.

Aſſim ſe aſſentou Priamo junto ao Altar cançado dos eſtragos da ſua Troya. — *Et ſacra longevum in ſede locavit.*

Mas deixando iſto , vejamos o Cavalleiro da Gineta apeandoſe na guerra com preſſa, ou matandolhe o Cavallo , ou por outro qualquer accidente , como ha de pelejar hum Cavalleiro , tendo o embaraço nos dous acicates das eſpòras de púa ? Será neceſſario pedir tregoas ao cõtrario em quanto as tira com as maõs, ou com os pès, como elles advertem , ſe ellas quizerem ſair .

Conduz ao que imos diſcorrendo a mayor ſegurança dos adereços de Brida para a guerra , & qualquer outro exercicio , porque o freyo tem focinheira , & correa por baixo da garganta , com que ſe aſſegura , & faltaõ no da Gineta , por onde ſuccedeo que o Cavallo muitas vezes o ſacuda fòra. A ſella gineta com ſe alargar, ou rebentar huma ſó ſilha , com que vai apertada dà com o Cavalleiro em terra , o que naõ acontece na da Brida ; porque ainda que quebre huma, ou duas ſilhas, naõ he poſſivel que logo quebrem as tres, hum peitoral; que pega por quatro partes na ſella , & rabicho , com que vai aſſegurada.

Logo para as feſtas publicas , & exercicios apraziveis vai hum Cavalleiro à Brida taõ airoſo, ſenhor de ſi, & do Cavallo , que leva conhecidas ventagens ao da Gineta , que vai encolhido , & acanha-

nhado, ainda que và levantado da ſella ſobre os joelhos, ou eſtribeiras, como elles querem.

Naõ ha duvida que a poſtura de pè he mais natural ao homem, que a de aſſentado; porque o eſtar aſſentado moſtra fraqueza, & o eſtar em pè inteireza, & perfeiçaõ. A pè ſe notaõ, & apparecem melhor as perfeiçoens do corpo humano: o homem aſſentado naõ he naturalmente perfeito.

Para o real exercicio de tourear, que he o mais galhardo de todos os que a Cavallo ſe obraõ (como em ſeu lugar diremos) naõ ha duvida, que ajudaõ melhor os Cavallos com as pernas, & com o redondear da eſpora, para que redobrem, & andem mais preſtes, & ligeiros. Os que defendem à Gineta naõ achaõ outra razaõ, & conveniencia nella, ſenaõ a de levarem as pernas levãtadas: mas por donde a defendem por ahi meſmo ſe abrem; porque à poſtura de pernas levantadas ſerà de mayor cautela, mas naõ de tanto valor. O tourear naõ he outra couſa mais, que buſcar o perigo; & o melhor, que tem eſte abbo, he o mayor riſco que ha nelle. Com os mais feroſes touros, com os mais arriſcados ſe enobrece, & acredita o Cavalleiro. Levantar as pernas he fugir ao perigo, & deſluzir a acçaõ: tourear à Brida he buſcalo, & offerecerſe todo ao riſco. Ditaõ que entregarſe hum homem ao perigo evidente naõ he valor, ſenaõ deſeſperaçaõ: mas ainda que he mais arriſcada a Brida naõ he o perigo tanto, como ſe cuida; & a experiencia o moſtra; mas he mais arriſcado, que a Gineta dentro dos meyos da virtude da fortaleza, & he mais perfeito o valor, porque he o riſco mais provavel, mas naõ evidente, de ſorte que ſeja vicio.

Nas juſtas reaes, que com a Brida ſe ſe exercitaõ ſe vè que ſo ſe pòde fiar da Brida encontrarem-ſe dous Cavalheiros, ou duas torres armadas.

Se tratamos do manejo, & doutrina dos Cavallos, naõ ſe póde negar, que he mais acomodada a ſella, & freyo da Brida, como enſinà Federico Grizon, & outros, & o confeſſaõ os meſmos Eſcritores da Gineta; porque ſó na Cavallaria da Brida, verdadeiramente ſe concede cabeçaõ, vara, & açoute, ſegundo inge-

nuà-

nuamente concede Francisco Pinto Pacheco no seu tratado da Gi-
eta, instrumentos, sem os quais perfeitamente se não póde exer-
itar o manejo; & para acudir ao cavallo com as ajudas necessarias
las pernas, só tendo-as livres, & estendidas se faz bem. Nem he
ossivel obrar à Gineta algumas Cavallarias, como saõ suspensões
le maõs, cortesias, pòr hum joelho, ou ambos em terra, & outras
nuitas galhardias, em que he necessario chegar com a ponta do
stribo à primeira junta do braço do cavallo, que com o primor da
Brida se conseguem.

Alguns apaixonados da Gineta em seu abono allegaõ, que nas
Cortes, especialmente na nossa de Lisboa se conserva o uso de an-
lar à Gineta; mas eu creyo que naõ ouvera Gineta nas Cortes, se
naõ ouvera todos, & esta conveniencia lhe concedeo: antes bem
considerado a mayor parte da gente da Corte, nem anda à Gineta;
nem à *Brida*, & saõ as sellas huma Gineta adulterada, ou huma Bri-
da com vicio.

Dizem outros defensores da Gineta, que como as cousas
mais difficultosas de alcançar saõ as mais prezadas, a Gineta o de-
ve ser, porque he mais difficil, que a Brida, mas estes facilmen-
te se convencem mostrandolhes por experiencia, que o uso da
Brida he mais difficultoso de alcançar com toda a sua perfei-
çaõ, que o da Gineta. Vimos que quando era taõ exercitada
nas festas a Gineta, como hoje he a Brida se achavaõ nas
Villas, & Cidades deste Reyno (especialmente nas desta
Provincia do Minho) ao menos dous, ou tres homens de Ca-
vallo em cada huma, com todos os requisitos de perfeitos Gi-
netarios, o que naõ vemos na Brida, na qual naõ sey se se achaõ
em todo este Reyno seis com todas as partes necessarias de in fi-
gnes Cavalleiros de Brida: naõ deixando esta comtudo de ser mui
facil para todos se poderem servir della, porque nem para a guer-
ra, nem para as festas, nem, para o serviço, he essencial, que sejaõ
unicos.

Tem mais a Cavallaria de Brida esta excellencia, que he po-
derse exercitar em qualquer cavallo manso, ou bravo, pequeno,
ou grande, largo, ou estreito. Naõ he assim na Gineta, para

a qual ſe requere preciſamente Cavallo de marca, manſo, largo de bojo, & natural de boca, porque ſe for duro, ou eſpapado, nem o freyo ginete o domatà, como convem, nem as cambas de tiros curtos o poderaõ recolher, como he neceſſario.

Logo ver aos Ginetarios andar buſcando poyos, & ajudas para ſubir aos Cavallos, eſpecialmente em Cavallos altos, os curtos de perna, & braço, naõ faz gentil aquella Cavallaria. Naõ ſuccede aſſim na Brida, porque quaeſquer menos deſtros montaõ, & deſmontaõ com muita preſteza em todo o torreno.

Outra encomodidade ſe acha no paſſeyo da Gineta, em que o Cavalleiro, ou ha de faltar à corteſia, & amizade, ou ſair mui deſalinhado. Demos que encontrou amigos a pè, ou na Cidade, ou no campo; & que por primor ſe ouve de deſmontar para ir em ſua companhia, como ha o Ginetario de paſſear com os borzeguins de laço, ou atamarados, ou de qualquer ſorte, que ſejaõ. Com muita differença ſe deſmontarà, & paſſearà o Cavalleiro da Brida ficando muito airoſo, & com botas, & eſporas, ainda a pè parecerá Cavalleiro.

Finalmente perguntàra eu aos defenſores da Gineta, em que fórma de Cavallaria demos nòs, & vencemos tantas batalhas nos annos proximos paſſados? Com que Cavallaria ſe faz hoje tanta, & taõ dura guerra em Europa? Certamẽte com a Brida. Naõ negarei todavia que os da Gineta fariaõ muito bem cẽtinellas, & vigias pela poſtura, em que eſtaõ montados, com tanto que deixaſſem o combate aos Cavalleiros da Brida. Celebre foy a Gineta, mas conheceoſe depois, que naõ era util para muitas acçoens: deixouſe, & abraçouſe a Brida. Bem ſe lhe acomoda aquilo de Cornelio Gallo.

Diverſos diverſa juvant, non omnibus annis.
Omnia conveniunt: res prius apta nocet.

Bem ſei que naõ perſuado aos antigos Genetarios com eſtas razoens, porque o que foy criaçaõ, ſe lhe fez natureza, & aſſim o diſſe Verino.

Altera

Altera natura eſt habitus; quam junior arte,
Perdiſes, tollet nulla ſenecta tibi.

Bom ſerà que exercitem a ſua arte, & conheçaõ as ventagens da alhea. Seja Genetario quem quizer, conforme ao conſelho de Horacio, na ſua arte.

Quamſcit uterque lubens, cenſebo exerceat artem.

CAPITULO III.

Da nobreza, & excellencias do Cavallo.

ENtre os varios animais, que a providencia Divina creou para o ſerviço do homem foy ſem duvida o melhor, & mais neceſſario o Cavallo; ſem o qual parece q̃ o trato do mundo ſe naõ poderia bem conſervar: pois he certo, que dos Cavallos ſe ſervem os homens para as guerras, feſtas, & jornadas, & fora ſem elle impoſſivel a muitos o poderem ir de hum Reyno a outro, de huma a outra Provincia; & em fim todas as viagens largas, que com o bom ſerviço deſte animal taõ ſuavemente ſe fazem; avendo occaſioẽs em que he taõ neceſſario, como hum Cavallo na guerra.

Deſte generoſo animal pudera dizer muito, quanto ao ſeu nome, fidelidade, nobreza, eſtimaçaõ, preſtar, & outras qualidades, ſe naõ eſtudàra na brevidade deſte tratado. O Cavallo ſe chamou aſſim pela inclinaçaõ, que tem de cavar com as maõs a terra, diz Santo Iſidoro nas Etymologias: ao que alludio Virgilio no 3. das Georg.

— Cavatque
Tellurem, & ſolido graviter ſonat ungula cornũ.

Os Latinos lhe chamaõ tambem *Equus*, ſegundo o meſmo Santo Iſidoro, porque *Equus* he couſa igual, & os Cavallos ſe buſcavaõ iguais na cor, no corpo, & nas de mais partes para

para os coches. Outros dizem que se chamou assim, porque naõ sendo o Cavallo igual em fermosura, & a justamento nas obras, perderá o nome de *Equus*; & se chamará *Gaballus*, que dizemos rocim.

Da fidelidade deste nobre animal andaõ cheas as historias. Plinio liv. 8. cap. 42. conta que o Cavallo de Nicomedes Rey de Bithynia, vendo a seu senhor morto na batalha, naõ quis comer mais atè que acabou. Filarco escreve, que o Cavallo de Antiocho, vendo que Centareto lhe matàra a seu senhor, & montára nelle, como despojo, se arrojou de hum despenhadeiro, & matou ao vencedor, & a sy mesmo. Celebrase aquelloutro del-Rey de Scytia, que vendo ao senhor morto em desafio, & que o vencedor o despojava, o envestio, & matou a couces, & dentadas.

Os Poetas attribuem lagrimas aos Cavallos nas mortes de seus senhores: assim fez Homero ao Cavallo de Achiles, de quem acrecenta, que naõ sòmente reconhecia a seu senhor, se naõ a Patroclo seu amigo. A esta imiraçaõ Virgil. no liv. 11.

Post bellator Equus positis insignibus Æthon
It lacrymans, guttisque humectat grandibus ora.

E naõ he isto tanto encarecimento poetico, que Niso de Sefa naõ escreva, que os Cavallos do Emperador Caligula com o sentimento de sua morte mostràraõ muitos sinais de dor, & recusáraõ o penso: & Pineda conta que o Cavallo de Castrioto sentio a morte deste Princepe de sorte, que a pouco espaço morreo. Hieronymo Roman refere, que os Cavallos de Ludovico XII. Rey de França, sendo levados na pompa funeral, hiaõ com demonstraçaõ de sentimento, revolvendo os olhos muitas vezes para a tumba; donde vinha o Real cadaver: sendo de natureza feros, alli se deixavaõ tratar dos meninos, & gente popular; por onde se costumàraõ vestir de luto os Cavallos nas exequias dos senhores, attribuindolhe verdadeiro sentimento, de que se admira S. Joaõ Chrisostomo Homil. 3. ad Popul. Antioch.

Da

Da nobreza deſte generoſo bruto, he argumento a amizade, que tem com o homem, a fidelidade, que lhe guarda, & o conhecimento, que moſtra. Alguns Philoſophos Gentios quizeraõ conceder verdadeiro diſcurſo ao cavallo, & memoria, pelo muito, & mui vivo inſtinto, que conſideravaõ nelle. Ariſtoteles diz, que o cavallo tem memoria perfeita do paſſado. Quando Avicena eſcreve, que ha animais cortezes, & amigos de companhia, do cavallo ſe ha de entender. Em Corinto hum homem nobre empreſtou a S. Joaõ Papa. Primeiro deſte nome hum Cavallo, em que coſtumava andar ſua mulher; & fazendo o Pontifice a jornada, & enviando o Cavallo a ſeu ſenhor, naõ quiz mais conſentir eſte animal, que a mulher montaſſe nelle, atè que o remetéraõ outra vez ao Papa, referindo o que avia ſuccedido, alcançando o cavallo conhecimento de ſervindo ao Pontifice, Romano, naõ era razaõ que hũa mulher o montaſſe. Conta S. Gregorio Papa no livr. dos Dialogos cap. 2.

Vincencio no ſeu Eſpeculo tom. 1. livr. 28. cap. 48. refere, que morto Cario Magno o Capitaõ Rodato, ſe meteo Monge em Melde, & mandou guardar o ſeu cavallo: depois de muito tempo, ſendo aquelle lugar aſſaltado pelos Mouros, ſe pozeraõ em defenſaõ os Monges, & Rodato mandou vir o ſeu cavallo, que eſtava já muito velho, mas conhecendo a ſeu ſenhor ſe alegrou, & esforçou de ſorte que deixou admirados a todos, & entrou na peleja animoſamente.

Maravilhoſas couſas contaõ de alguns cavallos Solino, & outros. Famoſo he o Bucephalo de Alexandre, que naõ conſentia na ſella outro, ſenaõ a ſeu ſenhor; & andando mui ferido eſte cavallo na batalha de Thebas, querendo Alexandre paſſarſſe a outro para o mandar curar, Bucephalo o naõ conſentio, aturando o trabalho atè o fim da peleja. O cavallo de Cayo Ceſar, que tinha os caſcos das mãos formados à maneira de dedos, naõ admitia outro cavalleiro, ſe naõ a Ceſar. Stacio no 9. da Thebaida introduz Hipomodonte, fallando ao cavallo de Tydeo defunto, que naõ queria deixarſe montar de outro.

Hunc aſpernantem tumido nova pondera tergo
(Unam quippe manum domitis expertis ab annis)
Corripit, affaturque. Quid ô nova juſſa recuſas,

Conduz para moſtrar o conhecimento do cavallo, & a ſua nobreza o que diz Plinio no livr. 8. que o cavallo generoſo conhece o parenteſco, & naõ cobre a mãy; & que hum enganado para eſte fim, tirados os antolhos, ſentindo o caſo ſe foy deſpenhar, & ſe matou a ſi meſmo: & outro no campo Reatino matou hum cocheiro, porque tapandolhe os olhos, o fez cobrir a mãy. Confirma iſto meſmo o que Ariſtoteles, & Eliano livr. 6. cap. 47. eſcrevem, que as egoas ſaõ taõ compaſſivas, que vendo algum potroſinho orfaõ o criaõ; & lhe daõ leite. *Pulli ſic alieno lacte à matribus orbi, quemadmodum homines parentibus amiſsis aluntur.* E vendo eſtas, & outras advertencias neſte animal os Philoſophos, naõ ſò diſcurſo lhe atribuem, ſenaõ preſagiar o foturo; como do cavallo de Julio Ceſar, Roman no livr. 8. cap. 15. que dias antes que mataſſem a ſeu ſenhor andou triſte, recuſando o penſo, & que Ceſar o advertio, mas o naõ acautelou, como aos outros aviſos de ſua morte.

Finalmente porei aqui as palavras que no Texto Sagrado no livr. de Job cap. 39. eſtaõ eſcritas, que he o mais que pode delle dizerſe. *Nunquid præbebis equo fortitudinem, aut circundabis collo ejus innitum? Nunquid ſuſcitabis eum quaſi locuſtas? Gloria narium ejus terror. Terram ungulâ fodit, exultat audaciter, in occurſum pergit armatis. Contemnit pavorem, nec cedit gladio. Super ipſum ſonabit pharetra, vibrabit haſta, & clypeus. Fervens, & fremens ſorbet terram, nec reputat tubæ ſonare clangorem. Ubi audierit buccinam, dicit, vah procul odoratur bellum exhortationem ducum, & ullulatum exercitus.* Naõ eſcuſaõ eſtas palavras a gloſa de Lyra. Poemſe aqui, diz o Doutor as maravilhas, que o Author da natureza obrou no cavallo: he admiravel na fortaleza, levando ſobre ſi hum homem armado; he admiravel no coito, porque com as crinas ſe excita a elle, & cortadas ſe lhe deminue a potencia: he admiravel na ligeireza, porque voa por ſalto, como o gafanhoto: he admiravel na ouſa-

dia,

dia, porque ſe gloria com os terrores da guerra, eſcava a terra, deſejando a peleja, & vay contra os homens armados animoſamente; ſoaõ ſobre elle aljavas, lanças, adargas, & avendoſe de deſanimar ſe embravece, fervendo em colera, & rugindo como Leaõ ſobre a terra, & a desfaz na carreira, a trombeta o esforça, que ateſta moriſa aos outros brutos, ouvindo inſtrumentos de guerra dá ſinaes de alegria, de longe conhece a guerra pela preparaçaõ, & vozes dos inimigos, & as exhortaçoẽs dos Capitaẽs.

A viſta deſta verdade bem ſe pode crer (mas naõ he neceſſario referirſe) o que tantos contaõ da nobreza de Cylaro cavallo, que foy de Caſtor; de Rebo, que foy de Nerencio; de Arion, que foy de Neptuno; do Tride de Admento; do Æſthon de Hector; do Xanto de Aquilles; do Torror de Marte; do Dicto de Plutam, & de outros muitos que contaõ Gregos, & Latinos.

Quanto à eſtimaçaõ que dos cavallos ſe faz, melhor teſtemunha ſerà a antiguidade, que o ſeculo preſente: porque agora ſe compra com dinheiro, & entaõ ſe trocava hum cavallo por hum eſtado. Cyto Rey de Perſas indo a conquiſtar Babilonia, & paſſando o rio Ginde, ou Ganges, como outros dizem, com a profunda corrente do rio ſe lhe afogou hum cavallo: jurou Cyro de fazerlhe guerra por eſta cauſa, & juntando copioſo exercito, dividio o rio em muitos, gaſtando neſta emprenſa muitos mezes, & fazendo hum diſpendio grande. Contaõ Schedelno Chronicon Chronicarum, & lembraſe diſto Seneca livr. 3. de ira cap. 22.

Huma peſſoa principal em Italia (ſe naõ era Princepe) enfermandolhe hum cavallo, que eſtimava muito, lhe mandou fazer huma cama com paramentos de ſeda, couſa ſumptuoſa, & eſtando o ſenhor impedido da gota, & naõ ſe movendo ſem graves dores, ſe fazia levar aos hombros dos criados adonde eſtava o cavallo enfermo, acompanhado dos ſeus medicos, & pelo modo que podia com as maõs, com as palavras, com acenos o conſolava gaſtãdo hum theſouro na ſua cura. O Petrarca o eſcreve de ultraque fortuna dialgo 30. & diz que eſte Princepe era vivo no ſeu-

tempo, homem de grande conſelho, & lhe perdoa o nome; porqu ponderа a acçaõ como Philoſopho. Mais he o que diz Sueton Tranquillo de Caligula cap. 55. Que em razaõ de hum cavallo que eſtimava muito, mandava callar a veſinhança, porque o na enquietaſſem; fez lhe huma caſa de marmor com manjadoura d marfim, mantas de purpura, collar de perollas, deulhe criados com varios officios, para que o ſarviſſem, como ſenhor; & intentav dar lhe conſulado, que cuidaſſe delle, como de huma republica.

Muitos Principes deraõ aos ſeus cavallos ſepulturas honorifi ca: , levantandolhes eſtatuas, & Mauſoleos. El-Rey Dom Fernando de Napoles, porque hum cavallo ſeu o livrou de entre os inimigos (eſcreve Pontano) lhe fez hum honoroſo ſepulchro Paulo Jovio conta o meſmo de Sultam Zelim, porque o ſeu cavallo o livrou das maõs de Bajaceto, & o poz a ſalvamento em Bornà. Alexandre honrou na morte ao ſeu Bucephalo, pondo a hũa Cidade, que edificou o ſeu nome, como diz Pomp. Mela livr. 2. cap. 47. O Emperador Adriano levantou columna com incriſpçaõ de ouro a hum cavallo ſeu de Montaria, ſegundo Dion. O meſmo fizeraõ a Cid. Ruy Dias ao ſeu Babieca; o Marquez de Peſcara ao ſeu Mantuano. Finalmente no preſtar do cavallo me remeto ao que diſſe Jorge Scoto.

Cætera rerum opifex animalia finxit ad uſus
Quæque ſuos, equus ad cunctos ſe accommodat uſus
Plauſtra trahit, fert clytellas, fert eſſeda, terram
Vomere proſcindit, dominum fert, ſive natatu
Flumina, ſeu foſſam ſaltu, ſeu vincere curſu
Eſt ſalebris opus, aut canibus circumdare ſaltus.
Aut moles glomerare gradus aut flectere gyros
Libera ſeu vacuis ludit laſcivia campis.
Quòd ſi bella vocent, tremulos vigor acer in artus
It domino, & ſocias vomitore, & naribus iras.
Vulneribus offert generoſum pectus, & una
Gaudia, mœrorem ſumit, ponitque viciſſim
Cum domino. Sortem ſic officioſus in omnem,
Ut veteres nobis, tam certo fœdere junctum

Cre-

Crediderint mixta coalescere posse figura,
Inque Peletronijs centauros edire sylvis.

CAPITULO IV.

Climas, & patrias dos melhores cavallos, quais devem ser, & as egoas para a criaçaõ, & a ordem, que se hade ter com ella.

NAõ se pòde duvidar, em que os varios climas produzaõ differentes naturezas, & obrem confórme as regioens diversos effeitos; como vemos criarse nas partes do Norte o que se naõ cria nas do Sul, & ainda sem serem differentes regioens experimentamos o mesmo; porque de huma Provincia a outra, de huma a outra Cidade vemos diversas operaçoens, criando huma differentes frutos de outra, naõ produzindo esta o que aquella produz. Da mesma sorte nos tem mostrado a experiencia: que os cavallos tem mais perfeiçoens, & melhores naturezas de humas regioens, que de outras, em que os Escritores antigos seguiraõ diversas opinioens; porque Horat. livr. 1. louva muito os cavallos naturaes de Aargos. Marcial os de Asturias, parte de Espanha. Os de Agrigento Cidade de Cecilia celebra Virgil. Os de Elide Cidade de Grecia louva Propercio. Os de Argeo monte de Capadocia engrandece Claudiano, com os de Napoles, Scytia, de Irlanda, a que chamaõ Hubinos; de Tunes, Corcega, Cerdenha, Alemanha, & França. Plinio louva para o trabalho os de Galiza.

Porêm temos alcançado que sobre todos, saõ os mais perfeitos cavallos o de Espanha, em que se comprehende tambem o nosso Portugal. Dizia Emmanuel Filiberto Duque de Saboya, & Principe de Piamonte, q̃ Espanha tinha tres excellencia grandes: produzir ouro, homens fortes, & cavallos fermosos. Absyrto diz que os cavallos Espanhoes saõ grandes do corpo, fermosa postura, bem acondicinados, fortes no trabalho, ligeiros na carreira, sem

ſem neceſſidade de eſporas, & muito leais. Boemio diz que Eſpanha foy ſempre nomeada pella belleza, & velocidade de ſeus cavallos. Solino, & Pomponio Mela tambem louvaõ grandemente os cavallos Eſpanhoes, Eſtrabo affirma ſerem de tanto valor, & eſtima, como os dos Parthos, de quem ſe dizem tantas excellencias. Tambem os louva Suetonio Tranquillo: affirmando ſerem os melhores do mundo. O Padre Frey Affonſo Venero no ſeu Enchiridion naõ ceſſa de exagerar as excellencias dos cavallos Eſpanhoes, como podem ver largamente os curioſos.

Supoſto tudo iſto avemos de entender, que de toda a Eſpanha, o principal paiz, onde ſe produzem os mais prefeitos cavallos he Cordova, Reyno de Andaluzia, onde ſe acharõ hoje os mais galhardos; & ſendo das melhores raças, naõ ha mais perfeitos animais, porque nelles ſe acha logo a docilidade para a apprehenſaõ da doutrina, a lealdade para o ſerviço, & a fermoſura para o ornato: & com razõ ſe deve louvar a boa ordem, com que alli ſe manda miniſtrar taõ cuidadoſamente, como vemos, & com preceitos inviolaveis á conſervaçaõ, & augmento deſta criaçaõ dos cavallos; pois ſendo taõ neceſſarios para as conquiſtas, & defenſas dos Reynos, he razaõ ſe faça toda a diligencia para os adquirir, & conſervar.

E ſupoſto que nem em todas as terras, como temos dito ſe produzaõ taõ perfeitos, vemos comtudo, que ſendo as egoas fermoſas, & de boas raças, & os cavallos caſtiços, ſe tem criado neſte Reyno alguns muito galhardos, como vimos muito bem em hũas egoas, que o Conde de Villa-Nova conſervou nas ſuas terras, a que lançava os melhores cavallos, & alguns naturaes do meſmo Reyno de Andaluzia.

E he certo, que avendo curioſidade, & miniſtros zeloſos, & naõ ambiciſos; em todas as Comarcas deſte Reyno, ſe iráõ multiplicando algumas raças, & ſe criaràõ cavallos fermoſos; porque de todos os animais naõ ha outro que mais aſemelhe a natureza, & inclinaçaõ dos ſeus progenitores, que o cavallo.

Alèm de que neſte Reyno ha ſitios, de que tem ſahido muy bons cavallos, como he, a ſerra de Minde, o campo de Coimbra,

bra, & outros: como o prova aquelle cavallo de Ceſar taõ celebrado da fama, que naceo neſte Reyno de Portugal. Aſſim affirmaõ os Eſcritores, & o douto Manoel de Faria, & Souſa no ſeu Epitome das Hiſtorias Portuguezas cap. 10. parag. 13. E he indubitavel que ſendo as egoas de boas raças, & os cavallos caſtiços naõ deixaõ de produzir bons potros, precedendo todo o cuidado, & advertencia no modo de ſe lançarem, que deve ſer nos mezes de Março, & Abril; aſſim para que pairaõ no principio do veraõ, & tenhaõ melhor paſto, como porque os potros temporãos, ſaõ ſempre os melhores.

Naõ deve o cavallo em hum dia cubrir mais, que hũa egoa, porque aſſim aſſeguraõ melhor; nem a egoa deve tornar ao cavallo, ſe naõ aos nove dias depois, ou aos dezaſete, porque ſaõ os termos eſtes: ſegundo os melhores criadores, em que o ha de conſentir, naõ eſtando prenhe, porque ſe o eſtiver o naõ conſentirà de nenhuma ſorte.

No anno que a egoa parir potro, naõ deve tornar a lançarſe, para que o poſſa criar bem; nem ſe deve recolher andando prenhe, ſalvo em tempo de grandes neves; & quando muito de noite: porque na liberdade ſe fortificaõ melhor os membros da criança; alèm de que baſtaõ muitas vezes as ſaudades, & deſejos do paſto, & liberdade para abortarem. E naõ deve ſer aſſim depois que parir, ſe acaſo for na força do inverno: porque a tenra idade do potro, & a tenuidade dos membros, em quanto he pequenino, naõ pòde reſiſtir tanto às grandes neves, & frios.

Os cavallos para pays devem ſer os melhores, & de melhores raças, bem proporcionados de membros, bem inclinados, muito ſaõs, de boa cor, & bem aſſignalados, muito livres de manqueiras, & achaques; porque de ſe fazer o contrario, vemos nacerem os potros jà com alifafes, já com eſperavoẽs, jà lunaticos, & ſogeitos a nevoas nos olhos, & com outros muitos achaques hereditarios, que ſegundo Galeno, 6. Aphor. com. 28. Paſchalio cap. 61. Perdulcio cap. 21. & outros muitos, ſe adquirem dos pays, por vicio da geraçaõ.

Tambem naõ deve ſer velho, porque a fraqueza da potencia expul-

expulsiva, & vasos spermaticos, fazem que os potros sayaõ imperfeitos; & logo estes o mostraõ, sendo froixos, desairosos, as orelhas mui grossas, concavidade sobre os olhos, & outros desares; como bem advirtio aquelle douto escritor Lourenço Rucio no seu livro de Alveitaria cap 8. cujas formais palavras saõ as seguintes: *Quia pater robustus, & fortis membris, & virtutibus, rebustiores generat natos; ideo ea ætate debet equus eligi ad generandum, quando membra completa, & virtutes perfectæ in eo reperiuntur. Nam fœtus ex juvenculo equo natus, quia nec membra benè solidata, nec virtutes perfectæ sunt in ipso, erit naturaliter debilis: & si ante admittitur, quàm sit naturaliter perfectus ad generandum, filius imperfectus, & debilior ex eo nascetur: Quia ex minus perfectum procedit; & ex magis perfecto, magis perfectum.*

Pelo que o cavallo para pay deve ser de cinco atè doze annos, & atè quatorze o mais; sendo bem pensado, & naõ mostrando debilidade nas forças, & alento.

As egoas se podem lançar logo, que tiverem tres annos, & dahi até os quatorze; ainda que querem alguns criadores que sò atè dez façaõ boa criaçaõ, & sejaõ bem fartos de leite os potros. Serà sempre bom que estas sejaõ de marca grande, grossas, especialmente largas do bojo, & com as costellas, naõ muy revoltas, senaõ estendidas, porque alli se cria o potro no ventre mais membrudo, & perfeito. E que andando prenhes senaõ consinta andarem nellas, ao menos nos primeiros tres mezes, & nos dous ultimos, & menos sendo mulher, que ande cõm o menstruo, porque quer Aristoteles que as faça mover sobindo nellas.

CAPITULO V.

Quais sejaõ as partes, & feiçoens, naturais, que fazem ao cavallo fermoso.

HE necessario que se haja entẽdido, que debaixo deste nome cõmum de cavallo se comprehendem todos aquelles, que variamente se nomeaõ, cavallo de campo, faca, rocim, quartaõ, & outros. Porèm o cavallo, de que em

termos

termos fallamos, he aquelle , em que verdadeiramente concorrão as perfeiçoẽs , que direi , ou a mayor parte dellas ; porque raras vezes ſe poderão achar todas juntas em hum ſogeito : porèm aquelle que das que aqui apontar tiver mais, eſſe ſe entenderá, que tem mayores ventagens ; & naõ fallarei nas cores , & ſinais , que tem ſeus capitulos particulares.

Primeiramente deve o cavallo ſer bem proporcionado de membros, com igual correſpondencia de huns a outros.

Deve ter as orelhas juntas huma da outra , direitas para cima, & naõ derramadas, grandes , delgadas , com o pello curto , que moſtre as veas.

O topete comprido , & de ſedas finas.

A teſta larga , & ſem covas fundas ſobre as ſobrancelhas.

As queixadas eſtreitas no que vai da teſta ao peſcoço ; porém bem apartadas , & largas huma da outra por baixo , para que a garganta entre ellas , & lhe naõ impida o recolher da cabeça para o enfrear bem.

Os olhos grandes, claros, alegres , & bem ſahidos fóra, & a diſtancia que vai delles atè as ventas mui eſcarnada, eſtreita, & com mui pouco pello.

As ventas largas , & còradas por dentro. O beiço de cima agudo , & mais comprido, que o debaixo. Os dentes brancos iguais com os debaixo. & naõ belfos. Os beiços aſſim de cima , como debaixo delgados , & naõ carnudos. A boca eſtreita , porèm raſgada. Os pidares acima dos dentes recolhidos. A barbada deſcarnada.

O peſcoço eſtreito junto às queixadas , comprido , & que o ſeja mais dos peitos atè as queixadas, & mais curto das orelhas para a ſernelha. Crinas compridas , finas , & naõ mui baſtas. A taboa naõ redonda , mas larga , teza , & ſem gato.

A cruz , ou ſernelha groſſa , & mais alta , que a anca.

As eſpaldas naõ mui carnudas.

Os peitos largos, ſahidos para diante , & naõ encovados.

As maõs groſſas , mas deſcarnadas.

Os joelhos plainos.

O ner-

O nervo que vai por detraz da canella, groſſo, & enxuto.

A junta debaixo enxuta, & ſem ſedas nos travadouros.

O travadouro, ou quarte lla curta.

A coroa do caſco negra, & que naõ ſeja mais larga, que o caſco.

Os candados largos, & altos.

A tapa, & cinta do caſco negra, ou parda, liza, & igual, & ſem atrugas, & na forqueta do calcanhar, larga, & apartada.

Todo o caſco redondo, & mais largo muito em baixo, que em cima na coroa.

As ramilhas enxutas, & a palma recolhida, para que façaõ o caſco concavo, & vazio por dentro.

E que as maõs ſejaõ direitas, & naõ eſquerdas.

E que eſtando ſobre as maõs aja mais diſtancia de hum a outro terço, do que de hum a outro caſco.

Os lombos fortes, & naõ muito pandos.

As coſtellas que naçaõ largas logo em cima, & que naõ ſejaõ redondas, & apanhadas.

O bojo largo, mas naõ mui decido.

Os rins plainos.

As ancas iguais, & partidas com canal pelo meyo.

O ſabugo do cabo curto, & groſſo, bem recolhido no nacimento, & bem provido de ſedas finas, & luzidas.

Por baixo do cabo que naõ ſeja concavo, ſe naõ ſahido.

Os teſticulos pequenos.

A verga curta, & com algum final branco.

O embigo que naõ ſeja branco.

As coixas largas, & groſſas por dentro, & por fóra.

As ſodras ſahidas, & avultadas.

As curvas enxutas.

Os nòs das juntas deſcarnados.

As pernas groſſas de oſſos, & nervos, porèm enxutas de carne.

As juntas debaixo, quartelas, & caſcos, como diſſemos das maõs.

Largo, & apartado de huma, & outra perna.

E ſobre tudo ſerà neceſſario, para dar alma a eſtas perfeiçoens, que tenha coraçaõ, & alegria com alguma paixaõ moderada, para

que

que lhe naõ falte a viveza, & alento neceſſario.

Das cores, & ſinais, que fazem mais galharda a gentileza, & ornato do cavallo, naõ faço aqui menção, como diſſe, porque vaõ em ſeus capitulos particulares declaradas.

CAPITULO VI.

De todas as cores dos Cavallos, & do que denotaõ humas, & outras.

SObre as varias cores dos cavallos, tem feito largos diſcurſos os Eſcritores, inclinãdoſe huns mais a eſtas, & outros aquellas. Porque aſſim como ſaõ differentes os goſtos, aſſim as opinioẽs ſaõ diverſas.

Com que ſerà neceſſario declarar por extenſo quantas ſejaõ as cores, ſem fazer menção dos rodopios, & dos ſinais brancos bem, & mal poſtos; nem de outros mais, por pertencerem a outros capitulos; tratando ſó neſte das cores ſimplices, & meſcladas, & dar methodicamente a razaõ porque hũas ſaõ melhores, & produzem melhores effeitos que outras.

Todas as cores do cavallo ſe reduzem a quatro, ſemelhantes aos quatro humores, de que o animal he compoſto; que ſaõ: Sangue, Colera, Fleuma, & Melancolia, ſendo o ſangue vermelho, a colera amarela, a fleuma branca, a melancolia negra: ſeguindo os quatro elementos que ſaõ, Ar comparado ao Sangue, Fogo à Colera, Agoa à Fleuma, Terra à Melancolia. E da qui ſe ſegue que da cor do Cavallo ſe inferirá qual deſtes humores domina mais nelle. Porque ſendo ſemelhante mais ao vermelho, diremos que o ſangue, ſe ao amarelo, que a colera, ſe ao branco, que a fleuma, ſe ao negro, que a melancolia. E naõ ſó nos cavallos, mas nos meſmos racionais vemos produzirem os humores os effeitos do ſeu temperamento, he o homem ſanguinho, rozado, leve; & alegre, & pelo contrario o melancolico, eſcuro, pezado, & triſte, & aſſim os mais. Sendo certo que a natureza do temperamento move a inclinaçaõ, como o diſſe Plataõ, & outros Philoſophos: & com mais efficacia no irracional; do que no homem, que com as operaçoẽs do diſcurſo, & da razaõ a tempèra, & molifica.

Em

Em consequencia deste principio, regra, & sciencia certa; direi quantas sejaõ as cores dos Cavallos, & as que denotaõ bom, ou mào temperamento, conformandome tambem com a experiencia.

As cores, em que mais dominaõ, dos humores o sangue, & dos elementos o Ar, saõ: castanho claro, castanho maduro, castanho nebruno, castanho pecenho, castanho dourado, castanho boyuno: & de todas estas cores saõ bons os Cavallos; & de bom temperamento, tendo os extremos pretos, & sendo sobre ellas bem assinalados, como em outro capitulo diremos. Tirando o castanho boyuno, que he huma cor deslavada como de boy, mayormente tendo os extremos da mesma cor, que estes tais naõ ha peyores bestas, como nos tem mostrado a experiencia.

As cores, em que dominaõ mais, dos humores a fleuma, & dos elementos a Agoa he o branco, & a estes pertence o persolana, o ruço argentado, ruço queimado, ruço rodado, ruço cardenho, ruço tordilho, ruço sabino, ruço ruaõ, ruço palpado, ruço melado, ruço abetardado, ruço pecenho, & rozilho cabeça de mouro.

Os melhores cavallos destas cores, saõ aquelles, que ao branco misturaõ aquelles pellos, em q̃ domine mais a colera, & sangue, para que os anime. E he de bom temperamento o ruço sabino por ser composto de tres cores, castanho, branco, & preto; estes costumaõ ser fortes manços, & de bom medrilho. O ruço rodado, & ruço escuro, tendo o pello negro, luzidio, & os extremos; porque domina nelles muita colera, & requeimandose se converte na melancolia adusta, com que saõ muito apaixonados, fortes, & aturadores. Os brancos saõ brandos, froxos, & de pouco alento, como tambem os ruços claros, & persolanas, & ordinariamente maõs cascos.

As cores, em que mais dominaõ dos humores a colera, & dos elementos o Fogo saõ: Alazaõ claro, alazaõ escuro, alazaõ tostado, ruaõ claro, & escuro, melado escuro, & claro, ruaõ picado, a que os Castelhanos chamaõ açucar canella. Destes os melhores cavallos saõ, o alazaõ tostado, & escuro, & o ruaõ escuro, sendo

do aſſinalados com muitos brancos; porque com a fleuma tempe-raõ a colera: Eſtes coſtumaõ ſer muito fogoſos, vivos, ligeiros, & eſquentados de boca; as outras cores deſmayadas naõ provaõ bem, & ordinariamente ſaõ faltos de caſcos.

As cores em que dominaõ dos humores a melancolia, & dos elementos a terra, ſaõ o murſelo, o melroado, & andrino, o caſta-nho eſcuro, o pardo, o pelle de rato. Deſtas os melhores cavallos ſaõ os caſtanhos eſcuros, andrinos, & murſelos, ſendo o pello bem vivo, luzidio, & o do murſelo bem azivichado, porque denota re-queimaçaõ de colera convertida na melancolia aduſta; de que ſe conſegue terem muita payxaõ para o que he bom, que tenhaõ mui-tos brancos.

As outras cores de parda amelroado, & pelle de rato ſaõ as pe-yores que ha. E aſſim coſtumaõ os taes cavallos ſerem de poucos eſpiritos, froxos, triſtes, & achacoſos.

Das cores de fouveiro, & remendado ſe naõ póde dar razaõ, porque de qualquer cor os pòde aver miſturada ao branco. E aſſim ſe entenderá confórme a ella a que humor, & inclinaçaõ mais ſe ſogeita.

E ſobre tudo ſe pòde ter por regra geral, que toda a cor bem viva, o pello fino, luſtroſo, & curto; que ſe vejaõ as veas levanta-das ſobre pelle delgada, ſaõ ſinaes infaliveis de cavallo fino, & que já mais faltou aos ſinaes.

CAPITULO VII.

Dos ſinaes brancos dos cavallos, & dos que denotaõ bem, ou mal.

MUitos tiveraõ para ſy, (& com alguma razaõ) que os ſinaes brancos dos cavallos, eraõ neceſſarios nelles para a galhardia, & ornato, que para prognoſticos, & indi-cios da inclinaçaõ; porque como eſtâ dito, tudo o que elles tem de branco, he fleumatico, & màо, & ſómen-te he neceſſario mais em algumas cores de fortes temperamentos, para as contemperar.

Porèm para a fermoſura, & perfeiçaõ do cavallo (como digo) ſaõ muito neceſſarios. E porque tambem he ſerto, como a expe-riencia moſtra, que os zainos, por falta de ſinaes, ſaõ ordinariamẽte de

de pouco valor, & eſtima; com o que começando pela cabeça atè os pès direy o conceito, que conforme os Authores, & experiencia de huns, & outros ſe tem.

Primeiramente a eſtrella branca na teſta, a que os Francezes chamaõ, pelota, eſtando alta, he bom ſinal. A ſylva branca, começando acima dos olhos, & acabando antes das ventas, he bom final, A frente aberta, que he huma ſylva larga, como naõ chegue das bandas aos olhos, nem cubra as ventas, he bom ſinal.

A verga com ſinal, ou malha branca, he bom ſinal.

O pè eſquerdo, he bom ſinal, & melhor os pès ambos, & ſendo os brancos de hum, & outro iguaes muito melhor, & eſtes ſendo marchetados com arminhos, ainda com mais ventagem.

As moſcas brancas por todo o corpo do cavallo, como naõ ſejaõ mais pequenas que moſcas; porque eſtas taes coſtumaõ avelas em potros, quando a pelle he tenra procedidas de picadas dellas, & he indicio de pelle molle, porèm as que ſaõ naturaes ſaõ boas.

Eſtes atè qui ſaõ ſó verdadeiramente os bons brancos.

Os que ſe lhe poem, & ſaõ mal opinados, ſaõ a eſtrella poſta à baixo dos olhos, ou a huma banda, que he mao ſinal.

A ſylva, que principia dos olhos para baixo, he mao final, & os cavallos que aſſim a tem coſtumaõ ſer encapotados, raſteiros, & deſairoſos no obrar; & ſe eſta ſylva pàra, & entropolla com a cor do cavallo, & ao depois torna a continuar, peyor (que aos taes chamaõ ſobreſaltados) & ſaõ reputados por traydores, com que algũas peſſoas tem delles peyor opiniaõ que dos argeis.

A ſylva, que nacendo direita, for voltando a acabar ſobre algũa das queixadas, he mao final, & peyor ſendo ſobre a eſquerda.

O que chamaõ façalvo, ou touca branca que cobre com o brãco a mayor parte do roſtro, he mao ſinal, & peyor ſe continuando por cima das ventas, entrar na boca, a que chamaõ (beber em branco) & ainda ſerá muito peyor, ſe comprehendendo algũ dos olhos ou ambos, tomarem a cor do branco, ficando zarcos.

Qualquer outro ſinal, ou malha nas queixas, he mao ſinal.

O branco por baixo da barriga, tambem he mao.

Huma mão branca he mao ſinal, & peyor ſendo a eſquerda.

As

As maõs ambas brancas, he mao final, & quanto mayor branco peyor, & muyto mais, naõ avendo branco nos pès.

O pè direito branco, he reprovado, a que chamaõ Argel.

O que tem o pè direyto, & a maõ da meſma parte, chamaõ Travado. Como tambem o que tem a outra maõ, & pê da meſma ſorte.

O que tem o pè direito, & a maõ eſquerda ſe diz Argel Traſtravado.

O que tem o pè direito com as maõs ambas, chamaõ Tranſtravado.

A mà opiniaõ, que ſe tem deſtes Argeis, ſem ſe dar outra razaõ mais que dizerſe, que aſſim o ouviraõ ſempre dizer; & que ſaõ mal afortunados como ſe afortuna eſtivera no pè, ou maõ branco. Eu a tenho, & tive ſempre por abuſo, da meſma maneira por frivolas, & fantaſticas todas as razoẽs, que para iſſo daõ varios Authores, porque todas ſaõ aparentes, & naõ verificadas. Mayormente a mà opiniaõ que ſe tem do pè direito ſómente branco, de que todos fazem peyor conceito, julgando-o pelo mais fino Argel, he o a que acho menos razaõ, porque tenho conhecido muito excelentes cavallos, & muito bem afortunados com eſte final; & pelo contrario, vi entrar ballas por entre muitos Argeis, & virem acertar nos bem oſſinalados. Mas nem comtudo iſto aconſelharey aos que tiverem azar nelles, que os uſem, porque baſtarâ a mà fè, & deſconfiança para que no animo vaõ jà perdidos.

CAPITULO VIII.

Dos redopios bons, & maos, & dos que chamaõ Gayas.

NO tocante aos redopios he neceſſario entenderſe, que huns ſaõ naturaes, & outros extraordinarios. Os naturaes, he bom prognoſtico, que naõ falte algum no ſeu proprio lugar, & pelo contrario faltando com elle a natureza he prognoſtico adverſo. Saõ os naturaes, hum em meyo da teſta, outro na gargãta, dous nos peitos, nas verilhas dous no embigo hum. Dos extraordinarios querem os Francezes, q̃ ſejaõ bons, & de cavallo de condição ſoberana dous, ou tres na teſta.

Saõ muito excellentes os rodopios junto às crinas na taboa, & quanto mais junto à cabeça, melhor, & sendo comprido, a que chamaõ (espada Romana) ainda com mayor ventagem ; & se da outra parte da taboa ouver outro semelhante no mesmo lugar, he sobre todos melhor.

Todos os rodopios da espora para trás saõ bons; & muito melhores se forem junto ao nacimento da colla de ambas as bandas, porque os cavallos, que os tem, costumaõ ser mui velozes corredores. E por isso chamaõ os Mouros aos taes rodopios, figas para os que vem a trás.

Tambem os dous naturaes das verilhas he bom final, que se subaõ bem alto junto aos rins.

Os rodopios, que denotaõ má inclinaçaõ, saõ aquelles, q̃ estaõ nas espaldas, ou junto dellas, & pelos peitos fóra dos naturaes. E em fim todos os que estiverem vezinhos â regiaõ do coraçaõ, porque a estes chamaõ Giyas, que se achaõ mui ordinariamente nos cavallos traydores, & de perversa inclinaçaõ.

CAPITULO IX.

Como se ha de fazer escolha nos potros, que andaõ nas manadas ; & das cautelas, com que se devem comprar os que estaõ jâ recolhidos, & pensados.

ASsim como ha algũs homens inimigos de criar potros, & que seguem aquelle proverbio, de que quem cria hũ potro, naõ cria outro ; assim ha outros taõ inclinados a esta criaçaõ, que apenas lançaõ de casa huns jâ feitos, quando logo trazem outros. E para que aja muitos, & bons cavallos, he de louvar a curiosidade desta criaçaõ, mayormente nas pessoas que vivem fóra no campo, & quintas largas, aonde lhe he mais facil, & conveniente, porque sem trabalho os vaõ criando alli suavemente no pasto, naõ deixando por isso de ter os cavallos, que costumaõ para seu serviço ; porque se assim naõ fosse, estariaõ todos os dias com os olhos nas crecenças do potrinho, esperando jà quando lhe avia de servir, que seria hũa esperança larga.

A pri-

A primeira, & mais principal couſa, que aconſelharei aos que quizerem fazer boa criaçaõ he, que mandem ſempre vir os potros do Reyno de Andaluzia, de que já fallamos; que pela experiencia, que temos, ſempre he mais ſegura a criaçaõ, que nelles ſe faz; porque ainda os que naõ ſaõ finos, ſempre ſaem, ao menos com ſerviços baſtantes; & raras vezes ſe tem viſto, que ſayaõ froxos, cioſos, ou moleiros, que ſaõ irremediaveis diffeitos, & de que ſe ſeguem outros peiores.

Porèm, quando não ſeja poſſivel, que venhaõ daquelle Reyno, ao menos que ſaiba, & ſe informem da raça dos pays, & avòs; & ſe do pay, & máy tem ſahido outros bons cavallos. E quando naõ poſſaõ proceder eſtas informaçõẽs, & os forem eſcolher nas manadas, ſerá neceſſario que tenhão obſervação a eſtas advertencias ſeguintes.

Que entre toda a manada ſerá melhor aquelle, que levantar a cabeça mais por cima dos outros.

O que dandolhe hum tiro, ou fazendo algum eſtrondo, primeiro ſair do bando, mais furioſo, & ligeiro.

O que paſſando algum ribeiro, valado, ou parede ſe arrojar primeiro a paſſar diante.

O q̃ tiver as orelhas mais juntas, grandes, direitas, & delgadas.

Os olhos mais vivos grandes, & ſahidos fóra.

A cabeça mais piquena, ſeca; & eſcarnada.

O neſcoço comprido, porque entendem pouco os que buſcaõ curtos, & groſſos.

As coſtellas largas, & bojudas.

Os oſſos dos quadriz diſtantes hum do outro.

O ſabugo do cabo curto.

As coixas com algumas ſodras ſahidas, que he ſinal infalivel, de que venha a largar muito:

As pernas bem a partadas hũa da outra, como tambem as maõs, & que naõ ſejaõ eſquerdas.

Os caſcos redondos, negros, ou pardos.

E iſto baſta que ſe ache em hum potro bruto, ainda que pareça feyo, porque tudo depois vem a compor com as carnes, ſendo pen-

penſado, & com luzimento do pello eſtando recolhido. No que toca ás cores, brancos bem poſtos, redopios, & outros ſinais, que naõ ſaõ os menos principais, que ſe haõ de advertir no potro, ſe podem ver nos capitulos, em que largamente faço menção de todos, pelos naõ repetir duas vezes. E tudo o mais que neſte ponto ſe acrecenta ſaõ proluxidades eſcuſadas, em quanto aos potros bravos.

Nos que eſtaõ já recolhidos, & penſados, ſaõ mais enganoſas as compras, & eſcolhidas, que nelles ſe fazem, porque eſtando já limpos, gordos, cubertos, & com o pello aſſentado, enganaõ ordinariamente à primeira viſta, de tal ſorte, que os mais advertidos tem errado em ſemelhantes compras. Alèm de que alguns criadores os empaõ, & daõ a comer mantimentos mui perjudiciaes à conſervaçaõ da ſaùde, que ſupoſto a tenhaõ de preſente, depois com qualquer trabalho, lhe ſobrevem grandes achaques daquelles mantimentos groſſos, & demaſiados, que o calor, por ſuperfluos, naõ pòde vencer; & ficando ſem perfeito cozimento, ſe convertem em humores craſſos, & petuitoſos, de que ſe conſeguem grandes enfermidades, & manqueiras, como ordinariamente vemos.

Coſtumaõ tambem eſtes criadores fazer eſtrellas brancas nas teſtas dos potros, & moſcas pelo corpo, para que pareçaõ bem aſſinalados, querendo com a arte enganar a natureza.

E tambem para encobrir os deffeitos dos mal aſſinalados, como argeis ſobreſaltados, & outros, tingirlhe os brancos mal poſtos, com que a natureza os aſſinalou.

Tambem coſtumaõ limar os dentes, & concertalos com alguns ingredientes, para que pareçaõ da idade que elles quizerem. Que todas eſtas couſas ſaõ mui faceis de fazer, como ao diante ſe verà no tratado da Alveitaria, para que as ſaibamos conhecer. Pelo que he neceſſario ter advertencia a tudo iſto, para naõ ſerem enganados, enformandoſe dos penſos, com que o potro foy tratado, & donde o creador o trouxe, que ſinais, & idade tinha. E ſou de parecer que he o melhor naõ comprar eſtes potros recolhido.

CAPITULO X.

De que idade se devem recolher os potros à estrebaria; & como se devem fazer trataveis, & sogeitar às prisoens.

PArece cousa digna de reparo, & admiraçaõ, que sendo o potro hum animal bravo, & que ordinariamente, nasce no campo, & no deserto, ou nas montanhas, como hũa fera, se dome, sogeite com tanta facilidade, como vemos.

Tanto que o potro se apartar da manada, & conduzir do monte, se traiá alguns tempos nos campos; ou tapadas com outras bestas, atè perder as saudades; & o naõ tirarâõ do pasto atè a idade de dous annos, & ainda mais, avendo comodidade aonde paste seguro, & livre de egoas, se a condiçaõ delle o permittir. Que supposto que o Capitaõ Pedro de Aguilar, no seu livro da Cavallaria cap. 6. aconselha, que de hum anno o recolhaõ à estrebaria, & costumem às prisoens; tem ensinado a experiencia, & o mostra a razaõ, que andando livres no seu pasto natural, & descubertos ao tempo, se fornecem, & fortificaõ melhor nos membros, crecendo, alargando, & endurecendo, para que depois sintaõ menos o rigor, & aturem mais o trabalho.

Com que sendo o potro da idade que dissemos, se recolherà à estrebaria, & estarà alguns dias solto, & sem prisaõ; aonde se lhe lançará de comer muito a meùdo, assistindo o mais do tempo gente com elle atè se ir domesticando, de sorte, que suavemente o possaõ sogeitar às prisoens, sem fazer grandes estrondos; porque de os quererem prender na força da braveza, tem succedido muitas desgraças, encabrestandose, quebrando maõs, & pès; & fazendose em pedaços. E serà muito conveniente que estejão na mesma estrebaria com elle na manjadoura outros cavallos mansos, com que se và costumando; & se deve usar de toda a brandura; dandolhe de comer na maõ, & pondolha pelo lombo, & depois pouco a pouco, pela cabeça, & orelhas, levantando

tandolhe as maõs, & pès, atè que và consentindo tudo, & sem o escandalizarem se venha a conseguir delle toda a mansidaõ necessaria.

CAPITULO XI.

Como devem ser as estrebarias, & manjadouras de fórmas curiosas, & das preparaçoens que ha de aver nellas.

NEm a todos he possivel terem as estrebarias, & manjadouras com a grandeza, & perfeiçoẽs, que convem. Porèm aquelles que tem comodidade para isso, entendaõ que he bem empregada a despeza, que se faz na obra de huma estrebaria boa, porque alèm de ser ella o mayor indicio de huma nobre casa, he razaõ que seja boa, limpa, & alegre; porque todo o homem curioso, & dado â nobre inclinaçaõ da cavallaria, folga de ir todos os dias, dar huma vista aos seus cavallos, gostando de os ver comer, & mandar limpar; & como diz Pedro de Aguilar: *El ojo del señor engorda el cavallo.*

A primeira, & principal cousa que deve ter hu na estrebaria, saõ as portas altas, & largas, porque de naõ ser assim, tem succedido mil desgraças, levantandose o cavallo, ou por se doce da boca, ou por algum medo, que tomàse, dar com a cabeça na lumieyra, & cair morto; & tambem sendo estreita, topar com as borrens da sella, ou estribos, & succederem mil desmanchos. Logo deve aver mais que huma porta; para que avendo alguns cavallos pouco seguros, possaõ tirar para fóra os outros, sem que passem por elles.

O comprimento, & largura da estrebaria, será conforme a comodidade, & gosto de cada qual. E sendo de duas larguras, para que possaõ estar cavallos de huma, & outra parte, deve ser de tal sorte; que entre huns, & outros fique hum corredor, & espaço largo, aonde se possaõ passear os cavallos alli, recolhidos do ar, quando no inverno vem suados do trabalho, pelo meyo do qual averà hum canal de boa pedra largo; porèm naõ fundo; & o de mais ladrilho, sobre que estaõ os cavallos, serâ de pedras meúdas, & naõ lizas, nem iguaes; porque aquelles, aonde naõ assentaõ o

casco

caſco por todo entra melhor o ar nelle ; & tambem com qualquer patear do cavallo lança fóra o eſterco , que recolhe nos pès , & mãos ; & ſempre ſerà o ladrilho de ſorte, que fique mais alto junto à manjadoura , porêm pouco , & và fazendo vertente para o meyo da eſtrebaria , para que as humidades corraõ ſempre para o canal. Sendo a eſtrebaria de huma ſó face , & a manjadoura ſerá o ladrilho da meſma ſorte , que diſſemos , & o canal por detrás dos cavallos.

Supoſto que a eſtrebaria clara com muitas portas , & janellas ſeja aprazivel, & conveniente, para que no veraõ poſſa entrar livremente o ar freſco de noute (que he muito neceſſario, ao menos quando com o verde ferve o ſangue aos cavallos ,) comtudo he muito util , que as portas , & janelas , ao menos no inverno naõ tenhaõ a eſtrebaria muy clara, & ainda no veraõ ſendo freſca he bom eſtar eſcura , porque aſſim naõ ſe divertem , & comem melhor os cavallos, & naõ ſaõ taõ vexados das moſcas ; & para que ſeja ſaudavel , ſerà bom que eſtejaõ ao norte algumas janelas , ou freſtas. Se a eſtrebaria eſtiver em ſitio , que ſe poſſa trazer agoa corrente ao canal della , ſerâ grande regalo para a limpeza dos cavallos, & deſcanſo para os lacayos , & moços de eſtrebaria , como tambem por canos , & reſiſtos ſe trazem às pias das manjadouras , para os lavarem, & beberem os cavallos.

Das manjadouras diſſe ei, que as melhores de todas ſaõ as de pedra de eſquadria mui bem eſcodada com os frizos redondos, & altos , para que o cavallo tope nelles com o peſcoço , & naõ com o peito ; & aſſim ſe coſtumaõ a ter a cabeça mais alta que he bom habito para enfrearem levantados.

Naõ ſou do parecer daquelles , que querem que as manjadouras ſejaõ vazias por baixo pelas deſgraças , que cada dia vemos, metendoſe o cavallo pello vaõ della , dando alguma volta quando eſtà deitado.

Que as manjadouras tenhaõ de vaſio couſa de hum palmo, para que o cavallo eſteja ſem topar cõ as rodelas dos joelhos das maõs nella ; he o que me parece acertado ; & nas de pedra de que fallamos ainda he mais neceſſaria eſta cautela.

E com-

E conſórme o comprimento, de que for feita a manjadoura, ſe irá repartindo com a meſma eſquadria em lugares, dando a cada hum cinco, ou ſeis palmos: ſerà funda para que naõ caya a palha, ou erva, mais igual para que ſe naõ ajunte o pò todo em hum lugar; & terà a hum lado huma pia embebida na meſma manjadoura, & à face della para beber, & comer a reçaõ, com hum buraco largo em baixo feito de ſorte, que a agoa, que ſobejar, & aquella com que ſe lavar a manjadoura và toda pelo buraco cahir às maõs do cavallo; & cada repartimento, ou peſebre terà a meſma ordem.

E aſſim eſtas manjadouras, como as de pao, ſe lhe pòde fazer por baixo huns vaſios, ſem que ſeja à face, ſe naõ mais dentro (como diſſemos) com ſua porta de dobradiças, & aldrava, para que alli ſe recolha com facilidade a cama do cavallo. Cada peſebre ha de ter duas argolas poſtas nos lados, & huma na parte defronte do cavallo.

Direy outro artificio de manjadoura, ou prevençaõ nella para que os cavallos ficando ſós, & a eſtrebaria fechada naõ paſſem mal em muitas horas, & ainda dias deixandolhe agoa em hum balde. Eſtas ſe haõ de fazer de ſorte, que de fronte da cabeça do cavallo eſteja huma freſta, ou janela de grades de ferro de tal largura, que poſſa caber apenas por entre ellas o focinho do cavallo, & pela outra patte de tràs da grade, ſe farâ de taboado, ou pedra hum receptaculo largo em cima, que venha vertente para a grade, com que eſta venha a ſer fundo; & entaõ ſe pò le deitar nelle vinte, ou quarenta fachas de palha ſegada, ou triga, de que o cavallo vai tirando pouco a pouco o que lhe pede o apetite, ficando a de mais ſempre ſem ſe deſtruir, nem faltar ao cavallo a neceſſaria, & da meſma ſorte ſe deitarâ o feno, ou erva.

Averá mais entre os repartimentos da manjadoura huma argola em cada hum, para que della ſe pendure hum pao, com huma tranca groſſa quadrada de quinas vivas de comprimento de dez, ou doze palmos mais groſſa atràs, que adiante; do qual ſe pegarà huma ponta na argola da manjadoura, & outra com huma corda ſe atará em outra argola, que eſtará no alto dos pilares da eſtre-

baria ſe ouver, ou nas traves, & barrotes della, com tanto que o tal pao fique pendente, & ſemova com qualque tope, que nelle faça a anca do cavallo; & para que nos principios mais o tema, ſerà bom pregarlhe nos lados à face no direito da anca, humas pontas de cravos pouco ſahidas fóra, para que eſtas o piquem, quando lhes chegue com a anca. E com eſtes repartimentos movediços eſtaráõ os cavallos muito direitos, como a experiencia moſtrarà, caſtigando-ſe por ſi meſmo tanto que ſe arrimaõ, & livres de deſaſtres, que cõ os repartimentos fixos acontecem.

Naõ ſaõ menos neceſſarias para a conſervaçaõ dos cavallos as priſoens, que juntamente os ſogeitem, & ſegurem de deſgraças. A primeira priſaõ he a cabeçada forte, dobrada, & mui bem eſtofada na focinheira; & no alto da cabeça, ſem que ſe naõ moleſte o cavallo, nem lhe faça callos, & cicatrices, em que depois vem a nacer cabellos brancos, & ficaõ deſairoſos: deſta devem ſer as argolas fortes, & de tornel, para que as cadeas ſe naõ enrolem; & ha de ter mais huma argolinha na focinheira com ſeu engonço tarraxado entre os couros, para que naõ poſſa moleſtar.

As cadeas haõ de ſer duas, que venhaõ das bandas; & porque ha muitos cavallos, que tomaõ na boca a cevada, & a derramaõ fóra da manjadoura, ſerà neceſſario a eſtes para os coſtumar a que comaõ direitos, prenderlhe hum fiador de corda na argola da focinheira para a da parede.

As maniotas haõ de ſer de linho, brandas, groſſas, porque aſſim aſſeguraõ mais, & moleſtaõ menos; & naõ ſejaõ compridas, que daqui nacè faſerem ſobre canas, dando com huma, ou outra maõ nas canas dos braços, como vemos cada dia pela experiencia.

As peas feitas para eſtarem ordinariamente na eſtrebaria, he bom que ſejaõ compridas, com que o cavallo eſteja com pès, & maõs no ſeu compaſſo natural; & em quanto ſe naõ coſtumaõ a ellas por ſe naõ embaraçarem ſerà neceſſario, que tenhaõ huma cordinha atada de huma a outra, que paſſe por cima do lombo do cavallo; & tambem devem de ſer grandes, & groſſas, como diſſemos das maniotas. Os laços dos travoens ſejaõ groſſos, & as ca-

deas

deas naõ ſejaõ mui compridas.

A mayor parte dos Authores que tem eſcrito ſobre eſtes pontos aconſelhaõ, que os cavallos eſtejaõ ſempre cõ duas cadeas maniotas, duas ſoltas, & dous travoẽs. Eu me naõ confórmo cõ elles porque acho a tanta prizaõ muitas encomidades. A primeira he que deitandoſe, ou levantandoſe o cavallo ſe embaraçou com hũa maõ na ſolta da outra parte, ou com o travaõ de hum pè em outro ſe fará em pedaços, revolvendoſe em laços indiſſoluveis. A ſegunda he, que com o medo, & receyo daquellas priſoens, naõ ouſa, nem ſe atreve o pobre cavallo a deitarſe para deſcançar, & dormir. A terceira, que eſtando aſſim oprimido, nem ſe alegra, nem ſe logra para medrar, & engordar, nem com os pès, & maõs ſe coça, & defende das moſcas, eſtando continuamente em huma opreſſaõ, com o que aconſelharey, que ſendo o cavallo manſo eſteja ſómente com as maniotas, & hum travaõ; & avendo os paos dos lados que diſſemos, atè eſte ſe pòde eſcuſar, naõ ſendo cavallos bravos; que ajaõ miſter mais; porque ſe tem viſto por experiencias, quebrando acaſo huma cabeçada, ficar o cavallo prezo ſó por hum travaõ, & ſendo fogoſo, puxar tanto pelo pè, que o quebra, ou desloca.

Alèm do que temos dito, naõ devem faltar nas eſtrebarias todos os moveis: & inſtrumentos neceſſarios nellas, como ſaõ, almoſiças, luvas de eſparto, eſponjas, eſcovas, mandiz, pentes de oſſo largos, & brandos, facas de correr o ſuor, ferros de encreſpar os cabos, & crinas, baldes para os lavar, cantaros de cobre, varas de marmeleiro, que por falta dellas caſtigaõ muitas vezes os cavallos com paos groſſos, & os pizaõ, & maltrataõ; cabeçoẽs, & antolhos, para quando os tiraõ à limpar, maſtigadouros, algũs cornitos de cabras para alimparem os caſcos, baſſouras, forquetas de levantar as camas, enxada, hum vaſo com vinho, ſal, & cebola para lhes lavar as bocas, quando enfaſtiaõ, torquez, & martelo para rebater alguns canellos, que ſe levantaõ, & pela dilaçaõ de ir a caſa do ferrador ſe arranca a ferradura, & muitas vezes com ella meyo caſco, de que fica o cavallo maltratado; hũa bigorna, grandeiras de abater a palha, as mantas, lençoes, & toucadores neceſſarios.

GAPI-

CAPITULO XII.

Como se devem pensar, limpar, & tratar os cavallos, & o cuidado, & advertencias que nisso deve aver.

TOda a conservaçaõ dos cavallos, consiste no bom cuidado, & de que sejaõ limpos, & tratados, como convem: para o que he necessario escolher moços da estrebaria curiosos, & com inclinaçaõ aos cavallos, & amor a seu amo; porque de naõ serem assim, se segue o desprezo dos cavallos, & detrimento de seus senhores.

Para este cuidado, & tratamentos dos cavallos; será necessario fazermos duas divisoẽs; porque os de regalo, & estado propriamente para o passeyo das Cidades, & Villas se devem tratar com differente modo daquelles q̃ queremos para o exercicio da guerra, trabalho, & serviço ordinario.

Para os cavallos de regalo he conveniente, que estejaõ sempre de veraõ com lenço, & toucador; & de inverno da mesma sorte, porèm com a sua manta por cima.

Logo pela manhãa iràõ tirando cada hum dos cavallos para fòra da estrebaria; os que forem inquietos cõ cabeçaõ, & antolhos, porque dentro nella nunca convem o limparense em razaõ do pó que cae pela manjadoura, & outras inconveniencias. Logo que for tirado, se lhe meterá o mastigadouro, para que assim se esteja aliviando, & desfleumando, em quanto o limpaõ, sendo isto em jejum antes de se lhe dar a reçaõ, & naõ sendo tempo em que coma verde, se almofaçarà mui bem dos joelhos para cima tudo o mais muito esfregado com almofaça, mandil, & escova, naõ só para que saya o pò, mas para que se abraõ os pòros, & por elles se ventilem, resolvaõ os humores que à natureza lança ao couro, & coticulas. Depois de mui bem almofaçados, & limpos com o mandil, se molharà hum pano com pouca agoa, naõ ficando mais que lento, & se correrà o pello todo, para que fique nedeo, & lustroso.

Logo

Logo lavaráõ as crinas, & cabo,& ainda no verãõ ſerà bom que ſeja ſempre com agoa quente, porque deſpega melhor o ſuor, penteando-os, & entrãçando-os, com advertencia de que naõ deixem eſtar as tranças feitas mais tempo do que de hum para o outro dia, porque eſtando mais ſem as pentearem, & tornarem a fazer novamente, ſe cortaõ, & caem às maõs cheas.

Lavarſeà tambem o roſtro ao cavallo, & os olhos com agoa fria, porque repercute os humores, & fluxoẽs, & os alimpa, & aclara muito, & tambem com a meſma os pès, & maõs, & caſcos, & pondolhe ſeu lençol, & toucador ſe recolherà à eſtrebaria, dandolhe a ſua reçaõ de cevada, ou centeyo limpa de pò, & purgada das pedras.

Depois ſe lhe irá lançando a palha neceſſaria ſacodida, & gramada mui bem antes de a ſegarem, & pelas dez,& onze horas, ſe lhe dará de beber no inverno agoa morna, & no veraõ fria, que naõ ſeja de poços, ou ciſternas; deitandolhe nella hũa tigella de farinha, triga, ou centeya, & tambem pòde ſervir de milho mais ſe a beber bem.

A' noute, o melhor coſtume he darlhe de beber ptimeiro, que a reçaõ; porque tem moſtrado a experiencia que aſſim a come melhor. Para de noute ſe lhe deitará palha neceſſaria,& ſe lhe farà ſua cama enxuta. Para alguns cavallos ſogeitos a trocilhoẽs procedidos de frialdade das pedras, & humidades, tenho uſado algumas vezes de hum caniço, mandandolhe fazer a cama em cima delle, com que ficando mais quentes, & enxutos, ſe achaõ bem.

Com eſte trato, que he baſtante, ſe conſervaõ os cavallos, ſendo de boa natureza, & temperamento, muito gordos, & fermoſos; porèm aquelles, a que naõ baſtar eſte penſo para os engordar, & alargar, ſe lhe pòde dar hum quarto de farelo, pelo meyo dia, borrifado mui bem com vinho, ſendo, o cavallo froxo; porque ſendo colerico ſerà melhor a agoa quente; & ou ſeja deſta; ou daquella, ſe ha de molhar o farelo de ſorte que nem fique em papas, q̃ o enfaſtiem, nem tiõ ſeco que lhe cauſe toſſe.

Tambem ſe lhe pòde dar para de noute huma palhada feita em balde grande com camadas de palha, & farelo entrepoladas, &

eſcal-

eſcaldado tudo com agoa fervente, abafado hum pouco para que amolleça, & darlha morna.

Tambem ſerá bom darlhe na beberagem hum paõ de trigo em maſſa deſfeito nella.

O centeyo cozido he muito bom mantimento para engordar, & em breve tempo, & faz boa nutriçaõ, porque indo aſſim cozido & actuado ſe converte mais depreſſa em ſuſtancia.

Tambem uſaõ alguns de milhos, nabos cozidos, & outras em papadas que eu naõ gabo, & de que ordinariamente mais uſaõ os criadores, que c mo porcos os cevaõ, para melhor os venderem.

Todos os mimos, que diſſemos, & outros muitos ſe permitem aos cavallos de regalo; porèm àquelles, que queremos para ſervir na guerra, no campo, & no demais trabalho ordinario, naõ cõvem que ſe ponhaõ neſte coſtume; com que para os taes a melhor ordem he naõ aver, nem hora certa para a reçaõ, nem para beber, dandolha hum dia pela manhãa, outro ao meyo dia, outro em outras horas differentes, comendo em hum dia tres, ou quatro reçoẽs, & em outro nem huma; em hum centeyo, em outro milho, ou cevada, bebendo hoje a humas horas, a manhãa, a outras mui differentes, porque habituados niſto, como o tem moſtrado a experiencia, vem depois a naõ eſtranhar as faltas, nem a reparar nas ſobras, que em varias occaſioẽs das campanhas, & incidentes de jornada ordinariamente acontecem.

E por eſte modo, & ſem ſe faltar à ordem, que diſſemos, ſe podem engordar muito bem eſtes cavallos, dandolhe largas reçoẽs, & *muitas*, com variedades ſempre a vendo todo o cuidado na limpeza, & em todo o mais bom trato.

CAPITULO XIII.

Como ſe deve dar o verde aos cavallos, & o que neſſe tempo ſe deve obſervar.

HE o verde dos cavallos o mais natural penſo para o ſeu regalo, & o mais neceſſario para a ſua ſaude; avendo todas as cautelas, & advertencia no tempo, modo, & ordem, com que deve darſe, como direy.

Para

Para os cavallos novos atè quatro annos, naõ lhe ſerve de dano antes de proveito, o comerem verde em todo o tempo do anno, porque he mais acomodado à ſua natural inclinaçaõ.

Os de mayor idade baſta ſô que os mezes de Abril, & Mayo o comaõ, dandoſelhe tenro o primeiro, para que purguem bem. E paſſados os dias, em que o cavallo tenha purgado, antes que comece a medrar com o novo ſangue, ſe mandarà ſangrar duas vezes na vea univerſal da taboa, enarepolando dous dias entre huma, & outra ſangria. E ſe ouver inchimento com preſença de ſangue, ſe continuaràõ mais conformе a ella. E ſuppoſto que muitos ſaõ de contraria opiniaõ ſeguindo a Galeno, Avicena, & outros Medicos, a experiencia (que ſegundo os Philoſophos) *genuit artem*, tem moſtrado, que os mayores damnos, que ſobrevem de ſe naõ fazerem, os convence.

He muito neceſſario neſte meſmo tempo, dar banhos de agoa doce a donde a ouver, tendo os cavallos nella com os peitos para donde vier a corrente, tempo de huma hora pela menhãa, & outra de tarde, porèm ſempre a horas que haja Sol, levando-os, & trazendo-os muito ſoſſegados, & deixando-os enxugar da agoa primeiro, que os recolhaõ na eſtrebaria, porque de os recolherem molhados lhes ſobrevem muitas vezes ſarna.

Tambem eſtes banhos ſe podem dar nas marès de agoa ſalgada; porém naõ convem que eſtejaõ nellas mais que hum quarto de hora, porque ſuppoſto q̃ eſta tenha mayor força para gaſtar as humidades, aſtringe, & tapa muito os póros, & a exhalaçaõ dos humores.

No primeyro mez do verde para que os cavallos melhor purguem, he muito boa regra naõ lhe dar reçaõ de cevada, nem outro penſo, antes hum punhado de farelo às horas, que coſtumavaõ comer a reçaõ.

O melhor verde de todos he a cevada, a qual para purgar ſe ha de dar antes que moſtre a eſpiga; logo a erva mollar, & com ella as que chamaõ lingoa de ovelha, trevo, cardos, & cerradella, que eſtas ſaõ para os cavallos as de melhor nutriçaõ, & as que elles comem melhor. E para os primeiros dias, em que que-

remos

remos que elles purguem, he melhor erva molar tenrã, que a cevada; porèm a cevada dà mais ſuſtancia, & ſe deve ter ordem em a nã ſemear toda junta, ſe nã as ſemanas entrepoladas, para que ſempre a aja tenra, & na fórma que a queremos, & tambem ſe ha de ſemear mui baſta, & com tanta differença da que ſe ſemea para fruto, que o campo que deſta ſe ſemea com hum alqueire, daquella ſe ha de ſemear com tres.

Tambem ſe deve ter cautela, em que nã ſe dè verde de alguns campos, que coſtumaã produzir algumas ervas venenoſas, nem donde ſe ajaã ſemeados pòros, alhos, linho, eſpecialmente canamo, nem cebolas.

Nas terras aonde os verdes ſaã muì ferteis, pingues, & ſuſtanciaes, he menos ſeguro o querer ſervir dos cavallos, no tempo que o comem, porque aquella crecença de ſangue, & alteraçaã de humores, póde fazer que deçaã a alguns lugares dos pès, & maãs aptos para os receberem, & congelandoſe nelles ſe formem manqueiras com a opreſſaã, & violencia que ſobre elles faz o corpo no forcejar do exercicio.

Eſte inconveniente nã he taã forçoſo, aonde os verdes ſaã de menos ſuſtancia, mais duros; & demais tenue mantimento, como os de entre Douro, & Minho, & outras muitas partes, de que a experiencia nos tem moſtrado que paſſados os primeiros dous, tres mezes de verde, ſervemſe dos cavallos para tudo; & lhe nã faz mal algum.

Toda via depois que o cavallo deixa de purgar, ſempre he muito neceſſario darlhe alguns paſſeyos todos os dias de maã, trazendo-o mui bem cuberto, & com antolhos ſe ſe inquietar, porque o nã provoque a inquietaçaã a movimentos fortes, & violentos.

Alguns aconſelhaã que os cavallos eſtejaã desferrados aquelle primeiro tempo do verde, porèm nã he regra geral, nem eu me acomodo a ella, mas ſómente a acho conveniente para aquelles cavallos, que por mui duros, & empedernidos dos caſcos, ſe tem perdida a boa fórma delles, com a deſtemperança endurecida, os quaes com a brandura, & humidade do verde

queiramos comtemperar, abrindo-os a meùdò com ō puxavante atè os reduzir a ſua natural fórma, como diremos no Tratado da Alveitaria.

CAPITULO XIV.

Como ſe devem enſinar os potros, antes de ſerem montados a algumas cavallarias, que naõ dependaõ de pezo, ou trabalho, & como ſe lhe enſinaõ as corteſias, pondo hum joelho, ou ambos em terra.

SAõ tãm doceis os cavallos, & aptos para aprenderem tudo quanto lhe enſinam, que em huma Cidade de Napoles, que ſe chamava Sibari (refere Plinio) enſinavaõ os cavallos a dançar ao ſom de huma ſanfonina, & o faziam perfeitamente. Antes que os potros cheguem à idade, & tempo de ſerem montados, ſe lhes podem enſinar algumas cavallarias que naõ ſendo violentas; que os maltratem, as concebem naquella tenra idade, com mais facilidade, & aprehençaõ. Como os caens de perdizes, ou de coelhos, q̃ em pequenos ſe enſinaõ a darem voltas, terem ſoffrimento, & trazerem ás maõs, com que depois vam para o monte meyos enſinados. Aſſim o potro em quanto novo ſe pòde ir metendo ſeguramente neſtas cavallarias, que ſe ſeguem.

Porſelhe-ha o cabeçaõ, & com elle levado aonde aja terreno brando, ou areal, & em falta ſe lhe podem deitar alguns ceſtos de area meùda, ou terra branda, ou palha no lugar do manejo, & alli ſe prenderà entre dous piloẽs pelas argolas dos lados do cabeçaõ, com cordas ſeguras, para que ſe deſenganе de que naõ póde ſoltarſe, & alli poſto, lhe poderáõ enſinar as corteſias facilmente, fazendolhe pôr hum joelho, ou ambos em terra, para o que, primeiro he neceſſario que lhe enſinem a que ponha ambos, porque depois fica mais facil de aprender a pôr hum ſó, & aſſim eſtaràõ duas peſſoa dos lados,

com

com huns açoutes de correas brandas, poſtas nas pontas de dous paos, & com ellas dará ao meſmo tempo em huma, & outra mão do cavallo, atè que elle ponha os joelhos em terra. E em caſo que naõ acabe de obedecer, lhe prenderáõ nas quartellas em cada huma ſua corda, pelas quaes ao tempo que elle eſtiver remexendo as maõs, com as pancadas dos açoutes, lhe puxarâõ brandamente por detraz, atê que com effeito venha a dobrar os joelhos, & tanto que os pozer no chaõ lhe acudiràõ logo as peſſoas, que tem os açoutes com huma folha de couve, erva, ou paõ, affagando-o, & movendolhe o cabeçaõ, para que venha a cair em que acertou com o que querião delle. Porque o affago, & o caſtigo; ſaõ a lingoa que eſtes animaes mui bem entendem.

Logo dahi a hum pouco ſe lhe tornarà a fazer o meſmo, continuandolhe eſta liçaõ alguns dias, & fazendolhe ſempre algum ſom, & final de boca no meſmo tempo, em que o eſtiverem caſtigando, porque depois de ſe continuarem alguns dias, virá a pôr os joelhos ſó com ver os açoutes, & depois ſó com o final, & ſom de boca. E quando quizerem que não ponha mais que hum joelho, baſtará ſómente ameaçalo de huma parte, & ſe não baſtar, & os quizer pôr ambos, ſe lhe atará na mão, que não ha de dobrar, huma corda, que terâ outra peſſoa de diante ſegura, com que virá o comprehender huma, & outra couſa, & depois quando o montarem ſó com o final de boca, ou com lhe chegarem com a ponta do eſtribo à primeira junta da mão, ajoelharâ logo, & então ſe poderà enſinar a dar alguns paſſos atraz, & adiante para fazer as corteſias com medida, & concerto.

CAPITULO XV.

Como ſe enſina hum potro a que ponha a barriga em terra, para que cavalguem nelle, & que ſe naõ levante, ſe naõ quando o cavalleiro quizer.

PAra ſe enſinar hum potro a que ſe ponha com abarriga em terra, & ſe naõ levante em quanto o naõ mandarem, ſe ha de prender entre dous piloẽs, na fórma que diſſemos no capitulo acima, alli, o haõ de caſtigar quatro peſſoas com os açoutes brandos (que avemos dito) em pès, & em maõs juntamente, atè que venha a dobralos todos, & a deitarſe. E ſe com iſſo naõ obedecer ſerá neceſſario atarlhe nos pès, & maõs quatro cordas, puxando ao meſmo tempo do caſtigo as duas dos pès para diante, & as das maõs para traz, fazendo a eſte tempo algum final ſempre, ou ſom de boca, & logo que ſor ao chaõ, ſe lhe acodirà com as folhas, de erva, ou paõ, affagando-o a ſy deitado dandolhe alli de comer, por algum eſpaço, & alli meſmo lhe deſatarãõ as cordas, alargarãõ o cabeçaõ, & o deixaráõ levantar, & fazendolhe outro final, ou ſou de boca ao levantar muito diverſo, do que ſe lhe fez para ſe deitar; & o levaraõ para a eſtrebaria, & continuandolhe eſta liçaõ todos os dias duas vezes, a virà a fazer brevemente, & cõ tanta facilidade, que em o trazendo ao lugar da liçaõ, vendo os açoutes, ou ouvindo o final, ſe porà logo com a barriga em terra, por aver entendido que ſó com a facilidade de o fazer, ſe livra daquelles caſtigos, & grangea os affagos, & quando elle nos principios depois de deitado, ſe quizer tornar a levantar, antes de eſperar o final, ſe lhe acudirá logo com os caſtigos de voz, & açoutes a eſtranharlho, que depois o virá a fazer com tanto medo, & ſentido no final, como o caõ de perdiz, a quem poem o paõ na teſta, & ficando com eſta doutrina ſe poderà depois mandar abaixar para montarem nelle todas as vezes que quizerem.

CAPITULO XVI.

Como ſe deve enſinar hum potro para que cahindo na campanha, ou batalha ſiga a ſeu ſenhor, & torne a ſubir-ſe nelle.

JA tenho moſtrado no terceiro capitulo deſte livro por experiencias claras o quanto ſejaõ reconhecidos os cavallos do bem, ou mal, que ſe lhe faz. Como vemos ordinariamente (ainda nos menos caſtiços, em que naõ ha tanta docilidade) que vendo entrar na eſtrabaria ſeu ſenhor, ou aſſ peſſoas, que coſtumaõ affagalos, & penſalos, daõ rinchos, fazem meneyos com a cabeça, orelhas, & alegria de olhos, como em demonſtraçaõ de goſto, & reconhecimento. Com que naõ ha que duvidar em que o potro comprehenda toda a doutrina, em que o ſouberem induſtriar.

Tanto que o potro for tirado para o lugar do enſino, & prezo a hum poſte pelo meſmo cabeçaõ, deixando-o ſó, ſem alli apparecer ſeu ſenhor, ſe chegaràõ a elle tres, ou quatro homens, ou mais, cada hum com a eſpada nua na mão, açoute, ou vara na outra; & andando todos em torno ao redor do potro, o iráõ açoutando, & ameaçando com as eſpadas deſparando tambem alguns tiros de polvora, & logo, vendoſe o potro neſte aperto deſeſperado, virá pela parte de diante ſeu ſenhor, & ſe irá chegando a elle, fazendo fugir os homẽs todos, & o tirará do pilão, & affagando-o o levarà atraz de ſy, dandolhe paõ, ou ervas.

Depois de ſe fazer neſta fórma iſto alguns dias, ſe acreſcentará o ſegui em os homens o potro, chegandolhe alguma vez com o açoute, & ſempre com as vozes aſperas, fogindo ao meſmo paſſo com elle ſeu ſenhor; repetindo iſto muitas vezes, atè que o potro venha bem aperceber, que ſó ſeguindo, & chegandoſe bem para o ſenhor, que o livra, pòde fugir, & eſcapar aos rigores daquelles grandes caſtigos: com o que depois ſolto, & livre, entre qualquer pendencia, ou batalha ſeguirá, & buſcará ſempre a ſeu ſenhor.

CAPITULO XVII.

Como ſe hade enſinar hum potro a bater com a mão a huma porta.

AInda que eſte capitulo ſeja de pouca importancia, como ſeraõ outros, ha com tudo peſſoas taõ curioſas, & inclinadas a enſinar varios brincos aos ſeus cavallos, que deſejaõ exercitar com elles tudo o que pòde dar a arte.

Para ſe fazer que o potro ſaiba bater a huma porta, he muito facil, chegando as primeiras vezes a hũa meya porta fechada, aonde elle por cima meta a cabeça, & peſcoço dentro, & naõ poſſa paſſar o corpo, & alli prezo para dentro, lhe eſtaráõ dando com hum açoute naquella maõ com que quizerem que bata, & querendo levantala, & defendela, virá a bater com ella, como quando eſcava, & tanto que der duas; ou tres vezes, ſe lhe darà logo erva, ou paõ, com que virà em breves dias a perceber, que ſó com o eſcavar, & bater da maõ ſe livra do caſtigo, & ſe lhe offerece o comer, & depois de montado em lhe tocando com o eſtribo, ou ponta da vara aquella maõ, chegando a qualquer porta baterá logo cõ ella ſem difficuldade, ou fazendolhe algum final com que o ajaõ coſtumado.

CAPITULO XVIII.

Como ſe devem ferrar os potros, & as cautelas, que niſſo deve aver.

TAnto que ſe vir que o potro eſtá já manſo, & que com o uſo de lhe levantarem todos os dias os pès, & maõs, para lhe alimparem os caſcos, batendolhe muy bem nelles o naõ eſtranha jà, eſtando a tudo quieto,

to, ſe trate entaõ de o ferrarem com a mayor brandura, que for poſſivel, porque de outra ſorte, & de os começarem a ferrar cõ aziares, & outros caſtigos, & violencias, vem depois a temerem os ferradores, & a ſer neceſſario para os ferrar, metellos em potro, & priſoens fortes com muito trabalho.

Nas ferraduras ſe naõ pòde dar regra geral, quaes ſejaõ as melhores, porque devem ſer confórme os caſcos, & as feiçoẽs, ou defeitos, que no pè, ou maõ ouver, para os ajuſtar, & remedear- E aſſim ſe deve advertir, que para o potro, que tiver as quartellas cõpridas, devem ſer as ferraduras mais entaloadas, & encorporadas atràs, que adiante, deixandolhe da meſma ſorte mais caſco atràs nos candados, do que adiante no lume, & ponta do caſco: porque com eſta prevençaõ ſe evita; & remedea o deffeito, de que as quartellas compridas, naõ venhaõ a derrubarſe, & pelo contrario ſe deve uſar em tudo iſto com os que tem as quartellas curtas.

E ſe o cavallo for eſquerdo de alguma maõ, pè ſerá o canello da ferradura mais groſſo daquella parte para donde troce, & calcanha a maõ, & deixandolhe da meſma parte mais caſco para que a iguale, & a endireite. E tendo os caſcos vidroſos, pequenos, & quebradiços, devem as ferraduras ſer delgadas, & leves, porque as groſſas, & pezadas os quebraõ, & arrancaõ.

E tendo o cavallo os caſcos muito brandos, a que chamaõ, (caſqui molli) he bom remedio depois de lhe fazerem o caſco com o puxavante, & provarem a ferradura, que eſteja certa, metela no fogo, & porlha vermelha hum pouco, porque faz aſſento, & tempèra muito o caſco, & o fortifica; entaõ como arrefecer, pregala.

Sendo o cavallo de bons caſcos, he bom, em quanto potro, trazelo com ferraduras groſſas, & pezadas, ao menos nas maõs, porque aſſim ſe coſtumaõ a levantalas melhor.

E geralmente ſe deve advertir, que toda a ferradura ſeja de ferro mais brando, ficando ao atarracar muito plaina por dentro, & muy bem banhada, & eſcoada para o vào do calco, porque naõ aſſente na palma, mas ſómente na tapa em redondo, por junto ao debrum da ferradura. E que as craveiras ſejaõ abertas, & mui-

to largas pela parte de fóra, para que a mayor parte da cabeça do cravo entre, & ſe encaixe nellas, & pela parte de dentro que naõ tenha mais largura que aquella em que caiba a haſte do cravo, tendo as taes craveiras apartadas humas das outras, porque indo os cravos juntos apanhaõ facilmente huma parte do caſco, & o arrancaõ, ſendo eſtas craveiras nas ferraduras dos pès feitas mais atraz alguma couſa, & nas maõs mais adiante, por cauſa de que nos pès ha mais groſſura na tapa atraz, & mais adiante nas maõs.

E ſobre tudo deve o cavalleiro ter ſempre os ſeus cavallos ferrados, que alguns ha que lhe naõ lembra, ſe naõ na hora que lhe ſaõ neceſſarios, em que o ferrador, tal vez com preſſa, & menos advertencia, os desbarata, & como na conſervaçaõ dos caſcos conſiſte todo o ſerviço do cavallo, & por falta de hum caſco, & de huma ferradura ſe mal logra muitas vezes hum intento de importancia, de que naſceo dizer hum curioſo: que por huma ferradura, podia perder hum Reyno, ſeguindo aquellas conſequencias, de que pela perda de huma ferradura, ſe perdia hum cavallo, & por hum cavallo hum General, & por hum General hum exercito, & por hum exercito hum Reyno. Com que deve todo o cavalleiro mandar ter com os caſcos, & ferragem do ſeu cavallo todo o cuidado.

E ainda nas jornadas que fizer, ſerà neceſſario mandar levar a hum lacayo huma ferradura, de que me tenho ſervido muitas vezes, & dado a invençaõ, & molde a muitos amigos, das quaes deve ter ſempre algumas todo o cavalleiro curioſo, & amigo de conſervar os ſeus cavallos, porque as faz qualquer official com muita facilidade, & com a informaçaõ ſómente, ſem que lhe ſeja neceſſario ver outras.

Eſta ferradura, ſe faz por baixo no aſſento, como as outras, tendo juntamente por toda ao redor huma cinta, forjado tudo inteiriço, levantada como a que tem o fundo de hum paſtel, que tenha altura de dous dedos, a qual vem cingir o caſco pelo meyo delle em redondo, ficando ſó aberto, & livre aquelle eſpaço, & lugar dos candados, como fica nas ferraduras ordinarias. Neſta cinta, que abrange o caſco, ſe haõ de fazer quatro buracos de huma

parte, outros tantos da outra no alto della naquella direitura, aonde coſtumaõ ſahir as pontas dos cravos ordinarios, em os quaes haõ de eſtar ſempre huns perafuſos, que andem ajuſtados com roſcas, & ſe apertem, como os de eſpora de çapato, comprimindo de huma, & outra parte o caſco, que como he mais eſtreito em cima, do que em baixo, ſe naõ pòde ſahir a ferradura, & haõ de ſer plainos nas pontas, & naõ agudos, porque naõ ſaõ para entrarem, ou penetrarem o caſco, & ſómente ſervem de o apertar de huma, & outra parte, ſegurando a ferradura, & como eſta ſe affirma com ſe apertar com mais, ou menos comprimento dos perafuſos, vem a ſervir em qualquer caſco ſendo ordinaria, ainda que huns ſejaõ mayores, que outros, & duraõ muito tempo, ſervindo em muitas occaſioẽs; porque tanto que o cavallo ſe deſferra ſe lhe poem a ferradura, atè chegar aonde aja ferrador, & ſe guarda para outras ſemelhantes neceſſidades, conſervandoſe os caſcos ſem ſe desbaratarem.

CAPITULO XIX.

De que idade, & com que cautela ſe deve começar a pôr o freyo, & ſella ao potro, & como ſe ha de ſubir nelle.

SEndo o potro de tres annos, he tempo de ſe ir coſtumando à ſella, & freyo, porque ſendo já de maior idade, & forças, ſerà mais aſpero, & difficultoſo de reduzir, porèm he neceſſario ir com muito tento, & paciencia neſtes principios, porque delles ſe ſegue o fazer bom, ou mao cavallo.

O primeiro freyo, que ſe deve meter ao potro, ſerà leve, brando, & ſem couſa de aſpereza, embrulhada no bocado huma eſtriga untada de mel, & ſal, a barbella larga, & com o freyo poſto ſómente deſta maneira o deixarám eſtar prezo a huma argolla fóra da eſtrebaria, huma, ou duas horas cada dia, & eſtas

podem

podem ſer aquellas, que ſe gaſtaõ em quanto o alimpaõ, & almofaçaõ.

Depois de feito o acima dito lhe poràõ algumas vezes juntamente com o meſmo freyo o cabeçaõ; & pelas redeas delle o podem ir levando hum, ou dous moços da eſtrebaria a paſſear, & ſe forcejar muito lhe poraõ primeiro os antolhos, andando com elles algum pouco, atè ſe ir coſtumando: iſto ſe fará alguns dias de manhãa, & tarde ſem ſubire n nelle.

Irſelhe-ha pondo a ſella na meſma eſtrebaria, avendolhe primeiro poſto os antolhos, para que naõ faça eſtrondos, vendo vir a ſella ſobre ſy: & as primeiras vezes lhe naõ meterá rabicho, deixando-o eſtar cõ ella, comendo na manjadoura muita parte do dia; ao depois lhe iráõ pondo algum pezo ſobre a meſma ſella mui bem atado, de pedras, ou area em hum ſaco, & ſe lhe irá acrecentando cada dia atè ſer pezo de hum homem, com o qual o iráõ tirando da eſtrebaria cõ o freyo, & cabeçaõ pelas redeas delle, & aſſim o paſſearáõ mui bem alguns dias, tambem de noute por onde aja parteiros, & ferreiros deſenganando-o, ſem o caſtigarem daquillo, de que tiver medos atè de todos os perder.

Depois ſendo jà de tres annos, & meyo com ſegurança, & ſem temor o podem ir montando, & cariciando, & ſempre ao ſubir, & decer dandolhe huma folha de couve, ou alface, & ſe fizer alguma repugnancia, que moſtre ſer malicia, & naõ brutalidade, ſe lhe eſtranhará com a voz, & com algum caſtigo de vara, ou açoute leve as primeiras vezes. Subindo nelle ſe naõ ſerviráõ das redeas do freyo, mais, que para acompanharem o cabeçaõ, porque ſobre elle ha de levar o potro todo o pezo, & força da cabeça, tomando no meyo da maõ eſquerda huma redea do cabeçaõ, & nos dedos da meſma maõ as redeas do freyo froxas, & na maõ direita a outra redea do cabeçaõ ſómente, que com huma, & outra hade ir governando o potro para eſta, ou aquella parte.

Sendo de natural muito inquieto, & furioſo, como alguns ſam, atarám duas cordas nas ſegundas argolas, que eſtaõ das bandas do cabeçaõ, & pegando dous homens nas pontas, hum de huma parte, outro da outra, o iráõ aſſim levando direito, ſem po-

der

der inquietarſe, nem fugir, nem andar mais que aquillo que elles quizerem, fazendo iſto algumas vezes atè de todo ſe ir coſtumando, & amanſando, & como andar livremente bem manejado com o cabeçaõ, ſe lhe iráõ pouco a pouco tomando, & ajuſtando as redeas do freyo, alargando mais as do cabeçaõ, atè que venha a entender o freyo de todo: & ſe vá mandando, & governando por elle, uſando o cavalleiro ſempre de toda a mayor brandura de maõ que ſer poſſa, porque daqui he que os cavallos por boa maõ ficaõ firmes, brandos, & bem enfreados, ou pelo contrario avendo roim maõ, aſperos, encapotados, & deſabridos.

CAPITULO XX.

Das diverſas cauſas, porque os cavallos naõ enfreaõ, & como naõ he ſó procedido da boca (como muitos erradamente imaginàraõ, & ordem, que niſſo ſe deve guardar para os enfrear com perfeiçaõ, para o exercicio da Brida.

TEm moſtrado a experiencia, & naõ repugna a razaõ, que para ſe enfrearem, & doutrinarem os cavallos, eſpecialmente para o exercicio da Brida, ſe naõ devem enfrear logo em potros, com o meſmo freyo, & canhaõ, com que depois ſe haõ de ajuſtar, para lhes ſervirem quanto viverem. A primeira razaõ que ha para que aſſim ſeja, he, que hum potro novo naõ tem tanta força, & vigor para receber hum canhaõ forte, ou pezado, como hum cavallo de ſeis, ou ſete annos; & metendoſelhe eſte naõ podendo reſiſtirlhe, ſe entrega logo a encapotarſe, abaixando a cabeça, & fazendo theſouras, & outras fealdades. A ſegunda he, que todos os potros, ainda que as bocas ſejaõ aquellas, que depois vem a ſer duras, o naõ ſaõ nunca naquella tenrra idade em que todos tem as gengivas, & aſſentos tenros; & com aquella dor, & ſentimento, que recebem dos freyos fortes, andaõ triſtes, & ſem concerto, & tratando de

lhe

lhe reſiſtir, ou ſe poem eſpapados, ou andaõ demandando as cam
bas com o beiço, ſem trazerem o ſentido em fazer couſa; que bo
ſeja, o que naõ ſuccede, depois que uſaõ os freyos, & endurecem
mais nos aſſentos, & na idade. A outra razaõ he, que os cavallos
que naturalmente forem de feiçoẽs, & natureza duros de boca, d
aſſentos, ou barbata, coſtumados logo em potros tenros a freyo
fortes, ganhaõ callos, & mayores durezas, & entaõ que meyo fic
para ſe enfrearem aſſim duros, & caloſos na idade mais forte, & vi
goroſa? Com o que direy o melhor modo, que me parece, & qu
a experiencia me tem moſtrado, para enfrear a todos, & quaeſque
cavallos de differentes naturezas, que ſejaõ.

O primeiro freyo, que ponho a todos os potros junto com o
cabeçaõ, & logo depois ſem elle, he huma Brida leve ajuſtada com
o tamanho da boca, com dous cubos groſſos, lizos ſobre os aſſen-
tos, que peguem no meyo com dobradiça, & acima dos cubos hu
ma, ou duas cadeaſinhas mui bem cubertas de coſcos lizos, & mo
vediços, barbella groſſa de fuzis lizos, & redondos, cambas cur
tas, & com copos largos, porque impedem muito a que as tomem
com o beiço, & com freyo deſta ſorte vou metendo o potro de-
pois do paſſeo, a todo o manejo, & vendo que me anda bem en-
freado, & ajuſtado, naõ mude de freyo, & ſe vejo que hum potro
eſpapa, & traz a barba mui levantada, ſem lhe mudar de bocado
lhe mando acrecentar ao comprimento das cambas, dandolhe ma-
yor queda, & volta para o peſcoço, & peito do cavallo, & ſe ve-
jo que encapota, & mete muito a barba ao peito, mandolhe encur-
tar mais as cambas, & aperto hum ello na barbella, com que ficaõ
remedeados eſtes deffeitos.

Logo depois que vejo que o potro com as forças vai toman-
do toda a coragem, & eſtà já vigoroſo, & na perfeiçaõ de ſua ida-
de, puxando muito do freyo, ou ſaindoſe nas voltas, & na car-
reira, & que moſtra jà os effeitos proprios de ſua natureza, trato
de o enfrear com propriedade, conſórme a ella, & às feiçoẽs, &
defeitos, que moſtra, tendo por certo que naõ ha cavallo algum,
que naõ ſeja capaz de ſe enfrear, porque como eſte animal foy cria-
do para o ſerviço do homem, ſeria improprio de ſervir, ſendo in-

capaz

capazes de enfrear, & que o acharemſe muitos desbocados, & ſem obediencia, ao freyo he ſómente procedido de naõ ſaberem entender, como ſe devem enfrear, nem donde nace eſte defeito.

Para que primeiro he neceſſario, que ſe aja entendido que ſaõ muitas as couſas, porque os cavallos não enfreaõ, as quaes hirey relatando, & que naõ he ſó da boca, como alguns Authores erradamente imaginaràõ. Porque os cavallos huns naõ enfreaõ, ou enfreaõ mal pela condiçaõ de ardentes, & deſeſperados, outros pela de lerdos, & pouco ſenſiveis; outros pelo peſcoço ſer groſſo, & carnudo junto às queixadas, outros por terem os oſſos da ganacha, ou queixos mui eſtreitos, & chegados hum ao outro, com que o cavallo naõ pòde meter o peſcoço entre elles para recolher a cabeça, outros porque tem eſta meſma ganacha taõ larga, & aberta, que tendo alli o peſcoço, & garganta delgados, recolhem tanto a garganta entre as queixadas, que lhe impede a reſpiraçaõ, de que a eſtes nace ordinariamente eſpaparem algumas vezes, & darem para cima cabeçadas, outros de terem a taboa do peſcoço muito comprida por cima, & muito curta por baixo, de que lhes nace trazerem a barba muito baixa, & arcada para os peitos, outros de terem a cabeça taõ grande, carnuda, & pezada, que naõ podem trazer armada, & levantada em alto, outros por terem a barba mui dura, outros pela terem muito eſcarnada, outros por terem a lingoa muito groſſa, que naõ deixa aſſentar o freyo, outros, que por terem alingoa mui comprida a redobraõ no freyo, & ſorvem para cima, tirando-o dos aſſentos, outros porque dobraõ os beiços para dentro ſobre os aſſentos, ficando o freyo em cima delles, com que naõ recebem o ſentimento neceſſaro, outros porque os aſſentos por ſy ſaõ naturalmente duros, & de pouco ſentimento, outros porque ſaõ taõ doces, & doridos delles que em ſe tocando o freyo, ſe derribaõ todos para traz, naõ dando lugar a que ſe poſſa pegar, & affirmar na redea, outros porque daõ em vicios procedidos ordinariamente de ruins maõs, como ſaõ andarem ſempre tranſtornando o freyo, metendo huma, ou outra camba na boca, fazendo theſouras, deitando a lingoa fóra, ſopeſando o freyo, torcendo a ca-

beça

beça para eſta, ou aquella parte, dando focinhadas adiante, & outros mais vicios, ſem ſe ajuſtarem, nem tomarem firmeza de roſto, para cujos deffeitos hiremos dando os remedios, & declarando-os o melhor que for poſſivel; ſupoſto que o olho, o bom diſcurſo, & diſpoſiçaõ do cavalleiro ſeja o principal para ſaber conhecer os erros, & applicar os remedios.

CAPITULO XXI.

De como ſe devem enfrear, & remediar os cavallos, que por fogoſos, ardentes, & eſquentados, naõ enfreaõs

NAõ enfreaõ alguns cavallos, que ſaõ eſquentados, & ardentes da boca, porque ſendo naturalmente fogoſos, com a muita payxaõ perdem o tino, & ſentimento, & como deſeſperados fogem, & ſe deſpenhaõ, ſervindolhes entaõ o puxar da redea, & moleſtia do bocado mais, de eſpòras para fugirem, que de freyos para os ſogeitarem.

Eſtes cavallos os ajuſta mais a boa tempera de maõ, do que o rigor dos freyos, & que o cavalleiro os naõ meta em deſeſperaçaõ com ſofreadas, ou fortes eſporadas, de que eſtes taes poucas vezes neceſsitaõ, dandolhes penſos freſcos, & naõ ſopas de vinho, & outros ſuſtentos fortes, que lhe acreſcentaõ o calor.

A eſtes naõ convem freyos de aſſento fixos, porque como o temor os enfrea mais, do que o rigor, naõ ha de aver couſa, em que os aſſentos peguem com firmeza, para o que he conveniente hum freyo de quatro cadeaſinhas, cheyas todas de coſcos, & aneis lizos, as cambas compridas, mas de ſorte que o cavallo as naõ poſſa pòr no peito, ſe elle for mui recolhido, que entaõ ſeràõ curtas, & direitas, a barbella groſſa, & poſta em ponto largo, & deve a maõ andar ſempre leve, & naõ aferrada. E quando o cavallo tomar muita payxaõ, & ſe enfadar, ſerâ neceſſario irlhe bracejando a redea, com que ſe irá logo ajuſtando, & ſe correndo,

do, ou voltando se sair, ou se alargar. he remedio efficaz largarlhe a redea toda, para logo lha tomar de repente, com que pàraõ, & andaõ temerosos, & obedientes sem nenhuma outra violencia.

CAPITULO XXII.

Como se devem enfrear, & remediar os cavallos, que por froxos, pesados, & de pouco sentimento naõ enfreaõ.

OS cavallos lerdos, pesados,& de pouco sentimento nunca podem enfrear muito airosos, porque como saõ de pouco animo, & espirito, sempre andaõ tristes, & desconsolados. Convem a estes, freyos que os espertem cõ montada alta, & sem dobradiça, meloẽs grossos,& arrayados, cambas compridas,& naõ mui revoltas, barbella de ellos torcidos, & delgados. Querem a maõ mais viva, & aspera, para andarem mais recolhidos, leves,& cuidadosos, & tambem os ajuda muito a que tragaõ o rosto levantado, a espora, que os esperte.

CAPITULO XXIII.

Como se devem enfrear, & remedear os cavallos, que por muito doces, & brandos de boca, a que chamaõ (boqui molles) naõ enfreaõ.

OS cavallos mui doces de boca, & que nella saõ muito sentidos, a que chamaõ (boqui molles) sam aquelles, que com qualquer minima sofreada, ou escandalo, que se lhe faça na boca, ou seja estando nelles a cavallo, ou tendo os o lacayo pela redea, se levantaõ, ou deixaõ cair para tràs, & andando com freyos, que os moleste, nem anda seguro o cavalleiro de poder cair com elle, nem he senhor de si com o temperilho, & movimento da redea. Estes se enfreyaõ facilmente com hũ bocado leve de cubos grossos, q̃ peguem cõ dobradiça hum no outro, vazios por dentro, para que sejaõ leves,

mui

muy lizos; com huma cadeasinha acima delles, cuberta de coscos lizos, barbella de ellos grossos, & lizos, tudo isto na medida da boca, para que naõ ande transtornando, & por isso naõ ha de andar a barbella froxa, que faça mover muito as cambas, que haõ de ser delgadas, & leves nas pontas.

CAPITULO XXIV.

Como se devem enfrear, & remediar os cavallos, que por terem o pescoço muito grosso junto âs queixadas, naõ enfreaõ.

HA alguns cavallos, que tem o pescoço muito grosso, & carnudo junto às queixadas, taõ juntas huma da outra, que supposto que tenha o cavallo bom temperamento de boca, & inclinaçaõ, lhe naõ he possivel meter a cabeça por naõ poder recolher o pescoço entre as duas queixadas. Para estes o melhor remedio he tirarlhes de hũa, & outra parte aquella carne grossa, que faz este impedimento, o que se faz com muita facilidade, sendo alveitar esperto, cujo methodo se poderà ver ao diante no Tratado da Alveitaria cap. 40. com que ficará logo remediado, porque todas as demais cautelas para este deffeito saõ inuteis.

CAPITULO XXV.

Como se devem enfrear, & remediar aos cavallos, que por terem a cabeça muito grande, & pezada, naõ enfreaõ.

ALguns cavallos ha, que tem a cabeça taõ grande caranadura, & pezada, que naõ a podem levantar, & trazer armada como convem, & com este deffeito naõ só parecem mal, mas tambem daõ grande molestia, enfado ao cavalleiro, pelo pezo, com que carregando no freyo lhe cançaõ o braço, por onde disse hum cavalleiro com muita graça indo em hum cavallo destes, a hum seu amigo, que lhe preguntou, para donde marchava? Amigo, vou le-

var

vat a cabeça deste meu cavallo a Viana.

Estes querem os freyos com montadas altas, & carretilha no alto della, a barbella de ellos oitavados, com quinas vivas, & pegada no alto do olho da camba, que serão curtas, & sobre tudo trazellos muito tempo sobre o cabeçaõ, para se affirmarem alto, lhe remedea muito este deffeito, & trazendolhe depois com o freyo só, a maõ aspera; & levantada, avivando-o muitas vezes cõ esporas.

CAPITULO XXVI.

Como se devem enfrear, & remedear os cavallos, que por terem o pescoço muito comprido por cima, & muito curto por baixo, naõ enfreaõ.

MUytos cavallos ha, que pelo alto da taboa por donde vaõ as crinas, tem muito comprimento, & pela parte de baixo do peito atè as queixadas saõ muito curtos, de que lhes nace trazerem a barba muito baixa; & o pescoço arcado para os peitos, a que chamaõ encapotados, & por mais variedades de freyos que se queriaõ excogitar, se naõ podem nunca levantar, com que armem bem airosos. Com tudo muito se emenda este defeito, com lhe porem freyo de cambas curtas, sem volta, alto de montada, & com tres perinhas penduradas nella, porque querendo-as alcançar a lingoa, vaõ levantando mais o rosto, os assentos dos melcẽs compridos, & a barbella leve, & de ellos lizos. & sobre tudo a maõ alta, & adiante, & naõ bastando estas prevençoens, se fará huma bolla de paõ leve, como huma laranja, & furada pelo meyo, se meterá nella hum cordaõ ou correa, que aperte debaixo do freyo por detraz das orelhas, com que fique a bola debaixo da ganacha, entre o pescoço, & as queixadas, porque com este remedio naõ podem meter a barba nos peitos, & assim se enfreya melhor, & mais levantado.

CAPITULO XXVII.

Como ſe devem enfrear, & remedear os cavallos, que por terem o peſcoço muito delgado, & a garganta, metendo muito a cabeça tomaõ a reſpiraçaõ, & naõ enfreaõ.

HA alguns cavallos, que tem a ganacha, & oſſos das queixadas taõ largos, & apartados hum do outro, que tendo juntamente o peſcoço alli, & a garganta eſcarnada metendo muito a cabeça, ſe recolhe tanto a garganta entre a ganacha, que lhe empede o tomar da reſpiraçaõ, de que nace ordinariamente darem cabeçadas para cima, & para diante, & eſpaparem, tudo a fim de quererẽ reſpirar, & valerſe dos alentos, os quaes trazendoſe oprimidos, & apertados de redea ſuaõ, & canſaõ muito com qualquer trabalho violento; porque naõ reſpirando bem ſe affogaõ mais depreſſa.

O remedio para eſtes, he porlhes freyos brandos, que os naõ temaõ muito, & trazelos ſempre em ponto largo de redea, & com maõ firme. E ſe nem aſsim baſtar, he bom remedio porſelhes huma correa, que debaixo da teſteira do freyo venha dar volta por o redor da ganacha, & vá pegar da outra parte da teſteira, que ficando teza lhe impedirá o recolher a garganta, com que ficará eſte deffeito de todo remedeado.

CAPITULO XXVIII.

Como ſe devem enfrear, & remedear os cavallos, que por terem a barbada muito carnoſa, naõ os caſtigando a barbella, naõ enfreaõ.

MUytos cavallos tem a barbada, que he o lugar aonde aſſenta a barbella tam groſſa, & carnuda, que ſó trazendo aquelle lugar ferido, & chagado ſe enfreaõ. Com tudo nam he baſtante iſſo, para que os firamos primeiro que nos ajamos de ſervir delles.

Com quẽ ſe coſtuma remedear eſte deffeito, pondolhe o mayor vigor do freyo dentro da boca, para que com menos reſiſtencia da barbella ſe ſogeite.

Os freyos para eſtes taes cavallos ſe querem de meloẽs redondos, & que andem bem ao redor, & de montada inteiriça, as cambas altas no que vai do aſſento para cima, a barbella groſſa, liza, & redonda, as cambas nã̃o mui compridas, ſalvo ſe o cavallo levantar muito o roſtro.

CAPITULO XXIX.

Como ſe devem enfrear, & remediar os cavallos, que por terem a mui eſcarnada a barbada, & beiços nã̃o enfreaõ.

HA tambem cavallos tam delgados dos beiços; & eſcarnados de barbada, que cõ pouca força de redea ſe laſtimaõ muito, recebendo alli grande dor, por naõ aver entre a barbada, & oſſo carne alguma. com que reſiſtiaõ á violencia da barbella, & com eſte ſentimento ſe não acomodaõ aos manejos da redea, porque a dor grande os diverte de entenderem o que lhes mandaõ com a redea para eſta, ou aquella parte. *Eſte* inconveniente he facil de remedear, para os trazer ſaborоſos, com lhe pór freyos de meya montada aſſentos de meloẽs oitavados, leves, & de cambas delgadas nas pontas, & voltadas, barbella de ellos lizos, redondos, & groſſos.

CAPITULO XXX.

Como ſe devem enfrear, & remedear os cavallos, que por terem a lingoa muito groſſa, naõ enfreaõ.

HA cavallos, q̃ tem a lingoa em taõ grande extremo groſſa, & carnuda que ficando mais levantada, que os aſſentos, naõ deixa aſſentar nelles o freyo em ſeu lugar, ficando levantado dos lados, com o que ſe anda balanceando para huma, outra parte ſem aſſentar, & naõ tomando firmeza, naõ recebe o cavallo obediencia.

Este inconveniente se remedea, com se lhe pôr freyo de montada larga, com dobradiças nos pès della; os assentos grossos, & altos dos que chamaõ de tambor, barbella torcida em ponto largo, cambas compridas. E se isto naõ bastar para que a lingoa caiba livre, sem resistir ao freyo, se usará de outro de meya montada, que nos pès della aonde chegaõ os meloẽs, ou tambores, q̃ haõ de ser muito curtos, tenha huma queda para cima, para que alingoa fique alli livre, & naõ empida que os tambores dos assentos, assentem em seu lugar, com que ficará o cavallo sogeitandose ao freyo, sem lhe servir de empedimento o effeito da lingoa grossa.

CAPITULO XXXI.

Como se devem enfrear, & remediar os cavallos, que por terem a lingoa muito comprida a trazem de fóra, ou revolvendoa ao bocado o sobem acima, & naõ enfreaõ.

CAvallos ha, que tem a lingoa tam comprida, que voltaõ a ponta della por baixo do freyo para cima, & tirando-o dos assentos naõ he possivel ajustarense, nem obedecerem como convem, & outras vezes deitaõ a ponta da lingoa fòra, trazendoa dependurada, que he deffeito mui feyo, & que parece malissimamente.

O erro do sorver o freyo para cima, se remedea facilmente com se lhe applicar de montada alta, & com travessas de coscos, que venhaõ do alto da montada pegar na camba acima do lugar dos assentos, o bocado justo, & a barbella de tres ellos, ou fuzis sómente, compridos os dous das bandas, & curto o que assenta no meyo da barbada, & que ande justa, & firme, as cambas compridas, & bem voltadas para os peitos, & assim para este deffeito, como para o de trazer a lingoa de fóra, he o melhor remedio cortarle aquella parte, & comprimento della, que parecer superfluo, que sem risco algum se faz com facilidade pelo modo que se pòde ver no Tratado da Alveitaria capit. 21. advertindo

indo q̃ muitas vezes ſe coſtuma remedear eſte deffeito nos prin-
ipios, quando os cavallos começaõ a moſtrar eſte vicio, ſómente
om aver cuidado de lhe dar com hũa vara na meſma lingoa quan-
lo começaõ a deitala fóra: pelo que ſempre ſe deve recorrer pri-
meiro aos mais faceis remedios.

CAPITOLO XXXII.

Como ſe devem enfrear, & remediar os cavallos, que metendo o beiço de baixo do aſſento do freyo, & naõ recebendo entaõ ſentimento, naõ enfreaõ.

COmo os freyos por brandos que ſejam, ſam ſempre mo-
leſtos aos cavallos, lhes fazem buſcar naturalmente to-
do o remedio para que ſe aliviarem daquella opreſſam.
Ha alguns cavallos que ſe valem de meter parte do beiço
entre o freyo, & aſſentos das gengivas, por ſer aquelle
mais duro, & ter mayor reſiſtencia do que eſtes, & aſſentando o
freyo ſobre os beiços ſenaõ enfrea, nem ſogeita o cavallo. Para o
que he ſó remedio efficaz, o freyo de cubos, naſcendo do principio
delles huma paleta de ferro do comprimento de tres dedos, & me-
nos, atraveſſados, de largura de huma face eſtreito, & da groſſura
da cota della mui liza, & nedea por huma, & outra parte, a qual
vem a ficar entre o beiço, & a gengiva, ſem que moleſte a eſta, nem
aquelle. E eſte remedio eſcuſa humas ſubarbadas de cordas quebra-
diças, & moleſtas ao cavallo, que alguns Authores, como Pedro de
Aguilar, & outros, a conſelhaõ. As cambas devem ſer direitas, a
barbella juſta com que ficará o deffeito de todo remedeado, naõ ſe
podendo valer o cavallo do tal vicio.

CAPITULO XXXIII.

Como ſe devem enfrear, & remedear os cavallos; que por andarem ſempre tranſtornando o freyo na boca para huma, & outra parte, & ſem tomarem firmeſa, naõ enfreaõ.

HA hum vicio, em que daõ muitas vezes os cavallos procedidos ordinariamente de roins maõs, & de naõ aver nellas a firmeza, & temperança neceſſaria, que he andarem ſempre tranſtornando o freyo para huma, & outra parte, ſem ſe ajuſtarem, nem affirmarem o roſtro. Eſtes querem freyos de aſſentos fixos, & lizos, com duas cadeaſinhas de coſcos acima delles, para que tomem goſto, & firmeza na boca, & ſem montada, juſto o bocado, a barbella firme, de ellos outavados, & retorcidos, & naõ muito groſſos, para que a moleſtia da barbella o devirta da inquietaçaõ da boca, as cambas curtas, & groſſas, & ſobre tudo a boa maõ firme ſempre, & em ſeu ponto conveniente.

CAPITULO XXXIV.

Como ſe devem enfrear, & remedear os cavallos, que por meterem huma, & outra camba na boca, & as andarem ſempre buſcando com o beiço, naõ enfreaõ.

HE vicio muitas vezes achado nos cavallos, darem em ſe defender da ſogeiçaõ do freyo, com buſcarem huma, & outra camba com o beiço atè a colherem nos dentes, & alguns ainda deſte vicio paſſaõ a peyor extremo, que he poremſe em fugida tanto que aſſim as apanhaõ. E com ſer eſte hum deffeito dos peyores, que pòde aver, ſe remedea com muita facilidade, ſó com qualquer freyo de Brida, porque naõ ſendo ainda mui confirmados no vicio, coſtuma baſtar para o evitarem trazerlhe no freyo copos redondos, largos, & pegados cõ pès curtos.

Po-

Porèm os cavallos, que forem já mais confirmados neſte vicio, ſe lhe poem humas traveſſas no lugar dos copos, cruzadas com outras nacidas da meſma camba, mais abaixo tres dedos, mui bem lavradas, que pareçaõ guarniçaõ do meſmo freyo, com que naõ podendo o cavallo abranger, ſem colher de lado as taes traveſſas, ſe deſengana logo de poder alcançar a camba, com que ſe vem a ajuſtar, & tomar firmeza no enfreamento.

CAPITULO XXXV.

Como ſe devem enfrear, & remedear os cavallos, que por trazerem ſempre a boca aberta, & fazendo com ella teſoura, naõ enfreaõ.

HA huns cavallos, que tem a boca muito raſgada, a q̃ chamaõ (boca de ganço) & como o freyo puxa pelo queixo de baixo, a trazem eſtes ordinariamente aberta, fazendo theſoura com ella para huma, & outra parte, & he deffeito eſte bem difficultoſo de remedear, como o achàraõ ſempre todos os antigos, & modernos. Vemos com tudo que alguns ſe remedeaõ com freyos de montada alta, & barbella apertada, que naõ volte a mõtada a tocarlhe no padar, cambas curtas, maõ doce, & temperada, que aqui importa muito. E quando aſſim ſe naõ remedee ſó a barbella de focinheira, de que ſe faz menção no cap. 42. o fará trazer a boca fechada, & naõ fazer teſoura.

CAPITULO XXXVI.

Como ſe devem enfrear, & remedear os cavallos, que por terem a boca muito pequena, a q̃ chamamos (boca de coelho) naõ enfreaõ.

HA tambem cavallos, de tam pequena boca, & tam pouco raſgada a que chamaõ (boca de coelho,) que naõ ſe podem enfrear com os freyos ordinarios, porque pondoſelhe o freyo adonde acaba o raſgado da boca

boca, fica ſobre os dentes, & ſe os queremos pôr ſobre o lugar proprio dos aſſentos, naõ cabe o freyo, ou ficaõ os beiços nos lados levantados para cima, com diſſabor, & deſgoſto do cavallo.

Com hum de dous modos ſe coſtuma remedear eſte deffeito. O primeiro he, pondolhe hum freyo de meloẽs compridos, & delgados, com hum fio de coſcos meùdos acima junto delles, barbella groſſa, & liza, cambas curtas. O ſegundo, & mais efficaz he raſgarlhe a boca dos lados, que ſe faz na fórma, que dizemos adiante no Tratado da Alveitaria capitulo 21. & com eſte meyo ſe lhe ajuſtarà o freyo nos aſſentos proprios, ſem difficuldade alguma.

CAPITULO XXXVII.

Como ſe devem enfrear, & remedear os cavallos, que por andarem ſempre dando cabeçadas para cima, & para baixo, naõ enfreaõ.

MUytos cavallos ha, que de vicio, & de ſerem coſtumados com ruins maõs, andaõ continuamente dando cabeçadas para cima, & para baixo, ſem quererem ajuſtarſe, nem pòr o roſtro firme, intentando livrarſe, & facudir da boca aquella molleſtia, que lhe daõ os freyos. Para eſtes convem freyos firmes, & que naõ balancem, de cubos lizos, barbella de ellos groſſos, & grandes, em ponto juſto, cambas curtas, com cadeaſinhas dellas para o meyo da barbella, ajuſtadas, para que naõ balancem as cambas, & ſobre tudo maõ firme, & em ponto baixo, & naõ baſtando iſto, ſe uſará do cabeçaõ alguns dias, que o fará tomar firmeza, & ſegurança do roſtro.

* * * * *
* * * *
* *
*

CAPITULO XXXXVIII.

Como ſe devem enfrear, & remedear os cavallos eſpapados, que por trazerem a boca, & roſtro levantado para cima, nāo enfreārō.

OUtro deffeito ha nos cavallos que chamāo eſpapar, que os Caſtelhanos dizem (eſtrelleiros) que andāo ſempre com a barba levantada para diante, & com os olhos para a Eſtrellas. Eſtes tomāo eſte vicio para ſe defenderē da moleſtia, que lhe faz o bocado, & a barbella, & com o muito levantar da cabeça ao puxar das redeas, ſe lhe eſcoa do lugar proprio o bocado dos aſſentos, & a barbella os nāo caſtiga. E nāo ſó tem o erro de andarem deſabridos, & deſcompoſtos, mas tambē andāo ſempre occaſionados a cair por nāo verē donde poem os pès. Eſte deffeito he mais difficultoſo de remedear no uſo da Gineta, do que com os freyos da Brida, cō os quaes ſe remedea logo, pondolhe hum freyo de cubos groſſos, & lizos, & duas cadeaſinhas acima, cheas de coſcos, a barbella groſſa, & liza, poſta em ponto largo, as cambas bem compridas, & derribadas para o peito, a māo ſempre baixa, & firme, & tambem ajuda muito a que o cavallo ſe vá ajuſtando, affirmando, & recolhendo, o trazer a vara, ou bengala atraveſſada ſobre as crinas, & as redeas por baixo della. E quādo com eſtes meyos ſe nāo recolha de todo, o fará infalivelmente, trazendo-o com o cabeçāo primeiro por algūs dias atè ſe deſenganar, & affirmar de todo.

CAPITULO XXXIX.

Como ſe devem enfrear, & remediar aos cavallos, que por trazerem a cabeça torta para huma banda, nāo enfreāo.

OUtro vicio ha muito feyo, & deſcompoſto nos cavallos, que he trazerem a cabeça torta para huma das partes, alguns a trazem torcida para a direita, & para a eſquerda outros, com que nam ſó andam deſairoſos, &

& mal compoſtos, mas tambem naõ podem obrar ás cavallarias, como convem.

Muitas vezes ſe coſtumaõ remedear, & concertar eſtes cavallos com lhes torcerem alguma couſa ás cambas, para a meſma parte, para onde trazem a cabeça torta, trazendo as redeas iguaes, & naõ ſe concertando lhe torçaõ ſómente a camba da meſma parte, encurtando mais a redea da parte contraria, picando com a eſpôra do outro lado, & baſtando iſto lhe faràõ freyo, que tenha da meſma parte para onde inclina o roſtro, hum melaõ no aſſento outavado, groſſo, alto, redondo, & a camba da meſma parte tambem groſſa, & pezada, & da parte cõtraria hum cubo lizo, & leve, & tambem a camba leve, que com iſto ſe remedeará; & quando naõ baſte ſe recorrerà ao cabeçaõ, que o fará indireitar efficazmente.

CAPITULO XXXX.

Como ſe devem enfrear, & remedear os cavallos, que por trazerem a boca ſempre ſeca, & aſpera, naõ enfreaõ.

CAvallos ha, que naturalmente trazem ſempre a boca ſeca, & aſpera, ſinal infalivel de naõ andarem goſtoſos do freyo, & ainda que alguns andem ſogeitos, & obedientes a elle, naõ obraõ as cavallarias com a alegria, & concerto, com que o fariam trazendo freyos, de que goſtaſſem.

A eſtes ſe devem pôr freyos de meyas montadas, cheyas todas de coſcos, & no meyo do alto della tres perinhas pendentes, os aſſentos lizos, & que andem bem ao redor, as cambas groſſas em cima, & bem delgadas embaixo, o bocado todo de ferro de calidade branda, a maõ ſempre movente, com que virá o cavallo logo a fazer eſcuma, & tomar goſto do freyo, andando juntamente ajuſtado, & mais alegre.

CAPITULO XXXXI.

Como ſe devem enfrear, & remediar os cavallos, que por terem os lugares dos aſſentos da boca, & da barbada caloſos, & endurecidos, nãõ enfreaõ.

ALguns cavallos ha, que pelo muito uſo dos freyos, variedade delles, & diverſidade de mãos aſperas vem a criar taõ grandes callos, & durezas nos aſſentos, & tambem na barbada, que reſiſtem a toda a força dos freyos mais fortes, ſem receberem ſentimento algum. E porque eſte he hum grande erro, & deſcomodidade, & torna os cavallos incapazes de todo o ſerviço, naõ ſe podendo ninguem ſervir delles com ſegurança de ſua peſſoa, ſe deve acudir com remedio mais efficaz a eſte deffeito. E deixando alguns incertos, & duvidoſos, direy o mais efficaz, & infalivel, que he, cauterizarſelhe toda aquella calloſidade, aſſim dos aſſentos, como da barbada, que ſe fará na fórma, que ſe achará receitada no Tratado da Alveitaria cap. 25. com q̃ ficará ſem a incomodidade dos cavallos, enfreãdo como convem.

CAPITULO XXXXII.

De dous remedios particulares para os dous deffeitos em geral mais ordinarios, que ſaõ; cavallos muito duros de boca, & muito molles della.

ALem do q̃ temos dito em particular nos capitulos atrás ſobre os diverſos enfreamentos dos cavallos, direy em geral dous infaliveis, para os dous deffeitos communs, & univerſaes, que mais ordinariamente ſe achaõ, hum para os cavallos, que fogem, & naõ obedecem ao freyo, por qualquer cauſa, que ſeja, aſsim de natureza, como de reſabio ou dureza; & outro para os que pelo contrario ſam tam boquimoles, & doces, & medroſos dos freyos, que naõ andaõ nem obraõ, nem ſe ajuſtaõ com medo delles.

Para

Para os que fogem, & naõ obedecem aos freyos, he efficaz remedio porlhe hum canhaõ de montada inteira, com peras penduradas do alto della, meloẽs, groſſos, movidiços, & outavados, barbella groſſa outavada, & torcida, cambas compridas, & fortes, & ſe as puzer no peito; curtas, & direitas, & naõ baſtando o freyo aſſim ſómente, ſe porà nelle huma barbella de cordaõ que he neſta fórma.

Farſeha hum cordaõ de ferro de quinas vivas, torcido, de medida de hum palmo, que tenha mais groſſura nas pontas, para que batidas ſe lhe faça hum furo em cada huma, nos quaes ſe haõ de pegar humas cadeaſinhas, como barbellas, & o cordaõ ſe ha de dobrar à medida do focinho do cavallo, & no freyo ſe haõ de pôr dous ganchos, como o da barbella ordinaria, cada hũ de ſua parte, ſem outra barbella, & entaõ ſe pega huma deſtas cadeas no gancho da parte direita, & logo ſe traz por baixo da barbada a dar volta pela parte eſquerda, & acomodando o cordaõ ao redor do fucinho por baixo da focinheira, venha a pegar a outra cadea ao outro gancho do freyo, que eſtá da parte eſquerda, com que fique mui bem ajuſtada, & vem aſſim a ficar duas barbellas ſobre a barbada, & por diante o cordaõ, o qual ſe póde alargar, ou apertar pelos meſmos ellos das cadeas, he remedio eſte, com que naõ he poſſivel fugir o mais indomito, & desbocado cavallo, porque quanto mais puxa, ou quer abrir a boca, mais ſe aperta, & atormenta, como a experiencia me tem moſtrado muitas vezes.

Para o outro deffeito, que he pelo contrario, ſe lhe porá freyo, de ferro brando, muito leve, os aſſentos de cubos groſſos, lizos, redondos, cõ duas cadeaſinhas de coſcos lizos, barbella de ellos groſſos, & lizos, cambas leves, & revoltas, & ajuſtado no tamanho da boca, porque naõ ande batendo, & ſe andar com a boca eſcandalizada, ſerá bom trazerlhe, alguns dias em todo o ferro, que anda dentro da boca embrulhadas, humas eſtrigas com mel, como diſſemos ſe avia de fazer aos potros, embrulhando na barbella hum couro brando engraxado atè que de todo và tomando ſegurança.

CAPI-

CAPITULO XXXXIII.

Advertencias geraes, & muito neceſſarias ſobre o enfreamentos dos cavallos.

NAõ obſtante o que temos dito nos capitulos atraz ſobre os remedios de cada hum dos deffeitos dos cavallos em particular, he neceſſario que juntamente ſe advirtaõ algumas couſas, que em geral convem ſaberenſe. A primeira he, que ſupoſto que alguns cavallos naõ enfreem logo bem com os freyos fortes, convenientes aos ſeus deffeitos, nem por iſſo, ſe lhe ha de pôr logo o brando, deſconfiando de que naõ enfreya, porque com algum uſo delle, ſe vem a compor, & ajuſtar, fazendolhe ſe for neceſſario acrecentar, ou diminuir algũa couſa naquillo, de que ſe achar que pòde proceder o deffeito. E da meſma maneira ao brando; & doce de boca, ſe lhe naõ deve pôr freyo forte ainda que naõ moſtre logo andar ajuſtado com aquelle, q̃ he conformado aos ſeus deffeitos, compondolhe antes neile o q̃ parecer neceſſario. E aſſim ſe deve entender em todos os de mais.

He neceſſario, que ſe advirta, que ſupoſto que hum cavallo mal enfreado, & duro de boca enfree bem com qualquer freyo, que ſe lhe prove (naõ lhe ſendo, conforme razaõ conveniente) que nem por iſſo lhe ficará ſervindo ſempre bem; porque ordinariamente todo o de mao enfreamento ſe ſogeita, & ajuſta grãdemente a qualquer freyo, que de novo ſe lhe ponha as primeiras vezes, porque o eſtranhalo, & o naõ entender ainda os movimentos delle, & da redea, o faz andar temeroſo, & obediente, porèm depois que o coſtuma, & ſenhorea, ſe zomba delle, & fica peyor que dantes. E por eſte principio que a experiencia tem moſtrado ſer certo, ſe pòde inferir o quanto errãõ aquelles, que dizem: Eu porei tantos freyos ao meu cavollo atè que lhe acerte hum, que lhe convenha, fazendo-os com eſta variedade deſabrir, & deſcompor totalmente.

He neceſſario mais que aja advertencia, em que os freyos todos,

dos, de que temos tratado, ſejaõ feitos pela propria medida da boca do cavallo, ajuſtado de ſorte, que os aſſentos fiquem poſtos ſobre o ſeu lugar proprio, & ſempre ſe acomodam melhor juſtos, & firmes, do que largos.

Tambem ſe deve advertir que o ferro, de que os freyos geralmente forem feitos, ſeja de calidade branda, & muy bem deſtemperado, excepto as cambas, que naõ importa ſerem duras.

Tambem he conveniente q̃ os cavallos em quanto ſe naõ ajuſtão de freyo firme, & ſeguro, ſe naõ ande nelles variando de maõs, porque os diverſos movimentos os perderàõ de todo.

Mais ſe deve reparar em que todas as montadas, ou meyas montadas, de que nos capitulos atraz faço mençaõ, naõ deve ſer alguma com dobradiça no alto della, como ſe uſam em muita cantidade de freyos, & eſpecialmente neſtes que vem de França, porque os cavallos, que ſe enfream com elles, muito melhor enfreariaõ com qualquer outro porque ha cavallos como vemos de tam boa natureza, que com huma corda na boca obram todas as cavallarias do manejo, & ſe aſſim naõ fora, por couſa impoſſivel, tenho que ouveſſe cavallo, a que os taes freyos podeſſem trazer enfreados, porque alèm do que vejo com a experiencia, & moſtra mui bem a razaõ, mal pòde enfrear com firmeza, & ſegurança o freyo pegado no alto da montada com ello, ou dobradiça, o qual metido, & poſto na boca do cavallo naõ ha mais que ver, porque a montada eſtá direita, & os aſſentos poſtos, & iguaes em ſeu lugar, porèm tanto que o cavalleiro puxa pela redea, abre em cima a montada, & os aſſentos ſe apartam, & tiram de ſeu lugar, & vem caindo ſobre as gengivas, & beiços para a parte de fora, & ſe o cavalleiro puxa a redea para huma, ou outra parte corre logo hum dos aſſentos para fóra da boca, ficando a abertura da montada no aſſento, & ella aberta toda como ſe pòde com a experiencia ver. Pelo que eſte modo de freyos he inutil para todo o cavallo, & naõ aconſelho em nenhum caſo, advertindo que as montadas, & meyas montadas de que fallo, haõ de ſer de duas dobradiças, ou torneis, cada huma em ſeu pè da montada, & que façaõ a voltas ſempre antes para cima ao direito dos tolanos, ou pa-

da

dar da bòca, do que ſobre a lingoa. E para que mais facilmente, & com menos deſpeza ſe poſſaõ remediar, & emendar as faltas, ou deffeitos do freyo, ſerà ſempre bom uſar daquelles de perafuſos, com que ſe tiraõ humas embocaduras, & poem outras, conſórme he neceſſario ao deffeito, ou vicio do cavallo, & ainda as cambas dos meſmos perafuſos ſe alargaõ, & encurtaõ o que he neceſſario; hoje ſe fazem mui bem, & muito leves todos eſtes freyos neſta Villa de Ponte de Lima, donde ſe mandaõ ir de muitas partes deſte Reyno, & ainda da Corte, como tambem as ſellas de Brida bem armadas, ou ſeja pelo primor dos officiaes, ou pela curioſidade de quem as manda fazer.

CAPITULO XXXXIV.

Como devem ſer as ſellas de Brida, ſellotes de campo, & mais arreyos.

A Couſa mais eſſencial, & neceſſaria para a perfeiçaõ, & fortaleza da cavallaria; he o bom feitio, & proporçaõ da ſella de Brida, & mais jaezes, como alicerſe, & fundamento, ſobre que ſe aſſegura, & vai fundada toda a obra da cavallaria, porque em ſer a ſella ajuſtada, & armada de ſorte, que per ſy meſmo dè boa cavallaria, conſiſte ametade da boa poſtura do cavalleiro.

Ha muitas diverſidades de ſellas de Brida, porque cada qual as manda fazer conforme ao ſerviço, para que lhe ſaõ neceſſarias. Deixando à parte as de que ordinariamente ſe ſervem os Clerigos, Frades, & homens de negocios, que he neceſſario ſerem acomodadas para malas, alforges & coxins. As melhores para o campo, para a caça, & para as jornadas ſaõ os ſellotes razos, que chamaõ de campo; eſtes ſe devem fazer ſem borrenas, mais que as pequenas de diante, compridos, leves, largos atraz, & mui bem eſtofados; & ſendo eſtes bem feitos coſtumaõ dar taõ ſuave, & ſegura cavallaria, que as peſſoas, que andam habituadas nelles; obram com tanta ſegurança todas as cavallarias

rias nos meſmos, que eſcuſaõ as outras ſellas mais ſeguras, & tem comſigo aquella grande ſuavidade de montar, & deſmontar taõ facilmente, neſtes meſmos ſe poem tambem argolas atraz para as malas, & paſſadores diante para os coldres.

As principaes, & proprias ſellas da cavallaria de Brida, ſam as de quatro borrenas, das quaes as duas de diante haõ de ſer direitas abaixo, & naõ eſcoadas para diante, como alguns fazem, com que lançaõ as pernas, & pès aos peitos do cavallo, haõ de ſer tezas, delgadas, eſtofadas pela parte de dentro da ſella, poſtas, & pegadas para melhor ſegurança ſobre o vaſo de diante.

As borrenas de detraz, naõ haõ de ſer nas pontas debaixo eſcoadas para diante, como muitos as fazem, que he grande deffeito, mas devem ſer direitas abaixo, & a ponta de detraz, que fica para a parte das verilhas do cavallo, ha de aſſentar ſobre o vaſo de traz, & entre humas, & outras borrenas, nem ha de aver tanto aperto, que a perna ſe naõ revolva livremente, nem tanta largueza que ſe naõ ajuſte. Entre hum, & outro arçaõ deve aver o eſpaço largo, para que o corpo ande alli bem livre, & ha de ſer mais alto o de diante, porèm naõ muito, ſalvo for aſſim neceſſario para emendar o erro de algum cavallo baixo das maõs. O coxim naõ ha de ſer muito eſtofado junto à maçaneta, porque aſſim cae o corpo na ſella melhor, & mais direito.

O pano dos ſuadouros ſeja fino, que naõ toma tanto ſuor, nem endurece tanto como o groſſo, naõ devem ſer muito altos para que melhor ajuſtem, que he grande engano fazerenſe os ſuadouros muito levantados, & he a cauſa de ſe naõ ajuſtar o cavalleiro nos movimentos do cavallo, porque entre as coixas do cavalleiro, & o corpo do cavallo, ha de haver a menor diſtancia que for poſſivel, que atè para o cavallo he aſſim mais ſuave o trabalho. Devem ſer os ſuadouros mui bem abertos, & vazios na regiaõ dos lombos, & q̃ ſejaõ eſtofados de cabos de bois, em agoa de cevada cozidos, & encreſpados, como o ſabem preparar os ſelleiros curioſos porque deſta ſorte naõ ſe amaſſaõ, nem endurecem, nem eſquentaõ os cavallos, preſervando os de mataduras.

Os

Os Polacos, & Granadinos uſaõ das ſellas com ōs pāos por baixo, ſem ſuadouros, poem lhes alli huma manta, ou lençol em dobras, & a ſella em cima, ſervemlhe nas jornadas de cobrirem os cavallos de noute. Tambem em Alemanha uſaõ o meſmo, mas he por baixo do ſuadouro, & eſte he delgado com pouco eſtofo, & preſerva muito eſte modo os cavallos de mataduras. Os fredilhoẽs, em que andaõ os lòros haõ de ſer pegados entre o meyo das borrenas, & bem no meyo, porque de os coſtumarem pôr ordinariamente mais adiande, naceo o dezar de fugirem as pernas para as paz do cavallo, & cair o corpo para trás, que he mui grande deffeito, & pouca ſegurança, & a chapa em que eſtá pegado o ferdilhaõ, terá neſſe meſmo lugar alguma queda para ſobre os ſuadouros, mas naõ ſerà tanta que poſſa moleſtar o cavallo.

De peitoral o melhor modo, he o que hoje ſe pratica, porque aſſegura bem a ſella, pegandoa por quatro partes, aſſim nas fivelas de cima, como nas cilhas em baixo, & com aquellas duas fivelas nos lados dos peitos, para que de qualquer parte ſe poſſaõ apertar, & alargar.

As cilhas ſaõ mui boas de pano, com as guarniçoẽs fortes de couro, porque aſſegurando bem naõ moleſtaõ tanto, como as de couro duro. Eſtas devem ſer tres, duas que haõ de pegar das quatro pontas (em que haõ de ter fivellas) nos quatro correoẽs, que devem ſer mui bem pregados nos vaſos, & pelo meyo dellas irá a que chamaõ cilha meſtra, que ha de abraçar toda a ſella em redondo, por cima dos ſuadouros, & das chapas, que os prendem, ficando ſómente por cima della o coxim da ſella, & os loros ficaráõ livres pela parte de diante. Neſta cilha meſtra, he o melhor modo porlhe tambem duas fivellas nas pontas na igualdade das outras, & aparte que vai por cima dos ſuadouros, que tenha correoẽs em ambas as pontas, em que ſe aperte, porque deſta ſorte facilita a que poſſa porſe, & tirarſe a ſella de huma, & outra parte.

Os loros haõ de ſer fortes, & dobrados, com fivellas ſeguras.

O melhor modo de eſtribos ſam aquelles, que tenhaõ duas fa-

ces, para que de qualquer parte os possa tomar o pè, & haõ de ter por baixo quasi hum palmo pequeno de comprido, naõ muito largos, mas que baste para entrar qualquer pè livremente, por mais largo que seja, & constará o lastro de baixo de cinco travessas fortes, principalmente a primeira de huma, & outra parte, aqual será mais levantada alguma cousa do que outras, tendo algum fio interpolado com facabocados, ou guarniçaõ em que pegue melhor o pè, que alli faz toda a preza, as faces, ou sejaõ vazadas abertas ao boril, ou lizas conformе o gosto de cada qual, sempre haõ de ser taõ largas em baixo, que as segure a grade, & taõ estreitas em cima quanto occupe o loro.

Os estribos de argola saõ bons para os sellotes de campo, de que jà fallamos, & para estes propriamente se inventàraõ; com tambem para o mais uso das sellas de campanha.

De rabicho o melhor modo he aquelle, que se pega com dous lategos na sella, pelas bandas dos lombos do cavallo, porèm ainda sam melhores tendo huma fivella perto da sella hum couto, pela qual com mayor facilidade, & ainda decima do cavallo se póde apertar, & alargar o rabicho, o qual deve andar sempre em boa proporçaõ, que nem moleste o cavallo, deixe correr a sella. As cabeçadas haõ de ser leves, seguras, estreitas.

Os xereis, mantas, cubertas, tarizes de qualquer cor que sejaõ sempre parecem bem nas sellas de Brida, porque para esta cavallaria foraõ inventados, & quanto mais lustrosos, melhor parecem, & com passamanos, borlas, & bordados de mais custo, mais realçaõ. Os cavalleiros Inglezes fazem sellas de tanto *custo*, que atè os panos dos suadouros nas sellas de importancia saõ de veludo & daqui se poderá inferir, quaes podem ser, & os jaezes.

CAPITULO XXXXV.

Como se deve começar a ensinar o potro a andar de passo, & como se ensina a andadura.

TAnto que o potro mostrar obediencia, & se for jà man-dado bem com o freyo, assim junto com o cabeçaõ, o iraõ metendo a todo o passo largo, & desenvolto, que he grande parte em todo o genero de cavallos, especialmente para o exercicio da Brida. E assim o faraõ andar com a cabeça firme, & recolhido de detrás, tocandolhe algumas vezes por cima do hombro com a ponta da vara na anca, divertindo-o no mesmo tempo com a maõ da redea, chegãdolhe outras vezes com as pontas dos estribos aos braços, para os fazer levantar melhor as maõs. E nesta fórma lhe daràõ passeyos largos, porque costumaõ assentar melhor o passo, continuando hum quarto, ou meya legoa.

E porque ha pessoas q̃ querem que os cavallos para o campo, tenhaõ andadura, avendoselhe de ensinar, os haõ de costumar por algumas decidas abaixo apressando-os, & fazendo-os arrojar, manejandolhe a redea com o passo juntamente, que tendo bom natural para a tomar, & avendo boa maõ, se fará nella facilmente. Porèm quando assim naõ baste será necessario valer das soltas, trazendo-o com ellas alguns tempos, atè que se veja que já as escusa, advirtindose que quando as tiratem, lhe haõ de pôr humas correas apertadas moderadamente nos proprios lugares, aonde as soltas andavaõ, trazendo-as alli alguns dias, porque se tem achado que assim ficaõ melhor na andadura, parecendolhes que ainda trazem as soltas. Naõ se andará nelles de outro passo atè não estarem bem firmes na andadura.

Porèm quem ouver de criar potro propriamente para o campo, & para que tenha boa andadura, lhe deve pòr as soltas logo q̃ seja de dous annos, & meyo, & que ande assim com ellas no campo seis mezes, & mais, atè se montar, porque ficaõ assim tam habituados, & desenvoltos na andadura, que naõ sabem andar a outro passo, porèm devem ser as soltas de sorte que aonde abran-

gem os pès, & maõs tenhaõ eſtofos por baixo mui brandos, que naõ firaõ, nem façaõ chaga, em que depois nacem muitas vezes cabellos brancos, que lhe ſervem de deffeito. A andadura ſendo ſolta, & quieta he muito boa parte nos cavallos de campos, que naõ ſaõ de muito corpo, nem muyto cheyos de carnes, porèm haſſe de advertir que o uſo della diminue muito a coragem, & brio dos cavallos, que ſe querem para o manejo das cavallarias altas.

CAPITOLO XXXXVI.

Como ſe devem enſinar os potros a fazer os lados, & entender a perna, & as ajudas.

EM qnanto hum potro naõ andar bem enfreado, contente, deſembaraçado, & ſogeito aos movimentos da redea, naõ deve meter ao enſino das cavallarias, porq̃ ſeria mais perdelo, que aproveitalo. Porèm depois que totalmente o eſteja, & ſe poſſa com ſegurança começar já a manejar, a primeira couſa que ſe lhe deve enſinar, he o entender a perna & fazer os lados, porque he eſta liçaõ o principal caminho, para que com mais facilidade, menos rigor, & trabalho venha a entender, & obrar todas as mais cavallarias, & ſe enſinará com brandura, & ſem eſpereza, porque em quanto o potro naõ entende o que lhe querem, ſe defende muitas vezes, acudindo com a boca, com a perna donde a eſpóra o aperta. Pelo que as primeiras vezes ſerá neceſſario que hum, ou dous moços com as maõs o vaõ repuxando, ajudando-o o cavalleiro com o cabeçaõ, & redea delle, puxada firme, & tirante da parte contraria, & da outra para onde ha de ladear, lhe ha de ir dando algumas ſofreadas, levando o roſto do potro ſempre direito a alguma parede baixa, donde pela outra parte della vá hum moço, com hum fiador, que tenha a outra ponta pegada na argola de diante do cabeçaõ, & em todo o tempo que for ladeando o potro, lhe levará ſempre o cavalleiro arrimada a perna contraria, junto à barriga, tocandolhe algumas vezes brandamente com a eſpora, naõ o pi-

cando

cando nunca quando elle for obedecendo, & ladeando, & sempre no meſmo tempo levarà huma vara arrimada á meſma anca, & coxa contraria, caſtigandoo, & repuxandoo com o temor della, mas de tal ſorte que naõ ocaſione pernadas, que ſe evitaráõ muito com o divertir aos meſmos tempos do caſtigo, com o cabeçaõ juntamente, & redea, com que a poucas liçoẽs ſem rigor virá a entender a perna, & fazer os lados, que haõ de ſer para huma, & outra parte.

A eſta meſma liçaõ pertence o fazer entender ao potro da meſma maneira, que o chegarlhe a perna atè junto à verilha, he para que fuja della com as cadeiras para a parte contraria, como tambem o arrimarlhe a perna das cilhas para diante, he para fugir com os peitos, & roſtro para a parte contraria, enſinandoo juntamente a arriar para trâs, & a ſair adiante com compaſſo, & liçaõ, com que bem o entenda, ſem violencia, porque tudo iſto he muito neceſſario primeiro, para a aprehenſaõ de todas as mais cavallarias.

CAPITULO XXXXVII.

Como ſe deve enſinàr aos potros os trotes, & galopes, voltas, & redobres.

TAnto que o potro andar bem ſolto, & deſembaraçado no paſſo ſe poderá meter nos trotes, entrando nelles primeiro em via direita, ſem o torcer a huma, ou outra parte, fazendoo paſſear de trote o comprimento de huma carreira, levando da meſma ſorte do principio atè o fim, & logo do fim, atè o principio obrigandoo a que nelles levante bem os braços, tocando nelles algumas vezes com a ponta da vara, & tambem com os lados dos eſtribos pela parte de dentro, trazendoo aſſim muy firme de roſtro, levantado de diante, & recolhido de detrás.

Depois que aſſim andar bem os trotes direitos, ſe irá metendo nelles em torno, & voltas largas, & indo pouco a pouco apertando mais o circulo, & dandolhe mais voltas

tis ſobre aquella mãõ, a que elle andar mais repugnante, & quando o quizerem fazer deſtrocar da volta de huma mãõ, para a outra, ſerá ſempre com a cabeça para dentro da volta, & naõ para fóra, arrimandolhe para iſſo a perna direita a diante da cilha, & a eſquerda atràs quando o quizerem quebrar para a mãõ eſquerda, para começarem a volta ſobre a direita, & pelo contrario, quando o quizerem carregar ſobre a direita, para começarem a volta ſobre a eſquerda. Ao que ſe virà a fazer facilmente avendo dantes (como jà diſſemos) entendido bem a perna, & tudo melhor com a ajuda do cabeçaõ.

Em todo o manejo aſſim das voltas, lanços, redobres, carreiras, & todas as mais cavallarias, ſe deve adeſtrar primeiro o potro mui bem, fazendo-as de paſſo, & trote antes que o paſſem a cavallarias altas, porque depois que aſſim bem as entender naõ ha muita difficuldade a fazelas logo altas, & de todo o modo que quizermos. Depois de andar aſſim mui bem ajuſtado, & entendendo os movimentos, & ajudas das pernas, para o dobrar, & redobrar, ſe irá levantando no galoges, começando ſempre as primeiras voltas nos trotes. Naõ ſe lhe darâõ pelas primeiras vezes galopeadas mais que duas, ou tres em voltas cada torno, fazendoo deſtrocar algumas vezes de huma volta para a outra, advertindo que ao deſtrocar lhe fique ſempre diante a mãõ de dentro, porque andando na volta ſem que a mãõ de dentro ande diante, he arriſcado a cahir logo, porque he andar falſo, & naõ certo, & por iſſo chamamos deſtrocar, que he paſſar adiante a mãõ, que andava atràs, & ficar atràs a que andava diante. E para o potro o vir aſſim a entender ſaõ muito neceſſarias as ajudas das pernas, & da eſpòra, chegandolhe ſe for neceſſario com a ponta do eſtribo à mãõ, que ouver de paſſar adiante, caſtigandoo, & acompanhandoo atè o fazer deſtrocar, porque coſtumandoo andar falſo, ſerá andar ſempre o cavalleiro com evidente perigo, porèm depois que o potro for entendendo, & obrando (como diſſemos) ſe lhe deve continuar liçaõ todos os dias, ſe elle for mui alentado, de outra ſorte baſtará hum dia, & outro naõ.

He ſempre conveniente que o manejo ſeja em terra branda,

&

& de manhãa, ou de tarde, antes de comer a refaõ, porque alèm de ser assim mais util para a saûde, se costumaõ melhor a comer depois do exercicio, para que assim o façaõ sempre quando mais trabalhados estiverem,

Nunca se deve dar o trabalho aos potros com excesso, porque de os enfastiarem, & trabalharem muito em quanto novos, vem a tomar resabios, & manhas, querendo defenderse por temerem o excessivo trabalho, com que naõ podem. E assim deve ser antes mais vezes, & de cada huma dellas tam moderado, que se deixe sempre no melhor, antes desejoso de mais, do que enfastiado do muito, & em caso que se incline a tomar alguma manha, ou resabio, se correrá aos capitulos, em que se trata de cada huma dellas em particular, por se naõ repetirem duas vezes.

CAPITULO XXXXVIII.

Como se devem ensinar os potros a puxar os braços, pizar em hum só lugar para diante, & as curvetas.

HA dous modos de passeyo nos cavallos de conta. O primeiro, & de mayor estimaçaõ he o passeyo firme, & em compasso vagaroso, puxando os braços altos, & sacudidos para fóra. O outro he aquelle, a que chamamos pizar, suspendendo o corpo, como nos trotes sobre hú pè, & maõ contraria, & logo sobre a outra maõ, & pè contrario, q̃ tambem he passeyo muyto airoso, levantando as maõs altas, & sacudidas para fóra.

Para o ensino de hum, & outro, he a mais principal cousa, & necessaria a inclinaçaõ natural, & galhardia do cavallo, porque faltando esta nunca o fazem bem, ou ao menos, naõ aturaràõ muito em hum, & outro passeyo. Logo aos principios se prenderám duas cordas nos travadouros das maõs do cavallo, tomando o cavalleiro as pontas dellas cada huma em sua maõ, ajustando a redea no botaõ, ou tomando na boca, como melhor se acomodar, & levandoo justo, & firme, lhe irà ajudando a levantar com as cordas huma maõ, & outra em compasso grave, & igual, atè

que o cavallo venha ā conhecer, avendo cuidado de lhe acudirēm com algum affago, dandolhe algum genero de verdura, quando ouver andado alguns paſſos com acerto, & ſe quizer remexerſe, ou naõ andar direito, ſe lhe porá o cabeçaõ, pelo qual o iraõ levando duas peſſoas dos lados, pelas redeas delle, com que virá a entender, & habituarſe, avendo liçoẽs repetidas, que ſaõ as que vencem tudo.

O outro paſſeyo, que diſſemos do pizar, ſe enſina, prendendo o cavallo primeiro entre dous piloẽs com o cabeçaõ (como já diſſemos em outros capitulos,) & alli ſe lhe ataráõ as cordas nos travadouros dos braços, & paſſadas por cima do cavallo, hũa para huma, & outra para outra parte, as teráõ duas peſſoas pelas pontas (como diremos para as ſuſpenſoẽs de maõs,) & dandolhes de huma parte em huma maõ, & da outra em outra, o faráõ ir levantando em igual compaſſo, ajudandoo com as cordas atè que vá entendendo, o que querem delle. E depois que for pizando em igual compaſſo, ſem aver miſter cordas, o iráõ fazẽdo andar aſſim adiante, para que ſaiba pizar ſem ſe ſair de hum lugar, como tambem paſſeando.

Depois montaráõ nelle para lhe irem moſtrando a que o faça cavalgado, & ſempre he bom quando os enſinaõ fazerlhe algum ſom de boca, que pòde ſer o que uſaõ os almocreves de lingoa, para fazerem andar as mulas. Tanto que o cavallo pizar bem com as maõs, o farà naturalmente com os pès, para os quaes naõ he neceſſario fazerſelhe diligencia alguma. E em quanto os cavallos naõ andarem muito certos, & ajuſtados em qualquer deſtes paſſeyos, que tenho dito, ſe naõ meteràõ em outro paſſo, nem em alguma outra cavallaria, porque o perderáõ facilmente ſe o natural naõ for muito fino, & proprio para elles.

Para os cavallos fazerem as curvetas, devem ter natural inclinaçaõ a meterem bem os pès, pondo ſobre elles todo o pezo do corpo, o que naõ he poſſivel aos que a naõ teẽ naturalmente, porque alèm de parecerem mal as que lhe obrigaõ a fazer forçadas, ſe reſabiaõ facilmente ſe os apertaõ muito. Aos que ſaõ ſufficientes ſe devem ajuſtar nellas, para que as façaõ compoſtas, &

com

com liçaõ, divirtindo-os que as naõ continuem muito, porque se vem a enfastiar, & repugnalas de todo. Porèm levando-os no passeyo do puxar os braço, ou pizar, com final, de que levantando a maõ direita a ponta da redea alta, se metaõ nas curvetas, fazendo sómente dellas tres galopes, & logo tornando ao pizar, ou passo grave, por outro espaço, antes que torne a ellas, sempre com o rostro fixo, & direito. O corpo sem se atravessar a huma, ou a outra parte, o que se concertarà cõ ajuda da perna para onde a atravessar, castigandoo com a espòra, ou vara bem atrás da mesma parte, para donde atravessar a anca.

CAPITULO XXXXIX.

Como se devem ensinar aos potros as suspensoens de maõs.

PAra esta cavallaria, que he mui galharda, se querem cavallos muito alentados, sufridos, & leves de maõs, para que com mais facilidade a possaõ aprender, porque para hum passeyo publico naõ ha mais perfeita liçaõ, nem mais airosa. Para o que se lhe porá o freyo com as redeas ajustadas no botam, & com elle o cabeçaõ, & pelas argolas das bandas, se prenderá a dous piloens, & allì em subirem nelle, se lhe prenderà huma corda em a quartella de huma maõ, outra na da outra, passando as pontas dellas por cima da sernelha do cavallo, nas quaes pegaràõ duas pessoas, tendoo da parte direita a que estiver na maõ esquerda, & o da parte esquerda a que estiver na direita do cavallo, & cada hum destes homens terá sua vara delgada, ou açoute brando na maõ, dando hum só com ella na maõ do potro, atè que alevante, & levantada, a terá suspendida, o que tem a corda nella, mui bem atè junto à barriga, & depois de ater assim por hum pequeno espaço, darà hum final com o estalo da lingoa, como costumaõ os almocreves, & dando este final, soltará a maõ dando logo no mesmo instante na outra hum

hum áçoute, à fará levantar, & puxando outro pela cõrda della adeixará estar suspendido o mesmo espaço, que a outra. E assim estaràõ continuando neste compaço, levantando huma, & descendo outra, dando sempre o final atè que continuando as liçoẽs alguns dias o cavallo venha mui bem entender o que pertendem delle, gastando cada dia nesta doutrina hum quarto de ora, dando ao cavallo no fim della humas folhas, ou paõ, & tambem no meyo da liçaõ, quando algumas vezes destrocar prestes, & mostrar, que vai entendendo. E como já for fazendo bem, se lhe irão tirando as cordas, & se lhe daràõ as varadas em cima da primeira junta da maõ, pela parte de dentro, para que depois tocandolhe alli com o estribo (se necessario for) o entenda melhor. Supposto que sendo ensinados com a paciencia, & continuaçaõ, o vem a fazer perfeitamente só com final, esperandoo para destrocarem, & se alguma vez na liçaõ for a destrocar antes do final, se castigarà a maõ, que abaixou, dandolhe tambem pelo corpo, estranhandoselhe com a voz, para que torne ajustarse, & o farâ depois com segurança. E como o fizer bem o irãõ encaminhando a que cada maõ, que for destrocando, a và pondo sempre alguma cousa diante, para que assim faça o passeyo grave, & vagaroso, que he o para que se lhe ensina.

CAPITULO L.

Como se devem ensinar os potros a correr a carreira com perfeiçaõ, & concerto.

DE quantas variedades de boas cavallarias se exercitam, he das melhores, & mais galhardas a carreira, em a qual mostra o cavalleiro mais que em todas a fortaleza, bizarria, & sciencia desta arte. E da mesma sorte o cavallo mostra, & dá a conhecer logo aos que o entendem o seu valor, & animo, ou a vileza, & inutilidade.

Deve o cavallo primeiro que se meta ao exercicio violento da carreira, estar em comprida idade, & em suas forças perfeitas por-

porque de naõ ſer aſſim ſe occaſionaràõ achaques, & manqueiras *nos pès, & maõs, procedidas da extençaõ que* aquelles nervos, & ligamento tenros fazem na violencia da carreira, com o pezo do cavalleiro, & do ſeu proprio. Alèm de que naõ eſtando ainda nas ſuas forças todas, ſe coſtuma a correr puxado, & violentado com o peſcoço eſtendido, em cujo coſtume ficam depois para ſempre, com o que ſó eſtando o cavallo com todas as ſuas forças, mui bem penſado, & viçoſo, ſe ha de meter à carreira, para a qual ſe buſcará terreno brando, & ſe tiver valles, ou paredes, naõ ſerá peyor para as primeiras vezes; porque naõ tenha o potro para onde ſe devirta na carreira, & ſe ha de paſſear primeiro muitas vezes de paſſo do trote, & algumas de galope, tendoo parado algum pouco no principio, & no fim, para que venha a entender os limites, a que ha de chegar, & fazendolhe arroſtar a carreira, o largarà a toda a furia com algum eſtrondo de vozes nos principios, juntos com o caſtigo das eſpóras, para que o devirtaõ, que naõ acuda a ellas com alguma defenſa. E ſe per ſi correr com toda a violencia ſe naõ caſtigará entam denenhũa maneira, levandolhe em toda a carreira a redea firme, ſem movimento, & em tal ponto que corra em a cabeça levantada, & compoſta, coſtumandoo a que corra atropolado, & meùdo, & naõ a ſalto ſobre as maõs, advirtindo que ſe correr mui veloz, & fogoſo, ſe lhe ha de dar a carreira mais curta, & mais larga, ao que for mais logrado, porque como todo o cavallo para correr a carreira fina, & como convem a deve paſſar em hum ſó folgo, ſem tomar em toda ella reſpiraçaõ, o naõ poderà conſeguir em carreira mui comprida o que for mui veloz, & apaixonado, por ſe affogar mais depreſſa, que o logrado, & quieto, que leva os alentos mais livres, & eſpaçoſos para a correr mais larga. Com o que para os apaixonados, & fogoſos ſerà a carreira ordinaria de cento, & vinte paſſos de paſſeyo de hum homem ordinario, & para o cavallo logrado, & menos veloz na carreira, ſera de cento & cincoenta dos meſmos paſſos que de huma, & outra vem a ſer o meſmo, com que as aſſinalaõ a melhor opiniaõ dos Authores. E ao tempo de parar ſe lhe irà metendo a maõ com brandura, &

de

devagar, para que ſem violencia và metendo os pès em bom compaſſo, & derribando as cadeiras ſem exceſſo, em que poſſa receber moleſtia, & ſó em caſo que para a dureza, ou inclinaçaõ do cavallo ſeja neceſſario parallo às ſofreadas ſe fará, & naõ de outra maneira. Depois que o cavallo aſſim for paſſando as carreiras com firmeza, & ſegurança, ſe irá coſtumando a que volte para toma carreira, humas vezes ſobre a maõ eſquerda, & outras ſobre reita, porque tudo he neceſſario, fazendoo eſtar ſoſſegado, quieto no principio, & fim, paſſeandoo muitas vezes, & affag doo, paſſandolhe ſómente duas carreiras, & poucas vezes, porque como as ſabem correr com ſatisfaçaõ, lhes naõ eſquece, & vem melhor folgados.

CAPITULO LI.

Como ſe deve enſinar ao cavallo, o fazer os lanços, chaças, repelloẽs, & a remetidas.

AS chaças, lanços, & repelloẽs, ſe naõ devem enſinar aos cavallos, em quanto potros, & por iſſo o *guardei* para eſte lugar, porque ſe tem viſto ordinariamente, ſerem cauſa de ſe coſtumarem a anteparar no *meyo* da carreira, mayormente temeroſos de boca. Com que ſe naõ deve meter em quanto potros, & pouco uſados nos termos, & medida da carreira neſtas cavallarias, & ſó depois q̃ forem muy ferm ſe haõ de admitir a ellas, porque verdadeiramente ſaõ as em q̃ o cavalleiro moſtra a melhor arte, & galhardia, & o cavallo o mayor alento, & doutrina. Sẽdo como tenho dito o cavallo muy bem fe a entender a perna, ſe hade preparar primeiro para os lanços, & repelloẽs cõ as pernas, & com a redea, tendoo ſobre os pés & largando de repente a toda a furia, parandoo na força della; & tornando hũ alento, arremeçalo da meſma maneira a outra parte, & ſtumandoo pelos movimentos da redea, & finaes das pernas a entender, os que querem, que ſejaõ de firme a firme, & da meſma ſorte as chaças, & repelloẽs, que tambem ſe fazem andando

voltas, no eſpaço, que vai de huma a outra, que todos neceſſitaõ muito de coragem de cavallo, & deſtreza do cavalleiro.

As arremetidas, que tem mayor ſerviço para o exercicio da guerra, & naõ menos galantaria para a paz, ſaõ aquellas, q̃ ſaindo o cavallo com toda a furia, ha de parar com o roſto para donde partio, o que he facil de enſinar, nos cavallos que eſtaõ bem feitos à perna, arremeçando os nas arremetidas a toda a força de carreira, & logo aos ultimos trancos do parar hirlhe chegando huma perna junto à verilha, & a outra diante das cilhas junto ao peito, ajudando-o, & acompanhando-o com o corpo, & ajuſtamento da redea, com que em tomando conhecimento da liçaõ o vem a fazer bellamente, avendoſelhe feito para mayor facilidade primeiro muitas vezes de paſſo, trote, & galope, & logo que em cada huma das arremetidas tomar hum folego, arremeçallo outra vez para donde partio, & tambem para as bandas ſequizerem, porèm em tornar pela meſma trilha com a propria furia, velucidade, moſtra o cavallo mais a fineza de ſeu animo.

CAPITULO LII.

Como ſe deve enſinar o cavallo, que ande voltando ſempre com o roſto para fóra, & anca para dentro.

ESta cavallaria de fazer o cavallo as voltas, & redobres ſempre com o roſto para fóra, & com a anca para dentro da volta, he huma liçaõ, que parece muito bem, porèm ſendo o cavallo froxo, & raſteiro nam ha para que cançar em ſe lhe enſinar, porque alèm de a naõ fazer nunca bem feita, ſe poderá inclinar a querer defenderſe com acudir à perna com o dente, ou com algumas pernadas, ſervindolhe mais de ganhar reſabios, que de adquirir doutrina. Porèm ſendo alentado, & inclinado a meter bem os pès, & levantar diante, a fará logo com facilidade. Para o que ſe paſſeará primeiro de paſſo, & depois de trote ladeado, antes que entre nos galopes, fazendo as voltas eſtreitas, porque aſſim lhe ſam mais faceis de vencer, trazendo-o com o cabeçaõ as primeiras

vezes

vezes, & com a perna de fóra mui bem arrimada junto à verilha & a de dentro junto aos peitos, & a redea do cabeçaõ da parte de fóra mui bem puxada para fóra, & a de dentro mais larga, porèm não tanto que poſſa ſair adiante, & dando huma, ou duas voltas ſobre huma mão, tocarlhe logo todas as ajudas pelo contrario, para o quebrar, & redobrar ſobre a outra, & continuar aſſim atè duas voltas ſobre huma, & outras tantas ſobre outra, & poucas mais, para que o faça bem, & ſem quebrar a coragem, & ſe tambem for neceſſaria ajuda da vara, uſará della, & para que venha a entender bem a liçaõ, ſe lhe deve continuar alguns dias, ſem o meter em outra, em quanto a naõ fizer com perfeiçaõ, & firmeza.

CAPITULO LIII.

Dos cavallos rifadores, & rinchoens, & dos remedios, que ſe lhe devem applicar.

ENtre todos os defeitos não poderà aver outro peyor no cavallo, que o ſer cioſo, rinchàõ, & rifador, porque além de ſerem maos, ſe conſeguem, & nacem delles todos os mayores, porque caſtigando os ſe poem logo em *defenſa* mordendo, tirando couces, & outras velhacarias, & correndo ſe paraõ, ou trocem no meyo da carreira, ſe alli eſtá egoa, ou mula, & com aquelle zelo não conſente junto a ſy outros cavallos, trazendo ao cavalleiro inquieto, & divertido com o cuidado ſempre no cavallo. E finalmente não obrando, nem fazendo couſa que boa ſeja, com trazer o ſentido divertido, & não baſta afaſtarem-lhe as egoas, & mulas, porq̃ tambem os moleiros tem o meſmo cõ dos machos, & outros de facas pequenas, & algũs cavallos capados.

Eſte vicio he propriamente da natureza, & algumas vezes coſtuma ſer ajudado de aver cuberto o cavallo alguma egoa, & como traga comſigo tantas incomodidades, ſe deve fazer todo o poſſivel para ſe remedear.

Tenho alcançado da experiencia hum remedio efficaciſſimo para vencer eſtes deffeitos, que não parece de razão, porèm com a pro-

a prova que delle ſe faça, eſpero ſe acredite o ſeu effeito, q̃ naõ he irracionavel ainda que o pareça.

Todos os Authores aconſelhaõ, que ſe trabalhe muito o cavallo cioſo, & ſe ponha magro, para que perca, ou diminua o cio, com iſto meſmo ſe tem alcançado que o ganha o cavallo mayor, chegando ao fim de huma jornada larga, em companhia de egoa mais cioſo, & inquieto, do que no principio della, procedendo iſto do grande calor que ſuado, & eſquentado recebem os rins da ſella, communicandoſe com mayor facilidade ſendo magro, por aver menos impedimento de carnes entre a ſella, & os rins.

Com o que tenho achado (como diſſe já) que o melhor remedio para tirar o cio ao cavallo, & com elle todos os deffeitos, que deſte vicio lhe procedem, he o regalallo, & engordallo, muito, porque as carnes, & a gordura lhe cobrem os rins de tal forte, que naõ ſó o metigaõ, mas totalmente o perdem. E aſſim me moſtraráõ mui poucos cavallos, com a anca partida, com rego muito bojo, & muitas carnes, que andem rinchando, & fazendo inquietaçoens de cioſo, & riſador, & pelo contrario poucos ſaõ os magros, & cheyos de mataduras, a que faltem eſtes reſabios, & naõ he fóra de razaõ phyſica, que a gordura mitiga a luxuria.

Tambem aproveita muito, dar nove manhãas a beber ao cavallo em jejum, hum quartilho de agoa eſtillada de golfiõs.

O capar os cavallos, he o mais efficaz remedio de todos para o cio, porèm naõ deve fazer ſenaõ a cavallo taõ vigoroſo, que por mais forças, & brio que lhe tire a capadura, lhe poſſaõ ficar ainda alentos, & eſpiritos baſtantes, porque aos faltos de eſpiritos acabaõ de decipar, & afroxar as capaduras. Supoſto que diga Pineda, que os de Epiro mandavaõ capar todos os ſeus cavallos, para lhe aturarem mais na carreira, a experiencia moſtra o contrario, & tem os capados tambem de deffeitos o ruim pello, o peſcoço mais delgado, & os olhos mais triſtes, & juntamente as manhas, & vicio que tomaõ depois de capados tarde, ou nunca ſe lhe tiraõ.

Se

Se em alguma ocaſiaõ quizerem, que o cavallo naõ rinche, com lhe atarem a lingoa ao bocado com hum cordaõ, naõ rinchará em quanto a tiver aſſim, porèm iſto naõ he tirarlhe o vicio.

CAPITULO LIV.

Dos Cavallos, que ſe empinaõ, alevantaõ ſobre os pés, ou caem para tràs, & dos remedios, que ſe lhes devem applicar.

HE hum dos peyores vicios, que ha nos cavallos o empinarſe, pelo riſco, que tem em cair para tràs, & ficar o cavalleiro, ſe naõ for muito deſtro, por baixo delle, com grande perigo. E porque ſaõ diverſas as cauſas, porque os cavallos ſe levantaõ, ſerà neceſſario diſtinguillas, para confó me a ellas, applicarmos os remedios.

A primeira, & mais ordinaria cauſa, porque os cavallos ſe levantaõ, he por ſerem reveloẽs, & reſabiados, querendo com aquella malicia defenderſe de paſſar a carreira, ou fazer outras cavallarias, a que os obrigaõ. Eſtes ſe querem mui bem caſtigados, & vencidos, para que ſe deſenganem de que naõ lhes póde valer o ſeu intento. E para iſſo ſe fazer com ſegurança lhe poràõ hum cabeçaõ de bons dentes, em ponto muito baixo, & no lugar das redeas delle, ſe poráõ duas cordas, & no meyo das ilhas no mais baixo dellas ſe porá huma argola, pela qual ſe meteràõ as duas cordas, que vierem do cabeçaõ, das *quaes o cavalleiro* tomarà as pontas, vindo huma pela parte *direita*, & outra pela eſquerda, por fóra das borrenas de diante, as quaes juntas, & iguaes levarà o cavalleiro na maõ eſquerda, com as redeas juntamente menos tirantes, & na maõ direita hum bom açoute dos curtos, que chamaõ de pulſo, porque ſe trazem particularmente em França pendurados no pulſo, & largará alguma couſa às cordas no lugar aonde o cavallo coſtuma levantarſe, & tanto que elle for aintentalo aſſim, lhe puxarà com toda a força as cordas, para que o caſtigue o cabeçaõ, & baixe a cabeça para entre as

maõs,

maõs, & com o açoute tambem, & esporas ao mesmõ tempo: advertindo sempre que para os castigos nos cavallos fazerem fruto, se haõ de fazer logo no mesmo tempo, em que comettem a velhacaria, porque de outra sorte o naõ entenderàõ. E este remedio escusa todos os que alguns aconselhaõ de lhe quebrar huma cantara d'agoa na testa, & outras coulas semelhantes, com pouco fruto: & tem este a segurança de que com as cordas, & cabeçaõ se naõ pòde levantar de nenhum modo, ainda que as cordas naõ vaõ por argola, se naõ só por entre as maõs: & quem for homem de cavallo, sem lhe tirar as cordas nem cabeçaõ, & só afroxando-as, & trazendo as com temperança, correrà, & fará todas as cavallarias, acodindo com os castigos (que dissemos) ao tempo que o cavallo acometter o resabio, porque no obrar o descobrirá melhor para se castigar. E feito isto algumas vezes, se desenganarà, & perderà o resabio, como a experiencia o tem mostrado muitas vezes.

Levantaõse tambem alguns cavallos por serem tam temerosos do freyo, & doces da boca, que em se lhe afferrando as redeas, se poem direitos; & estes caem mais facilmente que todos os mais porque se levantaõ ordinariamente com os olhos voltados para cima, & com pouco sentido no que fazem, pelo terem mayor na dor que recebem na boca.

Para estes o remedio melhor; he o bom freyo, de que jà dey fórma no cap. 25. junto com aver grande cuidado em naõ apegar nunca com violencia às redeas: & q̃ naõ fique a lingoa ao enfrear por cima do bocado, ou entre do freyo ao cavalgar alguma camba na boca, que possa causar este damno.

Levantaõse tambem os cavallos por serem rifadores, & ciosos em o zelo de outros. Para estes he bom costumallos nas estrebarias com mais cavallos, tendo-os bem presos de pès, & maõs em quanto se nam costumam, & montar nelles com humas soltas, como as que se poem para andadura: levando-os assim entre outros cavallos, & castigando-os com a espòras, & com huma vara pelas maõs ao tempo de quererem levantarse, & rifar: com que se virà a costumar; supposto que os resabios, & manhas que nacem de cio sam as peyores, porque

sem

ſem ceſſar, a cauſa nunca ceſſam os effeitos.

Levantaõſe mais os cavallos por tomarem medo a algũa cou-ſa, & querem obrigalos à força, a que cheguem ao que temem. Eſte modo he mais facil de evitar, porque como os medos aos ca-vallos ſe naõ tiraõ com forças, & caſtigos, que he ignorancia, pois o naõ fazem de malicia, ſe naõ de erro da viſta, & engano da fan-ſia, ſe remedeaõ naõ com caſtigos, mas ſó com brandura, fazen-do os chegar com affagos, atè os deſenganar do ſeu erro.

CAPITULO LV.

Dos cavallos que mordem, & dos remedios que ſe lhe devem applicar.

ORdinariamente ſe coſtumaõ muito os cavallos a mor-der, de brincarem com elles os moços na eſtrebaria, co-meçando primeiro com o beiço, & depois paſſaõ a pe-gar com os dentes. Outros o fazem ſem iſſo, tratando de ſe defender de que cavalguem nelles.

Os que eſtaõ ainda no principio do vicio, baſta ſó caſtigallos com huma vara no meſmo focinho, quando o inclinaõ a morder, porque fazendoo aſſim algumas vezes perdem o vicio: porèm pa-ra os que eſtiverem nelle já mais confirmados, ſerá neceſſario mu-zellos algum tempo com aquella barbella de focinheira, de que faço mençaõ no cap. 42. mui bem juſta, com a qual naõ pòde mor-der de nenhuma maneira: & quando fizer acçaõ de querer arreme-ter, caſtigalo entaõ com a vara, ou açoute fortemente no focinho, com que virá a perder a manha, & deſenganarſe. Se for macho de liteira, ou oütra cavalgadura, que ſeja neceſſario trabalhar muito, & com o aperto da focinheira ſe affoge, ſe lhe porá antes do que a focinheira huma bóla de pao, como huma laranja pequena, pe-gada no freyo, ſobre o bocado entre os aſſentos, comque naõ pódem morder, nem lhe impede a reſpiraçaõ.

CAPITULO LVI.

Dos cavallos reveloẽs que recuaõ, & naõ querem ir para diante.

OS cavallos reveloẽs adquirem ordinariamente eſte vicio, ou ſe confirmaõ nelle de os deixarem ſair com a ſua ſem os convencerem, porque depois lhe paree, que ſó com a porfiar da reſiſtencia, podem conſeguir o ſeu intento. Para o que o melhor remedio he ſempre o naõ lhes deixar valer a ſua, prendendolhe huma corda nos teſticulos, & levallos onde elles coſtumaõ cometer o vicio: & tanto que elles começarem de parar, & recuar, que lhe puxe huma peſſoa por detrás pela corda com brandura, porque naõ moleſte com exceſſo naquella parte, que com pouca diligencia andarà logo para diante. E aquelles que ainda naõ forem muito confirmados no vicio, ſó com ſe lhe atar no alto do ſabugo do cabo a corda, puxando para trás quando elle recuar, baſtarà para o fazer andar por diante.

Tambem he bom remedio huma facha de palha aceſa na ponta *de hum pao*, metida na parte de detrás por entre as pernas, tendolhe o cavalleiro *decima* o cabo recolhido, porque *ſe* naõ queime. Enſinaõ alguns Authores, eſpòras vermelhas no fogo, & picallos com ellas. Naõ ſei como as conſentiráõ nos pès os cavalleiro, nem como ellas tiradas do fogo ſe concervaráõ vermelhas: *eſtes* me parecem remedios da fanteſia, & naõ da experiencia.

CAPITULO LVII.

Dos cavallos que daõ couces, & dos remedios, que ſe lhe devem applicar.

HE tam feyo nos cavallos o deffeito de dar couces, que parece os faz deſmerecer o nobre nome de cavallo. E aſſim ſe acha mui raras vezes nos caſtiços eſte erro: o qual nace ordinariamente de quem os exercita ſaber pouco de cavallaria. De muitas cauſas tomaõ os cavallos eſta malicia: humas vezes de naõ quererem conſentir as eſporas, outras de quererem reſiſtir ao trabalho, por lhe averem dado muito, em outras occaſioens, tambem o ſerem naturalmente malignos, & quererem empregar os couces em quem tem junto a ſy, ou em outros cavallos: & por qualquer cauſa que ſeja ſempre he mao. Deveſelhe remedear com aver grande cuidado em lhes trazer a maõ muito levantada, & darlhe humas ſofreadas fortes ao meſmo tempo que lhe derem com as eſpòras, na occaſiaõ que elles cometterem o vicio, ou o forem a intentar trazendo hum açoute de pulſo bem aſpero, para lhe dar nas ancas ao meſmo tempo fortemente: & quantos couces der, tantas vezes lhe haõ de repetir eſte caſtigo, & atè que elle deſiſta, & ſe deſengane; & aquietandoſe baixarlhe a maõ, deſviarlhe as pernas, & affagalo, para que venha a conhecer, que do erro lhe nace o caſtigo, & da emenda o affago, & ſe andar muito ferido das eſpòras darlhe tempo a que ſare.

CAPITULO LVIII.

Dos cavallos que fazem corcóvos, & dos remedios, que se lhe devem applicar.

DUscaõ os cavallos malicioſos todos os meyos, que pódem para ſe livrarem do trabalho, & opreſſaõ, a que naõ querem ſogeitarſe, uſando ſpecialmente dos corcòvos, para ſacudirem de ſi o cavalleiro, & como o comſigam huma vez, baſta para que fiquem confirmados neſte vicio. Para o que he o melhor remedio de todos, andar no tal cavallo até o reduzir peſſoa, q̃ ſaiba andar forte, & ajuſtado na ſella, ſendo eſta de boas borrenas, & com as cilhas apertadas, que aſſegurem, porque a mayor razaõ de uſarem os cavallos os corcòvos, he por conhecerem logo, & ſentirem muy bem, que o cavalleiro, ou ſella ſe move, & como aſſim o ſintaõ ao primeiro corcòvo, os continuaõ por terem certo, que haõ de ſacudir fóra de ſy aquelle pezo, que ſentem moverſe, & deſpregarſe, como tambem o fazem ordinariamente as azemolas, em ſentindo a carga froxa, & que lhe balancea. E fazendo o cavallo os corcòvos para recuſar o manejo, o caſtigaráõ com as eſpòras, & açoute fortemente, em quanto os fizer, & obedecendo a entrar no que querem delle, ſe ſuſpenda o caſtigo logo, & affaguem, & ſe naõ trabalhe entaõ muito, para que entenda que tanto que obedece, ſe livra de todo o rigor.

CAPITULO LIX.

Dos cavallos, que ſe deixaõ cair de barriga no chaõ, tanto que montaõ nelles.

HA alguns cavallos, que em ſubindo nelles de malicioſos, ou terreſtes, & de pouco animo, ainda que eſtejam gordos, & valentes, ſe deixaõ cahir no chaõ, & ſe deitaõ de propoſito, por ſe livrarem daquella opreſſam, temendo o trabalho, que em outras occaſioẽs experimentàraõ. Para o que he neceſſario, que eſtejaõ duas, ou tres

tres peſſoas aparelhadas com varas, ou açoutes junto ao cavallo; & com humas cordas preparadas, para que tanto que ſe deitar carreguem logo ſobre elle, & o prendaõ de pès, & maõs, & o açoutem fortemente alli, impedindolhe que ſe naõ levante; que tanto que iſto fizerem huma vez, verãõ que naõ ha de ſer neceſſario fazerſe ſegunda; antes eſtando deitado na eſtrebaria, tanto que vir gente ſe levantará logo com muita mais preſteza do que coſtumava como muitas vezes por experiencia ſe tem viſto.

CAPITULO LX.

Dos cavallos que ſe deitaõ, & revolvem na agoa, tanto que paſſaõ por ella.

MUytos cavallos ha que em paſſando qualquer vaõ do rio, ou lagoa, ſe deitaõ, & revolvem na agoa, dando juntamente hum banho ao cavalleiro: alguns o fazem de malicia, outros por ſe refreſcarem vindo ſuados, & eſquentados, & tambem por coſtumarem os banhos do rio, porèm de todo o modo he muito grande defeito, & incomodidade para o cavalleiro.

Sendo o vicio moderno, & o cavallo vivo, & eſpinhado, baſtarà ſómente paſſar as agoas com a redea teza, & levantada, naõ o deixando beber, & picandoo paſſar advertido, & com preſſa. Porèm ſe for cavallo logrado, & confirmado no vicio, ſerà neceſſario tiralho de todo com caſtigo, que lhe lembre: dos quaes he o melhor ir hum moço nelle em pello, & tres, ou quatro homẽs junto a elle pela agoa, & tanto que ſe deitar, chegarem *todos ſobre* elle, & prendelo, de maõs, & pès, ou carregaremno *todos* de tal modo que eſcuſe as priſoens: & logo lhe meteràõ a cabeça debaixo da agoa, tendoa aſſim algum pouco, com que elle ſe aflija, & lhe pareça que o querem afogar, deixandoo eſtar, ainda que beba mais agoa do q̃ lhe for neceſſaria, & dandolhe juntamente alguns açoutes por algumas partes do corpo, & eu ſeguro que fazendoſe iſto bem feito, elle ſe naõ deite mais na agoa, porque indo a entrar nella depois o fazem com muito receyo, deſejando paſſalla, & ſair fóra com muita preſſa.

CAPI-

CAPITULO LXI.

Dos cavallos que naõ daõ pela eſpòra, nem acodem a ella.

HA cavallos taõ lerdos, molles, & ſofredores da eſpòra, que nenhum caſo fazem della, a que algumas peſſoas chamaõ com galantaria (faltos de memoria ;) porque apenas ſe movem ao tempo de picar, quando logo ſe eſquecem, & tornaõ ao deſcanço de ſeu paſſo vagaroſo. Os que fazem de fraqueza, falta de forças, & cançados, he o remedio engordalos, & deixalos deſcançar, para tornarem a cobrar forças, & ſubſtancia : porèm aos que de logrados, & de pouco animo ſe expoem a ſofrer antes a eſpôra que o trabalho, ſerá neceſſario raſgalos mui bem com eſpòras anavalhadas das que chamaõ (pontas de oliva,) depois lavarlhe as picaduras com pimentaõ, ſal, & vinagre, que ao outro dia eu ſeguro que montando nelles, naõ ſeja neceſſario mais que acenarlhe com as pernas, para que andem vivos, & ligeiros, ficando mais recordados dahi por diante. Em eſtes taes ſe naõ deve andar nunca ſem eſpòras mui agudas, & mui bem apertadas nas botas, porque as eſpòras de çapato, ou as que andaõ froxas, & deſapertadas, naõ caſtigaõ os cavallos, como convem, nem elles as temem tanto como as fixas.

CAPITULO LXII.

Dos cavallos que naõ querem tomar a carreira.

MUytos cavallos ha que naõ querem tomar a carreira, & tanto que os paſſeyaõ, & poem no principio della, por mais que os piquem, & açoutem naõ ſaem de nenhum modo. Procede eſte vicio ordinariamente de os correrem mui repetidas vezes paſſandolhes mais carreiras, do que elles podem, & picando-os nella muito, de que lhes nace o recear a carreira, por temerem as eſporadas, q̃ em toda ella coſtumaõ receber. Eſtes ſaõ peyores de remedear, do que o foraõ

foraõ antes de os enſinar a correr. Com o q̄, he neceſſario paſſealos muitas vezes, & trazelos de trote, & logo de galope, fazendolhes paſſar aſſim a carreira ſem caſtigo, nem eſcandalo algum; & depois obrigalos a que corraõ, profiando com todos os caſtigos de eſpòras, & açoutes, ſe neceſſario for, tambem algumas peſſoas de fóra com varas, & vozes atè o fazerem ſahir. E tanto que partir; & deſiſtir do vicio, levarlhe as pernas por toda a carreira deſviadas, & ſem caſtigo algum em toda ella, ainda que corra pouco: & tanto que parar, decer logo delle, affagandoo muito; & mandandoo paſſear de redea pela meſma carreira muitas vezes, & continuandolhe eſta liçaõ alguns dias ſe virá a deſenganar, & conhecer que ſó com o correr, ſe poderà livrar do caſtigo, & do cavalleiro, & que obedecẽdo elle, o deſcarrega, & ſe apea deixandoo livre.

CAPITULO LXIII.

Dos cavallos que tropeçaõ muitàs vezes, & das cauſas, & remedios.

MUytas peſſoas, ou para melhor dizer, a mayor parte dos que andaõ a cavallo, coſtumaõ os cavallos, & os enſinaõ a tropeçar, & a cahir com elles: & iſto com hum erro univerſal que lhe applicaõ para naõ tropeçar que he caſtigalos com as eſpòras, ou varas, & aſperas ſofreadas: ſem averem reparado, & entendido que o tropeçar naõ pòde ſer nunca malicia, nem erro da vontade, para que mereça caſtigo: com que o meſmo caſtigo lhes ſerve para que em topando o caſco, ou ferradura com o minimo tope, ou roçadura em qualquer couſa, & na meſma terra limpa ſe arremeſſaõ logo adiante, embaraçando o compaço das maõs em que hiaõ com que tropeſſaõ mais; & algumas vezes caem, & ſempre abillam, & inquietam a quem vai nelles. Pelo que ſe naõ devem dar eſporadas, & nem caſtigo algum quando a caſo tropece, & logo verám como conſeguem o remedio; & ſómente

aos

aos cavallos que saõ rendidos dos peitos, ou mal seguros das maõs, será bom trazerlhes sempre as redeas mais tezas, & arrecadadas.

CAPITULO LXIV.

Dos cavallos, que se trocem, & afastaõ indo na força da carreira.

POr muitas causas se trocem os cavallos na carreira, desviandose mais para esta, ou aquella parte; porèm a mais ordinaria, he por falta de doutrina; & he defeito este muito mao; porque nem servem para correr lanças, nem para se passear huma carreira com composiçaõ, & sem cuidado; alèm do perigo que póde occasionar ao cavalleiro, despenhandoo, ou arrojandose entre gente com muito damno.

Jà se vè que a primeira cousa, para se poder remedear este resabio, deve ser o enfrear o cavallo com o freyo conveniente, & depois advertir se elle costuma encostarse mais para a espòra que o pica, ou afastarse della, porque dos cavallos mal doutrinados ha muitos que para onde os picaõ, para a mesma parte se chegaõ: & assim correndo, se verá: se elle foge à espòra chegarlhe sómente a da parte contraria, para que fugindolhe se indireite, & se para a que lhe chegaõ se arrima mais, chegarlhe entaõ a mesma da parte para onde elle se troce; & se nem com huma, nem com outra ajuda deixar de trocer para huma parte, se lhe tapará o olho daquella para donde foge; porque naõ vendo para donde se ha de afastar, se endireitará certamente; & tambem o cabeçaõ he efficaz remedio para este defeito.

CAPITULO LXV.

Dos cavallos que partem a troncos descompostos, & correm a saltos levantados.

HE cousa muito mà de sofrer, o partirem os cavallos a saltos descompostos na carreira, ou passandoa a trácos altos; porque nem o cavalleiro pòde parecer bem, nem ir quieto, & a seu gosto com este aballo. Procede este damno ordinariamente dos primeiros ensinos que dam ao cavallo, porque ficando nelles os vay continuando de mal em peyor, se o naõ sabem evitar.

He necessario para o remedio, trazer o cavallo muito sollegado, passeandolhe a carreira muitas vezes, & afastandolhe as pernas passar a carreira de galopes meùdos, & vagarosos, afferrando as redeas mui bem, porque supposto que nas primeiras vezes lhe faça dar com isto alguns saltos mayores, logo os virá a assentar; & depois que alsim a for passando de galope meùdo, irlhe soltando mais a redea do meyo da carreira por diante; & logo ir só com galopes o primeiro terço da carreira, & o demais correndo; & depois sempre os primeiros tres, ou quatro galopes brandos; & vagarosos, com que venha a habituarse, & a conhecer que primeiro que corra ha de começar com tres galopes brandos, & o demais corrido a toda a furia. E quando isto naõ baste para o reprimir, se use do cabeçaõ com as cordas que dissemos no cap. 54. por entre as maõs, com que naõ poderà correr mais que aquillo que quizerem; & correndo assim opprimido, se vai costumando a ir a meu dando os saltos, & correr atropelado, & quieto, como convem.

CAPITULO LXVI.

Dos cavallos que parão sobre as mãos.

HEcousa feya, & descomposta nos cavallos o pararem sobre as mãos, com que o cavalleiro se desacommoda muito, ficando sempre pouco ayroso. Procede este defeito de roins mãos, junto com serem os cavallos fracos de lombos, baixos das mãos, & algumas vezes pouco seguros dos pès.

Os remedios para isso, sam: o freyo de cambas curtas, a mão alta, & costumallos a parar em decidas, onde forçosamente hão de meter os pès, & picalos ao principio de parar, para que se arrojem, & tirandolhes então das redeas metem os pès melhor, ferralos desentaloados dos pès; & com menos disto obrado por hum homem de cavallo com boa mão, & que o entendão, se remedea logo.

CAPITULO LXVII.

Dos cavallos que fogem da carreira, & se saem de escaramuça.

OS cavallos que fogem da carreira, & se saem das escaramuças, o fazem ordinariamente por enfastiados daquelle trabalho, que não querem aturar: & com este deffeito sam incapazes de se servirem delles os homens, assim na guerra, como nas festas publicas, & em todo o lugar; tanto pelo risco, como pela fealdade.

Tenho achado, que se emmendão muito os cavallos deste vicio, com levarse o cavallo a terra larga, & limpa, & alli passar hũa, ou mais carreiras sem lhe dar esporadas, nem castigo no termo della, & tanto que elle pelo habito do vicio se sair fugindo da carreira, picallo então muito, & açoutallo fortemente, deixandoo ir correndo largo, & atabafandoo sempre com os castigos, atè se afogar, & cançar.

E da mesma sorte, andando nas voltas brandamente, & sem castigos se elle se sahir picallo, & apertallo muito; como tenho dito,

que

que depois receóso de que a sahida que faz o levẽ muito longe, & a muitos castigos se naõ sae mais, se acomoda à sujeiçaõ. Porèm naõ se deve dar aos cavallos, occasiaõ para estes, & semelhantes resabios, com as demasias de carreiras, & voltas que alguns fazem, de que naõ tiraõ outro fructo mais que lançar a perder os seus caval. los, & mais ordinariamente os alheyos: de que alguns dizem com muita graça, que naõ ha melhor cousa que besta de fóra, espòra de casa.

CAPITULO LXVIII.

Dos cavallos, que naõ querem voltar sobre huma maõ.

ALguns cavallos ha, que ou por resabios de andarem em maõs de roins homens de cavallo, ou por natural inclinaçaõ naõ querem de nenhuma maneira voltar sobre huma maõ, sendo faceis em darem sobre a outra quantas voltas quizerem; & ordinariamente esta falta he sobre a maõ direita. Alguns dizem que nace de que os maos cavalleiros se naõ acommodaõ tambem a manearem as redeas, para amaõ direita, por lhes ficar o movimento mais violento, & menos natural, do que para a esquerda, com o que vaõ pondo o vicio ao cavallo. Outros achaõ que por costumarem os cavallos em potros mamarem mais da parte esquerda, achando dali mais faceis a voltar sobre a maõ esquerda, & menos sobre a direita.

De qualquer causa destas, ou outra qualquer que seja, he necessario metellos a caminho, porque he deffeito este que impede a perfeiçaõ de hum bom cavallo. A principal cousa de que se ha de tratar, he ver se anda o cavallo enfreado, camo convem: logo fazelo entender a perna, se a naõ entende, porque com esta doutrina só escusará todo o mais trabalho que se póde ter com elle. O pilaõ he infalivel remedio para este deffeito, trazendo o cavallo nelle com o cabeçaõ sempre sobre a mesma maõ

que

que elle recuſa, ſem lhe dar volta alguma ſobre a outra, affagandoo, dandolhe paõ, ou erva, quando andar bem, trazendoo primeiro na volta ao paſſo, & trote muitas vezes, antes de o meter no galope: & depois de lhe averem dado algumas liçoens no pilaõ, & que ſe entenda anda jà deſenganado, ſe podem dar ſolto ao redor do meſmo pilaõ, porque pela meſma trilha anda á melhor; & para que ſe conſerve depois bem ſeguro na obra ſempre que voltarem nelle, começaráõ as voltas ſobre a maõ do reſabio, & acabaraõ ſobre ella.

CAPITULO LXIX.

Dos cavallos, que ficaràõ reſabiados com o muito trabalho depois de alguma companhia, ou feſtas.

HE taõ exceſſivo o trabalho que algũs cavalleiros (bem que verdadeiramente naõ merecem eſte nome, os que o fazem) daõ aos cavallos, tanto que ſe colhem ſobre elles, & principalmente nos mais obedientes, & melhores, porque naõ moſtraõ nunca froxidaõ, que forçoſamente ſe haõ de enfaſtiar, & moſtrar que ſe enfadam; como naõ tem outras palavras com que expliquem a ſua queixa; tratam de recuſar o trabalho, defendendo-ſe com algum reſabio, de que naõ eſcapaõ ainda os de melhor inclinaçaõ, ſendo demaſiadamente obrigados àquillo a que já naõ podem.

Tenho pelo melhor remedio de todos para os cavallos, que antes *deſte trabalho*, ou feſtas eraõ liſos, o darlhes hũa larga folga, na qual naõ *ſó ſe* vem a eſquecer dos ceſtros, mas tomando forças, & alentos, tornaráõ a obrar ſem nenhum vicio advertindo que as primeiras vezes q̃ depois os meterem a manejo ſe lhe dè mui poucas voltas, & menos carreiras, deixandoos ſempre com deſejo de mais.

CAPITULO LXX.

Dos cavallos que ſe inquietaõ, & naõ tem ſofrimente no principio, & fim da carreira.

HA grande numero de cavallos que naõ querem ter ſofrimento para eſtarem algum inſtante no principio da carreira, ſem ſe reſolverem, & inquietarem; & o meſmo fazem alguns no fim, depois de averem parado: o que he grande deſcomodidade para o cavalleiro, eſpecialmente quando corre lanças, & que he neceſſario eſperar no fim da carreira direito, & quieto.

Tenho alcançado, que ſe remedea eſte deffeito cõ fazer muitas vezes, o que direi: pòr o cavallo com o roſtro na carreira, & eſteja alli logo hum moço, que lhe pegue no freyo, & o ſegure, & deſmontando delle o cavalleiro, o meſmo moço o paſſee, atè o fim da carreira. Logo tornarà a montar, & paſſeando a carreira, ir buſcar o principio della; & ahi voltando o cavallo para a carreira, parar, & deſmontar outra vez; & fazer iſto muitas vezes, com que o cavallo ſe coſtuma a voltar para a carreira, incerto do que haõ de fazer, ſe o aliviaráõ com ſe apearem, ou ſe quereràõ correr: & como ſe inclinaõ mais ao que os alivia (como o fazem na vontade, com que ſe chegam para deſmontarem, ou para irem para a eſtribaria) do que àquillo que os moleſta, vem logo a arroſtrar a carreira, & a deixaremſe eſtar muito quietos, ainda que corraõ muitas vezes.

No fim da carreira para eſtarem quietos, ſe ha de uſar o meſmo; tanto que o cavallo parou, apear logo, & deixalo alli quieto, pegando hum moço nelle; & fazendoſe muitas vezes como tenho dito, ao depois tanto que o cavallo parou, que lhe afroxaõ a redea, & carregaõ (ſe neceſſario he) mais ſobre o eſtribo eſquerdo, jà ſe aquieta, eſperando que ſe apeem, & o deixem, com que vem a ſegurarſe infalivelmente.

CAPITULO LXXI.

Dos cavallos que nãõ querem consentir que o cavalleiro traga na mãõ lança, ou vara, & o mesmo receyo tem à espóra.

HA alguns cavallos tam vivos, fogosos, & inquietos que nãõ ha aquietalos, tanto que sentem a lança na maõ, ou vara, & das espôras tem o mesmo receyo. Naõ sam estes ordinariamente os peyores, porèm necessitaõ mais dos homens de cavallo expertos, do que os outros cavallos, porque com a temperança, & bom modo os asseguraõ para tudo.

He necessario primeiro, para que vaõ perdendo o medo à vara, bengala, ou lança, abanarlhe as moscas na estrebaria com hum ramo, do qual se haõ de ir tirando as folhas pouco a pouco, atè que fique o pao com huma, ou duas na ponta, depois sem alguma, coçando assim com ella, & depois com outra mais grossa: com que trazendoa acavallo primeiro com folhas, & depois sem ellas, & mais grossas a virà a consentir depois, & naõ estranharà da mesma sorte a bengala, & lança. E para perder os receyos das espòras, he o melhor naõ lhas chegarem, ainda que as tragaõ, tanto que as escusa; salvo se der pernadas a ellas, ou outra mostra de malicia, ou cocegas, que entaõ serà necessario usar de espòras fixas, que naõ ande a roseta, & de pontas grossas, para o naõ escandalizarem tanto no principio, em quanto se naõ vai costumando a ellas.

CAPI

CAPITULO LXXII.

Dos Cavallos, que ſe naõ querem deixar montar

NAõ querem alguns cavallos conſentir, que ſubiõ nelles ou por inquietaçaõ natural, ou por receyos do trabalho, que lhe daõ todas as vezes que os cavalgaõ. E he eſta hũa grande deſcomodidade para o cavalleiro, ſendo lhe neceſſario muito trabalho para tomar o eſtribo, & montar com ſegurança.

Se os cavallos fazem eſta repugnancia por novos, ſe remedeaõ facilmente, com o muito uſo de ſubir, & decer nelles: naõ lhes dando trabalhe que os deſeſpere; & tambem mandandoos todos os dias a beber, & a lavar por hum moço a cavallo porque cõ o uſo de ſaberem que vaõ ao que elles deſejaõ, ſe chegaõ com toda a vontade; & aſſim ſe coſtumaõ a naõ duvidarem em ſer montados. Se comtudo o fazem de malicia acudindo com o dente, ou com a perna ao eſtribo, he conveniente caſtigallos com boas varadas no focinho, ou pè com que acodem, ao meſmo tempo em que o intentaõ, & ſe neceſſario for, porlhe humas ſoltas ao montar algumas vezes atè remediarem o vicio. E ſe o fizerem por andarem mui picados, feridos, & eſcandaliſados das eſpòras, deixallos ſarar, & deſcançar. Tambem os antolhos remedeaõ eſta falta em quanto ſe naõ emmenda.

CAPITULO LXXIII.

Dos cavallos eſpantadiços, a que chamaõ (paſſarinheiros.)

HE grande deffeito ſerem os cavallos eſpantadiços, a que alguns chamaõ (paſſarinheiros) que ſempre vaõ a temer, & reparar; & muytas vezes ſe revolvem de repente, dando com o cavalleiro em terra, ou pouco menos: & ſendo por caminhos, que tenhaõ das bandas deſpenhadeiros, ſe precipitaõ com muita facilidade.

Ordi-

Ordinariamente nace este defeito de ser o cavallo curto da vista, com que a falta della lhe representa as cousas differentes do que saõ. A muitos lhe faz damno aquellas sedas, que tem compridas por baixo dos olhos, naõ das pestanas, mas outras que estaõ mais por baixo, que se atravessaõ diante do objecto, & lhe formaõ differentes figuras, com que he cecessario arrancaremse estas sedas.

Tambem he causa deste defeito, ou ao menos de que o cavallo faça nelle mayores excessos, o picaremno, castigandoo no tempo que elle se espanta, & se quer segurar no que vè, porque sabendo que se faz reparo, o castigaõ, depois tanto qne percebe o objecto, em lugar de se segurar virà de repente, & se arroja como desesperado, fugindo ao castigo, que sabe se lhe segue do medo, & reparo que fez. Com que se naõ deve castigar nunca, porque o medo, ou falta de vista, naõ he malicia, & sem malicia naõ ha castigo; & se trará de noute, & de dia por onde ouver muito concurso de gente ferreiros, carpinteiros, com bom tento, & sem rigor, com que virá a perder os medos, & temores que tiver.

CAPITULO LXXIV.

Dos cavallos que naõ querem sahir para fóra da estrebaria.

SAõ taõ manhosos alguns cavallos, que sentidos de repetidas vezes lhe darem muito trabalho, naõ querem sahir da estrebaria, ainda que lhes façaõ muita diligencia, sendo este hum erro muito grande, quando deve aver toda a facilidade no sahirem os cavallos das estrebarias, porque a pressa com que muitas vezes succede serem necessarios, naõ permite dilaçoés de os tirarem com trabalho, & ceremonias.

Sendo o cavallo confirmado neste vicio, será necessario deixalo estar sem comer a mayor parte de hum dia, & depois tirallo a primeira vez com a violencia que for necessaria; & tirado assim; darlhe

darlhe fòra à reçaõ, & mais comer : & logo aõ outro dia, & aos ſeguintes, naõ lhe dar a comer a reçaõ ; nem beber dentro, ſe naõ fóra da eſtrebaria, tornandoo a recolher depois que comer ; & fazendo iſto algumas vezes ſem lhe dar trabalho, perderá logo eſte vicio, caſtigandoo dentro ſempre que duvidar em ſair, & ſe neceſſario for, fazerlhe fumo na eſtrebaria, & atemorizalo com fachas de palha acezas, atè que ſaya, & ſe venha a conſeguir o fazello com facilidade.

CAPITULO LXXV.

Dos cavallos que naõ conſentem andar a deſtra.

MUytos cavallos ſaõ tam inquietos vendoſe leves, & ſem pezo em cima, que daõ grande trabalho aos moços, que os paſſeaõ de maõ, fazendo brincos, & ſaltos, & pretendendo ſoltarſe. Eſta incomodidade ſe acha mais ordinariamente nos cavallos novos, q̃ eſtaõ folgados, & viçoſos : com que o melhor remedio nos principios, he paſſealos com antolhos, & continuar muito nos paſſeos : & depois quando vem cançados de trabalhar, paſſealos entaõ, porque andaõ mais quietos, trazendolhes as redeas ajuſtadas, mas de tal modo, que ſe naõ levantem, ou cayaõ para tràs.

E ſe tudo naõ baſtar ſerà neceſſario trazelos no paſſeyo com humas ſoltas, caſtigandoos algumas vezes, quando ſe inquietarem, atè virem a tomar quietaçaõ ; melhor ſerá que os paſſee o moço que coſtuma darlhes de comer, & que elles conhecem, dandolhe algumas vezes no paſſeyo paõ, ou humas ervas, com que vem depois a ſeguillos ſoltos, & ſem pegarem nelles.

CAPITULO LXXVI.

Dos cavallos que nãõ querem entrar na agoa para os lavarem.

NAõ querem alguns cavallos entrar na agoa do rio parã os lavarem, fazendo tantos excessos, que tornaõ muitas vezes para casa, sem ser possivel lavallos, nem dar-lhes os banhos q̃ saõ muito necessarios em alguns tempos de Veráõ. Procede este receyo de os castigarem algumas vezes muito ao entrar sem necessidade, ou de os obrigarem a entrar em poços, & nadarem contra seu gosto, ou metendo a cabeça por baixo d'agoa vendose affligidos, ou deitandolhe agoa dentro das orelhas, com que depois se querem defender de entrar naquellas molestias, que receberaõ na agoa.

He bom remedio para os costumar, deixallos estar sem beber hum dia, ou dous, para que a sede os obrigue a entrar na agoa, & levantandolhes as redeas, para que naõ bebaõ logo na marjem, vaõ entrando mais facilmente adiante

Tambem será bom metellos, com antolhos, ou recuando-os para tràs pela agoa, atè de todo entrarem nella; & metidos naõ os molestar, nem levar a poços onde seja necessario nadarem, ou affligiremse; tendoos quietos com os peitos na corrente, & dandolhes alli de comer alguma cousa, affagando-os muito, com que virãõ depois a entrar com muita facilidade.

CAPITULO LXXVII.

Dos cavallos que rasgaõ, ou comem as mantas, & as naõ consentem.

OS cavallos em quanto sam novos intentaõ muitos vicios, em que naõ he bom deixallos conformar. Saõ alguns em roerem as mantas, rasgalas, & deitalas fóra de sy, taõ contumazes, & porfiosos, que ainda estando com elles, & ameaçando-os cõ castigos se naõ aquietaõ. He bastante remedio, para a mayor parte delles, molhar as mantas

mantas em hũ cozimento feito de nabos, de trovisco, pizados primeiro, fel de boy, & cebo derretido, & misturado: com isto não tem gosto de metellas na boca; nem tocallas. Comtudo já vi algũ cavallo taõ confirmado no vicio, & que ainda assim as rasgava; com que para estes taes será necessario, usar de hum pao de tal comprimento, que chegue da focinheira do cabresto atè a cilha, furado nas pontas com humas correas nellas, que ate huma ponta na cilha da manta, & outra na focinheira do cabresto: destes paos se podem pôr dous, hum de cada parte; porèm costuma bastar hum, para que o cavallo naõ possa voltar a cabeça, para huma, nem para outra parte, porque para ambas he impedimento bastante: isto se deve usar sômente até o cavallo estar costumado, ao que se acommodará mais facilmente no Inverno, porque o frio lhe faz consentir melhor a manta.

CAPITULO LXXVIII.

Dos cavallos que estaõ sempre ferrando os dentes na manjadoura com birra.

MBirra he hum vicio, que se acha em muitos cavallos, & ordinariamente basta que hum o tenha em hũa estrebaria, para que os outros o tomem logo: donde algũas pessoas enganadas quizeraõ dizer q̃ era achaque contagioso, o que pela experiencia se mostra naõ ser assim, mas sómente vicio: porque se o cavallo o fizera por ter impedimento na boca, ou garganta, que o naõ deixasse engolir, sem aquella ajuda de ferrar os dentes, naõ era possivel que logo os demais tivessem o mesmo impedimento, para fazerem o proprio: com que se tem bem averiguado que he sómente vicio, & que como tal, o tomaõ tambem os mais cavallos; como o tabaco que os homens tomão por verem tomar a outros, & depois se vaõ confirmando no vicio; ou mais propriamente como vemos abrirse a boca a huma pessoa, & logo abrirse tambem a muitas mais das que estaõ prestes.

Deve

Deve atalharſe eſte defeito, por evitar os damnos que cauſa, que ſaõ tres. O primeiro encherſe o cavallo de flatos no ſorver de vento que lhe correſponde às ilhargas, fazendo-os ſujeitos ordinariamẽte a torcilhoẽs ventoſos, & ſe viráõ a fazer eſtreitos das ilhargas todos os que uſaõ eſte vicio. O ſegundo he que com aquelle uſo ſe lhe gaſtaõ, & moem os dentes. O terceiro he devertillos de que comaõ gaſtando mais tempo com o vicio, que com o comer, deitando fòra a cevada, & mais mantimento.

Se for o vicio moderno, baſtará caſtigallos quando o comem; porem algumas vezes, ou que coma em manjadoura de pedra: porèm ſendo já muito confirmados, ſerá neceſſario cobrir os paos da manjadoura, em que ferraõ os dentes com huma folha de flandes. ou chapas de ferro, & ainda com alguns picos, ſe for neceſſario.

Algumas peſſoas os tem preſos a huma argola, dandolhes de comer no chaõ, & a cevada en bornal; porèm iſto tem ſeus diſcommodos, cada qual eſcolherá o que melhor lhe parecer.

CAPITULO LXXIX.

Como ſe devem fazer as compras, & trocas dos cavallos de conta.

PAra as compras, & trocas dos cavallos, he neceſſario primeiro pòr de parte toda a inclinaçaõ, & apetite, que muitas vezes ſe tem de hum tal cavallo, para que livre a eleiçaõ, poſſa diſtinguir os defeitos das bondades; porque como a affeiçaõ cega, ſe naõ poderám conhecer com clareza, & com verdade. Todos os livros de Cavallarias, & Alveitarias andaõ cheyos de tantas advertencias neſta materia, que he ſuperfluo tornar a relatallas: para as quaes era neceſſario dizer as partes, & feiçoẽs que ha de ter hum cavallo, os ſinaes, os defeitos, os enfreamentos; & tudo iſto, & os demais que ſe deve buſcar no cavallo, que ſe compra, tenho já dito nos

nos capitulos da eſcolla dos potros, & nos demais a que tocaõ, o de ſe achará tudo o que ſe deve buſcar de boas partes no cavall & os defeitos de que ſe deve fugir. Com que por naõ repetir couſas duas vezes, enfadando aos leitores direi ſómente por ſum ma: que as mais ſeguras compras ſaõ as de cavallos conhecidos, d daquelles de que naõ ha conhecimento, ſendo cavallos de conta comprallos com a cautela, de que primeiro os teráõ em caſa guns dias antes de ſe pagarem, para que meùdamente ſe poſſaõ informando das partes, ou defeitos que tiverem, porque de outra ſorte, ſerá ſempre arriſcada a eleiçaõ, pois he impoſſivel ven do hum cavallo conhecerſe logo com ſegurança as ſufficiencias, & os defeitos, eſpecialmente os da inclinaçaõ, & os de comer, ou naõ comer bem, & outros, que na eſtrebaria ſó ſe alcançaõ, & nã nas feiras, que todos os vendedores com huma fingida preſſa ſa bem encobrir, como cada dia vemos.

Para as trocas ſerve guardar a meſma regra, & ſendo em feira feita à ventura, ſe deve ao menos advertir huma cautella que he reparar muito nos defeitos, que o outro buſca mais no meu ca vallo, porque eſſes ſeráõ os que ſe acharàõ no ſeu, por cuja cauſa o troca, & quer melhora; como ſe elle examina muito os olhos, neſſes acharàõ erro do ſeu, & ſe nas pernas da meſma maneira: & ſerá ſempre neceſſario mandar meter na agoa o cavallo, & aſſim molhado liſarlhe muito bem as pernas, & braços, antes que o exa mine o alveitar, porque aſſim lhe acharà mais manifeſtas as leſoẽs, ſe as tiver, avendoſelhe pago primeiro. E para eſte exame ſer com todas as cautelas, & meudezas, vejaſe no tratado *de Alveitaria* o cap. 1. que nelle declaro tudo largamente, & por *iſſo* me naõ alar go aqui mais.

CAPITULO LXXX.

Como devem ser as botas, & espóras, as lanças de Brida, de sortilha, & as de justas, candieiros, corda, fiel, sortilha, estafermo, borquinha, canas, & alcanzias.

AS melhores botas sam aquellas, que forem do uso mais moderno, & essas pareceráõ sempre melhor, porque toda a antigoalha he desayrosa. Convem comtudo que sejaõ bem ajustadas na medida da perna como as de que se costumaõ servir nas festas os Francezes aceado cavalleiros, que usando-as para as jornadas tam largas, que alguns as alcançaõ com os çapatos dentro, as fazem taõ polidas para festas, & ajustadas que vem cuzerlhas o çapateiro na perna. He tambem conveniente que as solas naõ sejaõ mui duras, nem mais que huma, para que o pé se ajude melhor do movimento, & seja com o carnaz para fóra, para que pegue melhor no estribo.

As espòras tambem tem seus vasos; porèm sem desviar delles, se podem acrescentar, ou deminuir, conforme parecer conveniente; porque aos homens, que tem as pernas compridas sempre saõ necessarias espòras, que armem altas, & com rosetas grandes, para que sem grande movimento de pernas alcance a barriga do cavallo: & devem ter sempre as rosetas mais como fulha de oliveyra, que como ponta de espinho, & muito bem ajustadas nas botas, porque estando fixas, castigaõ melhor que froxas:

As lanças de Brida devem ser feytas de faya, ou pinho de Flandes, & de comprimento de doze palmos, o pè grosso, & com pezo bastante, porque assim facilita melhor o manejo della; o punho naõ seja grosso, nem taõ delgado, que naõ encha mui bem a maõ; as roscas saõ as melhores de seis, ou outo frizos, porque assim parecem melhor, saõ mais galhardas, ainda

ainda que alguns achaõ ; que tomaõ muito vento ; que ſerá defeito ſó para os novatos , que em quanto o forem podem uſar de quatro , que tambem ſendo largas , & altas as roſcas , ſe praticaõ: humas , & outras devem ſer bem ſahidas , & pyramidaes atè a ponta , com ſeu encaixe de ferro no remate ; porém a ponta naõ ſeja taõ delgada que a qualquer vento vá tremendo , & brandindo , & he neceſſario que a lança para publico ſeja dourada , & pintada cõ primor.

As de juſtas devem ſer ſó de quatro roſcas , maia baixas , & pequenas , & o pè mais delgado , para que melhor ſe poſſa unir ao peito das armas : podem ſer as ponteiras levadiças, & ſeparadas , para que nos meſmos troncos tendo hum encaixo , ſe metaõ humas , & outras : & ſendo as juſtas entre amigos , ſe devem dar huns furos cruzados nas ponteiras , para com menos reſiſtencia quebrarem.

Os candieiros he mui facil modo para o uſo da fortilha , frangos , patos , & carneiros , porque evitaõ o trabalho , & incommodidades , que tinhaõ os poſtes metidos na terra , de que uſavaõ os antigos , abrindo , & tapando covas no meyo da praça , impedindo em quanto eſtavaõ poſtos a ordem das eſcaramuças , & occaſionando depois de tirados tropeçarem os cavallos ; que punhaõ as maõs na terra da cova brandamente cuberta.

Todos ſabem a feiçaõ dos candieiros còm que ſómente he neceſſario advertir , que ajaõ de ſer bem largos , & pezados no aſſento , as haſtes fortes , & ſeguras ; para o que ſaõ melhores as haſtes de huns caſtanheiros novos delgados , & direitos , tirandolhe ſómente a caſca , porque naõ quebraõ ainda que cayaõ ; & ſendo para acçaõ publica ſeráõ mui bem pintados , & ayroſos , & na haſte teráõ tres , ou quatro buracos , huns mais altos , & outros menos ; pelos quaes ſe meterá a corda com o fiel , de tal maneira ajuſtada que acorda encha mui bem a argola do fiel , porque de outra ſorte com qualquer vento andará voltando para huma , & outra parte o que deve ſer de comprimento de tres dedos atraveſſados , que he o mais ajuſtado ponto , ſendo

yazió

vazio por dentro; & a ſortilha de tal largura, que poſſa entrar pela lança atè comprimento de tres palmos; & na meſma ſortilha ha de eſtar pegada huma moleſinha dobrada, para entrar, & pegar dentro no fiel.

Para os patos, & carneiras ſerà a corda mais groſſa, & ſe porá nos furos mais altos dos candieiros.

A barquinha deve ſer inteiriça, & de pao ſeguro, para que reſiſta aos botes das lanças, bem encevada; & tambem para elle ſe requerem lanças fortes, ſendo de Brida. O feitio deve ſer como hum barco de peſcar ordinario, porèm com quilha alta, & forte por baixo, que venha da proa atè a popa, & os furos por onde vay a corda de huma ponta atè a outra ſe querem liſos, & largos, para que dè volta na corda com facilidade.

O eſtafermo ſe ha de fazer de pao mui leve, poſto ſobre hum pilar, onde fique taõ levantado, como o cavalleiro. Alguns o poem ſobre as teas das juſtas na do meyo, & alli ſe deſviaõ os cavalleiros menos, & por iſſo caſtiga mais. Terá no braço eſquerdo rodella, ou borquel de aço, que deve eſtar embraçada, & pegada no peito eſquerdo, & terá algum friſo ao redor, & naõ eſcoada, que peguem nelles as lanças para o fazerem dar volta: o torno ſobre que andar o corpo mui bem deſempenado, & ligeiro, & na maõ direita o açoute.

As canas faõ melhores deſalgueiro, ou caſtanho direitas, & naõ mui leves, & nos pès cortadas redondas, & ſem bicos.

As alcanzias do tamanho de laranjas, ſecas ſómente ao Sol, & naõ cozidas, & mui bem cheyas de varias flores, porque quando daõ no cavalleiro, quebrando o cobrem todo, & acabada a feſta, fica tambem o terreiro muito aprazivel, ayroſo; & alcatifado.

CAPI-

CAPITULO LXXXI.

Como devem os cavalleiros fazer as entradas na praça com oſtentaçaõ, & luzimento.

O Mayor ornato de humas feſtas publicas, conſiſte nas boas entradas na praça com perfeiçaõ, & luzimento; porque deſtas primeiras viſtas concebe o povo mayores eſperanças, recreando os olhos na variedade das galas; concertos dos cavallos, em prezas, & letras das adargas, & vendo como em hum ſó aſpecto junto, quanto eſpera lograr por partes: & para que ſeja com boa ordem, naõ deve aparecer cavalleiro algum no terreiro, ſem ſer em companhia dos mais. Para o que antes de entrarem na praça ſe ajuntaráõ em huma rua, ou ſitio livre, aonde ſe ajuſtem, & componhaõ tudo primeiro, fazendo ir diante as charamelas, & atabales, logo as folias, pèllas, gaitas, bailes, muſicas com inſtrumentos em varios coches, ou ceges deſcubertos, logo ſe ſeguiráõ duas azemolas com as canas cubertas, com repoſteiros, ſe entaõ ſe ouverem de jugar; logo os tambores, depois os cavallos de maõ, dous a dous com eſpaço entre hum, & outro par, de dez, ou doze palmos, logo os trombetas com muyto adorno, plumas, & galhardetes nelles, & em os cavallos; a eſtes ſe iráõ ſeguindo os cavalleiros emparelhados, que ſendo poſſivel ſer cada huma parelha da meſma gala, & ſemelhança de cavallos, ainda ſeriaõ mais perfeitas, deixando entre huma, & outra eſpaço de duas varas. E neſta fórma avendo de jugar canas, ou fazer eſcaramuças dobradas, faràõ logo a meſma entrada com as lanças nas maõs, & adargas embraçadas com os ſeus motes nellas, que cada qual quizer levar, feito a ſeu intento, & indo armados deſta ſorte ainda parecem mais galhardas as entradas, ſendo a jugar canas, ou a fazer eſcaramuças dobradas com lanças, & adargas; & ſendo a ir levar o Mantenedor ao terreiro entaõ naõ ſam neceſſarias

rias lanças ; nem adarga; , & ſó o Padrinho do Mantenedor deve levar a lança de Brida poſta em ſeu lugar , ſendo o penultimo do acompanhamento , & o Mantenedor o ultimo. E neſta fórma entrarám muito devagar dando volta ſobre a mão direita a toda a praça , fazendo corteſia a todos os que ſe acharem nella ; & avendo alguma peſſoa Real , ſe irá buſcar primeiro fazendolhe as corteſias na fórma que diremos no capitulo de Tourear ; & às damas que eſtiverem nos palanques , & janellas , ſe faráõ puxando os cavallos alguns paſſos a trás, & acabada a volta ſe recolha o Mantenedor à ſua tenda , & na meſma fórma , acabada a feſta devem fazer a ſaîda , & acompanhamento ao Mantenedor , ou ſeja o meſmo , ou qualquer outro , que ultimamente fique ſenhor do terreiro , & ſendo entrada para ſe jugarem canas , ou fazer eſcaramuças , ſe diſporáõ na fórma que dizemos nos capitulos das canas , & eſcaramuças , acabando ſempre a ſahida com a meſma volta à praça, & concerto, com que ſe ouver feito a entrada.

CAPITULO LXXXII.

Como ſe deve enſinar a cavallaria de Brida a hum moço novo , que ainda de todo a ignora.

INgenua, & louvavel he em moços nobres a inclinaçaõ , & deſejo de aprender o exercicio da cavallaria : porque ſobre a nobreza cae eſta inclinaçaõ , como o eſmalte ſobre ouro , caleficando com as nobres inclinaçoens as qualidades , acquirindo-as ainda os que de todo as naõ tem ; como pelo contrario os inimigos deſte exercicio , & inclinados aos baixos , & terreſtes , moſtraõ faltas de ſangue, & penſamentos

Na rèpublica de Athenas, quando florecia no mayor auge o ſeu governo, ſe apremiava com grandes rendas cavalleiros meſtres para enſinarem a cavallaria às peſſoas mais nobres que a quizeſſem aprender, como o foraõ algum tempo Simon, & Genofon, & outros muito illuſtres Athenienſes, de taõ grande opiniaõ, que deixàraõ ſua fama nas eſtampas da immortalidade, com que ſe faziaõ naquellas eſcolas grandes homens de cavallo; porque he a cavallaria huma das artes que mais neceſſita de regras, & doutrina, ſem as quaes ſaõ tudo defares, & imperfeiçoens.

Para darmos a eſte capitulo as regras convenientes com todas as meùdezas neceſſarias, ſe deve entender primeiro; que a peſſoa a quem enſinamos eſta arte de entender, & exercitar a cavallaria de Brida, a eſtá ainda ignorando totalmente, & que aſſim neceſſita de todos os principios della: & debaixo deſta ſuppoſiçaõ irei mui meùdamente declarando, tudo o que lhe pertence.

Primeiramente advertirá logo o principiante, ſe eſtá o cavallo ferrado, a ſella, rabicho, & peitoral em ſeu lugar, as cilhas moderadamente apertadas, os lòros em ſeu ponto, & as fivelas delles bem corridas acima, porque lhe naõ fiquem debaixo dos joelhos, o freyo ſobre os aſſentos, a barbella em ſeu ponto neceſſario; & ſe ocavallo eſtà oprimido de alguma couſa, doente, ou manco, para o que lhe mandarà dar primeiro pelo lacayo alguns paſſos.

Logo chegará ao cavallo por diante para que o veja, & com a maõ eſquerda tomará as redeas entre o dedo polegar, & os dous ſeguintes, & logo os dous menores meterá entre as duas redeas, porque a eſtes tocaõ os movimentos leves de huma, ou outra em particular, os quaes naõ pòde fazer o polegar com os outros, porque governaõ a uniaõ de ambas juntas tomadas as redeas deſta ſorte, & o botaõ dellas corrido primeiro para cima da maõ (porque ſerve muitas vezes de embaraço) as ajuſtará em tal ponto, & medida, temperadas ao ſentimento da boca do cavallo, que nem ſejaõ taõ puxadas, que o alterem nem

taõ

taõ brandas, que naõ pare, & pegará com ellas assim na maçaneta da sella, & chegando o hombro esquerdo junto à mesma pà esquerda do cavallo, meterá o pè no estribo, & pondo a maõ direita no arçaõ trazeiro, dará hum brinco, & se meterá na sella, & com o pè direito tomará o estribo, sopezandose, & ladeandose na sella, para bem se ajustar, & affirmar; advertindo que os lóros estejaõ em tal medida, que levantando nos estribos lhe caiba huma maõ estendida por baixo entre o corpo, & a sella, & que naõ meterá nos estribos mais que a ponta do pè, que he das mais necessarias advertencias; em que deve habituarse, porque alèm de ser a melhor; & mais ayrosa, & verdadeira cavallaria, he adonde o pè tem toda a força, & palpavel movimento; & metendose em todo o estribo, ou passando adiante, naõ pòde affirmar o corpo, nem estribarse com concerto, & composiçaõ de pernas, ainda que assim lhe pareça que assegure melhor o estribo, he engano, que antes o leva perdido.

E logo se ajustará apertandose naõ com as curvas das pernas, mas com os joelhos, porque pertendendo apertalos com as mesmas rodelas dos joelhos, logo os pès nos estribos ficaráõ melhor plantados; porque estes haõ de ficar de sorte, que quem olhar pelas costas ao cavalleiro, lhe naõ veja dos pès mais que os calcanhares sómente, & estes por baixo, nem ficaráõ mais pendurados; do que a planta do pè, nem mais levantados que ella, mas taõ iguaes como se estivera posto em pè, em terra plaina, com os pès direitos, & sem dobrar, ou torcer os tornozelos para fóra, como alguns, que se fazem parecer torcidos, & aleijados.

Depois de apertados os joelhos, & mui bem levantado como em pè, porá o corpo de sorte que fique quasi a plumo ao direito das pernas, na qual postura se abituará a andar sempre sem se arrimar aos arçoes de trás; nem de diante, que depois de costumado o naõ estranhará.

O braço direito, poderá trazer humas vezes sobre a polpa da coxa junto à vetilha unhas a baixo, & com o cotovelo arcado; & naõ encolhido para trás: outras vezes o braço deitado ao di-

vel

vel do corpo, cõm ãs coſtas da maõ ſobre a coxa, & naõ com a palma; & levando vara, ou bengala, que neſta cavallaria ſerve de bengalla ſerá mais ordinaria poſtura della entre o arçaõ dianteiro, & a crina do cavallo, levando com ella aſſim o braço arcado, & ſempre he bom ir variando de poſturas o braço, ou vara, porque naõ pareça affectaçaõ.

Com a maõ da redea terá ſempre o cuidado neceſſario dando docemente as redeas ao cavallo, ſem nunca ſe deſcuidar delas com os movimentos neceſſarios, como leme deſta naõ, apanhando-as, & alargando-as, confórme a dureza, ou brandura do cavallo, dobrando-as para huma, ou outra parte com a meſma advertencia; temperando com os movimentos da maõ os deſmandos que o cavallo tiver no modo de armar a cabeça; porque levantando muito a barba he neceſſario que ande a maõ da redea baixa entre as crinas, & maçanete da ſella, & ſe armar baixo, & encapotado deve andar a maõ alta, & mais eſtendida para as orelhas do cavallo, do que para a maçaneta da ſella. O corpo muito direito, & ſem o torcer, às bandas, o roſtro alegre levantando, & ſem afectaçaõ nos movimentos, o chapeo firme, & levantado de diante, as acçoens ſoltas, a poſtura forte, & desenvolta.

Se for com capa; he o melhor modo deixalla ir cahida pela eſpada da parte direita abaixo. Porèm querendo correr, & manejar o cavallo, entaõ ſerá neceſſario, para que as maõs andem livres, & a capa ſegura, & ajuſtada, trazer a ponta direita por baixo do meſmo braço, & lançalla por cima do hombro eſquerdo, & depois a ponta da parte eſquerda lançala por cima do meſmo hombro eſquerdo, com que venha a pender; ou pegar ao lado direito.

Depois que o novo cavalleiro andar bem adeſtrado neſtas regras, montando, & deſmontando facilmente, ſem ſe acoſtumar a buſcar poyos, ou degraos (por nenhum caſo) para ſubir nos cavallos; ſe hirá habituando tambem a cavalgar da outra parte com as meſmas circunſtancias, que da eſquerda diſſemos: porque he hum grande defeito que ha em muitos cavalleiros naõ ſaberem; ou naõ ſerem faceis em cavalgar de huma, & outra

parte

partè; porque ha occaſioens appreſſadas, em que he neceſſario montar daquella parte, donde ſe colhe o cavallo mais depreſſa; como da meſma ſorte o deſmontar, que ſuccede ſendo ſempre para hũa parte, ſer nos braços talvez do inimigo; ou em pontos de corteſia; buſcarſe ao cavalleiro pela parte direita, & elle cair no erro, ou groſſaria de decer pela eſquerda, parecendo que lhe foge, ou lhe dá occaſiaõ, a que com huma volta por redor do cavallo o buſque: & aſſim ſe habituaria a ſubir, & decer mui preſtes; advertindo que naõ largará a redea da maõ, atè naõ ter os pès ambos ſeguros em terra.

Tambem terà cuidado, & advertencia, em que medida de lòros fica bem eſtribado, para que nella tome o comprimento, que vai do alto do meyo da ſella até o eſtribo, medindoo com ſeu palmo, para que depois quando cavalgar, ſaiba em que ponto cavalga, por eſcuſar de alargar, ou encurtar, depois de eſtar montado.

CAPITULO LXXXVIII.

Como o novo cavalleiro deve paſſar a carreira, com concerto, & compoſiçaõ, conforme a arte.

DEpois que o noſſo novo cavalleiro andar mui bem ajuſtado na ſella, & no paſſeyo do cavallo, & o manejar livremente com a redea para huma, & outra parte, que com uſo, & exercicio o fará em breve tempo; & depois que ſe der jà por bem ſeguro na ſella, & com firmeza baſtante, que poſſa paſſar a carreira ſem defeitos, a paſſarà algumas vezes, trotandoa outras, & ſendo em preſença de quem o poſſa emmendar ſerá melhor, para lhe advertir os defeitos, que com os ſentidos da redea, da peſſoa, do cavallo, & do terreno, naõ poderá prevenir, & avendo ultimamente paſſeado à carreira pararà o cavallo no lugar do principio della, & eſtará aſſim hum pouco com a anca para a carreira em cujo tempo firmarâ o chapeo, & tomará as pontas da redea na maõ dircita, pondoa fechada com ellas em huma das poſturas, que

que dissemõs, & logõ com toda a desenvoltura de animo sossegado, o hirá voltando sobre qualquer das maõs (supposto que sobre a esquerda he a melhor pratica, mas tambem sobre a direita naõ he erro, naõ levando lança, ou espada empunhada, porque então o será) & neste voltar do cavallo lhe livra á o corpo do fio da carreira, carregandoo algum tanto para q̃ voltando assim, fique logo com o rosto mais direito na carreira, revolvendoo com espaço em que bem lhe caiba o corpo, porque de se voltar remexido sobre os pès, tem succedido disgraças. Logo que aja arrostado a carreira o deixará sair sem o parar; porque nesta nossa Cavallaria da Brida he froxo, & desayroso todo, & qualquer parar, tendo arrostada a carreira, sendo só permittido na Gineta: levando o cavallo afferrado os primeiros galopes para que saya meùdo, & atropelado, & com toda a segurança de corpo, como se fora pregado, levantado da sella sobre os joelhos, & estribos, direito o corpo seguras as pernas; firmes os braços, cada hum em seu lugar nas posturas que dissemos, sem em toda a carreira fazer movimentos com elles, nem voltar com a cara a huma, & a outra parte, nem tomar respiraçaõ em toda a carreira, porque quebranta, & afroxa muito o alento: o chapeo firme, & levantado diante, para que naõ tome a vista, nem và abanando que he dezar muito feyo: chegando as pernas ao cavallo só quando for necessario, & sempre ao principio do parar, para que o cavallo se arroje melhor a meter os pès, & levantar de dediante: & começando a parar sem deitar o corpo para trás (como muitos erradamente fazem) hirá levantando a maõ direita com as pontas das redeas mui serena, ficando ao ultimo tranco do cavallo com ella no direito do ouvido, & abaixará logo que aquietar, & ficando sempre com a mesma firmeza, & desafogo, terá alli o cavallo sossegado algum espaço.

* * * * *
* * * * *
* * *
*

CAPITULO LXXXIV.

Como deve o cavalleiro andar na escaramuça.

NA escaramuça, & voltas entrará o cavalleiro com a mesma compoſiçaõ de corpo, & pernas (que diſſemos) com todo o alento, & galhardia. As pontas das redeas na maõ direita, levantadas ao ouvido com o braço arcado, começando ſempre ſobre a maõ direita, tomando as voltas largas no principio, acompanhando ſempre o cavallo com as ajudas das pernas neceſſarias, porque voltando ſobre a maõ direita, levarà a perna eſquerda mais arrimada à barriga do cavallo, carregando mais atràs, que adiante, & voltando ſobre a eſquerda, da meſma ſorte fará com a direita, & ſe o cavallo andar com o roſtro muito por fóra, & quizer recolher mais lhe poderá chegar a perna de dentro bem atrás, & a de fóra bem ás cilhas, para que fugindo ao caſtigo ſe afaſte mais com a anca, & ſe recolha por diante; trazendo o cavallo ſempre mui ajuſtado, & arrecadado, para que naõ caya levandoo ſempre por diante, para que meta bem os pès, & ande ſobre ellas mais vigoroſo, & alentado, & antes que o cavallo ſe enfade, ou afrouxe, o parará primeiro que elle pare, ſendo ſempre com o roſtro para dentro das meſmas voltas, ſalvo ſe o cavallo for muito feito, porque os que naõ ſaõ *ſe coſtumaõ* a ſahir, & fugir da eſcaramuça, pelos averem coſtumado a ſahir com chaça no fim della, & acabadas as voltas, arriará o cavallo alguns paſſos atrás, afrouxàndolhe logo a redea, & ſaboreandoo com ella.

CAPITULO LXXXV.

Como ſe devem correr as parelhas com ajuſtamento; & perfeiçaõ.

SAõ as parelhas couſa mui agradavel, & feſtiva para o publico nas occaſioens de feſtas, como aja nellas ajuſtamento, & ordem: & ſe os cavalleiros nas galas, & adorno dos cavallos vaõ emparelhados, como fica dito, ainda ſaõ mais viſtoſas, & enlevaõ mais os olhos, & as attençoẽs.

Para ſe correrem as parelhas, he neceſſario, que ambos os cavalleiros portaõ logo ajuſtados; para o que he mais ſeguro o levarem os primeiros dous, ou tres galopes os cavallos afferrados levando os corpos, & as mãos na propria poſtura hum, & outro cavalleiro, olhando para as cabeças dos cavallos, que naõ paſſe hum adiante do outro, porque aquelle que paſſar ſerá culpado, pois o poder ir retendo, ſe o outro naõ corre tanto; & pelo contrario o que ao parar ficar a tràs, terá a culpa, tendo o remedio das eſpóras, para chegar mais ao termo ſe por menos obediente ao freyo naõ parou tanto à riſca o outro.

E devem advertir, que com a perna de dentro naõ picaráõ os cavallos por evitar as deſcomodidades de embaraçar hum eſtribo, com o outro, ou com huma a outra eſpòra; ſendo baſtante a da parte de fôra, aſſim para caſtigar o cavallo, como para ajuſtar melhor a parelha: & na meſma igualdade, & ajuſtamento, em que pararem, ſe hiraõ falhindo da carreira, para irem em ordem buſcar outra mais, que ouverem de correr, em as quaes o cavalleiro mais cortez procuraráſempre dar a parte direita ao que for mais velho, & de mais authoridade, ou àquelle com quem quizer uſar primor.

* * * * * *
* * * * *
* *
* *

CAPITULO LXXXVI.

Como ſe devem jugar as canas, & alcanzias aſsim cingelas, como dobradas, & de quadrilhas.

ALguns Authores deſtes noſſos tempos; inſignes nõ exercicio da Gineta, & doutos nos eſcriptos da meſma arte, dizem, que o jogo das canas naõ he permitido à Brida, & que ſó em Coimbra, & no ſeu campo com licença eſcolaſtica, & liberdade ruſtica ſe concede, ou ſe tolèra eſte exercicio. Creyo que eſtes Authores aſſim o julgam, & creame o leytor, que eu tambem julgo o contrario. Tem a ſua opiniaõ muitos ſequazes diſcipulos da Gineta: & tem a minha muitos patronos cavalleiros da Brida. O que deſende huma eſcola inteira ſempre he provavel, ainda que outra eſcola toda ſe lhe opponha. Thomiſtas, & Eſcotiſtas ſaõ o exemplo entre os Theologos: Bridoẽs, & Ginerarios entre os cavalleiros.

Quizera eu ſaber porque razaõ eſte Author acha improprio na Brida o exercicio das canas, ſendo a Brida huma cavallaria perfeita, donde hũ cavalleiro, & cavallo, arte, & preceitos, com as ventagens, que moſtramos no capitulo ſegundo deſte tratado? Porventura porque os antigos o naõ uſavaõ? Iſto ſeria pregar a roda do tempo, & parar a volubilidade do mundo. Bem ſey que antigamente ſe naõ jugariam as canas à Brida, porque ſe uſava sò a ſella Gineta: uſouſe a Brida, jogaõſe as canas com mais fortaleza, & ſegurança, com mais facilidade, & deſenvoltura: antes como exercicio he tam ſemelhado à guerra, ſó na cavallaria de Brida he mais propriamente exercitado.

Neceſſario he advertir, que hi muitas fórmas, & modos de jogar canas: mas deixando de referir os menos praticados, direi os que melhor parecem no exercicio da Brida ſemelhado ao da guerra.

Primeiramente ſe partirá o terreiro, ou praça em duas partes, ficando tantos cavalleiros de huma como da outra, deixando de huns a outros eſpaço de huma carreira ordinaria: & de cada huma parte hiverà hum quadrilheiro, ou guia principal, que terá cuidado de compor a ſua quadrilha de ſorte que eſtejaõ todos com as cabeças dos cavallos iguais como frente de batalhaõ, direitos os roſtos de huma quadrilha, para os da outra, ficando cada hum dos quadrilheiros no corno eſquerdo da ſua quadrilha, bem na frente do ultimo cavalleiro da outra, & no meyo da praça ſe poràm duas baliſas, poſtes, ou candieiros, em tal medida que ſe contem tantos paſſos de huma quadrilha ao poſte primeiro, como deſte ao ſegundo, & como do ſegundo, à outra quadrilha.

Logo (ſendo o jogo ſingelo) ſahirá o quadrilheiro levando a cana na maõ junto à cinta, o braço arcado, unhas acima, a ponta para a orelha eſquerda do cavallo, *bem pre*meada a cana, a adarga com huma *embraçadeira no pul*ſo, & outra no meyo da maõ, & naõ no braço, como alguns erradamente levam; porque o levar a embraçadeira dentro na maõ, naõ impede os movimentos da redea que vay nos dedos. Neſta fórma partirá em carreira direita, indo em toda ella levantando a cana com *ſerenidade*, & galhardia, voltandoa por cima da cabeça, a deſpidirá muy bem por alto, antes que quebre o cavallo a voltar ſobre a maõ direita, o que naõ fará atè num ter paſſado o olivel de ambos os poſtes. E tanto que deſpedir a cana, paſſará logo as redeas à maõ direita, para voltar o cavallo, deixando os poſtes dentro da volta, & hirá fazendo o circulo com a cara ſempre nos contrarios, ſem mo'trar medo, ou receyo, nem apartar a adarga de ſeu lugar, ſem ver primeiro vir a cana, nem cobrir o roſto,

por,

porque ſerá peyor indoo a deſcobrir darlhe a cana nelle, pela naõ aver vigiado dantes, ſendo obrigado a acudir com a adarga naõ ſó a repararſe a ſy, mas tambem a todo o corpo do cavallo. O que na ſella de Brida ſe faz ainda com mayor bracejo do que na Gineta, onde temem com o muito voltar o corpo atrás, cravarem hũa das eſpóras de pua no bojo do cavallo.

E ſe o contrario que ovier ſeguindo ſahir tarde, ou correr pouco o cavallo, o podem ir eſperando ſobre a redea algum pouco, naõ fazendo a retirada com tanta furia, como ha de fazer vindo o contrario ſobre elle mais ligeiro; & virà a parar junto ao ultimo cavalleiro da ſua quadrilha, voltando logo o cavallo depois de haver parado, para os mais companheiros, encorporandoſe com elle com o lado da adarga, ficando no lugar ultimo.

O cavalleiro, que da quadrilha da outra parte o veyo ſeguindo, tanto que deſpedio a cana, na meſma fórma irà voltando, deixando tambem os poſtes ambos no meyo da volta, como diſſemos; atè elle naõ voltar de todo o corpo do cavallo, ſobre a maõ direita, naõ ſahirá do ſeu poſto, o que ouver de ſeguillo, & ir ſobre elle; & em caſo que lhe poſſa dar alcance, nunca he conveniente que chegue tanto o cavallo, que toque a anca do outro, porque nem aſſim he mais ayroſo, nem mais forte o tiro da cana.

Neſta meſma fórma, & com as meſmas advertencias, iraõ ſahindo ſempre todos os mais de ſeu lugar, chegandoſe de lado todos os cavalleiros da quadrilha, para que ſempre eſteja armada na meſma fórma, em que de principio a puzemos. Com que cada hum dos cavalleiros, ha de ſahir do proprio poſto, & lugar donde o guia ſahio. E aſſim andando ſempre em hũma roda viva, nunca a fortuna, & compoſiçaõ das quadrilhas falta da ſua primeira fórma; advertindo que o melhor que tem o jogo das canas, he a grande preſteza, & agilidade com que haõ de ſair, & entrar os cavalleiros, ſem aver a minima enterpolaçaõ. Sendo jogo de parelhas, ou de quatro, ou mais (ſupoſto que a verdadeira rega he naõ paſſarem de quatro, porque de quatro to-

 màraõ

maráõ o nome de quadrilhas,) ſe jugaráõ, guardando em tudo eſta meſma fórma; advertindo ſómente que os que vaõ por fóra daõ a volta mais larga, & que aſſim he neceſſario picarem mais os cavallos, & os de dentro largarem menos as redeas, para que voltem todos iguaes, & encorporados, & deſta meſma ſorte ſe jogaõ as alcanzias. No fim parece muito bem travarſe huma eſcaramuça, ſahindo hum fio de huma, & outro da outra parte, com as adargas, & lanças de arremeçaõ, ou com as meſmas canas, & adargas, começando logo com as paſſagens de huns por outros pelos lados eſquerdos, indo continuando a eſcaramuça na forma que dizemos no capitulo ſeguinte, as alcanzias ſe jogaõ da meſma ſorte que as canas.

CAPITULO LXXXVII.

Como ſe deve fazer a eſcaramuça de dous fios com concerto, conforme a regra militar.

A Eſcaramuça de dous fios, que mais ſe pratica, por ſer mais ajuſtada com a verdadeira ley da cavallaria, & da guerra, ſe ha de fazer na fórma ſeguinte.

Ajuſtarſe-haõ em numero tantos cavalleiros para hum fio; como para outro: & logo emparelharaõ os guias hum com outro; & da meſma ſorte os mais que ſe ſeguem atrás, deixando tanto eſpaço em vazio entre huma, & outra parelha, quanto coubeſe o comprimento de hum cavallo. *E neſta* fórma ſahiráõ levando os cavallos ſobre os pès ſem muita furia, levantando todos as maõs direitas com as pontas das redeas ao ouvido, como diſſemos; & ſendo com lanças ſahiráõ com ellas na poſtura da cinta, o ferro adiante pela orelha eſquerda do cavallo; & paſſados os primeiros tres, ou quatro galopes, a hiráõ levantando com galhardia, & fortaleza á meſma poſtura do ouvido: & neſta fórma iràõ dando huma volta larga a toda a praça, ſobre a maõ direita; & acabada eſta iráõ cortando a praça, & no

meyo

meyo della ſe dividiráõ neſta fórma : o que vai pela parte eſquerda, hirà ſahindo adiante, carregando ſobre a ſua maõ eſquerda, naõ para fazer volta ſobre ella, mas para fazer mais campo, para voltar ſobre a maõ direita, & neſte meſmo tempo hirá o outro guia fazendo outra volta ſobre a maõ direita, com tal medida, & eſpaço, que acabada a volta, ao meſmo tempo hum, & outro guia, ſe fiquem arroſtando frente a frente, cada qual no ſeu deſtrito dividido, a que vulgarmente pela ſemelhança da guerra ſe diz : cada qual a ſeu caſtello. Logo ſe acometeráõ paſſando huns pelos outros, pelos lados eſquerdos, arrojando neſtas paſſagens os cavallos com mais furia. E tanto que o guia paſſar pelo ultimo cavallo do outro fio, quebrará o cavallo ſobre a maõ eſquerda, para ir tomando a volta larga ſobre a direita; que dada ella, aſſim de huma, como de outra parte, ſe tornaráõ a arroſtar, & a fazer ſegunda paſſagem, huns por outros, & no fim della ſe tomará a meſma volta (como diſſemos) quebrando o guia o cavallo para a maõ eſquerda, & tomando outra volta da meſma ſorte ſobre a direita; & tornandoſe a arroſtar, ſe viráõ acometendo, como fizeraõ para as paſſagens; & chegando hum dos guias, qualquer delles, ao ultimo cavalleiro do outro fio, tomará a volta ſobre a maõ eſquerda, & outro guia, chegando ao ultimo cavalleiro do outro fio, voltará ſobre a maõ direita, ficando por dentro do outro, & fazendo eſtas voltas largas, para que naõ ſe embaracem, continuando-as atè que ſe ajaõ encontrado os guias hum com o outro tres vezes, na ultima ſe ſahirá cada qual com o ſeu fio para o poſto, ou caſtello contrario, fazendo nelle volta ſobre a maõ direita, aſſim hum, como o outro; & no fim delle, arroſtandoſe huns com os outros na meſma forma que diſſemos, ſe tornaráõ acometer, & a voltar hum fio ſobre o outro na meſma fórma, & com as meſmas voltas, & tres encontros, que diſſemos; com tal advertencia que o fio que ficou pordentro, & deu as voltas ſobre a maõ direita as ha de dar neſta ſegunda ſobre a eſquerda, ficando por fóra; & o outro fio por dentro dando-as agora ſobre a direita; recolhendoſe no fim dos 3. encontros cada

qual a ſeu caſtello, dando ſua volta nelle ſobre a maõ direita; & arroſtandoſe outra vez no fim della, ſe a cometteraõ huns aos outros como para as paſſagens diſſemos. Porém tanto que hum guia com ſeu fio chegar ao outro, ſe tornará a revolver ſobre a maõ direita ao ſeu caſtello, na fórma de quem joga canas, & tornando a arroſtarſe com ſegunda volta ſobre a meſma maõ, ſahirá hum dos guias a tomar ao outro lado eſquerdo ao meyo do terreiro emparelhandoſe com elle; & o meſmo fará cada qual com ſeu companheiro, & neſta fórma irám dando volta redonda à praça paſſando ſuas carreiras emparelhados, naõ partindo huns atè que os outros naõ ſayaõ, donde pararaõ.

Todos os outros modos de eſcaramuça ſendo confórme antigra vem a dar neſte meſmo, tirando, ou pondo mais, ou menos voltas; ou paſſagens; ou principiandoſe a tal eſcaramuça, ſahindo logo cada hum dos guias com o ſeu fio da parte do ſeu caſtello, ſem darem aquella primeira volta à praça, & acabarem da meſma ſorte, ou começarem os fios ambos unidos em hum, indo hum dos guias atrás do ultimo cavalleiro do primeiro fio. Depois de aſſim darem volta à praça apartarſe haõ cada hum com o ſeu fio, para a ſua parte, porém fazendo cada huma ſua volta ſobre a maõ direita, & depois continuando a eſcaramuça na fórma que temos dito; porque outras invençoens, & modinhos de treſpaſſos, parecem mais voltas de dançadores que regra de cavalleiros.

CAPITULO LXXXVIII.

Como se deve fazer huma escaramuça de hum só fio, acomodando em pouca praça todo o mayor numero de cavalleiros que ouver.

HE couſa mui viſtoſa, & aprazivel em hum terreiro huma eſcaramuça de hum ſó fio, em o qual o guia, ſendo cavalleiro deſtro, ſaiba meter em pequena praça todo o mayor numero de cavalleiros, que nella ſe acharem. Para a qual começará logo a mea redea a dar volta em redondo ſobre a mão direita a toda a praça, & como ſendo o numero grande, antes que ſe acabe a volta, viria a topar com os ultimos cavalleiros, a não ha de cerrar de todo, mas antes de chegar ao fim della, irà quebrando mais ſobre a meſma mão direita, & por dentro da volta larga que os cavalleiros vão dando, irá fazendo outra volta ſobre a mão eſquerda com toda a largueza, que poder tomar, ſem que tope nos que vão por fóra. E logo que tiver acabado eſta volta da mão eſquerda, terão lugar de ſerem paſſados todos os cavalleiros, & então irá dobrando outra ſobre a mão direita, tão larga, como a que começou no principio, porque então a tem deſempedida os cavalleiros, por irem ſeguindo a da mão eſquerda por dentro, que elle tem dado em ſeguimento das ſuas pizadas. E da meſma ſorte irà continuando as voltas que quizer, ſem que haja embaraço, nem cavallo que perca o galope, avendo cuidado nos cavalleiros todos, que figão ſempre as meſmas pizadas do guia: & parece muito bem eſte envolver, & deſenvolver toda eſta cavallaria com arte, & boa deſtreza.

CAPI-

CAPITULO LXXXIX.

Como ſe devem correr os carneiros, & patos à eſpada, & à maõ perdizes, ou frangos â lança, eſtafermo, & barquinha.

PAra ſe correrem os carreiros ſe terá advertencia, em que ſe ponha a corda alta, para que fique o peſcoço do carneiro no olivel da cabeça do cavalleiro, & ſe mandará deſviar do fio da carreira mais dous, ou tres palmos, para a parte direita, aſſim para que o cavalleiro corra melhor, ſem receyo de topar nelle, como porque a eſpada corta ſempre melhor, no terço da ponta. Correrá o cavalleiro mui bem ſeguro; levantado da ſella; & partindo com a eſpada na cinta, a irá tirando por cima do braço com tal medida, que tirada ella com o braço arcado, & cotovello para cima, vá logo cahindo no peſcoço do carneiro, dando o golpe (naõ de revès, como alguns erradamente fazem, que he contra o movimento do cavallo, & naõ póde levar força que faça obra (mas de talho pondolhe a eſpada do meyo para diante, ajuſtando o golpe com a violencia do cavallo; & puxando com ella para ſy, cortará a cabeça fóra, ſendo ajuſtados os movimentos, mas que ſeja levantado tambem os meſmos cornos, como muitas vezes neſta Villa ſe tem viſto. E quando aſſim ſucceda, nem por iſſo o cavalleiro olhe para trás, nem volte a ver as ventagens que fez, porque parecerá mal; & da meſma ſorte ainda que erre o golpe, ou o execute mal, porque o fazer de tudo iſſo o menos caſo he o mais ayroſo.

E correndo logo de principio com a eſpada na maõ a levará em huma de duas poſturas; ou atraveſſada ſobre as crinas do cavallo com o braço arcado, ou decida ao olivel do corpo, naõ fazendo mençaõ do golpe, ſe naõ ao tempo conveniente de o executar. E as meſmas regras ſe devem guardar para correr os patos á eſpada, & correndo-os à maõ ſe deve advertir, que para fazer melhor preza, & arrancar a cabeça com mayor facilidade,

ſe

ſe ha de pegar no peſcoço com a maõ virada, cõ o dedo meminho para cima, & o polegar para a cabeça do pato, porque deſte modo naõ póde fugir a cabeça da maõ, & aſſim dos carneiros, como dos patos que ganhar naõ faça eſtimaçaõ deixando-os aproveitar a quem os quizer.

As perdizes vivas, rolas, codornizes, pombos, & frangos ſe penduraõ na corda por fios ſingelos, que ſejaõ faceis de quebrar, & ſe poem bem no fio da carreira em altura que naõ tope o chapeo nelles, & ſe correm com a láça de Brida, poſto hum ferraõ na ponta, ou com o arremeſſaõ, & tirando-ſe as lanças com as galhardias, & floreyos, que cada hum quizer fazer, viraõ cair com ella na perdiz, & mais aves que diſſemos: & levandoa na ponta aſſim meſmo a iràõ offerecer às peſſoas a que quizerem fazer eſta linſonja, de que ſe deve fazer eſtimaçaõ, porque tudo o ganhado pela lança, a merece.

O eſtafermo, ſe ha de correr com as lanças de Brida mais fortes, para que naõ quebrem, & reſiſtaõ ao tope, ou tambem com o conto do remeſſaõ: as de Brida fazendo-as, & desfazendo-as com os meſmos movimentos, & poſturas, que dizemos nas juſtas, & naõ na ſortilha, & com o remeſſaõ ſe partirá à carreira com elle no hombro unhas abaixo, & a ponta para diante, & aos primeiros dous trancos, ſe irá levantando a maõ ao direito do ouvido, & logo voltando a lança com o conto que a qui ſerve de ponta, inclinando para a orelha eſquerda do cavallo o farà ir cahindo na rodella, ou borquel do eſtafermo, paſſando com o cavallo mui ligeiro, para que ſe livre do açoute, ſem fugir com o corpo para as bandas, nem moſtrar receyo delle, & ſe melhor lhe quizer eſcapar o farà com levar lança curta, ou remeſſaõ traçado com pequeno troço para diante, porque aſſim paſſa depois do tope mais depreſſa, & da meſma ſorte ſe corre a barquinha, & com as meſmas cautelas, poſturas & movimentos.

CAPITULO LXXXX.

Como ha o cavalleiro correndo, ou voltando levantar do chaõ a eſpada, chapeo, ou lenço.

SE o cavalleiro correndo, ou voltando lhe cahio alança, chapeo, ou outra couſa, & quer por moſtrar deſtreza levantalla, o poderá fazer facilmente, avendoſe primeiro exercitado em particular, & ao cavallo; começando a adeſtrarſe andando o cavallo de paſſo, logo de galope, voltando, & depois correndo; para o que fará apertar a ſella com as cilhas, & com ameſtra aſſegurandoa muito bem ajuſtada, & pegando com a maõ da redea na meſma redea, & na maçaneta da ſella juntamente, levantarà a perna eſquerda de ſorte, que com a curva, & barriga della pegue na burrena de detrás, & ſe hirá debruçando para diante, arrimado ſempre à eſpalda direyta do cavallo, & eſtendendo o braço ao chaõ, levantarà com toda a facilidade o que pertender, & com muita mayor, eſcaramuçando em voltas largas, em q̃ o cavallo ſe quebra, & dobra muito, ficando do corpo ao chaõ, menos diſtancia: & coſtumandoſe a fazelo aſſim muitas vezes, lhe naõ acharà difficuldade alguma, ſupoſto lhe pareça muita antes de ſe aver exercitado, ſe a ſella for larga, & o cavalleiro curto, pòde pegar cõ o calcanhar, & eſpóra na borrena para mayor bracejo.

CAPITULO LXXXXI.

Como ſe haõ de correr as lanças de Brida à ſortilha, & as regras que ſe devem guardar.

DE nenhuma ſorte aconſelharei a cavalleiro algum que ſe diſponha a correr a ſortilha com lança de Brida ſem que primeiro ande muy ſeguro, & ajuſtado na ſella, & veja que paſſa as carreiras com toda a firmeza, & deſenvoltura; porque para ſe tirarem as lanças com as leys,

leys, & galhardias neceſſarias, haõ de ir o corpo, & pernas taõ firmes, & ajuſtados aos movimentos do cavallo, que pareça tudo huma meſma couſa unida, cavalleiro, & cavallo. Porque ſe naõ ouver eſta grande firmeza, & ajuſtamento, & o cavalleiro for banbeleando na ſella, ſerá couſa impoſſivel naõ ſó tirar bem as lanças, mas nem aindo fazer acçaõ boa a cavallo, ou ſe os eſtribos por falta de firmeza lhe forem bailando nos pès pela carreira; ou ſe por mal ſeguros os joelhos, forem abrindo, & cerrando, ou ſe o corpo mal ſeguro for fazendo balanços, & compaços, ou ſe por acudir ao reparo de qualquer deſtes defeitos, ſe afferrou com força à redea por ſer hum arrimo que acha na maõ a que ſe pegue; & com elle, ou fez ir anteparando o cavallo, ou a trancos deſcompoſtos. Pelo que ſem preceder primeiro eſta firmeza, & ſegurança, ſe naõ deve expor o cavalleiro a correr com lança ao menos em publico, porém achandoſe jà ſufficiente o fará na fórma ſeguinte.

Para que o cavalleiro aprenda, & exercite a obra das lanças, & ſortilha com todo o fundamento, he neceſſario que ſaiba, & aja entendido primeiro que aquella carreira ha repartida em tres terços, nos quaes ſe comprehendem, & eſtaõ ſignificados em ſumma todas as principaes operaçoens da guerra viva, ſignificando o primeiro terço preparar, fortificar, & armar, o ſegundo arrojar, enveſtir, & pelejar; & o terceiro retirar, reparar, & refazer: & que confórme ao que obrar em cada hum deſtes termos, haõ de ſer julgadas pelos juizes as boas acçoẽs, ou os defeitos que fizerem.

Aprimeira couſa ſerá buſcar cavalleiro experto, naõ ſó na pratica, mas tambem na expeculativa, para que o apadrinhe, & poſſa induſtriar, & advertir em todas as acçoens neceſſarias, mayormente quando chegar às occaſioẽs publicas. Porèm agora para mayor clareza do noſſo intento avemos de ſuppor, que aſſim o padrinho com o cavalleiro ignoraõ totalmente o eſtylo todo, porque aſſim o irey relatando muyto por meùdo; para que a todos os mais novatos ſeja intelligivel.

Eſtãdo no principio do ultimo terço da carreira poſtos os cãdeiros

eiros, nelles ã corda com o fiel, & ſortilha, hirá ô padrinho com a lança na maõ, poſto o conto, & pè della ſobre a polpa da perna, na fórma em que logo diremos a ha de levar o cavalleiro, & pondoſe diante do afilhado hiràm paſſeando a carreira, começando o paſſeyo do lugar donde ha de vir a parar, & hiraõ com galhardia, roſtos alegres, & corteſia a todos, fazendo-as o afilhado com o chapeo, & o padrinho beijando a lança; & ſómente a peſſoas Reaes tirará tambem o chapeo, paſſando primeiro a lança à maõ da redea, puxando o cavallo atrás tres vezes, como he coſtume; & logo chegando por baixo da ſortilha a concertarà, pondoa de tal ſorte que fique dous dedos acima do chapeo do afilhado; para o que o mandará chegar debaixo della, & correrá o fiel quatro dedos, deſviado do fio da carreira, que vindo correndo o cavalleiro lhe fique a ſortilha pelo olivel da orelha eſquerda: advertindo mais que a corda eſteja bem teza, porque eſtando froxa naõ varie os movimentos com qualquer vento, & que junto aos candieiros naõ eſteja peſſoa alguma, porque eſtando rapazes inquietos, ou algumas peſſoas mal intencionadas, naõ ſó ſe arriſcarà a perder as lanças; mas averſe com a corda na garganta: advertindo iſto, ſe hiraõ continuando o paſſeyo, & tanto que o padrinho achar que o afilhado tem chegado ao poſto, & lugar donde ſe ha de correr, mandará parar o afilhado, & elle dando mais dous paſſos adiante, inclinando o cavallo à parte direita algum tanto voltará logo ſobre a eſquerda, & chegando pela direita do afilhodo, beijando a lança lha darà inclinada com a ponta para diante delle, paſſando logo por detràs da anca do ſeu cavallo, para voltar ſobre a maõ direita, ficando com o roſto para a eſquerda do afilhado: o qual recebendo a lança com a meſma acçaõ de corteſia, a porá com o conto ſobre a coxa junto à borrena de diante acima do joelho hum palmo, pouco mais ou menos, a ponta inclinada para diante, que fique pelo direito da orelha eſquerda do cavallo; porèm levantada em tal medida, que ſe da ponta della cahir hum prumo, fique dando na dita orelha do cavallo: & abrangerà a lança cõ todos os dedos da maõ ſem eſtender o index por entre as roſ-

cas acima (como alguns erradamente o fazem,) & com á braço algum tanto arcado, levantado o cotovelo, & naõ encolhido, as pernas, & corpo tão direito; & ajuſtado como já diſſemos, & armado neſta fórma, advertindo que em toda a carreira naõ ha de tomar reſpiraçaõ, porque ſe o fizer de minuirá muito o alento, & firmeza da lança.

Hirá virando o cavallo, livrandolhe o corpo algum tanto para a parte direita, para que volte melhor ſobre o fio da carreira, & voltando ſobre a eſquerda, partirà logo em arroſtando a carreira; porque neſta cavallaria, he froxo, & ſe naõ permite ter primeiro parado o cavallo algum tempo, como na Gineta. Logo no primeiro tranco levantarà a lança dous dedos, ſem advertir da meſma poſtura em que a leva, mais que deſpegala da coxa; & ao ſegundo tranco a hirâ começando a decer, levando o lugar da mão pelo olivel do corpo abaixo, afaſtando delle a lança, eſpaço de dous dedos, atè de todo ficar o braço eſtendido, & o conto da lança cahirá ao olivel do canto da aba da ſella de detrás, & a ponta aſſim neſta como em todas as demais poſturas, & movimentos, hirá ſempre inclinada para a parte eſquerda de tal modo, que fique cobrindo o corpor do cavalleiro; de ſorte que quem eſtiver no lugar donde o cavalleiro partio a carreira, veja ſempre o ultimo da ponta da lança pela orelha, & lado eſquerdo do cavalleiro, & no meſmo ponto em que chegar com a lança a eſta poſtura, a hirá logo levantando pelo meſmo olivel do corpo; & aſsim que a for levantando, hirá arcando o braço porque lhe dè mais ar, & galhardia, atè que o cotovelo fique no direito do ouvido, unindo, & affirmando o pè da lança junto ao ſangradouro do braço. Atè eſta poſtura, que he a mais galharda de toda a carreira gaſtarâ tam ſómente hum terço della, & daqui começarà a ir baixando muito ſerenamente a lança, & braço ſem delle deſpegar o pè atè cahir com a ponta na fortilha indoa; recolhendo com o meſmo braço no entiſte (ſem a pegar no corpo) com hum principio de volta, com que fiquem as unhas para o peito, & naõ para o ſovàco. E atè eſta poſtura, que he no lugar da fortilha gaſtará o ſegundo terço, &

paſ-

paſſando a ſortilha quẽ he o principio do terceiro, cõmeçerá a deſandar aquella meya volta da maõ, que deu ultima, tirando juntamente do enriſte a lança, & braço adiante, couſa de quatro dedos. E logo a hirá decendo ao olivel do corpo na meſma fórma que diſſemos nos ſegundos trancos da carreira, com que ao penultimo tranco a tenha de todo decida, & ao ultimo a torne a pôr na coxa: advertindo que em todo o curſo da carreira naõ ha de ter a lança, nem hum inſtante ocioſa. Logo que o cavalleiro tiver parado, partirá o padrinho correndo, tratando, ou paſſeando (ſe bem naõ deve ſer com muito vagar pelo naõ fazer eſperar) & ſe vier correndo parará o cavallo atrás délle, & logo paſſando pela maõ eſquerda do afilhado, voltará ſobre a direyta, & lhe tomará a lança com a corteſia que já diſſemos, ſahindoſe de volta por detrás da anca do cavallo do afilhado; o qual voltando ſobre elle o ſeguirá, para tornarem a ir buſcar outra carreira na meſma fòrma, & aſſim meſmo em todas as mais, & na ultima acompanhará o padrinho ao afilhado atè o tirar fóra do deſtrito da carreira. Tambem ſe corre á ſortilha tirando as lanças à ley de armas que he na fórma que no capitulo de juſtas diremos, porèm ſaõ na ſortilha menos ayroſas, & pouco uſadas.

He bom para tirar melhor as lanças, levar o eſtribo da parte direita mais curto huma polegada, porque como o corpo pende para a parte da lança ſe endireita melhor com eſta cautela, & leva mais fortaleza, & ſegurança, porèm iſto he ſegredo, & naõ regra.

Muitas vezes os cavalleiros novos, deſcuidados levaõ a boca aberta na carreira, que he grande fealdade, o que devem emmendar com trazerem grande cuidado niſſo até perderem o vicio. Algumas circunſtancias mais que parecer que aqui faltam ſe acharáõ no cap. 93. dos juizes.

CAPI.

CAPITULO LXXXXII.

Como ſe deve correr as juſtas Reaes, & ordem que deve aver niſſo.

HE a cavallaria das juſtas, aſſim nas veras, como nos exercios apraziveis, a mais perfeita, & natural no exercicio da Brida, ſupoſto que alguns antigos a quizerão tambem uzar impropriamente à Gineta. Naõ ha feſtas publicas com perfeiçaõ, q̃ ſe naõ authorizem com as juſtas. Para as quais primeiramente ſe devem fazer tres teas de taboado do comprimento da carreira, & quando menos, a do meyo ſerâõ as taboas pregadas, bem lizas, & juſtas, & ſendo ſobre poſtas hão de ficar as que ſobrepozerem à maõ eſquerda da carreira, porque aſſim ficaõ livres de toparem tanto ao correr ſobre hũa parte, como ao voltar ſobre a outra. As teas das bandas tambem baſtaraõ de pano, ſupoſto que as de taboado ſejaõ melhores para evitar diſgraças, terá a do meyo de altura ſeis palmos, & o meſmo averá de largura entre hũa, & outra.

Entrará o mantenedor das juſtas da meſma ſorte que diſſemos da ſortilha, acompanhado de toda a cavallaria, dando volta à praça, & eſtando os juizes já nella; indo muy bem armado de peito, & eſpaldar ſobre colete de anta bem ſeguro, & comprido, murriaõ, viſeira, gola, braceletes, & luvas: entrando logo na praça com lança na mão, como tambem o padrinho com outra das quaes levaràõ os contos em poſtura mais baixa quatro dedos, do que diſſemos na ſortilha, & dada volta ſe recolherá à ſua tenda.

Logo poderàõ entrar os ventureiros, precedendo primeiro as licenças, & todas as mais circunſtancias, que diſſemos nas entradas para a ſortilha, por as naõ repetir duas vezes. Podem fazer as entradas, aſſim hũs como os outros cõ a viſeira aberta, & levantada, & ſó nente ao entrar das teas chegará o padrinho, & cerrará a viſeira ao afilhado, & o meterà no principio, & entrada das teas;

ficandolhe ā do meyo à maõ eſquerda, & ao meſmo tempo eſtará da outra parte o ventureiro na meſma fórma (que diſſemos) armado hum, & outro com as lanças ſobre a coxa, & neſte tempo eſtaraõ ao lado direito dos afilhados os padrinhos pela parte de fóra das teas com as ſuas lanças tambem na meſma poſtura, correraõ os padrinhos com as vizeiras abertas, ou fechadas, conforme as leys do quartel. Tanto q̄ a trombeta der ſinal partiraõ com todo o alento, & fortaleza ao meſmo tempo que o mantenedor o ventureiro, com que venhaõ a encontrarſe no meyo da carreira pelos lados eſquerdos, ficando ſómente a tea em meyo.

Tanto que o juſtador partir, logo ao primeiro tranco, dará hum ſopeſo à lança, tanto quanto a podeſſe tirar de hum encaixo como huma argola ſe nelle eſtiveſſe, logo a hirá de golpe levantando ſem arquear tanto o braço como na ſortilha, nem levantar tanto a lança, & a hirá deſſendo inclinando a ponta muito mais que na ſortilha à parte eſquerda, & metendoa no enriſte com mais volta de munheca, que na ſortilha, a fará vir cahindo no contrario, fazendo ſempre o tiro à vizeira por ſer o demais vantagem.

Nas juſtas hão de ſer os movimentos mais breves, & fortes, porque ſe parte a carreira ſómente em dous termos, ſendo forçoſo incluirſe no primeiro ſómente os dous terços que na ſortilha ſignificaõ preparar, fortificar, armar, arrojar, enveſtir, & pelejar, & naõ andará com varios movimentos da lança, buſcando ao contrario, quando com a poſtura firme, que levar o não alcance, porque he grande deffeito, & imperfeiçaõ, nem atraveſſalla de ſorte, que tope com o lado no contrario, & naõ com a ponta, porque quebrandoa deſta ſorte, ſerá melhor lança a que naõ quebrou, ainda que naõ topaſſe. Deve bir a lança muy bem ſegura no enriſte, & apertada na mão, para que com o bote lhe não falte fóra della, como tambem o corpo firme, para q̄ recebendo algum grande golpe, naõ altere movimetos, ind muito advertido, em naõ deſviar o corpo, ou cabeça para huma, & outra parte, & quebrando, ou não quebrando a lança, ſempre a parte

que

que lhe ficar na mão levará atè o fim da carreira, tirando do enriſte com deſandar a volta, que dantes avia dado, fazendoo aſſim logo que paſſar o contrario, ou ſeja com a lança inteira, ou cõ a parte della que levar, & tirada do enriſte, puxandoa algum tanto adiante, a tornarà a vir pôr na coxa ſobre o meſmo lugar onde a tinha ao partir da carreira, com que ao ultimo tranco a tenha no tal lugar. E o padrinho ao meſmo tempo que o cavalleiro, virá tambem correndo mais atràs delle alguma couſa por fóra da tea, pela parte direita do cavalleiro, & voltando ſobre a mão eſquerda dará pela direita a ſua lança ao afilhado, recebendo delle ao meſmo tempo a que tiver na mão, ou ſeja quebrada, ou inteira, tornando a metello logo ſem lhe levantar a viſeira na tea da outra parte, & paſſando por detràs, ſe porá ao ſeu lado direito por fôra das teas, eſperando na meſma fórma, que na primeira carreira, o ſinal da trombeta para paſſar a ſegunda, como diſſemos na primeira. Corridas ambas tirará o padrinho ao afilhado do deſtrito da carreira, antes que lhe levante a viſeira, & entaõ lha póde levantar, & a meſma fórma que temos dito do mantenedor deve obſervar o ventureiro, & ſeu padrinho como todos os mais.

Logo poderáõ os padrinhos hir ver, & examinar os afilhados contrarios ſe ficáraõ deſarmados, ou feridos, rotas as viſeiras, abertas, ou deſcompoſtas as armas, ou parte dellas, & as mais advertencias, que diſſemos no capitulo a tràz da ſortilha, para aſſim o requererem, & fazerem preſente, & publica aos juizes, aos quais hiraõ logo, & beijando as lanças, & inclinando as cabeças que he a mayor corteſia, que armados podem fazer, tratarаõ de relatar cada qual ſeus requerimentos, que os juizes com toda a attençaõ devem ouvir para ſentencearem com juſtiça, & darem o preço, ao que a tiver, advertindo que nas juſtas he a melhor feridas a mais alta, & melhor a q̃ faz tope do que a q̃ reſvala, melhor a q̃ quebra a lãça em muitas aſtilhas, q̃ a que ſe parte em hum ſó iugar, melhor a q̃ quebra na ponta, que a q̃ quebra mais atrás, melhor a q̃ deſarma o contrario ainda q̃ naõ quebre do q̃ a q̃ quebrou ſem deſarmar, & aſſim das mais conforme rezaõ ſe julgaraõ as ventа-

ventagens, cõmõ tambem os deffeitos, ſendo mayores os da lança que os das armas, & mayores os deſtas, que os do corpo, & os deſte mayores que os do cavallo, & aſſim os mais que por ſerem diverſos, & caſuais ſe naõ pódem comprehender todos para ſe eſpecificarem, ficando ao bom juizo, & arbitrio dos juizes conformandoſe em tudo o mais com as regras que diſſemos da ſortilha.

CAPITULO LXXXXIII.

Das peſſoas que ſe devem eleger para juizes dos preços, como ſe devem julgar, com mais algũas advertencias, daquelle acto.

PERA juizes dos preços ſe devem eleger tres peſſoas de reſpeito, & authoridade que hajaõ ſido homens de cavallo, viſtos na pratica, & eſpeculativa em todas as leys da cavallaria, os quaes ſeraõ obrigados em foro de conſciencia, & em obrigaçaõ de primor a julgar bem, & verdadeiramente aſſim como entenderem, porque de muito tempo (como vemos eſtà introduzido entre os cavalleiros por ley de duello, & pondenor as competencias deſtes deſafios muito ſemelhantes (ainda que feſtivos, & entre amigos) aos verdadeiros de que fazem menção com tantas & tão eſcrupuloſas regras, & preceitos aquelles que admitiraõ as leys de duellos, como Poſſevino, Joaõ de Ligano, & outros; coſtumes que os Lombardos trouxeraõ a Italia, & abraçaraõ antigamente os Franceſes Alemaens, & Eſpanhoes de que ſe lembra Martin *Del Rio Magic. diſquiſit.* l. 4. cap. 4. quæſt. 4. ſect. 2. E ainda que aquelles duellos ſaõ injuſtos, & condẽnados pello direito Canonico, & naõ aſſim eſtes feſtivos, & luſorios: os juizes devem proceder com atenção, & igualdade, porque ha alguns cavalleiros taõ eſcrupuloſos, q̃ naõ eſtimaõ eſtes deſafios em menos que os de veras, porque como levaõ neſtes a honra, & brio (que entre cavalleiros ainda ſe eſtimaõ mais que a meſma vida) ſe eſcandalizaõ muito faltandolhe com a juſtiça. Pelo que os juizes ſe de-

vem apartar de todo o odio, & affeiçaõ, que a eſtes, ou aquelles poſſaõ ter, para que livremente, & ſem paixaõ hajaõ de julgar com inteireza, pois só eſte nome de juiz merece quem inteiramente julga. Caſſionoro o diſſe l. 3. Epiſt. 27. *Tandiu enim judex dicitur, quandiu juſtus putatur.*

E porque naõ poderemos numerar todas as ventagens que ha para ganhar, nem os deffeitos, que pòdem haver para perder, ficará a arbitrio do bom juizo, & elleiçaõ dos juizes a averiguaçaõ dos caſos, que aqui não podermos comprehender.

Primeiro que o mantenedor, & mais cavallaria entre na praça, eſtaraõ nella poſtos os candieiros no principio do ultimo terço da carreira, como a ſortilha na forma que já diſſemos no cap. 91. & os juizes teraõ tomado lugar, que ſe lhe averá feito em palanque levantando, donde livremente vejaõ deſde o principio atè o fim da carreira. Alguns querem que o lugar dos juizes ſeja no fim della, bem na frente, porque dalli vem melhor todas as perfeiçoens, ou faltas que deſde o principio traz o cavalleiro, porèm ha para iſſo algũas deſcommodidades, que o impedem; como ſaõ, poderſe deſenfrear hum cavallo, ou parar largo, & dar pelo palanque onde eſtiverem, tambem o pò que ſe levanta ao parar lhe faz dano, & o principal, & mais forçoſo impedimento he, que vendo os cavallos o fim da carreira impedido naõ correm ordinariamente com a velocidade, que o fazem na carreira aberta. Pello que o melhos lugar para os juizes, he o de junto à ſortilha da parte da lança, permitindoo aſſim o ſitio; porque ſe neſte lugar impedirem a viſta das janellas, & palanques, tambem em tal caſo baſtará que eſtejaõ da outra parte. Depois que aſſim eſtiverem em ſeu lugar, poderá entrar o mantenedor na praça, dando volta a ella com todo o acompanhamento de cavallaria diante, & ſe hirà recolher à ſua tenda, & dellà mandará o padrinho com o quartel fixado em huma adarga a entregar aos juizes, em cujo poder ficarà para lhes ſervir de ordenaçaõ, em o qual hiráõ declaradas as leys, & forma em que o mantenedor deſafia por quartel a todo o cavalleiro que lhe quizer

zer competir.

Os ordinarios eſtilos ſaõ dous. Ao primeyro chamaõ ſacamalo; & he que todo o que perde ſaya para fóra como mao cavalleiro, & por iſſo dizem ſacamalo: O ſegundo he ſacabueno, que he ſahir fóra o bom cavalleiro, & por iſſo ſe chama ſacabueno, poſto que como bom ganhe, ficando ſempre o mantenedor no campo, ainda que como mao perca, ſe bem eſte ſegundo he menos uzado, & de menos galantaria que o primeiro.

Logo querendo entrar algum ventureiro na praça armado, com padrinho, & lança como ventureiro, ſerà obrigado a mandar antes que entre o padrinho a pedir licença aos juizes para fazer ſua entrada na praça, que elles ſaõ aqui propriamente os ſenhores della, preguntandolhes que lhe declarem as leys do quartel, ſe dantes as não tiver ſabido, para que em tudo as ſiga, & póde juntamente pedir a licença, para que o ſeu afilhado ventureiro, ſogeitandoſe às leys do quartel, poſſa correr tal preço a duas lanças, depoſitando prenda equivalente, declarando o titulo com que o cavalleiro ſe nomea, abonandoo nas ſuas calidades, & concedida a licença, dará parte della ao padrinho do mantenedor, para que lhe conſte que tem na praça contendor, que lhe aceitou o deſafio: o qual tanto que tiver eſta noticia ſahirá ſem dilaçaõ com o ſeu padrinho a correr as primeiras duas lanças, & no fim da ſegunda carreira, tanto que o padrinho lhe tomar a lança, o hirá acompanhando atè ſe tornar a recolher na tenda, & logo entregará a propria lança ao padrinho do ventureiro para que corra com ella, porque naõ haja ventagens em ſerem differentes, recebendo ao entregar della outra da maõ do meſmo padrinho do ventureiro para que naõ fique deſarmado, & na meſma forma do mantenedor, hirá o ventureiro correr outras duas lanças, & no fim dellas romandolhe o padrinho a lança o hirà acompanhando até bem ſe ſahir do deſtrito da carreira. Logo aſſim hum padrinho, como o outro, podem hir a ver, & examinar ſe levou algumas ventagens o contendor do ſeu afilhado; advirtindo ſe leva alguma ponta de pao, ou ferro cravada na ſo-

la da bota, para ſegurar melhor a grade do eſtribo, ou ſe o leva atado por algum modo ao pè; ſe leva alguma fita que ate o joelho à ſella, ou borrena; ſe leva o chapeo preſo com fita por baixo da barba, que o naõ pode fazer ſem licença dos juizes, & conſentimento do contendor; ſe leva alguma correa pegada por baixo dos arçoens dianteiros, a que vá pegado com a mão da redea pella carreira para hir mais firme; ſe leva alguma roſeta pegada na aba da ſella por eſcuſar de picar o cavallo, temendo deſcompor-ſe, porque tudo iſto ſaõ ventagens, & naõ he rezaõ que as aja como temos dito; ou ſe o cavallo ſe deſferrou, ou lhe quebrou alguma couſa que o deſarme. Depois voltaráõ com as meſmas lanças nas mãos, & chegaráõ aonde eſtaõ o juizes a relatar cada qual a juſtiça de ſeu afilhado, com toda a corteſia, fallando primeiro o padrinho do mantenedo, que ſempre lhe toca o allegar primeiro, por ſer author, que por quartel deſafiou, & alterando as rezoens, que tiverem, naõ levantaràõ couſas que naõ ajaõ ſuccedido, porque alem de ſer couſa indigna de homem cavalleiro, levantar aleives, ſaõ alli as acçoens notorias, & manifeſtas, & a obrigaçaõ dos juizes naõ he ſómente julgarem pelo arreſoado, mas tambem pela viſtoria que para iſſo ſaõ convocados àquelle lugar, ouvindo todas as rezoens, que de huma, & outra parte ſe tiverem allegado, conſultaráõ entre ſi para reſolverem a ſentença, que avendo determinada a relatará hum delles com toda a clareza aos dous contendores, dando as rezoens todas por onde hum ganhou, & as porque o outro perdeo, pondo com iſto o preço na lança ao vencedor, que fazendo logo a corteſia cuſtumada aos juizes, o levarà ao ſeu afilhado: o qual o naõ deve recolher, nem tirar da lança, avendo damas na praça, & terreiro, porque ſerâ moſtrar groſſaria, & pouco primor, pois pela poſſe, & corteſia ſe lhes deve; como tambem ellas de qualquer eſtado, & calidade que ſejaõ; ſaõ obrigadas pelo eſtillo, & introducçaõ jà muy antiga, a aceitalo com a eſtimaçaõ q̃ merece o que pela ponta da lança foy ganhado; o padrinho que leva o

preço não dirá recado largo, nem esperarà grandes repostas por evitar escandalo, que talvez pòde occasionarse destas, aquellas palavras, mas sômente nomeará aquella pessoa para quem vay o preço, porque as mais que estiverem no palanque, ou janella se naõ alvorocem, & levantem erradamente, dizendo que o mantenedor, ou ventureiro o manda sem referir o seu nome proprio, entregandoo com o chapeo na maõ da redea, beijando a lança, & depois de recebido se retirará alguns passos atrás, antes de por o chapeo, & de voltar o cavallo.

Para que os preços sejão julgados com a justiça, que convem devem os juizes repartir entre si o cuidado de todos os movimentos daquelle cavalleiro qualquer que seja, tendo hum por sua conta as perfeiçoens, & os defeitos do corpo do cavalleiro notando a cara, braços, & pernas; outro as acçoens, tempos, & movimentos da lança, outro o ajustamento, ou faltas do cavallo, & todos os acertos; ou erros do padrinho.

Já supponho, que os Juizes devem saber que aquelle termo da carreira, he dividido em tres terços, como já temos declarado no cap. 91. em que se trata do modo de tirar as lanças, & que sendo o primeiro terço para o cavalleiro se armar, & pòr em fórma de peleja: o segundo batalhar, & o terceiro retirar, se devem conforme a isso julgar os quilates das ventagens, & defeitos, sendo mayores os que sucederem no tempo da peleja, que os que acontecerem no termo do armar para ella, & mayores os que ouverem no armar, do que os que se fizerem ao retirar, depois de passar o choque da sortilha; como se hum cavalleiro largou o estribo no primeiro, ou segundo terço da carreira, ainda que o torne a tomar logo, he mayor defeito, do que o outro, que o perdeo no ultimo terço, & assim se entenderaõ nos mais, que diremos começando primeiro pellas feridas da sortilha, & depois dos defeitos.

O melhor tiro que se faz com a lança, he no meyo da sortilha levandoa, porque he verdadeiramente o alvo, & objecto a que se atira, o que se segue he pela parte de cima, & assim diminuin-

muindo, ó da parte debaixo, logo no lado, que fica à parte esquerda do cavalleiro, que mostra fazer a ferida cuberto com a ponta da lança para dentro; depois no lado direito, & deste se segue o tope do fiel, que supposto digaõ alguns que por mais arriscado he o melhor, naõ he bastante rezaõ, porque como o que buscamos he a sortilha, os topes que nella mesmo se executaõ saõ mais proprios ao intento, & conforme a estas feridas que dizemos se ha de julgar por melhor lança a que for mais vezinha a ellas, como he ser melhor a que vay mais perto do tope de cima, que do debaixo; & melhor a que vay mais vesinha ao debaixo, que aos dos lados, & logo ao do lado esquerdo; que ao do direito, assim as mais. Advertindo que naõ basta o lever a sortilha, ou o mayor tope para ganhar, se ouver faltado o cavalleiro ás regras, & leys principais de medir os tempos da carreira, & lança fazendoa, & desfazendoa com régra, & nos seus teimos, trabalhandoa sempre sem a trazer nem hum instante ociosa, mas com toda a firmeza, ajustamento, & concerto.

Agora hiremos dizendo dos defeitos começando pelos mayores, & assim diminuindo atè chegar aos mais leves, que supposto se naõ poderaõ comprehender todos (pois he impossivel reduzir a regra todos os futuros contingentes) podemos com tudo advertir aquellas que mais ordinariamente saõ factiveis, que em numero saõ vinte: os quais irei referindo successivamente, para que se aja entendido que assim como se vaõ nomeando, assim vaõ diminuindo nos graos de mayor para menor defeito.

O mayor, defeito de todos he, cahir o cavalleiro no segundo terço da carreira, sendo mayor quilate, do que cahir no primeiro, & assim se devem hir entendendo de todos os mais.

Logo cahir com o cavallo, que he ficar renidido, ainda que naõ seja tanto culpa do cavalleiro como o primeiro seria.

Depois cahir a lança que he entregar as armas na peleja.

Correr por fóra dos postes, que he desviar, & fugir do campo, & termo que está assinalado para o combate

Encordoar, que em quanto à lança, he como ir por fóra

do

dos postes, porquẽ õ destrito assinalado parã õ desafio ; he da corda para baixo , & entre hum , & outro poste ; que serve de balisas , com que indo a lança por sima vay já por fóra do termo assinalado , & he perdida.

Cahir a espada suposto que naõ he arma, com que alli se peleja, nem se leva empunhada , que por isso he menos defeito, do que fugir do choque por fóra do destrito com o corpo , ou com a lança, encordoando ; he com tudo arma de reserva , que cahindo, naõ só desarma , mas desauthorisa.

Cahir o estribo desarma , mostra fraqueza , & indicio de mao cavalleiro.

Cahir o chapeo desarma , & desauthorisa , & porq̃ naõ he defeito que impida o offender , ainda que o seja para o reparo , he menos defeito , que os acima referidos.

Cahir a espora desarma , & vem a ser falta na composiçaõ do cavavalleiro, & mais para ajudar o cavallo.

Quebrar cilha , peitoral , ou rabicho que desarma o cavallo.

Cahir ferradura na carreira ao cavallo.

Voltar às avessas o cavallo para correr.

Não correr bem pelo fio, & meyo da carreira.

Dar o cavallo alguns couces na carreira.

Chegar o cavalleiro ao fim da carreira com os pès mais metidos nos estribos , do que os tinha quando lhe deu principio.

Fazer algum movimento leve com a ponta da lança para buscar a sortilha ao passar por ella.

Parar o cavallo com a anca atravessada ; & naõ direito.

Correr pouco o cavallo por falta de o naõ picar.

Cahir fita , ou prenda leve,

Dar alança ao Padrinho , sem acçaõ de a beijar.

Conforme a estas regras se pòdem julgar as mais ventagens, & defeitos que aqui naõ comprehendemos. Advertindo tambem que quando as lanças dos dous cõpetidores forem iguais nas

feridas

feridas da ſortilha, devem os juizes recorrer aver qual as tirou mais ajuſtadas com as leys da cavallaria: & avendo igualdade, paſſaráõ a ver qual mais ayroſas, & galhardas, & avendo a meſma igualdade, ao que vay mais bem poſto de corpo, & pernas, & corre mais ajuſtado, & avendo ſido iguais niſto ao que levar melhor gala, & mais concerto, & naõ avendo ainda ventagens, ao que levar mais fermoſo, mais bem ajaezado, & ajuſtado cavallo, & avendo em tudo igualdade, ſem haver aminima ventagem a que poſſa recorrerſe, entaõ aqui ſómente ſe mandará correr terceira lança, & quando nella naõ aja tambem differença (que tudo pòde ſucceder) ſe partirá o preſſo pelo meyo, ficando o mantenedor no terreiro que sô eſta ventagem ſe lhe concede, porque ſe outra ſe lhe deſſe, naõ haveria quem levando a minima contra ſi no ganhar, ou perder opiniaõ, & preſſo lhe aceitaſe o deſafio. E aſſim não acho rezaõ a muytos que mandaõ favorecer aos mantenedores, & concederlhe ventagens, ſendo pelo contrario obſervado nos deſafios verdadeiros, quando eraõ tolerados, em os quais ſe permitia a eleiçaõ do campo, & armas ao ventureiro deſafiado, & outras ventagens mais, com que Andre Alciato de duello cap. 29. Fauſto cap. 30. Joaõ Baptiſta Mainoldo de leys allegando a Paris de Puteo de duello, & outros aconſelharaõ que o ventureiro deſafiado levaſe todas as ventagens que pudeſſe, ainda que foſſe com armas traydoras, & falſificadas, o que naõ deve aprovarſe, antes eſtranhaſſe muyto, porque os homens honrados, & mais ſendo cavalleiros, ainda ſaõ mais obrigados a toda a limpeſa, & verdade, ſendo só as ſuas ventagens das ſuas cavallarias. E aſſim a melhor opiniaõ, & de mais rezaõ he, que nem ao mantenedor deſafiado, nem ao ventureiro deſafiante ſe conceda ventagem alguma. E finalmente attenderaõ os juizes muyto (como ja diſſemos) no ajuſtamento do cavalleiro na quietaçaõ, ſegurança, & ſerenidade das lanças, para conferirem as ventagens, & poderem julgar com conciencia, credito, & aplauſo.

CAPI.

CAPITULO LXXXXIV.

Como ſe deve tourear à Brida, & os eſtilos que ſe devem obſervar conforme a melhor opiniaõ.

HE a arte, & deſtreſa de tourear hum dos mais galhardos exercicios que ſe obraõ na cavallaria, & por eſſa rezaõ a eſtimaõ, & ſe gloreaõ, & prezaõ de a exercitar todos os grandes Senhores que a podem aprender, & ſe achaõ com natural inclinaçaõ. E como eſte acto he ordinariamente taõ publico, onde o cavalleiro leva a julgar todas ſuas acçoens a tantos, & taõ diverſos juizes, quantos ſaõ os que eſtaõ vendo, devem com rezaõ fazer primeyro todos os enſayos que lhe parecem neceſſarios, para com toda a perfeiçaõ obrar depois, & ſem hir fiado nelles, & nas ſufficientes operaçoens de animo, naõ deve expor a ſua honra, que eſtà primeyro, & logo a ſua vida, a hum acto taõ notorio fazendoo sómente quando para todas as acçoẽs deſte exercicio ſe achar capacitado. Para o que farey algũas advertencias, ſem embargo das muytas, com que todos os Authores da Gineta ſe tem taõ largamente dilatado.

He eſte exercicio de tourear mais frequentado à Gineta do que à Brida, ſem ſer por outra rezaõ mais que a de levar o cavalleiro as pernas mais levantadas, & com menos riſco dos cornos do touro, que moſtraõ mais temor, porèm naõ mais valor, nem bizarria. Com que outras mayores commodidades da Brida facilitaõ, & remedeaõ eſte inconveniente como fica dito no cap. 2.

A primeyra, & mais neceſſaria couſa, para eſte acto; he o fazer elleiçaõ de bom cavallo, que deve ſer alto, & naõ muy bojudo muyto vivo, & ligeiro, porèm naõ ponedor, nem inclinado a fazer curvetas, muito ſogeito, & obediente ao minimo manejo da redea de maõ chea, & naõ boquimolle, mui bem adaſ-

trado

trado no entender a perna, & fazer os redobrés, quebrandoſe com preſteza a huma, & outra parte, & o devem ter na eſtrevaria entre duas vacas mansas, que comaõ com elle na manjadoura muitos dias, & ſobre tudo que ſeja cavallo caſtiço, de boa condiçaõ, que para os publicos ſempre saõ mais ſeguros, & leais.

Os garrochoens devem ſer de ſette palmos, & ſó ſe permitem de outo para a poſtura da anca revolta, de pinho ſeco, & com alguns furos, ſe forem muito fortes, os ferros compridos, bem tirados, & naõ muito largos, & ſem farpas, que poſſaõ pegar, as haſtes das garrochas ſe requerem de mayor comprimento, & mais delgadas com muitos furos, cheyas de varias fitas, os ferros quanto mais pequenos, mais depreſſa entraõ a enbeber as farpas.

Como devem ſer as entradas na praça todos o ſabem, fazendoas cada qual com mais, ou menos lacayos, & oſtentaçaõ, de galas, conforme ſeu goſto, & poſſibilidade. Huns fazem as entradas antes de ſahir o touro fazendo as corteſias devidas conforme as peſſoas, que eſtiverem prezentes, & avendo peſſoas Reais, ſe devem hir buſcar primeiro, puxando o cavallo atrás tres vezes, como todos ſabem, ſem antes diſſo tirar o chapeo a peſſoa algũa, & logo depois a toda a praça em redondo, fazendo a volta ſobre a maõ direita. Outros fazem as entradas depois do touro andar fóra, q̃ naõ tem eſta menos galantaria, entrando naquelle tempo, em que todos ſe afaſtaõ, & recolhem para os palanques, & lugares ſeguros.

Deve entrar o cavalleiro ayroſo, alegre, & deſenvolto, como ſe alli naõ ouvera touro, nem couſa de ſobreſalto, tratando com todo ſocego de continuar as ſuas corteſias, fazendoas com o chapeo abaixo até ſobre a coxa com o vaõ da copa para fóra, que he mais raſgada, & ayroſa a corteſia (ſuppoſto que ſe uzem na poſtura da Gineta, pondo o chapeo no peito) & ſempre com todo o cuidado, ainda que o naõ manifeſte nos movimentos do touro, levando o lacayo do garrochaõ com elle ſempre preſtes junto da anca do cavallo, ao lado direito,

para

para que ſe o touro õ acometer , o ache prompto para lhe fazer a ſorte , & tambem ſerá obrigado a acodir a qualqner dos lacayos, ou peſſoa a que o touro tomar nos cornos , ainda que và no acto das corteſias , & deſpois as tornará a continuar , indo logo que as acabar , a demandar o touro a donde eſtiver , tendo grande advertencia de o naõ cometer nunca por parte donde lhe fiquem paredes , ou palanques à maõ eſquerda do touro , nem por detràs , porque lhe impidiraõ o poder ſahir do encontro.

Com hũa de tres poſturas ſe coſtumaõ buſcar os touros com o garrochaõ. A primeira , & mais galharda he a de roſto a roſto, que em todo o genero de acometimentos , he ſempre a mais ſoberana , & limpa , levando o cavallo de paſſo muy aprecebido, a ponta do garrochaõ mais levantada , porque he melhor para o ferir , & acertar o golpe o decela alguma couſa, do que o levantala & aſſi n como o touro vier inveſtindo ladear o cavallo algũa couſa à parte eſquerda , que para iſſo ſaõ melhores as judas das pernas livres , para ſabir melhor do encontro , & executar , a ſorte , pondelhe ſempre a pontaria entre os cornos , porèm mais para a parte direita delles , por ſe naõ arriſcar a paſſar o garrochaõ por cima em claro , & naõ ſe deve dar com elle chuçada , ſenaõ a pontallo sómente com firmeza do braço , que o touro ſe crava por ſi meſmo , carregandoo depois de elle ſe hir entrando. O ferro do garrochaõ ſenõ deve por atraveſſado , ſenaõ de fio, que para eſta poſtura he mais ſeguro , porque ainda que ſe erre a nuca , ſempre a ferida executa , porque naõ ſendo nelle , ſempre he no peſcoço , ou na entrada das paz , por donde o garrochaõ ſe embebe grande parte , cahindo ordinariamente o touro morto. E logo que execute a ferida , arrimando a perna direita muyto ao cavallo , fará quebrar ſobre o touro , ſahindo logo adiante , & lançado para o àr a parte que do garrochaõ lhe ficou , naõ o ſeguindo o touro , porque ſe o ſeguir lhe hirá dando com elle no focinho , atè que deſembaraçandoſe delle tome outro garrochaõ , & em caſo que naõ execute o golpe ſempre ſahirâ pela anca do touro ſobre a maõ direita , & avendo feito boa

ſorte

ſorte, ou morto o touro, ſe naõ alvoroçe com demonſtraçoens de vangloria, que he conſa aborrecida, mas ficando ſeguro, & ſenhor de ſi, como dantes, & terá advertido aos lacayos, que cahindo o touro, lhe cortem logo os jarretes pelos inconvenientes que de naõ o fazerem algumas vezes ſe ſeguem tornandoſe a levantar.

Neſta meſma poſtura, que diſſemos, ſe buſca tambem o touro, partindo a elle á meya redea, & ao meſmo tempo, em que elle parte, levando o cavallo juſto, & muy bem acompanhado da perna direita, para o carregar à parte eſquerda, livrandolhe o corpo do fio do encontro, & paſſado elle quebrallo ſobre a maõ direita, ou execute, ou naõ a ferida, porque para o touro revolver ſobre o cavalleiro, o faz menos naturalmente, & com mayor dilação ſobre a mão direita, do que ſobre a eſquerda. E aſſim ſe tornará a preparar, & o prover do garrochaõ, como temos dito.

A ſegunda poſtura de buſcar o touro, & mais uzada he ao eſtribo, para o que ſe deve hir buſcando a paſſo ordinanio; porèm ſempre o cavallo apercebido. E tanto que o touro partir (que logo moſtra quando o quer fazer, como bater as orelhas para diante, que he final infallivel) ſe inclinará o cavallo de ſorte, que o touro o venha inveſtindo pelo direito do eſtribo, & chegando a medida do garrochaõ, ha de ſer o meſmo o porſelhe entre os cornos, & o arrimar a perna direita ao cavallo atrás, fazendoo deſviar a anca, & quebrar ſobre o touro, fahindo ſobre a maõ direita, & ſeguindo em tudo o mais o que já temos dito.

Tambem ſe buſca touro para eſta meſma poſtura voltando em galopes ao redor delle ſobre a mão direita, apertando as voltas atè elle arremeter, ou largar o poſto, indo ſempre com o garrochaõ preparado, & tanto que o touro acomete, ſe lhe faz a ſorte com muita ſegurança, porque indo o cavallo nos galopes fica mais facil em livrar logo o corpo do encontro.

A terceira poſtura he, a que chamaõ de anca revolta, eſta he a mais ſegura, & menos uzada, & naõ taõ ayroſa como as outras.

& ſe executa com õ garrochaõ mais comprido hum palmo que os outros, eſperando ſe o touro com a anca para elle, & o cavalleiro com o corpo voltado ſobre o lado direito, tendo o cavallo muy apercebido, para que tanto que o touro chegue à medida a ferida ſe executa, & encontinente ſe ſaya logo a diante, porque ao deſarmar o touro, o não apanhe. E aſſi n eſta ſahida como todas as mais, não deve o cavalleiro fazer muy largas, por naõ parecer que foge; mais que ſómente a que baſte para livrar do encontro revolvendo antes o cavallo do que correndo antes, porque o ſegue menos a volta, que a carreira.

Tambem ſe tourea, & fazem ſortes muito engraçadas com a garrocha, levando varias ficas junto da farpa, & como eſtas ſaõ mais compridas que os garrochoens, & ſe pega nellas unhas acima, tem menos riſco as ſortes, que com ellas ſe executão, & ſe podem fazer em todas as tres poſturas, ſendo a principal a de roſto a roſto, & tambem a do eſtribo, que a da anca revolta, he menos propria neſta poſtura.

Com a garrocha ſe fazem as feridas nas meſmas partes, que com o garrochaõ, & tambem no focinho onde pegaõ muito melhor, & nas orelhas, olhos, teſta, & tudo o que ha do peito para diante, onde parece muy bem depois da ſorte as aſtilhas pregadas, & as fitas tremolando.

E ſe advirta que de qualquer maneira deſtas que ſe façaõ as ſortes, haõ de executar ſempre, quando o touro cometer, porque irlhe meter o garrochaõ onde elle eſtiver acantoado, ou rendido, nem quando elle paſſa para outra parte, ou vay *fugindo*, naõ he couſa praticavel, nem tambem conveniente andar com muitos exceſſos, buſcando o touro quando he pouco animoſo, & anda fugindo, ou buſcando as tranqueiras por onde ſe ſaya, o mais que ſe pode fazer quando elle anda pela praça, he irlhe occupar o poſto onde mais cuſtuma eſtar parado eſcavando, porque alli o virá melhor a cometer.

Em todas as ſortes andirá o cavalleiro ſempre muito deſafogado, & ſenhor de ſi, com grande cuidado na compoſtura do corpo, & pernas, mas naõ moſtrando ſer affectaçaõ na advertencia,

tencia, ſenaõ como deſcuido natural, empunhando õ garrochaõ com ar, & manejando a garrocha com galhardia.

As cauſas que obrigaõ ao toureador, a puxar pela eſpada (que deve ſer larga, & com bom fio,) & avençar com ella ao touro, ſam todas aquellas, em que o touro o offender, deixando (como diſſemos) afrontado, como ſaõ: ferirlhe o cavallo, fazerlhe perder o eſtribo com encontro, quebrarlhe o peitoral, ou huma das tres cilhas (porque ſendo todas ſe ha de apear, & enveſtilo a pè) cahirlhe o chapeo, tomarlhe algum lacayo nos cornos, ou toureiro, que ande com elle acompanhandoo, porque ſendo outras diverſas peſſoas, ſó lhe acodirá com o garrochaõ, & aſſim algumas mais ſemelhantes, em que ſe veja recebe o cavalleiro aggravo. E logo que tirar pela eſpada, que ſerá com toda a deſenvoltura, & por cima do braço da redea, inveſtirá ao touro por toda, & qualquer parte, que o colher mais depreſſa, dandolhe de cutiladas, & procurando ſempre que eſtas ſejaõ antes do meyo do touro para diante, que para trás, & quanto mais chegar, & arrimar a elle, ſaõ mais ſeguras, & melhores, chegandoſe ſempre com o lado direito, & depois de aver dado algumas cutiladas boas, & que bem ſe manifeſtem o deixe acabar de jarretar aos lacayos, porque andando o touro já rendido naõ pareça: em mouro morto graõ lançada, & em todas as occaſioens que puxar pela eſpada, ha de fazer que primeiro o touro morra, do que a embainhe.

Os caſos, que obrigaõ ao cavalleiro a buſcar o touro em pè, & inveſtillo às cutiladas, ſaõ todos aquelles, que por qualquer *modo lhe impediaõ* o buſcallo de cavallo, como ſaõ matarlhe o cavallo, ou ferillo tanto que o encapacite, ou fique com tanto medo, que totalmente fuja ao touro, o quebrarlhe as cilhas todas, o cahirlhe o cavallo, & quebrarlhe as redeas ambas, ou huma ſó, cahirlhe a eſpada, & aſſim tudo o mais, em q̃ o cavalleiro fique deſarmado, & encapaz de poder enveſtir o touro de cavallo, & outros caſos a eſtes ſemelhantes, q̃ como ſaõ algũs cõtingentes, ſe naõ podẽ prevenir ſe regularáõ pelos q̃ temos relatado, & tambẽ ſerá obrigado a por logo os pès em terra, ſe vir q̃ alguns amigos ſe anticipaõ a decer palãques a ſeu reſpeito, ainda q̃ ſeja ſem aver occaſiaõ para iſſo.

Tanto que o cavalleiro ſe pozer com os pès em terra ſem embaraço nem dilaçaõ alguma, hirà logo com a eſpada na maõ roſto a roſto direito ao touro, advertindo de que em o touro o acometendo o eſpere naõ de ilharga mas com o peito a elle, na qual poſtura ha de eſtar atè chegar mui perto, porque de ſe deſviarem alguns mui cedo; nace o hirem os touros ſeguindo, & executando, com que ſó ao tempo do abaixar o touro a cabeça, & fazerſe para o levar, he que ha de deſviar entaõ o pè direito com o corpo ſobre o eſquerdo, deixando cahir no meſmo movimento a eſpada ſobre o peſcoço do touro, ou tambem no focinho, ainda que o golpe do peſcoço he o melhor, com que fazendoſe com acorpo, & ligeireza, hirà o touro deſarmando adiante, deixandoo livre, ſe logo tornar a fazerſe, eſperallo outra vez da meſma ſorte, todas as mais que forem neceſſarias. Eſte modo de deſviar para a parte direita do touro, he muito melhor que para a eſquerda, porque os touros ſempre abaixaõ, & arrimaõ o corno eſquerdo, & não o direito, como a larga experiencia tem moſtrado, & o golpe tambem he mais ſeguro, & melhor de talho, que de revès, comtudo pelas differenças de caſos, & ſucceſſos, que pòde aver, bom he ſaber livrar o corpo com preſteza ſobre huma, & outra parte.

CAPITULO LXXXXV.

Como ſe deve aver o cavalleiro nos caſos, que lhe ſuccederem de repente, para que em todos ſe moſtre experto, advertido, & com bom acordo.

SAõ tàntas, & taõ innumeraveis as variedades de ſucceſſos, que nos repentes podem acontecer aos homens andando a cavallo, que ſeria impoſſivel comprehendellas, & reduzillas a numero, para excogitar os remedios de evitallas, com que daremos ſómente alguns pa-

ra

ſa āquelles caſos, que mais ordinariamente coſtumāõ ſuccẽder.

Quando hum cavaleiro correndo a carreira com lança, ou andando na eſcaramuça com a remeçaõ, & lhe ſucceder cahirlhe em qualquer acto, que ſeja, terá grande advertencia em puxar logo pela eſpada, & continualo atè o fim com ella na mão.

No caſo, em que o cavallo correndo lhe rebentarem as cilhas, ainda que o ſinta, ou que de fóra lho digaõ, naõ ſe altere, nem pare, ſe naõ no fim da carreira, levando o corpo muito direito, & as pernas muito ajuſtadas, metendo a maõ a parar mais larga, & da meſma ſorte o farà quebrando o peitoral, ou rabicho.

No caſo, que ao cavallo quebra huma das redeas correndo, ou voltando, lhe lançará a outra logo por cima da cabeça, para a parte da que quebrou, & puxando dalli por ella, parará o cavallo logo.

No caſo, em que correndo, ou voltando, quebrarem as redeas ambas, ſe debruçará o cavalleiro ſobre o peſcoço do cavallo, & lhe pegará nas cabeçadas, & por ellas o bocado torcendoo para huma parte, & ſendo o peſcoço comprido q̃ lhe naõ poſſa chegar ao freyo, lhe poraõ o chapeo diante dos olhos, ou hum lenço, com que parará logo.

No caſo, que o cavallo lhe fuja correndo, com tomar o freyo nos dentes afferrados nelle, lançará logo a maõ ao alto da cabeçada, largandolhe primeiro a redea toda, & a levantará para cima, com que deſafferrará o freyo, & logo de repente, & com violencia lhe puxará pelas redeas, & parará.

No caſo, que o cavallo ponha as cambas nos peitos, & cõ ellas aſſim fuja, lhe lançará as redeas por cima da cabeça, que fiquem para huma parte ambas, & puxando por ellas juntas o fará parar logo, voltando para aquella parte.

No caſo, que o cavallo fuja de eſquentado, ardido, ou deſeſperado, ſendo em terra limpa lhe largará toda a redea picandoo muito, porque atabafado aſſim com a violencia, & falta de reſpiraçaõ, chamandoo depois com a redea, & fazendolhe o corp,

parará, & quando õ naõ faça, lhe deitarà tambem as redeas ãmbas a huma parte (como acima diſſemos,) & com ellas aſſim voltandolhe a cabeça, pararà, naõ ſendo em terra limpa, ſe pòde valer do chapeo nos olhos, capa, ou penço, & quando faltem eſtas couſas, tire depreſſa a caſſaca, & lha deite ſobre os olhos, porque naõ vendo, pararà logo.

No caſo que o cavallo tropece, eſcaramuçando, ou correndo, deve o cavalleiro ter advertencia de naõ puxar pela redea para ſy em ponto baixo, ſe naõ levantarlha para cima, junto às orelhas, porque com iſto naõ hirá ao chaõ taõ facilmente, nem terà o cavalleiro o riſco de voltar o cavallo ſobre elle.

No caſo que o cavallo cahir correndo, ou voltando, terá o cavalleiro advertencia em abrir as pernas, logo que elle for cahindo, para que fique em pè, ou ao menos lhe naõ *fique debaixo* alguma perna, porèm ficando de pè no direito da ſella, ſe póde tornar a levantar com o meſmo cavallo facilmente.

No caſo que o cavallo ſe empine, & levante tanto que ſe veja vai virando para trás, tirará do eſtribo o pè direito, & livrando o corpo ſobre o eſquerdo, como quando ſe apea, ſe porà com ligeireza de pè em terra, para que naõ *fique debaixo* do cavallo.

No caſo que o cavallo paſſando por alguma agoa, eſcave nella, ou menee com a colla, ou dè com o focinho na agoa para huma, & outra parte (que ſam tudo ſinaes de quererſe deitar nella) tenha ao meſmo tempo vigilancia de o ir ſofriando alto, & picando com preſteza até paſſar fóra da agoa.

No caſo que o cavallo paſſando por alguma ponte, ſem empara, ou por algum caminho que tenha rio, ou deſpenhadeiro de algum lado, & tomando medo começar á recuar com as ancas para a parte do perigo, o naõ picará, porque picandoo recuará mais, & ſe deſpenhará mais depreſſa, com o que aſsim como moſtrar o medo, ſe virará com o roſto para donde eſtà o perigo, & dandolhe ſofreadas o fará ir recuando até que paſſe aſsim o lugar do receyo, que paſſado eſte, & tornandoo a

por direito, continuará por diante livremente.

No caſo que depois que o cavalleiro partir a carreira, vir que alguma peſſoa, animal, ou outro embaraço ſe atraveſſa nella, naõ tratará de querer parar o cavallo, porque lhe ſerá difficultoſo, ſalvo ſe conhecer delle ſer muito ſogeito ao freyo, & doce da boca, mas naõ o ſendo, hirá antes torcendo a carreira para hum lado, deſviandoo do impedimento, ou deitandolhe as redeas por cima da cabeça, para huma parte, & com ligeireza o fará voltar para ella.

No caſo que correndo parelha cahir o chapeo ao companheiro, para fazer menos feyo defeito, & moſtrar em tudo parelha, deixará tambem logo de enduſtria cahir o ſeu, & ſe quizer fazer ao companheiro hum louvor grande, o ſerá, tirando o ſeu proprio na meſma carreira, & pondoa na cabeça do companheiro.

CAPITULO LXXXXV.

Como ſe hão de tratar, & conſervar os cavallos, para que com ſaude, & fortaleza poſſão aturar os mayores trabalhos de campanhas, feſtas, & jornadas.

HE o cavallo hum animal vivente, & ſenſitivo, ſogeitoá corrupçaõ, & achaques de que naõ pòde acautelarſe, como os outros animaes ſe acautelam, guiados pelo inſtinto natural, que os enſina a buſcar os meyos da ſua conſervaçam, fogindo das calmas para as ſombras, dos frios para os abrigado, & aſſim nos mantimentos, comendo os que lhe ſaõ bons, rejeitando os que lhe ponem ſer nocivos, & outras prevençoens naturaes, de que nam pòde uſar o cavallo que eſtà preſo, & ſogeito ao homem que governa, & naõ tem liberdade para poder ſeguir as ſuas o peraçoens naturaes. Pelo que he neceſſario, que ſe tenha com elle todo o cuidado, ſe o ſeu preſtimo o merece para que poſſa ſervir bem, &

conſervarſe muito tempo, porque tratandoſe com as cautelas, & precauçoens que direi, pòde hum cavallo aturar muitas campanhas, trabalhar em muitas feſtas, & ſeguir jornadas largas de duzentas, & mais legoas, eſtando ſempre tam bom como no primeiro dia, que da eſtrebaria ſahio, & ſe pòdem fazer aſſim nos cavallos de regalo mais fermoſos, & eſtimados.

Quando ſe ouver de preparar hum cavallo para ir a hũa campanha, a humas feſtas, ou jornada larga, he neceſſario primeiro que o cavallo eſteja de longe mui bem penſado de palha, & ceva-da, & que naõ eſteja muito gordo em extremo, ſalvo ſe apalha, & cevada ſómente lhe tiver poſto as carnes, porque eſſas ſam entaõ mui naturaes.

Antes de entrar ao trabalho, ſe deve exercitar hum dia, & outro naõ, ſeis, ou ſete vezes, ſe he para campanha, ou feſtas correndolhe duas, tres carreiras, paſſeando-o, montando duas, ou tres horas em cada hum deſtes dias. Se for para jornada, fazelo andar o primeiro dia huma lego, o terceiro duas, o quinto quatro, & aſſim ir acreſcentando, & ſem ir longe, o paſſeie hum moço de cavallo tantas horas como poderia andar de legoas, com que o cavallo ſe vay habituando, & endurecendo para naõ eſtranhar nem reſfriar na jornada.

Logo ſe deve mandar ferrar alguns dias antes da campanha, feſta, ou jornada, porque as ferraduras lançadas de freſco, eſcaldaõ, & moleſtaõ, ſe logo ſe tegue o trabalho violento dos pès, & maõs.

He neceſſario verlhe o freyo, que và em ſeu lugar, & ſe tem a boca chagada, ou que lhe faz alguma moleſtia, curalo primeiro, & porlhe o freyo que na jornada o naõ moleſte, & ſempre para as jornadas ao menos, ſaõ melhores os leves que os pezados.

Convem muito que aja boas ſellas, para campanhas grandes, & jornadas largas, das quaes ſejaõ os vaſos mui iguaes, que naõ aſſentem nas pontas, nem em huma parte mais que em outra, nem ſejaõ taõ levantados diante, como fazem nas ſellas de feſtas, porque ao cavalleiro, & ao cavallo ſaõ incomodas.

Os ſuadouros ſejaõ de pano fino, que naõ recebe tanto ſuor, nem esfola, como ò groſſo, naõ haõ de ſer cheyos de lãa, ſe naõ de cabos de boy cozidos em agoa, & primeiro que ſe fervaõ ſe haõ de torcer como cordas para que depois de cozidos desfeytos fiquem creſpos, & ſe nam amaſſem. Iſto evita grandemente as mataduras. O pello de Veado tambem he bom, para encher os ſuadouros, naõ ſe querem eſtofados muyto altos, porque fazem mover a ſella para huma, & outra parte, & esfolar o couro. Se huma ſella aſſentar igualmente, ſem fazer mais força em huma parte, que em outra, nunca pòde ferir o cavallo, porèm todas parece que aſſentaõ bem aos que o naõ entendem, & poucas ſam as que nam façaõ muita mais força em huma parte, que nas outras. Para examinar iſto ha de porſe a ſella, & hum moço pequeno em cima, entaõ hir metendo a maõ por baixo dos ſuadouros, & logo ſe vè onde o vaſo, ou ſuadouro aperta o cavallo, para ſe remedear, porque neſta cautella vaĩ muyto.

Se o cavalld ouver de levar mala na garupa, he neceſſario que leve por baixo hum xerel, com ſeus ſuadourinhos pequenos, cheyos muy bem dos meſmos rabos de boy, porque naõ eſquente, & esfole aquelle lugar dos rins, que moleſta muito o cavallo.

He boa cautela levar para as jornadas huma, ou duas ferraduras, das que diſſemos no capitulo dezouto, porque tanto que hum cavallo ſe desferra, ſe lhe poem logo, vay atè onde aja ferrador com o caſco inteiro, & ſem iſſo chega muitas vezes incapaz de ſe lhe pregarem cravos, & mal pregados, torna logo a cahir a ferradura huma, & outra vez, atè que incapacita o cavallo, & embaraça huma jornada, ou o ſerviço de huma campanha.

Qnando ſe vay em huma jornada perto de eſtalagem huma legoa, meya, ou hum quarto, he bom ſe ſe acha agoa, meter o cavallo com os pès, & maõs nella, que os lave, &

& lhe repẽrcutã ōs humores, & darlhe de beber, porque aquelle pouco, que depois caminha faz diſſipar a frialdade, & viveza da agoa; & ſe a naõ ouver ſe naõ na eſtalagem, ſerà bom naõ lha dar de poço, ou ſiſterna, ſe naõ a mais temperada que ſe achar, a melhor he a de rio, depois de fonte, antes que de poço, & dandoſelhe em algum vaſo ſerà bom que os criados metaõ as maõs nella, & a mexaõ hum pouco, para que perca alguma parte daquella viveza, & ſe ouver farelos, ou farinha ſeràõ bons nellas, porque engroſſaõ, & impedem a ſua penetraçaõ nos póros que vaõ abertos do caminho, & naõ he bom darlhe logo de beber chegando ſuado, ſenaõ dalli a hum pouco.

Se o cavallo chegar muito molhado, ſe lhe correrà o ſuor como o fio de huma faca por todo o corpo, particularmente, pernas, & braços, ſempre para donde corre o pello, & depois que eſtiver o ſuor ſeco, ſe podem lavar as pernas, & braços com agoa fria.

Naõ ſe devem esfregar as pernas, & maõs quando o cavallo chega ſuado de qualquer trabalho que ſeja, como as mais das peſſoas erradamente o fazem, de que procedem resfriamentos pela ingnorancia de tal cautella, porque vindo o ſuor, & humores derretidos, esfregando as maõs, & pès, que ſe ſaõ as partes baixas onde elles caem com facilidade, he certo que as esfregaçoẽs de rolos de palha, que lhes fazem, chamem, & atrahaõ alli mais, & mais humores, que depois ſe congelaõ arrefecendo o cavallo, de que ficaõ mancos, & perdidos.

Se ouver lugar de ſe paſſear o cavallo, vindo muito ſuado, he boa cautella atè arrefecer, com que ſeja parte abrigada que ſendo frio, & vento he melhor recolhelo, correlhe o ſuor (como diſſe) com a faca brandamente, tirarlhe o rabicho, & peitoral, alargarlhe as cilhas, meterlhe por baixo dos ſuadouros humas manadas de palha limpa, que tenhaõ os ſuadouros apartados do couro.

Deixarſe ha eſtar com o freyo hum quarto de hora ſem comer, porque aſſim deſejando tirallo faz eſcuma, qne lhe alimpa a garganta, & lhe humedece a lingoa, & boca, & com eſta dilaçaõ

breve

breve vem a comer depois melhor, & mais em hũ quarto de hora, do q̃ sem ella avia de comer em duas horas inteiras, se estiver enfastiado, lavemlhe as ventas, & boca com vinagre, porque o alivia muito, ou com vinho, naõ havendo vinagre.

As primeiras jornadas sempre he bom fazelas menores, & menos apressadas, & depois hir acrescentando, como no primeiro dia seis legoas, no segundo outo, depois dez, & doze, que as sentirá entaõ menos o cavallo.

Quando à noute se vai dormir a huma estalagem, antes de chegar a ella meya legoa, vaise mais de vagar, dando a redea toda ao cavallo, para que vá desafogado, & lhe sirva aquelle pouco de passeyo, com que seco do suor, & se o levar hum criado, ou pessoa q̃ posta hir a pè hum quarto de hora, o leve entaõ de redea este pouco atè chegar à astalagem, & se recolher nella escusando outro passeyo.

Todo o cavalleiro curioso, & o que deseja seguir o seu intento, & que o cavallo lhe naõ falte na jornada, o vai ver logo, & lhe manda lançar por baixo dos pès palha fresca, porque esta industria os faz ourinar logo, & ficaõ aliviados.

Naõ se lhe ha de dar logo ao cavallo a cevada em chegando primeiro he melhor lançarlhe palha, depois de estar o freyo (como dissemos) & se ouver farelos trigos, he bom refresco, molhados, para hum cavallo que vem esquentado, entaõ a cevada, & palha necessaria.

Vejase a manjadoura se està limpa, ou se tem buracos, porque os costumaõ fazer os mesmos estalajadeiros, para cahir a cevada, para os seus porcos, & galinhas, & o cavallo comer dous bocados, & enfastiar logo, he melhor tirarlhe a cevada de diante, porque mais o enfastia, & depois tornar adarlha.

Ha de fazerse a cama ao cavallo com sua palha fresca, & prenderle de sorte, que nem fique taõ comprido, que se encabreste na corda, ou cadea, nem tam curto, que se naõ possa deitar.

Depois que o cavallo està já descançado na estrebaria, o suor en-

enxuto, & os humores quietos, entaõ ao deitar na cama, se mande esfregar o suor que está seco, para que naõ entupa os póros, & se ouver almofaça he muito bom almofaçar o cavallo, depois do suor seco, ainda que seja à noute, espaço de meya hora, porque se abrem os pòros, & se facilita a sahida dos fumos, & excrementos que chamaõ do terceiro cozimento, o que a calpa, & suor coalhado impede, & entupe com grande damno da saùde do cavallo.

Logo lhe devem correr todo o lombo, & lugar da sella para ver se achaõ algum polmaõ, ou matadura, se acharem polmaõ tomaràõ duas, ou tres claras de ovo, ou mais confóme a grandeza delle, & hum pedaço de pedra hume pizada, & muito mexida com as claras, que fique a modo de nata, & aplicada sobre o tumor com estopas por cima, que ajudem a sustentar, veráõ que pela manhãa naõ tem nada.

Logo devem ver a sella, & tirarlhe naquelle lugar algum estofo, metendo-o para outras partes, & porám a secar os suadouros ao ar, ou ao fogo, porque naõ estejaõ pela manhãa molhados, varejando-os muito bem.

Se achar matadura a lavaraõ com vinho morno, desfazendo nelle hum torraõ de açucar, & o lugar do suadouro, que fez a matadura, & cortese fóra com huma thesoura mayor pano do que he a matadura, & tornese a sirgir nesse mesmo lugar hum couro branco de cordavaõ, ou carneira, com a parte mais branda para a matadura, este couro se engraxa primeiro, embebendo nelle muita manteiga, que para isso he a melhor graxa, mas em falta serve qualquer outra, ou toucinho, ou sabaõ, & todas as vezes que se tirar a sella, se ha de alimpar o couro, & tornallo a engraxar de novo, & por baixo delle que ande a lãa muito leve. Já fiz jornadas em que o cavallo sahio de casa com matadura, & depois de muitos dias de caminho com esta caurella chegou o cavallo saõ ao fim da jornada, & assim chegaõ muitas vezes mais gordos, & alentados do que partiraõ, se ha todo o cuidado com elles, & cautelas necessarias.

Vejase a sella se abrio os vasos, ou se se movem antes q̃ se tornem

nem a pôr no cavallo, para que ſe conſerte primeiro.

Verſeha ſe o rabicho ferio o cavallo debaixo da colla, & entaõ alargarlho mais, & engraxallo alli muito bem, & lavar a ferida com azeite, & vinho partes iguaes, & batido bem huma couſa com outra, & porlhe carvam pizado, & logo pela manhãa eſtará bom.

Ver o peitoral, ſe no lugar dos còldres, ou rabicho em cima dos rins tem o pello rapado, ou ſe esfola o couro, ou faz tumor, & esfregar aquellas partes offendidas com ſabaõ, & forrar por baixo das fivellas, ou couro duro, que offende a parte com hum pedaço de couro brando muito enſaboado, & em falta hum pano velho, ou baeta, atè ſarar.

Ver o lugar da barbeila ſe eſtâ com chaga, lavalla muito com agôa ardente, & em falta della com azeite, ſal, & vinho, & cobrir a cadeaſinha com couro engraxado com manteiga, ou outra graxa.

Vejaõſe as mãos por junto dos machinhos, ſe eſtaõ feridas, ſe o cavallo ſe corta para mandar recolher as feraduras, que com a continuaçaõ da jornada ſe naõ vá decepando.

Apalparaõ os caſco, & palmos por dentro, ſe eſtaõ mui eſquentados, & aſperos, porque he bom remedio meterlhes dentro, & ao redor eſterco de vacas freſco, & na falta delle o do meſmo cavallo amaſſado com vinagre, que iſto lhe adoçarà os caſcos, & tirará toda a dor.

Algumas vezes ſe deitaõ os cavallos logo, chegando à eſtalagem, ou de qualquer jornada, ou trabalho, & ſe os levantaõ tornaõ a deitarſe, & fazem cuidar aos que o naõ entendem que eſtaõ doentes, iſto ſuccede de eſtar atormentado dos caſcos. Logo ſe manifeſta apalpando-os, ſe eſtaõ muito aſperos, & eſquentados, & ſe vè nos olhos do cavallo, que eſtá alegre eſtando deitado, & comem aſſim meſmo ſem ſe levantarem, moſtrando todos os ſinais de ſaude. Para iſto he bom untarlhe todos os caſcos com manteiga freſca, & porlhe o eſterco de vacas (que diſſemos) & ver ſe aſſenta alguma ferradura, ſe tem o caſco cheyo, porque logo a ferradura onde aſſenta eſtá

eſtá mais liſa, & ñedeã do que nas mais partes.

Se o cavallo for digno de eſtimaçaõ, & tendo trabalho muito alguns dias, ou ſeja nas jornadas, ou nas campanhas, ou feſtas, mandaraõ ferver em huma caldeira eſterco de bois, ou vacas freſcos, em vinagre, com que fique a modo de papas, & o carregaram muito bem pelas eſpaldas, ancas, pernas, & braços, esfregando-os muito, & arripiando o pello, para que penetre, & naõ havendo para tudo, ao menos as pernas, & braços, eſtará aſſim a noute, & ſe ouver lugar para eſtar mais hum dia ainda fará melhor effeito, depois mandalo lavar ao rio, ou com agoa morna, ſendo inverno, ou naõ havendo rio, & experimentarám como eſta carga taõ facil lhe fortifica, & enxuga, os pès, & mãos, & os faz tam liſos, & enxutos, como ſe naõ ouveram trabalhado.

Quando ſe dorme na eſtalagem, he neceſſario mandar muito cedo dar a cevada ao cavallo, mandalo, alimpar muito bem, porque ficando, terra, ou o pello endurecido do ſuor ſeco, por baixo da ſella, fará facilmente mataduras.

Sempre he bom pela manhãa pôr cedo a ſella ao cavallo, porque com ella às coſtas come melhor, por ſe aproveitar do tempo, & ver que ha de ſahir. A experiencia o tem aſſim moſtrado.

Antes de ſahir da eſtalagem, & lugar donde aja ferrador, ſe veraõ as ferraduras ſe faltaõ cravos, ou eſtaõ gaſtadas, para que ſe lhe acuda, cravejando o cavallo, ou ferrandoo do que for neceſſario, porque com eſta cautella hiraõ os calcos melhor conſervados, & inteiros.

Se à noute, por deſcuido, naõ olhâraõ, ſe o cavallo tinha alguma matadura, & pela manhãa ao pôr da ſella acháraõ alguma que naõ aja entaõ lugar para as precauçoẽs, que diſſemos, lavaſe ao menos com vinho, & ſe lhe rape o pello à roda, & lhe ponhaõ hum panno vello, & brando em duas, ou tres dobras em cima, & quanto mayor for ſerá melhor, que tome os ſuadouros todos, ſe for poſſivel, & por cima deſte pano; atarám naſtros que voltem por baixo da barriga, & que aſſegurem muy

bem

bem o pano, porque os ſuadouros entaõ ſe movem em cima do pano, & naõ offende a matadura.

Sahindo pela manhãa da eſtalagem, naõ darám logo de beber ao cavallo, ſe naõ depois de aver andado huma, ou duas legoas, & ſeja antes em rio do que em fonte, havando commodo para iſſo (como temos dito) & antes em fonte do que em agoas de preſa, que naõ corraõ, & o livrem de beber em agoas chocas, & corruptas, & quando o cavallo vai eſquentado o naõ deixem beber de hum ſó folego, ſenaõ levantarlhe a redea que beba de tres, ou quatro vezes.

Se o cavallo na jornada, ou em qualquer trabalho perder a vontade de comer, he neceſſario lavarlhe a boca, & lingoa do pò, com vinagre, & ſal, & meterlhe duas bólas de manteiga pelas orelhas, & ſe naõ baſtar, demlhe hum pique no padar da boca à noute, & o eſpremaõ muy bem, & ſe lançar demaſiado ſangue, demlhe farelos molhados, & logo pararà. Se o cavallo for de eſtimaçaõ, podeſelhe dar meya onça de triaga desfeita em vinho que fará grande effeito.

Quando em tempos de veraõ ſe chega ao jantar a huma eſtalagem, & ſe ouverem de paſſar alli duas, ou tres horas da calma he neceſſario tirar fóra a ſella, depois de paſſada meya hora, & esfregar, & alimpar os lombos, ao cavallo, & pôr a ſella ao Sol, & enxugar os ſuadouros, & batela mui bem, por ſe naõ tornar a pôr molhada, & mandarlhe lavar os braços, & pernas com agoa fria, ſe ouver comodidade para iſſo.

Quando o cavallo chega ſuado, & elle tem ovas alifafes, ou outras ſemelhantes manqueiras, he bom molhallas entaõ com vinagre forte, duas, ou tres vezes quente, porque as diſſipa, & conſome, achando os pòros abertos, para as penetrar.

Se o cavallo ſe diverte com a gente, olhando para huma, & outra parte, lançando a cevada da boca, & perdendoa com o divertimento, he bom deixallo ſó, & às eſcuras, ſe ha moſcas que o inquietem.

Depois de vir hum cavallo de huma larga campanha, feſtas

tas, ou jornada comprida, em que teve muito trabalho, he neceſſario em chegando, ſe for cavallo de preſtimo, & eſtimaçaõ, mandado ſangrar, ſe moſtrar que vem pizado, ou arrepiado, do pello, na vea da taboa duas ſangrias, huma em hum dia, & outra dalli a dous, para o refreſcar, & aliviar, tirandolhe mui pouco ſangue. Quando ſe lhe der a primeira ſangria, ſe tomarà o ſangue em hum vaſo, & ſe eſtará mexendo, para que ſe naõ coalhe, & o miſturarám com outra tanta agoa ardente, & com iſto o esfregarán muito pelos peitos, maõs, & pès, & na ſegunda ſangria ſe fará o meſmo, & ao outro dia, & depois da ultima ſe levará ao rio, ſe for veraõ, para o lavarem, & meterem na agoa huma hora, continuandolhe os banhos alguns dias, & ſe for de inverno, farlhehaõ hum banho, com que ſe lave, de agoa morna, em que ajaõ cozido ſalva, alecrim, mentraſtos, marcella, & louro, ſe o cavallo moſtrar que anda eſquentado, miſturarán tambem ervas huma pouca de tanchagem, & alfaces.

Se o cavallo trouxer os pès, & maõs inchados groſſos, ou arrepiados, mandaraõ ferver em huma caldeira grande, vinho, & em falta delle agoa, & eſtando fervendo lhe deitem dentro huma quantidade de cinzas quentes, & vermelhas (ſe forem de vides ſam melhores,) & depois lavarám com eſta decoada, & com as meſmas cinzas envoltas mui bem os pès, & maõs do cavallo muitas vezes, aquentandoa ſempre, que logo deſincharam, ou tambem com o eſterco de vacas fervido em vinagre (como diſſemos,) que tudo he bem, facil, & barato, fazendo tambem bom effeito, como da experiencia o veráõ.

Se o cavallo vier debilitado, & ſe veja que naõ neceſſita de ſangria, farlhehaõ a carga, com que ſe ouver de cobrir de outra ſorte. Ferveràm em huma caldeira muita borra de vinho tinto, & nella deitaràõ farinha triga, ou de cevada a que biſte para a engroſſar, que fique de ſorte, que pegue bem, & com iſto quente, carregaràm o cavallo, reformandolhe a carga tres, ou quatro vezes, huma cada dia, co-

brin-

brindolhe os peitos, lombo, ancas, maõs, & pès: ſò os caſcos ſe haõ de encher por dentro, & por fóra de eſterco de vacas, cozido em vinagre, como diſſemos, & avendo bom cuidado na limpeza, & comer do cavallo, em breves dias tornará logo a ſeu vigor, ficando de hum trabalho melhor habituado para aturar outros mayores.

FINIS.

FINIS.

INDEX

DOS CAPITULOS DO TRATADO DE CAVALLARIA.

Cap. 1. *Que cousa seja cavallaria, quaes forvõ os primeiros inventores della, nobrezas, & excellencias desta arte.* fol. 1.

Cap. 2. *Das ventagens, que a cavallaria de Brida faz à da Gineta.* fol. 4.

Cap. 3. *Da nobreza, & excellencias do cavallo.* fol. 11.

Cap. 4. *Clymas, & praticas dos melhores cavallos, quaes devem ser, & as egoas para a criaçaõ, & a ordem que se ha de ter com ella.* fol. 17.

Cap. 5. *Quaes sejaõ as feiçoens, & partes naturares, que fazem ao cavallo fermoso.* fol. 20.

Cap. 6. *De todas as cores dos cavallos, & do que denotaõ humas, & outras.* fol. 23.

Cap. 7. *Dos sinaes brancos dos cavallos, & dos que denotaõ bem, ou mal.* fol. 25.

Cap. 8. *Dos rodopios bons, & maos, & dos que chamaõ gayas.* fol. 27.

Cap. 9. *Como se ha de fazer escolha dos potros q̃ andaõ nas manadas, & das cautellas, com que se devem comprar os que estaõ jà recelhidos, & pensados* fol. 28.

Cap. 10. *De q̃ idade se devẽ recolher os potros à estrebaria, & como se devem fazer trataveis, & sogeitar às prisoẽs.* fol. 31.

Cap. 11. Como devem ser as estrebarias, & manjadouras de modos curiosos, & das preparaçoens que ha de haver nellas. fol. 32.

Cap. 12. Como se devem pensar, alimpar, & tratar os cavallos, & o cuidado, & advertencias que deve haver nisso. fol. 37.

Cap. 13. Como se deve dar o verde aos cavallos, & o que nesse tempo se deve observar. fol. 39.

Cap. 14. Como se devem ensinar os potros antes de serem montados, a algumas cavallarias, que não dependaõ de peso, ou trabalho, & como se lhe ensinaõ as cortezias, pondo hum joelho, ou ambos em terra. fol. 42.

Cap. 15. Como se ensina hum potro a que ponha a barriga em terra, para que cavalguem nelle, & que se nam levante, senam quando o cavalleiro quizer. fol. 44.

Cap. 16. Como se deve ensinar hum potro para que cahindo na campanha, ou batalha, siga a seu senhor, para que torne a subir nelle. fol. 45.

Cap. 17. Como se ha de ensinar hum potro a bater com huma maõ a huma porta. fol. 46.

Cap. 18. Como se devem ferrar os potros, & as cautellas que nisso deve aver. fol. ibi.

Cap. 19. De que idadade, & com que cautella se deve começar a por o freyo, & sella ao potro, & como se ha de subir nelle. fol. 49.

Cap. 20. Das diversas causas porque os cavallos naõ enfreaõ & como naõ he só procedido da boca, como muitos erradamente imaginàram, & a ordem que nisso se deve guarde para os enfrear com perfeiçaõ para o exercicio da Brida. fol. 51.

Cap. 21. De como se devem enfrear, & remedear os cavallos, que por fogosos, ardentes, esquentados nam enfreaõ fal. 54.

Cap. 22. Como se devem enfrear, & remedear os cavallos, que

que por froxos, pezados, & de pouco sentimento não enfreaõ. fol.55.
Cap. 23. Como se devem enfrear, & remedear os cavallos, que por muito doces, & brandos da boca, a que chamaõ (boquimoles) não enfreaõ. fol. 55.
Cap. 24, Como se devem enfrear, & remedear os cavallos, que por terem o pescoço muito grosso, junto às queixadas, não enfreaõ. fol. 56.
Cap. 25. Como se devem enfrear, & remedear os cavallos, que por terem a cabeça muito grande, & pezada, não enfreaõ. fol. ibi.
Cap. 26. Como se devem enfrear, & remedear os cavallos que por terem o pescoço muito comprido por cima, & muito curto por baixo não enfreaõ fol. 57.
Cap. 27. Como se devem enfrear, & remedear os cavallos, que por terem o pescoço muito delgado, & a garganta metendo muito a cabeça tomaõ a respiraçaõ, & não enfreaõ. fol.58.
Cap. 28. Como se devem enfrear, & remedear os cavallos, que por terem a barbada muito carnosa não os castigando a barbella, não enfreaõ. fol. ibi.
Cap. 29. Como se devem enfrear, & remedear os cavallos que por terem mui escarnada a barbada, & beiços não enfreaõ. fol. 59.
Cap. 30. Como se devem enfrear, & remedear os cavallos, que por terem a lingoa muito grossa, nam enfreaõ. fol. ibi.
Cap. 31. Como se devem enfrear, & remedear os cavallos, que por terem a lingoa muito comprida a trazem de fóra, ou revolvendoa no bocado a sobem a cima, & não enfreaõ. fol. 60.
Cap. 32. Como se devem enfrear, & remedear os cavallos, que metendo o beiço de baixo do assento do freyo, & não recebendo entam sentimento, não

não enfreaõ. fol. 61.
Cap. 33. Como ſe devem enfrear, & remedear os cavallos, que por andarem ſempre tranſtornando o freyo na boca para huma, & outra parte, ſem tomarem firmeza não enfreaõ. fol 62.
Cap. 34. Como ſe devem enfrear, & remedear os cavallos, que por meterem huma, & outra camba na boca, & as andarem ſempre buſcando com o beiço, não enfreaõ. fol. 62.
Cap. 35. Como ſe devem enfrear, & remedear os cavallos, que por trazerem ſempre aboca aberta, & fazendo com ella theſoura não enfreaõ. fol. 63.
Cap. 36. Como ſe devem enfrear, & remedear os cavallos, que por terem a boca muito pequena, a que chamamos (boca de coelho) não enfreaõ. fol. 63.
Cap. 37. Como ſe devem enfrear, & remedear os cavallos, que por andarem ſempre dando cabeçadas para cima, & para baixo não enfreaõ. fol. 64.
Cap. 38. Como ſe devem enfrear, & remedear os cavallos eſpapados, que por trazerem a boca, & o roſto levantado para cima não enfreaõ. fol. 65.
Cap. 39. Como ſe devem enfrear, & remedear os cavallos que por trazerem a cabeça torta para huma banda não enfreaõ. fol 65.
Cap. 40. Como ſe devem enfrear, & remedear os cavallos, que por trazerem a boca ſempre ſeca, & aſpera não enfreaõ. fol. 66.
Cap. 41. Como ſe devem enfrear, & remedear os cavallos, que por terem os lugares dos aſſentos da boca, & da barbada calloſos, & endurecidos não enfreaõ. fol 67.
Cap. 42. De dous remedios particulares para os dous defeitos em geral mais ordinarios, que ſe ſam cavallos muito duros de boca, & muito molles della. fol 67.

Cap. 43. Advertencias geraes, & muito necessarias sobre o enfrea-
mento dos cavallos. fol. 69.
Cap. 44. Como devem ser as sellas de Brida, sellotes de campo, &
mais arreyos. fol. 71.
Cap. 45. Como se deve começar a ensinar o potro a andar de passo,
& como se lhe ensina a andadura. fol. 75.
Cap. 46. Como se devem ensinar os potros a fazer os lados, & en-
tender a perna, & as ajudas. fol. 76.
Cap. 47. Como se deve ensinar aos potros os trotes, galopes, voltas,
& redobres. fol. 77.
Cap. 48. Como se devem ensinar os potros a puxar os braços, pizar
em hũ sô lugar, & para diante, & as curvetas. fol. 79.
Cap. 49. Como se deve ensinar aos potros as suspençoens de
maõs. fol. 81.
Cap. 50. Como se deve ensinar os potros correr a carreira com per-
feiçaõ, & concerto. fol. 83.
Cap. 51. Como se deve ensinar ao cavallo o fazer os lanços, chaças,
repelloës, & arremetidas. fol. 84.
Cap. 52. Como se deve ensinar o cavallo que anda voltando sempre
com o rosto para fóra, & a anca para dentro. fol. 85.
Cap. 53. Dos cavallos rifadores, & rinchoës, & dos ramedios que se
lhe devem applicar. fol. 86.
Cap. 54. Dos cavallos que se impinaõ, alevantaõ sobre os pès, ou ca-
hem para tràs, & dos remedios que se lhe devem appli-
car. fol. 88.
Cap. 55. Dos cavallos, que mordem, & dos remedios que se lhe de-
vem applicar. fol. 90.
Cap. 56. Dos cavallos reveloës, que recuaõ, & naõ querem ir para
diante. fol. 91.
Cap. 57. Dos cavallos, que daõ couces, & dos remedios que se lhe
devem applicar. fol. 92.
Cap. 58. Dos cavallos, que fazem corcovos, & dos remedios que se
lhe devem applicar. fol. 93.
Cap. 59. Dos cavallos, que se deixaõ cahir de barriga no chaõ tanto
que montaõ nelles. fol. 93.

Cap. 60. Dos cavallos, que ſe deitaõ, & revolvem na agoa tanto que paſſaõ por ella. fol. 94.
Cap. 61. Dos cavallos, que naõ daõ pela eſpòra, nem acodem a ella. fol. 95.
Cap. 62. Dos cavallos, que naõ querem tomar a carreira, fol. ibi.
Cap. 63. Dos cavallos que tropeçaõ muitas vezes, & das cauſas, & remedios. fol. 96.
Cap. 64. Dos cavallos, que ſe trocem, & afaſtaõ indo na ſorça da carreira. fol. 97.
Cap. 65. Dos cavallos que partem a trancos deſcompoſtos, & correm a ſaltos levantados. fol. 98.
Cap. 66. Dos cavallos que paraõ ſobre as maõs. fol. 99.
Cap. 67. Dos cavallos, que fogem da carreira, & ſe ſahem da eſcaramuça. fol. ibi.
Cap. 68. Dos cavallos, que naõ querem voltar ſobre huma maõ. fol. 100.
Cap. 69. Dos cavallos, que ficàraõ reſabiados com o muito trabalho, depois de alguma campanha, ou feſtas. fol. 101.
Cap. 70. Dos cavallos que ſe inquietaõ, & naõ tem ſofrimento no principio, & fim da carreira. fol. 102.
Cap. 71. Dos cavallos, que naõ querem conſentir que o cavalleiro traga na maõ lança, ou vara, & o meſmo receyo tem â eſpóra. fol. 103.
Cap. 72. Dos cavallos, que ſe naõ querem deixar montar. fol. 104.
Cap. 73. Dos cavallos eſpantadiços, a que chamaõ paſſarinheiros. fol. ibi.
Cap. 74. Dos cavallos que naõ querem ſahir para fóra da eſtrebaria. fol. 105.
Cap. 75. Dos cavallos que naõ conſentem andar a deſtra. fol. 106.
Cap. 76. Dos cavallos que naõ querem entrar na agoa para os lavarem. fol. 107.
Cap. 77. Dos cavallos que raſgaõ, ou comem as mantas, & as naõ conſentem fol. ibi.
Cap. 78. Dos cavallos, que eſtaõ ſempre ferrando os dentes na manja.

jadoura com birra. fol. 108.
Cap. 79. Como se devem fazer as compras, & trocas dos cavallos de conta. fol. 109.
Cap. 80. Como devem ser as botas, & espôras, as lanças de Brida de sortilha, & as de justas, candieiros, corda, fiel, sortilha, estafermo, barquinha, canas, & alcanzias. fol. 111.
Cap. 81. Como devem os cavalleiros fazer as entradas na praça cõ ostentaçaõ, & luzimento. fol. 114.
Cap. 82. Como se deve ensinar a cavallaria de Brida a hum moço novo, que ainda de todo a ignore. fol. 115.
Cap. 83. Como o novo cavalleiro deve passar a carreira com concerto, & composiçaõ conforme a arte. fol. 119.
Cap. 84. Como deve o cavalleiro andar na escaramuça. fol. 121.
Cap. 85. Como se devem correr as parelhas com ajustamento, & perfeiçaõ. fol. 122.
Cap. 86. Como se devem jugar as canas, & alcanzias, assim singelas, como dobradas, & de quadrilhas. fol. 123.
Cap. 87. Como se deve fazer a escaramuça de dous fios, com concerto, conforme a regra militar. fol. 126.
Cap. 88. Como se deve fazer huma escaramuça de hum só fio, acomodando em pouca praça todo o mayor numero de cavallos, que ouver. fol. 129.
Cap. 89. Como se devem correr os carneiros, & patos, â espada, & à maõ, perdizes, ou frangos à lança, estafermo, & barquinha. fol. 130.
Cap. 90. Como ha o cavalleiro correndo, ou voltando de levantar do cham a espada, chapeo, ou lenço. fol. 132.
Cap. 91. Como se haõ de correr as lanças de Brida, â sortilha, & as regras, que se devem guardar. fol. ibi.
Cap. 92. Como se devem correr as justas reaes, & a ordem que deve haver nisso. fol. 137.
Cap. 93. Das pessoas, que se devem eleger para juizes dos preços, como se devem julgar, com mais algumas adverten-cias

cias daquelle acto. fol. 140.
Cap. 94. Como se deve tourear à Brida, & os estylos que se devem observar conforme a melhor opiniaõ. fol. 148.
Cap. 95. Como se deve haver o cavalleiro nos casos, que lhe succederem de repente, para que em todos se moſtre experto, advertido, & com bom acordo. fol. 154.
Cap. 96. Como se haõ de tratar, & conservar os cavallos, para que com saude, & fortaleza possaõ aturar os mayores trobalhos de campanhas, festas, & jornadas. fol. 157.

DECLARAÇAM DO CAVALLO ANATOMISADO.

PARA mayor intelligencia das enfermidades; & luzoẽs, que ſe pòdem achar em hum cavallo, me pareceo conveniente, & neceſſario moſtrallas com clareza na eſtampa, ſeguinte, apontando a lezaõ com huma ponta da linha, & com a outra o Capitulo da cura, & ſeu remedio Advertindo, que muitas enfermidades deixo de apontar na eſtampa por naõ terem lugar certo, como ſaõ ſarna, que a pòde haver em todo o corpo, torcilham, agoamento, febre, & outras muitas, que ſe poderaõ ver em ſeus Capitulos particulares, que as declaraõ.

CANTIGA.

DE SCHERZO.

Tempo ordinario.

Ah! meu bem! não me atormentes mais, que
eu não posso soffrer tantos tormentos, que
me matam, que me matam, que me matam.

SUMMULA
DA
ALVEITARIA
EM QUE SE ENSINA O MODO
de conhecer os achaques, & leſoens dos cavallos, como ſe haõ de faZer as ſangrias, ajudas, xaropes, purgas, deſgovernar, dar fogo actual, & potencial, deſpalmar, faZer as cargas, & curar todos os achaques, começando da boca, & continuando pela cabeça todo o corpo atè as ferraduras dos pès.

POR ANTONIO PEREIRA REGO
Cavalleiro da Ordem de Chriſto.

INTRODUCC, AM.

A Inclinaçaõ, que deſde a menor idade tive à cavallaria, em cuja occupaçaõ deſpẽdi a mayor parte do tempo, me trouxe a communicar a luz o tratado, q̃ tenho offerecido, donde eſcrevi as regras de eſcolher, domar, penſar, & me-

ter

ter, a exercio os cavallos, ſeguindo a ordem, & documentos dos que trataraõ eſta arte, & naõ admittindo (ainda que por ſumma, & compendio) couſa que pertença a hum abſoluto tratado.

Mas o amor deſta arte, & o deſejo de deſcobrir mais me levou (ſe naõ me arrojou por ventura) a ver os livros de Alveitaria, & examinar as cauſas dos achaques dos cavallos, mererme depois ao pratico, fazer anatomias nos corpos daquelles que matou a enfermidade, ou mal entendida, ou naõ bem remedeada, & a eſcuſarme, quãto podeſſe a juriſdiçaõ que muitos Alveitares tinhaõ ſobre couſa tanto de meu goſto, ordinariamente, ou com ignorancia, ou com deſprezo exercitada. Vime com as noticias da arte, com os livros entre as maõs, & com naõ poucas obſervaçoẽs minhas, & reſolvime ajuntar ao tratado da Cavallaria eſte tratado.

Duas couſas me moveraõ, a primeira porque reputo a noticia da Alveitaria por mui officioſa, & util ao cavalleiro, ſem detrimento de ſua nobreza, a ſegunda porque experimentei nos Alveitares (fallo com excepçaõ dos doutos) muito deſconhecimento da arte, & erros mui em prejuizo da fazenda, & goſto dos homens de cavallos.

Quanto ao primeiro como o cavallo ſeja materia da cavallaria, naõ ſei em que diffiram ſubſtantialmente ſaber penſalo, & ſabelo curar, & pelo titulo, que o primeiro pertence ao homem de cavallo, lhe convem o ſegundo; o fazer, & o cõſervar pertencem ao meſmo: que im-

porta

porta que a arte da cavallaria aperfeiçoe a hũ bruto, se o naõ poder conservar vivo, & saõ depois de perfeito? fazer mal a hum cavallo já he proverbio em Hespanha, que denota cavalleiro; fazer bem ao cavallo, sendo acçaõ naturalmente melhor, não sei como possa ser cousa indigna de hum estudioso da cavallaria. Ao mesmo senhor pertence ferir o servo, & curalo, & ao cavalleiro fazer mal ao cavallo, & fazerlhe bem. O uso dos achaques proprios fez Medicos a muitos homens, antes, segundo escreve Erasmo no liv. 6. dos apothemas, dezia Tiberio Cesar, que rediculo lhe parecia o homem, que depois de sessenta onnos de idade dava o pulso ao Medico, podendo em tanta vida, adquirir sciencia para curar seus achaques. Naõ vem violenta esta sentença ao cavalleiro que depois de muitos annos de exercicio manda o seu cavallo aos Alveitares; pois segundo o cõmum proverbio, o uso das enfermidades delle o póde fazer mestre. Finalmente no Capit. 3. do tratado acima mostrei os excessivos cuidados, & despezas, com que grandes senhores tratàraõ aos seus cavallos, & naõ julgáraõ indigna de suas pessoas a arte de os curar, quando tanto os estimavão.

Quanto ao segundo reconheço, como nui doutos homens escrevam de Alveitaria, & andam pelas maõs tratados claros, & cientificos, mas a mayor parte dos Alveitares deste tempo, como homens incapazes de boa literatura, errão na applicação dos remedios, ignorando ás causas, tempos, & as outras circunstancias da arte.

Hum

Hum Medico (refere Santo Agostinho) déu a hum enfermo remedio, com que convaleceo de achaque. Succedeo que outra vez lhe tornou semelhante accidente: o enfermo sem consultar ao Medico tomou o mesmo remedio, & se lhe aggravou o mal: chamou-o depois, & admirado lhe contava, que a mesma medicina, que hũa vez lhe dera saude, outra vez lha avia deteriorado. Respondeulhe o Medico: o remedio era o mesmo, & o naõ aver obrado agora, foy porque eu volo mandei. Assim se deve entender, & naõ como alguns maliciosamente entendem, o que disse Ovidio no 2. Trist. que a Medicina humas vezes dà a saùde, & outras a tira.

Eripit interdum, modo dat medicina salutem.

Vi a alguns Alveitares fazer mutas diligencias, & mostrar desejo efficaz, de remedear hum cavallo, buscarem os livros, & cançaremse todos, mas sem proveito: porque naõ ajustavaõ o especulativo ao practico. De semelhante Medico fallou Seneca, quando disse em hũa das suas Epistolas: *Medicorum concilia devita, qui parum docti, satis seduli, officiosissimè multos occidunt*: fugi dos Medicos que com pouca sciencia, & com muito cuidado, com fazerem quanto pòdem, & mataõ a muitos. Outras vezes vi a alguns Alveitares, indo soccorrer hũ pequeno dano, tornallo mayor, & irremediavel com a applicação de individas medicinas, que foy o que disse Ouvidio no 3. de Ponto Eleg.

Curando fieri quædam maiora videmus.
Vulnera, quæ melius non tetigisse fuit.

Pu.

Pudera referir varios exemplos, que vi, & baſtaràm eſtes dous que aqui refiro. Hum amigo meu, em cuja caſa me holpedei fazendo jornada, tinha hum cavallo de muita eſtimaçaõ ſua, mal tratado de hum olho havia muitos dias, & me fez queixa de que curandoo dous Alveitares com continuas aſſiſtencias, ſe hia o achaque exaſperando mais. Tinha o cavallo hum olho cerrado, & inchado todo ao redor, lançando lagrimas continuas, tam calidas, q̃ tinhaõ eſcaldada toda aquella parte por donde corriaõ, & a circunferencia do olho tinha aquelle meſmo calor. Mandou logo vir os Alveitares para me enformarem radicalmente dos termos do achaque, & do que haviam obrado, & chegando mui confiados na ſua ſciencia, me diſſeram que tinham curado o cavallo conforme as regras dos Authores lançandolhe todos os dias dentro do olho pedrahume, pòz de ciba, tutia preparada, pimenta, lixo de lagarto, vidro pizado, & outros mais ingredientes, que enſinavaõ Calvo, Reyna, & Redondo nos Capitulos das enfermidades dos olhos, & haviaõ obrado conforme a arte.

Daqui podem inferir os Alveitares doutes á ignorancia deſtes homens; pois padecendo eſte cavallo hũa defluxaõ de colera, & ſangue, como os manifeſtos accidẽtes, & indicaçoẽs o moſtravaõ, & neceſſitando de evacuaçoẽs, & contemperança da parte, elles o irritavam mais, metẽdo no olho pòs aſperos, & mordicantes, cujo effeito era para termos contrarios com que certamente hiam cegando o cavallo, ſe ſe lhe naõ acudira a tempo.

Deſte

Deſte exemplo ſe moſtra, q̃ a ignorancia de muitos confunde os achaques, & preverte os remedios, lendo o que naõ entendem, & obrando o que naõ ſabem.

Em caſa de D. Manoel de Azevedo, Fidalgo bem conhecido neſte Reyno, eſtava hum cavallo meu muito fermoſo, que me avia mandado, por fazerme merce, o Marquez de Tenorio, aviſoume D. Manoel de Azevedo, que dando o cavallo humas carreiras, ao parar da ultima recebera hum grande ſentimento dos peitos, ou maõs, & ficara logo com hũa no ar, ſem a poder aſſentar em terra, & que aſſim eſtava avia algũs dias, & o curavaõ Alveitares de opiniaõ, q̃ avia mandado vir de varias partes, os quaes o tinhaõ ſangrado, & carregado, & aplicàraõ outras couſas: mas que como naõ melhorava, ſe reſolviaõ a darlhe grades de fogo nos peitos, entendendo que eſtava aberto. Naõ me pude eu conter, & fui a ver o cavallo: tomey as enformaçoẽs, ouvi os Alveitares & para acreditarem a reſoluçaõ do fogo, que lhe queriaõ dar, tornaram em minha preſença a apalpar o cavallo, & tanto que lhe levantavam a maõ, & bracejavam com ella contra o peito, com as dores ſe derrubava todo para traz. Naõ me ſatisfiz eu deſtas diligencias, mandei paſſear, o cavallo huma, & muitas vezes, deceando, & ſubindo huma ladeira para melhor enformaçaõ dos movimentos, & logo paſſei a apalpallo por minha maõ meùdamente, atè que vim a alcançar que o ſentimento era no cotovello da primeira junta da maõ, & q̃ pegando os Alveitares nelle para lhe fazerem os movimen-

mentos da eſpalda, o magoavam com a mão com q̃ pegavaõ, de quelle ſe dertubava, & ſentia, & no peito naõ avia ſentimento, ou dor: & fazẽdo reparo, como na carreira limpa podeſſe receber pancada, mandei q̃ lhe poſſem a ſella, & ſubindo nelle vim a alcãçar, que a ponta do eſtribo na força do parar paſſando com o pè adiante, deu alli pancada rija, que pizou nervos, & juntas, & como dor do cotovelo magoava ao cavallo quando o bracejavaõ, conheceram os Alveitares o ſeu erro, & que obrando às eſcuras lançavaõ a perder hũ cavallo, grandeandolhe os peitos ſaõs com fogo vivo. Conhecido o achaque; ſarou brevemente o cavallo com huns oleos ſómente, que ſe lhe applicàraõ para mitigar a dor, & confortar os nervos.

Deſtas obſervaçoens, & experiencias pudera fazer grande reſenha, mas baſtem eſtes dous exemplos para obiar a tantos danos, quantos a confiada ignorancia de muitos Alveytares eſtà occaſionando frequentemente. Neſte tratado offereço ao Leytor o methodo curativo dos cavallos, & a deſtinçaõ ſcientifica dos achaques, & cauſas delles, diſcorrendo as enfermidades pelas partes do corpo do cavallo, começando da boca, & continuando pela cabeça todo o corpo atè as ferraduras dos pès.

Para eſta obra mè vali além da induſtria propria dos Authores, que melhor eſcreveraõ deſta materia em varias lingoas, como ſaõ: Publio Vegecio, Plagenio, Aldroando, Abſirto, Anatolio, Hierocles, Exgenio Mançano,

çano, Mago Carthaginenſe, Diocles, o Capitaõ Geneſonte, Theomeneſto antiguiſſimo eſcriptor, o Marquez de Meuucaſtle Inglez, douto, & elegante, Monſieur de la Brove, Pirro Antonio Ferrato impreſſo em Napoles, o Hippiatrique de Horace de Franchini, q̃ ſegue a doutrina de Ruini, Pluvinel compoſto em dialogo enſinando naõ ſó a cavallaria, mas tambem regras neceſſarias à Alveitaria, La connoiſſance duchaval de Mõſieur Routay, Paſqual Caraciolo, intitulado, Gloria dil cavallo, Pietro Creſcenzo, Giordano Ruffo, Colombro, Ceſar Ruini, declarando doutamente a anatomia do cavallo, ſendo dos Italianos, que melhor eſcreveraõ, Monſieur de Beaurépere, intitulado Modele de cavalier François, Monſieur de El Campe, que trata do manejo, & enfermidades do cavallo, o Mareſchal François o Mareſchal expert, que he dos mais antigos Francezes, que eſcreveraõ, Monſieur de la Buſſiuiene, la grande Mareſchalerie de Monſieur Espiney, Phelippo Scaco no ſeu tratado da Meſchalſia, Gervais Markaint Author Inglez, Carlo Ruini intitulado infirmitâ del cavallo, Le Parfait Mareſchal, Lourenço Ruſio, D. Manoel Dias, D. Juan de Aries Avila, Conde de Puño em roſtro, Pedro Lopes de Zamora, Miguel de Paracuellos, Frãciſco de la Reyna, Juan Gomes Eſcamilia, Hernan Calvo, Balthaſar Ramites, D. Franciſco Perez Navarrete, o Capitaõ D. Bernardo de Vargas, & Machuca, Juan Bautiſta Ferrato, Martin Arredondo, Federico Griſon, & ultimamẽte me valho tambem de alguns documentos q̃ entre a ſua

caval.

cavallaria trás o noſſo Franciſco Pinto Pacheco, & de outros.

Sei que naõ ha de faltar quem me improve decer da arte da cavallaria a materia menos apta a cavalleiro: já ſatisfiz a eſta objecçaõ, & ſe lhe naõ fatisfiz ainda, o amor da arte da cavallaria me deſculpa, & o deſejo de approveitar a muitos. Direi o que dezia Claudiano a Probino.

Sed quid agam? cæpiſſe vetat reverentia veſtri.
Hinc amor hortatur ſcribere: Vincat amor.

Melhor defenſam me offerece a ſentenaa de Agoſtinho: *Qui ſe dicit ſcire, quod neſcit, temerarius eſt, qui negat ſcire quod ſcit, ingratus eſt.*

A clareza com que quiz fazer eſta Summula de Alveitaria, me obrigou a buſcar os meyos de fazer, & palavras com que melhor me explicaſſe, attendendo mais a que todos me entẽdeſſem, q a ſeguir eſtylo mais Rhetorico, porque alèm de ſer couſa indigna, eſcrever de alguma arte com palavras affectadas, & vocabulos eſquiſitos; eſta de Alveitaria em razaõ dos q a profeſſam, pede o mais vulgar modo de dizer, & fallar nas materias, & com os termos; & vocabulos da profiſſaõ, que de outra ſorte ſe naõ explicaõ.

* *
*

SUM.

SUMMULA DA ALVEITARIA.

CAPITULO I.

Como se haõ de conhecer, & saber examinar as idades, achaques, & defeitos dos cavallos.

MUy necessario, & nada menos louvavel será, que o cavalleiro examine, & saiba conhecer perfeitamente os defeitos, & achaques dos cavallos, & que totalmente naõ fie este conhecimento, & noticia de outra pessoa. Mas os Alveitares sam obrigados por sua profissam a reconhecer, & averiguar exactamente os defeitos, & achaques do cavallo; porque sendo chamados para este exame, o possaõ fazer com toda a sciencia, & boa satisfaçam, & offerecendo-se para este sem as noticias necessarias, he justo que paguem por seu dinheiro o dano, que na averiguaçam naõ viraõ, nem acautelaraõ, & em foro de consciencia nunca seràõ desta restituiçaõ relevados. Sei que se queixaõ ordinariamente das escaças pagas, & será razaõ que se dè estipendio congruo a seu trabalho, & que o premio os alente para atenderem melhor às obrigaçoens da arte.

Para bem se examinarem os defeitos, & achaque de hum cavallo,

vallo, ſe deve fazer com toda a attençaõ, & mayor nos cavallos de mais preço, advertindo a tudo na fórma que direi.

Primeiramente, ſe ha de ver a idade, para a qual ha muitas noticias, ſendo a principal os dentes, que he neceſſario ter deſtes todo o conhecimento, & para o ter com fundamento ſe deve ſaber que o cavallo tem vinte, & quatro dentes queixaes, com que maſtiga, doze da parte alta, & doze da baixa, & tem mais quatro colmilhos, dous debaixo, & dous de cima, & logo doze dentes de diante, que ſaõ aquelles com que pegaõ na palha, & cevada, & com que apanhaõ a erva quando andaõ a paſcer: com que vem a ſer em numero quarenta. As egoas ordinariamente naõ tem colmilhos, & aquellas, q̃ os tem ſam boas. Eſtes doze dentes de diante vem aos potros aos tres mezes depois de nacidos, & por iſſo lhe chamamos dentes de leite, que ſam os que melhor nos manifeſtam a idade do cavallo; porque aos trinta mezes algumas vezes mais, ou menos caem quatro deſtes dentes, os que eſtam mais diante no meyo dos outros, & vem em ſeu lugar outros mais fortes, que ſaõ os que o cavallo ha de ter para toda a vida, logo ſe differença na brancura, & no feitio tanto dos outros, que naõ he neceſſario muita declaraçaõ para os ſaber eſtremar. Aos tres annos, & meyo caem outros quatro ſeguintes junto aos novos, & vem outros, & aos quatro annos, & meyo caem os ultimos, que ſaõ os que eſtaõ junto adonde o freyo aſſenta, & vem da meſma ſorte os novos, com que aos cinco annos ſe vè que inda naõ eſtam iguaes aos outros, & aos ſeis jâ igualam: porèm tem huma cova aberta pela parte de dentro da boca, que naõ acaba de cerrarſe, ſe naõ depois de ſete annos, de que vem o dizerem eſtar deſta idade ſerrado. Porèm no meyo inda ſe moſtra ordinariamente alguma cova, ou abertura, ou ao menos huma negridaõ a modo de fava ſeca, que atè os outo annos manifeſta a idade com certeza, ſe bem ha cavallos, que ſendo penſados em caſa de criadores com potagens, graõ cozido, miſſas, & farelos, com que naõ gaſtaõ os dentes, parecendo de ſette annos muitas vezes, ſendo jà de nove, porque as covas ſe vem a ſerrar com o moer dos dentes, vindo crecendo da raiz, & naõ que o oſſo ſe acreſ-

cente

ente naquella parte para fazer cerrar a cova.

Em Alemanha alguns mercadores de cavallos, que os criaõs, & vaõ comprar para os vender: pelos naõ terem muito tempo em caſa, & gaſtarem com elles mais ſuſtento, lhe arrancam os dentes do leite todos, tanto que elles ſaõ de tres annos, & como a natureza ſente aquella falta acode logo com outros, & aſſim os vendem para a guerra, & ſe desfazem delles, dizendo que ſam de quatro pare cinco annos, porque menos deſta idade ſe naõ ſervem delles nas campanhas. Os colmilhos começaõ a naſcer depois dos quatro annos para os cinco.

Tanto que os cavallos nam julgam já, & eſtam de todo cerrado, podeſe ver ſe os dentes ſam brancos, & as gengivas bem chegadas a elles, porque ſerá ſinal de naõ paſſar de dez anno, & pelo contrario ſendo amarellos, & muito compridos, deſcarnados, & apartados das gengivas, he ſinal de velhice. Se o dente de baixo tem mohido muito o de cima, fazendo nelle encaixo, conhecido he certo, que o cavallo paſſa já de dez annos. Quando os dentes de cima crecem para diante a modo de colheres, & os debaixo fazem huma concavidade por baixo da lingoa, he ſinal de grande velhice.

Quem tem muito uſo de olhar os dentes aos cavallos, & procurar ſaberlhes a idade ſó por elles virá a alcançar melhores noticias para a certeza do que por nenhuns outros indicios, porque os demais todos tem ſuas fallencias. Alguns buſcaõ huns nòs no ſabugo du cabo, dos quaes vem hum aos dez, ou doze annos, & a muitos cavallos lhe naõ vem: outros nòs vem aos doze, ou quatorze, & aſſim continuam, & ſe conhecem apalpando de cima para baixo.

Pelo beiço debaixo conhece tambem a idade, quem he curioſo em fazer experiencias em varios cavallos, contando as arrugas que faz obeiço, & por ellas entenderà os anſios que tem o cavallo.

As maõs, pernas, & verilhas tambem moſtram logo ſe o cavallo he novo, porque eſtam lizas, & freſcas, & em mui-

tas

tas acçoẽs moſtra logo o cavallo naõ ſer velho, comendo bem, & outros muitos indicios. Com tudo direy alguns ſinais de velhice, como ſaõ: as celhas com pellos brancos; grandes covas ſobre ellas; as peſtanas arrugadas: quando ſe pega no couro ſobre huma queixada do cavallo, ou ſobre as pàs, & elle eſtá hum pouco ſem tornar a eſtenderſe, he final de velhice, & quanto mais tempo eſtá a pelle ſem tornar a ſeu lugar, mais velho he o cavallo.

He final certo de velhice, quando o cavello acima da ſobrancelha lhe vem huns pellos brancos da groſſura das caſtas de huma faca, & nunca ſuccede iſto, ſenaõ de quinze, deſaſeis annos por diante.

Os cavallos ruços, ſe fazem brancos por todo o corpo, & depois pintos, ſem embargo de que alguns nacem brancos, ainda que ſaõ poucos.

Alguns cavallos ſendo velhos os vendem por novos muitos contratadores delles, & para iſſo lhe limaõ os dentes para os fazerem curtos, & brancos, & lhe abrem com hum boril, & inſtrumentos ſubtis humas concavidades pella parte de denẽtro, com que parece nam eſtarem ainda cerrados, & nella lhe metem tinta negra com agoa forte, ou queimaõ hum graõ de centeyo na concavidade, que a tinge perfeitamente, porque ſahe delle hum oleo, que ſe pega, & dura em quanto dura o dente. Tudo iſto he neceſſario advertirſe, para que nam ſejaõ enganados, reparando que logo ſe pode conhecer eſta facilidade, em que as raizes dos dentes eſtaõ mais deſcarnadas, & apartadas das gengivas, do que as coſtumaõ ter os cavallos novos, & a marca tingida he ordinariamente mais negra, que a natural, & ſe o cavallo pellos mais ſinais do corpo, que temos dito moſtra indicios de velhice, logo ſe manifeſtará o engano.

He neceſſario reparar mais, que os cavallos capados, ou muita parte delles naõ cerram nunca a concavidade dos dentes, ainda que ſejam muy velhos, com que enganaõ aos que o naõ entendem, & ſe ha de conhecer, a differença em q̃ eſtes taes

tem tambem a concavidade em todos os mais dentes igualmente, o que naõ he assim nos outros cavallos. Tambem enganaõ alguns cavallos capados em se ver que naõ tem ainda colmilhos, porèm he engano, porque elles lhe naõ nacem, se foraõ capados em novos, antes que os tivessem.

Vistos os dentes, & mais indicios da idade, se passarà a ver os olhos, que saõ bem difficultosos de conhecer, não he bom velos ao Sol, vem se melhor os olhos, quando hum cavallo sae da estrebaria, ou parte escura: he necessario estar montado alguem no cavallo, porque entaõ os abre melhor, & os remexe: se for em feira, pòdem verse à sombra, ou pondo o chapeo por cima que lha faça, & naõ se vem melhor de rosto a rosto, se naõ das ilhargas, porque se vé se ha mancha, grossura, ou pèta alguma no cristal do olho, & se ha alguma malha, ou cousa mais branca, ou mais escura que o christalino do olho, he final que o olho nam he bom. Alguns cavallos tem hum circulo ao redòr dos olhos, & nem por isso lhe faz prejuizo à vista, porèm he melhor naõ os ter. Se os olhos tem o branco algum tanto achumbado, & pouco resplandecente, nam he bom.

Se o branco tem por baixo huma cor de flor de pessegueiro desmayado, & como turba, & pouco resplandecente, he final infalivel de ser lunatico, & sogeito a lhe acudirem humores aos olhos nas luas, de que ordinariamente cegaõ. Logo se lhe ha de ver a menina do olho, & reparar bem atè o fundo, que se naõ veja nela impedimento, & se he larga, ou muito apanhada, ou se tem dragaõ, que he huma manchinha branca no fundo do olho, porque se a ouver, està o cavallo cego, ainda que os Alveitares digaõ que o curaràõ, que he cousa impossivel, porque já mais sarou cavallo algum dragaõ. De nuvem, ou outros impedimentos de vista sim. Se a menina do olho he branca a que chamaõ gazeos, nem por isso deixa de ver, mas he defeito grande, & nunca a vista he segura.

Tambem se deve reparar muito se he hum dos olhos mais pequeno que o outro, ainda que esteja mui claro, & veja perfei-

tamente, porque o tal olho mais pequeno vai perdido, & cegará infalivelmente.

Ha outros muitos ſinais para ſe ver ſe o cavallo ſe fia na viſta, ou ſe he falto della: como ſe o levaõ pelas pontas das redeas com a cabeça baixa de preſſa por entre pedras logo tropeça, & vai com a viſta olhando a qui, & alli, naõ ſe affirmãdo como mete as maõs, & pès.

Tambem na eſtrebaria olhando muito para trás, levantando huma, ou outra orelha, & nos caminhos indo reparando, & duvidando em qualquer couſa, tudo iſto ſaõ deſconfianças da viſta.

Os cavallos, que tem os olhos pequenos, & encovados, ſaõ ſogeitos a humores nelles, & cegueiras. Os cavallos amelroados, pardos, murzelos de pello groſſo, ruoẽs deſmayados, ſaõ mui ſogeitos a roim viſta.

Quando os cavallos mudaõ os dentes do leite, alguns tem entaõ a viſta tam turba, que parecem cegos, porèm logo tornaõ a ver perfeitamente, & iſto naõ he defeito.

Alguns Alveitares abanaõ com a maõ defronte do olho do cavallo, ou apontaõ com o dedo, ou punho ao direito, & tanto que o cavallo fecha o olho, dizem que os tem perfeitos ſem mais couſa alguma, & ſe os tem abertos, dizem que naõ vè nada. Tanto que ſe vè fazer iſto a hum Alveitar, baſta para ſe conhecer que elle naõ ſabe nada.

Avendo-ſe viſto os olhos, ſe paſſará a ver entre as queixadas, ſe ſaõ muito apertadas, que he grande defeito, ou ſe tem algum tumor, que poſſa ſer formento para mormo, & ſinal de que o naõ tenha lançado, ſendo forçoſo que todos os cavallos o tenhaõ como bexigas os homens, & he melhor que já ajaõ paſſado por eſte mal. Veráõ ſe entre as meſmas queixadas ha grandulas fixas, que naõ ſaõ boas, as moventes ſendo pequenas naõ ſaõ de conſequencia. He neceſſario apertar os narizes, & a boca ao cavallo hum pouco, que naõ bafeje, & depois largalo para eſpirar, & ver ſe lança mormo, ou materia pelas ventas. Tambem por entre as queixadas ſe lhe ha de

aper-

apertar a garganta com a maõ , obrigando a toſſir para ver ſe aquella toſſe provoca outra que o cavallo tenha , & ſe quando toſſe bate as ilhargas , ou tem difficuldade na reſpiraçaõ , ou ſe tem facilidade , & igualdade natural della.

Logo verám ſe eſtá deſgovernado por baixo dos olhos, ou ſangrado; ou ſe tem cicatrices de muitas ſangrias nos lagrimais, ou veas das cenas, ou de fogo, & tambem acima dos olhos, ou por detrás das orelhas, que ſejaõ ſinais de doenças delles, ou da cabeça.

Veráõ ſe tem o lugar da barbella calloſo, ou com chaga, que he final de ſer mal enfreado: ſe tem na lingoa atada alguma reata para naõ rinchar, ſe tem algumas pelotas de algodaõ, ou chumbo dentro nas orelhas, que lhe coſtumaõ meter os vendedores para diſſimular muitos vicios. Verá as orelhas por dentro atè o fundo onde poder alcançar com a viſta, para reparar ſe tem alvaraços, ou ſe os tem tingidos para que ſe naõ conheçaõ, ou cicatrizes onde os ouveſſe tido.

Chegaràõ logo à taboa do peſcoço a ver ſe tem muitos callos de repetidas ſangrias, que ſerá indicio de ſer ſogeito a doenças que o obrigaràõ a ellas.

Veràõ ſe tem gatõ carnozo no lugar das crinas, que he hum grande defeito aquella carne ſuperflua, que faz virar as crinas, & trocer a taboa para huma parte com pezo, & fealdade.

Veràõ a cernelha ſe he forte, & fixa, movendoa com a maõ, porque ha cavallos que por haverem tido nella mataduras penetrantes mal curadas lhes fica depois leſa, & relaxada.

Veraõ as paz, & peitos ſe lhe falta o pello em alguns lugares, ſe tem callos de ſedenhos, & canhoẽs, ou marcas de fogo que ſeràm ſinais de aver ſido aberto, ou de que tiveſſe alguma leſam, & rendimento nas pás, ou peitos, de que poderia nam ficar ſeguro, parecendo. Olhará as pàs ſe he mais ſeca huma que a outra, ou os peitos

tos encovados , que ſam os ſinais de eſtar o cavallo pereido.

Veram as veas dos peitos, ſe eſtaõ calloſas de muitas ſangrias, que ſeraõ tambem indicios de achaques dos meſmos peitos, & muitas vezes dos olhos; moverlheaõ huma, & outra pá, & para ver ſe moſtra nellas algum ſentimento.

Veràm as maõs ſe eſtaõ deigovernadas nos terços, & logo hiraõ correndo o nervo atè baixo, a rodela do joelho ao redor, a cana toda em redondo, a junta de baixo, & a quartella, advertindo, & reparando ſe deſcobrem alguma das manqueiras, & defeitos; que adiante no Tratado das enfermidades meudamente explicaremos, que as naõ repito aqui pelas naõ dizer duas vezes.

Para eſte exame. he bom meter o cavallo na agoa, & liſarlhe os pès, & maõs com ella, porque melhor manifeſte qualquer leſam.

Veráõ logo os caſcos ſe ſam mais eſtreitos em cima do que em baixo, que he notavel defeito, & certeza de virem a mandarſe com quartos, & outros malles.

Se ſaõ compridos, avendo de ſer redondos.

Se ſaõ arrugados, & eſcamoſos, como caſcos de oſtras, que he ſinal de ſerem maos, porque os bons devem ſer liſos, & nedeos.

Se tem debruns, que os cinjaõ, que ſaõ ſinais de averem tido agoamentos, ou ſe os tem limados, com que ſe naõ divizem.

Se tem quartos, ou raças topadas com cera, porque ſe naõ vejam,

Se ſaõ cheyos por dentro, avendo de ſer vaſios.

Se ſaõ eſtreitos, enchapinados, & apanhados nos candados, havendo de ſer pelo contrario.

Se tem hum candardo mais baixo que o outro.

Logo paſſaraõ a fazer as meſmas diligencias nos pès vendo os quartos trazeiro, ſe eſtá algum mais ſumido, porque ſe coſtuma mirrar por eſparavaõ, gavarros, ou manqueiras do jarrete.

Deixarão eſtar o cavallo ſobre terra igual, para verem ſe he eſquerdo das maõs, ou zambro dos pès.

Se tem as maõs arcadas, ſe tremem com ellas, que he final de arruinadas.

Se tem os travadouros, & quartelas muito compridos, que os machinhos nas decidas, ou entre pedras toquem o chaõ.

Se ſe toca com huma maõ na outra, de qne logo ſe manifeſtaõ huns callos, ou pellos rapados, & ſe he topinho dos pès.

Repararàm ſe eſtando aſſim quieto, eſtende algũa mão adiante, a que chamaõ moſtrar eſtrada de Santiago, que he ſinal de beſta fraca, ou eſtaçada. Se ſuſpende o corpo ſobre tres pès, deſcançando nelles, tendo ao meſmo tempo hum, ou ontro deponta no chaõ, o q̃ ſendo nos pès naõ he de reparar, porèm nas mãos he muito mao, & ſinal de doença, ou manqueira na mão ſuſpendida.

Logo o mandaraõ paſſear pela ponta da redea de trote apreſſada, reparando ſe levanta tanto huma maõ como a outra, & da meſma ſorte hum, & outro pè, ou ſe tropeça: porque o coſtumão moſtrar neſte modo de paſſeyo melhor, que de nenhũa outra ſorte.

Veràm ſe ſe eſcalda muiro dos pès, puxando-os com bizarria, porque parece perfeiçaõ, ſendo ordinariamente eſperavoẽs encubertos, que ſe naõ manifeſtaõ, como ſe verà no capitulo dos Eſparavoẽs. Vejaſe ſe enſarilha, & encruza as mãos, que ſaõ ſogeitos a cahirem.

Verſe-ha comer para ver ſe tem birra, ou ſe come ſem tempero os mantimentos ordinarios. Se roe, & eſpedaça as mantas, & as não conſente, que o tem muitos de coſtume. Vejaſe ferrar, porque he grande falta naõ ter niſſo toda a facilidade. Vejaſe ſellar, & enfrear ſe moſtra alguma repugnancia, ou malicia. Vejaſe ſe o freyo tem alguma invençaõ, ou cautella com que lhe diſſimulem algum vicio.

Logo ſubiráõ nelle com a redea algum tanto froxa, para ver ſe ſe deixa montar com facilidade, ou ſe acode com o dente, ou pernada ao eſtribo. Notaram ſe ſubindo nelle ſe derruba dos lom-

lombos, que he ſinal de fraqueza delles.

Se conſente as eſpòras, ou as repugna com couces, ou dentes.

Se cabea quando o picaõ, ou ſe tem o cabo atado por baixo às cilhas para diſſimular eſte defeito, ou ſe tem na ponta do ſabugo algum pezo que ſe lhe poem para naõ cabear.

Correràm a carreira do principio para o fim, & depois do fim para o principio, para ver ſe moſtra repugnancia, & o correráõ eſtando cavallos dos lados no meyo da carreira para ver ſe duvida paſſar por elles, & chegar ao fim della.

Naõ corram para donde eſtam cavallos, ſe naõ delles para outra parte. Meterám o cavallo onde aja egoas, mulas, & machos, para ver ſe he cioſo, & rifador.

Verám ſe he capado, porque he deſmerecer muito de ſeu valor. Vejaõ ſe o vendedor lhe traz a ſella muito adiante, para que ſe lhe não conheça a fraqueza que poderà ter nos lombos.

Verám ſe tem as rodelas dos joelhos calloſas, eſfoladas, ou ſem pelo, & a ponta do focinho da meſma ſorte, que he ſinal de ſer ſogeito a tropeçar ameùdo.

Se tiver nos oſſos dos cadris eſfolado o couro, & nos q̄ eſtaõ abaixo das orelhas, & ſem pello, he grande noticia de ſer doente de torcilhaõ, & dores de barriga, que com muito deitar, levantar, & eſfregar fazem aquellas manchas.

Se tem o pello ouriçado, que ſerá indicio de aver tido agoamentos.

Se tem ſarna, ou ſe lhe caem as crinas, & cabo, ſe depois de correr, ou trabalhar bate muito com as verilhas fazendo nella humas covas, & os nervos abaixô dellas eſtaõ a modo de cordas tirantes, porque ſaõ ſinaes de polmoeira, ou eſtaçamento, & falta de reſpiraçaõ.

E todas eſtas couſas deve ſaber de raiz o Alveitar bom, ou as peſſoas, que ſe puſerem a querer examinar os defeitos de hum cavallo, que ſupoſto pareçaõ muito as advertencias o cavalleiro experto, ou Alveitar pratico em huma volta que dá hum cavallo lhe conhece logo os defeitos, ou perfeiçoẽs que tem.

CAPI.

CAPITULO 2.

Como ſe hão de fazer as ſangrias, & as cautelas que ſe devem obſervar.

HE a ſangria o melhor, & mais efficaz remedio de toda a medecina, ſendo applicada em termo, & occaſiaõ conveniente, & ſendo executada pelo contrario pòde ſervir de mayor dano para a vida do animal, pelo que ſe deve uſar della com muita attençaõ. Ha muitas cauſas, em que he unico, & neceſſario remedio a ſangria. A primeira, he quando a ſuperabundancia univerſal de ſangue naõ cabendo em ſeus vaſos, opprime as opperaçoẽs naturaes, & naõ o podendo regular a natureza, cauſa febres, & outros accidentes. A ſegunda cauſa, he algumas vezes o grande calor do ſangue, que ſerve dentro das veas, onde a ſangria o refreſca, & abate o fervor. A terceira cauſa que obriga a ſangrar, he para tirarmos os humores corruptos, que eſtaõ offendendo a maſſa ſanguinaria, & por ſua malignidade naõ podem cauſar dentro nas veas, ſe naõ roins effeitos, & aliviando a natureza com a ſangria fica mais ſufficiente para dirigir, & reſolver o reſtante. A quarta, he quando o ſangue por alguma cauſa tem impedimento a correr livremente todas as veas, a ſangria lhe abre caminho, & facilita os ſeus movimentos. A quinta, he para fazer revulção, & divertir o que corre a huma parte, ou a outra com impeto, & abundancia, procurando ſuſpender, & divertir o curſo, A ſexta, he para aliviar a parte, que ſe acha carregada, o que ſe faz tirando ſangue da meſma parte affectada. E ſuppoſto que a maſſa ſanguinaria comprehende o ſangue que eſtá no figado, & veas, & eſte em parte degenera em colera, malencolia, ou fleuma, & entam com a ſangria ſe evacuam eſtes humores, havendo advertencia de que ſendo o vicio no ſangue de colera, ſe ha de ſangrar o ca-

cavallo ântes mais vezes, & pequenas ſangrias, & ſe o vicio no ſangue for malencolico, ſe ha de romper bem a vea, porèm poucas ſangrias, & em pequena quantidade, & ſe o vicio no ſangue for de fleuma crua, pituitoſa, & fria, ſe deve tirar menos ſangue que em nenhum outro humor.

A ſangria fazendo-ſe ſem muita neceſſidade, & quando nam convem he cauſa de grandes danos, porque conſóme, & reſolve os eſpiritos; que he todo o fundamento do calor natural, & tira tambem o alimento, que eſtá preparado para ſuſtento das partes, & da meſma ſorte cauſa outras incommodidades grandes. Pelo q̃ he neceſſario conſultar primeiro a neceſſidade, as forças, & a idade do cavallo ſe eſtá mui fraco, & atenuado, & neceſſita talvez mais de ſe lhe acreſcentar ao ſangue, do que de lho tirarem ſem grande neceſſidade.

A ſangria he muito neceſſaria para a precauçaõ aos cavallos que comem muito, & trabalhaõ pouco, ſangrando-os ao menos duas vezes no anno: para evitar as doenças que grangeaõ com a muita crecença do ſangue, que adquirem com os mantimentos.

A ſangria he muito neceſſaria para as febres, para os agoamentos, para as quedas, para a ſarna para o mal de olanda, para a fluxão ſobre algum membro (como naõ ſeja dos olhos lunaticos) para o vertigio, para inflamaçoẽs, & em fim para muitos achaques.

Ha alguns Authores que naõ aprovaõ a ſangria por precaução, dizendo, que ſe ſe naõ fizer ſempre no tempo que ſe coſtuma, cauſará algum achaque ao cavallo: porèm ha outros de contraria opiniaõ, aos quaes eu me acommodo, pelo que tenho experimentado: porque ainda que ſeja pollos neſſe coſtume, ſe eu poſſo prezervar os meus cavallos de muitos achaques, que os obriguem depois a levar muitas ſangrias, com lhe dar huma, ou duas de precauçaõ, que habito, ou coſtume he, em que haja muito trabalho, o mandar ſangrar hum cavallo de regallo, huma vez, ou duas no anno, & ao menos as ſangrias dos padares no veráõ, ſempre ſaõ excellentes, & nos cavallos comedores, &

folgados, me parecem taõ convenientes, que saõ daquellas, a que chamaõ sangrias de necessidade.

CAPITULO 3.

Em que tempo saõ mais convenientes as sangrias nos cavallos, & em que veas se haõ de fazer conforme as causas.

QUando se sangraõ os cavallos por precauçaõ, he necessario sangrar os novos a quatro, ou cinco dias de Lua, & os velhos em Lua chea: isto se entende se acõmodidade, & tempo o permittir. Os cavallos em quanto potros o menos q̃ os poderem sangrar he melhor, como tambem aquelles que saõ jà muito velhos, naõ se devem sangrar, salvo em grande necessidade, nem os cavallos q̃ deitaõ o centeyo inteiro no esterco, & assim mais a erva, ou palha mal cozida, porque estes ordinariamente saõ faltos de sangue, & calor para a digestão dos alimentos.

Naõ se devem tambem sangrar sem muita causa os cavallos frios, & fleumaticos, nem se devem usar as sangrias no tempo de grandes frios, sem muita necessidade, nem de grandes calmas, porque necessitam entaõ os corpos mais de soccorridos; que de desbaratados.

Os cavallos tem grande numero de veas por todo o corpo, como se vè com tam especificadas clarezas no livro de Anatomia de Carlo Ruini, impresso em Veneza. Porêm as veas, que mais ordinariamente se sangrão, sam as veas universaes da taboa, que estaõ por cima da garganta. Sangrasse nellas por precauçaõ, por dores da cabeça, por sarna, por fervura de sangue, & por outras muitas cousas.

Sangrasse nos lagrimais por alguns accidentes de olhos, como pancadas, mordedura, ou ferida, ou fluxaõ, q̃ naõ seja de Lua, & nesta parte se sangra com lanceta.

Sangrasse nas veas das senas por cima dos olhos, para mormo

para

para accidente do cerebro, & outras cauſas.

Sangraſſe por baixo da lingoa, por doenças da cabeça, por faſtio, ou eſquentados do trabalho, dor de barriga, olivas, & outras mais couſas com lanceta ſutil.

Sangraſe por cima das ventas, atraveſſando-as, ſem ſe buſcar vea, com hum furador, ou ſovella, para as dores de barriga, para as olivas, & para hum cavallo eſquentado de correr.

Sangraſe no padar a direito dos dous dentes, mais de diante; no ſegundo tolano, quando hum cavallo eſtà enfaſtiado, ou tem os tolanos engroſſados, alli ſe ſangra com lanceta, com prègo, ou com cornito: & para eſtancar o ſangue lhe daràm farelos molhados, & ſe nã̄ baſtar, ſe lhe levantarâ a cabeça com huma corda pela parte do focinho como quando os poem para lhe dar bebe-rajem, & logo parará o ſangue.

Sangraſe nos terços das mãos, pela parte de dentro a cima da junta do joelho, adonde a vea he mais groſſa, & levantada, & ſe faz neſta parte por algum eſforço da pà, ou carga de peitos, ou por reſfriamentos, & por outras muitas cauſas.

Sangraſe na quartella por obſtruçoẽs, males dos machinhos, & de toda a mão & com lanceta.

Sangraſe na palma, junto à ponta do caſco para inchaçam das pernas, pancadas, de caſco, agoamentos, & outras mais cauſas.

Sangraſe nas ilhargas, junto às verilhas, para dores de barriga, & para muitas qualidades de males, & ſe ſangra com lanceta.

Sangraſe nas bragadas, para agoamentos, eſforços de ancas, & outras mais couſas, & ſe ſangra com flame, o lanceta.

Sangraſe na colla; para febre, & outros achaques, & ſe faz com lanceta comprida.

Quando ſe ſangrar o cavallo, ſe deve ſempre abrir bem a vea, para que ſaya o ſangue groſſo, & terreſte, porque ſendo pelo contrario ſahiria o ſutil, ficando a ſoroſidade, ſalvo

quando

quando a ſangria for feita para atalhar, & devirtir alguma fluxam de ſangue, que entaõ ſe quer mais dilatada, que copioſa.

CAPITULO 4.

Que obſervaçoẽs ſe devem guardar no fazer a ſangria ſaber a quantidade, & conhecer a calidade do ſangue.

NO dia em que o cavallo ouver de ſer ſangrado, ſe naõ deve montar nelle, nem ainda no dia dantes, ſe for poſſivel: & depois da ſangria, ſe naõ devem ſervir delle, ao menos aquelles tres, ou quatro dias, ainda que naõ tenha outra doença, mais que o averſelhe revolvido, & tirado o ſangue.

A ſangria he ſempre mais conveniente pela menhaã, do que de tarde, naõ avendo neceſſidade, qne a obrigue a fazer a todo o tempo. Deve eſtar o cavallo tres horas ſem comer, antes da ſangria, huma depois, & ſômente acabado de ſe lhe fazer lhe daràm huma canada de agoa fria a beber, para que o ſangue revolto, & alterado ſe aſſente, & recolha ao intimo de ſeus vaſos. Naõ ſe deve almofaçar, nem alimpar antes da ſangria.

Os Alemaens mandaõ correr, & trabalhar os ſeus cavallos antes da ſangria, dizendo, que com aquella inquietaçaõ ſe miſtura o ſangue roim com o bom, como a borra com o vinho, & que aſſim evacuaõ melhor, envolta no ſangue a malinidade. Porèm enganaõ-ſe muito: porque ſegundo os melhores Phyloſofos com aquella agilidade, & inquietaçaõ, ſe enche o ſangue de eſpiritos, & abrindoſe a vea, ſahe o mais ſutil, & faz a ſangria mayor dano, do que proveito.

Aos cavallos ſangrados, ſe lhe deve dar bons penſos, como he a cevada branca, & o farello trigo, porque os refreſca,

&

& daĵboa nutriçaõ.

Quando ſe fizer a ſangria ſe deve regular a quantidade conforme o cavallo, ſe he muito comedor, ou enfaſtiado: ſe he grande, ou pequeno, ſe as veas ſaõ groſſas, cheyas, ou tenues, & conforme a impetuidade com que ſahe o ſangue reparando ſempre na grandeza da doença, nas forças, na idade, & eſtado do cavallo, & ſem grande cauſa ſe naõ devem fazer grandes evacuaçoens, de ſangue porque com eſtas ſe faz grande diſſipaçaõ dos eſpiritos, ſeguindoſe do muito tirar do ſangue, naõ ſó fraqueza, mas opilaçoẽs nas veas, & cruezas, que ſaõ principios de muita enfermidade.

A quantidade de huma ſangria ordinariamente, ſaõ tres arrates de ſangue, a mayor quatro, a menos dous. He muito màa pratica a dos Alveitares em não receberem o ſangue em algum vaſo, para que com clareza ſe poſſa ver, & julgar a quantidade. He neceſſirio que o ſangue ſe tome em hum vaſo, o qual ſe tenha medido primeiro, com agoa, para ſaber quantos arrates, ou quartilhos leva, ou por onde chega, para confôrme a iſſo regular a quantidade do ſangue que ſe quer tirar, & logo ſe deixará coalhar, & ſe porà em parte a donde o Sol o naõ ſeque, nem dè fumo, pò, ou vento, para que ſe veja com clareza a ſua callidade, para o que ſe terá cuidado as obſervaçoẽs ſeguintes.

Repararaõ em ſangrando o cavallo, ſe o ſangue corre doce, & lentamente, ſem impetuidade, & ſe ſe pega nos dedos, tocando nelle, que ſaõ ſinaes de ſer viſcoſo, proprio a gerar obſtruçoẽs, em tal caſo neceſſita de ſangrias, porque he ſinal de repleçaõ.

O ſangue que eſcuma muito, ſendo recebido perto da vea, em diſtancia ordinaria, moſtra haver calor, & excitaçaõ de eſpiritos, & daqui ſe julga que o cavallo eſtá eſquentado, ou de ſuſtento, ou de trabalho, violento, ou que he de temperamento vigoroſo. Etes taes devem ſer ſangrados, antes mais vezes, & tirando menos ſangue de cada huma, & ſempre lhes convem a ſangria, de precauçaõ ao menos duas vezes no anno, ſe ſam mui

pe-

penſados, & com pouco exercicio.

Quando o ſangue ſe coalha muito depreſſa, havendo febre, he ſinal que a ſubſtancia he craſſa, groſſa, & terreſte.

Se o ſangue for difficultoſo, & dilatado em ſe coalhar, he ſinal de ſer tenue, & ſutil.

Se o ſangue faz muita agoa, & ſoro, ſignifica embicilidade de rins, ou obſtrucçaõ nas veas, ou que os pòros do couro difficultam a ventilaçaõ, por eſtarem entupidos, por falta de nam ſerem almofaçados, & limpos, para facilitarem a evaporaçaõ dos fumos, que ſaõ os excrementos do ultimo cozimento, que ſe faz em todas as partes do corpo do cavallo.

O ſangue que he amarello por cima, & negro por baixo, moſtra que eſtá o cavallo eſquentado, & que a colera predomina.

O ſangue cheyo de fleumas, & agoa branca, denota no cavallo compreiçaõ fria, & humida, & que naõ deve ſer ſangrado ſem muyta neceſſidade.

O ſangue achumbado, & de cor de terra, denota no cavallo pezo, & carga de humor melancolico, porêm deve ſangrarſe poucas vezes. O ſangue dos burros he ſempre deſta ſorte.

Em reſoluçaõ ſe o ſangue eſtiver bem vermelho, he bom; ſe amarello he collerico, ſe pallido cru, he fleumatico, ſe chumbado, & eſverdeado, malencolico, & terreſte.

Se o ſangue ſe naõ coalha (como diſſemos) he ſinal que o cavallo eſtá cheyo de roins humores, que neceſſita de repetidas ſangrias, em pequena quantidade, & de ſer purgado para evacuar os humores corruptos qeue com a ſua putrefacçaõ eſquentaõ o ſangue nas veas, ſendo cauſa de toda a ſorte de doenças, com que he neceſſario, havendo ſangue deſta ſorte, purgar o cavallo com medicamentos, que purguem das veas.

Quando o ſangue he groſſo, & pegajoſo, & que apartando hũ do outro ſe torna logo a pegar, & unir, ficando ſempre com boa cor, denota enchimento, & ſendo aſſim, ſe deve ſangrar a meudo.

Quam

Quem for curioſo de provar o ſangue na lingoa, advertirá logo, que o doce he o melhor, & mais natural, & ſe for aſpero, & mordicante, ſerá fleumatico, & pituitoſo, & ſendo amargoſo ſerà colerico, cheyo de bila; & ſe for azedo, & eſtitico; ſerá malancolico, & terreſte, & ſe for ſalgado, entaõ deitará huma fleuma pituitoſa. & ſalgada.

Deveſe reparar, em que ſendo neceſſario ao cavallo ſangrallo, & purgalo, ſe deve começar primeiro pela ſangria, porq̃ eſtas o preparaõ, & refreſcaõ, para que a purga naõ eſquente, & inflame os humores.

O ſangrar depois da purga, nunca he conveniente aos cavallos, porque os medicamentos purgantes alteraõ, & movem muitos humores que naõ evacuaõ; & com o tirar do ſangue ſe recolhẽ às veas, ſervindo de mayores danos.

A ſangria dá muita luz, & noticia da inclinaçaõ, & temperamento do cavallo, mais certa, do que os indicios que tiramos das cores dos pellos, & outros ſinaes que buſcamos, porque pelo ſangue ſe pòde julgar da ſaude, do temperamento, da inclinaçaõ, & ainda do vigor, ou frouxidaõ do cavallo.

CAPITULO 5.

Do modo, & ordem, com que ſe haõ de dar as ajudas aos cavallos.

A Ajuda vem de huma palavrâ grega, que ſignifica lavar, & aſſim propriamente he a ajuda huma lavajem do ventre que ſerve para alimpar, provocar, & facilitar a ſahida dos excrementos, & amolentar a dureza, para correger algumas deſtemperanças, para abraudar dores, para expellir ventoſidades, para curſos de ventre immoderados, para matar bichas conteudas nos inteſtinos, & para outros muitos achaques. Com que a ajuda evita, & remedea nos cavallos infinitos achaques]: porque naõ ha quaſi

parte

parte alguma que naõ receba algum alivio, pela correſpondencia que todas tem com os inteſtinos, os quaes eſtando livres das immundicias, que os occupaõ, aliviandoſe com a ajuda daõ liberdade às outras partes, para que ſe poſſaõ deſcarregar dos humores ſuperfluos que as offendem.

As ajudas ſe pòdem applicar repetidas vezes em quaſi todos os achaques dos cavallos, porque he remedio ſeguro.

O cozimento mais ordinario das ajudas, he o meſmo, & das meſmas ervas que os Medicos coſtumaõ receitar, para os achaques dos homens. Porèm avendo cerveja, he para os cavallos a melhor infuſaõ de todas, & nella, ou no cozimento das ervas ordinarias ſe haõ de lançar os pòs, electuarios, & medicamentos purgantes, ou laxativos que forem convenientes para a qualidade do achaque.

Haſſe de advertir que a quantidade de cada hũa ajuda ha de ſer ſempre de ſete, ou outo quartilhos, porque ſendo de dous, ou tres (como as coſtumaõ lançar muitos Alveitares,) naõ pòdem fazer effeito algum.

Antes de ſe lançar a ajuda, ſe ha de meter a maõ no cavallo, mui bem untada de azeite, ou manteiga, & mui brandamente para ſe tirar o eſterco a que ſe poder chegar.

He neceſſario tambem que a ajuda và mais quente, que morna, como naõ ſeja de ſorte que poſſa eſcaldar os inteſtinos. Para ſe lançar ajuda he conveniente, que tenhaõ os Alveitares, & peſſoas curioſas, ceringas feitas de propoſito para iſſo, que levem outo, ou nove quartilhos, porque lançada a pedaços naõ tem o effeito conveniente, deve ſer o cano de comprimento de mais de hum palmo, & de largura, que caiba por dentro a ponta de hum dedo, & em falta de ceringa, tambem ſe pòde uſar de huma borracha, como as que ſervem para vinho, com o cano da ſorte que diſſemos; ou de hum odrezinho de cabrito com bocal, & aberto por detrás.

Antes que o cavallo tome a ajuda, eſtará quatro horas ſem comer enfreado, & huma depois, & tanto que ſe lhe lançar lhe taparáõ o ceſſe com o meſmo cabo, naõ a deixando lançar em

meyo

meyo quarto de hora, ou mais se as dores o naõ apertarem demasiadamente, & tanto que for começando a lançala, o passaráõ hum pouco, porque assim vazará melhor.

Alèm das ajudas que vaõ receitadas em seus lugares, nos capitulos dos achaques, em que saõ necessarias, porey aqui algumas muito experimentadas.

Ajuda carminativa para dissipar ventusidade.

Tomaraõ as cinco erva emulientes, & lhe ajuntaraõ macella, & ouregaõs, de cada hum huma maõ cheya, & na ultima fervura lhe lançaráõ de erva doce, duas outavas, depois se coe, & se ajunte meyo arratel de mel rosado, quatro onças de benedicta laxativa, electuario de bagas de louro duas onças.

Ajuda purgativa.

Tomaráõ cozimento das ervas ordinarias laxativas, & em seis quartilhos da calda, desfaráõ duas onças de mel *violado*, & outro tanto de açucar mascavado, quatro onças de catholico commum, meyo arratel de manteiga fresca, podese meter em lugar de catolico meyo arratel de mel mercurial, & se quizeraõ aumentarlhe a virtude lhe ajuntaráõ hum quartilho de vinho de infusaõ de crocus metallorum: esta infusaõ se faz metendo em cada quartilho de vinho huma outava de crocus metallorum, que esteja de infusaõ vinte, & quatro horas, & o mesmo crocus metallorum que serve para huma infusaõ, pòde tornar a servir para quatro, ou cinco infusoẽs.

Ajuda adstringente.

Tomaráõ tres quartilhos de agoa daquella, em que os ferreiros apagaõ os ferros quentes, faraõ ferver nella de tanchagem, de murta, de folhas de acipreste, de cada huma huma maõ cheya, a este cozimento coado, misturarâõ tres quartilhos de leite, no qual meteráõ por seis, ou sete vezes hũs seixos vermelhos primeiro no fogo, & lançados assim no leite, ajuntaraõ bolo armenio fino, & farinha tostada no forno, de cada hum duas onças, & meya duzia de gemas de ovos, meyo arratel de açucar mascavado, hũa onça de oleo de marmelos.

Aju-

Ajuda anodina, para abrandar dores.

Tomarám quatro quartilhos de leite, & dous do cozimento ordinario: misturarám hum arratel de farinha de linhaça, que desfarám mui bem, com meyo arratel de miolo de paõ: flores de macella, huma maõ chea: ferverá tudo, & depois se coará, & se desfará no coado quatro, ou seis gemas de ovos, quatro onças de oleo rosado, ou violado; meyo arratel de manteiga, ou de grayxa de ganços, ou galinhas. Tambem serve para a calda da ajuda anodina, o caldo de tripas de carneiro, desfazendo nella os ingredientes, que dissemos.

Ajuda diuretica para as difficuldades de ourinar.

Faràm ferver as cinco raizes aperitiva, que sam de grama, funcho, aypo, espargo, & gilbarbeira, atè que estejam mui cozidas: em outro vaso cozeràõ huma galinha, com as cinco ervas *emollientes*, tanto de huma calda, como de outra: depois de coadas lhe juntaràõ huma onça de sal prunele derretido, por outro modo, sal mineral; meyo arratel de termentina, que se ha de desfazer com tres gemas de ovos: depois lhe desfaràõ de diaprunis tres onças, & hum quartilho de vinho de infusam de crocus metallorum, que fará mais effeito, que tudo como dissemos neste capitulo.

CAPITULO 6.

Do modo de dar os xaropes, & dos simples com que se compoem.

PAra se ordenarem os xaropes conforme o humor que se quer preparar, he necessario que se saibam os simples, que prepàram cada hum dos humores, & assim direi alguns.

Desestivo para preparar a colera.

Os simples, que preparàm, engrossam, & refrescam o humor colerico, sam, a lingoa de boy salvagem, a sempre

viva mayor, a alface, & tanchagem, as sementes frias, mayores, & menores, as flores cordeaes, chicorias, & outros : os pòs de diaphanicam, de enxofre, de diatraga cautum, &c.

Dezestivo para a fleuma.

Os simples que preparaõ a fleuma, saõ as raizes aperitivas, de grama, funcho, aypo, espargo, & gilbarbeiro : as sementes de anis, de funcho, de chicoria, de espicanardo, as raizes de aristoloquia, de enulacampana, de galanga, de salça parrilha, de valeriana, de zodoaria : as folhas de asyntro, de agrimonia; bertonica, funcho, loureiro, hypericam, alecrim, erva sidreira, ouregaõs arruda, salva, serpaõ, & as quatro sementes quentes mayores, & menores, como as de cardo benedicto, de coentro, de bagas de louro, de zimbro, & outros. Os pòs de aromatico rozado, de dearrodam Abbade, de figado, de antimonio, &c.

Dezestivo para a melanconia.

Os simples, que preparaõ a melanconia, sam as raizes de pe; lipodio satiriam, de regalice, de freixo, de fel da terra, as folhas de borragens, de lingoa de boy salvagem, de centaurea menor, fumaria, scolopendria, as quatro sementes quentes, as flores cordeaes, & outros desta qualidade : os pós de lætificans Galeni, os torciscos de asyntro, de dialacca, de eupotorio. De todos estes pòs, & outros mais se podem ir dando ao cavallo na reçaõ alguns dias antes de se purgar, para prepararem os humores, de que estiver mais repleto, ou lançados em enfusaõ feita dos simples, que acima dissemos.

Xarope preparente para a colera.

Os xaropes se devem ordenar conforme o humor que queremos se prepare para a purgaçaõ, com que sendo colerico, se podem compor de xarope violado, de romãas, de almeirão, acetozo, de cada hum duas onças, resolvase em

agoa

agoa de azedas, de lingoa de vaca, de borragens, de almeirão, de cada huma quatro onças, ſendo eſta quantidade para hum ſó, & deſtes hão de ſer quatro.

Sendo para preparar a purgação da fleuma, ſe hão de fazer os de xarope acetoſo, & çumo de endivia, de mel roſado, de hyſopo, com as quatro raizes, de cada hũ duas onças, reſolvão-ſe em agoas de betonica, de borragens, & de funcho de cada huma quatro onças, para hum xarope.

E ſendo para preparar o humor melancolico, ha de ſer o xarope de borragens, de almeirão, de lingoa de vaca, de peros camoeſes, de cada hum duas onças, reſolvão-ſe em agoa de luparos, de borragens, & de almeirão, de cada huma quatro onças para hũ xarope, & deſta maneira poderám regular as quantidades, conforme a neceſſidade, & os humores que ſe ouverem de preparar, para ſerem purgados.

Antes de ſe dar o xarope, eſtará o cavallo enfreado ſem comer tres horas, & duas depois, & ſe lhe ha de dar pela manhãa, hum xarope cada dia, ſem quatro manhãs.

CAPITULO 7.

Das cautellas, que ſe devem obſervar para purgar os cavallos, & de todos os medicamentos purgantes que a elles convem.

EM todas as couſas onde ha bondade, & malinidade juntamente, como ſe achão nos medicamentos purgantes he neceſſario aver grandes cautelas na eleição, conhecimento nas cauſas, experiencia nas drogas, pratica na execução, porque as duvidas para a purgação dos cavallos ſão conſideraveis.

Para ſe dar huma purga a hum cavallo, he neceſſario grande experiencia, para ſaber ſe neceſſita della, & que medicamentos lhes convem, medir a quantidade, & qualidade de cada hum, diſpor a fórma, o tempo, a neceſſidade, & finalmente todas as circun-

cunſtancias neceſſarias, que hirey dizendo.

He certo, que as menos vezes, que poder purgar hum cavallo, he o melhor, & ſe naõ deve executar, ſem muita neceſſidade; porque os cavallos ſaõ mui faceis em ſe inflamarem, & como he neceſſario darlhe grande quantidade de medicamentos purgantes, naõ ſe pòde fazer ſem lhe alterarem o calor eſtranho, os quaes achando diſpoſiçam nas partes acendem muitas vezes febre, ou deixam o corpo com grande calor.

A ſegunda razam he, porque os cavallos tem a purga, & medicamento no corpo ordinariamente vinte, & quatro horas, primeiro que obre, & neſſe tempo aquentam, & alteram ſempre algumas partes, porque nam pòdem eſtar ſem obrarem os ſeus effeitos, eſquentado, & irritando a natureza. Comtudo a neceſsidade faz vencer todas as duvidas, & he neceſſario forçoſamente em muitas occaſioens, que os cavallos ſe purguem: porèm ſe deve fazer com toda a conſideraçaõ; obſervando o clima, a doença, o temperamento, a idade, & podendo ſer o proprio natural do cavallo; que como he privado da razam, nos não pòde informar, nem dizer a ſua neceſſidade.

He tambem neceſſario por todas as inducaçoens, conhecer o eſtado da doença, porque eſtando os humores abatidos, & vencidos pela natureza, ſam faceis a evacuar, & eſtando crus, & indigeſtos, ſaõ rebeldes, & naõ obedecem aos remedios.

Quando a neceſſidade obriga a que o cavallo ſeja purgado (depois de ſe aver conhecida a natureza, as calidades, a quantidade, & o lugar do humor, que pecca) ſe reparará no natural da doença, do temperamento do cavallo, tanto por ſuas acçoens, como por ſeu pello, para conforme a iſſo recorrer aos medicamentos, que ſe devem eſcolher mais apropriados a todas as atençoens.

Quaſi ſempre he neceſſario antes de purgar, preparar o humor, que ſe quer evacuar; porque ſendo cru, & miſturado com os bons humores que ſe devem conſervar para ſuſtento

do

do animal, ſeria quaſi impoſſivel fazer ſahir o cru, & rebelde, nem com o mayor trabalho, por iſſo ſe naõ deve purgar o cavallo no principio do mal, porque o humor naõ obedecendo aos remedios, ſe eſquenta, altera, & augmenta o achaque em lugar de o deminuir. E como nos cavallos naõ podemos ſcientificà, & diſtintamente conhecer final algum certo da ſeparaçaõ dos humores, & cozimento delles, por ſerem as ourinas dos cavallos, quaſi ſempre turbus, & com pouca differença nos excrementos do ventre, & he o mais ſeguro, eſperar a melhoria clara, ao menos nas doenças violentas, porque a melhoria nos cavallos he certo final do cozimento dos humores, & ſe pòde entam purgar com ſegurança, precedendo primeiro tres, ou quatro xaropes, para preparar, & ſeparar o humor, que tenhaõ propriedade de cozer, & dirigir o humor que querem evacuar, como vaõ alguns receitados, porque aſſim como huma poſtema, & tumor, antes que eſteja preparado, & cozido, ſenaõ coſtuma abrir; & evacuar, aſſim o humor que eſtà dentro do corpo ſe naõ póde tirar, nem evacuar, ſem preparaçaõ, & cozimento.

Todos os humores ſe evacuam pela purgaçaõ dos medicamentos, ſómente o ſangue ſe peca em quantidade, ſe ha de evacuar pela ſangria, porèm ſe por alterado ſe corrompe, & mudando em parte a ſua ſubſtancia, degenera em algum outro humor entaõ ſe evacua tambem pela purga, como humor, & naõ com o ſangue.

Deveſe advertir na purgaçaõ que o cavallo fizer no eſterco, que lança, porque coſtuma ſer de huma de quatro maneiras, de que ſe tira grande indicaçaõ do vicio, & predominaçaõ dos humores, naõ fallando aqui no ſangue.

Aprimeira he, quando o cavallo purga huns humores amarellos, eſverdeados, acres, amargoſos, & ferventes, he final que a evacuaçaõ he de colera.

A ſegunda he, quando lança humores viſcoſos, & groſſos, como claras de ovos, muitas vezes pegajoſos, & algumas agres, & ſalmo pigadas, he final que purga o cavallo humores fleumaticos, & pituí-

tuitoſos.

A terceira quando ſae o humor negro, aſpero, & muitas vezes mordicante, como ſe fora agoa forte, que eſte moſtra que o cavallo purga humores melancolicos.

A quarta ſorte de evacuaçaõ ſe faz quando os humores claros, liquidos, & delgados, a que chamam ſoroſidades: & eſte ſe compara à ſegunda evacuaçaõ; que diſſemos, que he final de fleuma pituitoſa.

A experiencia tem moſtrado, & feito conhecer, que ha remedios, que purgam os humores, & que tem propriedade para fazer ſahir alguns mais certos que outros, conſórme a virtude, & propriedade dos purgantes. Donde nace fazeremſe tres claſſes de purgativos: huns para a colera; outros para a fleuma, outros para a melancolia, apropriados cada qual para o humor, & vicio, que domina, & cauſa o achaque.

A razaõ, & o modo com que os purgantes obram, & atrahem aquelle humor, conſórme a ſua virtude, ao eſtomago, & inteſtinos, provocando a purgaçaõ, ou ſeja lubricando, irritando a natureza com a ſua acrimonia, ou por ſua malignidade, a natureza fazendo força para lançar fóra, lança com elles os humores, ou por virtude oculta, como pedra de cevar puxem os purgantes ao eſtomago, conſórme as ſuas virtudes os humores, ou por qualquer modo que ſeja tudo iſto ſam couſas, ſobre as quais deixemos quebrar as cabeças aos Medicos Filoſophos mais eſpeculativos, porque ao Alveitar lhe baſta ſó ſaber, que quando taes medicamentos, tira com elles os humores que pretende, & alcança ſaude ao cavallo, que iſſo he o que procura, & naõ buſcar o fundo das razoens da Medicina.

Deveſe reparar tambem, ſe o humor, que pecca he em abundancia, porque emtam he neceſſario remedio mais violento, & ſe eſtiver nas primeiras vias, he mais facil de ſe evacuar, ſendo muy acres tem neceſſidade de ſe adoçar, & abrandar, & ſe for mui viſcoſo, & craſſo ſe ha de atenuar, &

adel-

adelgaçar, & facilitarlhe os caminhos para ſahir, para ó que ſer-
yem muito as preparaçoens dos xaropes convenientes.

Naõ ſe deve crer, que os purgantes de huma claſſe naõ pur-
guem mais que hum humor, porèm he certo que purgam em mais
quantidade, & com mayor potencia daquelle para que tem a vir-
tude apropriada.

Os mais convenientes purgativos para os cavallos ſam as
que ditei aqui, & as quantidades, com que ſe deve uſar del-
les para que toda a peſſoa poſſa fazer eleiçam dos que con-
vem conforme a diverſidade dos achaques, & humores que
ſe pertenderem evacuar, que ſupoſto ſe achaõ nas Pharma-
copeas aſſim os ſimples como a fórma dos compoſtos me pa-
receo pòr aqui os mais convenientes, para que ſe eſcuſe ver mais
livros.

Dos remedios, que purgaõ ábila, ou colera.

A Canafiſtula he bom purgativo para eſte humor, porèm
ainda que ſeja a mayor quantidade naõ ſerá baſtante para
provocar purgaçam a hum cavallo, ſenam for ajudada de
outros purgantes mais fortes, eſta tempèra, & humede-
ce as partes eſquentadas, podeſe dar para os achaques dos
rins, & da bexiga correcta com as ſementes de anìs, & fun-
cho.

O Maná he igualmente benigno, uſaſe pouco para a purga-
çaõ dos cavallos, porque ſó nam tem força baſtante, porèm dado
com outros purgativos mais agùdos, purga o peito, & he fami-
liar à toſſe.

O çumo de roſas purga as foroſidades belicoſas, porèm
com menos força que o electuario dellas, que eſte tem ma-
is efficacia por cauſa do diacridio, que entra na ſua compo-
ſiçaõ.

Os Tamarindos adoçam a bila, & fazem purgar, nam-
ſe dam nunca ſós aos cavallos, porém ſam mui conve-
nientes nas purgas, porque refreſcam, & ſam familia-
res.

O Ruybarbo he huma raiz que purga a colera, aperta, & fortifica com propriedade, he bom para os curſos do ventre immoderados. A quantidade que ſe dà a hum cavallo, ſam quatro, ou cinco onças, & como he cuſto ſó a cavallos de eſtimaçaõ ſe coſtuma dar miſturado com outros ingredientes mais fortes, porque he per ſi ſó fraco na purgaçaõ.

O Aloes he hum dos medicamentos mais convenientes para os cavallos, porque penetra, & abre, purga a bila, & a pituita, alimpa o eſtomago, & os inteſtinos: he bom para a cabeça para os olhos, & para o figado pela, correſpondencia que eſtas partes tem com o eſtomago, he bom para matar lombrigas, mas porque he muito amargoſo, convem corregerſe com nòs noſcada, cravos, & canela, porèm a melhor preparaçaõ, com que bem ſe correge, he deſtemperado com çumo de roſas, molhandoſe nelle muitas vezes. O çumo de lingoa de boy, de borragens, de cardo benedicto, ſam tambem mui a propoſito para eſta correçam. A quantidade que ſe pòde dar a hum cavallo ſam quatro, atè cinco onças, & he o melhor purgativo que temos para os cavallos.

Os Mirabolanos ſaõ de cinco eſpecies: cetrinos, chebulos, indicos, emblicos, & belericos, ſam bons porque naõ eſquentam, porém ſaõ fracos na purgaçaõ. Daõ-ſe em manteiga, oleos, ou azeite, porèm ſervem poucas vezes aos cavallos, porque ſeria neceſſario darlhe muitos arrates para fazerem purgaçaõ: com tudo podemſe miſturar com outros purgativos mais forçoſos.

A Eſcamonea he muito bom purgativo para os cavallos, porèm ha de ſer preparada no vapor de enxofre, porque aſſim fica para os cavallos com grande efficacia, mas nem todos os Boticarios ſabem fazer bem eſta preparaçaõ. Purga a bila com muita propriedade ainda das partes mais remotas. Deve darſe em azeite ou graixa, que a doce a ſua acrimonia, & modere a alteraçaõ dos inteſtinos, he perfeito purgativo para os cavallos, & ſempre experimentei nelle bons ſucceſſos. Podeſe dar em ſubſtancia cinco outavas, atè ſeis, & meya, eſcolhendoſe ſempre a

mais

mais clara, & limpa.

O Antimonio ciù, naõ he purgativo, mas ſendo preparado he excellente purgativo para a bila, & quaſi todos os humores ſuperfluos, he violento, porèm naõ eſquenta, infundido em vinho, & dado ao cavallo hum quartilho, ou quartilho, & meyo deſte vinho, o faz purgar baſtantemente, & he facil remedio, & barato. Quando ſe quer preparar huma purga para evacuar a colera ſe ordena neſta fórma.

Purga para evacuar a colera.

Tomaràõ aloes tres onças, flores de violas, roſas ſingellas, & hypericam de cada hum huma outava, pòs de canela, & almecega de cada hum meyo eſcrupulo, eſcamonea preparada no vapor de enxofre duas outavas, pizado tudo em groſſo modo, ſe darà em hũ arratel de manteiga em forma de pirolas.

Tambem ſe pòde uſar das pirolas, que ſe achaõ preparadas nas boticas, de diaprunis ſolutivo, & outras: & dos electuarios de çumo de roſas, dando ao cavallo doze quantidades de que ſe dà a hum homem.

Os remedios, que purgam a pituita, ou fleum, ſaõ os ſeguintes.

Carthamos he huma ſemente da qual o meolo purga a fleuma, & as agoas, & he boa para os bofes, corregeſe com anis, canela, & galanga, alguma couſa eſquenta, & naõ he vehemente no purgar, podemſe dar ſeis atè ſete onças a hum cavallo.

O Agarico atenue, deſtapa & purga á bila, & fleuma, tira do cerebro dos nervos, & dos muſculos, ſeria hum dos melhores medicamentos para os cavallos ſe fora mais purgante, & menos cuſtolo. Fazem delle torciſcos, que o corregem, & adoçam. Daſſe em quantidade quatro atè cinco onças.

O Turbit purga a pituita craſſa, viſcoſa, & podre, tira das partes remotas, mas com brandura. Podeſe dar a hum cavallo quatro, ou cinco onças.

Os Hermodatiles purgaõ brandamente apituita, & humores viſcoſos, & purgaõ das juntas com eſpecialidade, corregeſe com

com eſpicanardo, & canela, dam-ſe de quatro atè cinco onças.

O Mechoacam purga a pituita aquoſa, he bom para a toſſe envelhecida, dores, de torcilhaõ, & mal de Olanda, corregeſe com canela anìs, & almecega, daõ-ſe quatro atè cinco onças.

A Coloquintida purga a pituita, & outros humores craſſos, & viſcoſos das partes mais remotas, como do cerebro dos nervos, & muſculos das juntas, & dos bofes, he mui excellente para tirar a fleuma vitrea, que ſe pega por dentro das tripas, & cauſa torcilhoẽs, corregeſe em trociſcos, ou com oleo de amendoas doces; he bom purgativo para os cavallos, porque obra baſtantemente, & he pouco cuſto. Podemſe dar ſeis outavas atè huma onça, em manteiga, ou graixa de porco.

O Opoponaco purga apituita viſcoſa das partes mais remotas, como ſaõ as juntas, & he benigno, corregeſe com gingibre, canela, ou raiz de enula campana. Daſe em quantidade de quatro até cinco onças.

O Euphorbio he o çumo de huma arvore mui quente que purga a pituita craſſa, & aquoſa com tanta violencia, que he neceſſario darſe com muita cautela, & mui bem corrigido desfeito em vinagre eſtilado, ou çumo de limoens, no banho maria, & aſſim quente paſſar o licor por hum pano dobrado. A quantidade que ſe der naõ paſſará de duas outavas, juntas com quatro onças de canafiſtula, que o acodem, & temperem.

Os Engos ſam purgativos leves, porèm miſturados com outros fortes, tem propriedade para purgar os humores aquoſos.

O çumo da raiz de açucena, puxa com força as foroſidades pituitoſas, corregeſe com canela, & ſe dà a hum cavallo outo atè dez onças.

A Jalapa he huma raiz, que purga as fleumas aquoſas com baſtante virtude, corregeſe com canela. Aquantida

de

de para hum cavallo, saõ duas onças. Para se fazer huma purga para hum cavallo, que evacue com propriedade a pituita, ou fleuma se ordenará na fórma seguinte.

Purga para a fleuma, & humores aquosos.

Tomaram huma onça de diachartano, de agarico torcisado duas outavas, turbit, & hermodatiles de cada hum, hũa onça; espicanardo, canella, gengibre de cada hum huma outava, coloquintida outava, & meya, misturaràm tudo em pò, & lançado em dous quartilhos de vinho branco se dará ao cavallo.

Tambem se pòde usar das piloras que se acham nas boticas, de Agarico, de Sarcocolla, de Coloquintida, de Hiera Cumagarico, de *Cotiæ fætidiæ maioris mæsuæ* Se o cavallo for magro, se lhe pòdem dar antes electuarios de Diaphenicaõ, de Benedicta laxativa Nicolai, & Hierapicra Galeni, electuario *in dum maius mæsuæ*: das quaes piloras se podem unir as que forem necessarias em toucinho, ou manteiga, como diremos do capitulo seguinte. Advertindo que das quantidades, que se costumam dar a hum homem se haõ de dar doze ao cavallo.

Dos medicamentos que purgaõ a melancolia.

O Sene tem o primeiro lugar entre os simples purgativos, porque he hum remedio geral, que eutra em todos os purgantes, & de todos os humores purga com bastante efficacia especialmente o melancolico requeimado, & pituita grossa, puxa todos os humores podres, & corruptos, abre as obstruçoens envelhecidas, corregese com erve doce, gengibre, & cravo. A quantidade para hum cavallo sam seis atè sete onças.

O polipode he hum preparativo, que per si só naõ serve para purgar hum cavallo, mas ajuntase a cutros purgantes, & corregese com regalice, gengibre, aris, & suncho. Aquantidade par hum cavallo saõ seis atè sete onças.

O

O Elebɔro negro he huma raiz, que purga a melancolia, & outros humɔres requeimados, & rebeldes, he excellente remedio para purgar os cavallos, corregeſe com agoa fria, & depois ſe infunde quatro horas em vinagre, & ſe ſeca ao fogo lento. A quantidade para hum cavallo ſaõ ſeis outavas, atè ouro o mais. Podeſe-lhe ajuntar anîs, & funcho.

O Lapis Armenius he huma pedra que ſe acha nas minas da prata em Alemanha, & Armenis donde tomou o nome, lavaſe com agoa de roſas, ou de lingoa de boy. A quantidade para hum cavallo ſaõ quatro atè cinco onças. Para compor huma purga, que evacue compropriedade. O humor melancolico ſe faz para hum cavallo do modo ſeguinte.

Purga para a melancolia.

Tomarám de folhas de ſene huma onça, & meya, eleboro negro lavado primeiro, & infundido em vinagre quatro horas, & depois ſeco, duas outavas; criſtal de tartaro meya onça. Lapis Armenius lavado dez outavas, anìs, funcho, & canela, de cada hum outava, & meya: pizaráõ tudo em groſſo modo, & faràm a beberajem em dous quartilhos de infuſaõ de borragens, lingoa de boy, & fumaria.

As pirolas que ſe acham nas boticas, para purgar a melancolia dos cavallos, ſaõ as pirolas *inde pirolas lapide lazuli, & de lapide Armenio*, & outras: os electuarios diaſenna, a confeiçaõ amoc; & de todos eſtes medicamentos ſe pòdem eleger os que parecerem neceſſarios, confôrmę a neceſſidade.

CAPI.

CAPITULO 8.

Como se ha de dar a purga aos cavallos, & a ordem que nisso se deve guardar.

Avendose determinado o modo da purga, que se deve dar ao cavallo, se ordenará desta maneira. Tomaraõ as drogas, & as pizerám grosseiramente, & se misturaraõ em dous arrates de toucinho, ao qual se tirará o sal primeiro, demolhando-o, & lavando-o em varias agoas; & se pizarà unindo as drogas mui bem nelle, ou tambem se pòdem unir em outro tanto pezo de manteiga; logo se farà tudo em pirolas tamanhas como nozes grandes, & se for para beberagem he necessario depois de pizadas grosseiramente, lançalas na infusaõ, que tiverem ordenada, com que seja sempre quantidade de cinco, ou seis quartilhos, conforme a grandeza do cavallo, & se dará ao cavallo pelo corno, tendo-lhe a cabeça levantada por huma corda, que pegue por dentro da boca, pela parte do focinho.

Se for para fazer huma infusam simples, estaram os medicamentos infundidos vinte, & quatro horas, & depois coarense; & nesta calda coada, se haõ de fazer os electuarios, pòs ou outros ingredientes, conforme se tiverem determinado.

Na manhãa, em que o cavallo ouver de tomar a purga, ha de estar enfreado, sem comer seis horas dantes, & cinco depois. Avendo o cavallo bebida a purga, lhe enxagoaraõ a boca com hum quartilho, ou meyo de vinho, para lhe tirar o roim sabor.

Se for em pirolas, depois de as ter engolido se lhe ha de dar hum quàrtilho de vinho branco, para as fazer decer ao estomago, & para lhe tirar toda a amargura, porque se naõ aflija.

He necessario que o cavallo que se ouver de purgar, tome

tome huma ajuda á noute, quando ouver de tomar nō dia seguintē a purga.

Sendo passidas vinte, & quatro horas pouco mais, ou menos, começará o cavallo a purgar, & entaõ o tiraram da estrebaria mui bem cuberto, & o passearàm hum quarto de hora, porque o passeyo o ajuda a vazar melhor, & se repetirá o passearse de duas em duas horas, advertindo que se for de Veraõ, senaõ passee pelo Sol, nem de Inverno pelo frio, senaõ no corredor da estrebaria, se o ouver, ou em parte abrigada.

Depois que o cavallo tiver purgado, se lhe dará outra ajuda fresca, & adoçada, para lhe alimpar as fezes, & temperar a actimonia, com que os medicamentos purgantes deixaõ offendidos os intestinos.

Serà necessario que o cavallo, depois que tomar a purga, atè que de todo a tenha evacuado, naõ coma palha nem graõ, senam sómente farelo escaldado, & cevada cozida: quando naõ coma bem isto se lhe póde dar alguma erva de bom nutrimento, ou cevada verde.

De todas as purgas, que vaõ receitadas nas doenças em seus lugares proprios, tenho feito experiencias com bons successos, nellas se póde acrescentar, ou deminuir as quantidades dos ingredientes, confórme a necessidade, termos, & calidades das doenças, & sam as mais louvadas, & aprovadas purgas dos melhores AA. que ex professo escreveraõ desta faculdade.

Mas como achei sempre grande difficuldade na purgaçaõ dos cavallos, sem que os medicamentos purgantes acquirissem alguma alteraçaõ, ou desordem interior, tenho achado que he bom purgativo este oleo seguinte.

Purga.

Tomarán dois arrates de azeite commum, hum arratel de vinho tinto, cinco onças de polpa de coloquintida, huma onça, & meya de farinha de linhaça, tres nabos de açucenas cortadas em fatias, vilco de maceira, huma onça, huma maõ chea de flor de macella, meterán tudo em huma panella cuberta com outra menor com o fundo para cima, & se barraràm muito bem com farinha,

rinha, misturada com cinza, & barro, para quẽ naõ vapore, & se porá a fogo lento, atè que o vinho se gaste, que costuma consumirse por tempo de dez, ou doze horas, depois se tire do fogo, & deixe arrefecer, sem se destapar, & estando meyo frio, se coará, & espremerá. Esta quantidade he para duas purgas, & nesta mesma fórma, computado as quantidades, se pòde fazer para quatro, ou seis cavallos, ou quantidade, que quizerem, & se guarde este oleo, que dura dez, & doze annos com toda a sua virtude. Ha de darse morno, & naõ muito quente, & se dá em hum quartilho, & meyo, ou dous de caldo de tripas, & cabeça de carneiro, observando as cautelas que temos dito acima.

Outro catolico excellente, de que se póde usar, para quasi toda a sorte de doenças, o qual devem ter em suo casa todos os bons Alveitares

Tomaràm de Jalapa tres arrates, de coloquintida dous arrates, & meyo, de sene hum arratel, de turbit, & hermodatiles, de cada hum outo onças, de raizes de eleboro negro seis onças, enstando primeiro vinte, & quatro horas de infusaõ em vinagre; de aloes seis onças; de gracia Dei, & assarabacara, de cada hum quatro onças, de canela, cravo, & anìs, de cada hum huma onça, meteràm tudo em hum vaso, com çumo de maçãas camoezas, & sumaria, de cada hum tres arrates, çumo de limoens hum arratel, agoa de chicoria, & de agrimonia, a que baste, para que fique dous dedos por cima das drogas. & se sjuntará espirito de vitriolo, duas outavas, estarà tudo por tempo de sete dias a dirigir no banho maria, ou sobre cinzas quentes, ou ao Sol muito quente do Estio, coaràõ tudo, & se espremerà fortemente em huma impressa, & sobre fogo lento, faràm exhalar atè que fique no fundo em modo de electuario.

Para huma purga, ha de darse sòmente huma onça, & meya o mais. E isto acima ha de compor hum Boticario que o faz facilmente, & podese fazer mais, ou menos quantidade, regulando as quantidades, confórme o que temos dito. Para se dar ao cavallo se ha de unir em toucinho, ou manteiga, & fazer piro-

las

ras, & ſe o cavallo for magro, he melhor darlho em bebida em dous quartilhos de vinho, porèm para os cavallos gordos, he melhor em pirolas.

CAPITULO 9.

Como ſe ha de deſgovernar hum cavallo, & das advertencias que deve aver niſſo,

HE hum remedio muito proveitoſo aos cavallos, & mui ordinariamente neceſſario, o deſgoverno, & he couſa tam commua, que o mais ignorante ferrador o ſabe obrar, mas porque o fazem muitas vezes, ſem as attençoens neceſſarias, lhe ſuccede algumas mal.

As cauſas que obrigam a ſe deſgovernarem os cavallos, direi nos capitulos onde tratarmos das manqueiras, nos lugares em que os achaques neceſſitarem dos deſgovernos.

Muitos aconſelhaõ, que ſe deſgovernem os cavallos em potros, ſem neceſſidade, ſendo couſa deſprepoſitada, & que ſó com neceſſidade, ſe pòde fazer, ſalvo ſe o potro trouxer jà do ventre da mãy alifafes, ou eſparavoens, como muitos trazem, porque entaõ he neceſſario o deſgoverno, porque tendo jà alli aquelle formento, com facilidade lhes vem a crecer, & impoſſibilitalos, com que a iſto ſe chama jâ neceſſidade.

Os lugares aonde ſe praticaõ os deſgovernos, ſaõ nos terços das mãos pela parte de dentro, acima da junta do joelho, aonde a vea moſtra mayor corpo, devemſe fazer naquella parte, onde o couro eſtiver mais delgado, & menos embaraço de nervos, & ligamentos.

Logo ſe deſgoverna tambem na quartella por cima da coroa do caſco, pela parte dedentro, ou pela de fóra, q̃ rapandoſe o pello ſe vè logo pulſar e vea grande em hum, & outro lado, & nos pès ſe achaõ as proprias nas meſmas quartelas.

Deſgovernaſe mais no lugar das bragadas acima da junta, onde

de a veya eſtà mais manifeſta, & na meſma veya ſe deſgoverna taõ bem por baixo da junta, & do lugar onde ſe formam os eſparavoẽs.

Deſgovernaſe tambem abaixo dos olhos hum poueo, para ſe impedir no fluxo delles.

Para ſe aver deſgovernar hum cavallo, he neceſſario, que ſeja em tempo conveniente; naõ ſendo nunca em tempos frios, nem de calmas, nem em dia de nevoas, & ſempre he mais conveniente, que ſe façam os deſgovernos no ultimo quarto da desfeita da Lua: & deve o cavallo eſtar de palha, ao menos hum mez dantes, & quinze dias depois.

Para ſe cortar a vea como convem, ſe ha de reparar o pello primeiro, & fazer alguma esfregaçaõ branda com a maõ, para que a veya melhor pulſe: & logo pegar os dedos na pele, & levanta-la para dar o golpe, & abrila ſem ferir a veya, porque ferindoſe, perturba com o ſangue a execuçaõ. Logo com o cornito rombo, & nedeo, (& naõ com inſtrumentos de ferro) ſe irám deſpegando, & apartando da vea as cordas, & ligamentos, que ſe acharem ſem os offender, & ſe levantarà a vea ſobre o cornito, & por entre elle, & a vea ſe meterá, huma linha ſegura, na qual ſe dará hum nó nas pontas ſem ſe apertar, & ſobre o meſmo cornito, ſe picará a vea, deixando tornar a ſeu lugar, ſem largar porèm della a linha, & aſſim ſe deixarà ſangrar até dous, ou tres arrates de ſangue, conforme o cavallo; & no tempo que for ſahindo o ſangue, irám apertando, exprimendo, & comprimindo o tumor, ou parte, que for a cauſa do deſgoverno: & avendo ſe ſangrada a vea baſtantemente, ſe tornará a tirar para fora, puxada com a linha, que a tem ſegura, & pondoa outra vez ſobre o cornito lhe meteram outra linha, atando huma para a parte de cima com dous, ou tres nòs mui bem apertados, & outra para a debaixo, da meſma ſorte, cortarám a vea atraveſſada, para que fique deſunida, lavando logo a parte com vinho morno, para que deſaltere, applicandolhe depois ſeus deſeſtivos ordinarios, como adiante em ſeu lugar vaõ receitados:

& ſe ouver balſamo, applicado na parte ſarará ſem materias em muito mais breve tempo : & de qualquer modo ſempre o cavallo ſara dentro de dez , ou doze dias. Advertindoſe que nõ chegue com a boca às feridas , porque o coſtumaõ fazer, & lhes faz muito dano; ſendo cauſa de ficarem cicatrices.

Alguns cavallos ha, que ſaõ taõ ſogeitos a receber a quantidade de humor no lugar dos alifafes , & em toda aquella junta das pernas, que naõ baſta ſó o deſgovernalos alli pelo modo ordinario; & aſsim ſe haõ de deſgovernar , arrancando , & tirando fóra hum palmo de vea, que vem a ſer a que occupa aquelle eſpaço , que ha entre hum deſgoverno , & outro.

Naõ deixa eſta obra de ſer difficil de fazer ; porèm os que com experiencia o ſouberem obrar com o methodo conveniente , he remedio bem efficaz para ſecar os humores , & groſſuras daquella junta , & perna, & ſerve de impedimento para que naõ corraõ a ella ſempre coſtuma, quando ſe faz, acarretar grande inchaçaõ , que ſe vai depois aplacando com os lavatorios eſtiticos.

Tambem ſem ſe atarem as veas , ſe deſgoverna ; comprimindo ſómente o ſangue com caparroſa , & algodaõ retalhado , ou com ortigas pizadas ; ou com farinha de favas, pellos de lebre, incenſo, & vinagre ; & com hum chomacinho de pano em cima , com ſua atadura. E deſta maneira não tem riſco algum , & os deſgovernos farám mais depreſſa, & naõ fica final onde foraõ feitos ; & ſem ſe atarem as veas cortadas , nem comprimir a ferida com atadura ſe fazem tambem os deſgovernos , ſe ſeſabe tomar o ſangue que ha muitos modos para iſſo : como he tambem huma agoa chimica , q̃ he hoje mui vulgar , a que chamaõ agoa das arterias.

Quando ſe ouver de deſgovernar algum cavallo por ter as pernas, ou maõs muito inchadas, ſe lhe ham de applicar primeiro remedios para que deſinchem o mais que poder ſer antes que lhe façaõ os deſgovernos.

CAPI.

CAPITULO 10.

Do modo com que ſe ha de dar o fogo, do effeito que faz, & das cautellas que ſe devem obſervar.

SEndo o fogo actual hum remedio mui efficaz para muitos achaques dos cavallos, ſe nam deve applicar, ſe nam por ultimo remedio, depois de ſe haverem feito todos os mais que forem convenientes ao achaque, aſſim pela moleſtia, que cauſa ao cavallo, como pelos ſinaes, & catateres, que mais ordinariamente deixa impreſſos.

Para ſe dar fogo ao cavallo, he neceſſario, que eſteja primeiro algum tempo de palha, & q̃ naõ ſeja em tempo de grandes frios: ne nc.lmas; & naõ ſendo em neceſſidade urgente, he melhor ocaſiaõ no mingoante da Lua, logo aos quatro, ou cinco dias, depois de cheya.

Sete, ou outo dias antes de dar o fogo ſe ha de preparar, & amollentar a parte com os unguentos, banhos emollientes mais efficazes, os quaes adiãte vaõ receitados em ſeus lugares proprios; porque eſtes remedios abrandam, & preparam o humor, para que o fogo mais facilmente o reſolva, & conſuma, porque tem huma ſingular propriedade para diſſipar; & penetrar os humores, & apertar a parte.

Eſtando a parte amollentada, & preparada; he neceſſario dar o fogo ligeiramente conforme o lugar; humas vezes em forma de palma, & outras de pena, & outras de grades, de roza, pè de gallo, ou de outra qualquer figura.

Sempre o fogo ſe deve dar de ſorte, que naõ fure, nem penetre o couro todo, porque aſſim obra com mais efficacia tapando os pòros da evaporaçaõ, retondindo, & fortificando o calor, para que melhor penetre: no que ſe enganam muitos Alveitares, parecendo-lhes, que o furar o couro com o fogo o faz ter mayor

effeito. Darſe-ha com o inſtrumento mui vermelho atè que fique a parte bem acereijada.

O melhor inſtrumento para dar o fogo, he o de cobre, porque eſte metal he mui amigo das chagas. Os mais dos Alveitares o daõ com ferro; tambem ſe dá com prata, & ſe for com ouro melhor.

As facas de fogo, ham de ſer tam groſſas na cota, como hum dedo, & no fio pouco mais groſſas, que as de cortar; devem ſer eſtreitas, com que entre o fio, & a cota, nam haja mais que a largura de dous dedos, porque aſſim recebem, & conſervam mais o fogo, & fazem melhor effeito, como a expereriencia moſtrará.

Sempre he bom darſe o fogo ao travès, donde corre o pello; que aſſim ſe enxergam menos os ſinaes, que dobrando depois o pello por cima, os cobre.

Darey aqui hum methodo novo, que com a expe-riencia deſcobri de dar o fogo, ſem ficarem ſinaes no pello, que ſe vejam, & he muito conveniente para cavallos de conta, & de regalo; aos quaes fazem perder toda a eſtimação, as marcas, & caracteres que coſtuma deixar o fogo ordinario.

Eſtando preparadas as facas de fogo com o fio bem delgado, & vermelhas no fogam, ſe cortará primeiro com huma navalha ſutilmente o couro na parte atè o meyo, & mais, mas de tal ſorte, que naõ cheguem a rompelo de todo, correndo o golpe para a meſma parte, para donde corre o pello. Deixarám eſtar o golpe eſpaço de meyo quarto ao ar, porque alterando a ferida, a faz abrir para melhor ſe apartarem as beiras: & aſſiſtindo duas, ou tres peſſoas abritáõ com as maõs muito bem o couro para as bandas, & com a faca de fogo ſe irá correndo o fundo do golpe com deſtreza, & habilidade, nam queimando as beiras de cuticula, nem tocando as raizes do pello, Depois ſe cobriràm os golpes, e fogo com unguento, feito de cera amarella, & azeite ſem ſal em ponto brando, & em falta diſto tambem ſerv emanteiga crua ſó nente. A experiencia moſtrarà o bom effeito deſte

novo

novo eſtylo de dar fogo.

Uſam alguns ſobre o fogo deitar pez negro derretido, com cotaõ, ou friſa por cima. Outros poem rezina, tremẽtina, breu, & outros ſemelhantes, que acho ſerem deſneceſſarios, porque nam ſervem mais que para levar comſigo mayores pedaços de couro quando caem, ou ſe tiram, & deixarem mais largas, marcas, & cicatrice.

CAPITULO II.

Do fogo, & cauterios Potencias.

O Fogo potencial he mui louvado, & neceſſario para aplicar em partes a donde naõ poſſamos uſar do actual, & tambem nos valemos dos potenciaes para achaques menos fortes, & mais faceis de vencer; como tambem pela certeze, que temos de q̃ ſendo bons, & bem applicados, obram quaſi como fogo actual, ſem deixarem marcas, ou ſinaes.

Os melhores, & mais efficazes Potenciaes, que fazem taõ bom effeito como o fogo actual, ſem deixarem ſinaes, ſam os ſeguintes.

Fogo Potencial.

Tomaràm duzentos, ou trezentos bichinhos deſtes negros, que ſe acham grande quantidade nos campos, no mez de mayo, & Abril: os quaes ſam muito duros, & ſe encolhem, que a penas ſe pódem abrir com os dedos, & ſam compridos quaſi como hum alfinete, & ha campos onde ſe achaõ milhares delles: eſtes metidos em huma panela vidrada com hum arratel de unto velho, ſe taparà a panela, deixando-os eſtar atè que morram: depois pizaràm os bichos com o unto, unindo bem tudo, ſe guardarà para a neceſſidade, que quanto mais velho, melhor effeito farà.

Para ſe applicar eſte unguento, he neceſſario haver primeiro amolentado a parte ſe for dura, tapar o pelo, & çarjala meudamente

men, & untar com esta graixa applicando huma pà; ou ferro largo vermelho de fronte bem perto que faça penetrar, & se applicará tres vezes em nove dias. Isto sara os alifafes, ou esparavoẽs; & outros tumores admiravelmente, & as ovas, ainda que sejam envelhecidas: faz destillar humas agoas amarellas, & formar na parte hum modo de sarna, & caspa, que cae aos nove dias, & fica o lugar enxuto, & naõ cae o cabello, nem ficaõ sinaes alguns. He necessario prender bem o cavallo, que lhe naõ toque com os dentes, porque o matará.

Tambem huns bichos a que chamaõ (abadejos, ou vacas loiras) pódem servir em falta dos que acima apontamos, porèm naõ fazem tam bom effeito como os outros.

Outro fogo artificial, & Potencial.

Tomarám manteiga velha quatro onças, de azougue duas, de Euphorbio huma, de cantaridas huma outava; enxofre vivo, & oleo de louro, de cada hum duas onças: he necessario desfazer o azougue com o enxofre; & misturar tudo frio; & guardalo para a necessidade.

Para se usar deste Potencial, he necessario amollentar a parte primeiro, como acima dissemos, com hum dos emollientes, que adiante se acharám nos capitulos dos tumores, & depois rapar o pello na parte, & untala com cautela, de que naõ corra para as partes saãs o unguento, porque as escaldará, & lhe porão defronte a pà, ferro, ou enxada vermelha no fogo (como dissemos) tam chegada ao unguento, quanto o cavallo poder sofrer sem que o queime, & se prenda o cavallo de sorte, que lhe naõ toque com os dentes pelo perigo que tem. Este unguento se ha de applicar tres vezes em nove dias com as mesmas cautelas.

CAPITULO 12.

Como ſe haõ de deſpalmar os cavallos.

HA peſſoas, que cuidaõ que deſpalmar hum cavallo hẽ tirarlhe o caſco fóra, ou que hum cavallo deſpalmado fica perdido: ſendo que eſta obra bem executada naõ faz o minimo defeito ao cavallo, nem val por iſſo menos hum toſtaõ; antes ſerve muitas vezes de que valham dobrado; ſe dantes tinhaõ algum defeito, que com o deſpalmar ſe remedeaſe.

Muitos Alveitares fazem grande reparo em ſe diſporem a deſpalmar hum cavallo, & fazem bem; porque lhe naſce eſſe receyo dos maos ſucceſſos, que experimentaõ na obra, nacidos dos erros, pouca experiencia, & menos engenho, com que o fazem.

He forçoſo deſpalmaremſe muitos cavallos por varias cauſas, & enfermidades que em ſeus lugares diremos.

Para ſe fazer eſta obra com todas as cautelas, com bom modo naõ avendo neceſſidade urgente, que a obrigue a fazer em qualquer tempo, ſe deve primeiro ter o cavallo de palha algum tempo dantes, & naõ mui ſobrepoſto de carnes; & he neceſſario que ſe aja entendido, que o que ſe ha de tirar, he aquella ſola debaixo, a que chamamos, palma, a qual eſtà cercada, & abraçada com a cinta, & tapa do caſco.

Alguns dias dantes ſe haverà lavrado primeiro bem o caſco, & applicado dentro na ſola huma pouca de manteiga crua, miſturada com farinha de cevada, para abrandar aquella parte, ſem alteraçàõ: logo ſe terà preparada huma ferradura de parafuſos daquella de que temos dado methodo no capitulo 18. do tratado da Cavallaria, ainda que os Italianos ſe ſervem das meſmas ferraduras ordinarias, com os canellos ſómente mais compridos. Tratarám logo com o puxavante bem amolado hir cortando ao redor entre a palma, & ao calco, ſeparando com o canto do meſmo pu-

xavante a palma da tapa, cortando toda a que poderem ſem muito ſangue entre a palma, & a cima; naõ adelgaçando porèm tanto a palma, que poſſa quebrar ao arrancar, & logo iraõ deſpegando a palma com a palheta de ferro, que tem o feitio como lingoa, & eſtando deſpegada por huma ponta, lhe pegarão com a torqueſa; & a arrancarão inteira; & he neceſſario força, para que ſe faça cõ preſteza: advertirão logo ſe fica alguma couſa da palma velha, que ſerve depois de moleſtia, & de impedimento à formatura, & crecença da palma nova, & ſe deixará ſangrar o pè, ou maõ abundante mente.

Algumas vezes coſtuma o ſangue, per ſi meſmo eſtancarſe mais cedo do neceſſario. Porèm quando ſe naõ eſtanque, atarám huma atadura muito bem apertada na quartela, que pararà logo, entam ſe lavarà toda a chaga com ſal, & vinagre, & ſe lhe porà em toda ella hum adſtringente de felugem, vinagre, claras de ovos, embebido tudo em huma eſtriga, com ſeus panos em cima, & ao redor; & ſe lhe porà a ferradura de parafuſos por cima de tudo iſto. E quando não aja eſta, lhe faràm huma taboinha do tamanho do caſco muito leve, & delgada no aſſento delle; & ao redor do caſca, ſe apertarà huma cataplaſma do meſmo adſtringente em outra eſtriga, & por toda a quartela, & ajunta acima, ſe untarà huma vez cada dia com a carga, & compoſiçaõ adiante eſcrita no capitulo 13. juntandolhe a terça parte do bolo Armenio.

Dahi a dous dias ſe fomentarà o adſtringente por cima do outro, ſem deſpegar a eſtriga da palma, mas embebendoo ſómente nella: hiràm continuando depois a compoſiçam da carga, ſobre a palma, junto nella o bolo Armenio (como diſſemos) que he o melhor remedio, que ſe ha de continuar, porque ſem outro algum mais, coſtuma vir a palma perfeitamente.

Teràm advertencia ſe a carne ſobrepuxa em alguma parte; porque entam ſe lhe ham de applica em cima ortigas pizadas, & tornar aipor o aparelho ordinario; & ſe em alguma parte da palma ouver carne eſponjoſa, & ſanguinolenta, ou pizada, que impede

pede o tornar ā palma, ſe lhe applicarám pòs de pedra hume para a gaſtar.

Se a palma tardar em vir, & a chaga eſtiver em carne, ſe lhe applicarám em cima pizadas as folhas de huma erva a que chamaõ (lampaſos) que tem huns botoẽs, que ſe pegam nos veſtidos, a que alguns chamaõ amores.

Outras vezes a palma pòde vir mui humida, & entam ſe lhe ham de pòr ſómente fios, ou eſtriga, com pouca clara de ovo.

Se a palma vier mui ſeca; & aſpera ſe lhe applicará da carga do capitulo 13. ſendo bolo Armenio, & ſe lhe porá quente.

Se a palma apalpandote com o dedo ſe achar que vem mui branda, & que nam quer tomar a dureza neceſſaria; ſe lhe applicarà em eſtriga o emplaſto, feito com duas partes de breu, & huma de cebo de carneiro, tudo derretido, & unido.

Se em alguma parte da palma naõ quizer vir a dita palma, ſe lhe applicará de trementina de veneza taõ lavada primeiro que ſe faça branca como papel, huma quarta unida com duas gemas de ovos.

Averá mais grande advertencia, em que o cavallo naõ molhe o pé, ou maõ em todo o tempo da cura, & eſteja ſobre palha freſca, & branda, que ſendo curado com todo o cuidado, lhe virà taõ boa palma como a dos outros pès.

CAPITULO 13.

De como ſe haõ de fazer as cargas perfeitas para os cavallos.

TOdo o Alveitar curioſo, & amigo de ganhar opiniam, & fazenda, deſejando fazer bem ſua obrigaçam, deve ter ſempre feito em ſua caſa a carga, ou emmieleure, como os Francezes lhe chamam, que aqui receitarey, porque he medicamento que eſtà ſempre ſendo neceſſario, para a mayor parte das enfermidades dos

dos cavallos, com a qual ſe eſcuſam muitas drogas, & emplaſtos repetidos das boticas.

He remedio prompto para ſe acudir logo com elle a huma queda, pancada grade que dè hum cavallo, a hum esforço de cadeiras, a hum rendimento de rins, ou peitos, a hum agoamento, ou resfriamento, a hum tumor, que o reſolve, ou ſuppura perfeitamente; & emfim para outros infinitos achaques, de que a experiencia fará conhecer maravilhas, como eu com admiraveis ſucceſſos a tenho axperimentado: o meſmo confeſſam averem tido deſta untura os melhores Alveitares, & Authores eſtrangeiros, como os curioſos poderàm ver nos livros Francezes intitulados. La grande Mareſchallerie, o Mareſchal François, o Mareſchal Expert, o Parfait Mareſchal; & nos Italianos modernos como ſam Pietro Creſcenzo, Giordano Ruffo, Colombro, & outros muitos. He a fórma da carga, ou unguento da maneira ſeguinte.

Compoſiçaõ de Carga.

Meterà-n em huma caldeira dous arrates de ſebo de carneiro, que primeiro ſe haja derretido, & apartado delle as membranas, & hum arratel de unto de porco, feito tambem em pingo, tirandolhe o ſal em varias agoas da fonte, de azeite hum arratel, quatro quartilhos de vinho tinto bom; ferverá tudo eſpaço de duas horas: depois lhe lançaram pez negro, & pez branco, de cada hum, hum arratel, com duas onças de oleo de louro; & derretido tudo, ſe tirará do fogo, & fóra lhe lançarám de trementina commua, hum arratel; tudo mexido por eſpaço de hum quarto de hora: & aſtando eſta compoſiçaõ já meya fria, lhe lançaràm hum arratel, & meyo de mel commum, duas onças de cominhos em pò, & hum quartilho de agoa ardente fina; & ſe engroſſa á com alguma farinha triga peneirada a que baſte, para que fique em fórma de unguento, mexendo ſempre tudo até que eſteja frio. Eſta compoſiçaõ de carga, ou unguento; ſendo bem feita, aſſim como digo, ſe conſerva hum anno, & dous

com

com toda a ſua virtude, eſtando cuberta, & em parte onde naõ aja humidades. Juntaſe a eſta quantidade de compoſiçaõ tres arrates debolo Armenio, quando he para repercurtir fluxam, & fortificar huma parte para cavallos abertos, esforço, & rendimento de paz, de cadeiras rins, resfriamentos, & outtos achaques que em ſeus lugares diremos. Para o que confórme eſtas quantidades, ſe tomará do unguento dous, ou tres arrates, ou o que for neceſſario, para a occaſiam, que ſe offerecer, & conforme ao que ſe tira, ſe lança, & ſe une nelle dos pòs de bolo Armenio o que baſte, confórme aquella quantidade. Para ſe applicar eſta carga, ſe aquenta ſó a neceſſaria em huma caçoula, ou tacho, & ſe eſtá groſſa, ſe lhe miſturará borra de vinho tinto, & em falta, o meſmo vinho; & ſe ficar rara ſe lhe miſture farinha triga, ou centeya peneirada. Eſta carga ſendo bem feita, ſe coſtuma pegar, & conſervar mui bem nas pernas, & em todas as mais partes, porèm quando por algum erro de mal feita ſe nam pegue bem, lhe miſturarám mais trementina, & pez negro.

Eſta carga ſe ha de applicar o maisquente que for poſſivel, & quanto a maõ com que ſe unta poder ſofrer, embebendo cõ grande esfregaçaõ para a fazer penetrar; & quando ſe mete dentro em algum caſco, pòde ir fervente.

Naõ ſe tira eſta carba, atè o cavallo ſarar, antes ſe reforma as vezes, que parecem neceſſarias; & depois ſe deſpega com vinho quente, que naõ he muito difficultoſa de ſahir.

Ha tambem outras cargas muito boas, & muito faceis para fortificar as pernas, & maõs dos cavallos, & diſſipar os humores quando naõ ſaõ agoamentos, ou grande extremo de males, como ſaõ as ſeguintes.

Carga.

Ferveràm em huma caldeira, borra de vinho tinto, & lhe lançarám farinha triga a que baſte para ſe engroſſar, como papas, & aſſim mui bem quente, com que naõ eſcalde, carregaraõ

garàm o cavallo por todas as partes coſtumadas, esfregando muito bem para que penetre, & pegue.

Outra carga.

Ferveràm eſterco de boys, ou vacas freſco; com vinagre, & carregarám o cavallo em quente, porque para o enxugar, & adoçar as pernas, & mãos muito trabalhadas, he bom remedio; como tambem para os caſcos por dentro, & por fóra, & fazendo tam bom effeito, he muito facil:

Outra.

Para hum repente, tomarám agoa ardente em hum alguidar; & ſangrarám o cavallo ſobre ella mexendo ſempre; tirando dous, ou tres arrates de ſangue; conforme a neceſſidade, forças, & corpo do cavallo, & que ſeja a quantidade de agoa ardente tanta como o ſangue: & lhe lançarán farinha triga, ou centeya peneirada, & carregarám o cavallo. He boa carga eſta para os cavallos; que ſaem quebrantados, & pizados do trabalho de humas grandes feſtas, ou campanhas.

CAPITULO 14.

Dos ſinaes, & obſervaçaõ, para conhecer todo o cavallo doente.

COmo o cavallo he hum animal falto de razam, & que naõ ſabe queixarſe, & dizer o ſeu mal, & padece muitas vezes doenças, que ſe naõ manifeſtam; he neceſſario excogitar todas as indicaçoens poſſiveis, para ſe conhecer quando eſtà doente, como tambem a qualidade do achaque que padece.

Huma das principaes demonſtraçoens, que o cavallo dà logo em ſe ſentindo doente; he o faſtio: outro ſinal, que poucas vezes falta, ſam os olhos triſtes, ou alterados.

Toda a peſſoa que tiver muita experiencia dos achaques dos cavallos, ſó com reparar bem nos olhos, conhecerá o que eſtá

eſtá enfermõ; que parece ſam eſpelho, em que ſe eſtam vendo os achaques.

Advertiràm tambem ſe tem as orelhas mais derribadas do coſtumado, ſe as tem frias, & a boca eſquentada, cheya de baba groſſa, & pegadiça, a lingoa ſeca, & quente; o pello nas verilhas, & mais extremidades, arripiado; o eſterco duro, & negro, ou eſverdeado; ſe a ourina naõ he dourada, ſe naõ crua, & branca, ou muito vermelha; ſe lhe choram os olhos; ſe o beiço debaixo eſtà pendurado, & apartado dos dentes, ſe tem a cabeça baixa, carregada; ſe afroxa andando, ou canſa logo ſuando ſuor frio, ſendo dantes vivo, & ligeiro; ſe vendoſe entre outros cavallos ſe nam alegra, coſtumando dantes fazelo; ſe ſe levanta, & deita a meüdo na eſtrebaria; ſe cheira as ilhargas, & olha muito para as verilhas, torcendo o corpo para huma, ou outra parte; ſe o coraçaõ, & pulſo lhe palpita muito, o que ſe conhece pondolhe a mam por baixo da pá eſquerda, pela parte das cilhas, & por outros muitos mais ſinaes moſtram os cavallos logo, que eſtam doentes.

Repareſe logo o que mais importa, que he ſaber conhecer, & differençar o achaque que padece, & as cauſas delle, ſendo certo, que eſte conhecimento nos cavallos em muitos achaques he bem difficultoſo de alcançar, porque nam fallam, nem pòdem dizer aonde tem a dor: & aſſim convem excogitar a mayor parte de ſeus males por indicios, & conſequencias para lhes applicar os remedios com propriedade a elles. Para o que convem naquelles, que ſe naõ manifeſtaõ com clareza, eſtar muito tempo, junto ao cavallo, aſſim fôra da eſtrebaria, como nella: reparando com toda a attençaõ em todas as minimas acçoẽs, para vir a alcançar a certeza da qualidade da doença; que por falta deſte conhecimento he, que ſuccede mal em muitas curas aos Alveitares pouco experimentados; porque nam vendo hum cavallo mais, que hum inſtante, ſe reſolvem logo a capitular o achaque, & a applicarlhe o remedio, ſendo impoſſivel o alcançarem o conhecimento delle, naõ ſendo ao

menos

menos mui patente, quando os mais doutos Philoſophos confeſſáraõ, ſerem as enfermidades mui difficeis de conhecer, ainda nos homens, co no diz Hypocrates: *Occaſio præceps, ſtudium difficile, experimentum periculoſum.* E aſſi n a experiencia nos faz conhecer cada dia o difficil, & perigo nas curas, quando dos achaques falte o conhecimento.

CAPITULO 15.

Da Birra.

COmo o meu intento he, ir deſcrevendo todos os achaques dos cavallos, começando da boca, & continuando pela cabeça, & todo o corpo atè as *ferraduras dos* pès (como tenho dito) naõ quero aqui deixar de fazer menção da birra, ſuppoſto que nas melhores opinioens ſe tem averiguado ſeja vicio, & naõ achaque, como diſſe *jà* no tratado da Cavallaria entre os vicios dos cavallos. Naõ quero comtudo deixar de ſatisfazer às opinioẽs contrarias, para que aquelles que dizem que he achaque, lhe achem o remedio.

Dizem eſtes que por ter o cavallo a garganta muito eſtreita, & voltada, ou dobrada junto às queixadas, ſe ajudaõ de ferrar os dentes na manjadoura, para fazerem mais força ao engolir os mantimentos. Porèm de qualquer ſorte que ſeja, he *ſempre de* prejuizo ao cavallo; porque he certo lhe faz ganhar ventoſidade, gaſtar os dentes, & perder a cevada da boca. Remedeaſe eſte achaque, ou vicio, com ſe por ao cavallo huma argola de ferro, de largura de tres, ou quatro dedos, no peſcoço, junto às queixadas apertada muito bem, mas de ſorte que poſſa comer, & reſpirar, com a qual naõ ferrará os dentes, & tambem coſtuma baſtar hũa cinta larga de couro groſſo, & duro.

Muitos cavallos nam ferram mais os dentes, ſe os poem em manjadouras de pedra, ou nam os tendo em manjadou-

ra,

ra; mas sómentẽ presos a huma argola, dandolhẽ a rẽçaõ em hum embornal de pano, pendurado da cabeça, como se usa nas campanhas, & com este costume se esquecem, & vem a perder o tal defeito.

CAPITULO 16.

Da Fava.

HE a fava huma inchaçam de carne dura; quasi como huma avelãa, ou fava propriamente, que crece no padar da boca, pegada aos dous dentes do meyo, mui ordinaria na mayor parte dos cavallos, especialmente em quanto novos; a qual se manifesta logo aos olhos, & ao tacto.

Esta se tira com hum ferro, que todos os Alveitares tem para isso, aquentando-o primeiro no fogo, com que và melhor; & com advertencia que naõ carregue, nem toque sobre as raizes dos dentes: & para se fazer bem, se ha de abrir a boca com a grade que costumaõ, desviando a lingoa para que a naõ escaldem.

Qualquer moço de farrador sabe tirar estas favas, & por isso naõ saõ necessarias mais declaraçoens.

CAPITULO 17.

Da Boca cheya.

MUytas vezes com a crecença de sangue incham todos os tolanos do padar da boca do cavallo, mais ordinariamente sendo novos, & incham algumas vezes de sorte, que passam abaixo dos dentes, impedindo o comer ao cavallo. A isto chamaõ ter o cavallo a boca cheya.

Remedea se logo este achaque, picando esta inchaçaõ com hum

hum cravo, ou lanceta nos meſmos tolanos, fazendo o pique nos primeiros tolanos, no meyo delles, & naõ nas dobras, eſpremendo todo o padar para os deſpejar. Depois que tiverem lançado baſtante ſangue, ſe coſtuma eſtancar por ſi meſmo, & quando o naõ faça, ſe dè de beber ao cavallo agoa bem fria, com que parará, ou com farelos molhados, ou levantandolhe a boca para cima com huma corda, como ſe faz para lançar beberagens.

CAPITULO 18.

Dos Capinhos, ou Barbeloẽs.

DEbaixo da lingoa dos cavallos no canal da boca, nacem humas pequenas crecenças de carne, que chamaõ çapinhos: eſtas tirando a lingoa para huma parte ſe vem, & manifeſtam logo, coſtumam impedir muito o beber ao cavallo.

O remedio naõ he mais que cortalos com huma theſoura, & ſem outra couſa mais ſáraõ logo por ſi meſmo.

CAPITULO 19.

Dos Sobredentes.

MUytas vezes ſuccede, que hum cavallo de muita eſtimaçaõ ſe perde, emmagrecendo, & pondoſe em miſeravel eſtado, por naõ poder comer; & procede iſto algumas vezes de ter ſobredentes, ou dentes de lobo, como os Francezes lhe chamaõ, que ſaõ alguns dentes, que nacem cavalgados ſobre os maſtigadouros queixaes, humas vezes pela parte de dentro moleſtando, & picando grandemente a lingoa, quando o cavallo maſtiga, & outras pela parte de fóra, eſtimulando os beiços, & gengivas.

Crecem eſtes dentes de ſorte, que por naõ terem ſobre as pontas outros, que os gaſtem, q̃ chegaõ os de fóra a furar os beiços; &

os

os de dentro a carne das queixadas, & com ſer eſta incommodidade, ſe remedea (ſendo advertida) com muita facilidade.

Abrirſe-ha mui bem a boca ao cavallo com a grade, & paſſo de ferro, no qual embrulharaõ hum pano , ou eſtofo , que naõ moleſte a dureza do ferro as gengivas, & deſviando a lingoa para huma parte , ſe cortarà o tal dente, ou a demaſia delle com hum eſcarpo , ou goiva , mui bem amollada , & ſutil, & ſe o dente naõ tiver mais que alguma ponta ſómente, que offenda , baſtarà gaſtarſe eſta com huma lima bem picada.

Eſte defeito ſe acha mais ordinariamente nos cavallos velhos , do que nos novos, com que he neceſſario ſe attente muito a iſſo.

CAPITULO 20.

Da boca ferida.

QUando o freyo por aſpero, ou por a maõ do cavalleiro ſer deſabrida , carrega muito ſobre os aſſentos , ſe coſtumaõ laſtimar , & fazer chagas naquelle lugar, que ſerve de grande moleſtia aos cavallos

Naõ tendo eſtas paſſado a mais , ſe esfregaràm todos os dias ſete , ou outo vezes com mel rozado, & em poucos ſararàm naõ as aggravando com o freyo atè encourarem.

Porèm ſe o oſſo eſtiver offendido , levantada alguma laſca, ou ouver podridaõ , & ulcera , ſerá neceſſario deitar na parte cinco , ou ſeis onças de Vitriolo , tendo primeiro a boca mui bem abetta ao cavallo com a grade , & deſviada a lingoa , deixando-o eſtar aſſim meyo quarto de hora , para dar lugar a que o oleo penetre, & faça ſeu effeito , ſem que a baba o impida , depois ao dia ſeguinte, & aos mais ; esfregaràm a parte com mel rozado , que logo aquella podridaõ , & oſſos movidos , & eſtranhos por ſi meſmo cahiràõ , & como naõ ouver corrupçam , ſe irá lavando a parte com agoa ardente outo , ou dez vezes cada dia atè de todo

ſer ſam : & ſe dará folga ao cavallo para que a cuticula da parte ſe fortifique, pondolhe depois freyos de aſſentos brandos, groſſos, & lizos.

CAPITULO 21.

Da lingoa ferida.

SE o golpe na lingoa for pequeno ; naõ he neceſſario fazer-lhe couſa alguma, porque logo ſara por ſy meſmo. Se for grande, que quaſi parta a lingoa, ſe lhe daràm huns pontos com retrós, & teraõ o cavallo ſem comer alguns dias, dandolhe ſò beberagens ſubſtanciaes de farinhas trigas, de cevada, & de centeyo.

As feridas da lingoa ſam mui faceis de ſarar, aſſim o *he* tambem, quando por ſer a lingoa comprida, & *incommoda* ao enfreamento ſe corta : o que ſe faz (porèm com cautela) dando primeiro huma ſangria ao cavallo nos peitos, avendoo adientado huns dias, logo, ſe lhe corte aquella parte da lingoa ſuperflua com hũa tiſoura bem afida, & ſe cauteriſarà toda aquella parte com hum ferro vermelho no fogo ; & eſtarà o callo ſem comer algũs dias, dandolhe ſòmente beberagens, & dado que a lingoa lhe inche lhe daraõ mais ſangrias, lavandolhe a boca com hum lavatorio de vinho, rozas, tanchagem, cevada com caſca, & açucar. Da meſma ſorte ſe raſgaõ, & curaõ os beiços quando a boca por pequena impede o enfreamento.

Tambem ha huma enfermidade na lingoa, que chamaõ (*peanha*) porque os cavallos, que padecem a tem tambem nos pès, & maõs ; faz humas chaguinhas cubertas de graõſinhos, como milheras de peixe. Eſtas ſe raſpaõ com huma navalha, ſangraſe o cavallo debaixo da lingoa, & ſe lavaõ a meùdo as chagas com hum lavatorio de agoa de tanchagem, ſal, pedrahume, ouregaõs, mel roſado, vinho tinto ; continuando atè ſararem.

CAPITULO 22.

Do faſtio dos cavallos, & dos remedios para os fazer comer.

SAõ tantas, & taõ diverſas as cauſas, porque os cavallos perdem a vontade de comer em todo, ou em parte, que ſeria neceſſario nomearmos aqui todas as enfermidades, para dizermos todas as cauſas, & aſſim direi ſómente aquellas, que ſem ſer por doença interior, ou manifeſta os enfaſtia, enſinando os meyos para os fazer comer.

Quando o cavallo enfaſtiado eſfregar muito os beiços, & queixadas pela manjadoura, he neceſſario verlhe os beiços pela parte de dentro, porque coſtumão criar huns bichinhos, com que logo ſe manifeſta huma quantidade de bexigas pequenas, & eſta incommodidade lhe tira totalmente a vontade de comer, pondoſe magros, & debilitados.

O remedio he, cortar com huma navalha todas aquellas bexigas, ſem deixar alguma, porque baſta a minima que fique para tornarẽ a nacer mais em breve tempo, & depois de cortadas eſfregar aquella parte com ſal, & vinagre, & logo ſe verà como o cavallo come brevemente, & perde o faſtio.

Tambem ſe advirtirá, ſe o cavallo tem os tolanos do padar muito inchados, a que chamão (boca chea,) de que jà fizemos mençaõ em o Capitulo 17. Darſe-ha nelles huma ſangria, & naõ ſe alcançando a cauſa certa de faſtio; ſempre he ſeguro eſte remedio das ſangrias, as quaes qualquer moço de mulas, ou almocreve as póde dar cõ a ponta de hum prègo. Em Alemanha as fazem eſtes com hum corno de veado aguçado, que trazem à cinta pendurado, como arma de ferir, & a eſta ſangria chamaõ dar hum golpe de corno.

Se o cavallo naõ perder o faſtio, ſerà neceſſario pólo no maſtigadouro duas horas de manhãa, & duas de tarde a desfleumar, lavarlhe mui bem a boca, & os limos que tiver nella com vinagre, ſal, & ouregãos.

Se

Se for tempo de rabaõs, ſe lhe darám a comer com as meſmas folhas; que eſtes lhe abrem muito a vontade de comer.

Se tiver muito calor, & arquejar a meudo com as ilhargas, he bom darlhe em meya canada de agoa de almeiroẽs, meya onça de triaga bem desfeita; & em falta della orvietaõ, que iſto lhe conſumi á as cruezas do eſtomago, que lhe tiraõ a vontade de comer, & he ſempre bom remedio, & ſeguro.

Tambem he bom para tirar o faſtio ao cavallo, fazerlhe maſtigar a erva que chamaõ (Sabina,) porque as folhas, & ramos delle fazem apetecer o comer; & tambem pizadas as folhas, & miſturadas com cevada, & farelo, ſaõ uteis para lhe tirar o faſtio, & apetecer o mantimento.

Tambem hé bom remedio para abrir a vontade de comer ao cavallo, meter em huma panela, de agraço, ou de vinagre, hum quartilho, tres dentes de alho meyos pizados, meyo punho de ſal; mexido tudo, & lavarlhe a boca a meùdo com hum pano, embrulhado na ponta de hum pao; lavandoſelhe primeiro a boca com agoa freſca, & tendoo hum pouco no maſtigadouro; que iſto lhe abrirá a vontade de comer, tirandolhe todo o faſtio.

Se o cavallo (depois deſtas diligencias) ainda naó comer, ſe lhe meterá na boca a maſtigar hum pao de loureiro, ou figueira, untado de mel rozado, repetindoo aſſim muitas vezes.

Como o cavallo ſem comer morre, ou comendo mal ſe vay conſumindo; he neceſſario buſcar todos os remedios para lhe fazer perder o faſtio, & aſſim ſerá conveniente fazer o ſeguinte remedio, que hé muito efficaz.

Para o faſtio.

Tomarám dous arrates de miolo de paõ branco relado, & molhado em agraço, & em falta deſte, em vinagre; deitarſelheaõ quatro colheres de meza, cheas de ſal, & outras quatro de mel violado, & em falta baſtarà o commum; amaſſado, & envolto tudo iſto, ſe meterà em huma panela, & ſe fará ferver a fogo lento hum quarto de hora; depois ſe lhe lançarâ de canela meya onça; cravos piſados doze, hũa nòs noſcada, meyo arratel de cevada; tudo mui bem piſado, & miſturado, ſe tornará a fogo lento, para ſe encorporar,

& o fogo ſeja pouco para que a virtude das drogás aromaticas ſe naõ exhale.

Para ſe uſar eſte remedio, he o melhor modo, tomar hum nervo de boy ſeco, & pór de molho a ponta mais groſſa huma noute, ou fazella maſtigar ao cavallo primeiro, que logo abrandará, & pizala com hum martelo; & untandoa aſſim, muito bem enſopada na maſſa; ſe meterà na boca do cavallo bem acima, deixaandoo maſtigar hum pouco, & logo tornando a untar o nervo; continuar o meſmo tres, ou qaatro vezes, & depois lançarlhe de comer; fazendo eſta diligencia de tres em tres horas, alimpando o nervo mui bem das fleumas, & viſcoſidades todas as vezes que o tirarem, antes de o tornarem a untar, & ſe pòde chegar com elle mui bem à garganta eſtando brando, porque alimpa, & deſempede; & os cavallos, que tem comido alguma pena ſe facilitam com eſta meſinha applicada no meſmo nervo; adeitala logo. Eſte remedio ſe tem viſto abſolutamente fazer grandes effeitos.

CAPITULO 23.

Dos cavallos, que deixaõ de comer por doenças graves, & que ſuſtento ſe lhes deve dar.

SE os cavallos por doenças, que padecem perdem a vontade de comer totalmente, he neſſario para os naõ deixar morrer fazelos engolir à força algum ſuſtento, pois lhes falta o diſcurſo, & a razaõ que tem os homens, que os obriga a comer nos achaques, ſem terem vontade. Para o que naõ ha outro remedio mais, que o commum, & ordinario de ſelhe deitarem beberagens por hum corno, tendolhe a cabeça, & boca levantada.

Neſtas beberagens ſe praticaõ uſualmente grandiſſimos erros; porque os cavallos, que eſtaõ com febre, debilitaçaõ, & falta de forças, lhe coſtumaõ dar caldos de frangos, & galinhas, leites, & outras potagens de viandas ſubſtanciaes, parecendolhes, que o meſmo ſuſtento, que he bom para os homens, he conveniente

para os cavallos, naõ entendendo, que aos animaes ſe lhes deve dar o ſuſtento, conforme ſua natureza; como ſe vè, que a carne he boa para o caõ, & a naõ come o cavallo, & da meſma ſorte, a palha; q̃ dà mantimento ao cavallo, naõ ſerve ao caõ, & aſſim na mais diverſidade de mantimentos. Naõ advertindo, os que erradamente uſam eſtas potagens, que os comeres groſſos, gordos, & de grayxa, que para os homens ſaõ uteis, & ſubſtanciaes, ſaõ para as naterezas dos cavallos indigeſtos, & improprios, convertendoſe em veneno, & cauſandolhe mayores danos, como tambem hum ſummo faſtio, para naõ poderem comer os mantimentos naturaes, pois como todos ſabem he impedimento total para os cavallos naõ comerem, o untaremlhe a boca, & dentes com ſebo, ou grayxa eſtando ſaõs, quanto mais doentes.

Pelo que direi os ſuſtentos ſomente que ſe pòdem dar com ſegurança aos cavallos doentes em geral, porque pouco differem para huns, ou outros achaques; entendendo-ſe daquelles cavallos, que naõ comem nada mais, que aquillo, que ſe lhe lançar com o corno.

Beberagens para os cavallos doentes.

A farinha de cevada branca peneirada, (porque com a caſca naõ convem) he a melhor de todas as beberagens, dada em agoa mais quente, que morna, mui bem desfeita, & unida nella, dá bom ſuſtento; & facil de digerir, brando, & conveniente em todos os achaques dos cavallos, muito familiar nas febres, & alteraçoẽs de ſangue.

Logo a farinha de trigo, dada na meſma fórma, & eſta pòde levar tambem o farelo; que do trigo he mais conveniente.

Tambem a farinha de centeyo, ou milho grande, ſe póde dar (naõ avendo febre) na falta das outras: & neſtas beberagens ſe podem unir as medicinas, que forem conformes, & convenientes à enfermidade, que padecer o cavallo.

CAPITULO 24.

Do fluxo de ſangue pela boca.

POr muitas cauſas coſtuma ſucceder fluxo de ſangue ao cavallo pela boca, ou ventas, & algumas vezes por ambas as partes juntamente.

Succede eſte accidente por quedas, pancadas de cabeça, grande trabalho em tempo de calmas, fervor de ſangue, ou toſſe grande, & outras muitas cauſas.

O melhor remedio neſtas occaſioens, he o mais prompto, pelo riſco que ha na dilaçaõ delle.

Coſtumaõ muitas vezes baſtar para eſtancar o fluxo de ſangue, meter o cavallo logo com todo o corpo no rio, ou preza de agoa, deitandolha tambem pela cabeça, avendolhe primeiro embebido pelas ventas tanchagem, myrrha, incenſo, & ortigas, tudo pizado.

Em caſo que logo naõ eſtanque, ſangrarſe-ha na vea das bragadas na perna direita, abrindo pouco a vea, para q̃ a ſangria corra mais dilatada, & naõ baſtando ainda, ſe lhe levantarà a cabeça, dandolhe pelo corno a bebida ſeguinte.

Beberagem para eſtancar o fluxo de ſangue.

Tomaràm agoa eſtillada de golfaõs quatro onças, de pòs de bolo Armenio quatro outavas, de myrrah, & incenſo, cada huma duas outavas, agoa de tanchagem eſtillada cinco onças, de vinagre quatro onças, ſeis claras de ovos mui bem batidas, & miſturado tudo em frio ſe dará a beber, repetindo algumas vezes.

E ſendo pelas ventas, ſe ſiringaràm com agoa de tanchagem de erva moura, & de ortigas, claras de ovos batidas, & pós de bolo Armenio.

Advirtaſe, que ſe a fluxaõ proceder de toſſe forte, ſe darà a bebida que diſſemos quente, & para as demais cauſas fria.

Se eſtiver o cavallo repleto, ſe lhe dará hũa ajuda de malvas, alface, tanchagem, chicorias, & borragens, cozidas em ſete quartilhos

tilhos de vinho tinto, com meyo arratel de mel rozado, & huma quarta de manteiga crua.

Tambem coſtumaõ eſtancar os fluxos de ſangue com fortes eſfregaçoẽs de pernas, & braços, atando depois de as fazer no alto dellas humas correas, ou cordas mui apertadas.

CAPITULO 25.

Das chagas, & callos, que ſe fazem na barbada. do cavallo.

COſtumaõ muitos cavallos terem chagas no lugar da barbada, que he aonde aſſenta a barbella, por cauſa de ſerem duros os aſſentos da boca, & carregar toda a força ſobre aquelle lugar. Outras vezes por ſer a barbella mui delgada, ou de quinas vivas, que ferem, & penetraõ o couro. Tambem as maõs aſperas, & deſabridas de alguns cavalleiros, ſam occaſiaõ de fazerẽm chagas em todo o cavallo.

Eſtas ſe curaõ lavando-as primeiro com agoa ardente; depois applicando ſobre ella hum deſeſtivo de mel rozado, termentina, pedra hume, queimada em pò, com todo o ovo, & dando folga ao cavallo ſararà logo.

Tambem ſe coſtumaõ criar nelle lugar algus callos taõ duros, que impedem o bom enfreamento dos cavallos, naõ recebendo ſentimento algum naquelle lugar.

Eſtes ſe remedeam, abrindo o couro cõ huma navalha, & cortando toda a dureza calloſa, & cautirizar com fogo actual a parte, & depois curando a chaga com ſeu deſitivo ordinario.

CAPITULO 26.

Das chagas, ou ulceras de dentro das ventas.

QUando os cavallos fazem alguma larga purgaçaõ pe-las ventas de humores acres, callidos & mordazes; co-ſtumaõ fazer chagas por dentro, por todo aquelle lu-gar por donde correm.

O principal remedio, he acudir a curar a cauſa da fluxaõ, que ſerá pelo modo, que adiante diremos em ſeu lugar, porque parada ella, logo fica facil o remedio. Haõ de lavarſe as ventas com hum ſiringatorio de mel rozado, leite de mulher, azei-te ſem ſal, & agoa rozada, muitas vezes ſem nada, parando a fluxaõ, ſaraõ por ſy eſtas chagas.

CAPITULO 27.

Da fluxaõ dos olhos.

COſtumaõ os cavallos ter muitas, & varias enfermidades nos olhos por differentes cauſas, que pelos accidentes ſe deixaõ conhecer.

Quando a fluxaõ do olho o inflama, inchando, dei-tando lagrimas callidas, & acrimonioſas, eſcaldando al-gumas vezes a parte por donde correm, & tendo o cavallo o olho fechado, ou pouco aberto, he neceſſario ſangralo logo nos peitos; & applicaalhe ao redor do olho, affaſtado delle o defenſivo ſeguinte.

Defenſivo para o olho inflamado.

Tomaràm bolo Armenio em pò, vinagre, & claras de ovos batidas, diſto o que baſte, ſe applicarà ao redor do olho, mudan-doſe duas vezes no dia, & dentro no olho ſe deitaràm duas vezes cada dia tres, ou quatro gotas da agoa ſeguinte.

Agoa para o olho inflamado.

Tomaraõ hũ ovo cozido, & tirada a caſca, ſe abrirà pelo meyo,

&

& tirada a gema ſe encherá o lugar della de caparroza branca ; & ſe tornará a unir o ovo, atando-o muito bem com hum fio, & aſſim ſe porà de molho em meyo quartilho de agoa rozada, que o cubra por eſpaço de ſeis horas, que paſſadas ſe deitará o ovo fóra, & ſe uſará deſta agoa rozada, de que tenho experimentado grandes effeitos na fórma, que digo.

A virtude deſta agoa, he tirar o fogo, empedir a fluxaõ, & desfazer a nevoa ; porèm advirtaſe, que perde a virtude paſſando de outo dias, & ſe corrompe, & faz azeda.

Tambem he bom pòr ſobre a inflamaçaõ do olho ; panos molhados em agoa rozada, leite de mulher, claras de ovos, & açucar candil.

Outro remedio para aplicar ſobre a inflamaçaõ do olho.

Tomiràm o miolo de huma maçãa camoeza, aſſada primeiro, & applicada quaſi frio ſobre o olho, mitiga muito a dor, & aplaca a fluxaõ.

Outro remedio.

Tomarám unto de lebre, & derretido no fogo ſe coará por hum pano, & o pingo, que cair, ſe lavará muito bem em agoa de tanchagem, & feita delle huma bolaſinha, ſe ha de pòr na cova, que eſtá acima da ſobrancelha, & ſobre ella ſe porá huma paſtaſinha de chumbo larga, mas mui branda, & delgada como hum vintem, atando por cima hum pano, que a comprima, para que ſe và derretendo a bola, & poſſa penetrar.

Advirtaſe, que para todas as applicaçoẽs de remedio neſtas partes, he neceſſario, que ſe fure hum pano por donde ſayaõ as orelhas do cavallo, & que venha por cima dos olhos a atar por baixo das queixadas, porque de outra ſorte naõ poderàõ nunca eſtar firmes, nem em ſeu lugar as meſinhas.

Tambem ſe deve reparar, que ha fluxaõ de olhos tam leve, que naõ neceſſita deſtas applicaçoens de remedios ; que ſòmente com os lavarem com agoa freſca ſeis, ou ſete vezes no dia, & cõ duas ſangrias ſaraõ logo.

CAPI-

CAPITULO 28.

Da pancada, ou golpe sobre o olho.

QUando hum cavallo recebe alguma pancada grande sobre o olho, ou com vara dentro delle, ou golpe, he necessario primeiro de tudo picarlhe a orelha da mesma parte na ponta, & fazerlhe lançar algum sangue, espremendoa, & puxandoa, como tambem espremer a ferida, que o cavallo tiver, & logo o sangraràm nos peitos, repetindo as sangrias conforme os accidentes.

Sobre o olho applicarám miolo de paõ branco tostado no fogo, & ensopado em vinho, sendo para o golpe, ou pancada; & para os mais accidentes, se póde usar dos remedios, que dissemos atràs.

Tambem he remedio mui excellente para toda a doença, ou seja de golpe, pancada, ou humores, o uso de huma mesinha, que chamaõ (Lapis admirabilis) a qual se faz da maneira seguinte.

Lapis admirabilis para os olhos.

Tomaràm caparroza branca dous arrates, pedra hume tres arrates, bolo Armenio meyo arratel, litargirio de ouro duas onças, tudo em pò se porá em hũa panela nova, & melhor vidrada cõ seis quartilhos de agoa, & ferverá em fogo de brazas lento, & sem fumo, mexendose algũas vezes atè se gastar a agoa, & ficará no fundo huma massa endurecida, que he a que chamaõ (Lapis admirabilis.)

Desta se toma meya onça, & se deita em tres de agoa da fonte, na qual se desfaz em breve tempo, fazendo toda a agoa branca como leyte mexendose. Desta se molharà o olho do cavallo, deitandolha dentro, & por fóra, porque desinflama, apaga o fogo, & impede as fluxoens.

Tambem he conveniente esta agoa para as chagas, & ulceras, porque as deseca, alimpa, & sara em breve tempo, como para as fluxoẽs todas dos olhos, & ainda dos lunaticos he excellente.

Depois

Depois que o cavallo tiver o olho desinflamado; & se tiver tirado o calor estranho todo com a virtude das mesinhas, & ficar o olho com alguma nevoa, se meterà dentro nelle sal de chumbo, a que chamaõ (Sal de Saturno,) que para as nevoas he de grande virtude, pouco mordicante, & com a sua frialdade ajuda ainda aplacar o calor que ouver.

Advirtase que todos os pós que mando applicar nos olhos; se haõ de por nesta forma.

Modo de applicar os pôs dentro do olho do cavallo.

Levantaràm a pestana do olho com huma maõ, ou a faràm levantar por outra pessoa, tomarán os pôs na ponta do dedo polegar, & assi n os pegaràm no olho, deixando cair a pestana sobre elles, porque o uso ordinario dos Alveitares de os assoprarem por hum canudo, fazem desesperar hum cavallo, & tanto, que he segunda vez jà se naõ aquietaõ, nem os querem consentir.

Pós para gastar as nevoas dos olhos.

Tomaràm christal mineral, q̃ por outro nome se chama (Sal prunele,) & se farà em pò sutil, & applicado ao olho repetidas vezes, gasta a nevoa sem alterar, porque refresca.

A farinha triga bem peneirada, & sutil, tambem continuada gasta a nevoa, sem alteraçaõ.

CAPITULO 29.

Dos cavallos lunaticos.

OS cavallos Lunaticos saõ aquelles, que padecem ẽm certas conjunçoẽs de Lua, huma fluxaõ nos olhos, humas vezes em ambos, outras em hum só, & sobre a fluxaõ lhes fica o olho cuberto de nevoa, & algumas sem fluxaõ manifesta, lhe vem logo a nevoa.

He mais ordinario este achaque nos mingoantes da Lua, & algumas vezes no principio della. Alguns cavallos lhes toca de tres, em tres mezes, outros de seis em seis, & alguns mais a meùdo, & sem guardar regra.

He

He mais ordinario eſte achaque, quando os cavallos comem palha, do que eſtando de verde; porque purgando melhor com elle evacuaõ, & deſiſtem aquelle humor.

Eſte mal he heredetario, & muyto prejudicial, porque continuando a repetir muitas vezes, vem a cegar os cavallos infallivelmente, ſe lhe naõ acodem com promptidaõ, & cuidado.

Os ſinaes para ſe conhecer eſta fluxaõ de Lua, ſe manifeſtaõ, eſtando com o accidente; porèm paſſado elle ficaõ muitas vezes tam claros, & bellos, que he muito difficultoſo o conheceremſe os olhos, o que tem da Lua; & ſómente os Alveitares que forem bem expertos, ſaberaò colher alguns indicios, como ſaõ o branco dos olhos, ſer mais amarellado o lagrimal vermelho, & logo mais eſcarnado do uſo das fluxoẽs, & todo o chriſtal do olho menos reſplandecente, & mui achumbado.

Nunca o cavallo Lunatico deve ſer ſangrado, ainda que tenha quaeſquer achaques de outra qualidade, porque o iràm cegando com muita brevidade, ſalvo em neceſſidade urgente de doença perigoſa, como febre, ou outra ſemelhante, em que corra riſco de vida; ſe naõ lhe acodirem com a ſangria, & entaõ ſe ſangra nas verilhas, ou bragadas.

Naõ ſe deve dar a comer ao cavallo graõ, em quanto dura o accidente, antes ſe lhe darà farelo de trigo, molhado, em lugar da reçam. No veràm he bom que durma fóra da eſtrebaria; porèm no inverno os frios, & ventos nortes, lhe ſam prejudiciacs.

O melhor remedio para eſta enfermidade, he, deitar ao cavallo no olho, aſſim no tempo da fluxaõ, como quando ſe teme, ou eſpera, o oleo de Saturno, porque tem particular ſimpatia com a Lua, & accidente dos olhos. E ainda quando eſtaõ claros, & bons, he remedio para os preſervar da Lua, & deitar dentro delles duas, ou tres gotas do oleo, de outo em outo dias; & quando falte o oleo ſe uſará na meſma fórma do Lapis admirabilis, que já diſſemos, deſfazendo tres onças delle em meyo quartilho de agoa rozada, & outro tanto de agoa de cerude.

S.

Se a nevoa for grande, & a fluxão não obedecer com risco de poder cegar o cavallo, se lhe abrirà o couro sutilmente á ilharga dos olhos de huma, & outra parte, abaixo das orelhas, no plaino das queixadas, & se meteràm debaixo da pele huns pedacinhos de raiz de Genciana, untados de basalicaõ, alimpando-os, & tornando-os a untar duas vezes cada dia.

Hum Author Inglez moderno, & douto aconselha, que ponhaõ sobre o olho nevoado, por espaço de vinte, & quatro horas, hum çapo, mirrado primeiro no lume, que logo lhe tirará a nevoa. Eu o não exprimentei nunca, porque com as mesinhas, que tenho referidas, remedici sempre os meus cavallos, & dos amigos; ajudandome tambem algumas vezes de huma obra de maõs, que sem se ver executar, se não pòde explicar.

CAPITULO 30.

Do tumor que nace entre as queixadas.

NAce hum tumor aos cavallos, entre as queixadas, pela parte debaixo, a huns mayor, & a outros menor, a que vulgarmente os Alveitares chamão mormo; como tambem o chamão a outras muitas enfermidades, com menos razão, que a esta; mas não vão de todo errados, porque como esta palavra (mormo) he derivada de (*morbus*) que significa doença, vem sempre a dizerem bem em lhe chamarem mormo.

A este humor, que a natureza costuma descarregar nesta parte, chamão os Francezes gourme, & nós mormo hereditario, porque tem mostrado a experiencia que poucos, ou nenhuns cavallos deixão de padecer este achaque; ou seja logo em potros; ou depois de mayor idade. Este humor parece comparado propriamente às bexigas, que ás pessoas vem, ou em menor, ou em mayor idade. Entendem os melhores Authores; que a origem deste tumor, trazem jà os potros do ventre da mãy; como tambem os Authores da Medicina dizem das bexigas.

Mas

Mas deve advertirſe, que nem ſempre a natureza deſcarrega eſte humor naquelle lugar de entre as queixadas, ſupoſto que alli ſeja mais ordinario; porque algumas vezes o deſcarrega em outros emuntorios, ou parte, que achou mais diſpoſta para receber, & muito ordinariamente o coſtuma expulſar em materias pelas ventas. O Tumor, de que aqui tratamos, ſe ha de curar na fórma ſeguinte.

Como ſe cura o Tumor entre as queixadas.

Raparàm o pello muito bem na parte, & ſe lhe applicaràm humas fomentaçoẽs de azeite de lubarga, grayxa de unto ſem ſal, oleo de amendoas doces, & de baſiliçaõ; tanta quantidade, como das outras couſas, tudo unido a fogo brando; untarſeha a parte esfregandoa muito bem, pondolhe em cima huma pelle de hum cordeiro, ou carneiro ludroſa, com a lãa para o tumor. Com iſto virá logo a ſuppurarſe, & tanto que moſtrar tacto de materia, ſe abrirà com hum cauteiro de fogo, dado debaixo para cima, & ſe naõ deixará ſair toda a materia de huma vez; metendolhe huma mecha molhada em oleo de aparicio, gema de ovo, & mel rozado; & paſſado tres dias ſe meterá untada em baſilicaõ, uſando as mechas muitos dias, ſem deixar tapar o buraco; valendoſe tambem das mechas de eſponja (ſe neceſſario for) para que haja lugar de ſe deſcarregar mui bem a natureza de todo aquelle humor maligno.

Se a ferida criar beiços, & ſe tapar muito cõm carne flacida, ſe untaràm as mechas com unguento Egypciaco, & ſe ainda aſſim naõ baſtar, ſe lhe tornará a dar fogo; advirtindoſe, que ſe naõ ſangre o cavallo, nem divirta o humor a outra parte.

Da meſma ſorte, ſe deve curar eſte apoſtema em qualquer outra parte, aonde apontar, cõ o meſmo cuidado na boa evacuaçaõ delle.

Quando a nutureza deſcarrega o humor pelos narizes, & ventas; no Capitulo 32. da fluxaõ do mormo pelas ventas; ſe acharà o como ſe deve ajudar, & facilitar a deſcarga delle.

CAPI-

CAPITULO 31.

Das Landoas, que nacem entre as queixadas.

SUposto que algumas Landoas, ſe achaõ entre as queixadas, que naõ ſaõ de conſequencia por ſerem pequenas, moventes, & faceis de reſolver; ha outras grandes, & fixas, que moſtraõ indicios de mormo.

Sendo fixas as Landoas, convem naquelle lugar fazelas vir a ſupuraçaõ, com os emollientes maturativos, & fomentaçoẽs, que forem neceſſarias; de que jà fallamos no capitulo atràs, pelas naõ repetirmos duas vezes.

Como ſe tiraõ as Landoas moventes.

As Landoas, que naõ eſtaõ muito unidas, & pegadas á garganta para ſe tirarem, ſe ha de abrir o couro, & cortalas com hũa faca de fogo actual, deſviando primeiro com os dedos, & naõ com iſtrumento de ferro os nervos, & ligamentos, que naõ recebam prejuizo; pegando na Landoa, & puxando por ella, atarlhe atràs nas raizes aonde ella eſtiver pegada huma linha forte muy bem apertada, & ſegura, com que o golpe de ferro ſeja entre a Landoa, & a linha, ſem a tocar o fogo, porque a naõ queime, ou deſate. Logo ſe meterà no vaſio donde ſe tira, humas pranchetas de fios untadas em Egypciaco, continuando todos os dias duas vezes, deminuindo a quantidade, atè que de todo ſare a chaga.

CAPITULO 23.

De toda a eſpecia do mormo.

HA muytas eſpecias de mormo, que padecem os cavallos; humas com menor força, que outras. Eſte achaque he procedido de intemperanças varias, como de paſſarem de hum grande, calor ao frio; ou de algum trabalho demaſiado, com que ſe eſquentàraõ, & deſtempéraõ as partes interiores; ou vindo o cavallo ſuado, & eſquen-

quentado o deixarão esfriar de repente, ou tambem por se derreterem os humores com algum calor estranho, ou por mao cozimento de ruins viandas, de que vem a proceder o mormo, & tambem a descarga delle, que sahe pelos narizes, & se conhece, & manifesta pela destillaçaõ, que faz de agoadilhas acres, ou materias pelas ventas, espirrando muitas vezes, outras tossindo, estando triste, & a cabeça carregada.

Por muitos sinaes deve conhecer o Alveitar esperto os quilates, ou graos da malignidade do mormo, como saõ deitar em huma tigela de agoa o humor, que sahe pelas ventas, o qual se se vai ao fundo, he final de podridaõ, & malignidade, porèm nadando em cima, naõ he de prejuizo grande, em razaõ de que aquelle humor, que se vai ao fundo, he materia, & se fica em cima, he sómente fleuma.

Logo tambem pelo bafo do cavallo, & respiraçaõ dos narizes, se conhece pelo cheiro bom, mao, ou peyor, & se entende logo se a fluxaõ procede de ulcera, & assim outros sinaes, que com a experiencia se conhecem.

Como se cura a fluxaõ do mormo pelos narizes.

Em todo o genero de mormo, que intenta a purgaçaõ pelas ventas, se haverà õ desta maneira. Naõ será sangrado o cavallo, se naõ em tres casos. O primeiro se com a tosse se lhe difficultar a respiraçaõ, q̃ se conhecerá pela ancia, & palpitaçaõ grande, & apressada das ilhargas. A segunda se o humor, ou mormo lhe fizer inflamaçaõ, ou impedimento na garganta, olhos, ou parte principal, que logo se manifesta. A terceira se tiver febre, & estiver repleçaõ, com presença de sangue, que se conhecerà, applicando a maõ debaixo da pá esquerda da parte das cilhas, aonde se acha a palpitaçaõ, & conhece o calor estranho, os lagrimaes vermelhos, a lingoa, & boca esquentada, a cabeça baixa, & triste, porque intentando a natureza a purgaçaõ pelas ventas, que he mui facil nos cavallos, & pòde ser copiosa, se naõ deve divertir para outro caminho, pelo grande risco, que tem de suffocar, & matar o cavallo, & sómente convem ajudar a purgaçaõ das ventas, que será da maneira seguinte.

Como ſe ha de fazer purgar o mormo pelas ventas.

Tomaràm duas penas de pato, das do meyo da aza, & ſe molharáõ as ramas dellas em manteiga derretida, & depois de ſe deixarem esfriar, ſe polvorizaráõ mui bem de pimenta, & tabaco partes iguaes, & aſſim as meteràõ pelas ventas acimo do cavallo, atandoas em baixo nos canos com humas linhas ſeguras, que vaõ pegar por de tràs das orelhas. Com iſto paſſearàm o cavallo de trote pela redea, & logo verám hir expellindo grande quantidade de humor, eſpirrando muito, & quando for tanto, que ſe pegue, & entupa os narizes, ſe ciringarám com duas partes de agoa ardente, & huma de azeite commum, batidos hum com outro, ſem ir ao fogo, por ſe naõ exhalar a virtude da agoa ardente.

Tambem ſe pòde deitar em cada humas das orelhas, huma bolazinha, como graõs de bico, feitas de manteiga crua, & oleo de amendoas doces.

Se o mormo do cavallo for mui forte, & naõ deſtillar ſe naõ mui pouco, ſe fará o remedio ſeguinte.

Outro remedio para fazer lançar o mormo pelas ventas.

Tomarám tanta manteiga freſca como hum ovo, eſta ſe porá a derreter, deitandolhe ao depois de fervida meyo copo de vinagre, & dez graõs de pimenta pizada, tudo mui bem mexido, ſe deitará mais quente, que morno (com que naõ eſcalde dentro as ventas do cavallo) ametade em cada humas dellas, lançada pelo corno, tendolhe para iſſo a cabeça levantada, & logo que ſe lhe lançar, ſe paſſeará o cavallo pela redea de trote.

Iſto ſe faz huma vez ſómente cada dia, ou hum *dia*, & *outro* naõ, fazendo ſe ſómente tres vezes, porque baſta, para que o cavallo naõ ſó deite todo o mormo, mas ainda os mais humores ruins os puxe todos, & vá purgando pel s ventas muitos dias.

Eſte remedio ſeguinte ſupoſto que he muito experimentado, naõ deixa de ſer algum tanto violento, pelo que ſe naõ deve continuar muito com elle aos cavallos muito fracos; & debilitados, eſpecialmente em tempo de muitos frios, ou grandes calmas, nem tambem a cavallos, que eſtejam muito enfermos, & te-

nhaõ

tenhaõ perdido de todo a vontade de comer.

Para fazer lançar o mormo com abundancia pelas ventas.

Tomaràm huma onça de tabaco de corda, cortado meùdo, & lançado de molho em hum quartilho de agoa ardente, por eſpaço de ſeis horas, ao depois ſe coara por hum pano, ſem ſe eſpremer.

Eſta agoa ardente aſſim coada, ſe darà pelas ventas ao cavallo amormado, ametade por cada huma, mandandoo logo paſſear pela redea de trote meya hora, havendo eſtado primeiro duas horas enfreado ſem comer.

Se o cavallo for fraco, ou eſtiver dibilitado, ſe fará eſta meſma infuſaõ em leite freſco, & naõ, em agoa ardente, uſandoſe da meſma ſorte, & naõ he neceſſario, que ſeja todos os dias, mas baſta de dous em dous, ou de quatro em quatro, confórme a quantidade do humor, & a diſpoſiçaõ do cavallo, que iſto o fará lançar em abundancia.

Fumaça para o cavallo de mormo.

Quando o mormo eſteja encruado, he neceſſario para o fazer derreter, dar a toda a cabeça do cavallo humas fumaças, que ſeràõ neſta fòrma.

Tomaràõ betonica eſcubioſa, ortelãa, agrimonia, ſalva, louro, alecrim, mentraſtos, funcho, cortadas eſtas ervas meùdas, & polvoriſadas com inſenſo, & borrifadas com agoa ardente fina, ſe deitaràõ em humas brazas, & metendoſe por toda a cabeça do cavallo hum ſaco aberto por ambas as pontas; ſe dará fomaça por dentro delle, para que bem penetre todo o interior da cabeça, com q̃ o cavallo purgará baſtantemente pelas ventas, & neſta fumaça eſtarà hum quarto de hora, repetindoſe-lhe algũs dias.

Humas videiras, tem grande virtude o fumo dellas para fazer lançar o mormo, & muito melhor quando ſejaõ verdes.

Maſtigatorio para os cavallos muito enfermos de mormo.

Tomaràõ manteiga, tanta como hum ovo, huma onça de canella pizada, duas de açucar, meya nòs noſcada pizada, meyo copo de agoa ardente, tudo unido em fogo brando, & atado em hum pano, tanto, como duàs nozes, ſe pegarà no maſtigadouro, & ſerà

rà o cavallo huma hora pela manhãa, & outra à tarde nelle, que fará grande effeito.

Deve aver cuidado em ſe alimpar muito, & ameùdo do maſtigadouro todo aquelle humor, que o cavallo deſtilla pelas ventas, & baba, porque alguns o tornaõ a lamber, & lhe he de grande prejuizo, pegandoſe juntamente aos outros cavallos, ſe comem daquella palha, erva, em que cae, ou bebendo no meſmo vaſo, & ainda do fumo, que lança o eſterco.

He neceſſario, que em quanto o cavallo tem mormo, naõ beba agoa fria, & ſendo eſte com toſſe ſeca, & forte, naõ baſta que ſeja quente, mas ha de ferver algum pouco para gaſtar as cruezas, & darſe quente com farinha de cevada, ou de trigo, & depois que os cavallos tiverem purgado bem o mormo, he bom metelos a paſcer verde, & naõ ſe deve dar graõ ao cavallo; que eſtiver com mormo antes farelo de trigo borrifado com vinho.

Para a toſſe do mormo.

Se ſe entender que o cavallo tem vicio no bofe, que ſe infere da continuaçaõ da toſſe, ſe lhe dará huma bebida deſta maneira.

Tomarám dous arrates de enxofre, & o derreterám em hũa colher grande de ferro, & lançaràm de repente em quatro canadas de agoa fria, & ſe tornarà a tirar, & ſe ferverá ſegunda vez tornandoſe a lançar na meſma agoa, a qual ſe dará a beber ao cavallo em tres manhãas, & ſe naõ parar de todo a toſſe, ſe tornarà a repetir outras tres vezes a meſma bebida, dahi a nove dias.

Eſta agoa ſara muitas vezes toſſes velhas; & polmoeiras muito antigas.

Se o cavallo for muito ſogeito a eſta doença de mormo, ſerá neceſſario depois que com os remedios eſtiver bom delle, purgalo, para precauçaõ; de que lhe naõ torne a repetir com a purga ſeguinte.

Purga para o mormo.

Tomarám tres arrates de toucinho gordo, remolhado para ſe lhe tirar o ſal, em varias agoas, ao qual ſe miſturará huma onça de pirolas *ſine quibus eſſe nollo*, & huma onça de Hierapiera Galeni,

com

com agarico, huma drama de eſcamonea, outra de turbit, outra de mechoaçam, duas outavas de pòs cordeaes, & em falta deſſes lhes deitaràõ de canella, & anìs, nòs noſcada, de cada hũa outava; & tudo ſe unirá mui bem com o toucinho pizado, de que ſe faráõ pirolas, como nozes grandes, & ſe daràm ao cavallo com todas as mais cautelas, & circunſtancias, que ſe enſinaõ nos Capitulos 9. & 8. do modo de dar as purgas.

CAPITULO 33.

Dos achaques, & enfermidades da cabeça.

OS mais ordinarios, & trabalhoſos achaques da cabeça ſaõ os procedidos da colera, que coſtuma cauſar aos cavallos huma doença muito ſemelhante à tiricia dos homens, porèm muito perigoſa, nos cavallos, & arriſcada aos matar, ſe naõ forem ſoccorridos com promptidaõ.

Os ſinaes ſaõ baſtantemente manifeſtos, porque como o cavallo padece grande quantidade de humores bilioſos, lhe afligem todo o corpo, & as partes principaes, tirandolhe a vontade de comer, cauſando febre, & accidentes.

Conheceſſe principalmente, porque os beiços, & gengivas eſtaõ amarellos, & todo o branco dos olhos; o cavallo triſte, & carregado da cabeça. Os Authores Alemaẽs chamaõ a eſta doença gelbelubet, que ſignifica doença amarella. E aſſim como elles a conheceraõ melhor, que nòs, lhe achàraõ os melhores remedios, que a experiencia nos tem moſtrado com o ſeu effeito.

Como ſe acode a eſta doença da cabeça.

Primeiramente ſe ſangrarà o cavallo duas vezes na vea da taboa, huma pela manhãa, & outra de tarde, logo ao outro dia ſe farà o ſeguinte.

Tomaraõ outo quartilhos de agoa da fonte; eſta ſe ferverá, & ſe deitarà fervendo em hum quarto de cinza bem peneirada em hum balde, ou alguidar ſobre ella, ao depois de mexida, & aſſentada a cinza, ſe tornará a agoa ao lume, & fervendo ſe

ſe tornarà a lançar na cinza , fazendo eſta diligencia tres vezes , & na ultima , ſe coará eſta agoa , & ſe lhe ajuntaráõ hum quartilho de azeite , & huma quarta de pòz de bagas de louro.

Eſtará o cavallo enfreado da meya noute atè pela manhãa , & logo he neceſſario darlhe duas ſangrias nas ilhargas , ao meſmo têto ; & quando naõ faya baſtantemente ſangue , ſe podem fazer nas bragadas , tirando de entre ambas ; tres arrates de ſangue, & dahi a duas horas , lhe daraõ pelas ventas dous copos da compoſiçam (que acima diſſemos ,) morna , & bem mexida. Depois ſe deixará eſtar o cavallo duas horas enfreado; & paſſadas , lhe daraõ a beber agoa fria , & a comer farelo trigo molhado em agoa , & paõ , erva, ou o que elle apetecer ; por eſpaço de meya hora ; logo o tornaráõ a enfrear , & lhe lançaràõ da meſma ſorte outros dous copos pelas ventas , da meſma compoſiçaõ , deixando-o ficar com o freyo outras duas horas , & da meſma maneira ſe hirá repetindo , por eſta ordem , atè de todo acabar de tomar a compoſiçaõ inteira.

Eſte remedio pelos narizes ſara o mal da cabeça , ainda que naõ tire totalmente a cauſa; porèm para temperar o ardor da bila , & fazer cozimento ao humor , he neceſſario deixar o cavallo ſô , & às eſcuras , para que durma , & tome deſcanço , & ſe naõ quizer comer , ſe recorrerá ao Capitulo 22. dos cavallos enfaſtiados, aonde ſe enſinaõ os meyos para iſſo.

Como o cavallo for cobrando melhoria , ſe paſſeará pela redea , para que façaõ ventilaçaõ os eſpiritos. Se o cavallo moſtrar grande carregaçaõ no cerebro , ou ancia no coraçaõ com perigo de morrer, ſe lhe farà o remedio ſeguinte.

Remedio para divertir a grande carregaçaõ do cerebro.

Tomaraõ de Eleboro negro , taõ groſſo , & tanto , como hũa ferreta de ataca , & ſe abrirà a pele nos peitos do cavallo , & entre ella , & a carne ſe meterá eſte pedacito , de ſorte que fique dentro ; o que fará huma inchaçaõ mui brevemente , como hum chapeo , puxando , & divertindo o humor , que naõ entupa o cerebro , ou ſuffoque o coraçaõ.

Poſe-ha logo huma carga em toda regiaõ da cabeça feita na ma-

maneira ſeguinte.

Carga para a cabeça.

Sangrarám o cavallo na vea da taboa, tirandolhe dous arrates de ſangue, que eſtaraõ mexendo com a maõ, para que ſe naõ coalhe; & poſto ao fogo com tres quartas de azeyte, huma de vinagre, ſeis claras de ovos, batidas primeiro, ſe porá ſobre o fogo, mexendoſe, ſempre atè que ſe reduza em fórma de unguento; porèm as claras ſe haõ de miſturar depois q̄ naõ eſtiver fervente; & eſtando morno, ſe cobrirá toda a cabeça com eſta carga de unguento, deixando ſô os olhos livres, que iſto fará derreter, & evacuar as materias, juntas nos canais, & tapará as partes para impedirem a fluxaõ, que ouver de vir a ella.

Para ajudar a eſtes remedios, he neceſſario dar a meùdo ajudas purgativas, ao cavallo, para fazer revulſaõ, divertindo, & evacuando os humores pela via dos excrementos, que ſerá com a ajuda ſeguinte.

Ajuda para o cavallo doente da cabeça.

Tomaràm malvas parietarias, mercuriaes, duas maõs cheyas de cada huma; eſtas ſe ferveraõ mui bem em outo, quartilhos de agoa; do qual cozimento ſe coarám cinco quartilhos, & nelles ſe deitarám, de anìs em pò duas onças, & outras duas de benedicta luxativa, meyo arratel de mel mercurial, hum quartilho de bom vinho, meyo de azeite commum; & ſe lançarà ao cavallo mais quente, que morno, como naõ eſcalde, que coſtuma fazer com effeito com as cautelas, que temos enſinado no Capitulo 5. das ajudas.

Tanto que o cavallo eſtiver ſaõ da cabeça, he neceſſario purgalo logo, para evacuar, & extinguir as cauſas, porque naõ tornem a repetir, o que ſe farà com a purga ſeguinte.

Purga para as doenças da cabeça.

Tomaraõ polpa de canafiſtula quatro onças, agarico trociſcado duas onças, eſcamonea preparada tres outavas, enxofre duas outavas, ruybarbo em pó duas outavas, que ſe borrifará primeiro com agoa ardente tres vezes, de ſorte, que hum borrifo enxuto, fazer outro, ſemente de coentro em pò, & de flores de

macella, de cada hum huma outava, & tudo o que ſe poder reduzir em pò ſe deve fazer. Mexido mui bem tudo, que amaſſará em dous arrates de manteiga crua, unido tudo, de que ſe faràm pirolas tamanhas, como nozes, & ſe daraõ ao cavallo na fòrma, & cõ as cautellas, que temos enſinado nos Capitulos 7. & 8. do modo de dar as purgas

Se o cavallo naõ ficar bem evacuado, ſe torne a repurgar ao terceiro dia, com a meſma purga, & ſe lhe lançará; depois de haver purgado huma ajuda, compoſta de cozimento das cinco ervas emollientes coſtumadas, em a qual ſe deitaráõ duas onças de anis, meyo arratel de manteiga freſca, hum quartilho de vinho de infuſaõ de crocus Metallorum, o qual ſe enſina a fazer no Capit. 5. meyo arratel de mel mercurial, & toda a calda ſeraõ ſete, ou outo quartilhos, & ſe lançará ao cavallo na fórma, que diſſemos no Capitulo 5. das ajudas.

Eſtes males da cabeça tambem ſe communicaõ, & pegaõ aos outros cavallos, pelo que he neceſſario apartalos, & que naõ comaõ, nem bebaõ nos meſmos vazos.

CAPITULO 34.

Da Eriſipela, & inflamaçaõ do roſto do cavallo.

COſtuma a Eriſipela manifeſtarſe no roſto dos cavallos, por huma de tres maneiras. Humas vezes como farna, com burbulhas, & coſſa grande, que faz com que o cavallo roçandoſe com exceſſo, ſe eſfola, & faz humas codeas, que gretaõ, & lançaõ hum humor liqnido, acre, & mordaz. Outras vezes com inchaçaõ em todo, ou na mayor parte do roſto callida, & havermelhada, particularmente nos beiços, & lagrimaes dos olhos, com fogo, & calor em todo o roſto. Outras vezes tomando lugar ſeparado, & fazendo nelle tumor particular, como he em alguma das queixadas, ou acima dos narizes. A primeira ſe deve curar deſta maneira.

Remedio para a Eriſipela com borbulhas coſſa, ou caſpa.

Sangrarſe-ha o cavallo nos peitos as vezes, que parecerem neceſſarias, & ſe desfarà enxofre em azeite, miſturandolhe fezes de ouro em pò, com outro tanto verdete, & çumo de laranja; & com iſto untado a meùdo toda a parte, & naõ deixando roçar o cavallo ſarará logo.

O ſegundo accidente, que ſe manifeſta com a inchaçaõ do roſto todo inflamado, neceſſita de mais ſangrias, tambem nos peitos, & ſe lhe applicará em toda a inflamaçaõ o remedio ſeguinte.

Para Eriſipela, quando inflama o roſto do cavallo.

Tomaràm de ſumo de tanchagem, & da erva moura, de cada hum duas onças, agoa rozada tres onças, pedra hume em pòs hũa onça; & poſto iſto em huma tigela, tomaràm, quatro, ou ſeis ſeixos pequenos brancos, & os faràm vermelhos em hum fogam, & aſſim os deitaraõ neſtas agoas; & esfriandoſe os meteraõ outra vez no fogaõ, & dopois de vermelhos, ſe lançaràm da meſma maneira por tres vezes, & logo ſe lançaráõ na agoa tres claras de ovos batidas primeiro; & com iſto ſe molharà toda a inflamaçaõ, ponhado huns panos aſſim molhados, picados, ou que naõ ſeja o pano muito tapado, poſtos ſobre a porte toda, & tanto que ſe enxagarem, & ſecarem, ſe tornaraõ a molhar, continuando iſto atè aplacar de todo a inflamaçaõ.

O outro accidente de tumor ſeparado, ſe curarà neſta fórma.

Para a Eriſipela em tumor ſeparado.

Faraõ hum emplaſto de deaquilaõ menor, outro tanto de emplaſto Filij Zacharias; miſturado com elles hum caſco de cebola aſſada, pizado, ſe tomar termo de reſoluçaõ, ſe lhe continuará o meſmo, & tomando o de maturaçaõ, ſe ajudará a eſta; com hum emplaſto de raizes de malvas, malvaiſco enxundias de pato, & galinha, raizes de lirio, cebola, farinha de cevada.

Se eſtiver muito endurecido, & convier, que verha a maturaçaõ, ſe farà o ſeguinte, que tem grande força para fazer ſupurar.

Empláſto

Emplaſto para ſupurar o tumor eriſipeloſo.

Tomaràõ raizes de brionia meyo arratel, cortada em talhadas, ou relada, frita em dous quartilhos de azeite ſem ſal, atè ſe gaſtar a mayor parte. Iſto eſpremido. & coado, ſe lhe ajuntarà trementina de Beta meyo arratel, de cera cinco onças, humas gotas de vinagre forte, de tudo ſe faça unguento groſſo, & viſcoſo, que fique como emplaſto, & ſe applicarà em pano groſſo; & vindo a maturaçaõ, ſe abrirá com lanceta, naõ eſtando em parte donde ſe tema fluxo de ſangue, & ſe irà depois curando, como nos mais apoſtemas, com ſeu deſeſtivo de oleo de aparicio, trementina lavada primeiro em agoa de tanchagem, gemas de ovos, & mel rozado, & oleo de aparicio, munificandoa depois, & cicatriſandoa, como he ordinario; porque para as couſas que todos ſabem, naõ he neceſſario relatadas mais por meùdo, quando o noſſo, he hir ſempre buſcando a brevidade.

CAPITULO 35.

Do Eſpaſmo.

O Eſpaſmo he huma doença, que tem alguma ſemelhança com a perliſia dos homens, & muito perigoſo nos cavallos, ſe ſe lhe naõ acode com promptidaõ.

He cauſado ordinariamente de grandes humidades, que a cabeça recebe no tempo, que o cavallo come verde, ou porque vindo ſuado, o penetre algum grande frio, ou receber queda, ou pancada, de que os membros padecem impedimento, com que ſe relaxaõ os nervos, & ligamentos.

Humas vezes he o eſpaſmo em toda a cabeça, outras em algũ membro particular, & ainda em alguma parte da cabeça, ou na boca. Manifeſtaſe, em que o cavallo tem as orelhas tezas, & ſem movimentos, os olhos voltados, & a cabeça eſtacada; ſendo em membro particular o tem relaxado, & com falta de movimento natural.

He neceſſario acudir ao cavallo antes do ſeptimo dia com todos

dos os remedios, porque lhe coſtuma repetir o mal, ou augmentarſe; & o pòde matar facilmente.

A primeira couſa ſerà, dar ao cavallo huns xaropes, para preparar, & digirir o humor neſta fórma.

Xaropes preparantes para o eſpaſmo do cavallo.

Tomaràõ raizes de manjerona, de ſalça parrilha; & ortelãa, de hyſopo, & ſegurelha, folhas de agrimonia, betonica, & periſcão, loureiro, funcho, ouregaõs, alecrim, arruda, ſalva, & as quatro ſementes quentes, mayores, & menores, como as de cardo benedicto, de coentro de bagas de louro, & as mais; a que ſe ajuntaràm, pòs de Arrodaõ Abbade, & de aromatico rozado, que farà o Boticario confórme a arte, do qual cozimento, ſe darà ao cavallo pelo corno, quatro xaropes em quatro manhãas continuadas, dous quartilhos em cada xarope, & no quarto dia à noute, ſe datà huma ajuda na fórma ſeguinte.

Ajuda para o cavallo eſpaſmado.

Em o cozimento ordinario das cinco ervas, lançaràõ em ſeis quartilhos delle, duas onças de mel violado, outro tanto de açucar maſcavado, duas onças de diacatalicaõ, meyo arratel de mel mercurial, & ſe quizerem que ſeja mais purgativa, ſe lhe ajunte hum quartilho de vinho de infuſaõ, de crocus Metallorum, infundido como dizemos no Capitulo 5. & ſe lançará, como temos dito no Capitulo 5. das ajudas, & no outro dia pela manhãa, ſe lhe darà a purga ſeguinte.

Purga para o cavallo eſpaſmado.

Tomaràm do Catolico, que enſinamos no Cap. 8. das purgas huma onça, & ſe lhe ajuntarà mais tres outavas de Agatico torciſcado; & ſe unirá tudo em dous arrates de toucinho; tirandolhe primeiro o ſal em varias agoas da fonte, & fazendoſe em pirolas, como nozes, ſe daràõ ao cavallo com as cautellas, que diſſemos nos Capitulos 7. & 8. do modo de dar as purgas.

Eſta meſma purga ſe tornará a repetir ao terceiro dia, quando com a primeira naõ obre copioſamente, dandoſelhe ſempre outra ajuda, como ouver purgado; & depois de aſſim eſtar muito bem evacuado (que dantes naõ) ſe lhe applicarà na parte a com-

compoſiçaõ ſeguinte.

Fomentaçaõ para a parte eſpalmada.

Tomaràõ de moſtarda huma maõ cheа, ſementẽ de funcho, de arruda, de pimenta, de cada huma outro tanto; pizaraõ eſtas ſementes, & lhe ajuntaràõ de gomos de ſalva, de funcho, de louro, de ouregaõs, de trementina, de cada hum huma maõ chea pigados groſſeiramente; & ſe frigirà tudo em oleo de lubarga, & ſe lhe ajuntará hum golpe de agoa ardente, lançado depois que ſe tirar do fogo, & tudo iſto para melhor ſe conſervar ſobre a parte leza, ſe eſtenderà em pano de linho, que naõ ſeja mui tapado, cozido todo ao redor, & acolchoado com alguns pontos, & ſe porà quente ſobre a parte, enſopandoo novamente, de duas em duas horas, em agoa ardente morna, & ſe porá ſobre a cabeça huma pele de rapoza, ou carneiro, com a láa para o pello do cavallo.

Que ſe hade meter pelas ventas ao cavallo eſpaſmado.

Tomaraõ huns pedaços, ou gomos de catapucia mayor, que he huma erva, a que alguns chamaõ (Figueira de inferno,) pizadas groſſeiramente, & ſe meterà nas ventas do cavallo; & para que a naõ eſpirre, & lance fóra, ſe ata na rama de humas penas de pato, que ſe metem pelas ventas, & ſe ataõ pelos canos por cima das orelhas.

Tambem he neceſſario, ter o cavallo no maſtigadouro huma hora pela manhãa, & outra de tarde, para desfleumar, & nelle ſe atará o ſeguinte.

Maſtigatorio para o cavallo eſpaſmado.

Tomaráõ hũa nòs noſcada pizada, outro tanto de ſalva, & o meſmo de erva doce; com huma colher de mel mercurial, tudo atado em hum pano, que ſe prenderà no maſtigadouro, reformando outro tanto, para cada huma vez.

Se o mal for taõ grande, que naõ obedeça, ſerá neceſſario dar ao cavallo por o redor das orelhas, humas ſarjas de fogo actual, & comerá ſempre o cavallo mantimentos ſecos, ſe for ſogeito a eſte achaque.

CAPITULO 36.

Do Vertigio.

DEſte achaque chamado (Vertigio) morrem muitos cavallos, por falta de os naõ ſaberem conhecer alguns alveitares , & lhes naõ acudirem , como convem. He procedido dos vapores , que ſe levantaõ ao cerebro , lançados do figado , eſtomago , & outras partes interiores.

Saõ cauſa deſta doença o muito trabalho acelerado , no tempo das grandes calmas , ou ruins cheiros das eſtrebarias , o correr as carreiras mui compridas, & violentas , & muitas vezes as curvetas mui frequentadas , em cavallos fogoſos ; o muito comer , ſobre tudo no tempo das calmas , quando o eſtomago eſtà mui debil , & cheyo de humores fluctuoſos.

Os ſinaes deſta doença ſaõ mui faceis de conhecer , porque o cavallo ſe vè logo titubiar , & andar como bebado , dando com a cabeça pelas paredes , & manjadoura , com tanta doudice , que ſe matarà, ſe o naõ tiverem ſeguro , deitaſe , & levantaſe arremeçandoſe com outra violencia differente , que nos torcilhoẽs, & com a viſta turva , & perdida.

Para dar remedio a eſta doença , he neceſſario logo ſangrar o cavallo nas ilhargas , & deitarlhe huma ajuda das ervas ordinarias, às quaes ſe ajuntará tambem de macella duas maõs cheyas , meyo punho de erva doce, lançada na ultima fervura , & a ſeis quartilhos deſte cozimento coado , ſe ajuntará meyo arratel de mel rozado , & duas onças de electuario de bagas de louro , ou em lugar delle , ainda melhor, hum quartilho de vinho de infuſaõ de crocur Metallorum , a que alguns chamaõ vinho emetico , que enſinamos no Cap. 5.

Depois de ſe aver purgado com ajuda , o deixarão deſcançar meyo dia,& o tornarão a ſangrar nas meſmas ilhargas, & lhe esfregarão fortemente os braços , & pernas com huns esfregoẽs de palha molhada em agoa ardente, ou vinho quente , & ſe lhe continuarão mais ajudas, & ſangrias , com que melhorarà logo.

Se

Se ſobrevier febre (o que ſuccede algumas vezes), ſe ocorrerà aos Capitulos aonde tratamos das febres.

CAPITULO 37.

Do deſvario.

SUccede tambem aos cavallos outra eſpecia, ou ſemelhança de Verrigio, que he hum deſvario da cabeça, & naõ he Veatigio; os quaes ſahindo da eſtrebaria, ſe deixaõ cahir de repente; & ſe tornaõ a levantar, & eſtaõ, como perturbados ſem poderem terſe.

Procede eſta deſordem da grande quantidade, de fumos, que do ſangue ſe levantaõ, & de comer o cavallo muito, & eſtar largo tempo na eſtrebaria, como hum homem, que depois de eſtar muitos tempos na cama, levantandoſe lhe parece andar o mundo à roda.

Conheceſſe, & differe do Vertigio, em que o cavallo eſtà bom na eſtrebaria, alegre, & come bem, & ſó ao ſair tem o deſvario, & não tem os olhos eſpantadiços, como no Vertigio.

O remedio he; dar ao cavallo hum par de ſangrias na taboa, darlhe huma ajuda, & menos de comer, para que naõ crie tanto ſangue, exercitandoo ameùdo, que logo ſararà ſem mais couſa alguma.

CAPITULO 38.

Dos alvarazos.

OS alvarazos de hum achaque, que ſe poem nas orelhas; pela parte de dentro, & tambem nos narizes, beiços, olhos, ſeſſo, verilhas, & em fim todas as partes, que eſtaõ faltas de pello, humas vezes em todas, & outras em algumas dellas.

Saõ procedidos de humores melencolicos, & corruptos, & ſe manifeſtaõ com humas manchinhas brancas, como eſcamas de peixe,

peixe, que depois crecem, & ſe augmentaõ de maneira, que fazem parecer ao cavallo muito feyo, & deſayroſo; & aſſim ſe devem logo atalhar em quanto pequenas, evacuando primeiro o humor cõ ſangrias, & purgando o cavallo com Jalapa, & depois ſe molharaõ as malhas ſutilmente com agoa forte dos prateiros; repetindo de tres em tres dias atè ſe corroerem; depois ſe untarà com manteiga crua, & litargirio atè ſararem.

CAPITULO 39.

Das Olivas.

HE muito ordinario crecerem a alguns cavallos humas glandulas, a que chamamos (Olivas,) os Caſtelhanos (Advivas,) os Francezes (Avizes.)

He cauſado eſte achaque de hum cavallo paſſar de hum extremõ a outro, como de huma grande fome a huma grande fartura, ou de muita quentura, a frio grande, vindo muito eſquentado, beber muita agoa fria, ou naõ o cobrindo, & guardando do ar frio, vindo ſuado, ou por grande feivor de ſangue.

Manifeſtaſe claramente eſte achàque com eſtes ſinaes, que direi. Pegaràm na orelha do cavallo, & pendurandoa para baixo. aonde a ponta chegar, entre as queixadas; & o peſcoço alli he o proprio lugar aonde vem as Olivas, humas vezes pequenas, como azeitonas, outras vezes mayores, & algũas crecem cõ taõ grande inchaçaõ, que tomaõ a reſpiraçaõ, & ſuffocaõ ao cavallo cauſam dor, & ancia; fazem deitar, & levantar o cavallo a meùdo, virando a cabeça para as ilhargas, com que alguns Alveitares ſe enganaõ, cuidando que he torcilhaõ.

As Olivas em quanto ſaõ pequenas, ſe reſolvem facilmente, ſangrando primeiro o cavallo debaixo da lingoa, & logo nas ilhargas, evacuandoo tambem com ajudas, & depois puxar as glandulas com huma torqueza, & com omplas, ſem abrir o coiro mais, que ſòmente eſmagadas, eſfregandoas, muito, com que ſ

vem

vem a conſumir, & reſolver.

Alguns as abrem, & tiraõ, porèm he erro, & riſco, & occaſiaõ de tornarem a vir outras. Depois de ſe corromperem he neceſſario deitar humas gotas de vinagre dentro nas orelhas do cavallo, & esfregalas, para que penetre abaixo, & tornar a ſangralo nas verilhas.

E ſe as Olivas forem taõ crecidas, que façaõ tumor, que oprima a garganta, ſeráõ neceſſarias mais evacuaçoẽs de ſangrias nos peitos, & dar ao cavallo beberagens de agoa morna, com farinha de cevada, ou trigo, & mel commum, & faraõ que o tumor venha a ſupuraçaõ, para o que ſe lhe applicarà hum emplaſto neſta fórma.

Emplaſto para ſupurar as Olivas em tumor.

Tomaraõ cominhos em pò, farinha de linhaça galega, lixo de pombas, tudo peneirado, ſe ferverà em leite de mulher atè tomar fórma de emplaſto, applicando o quente; iſto fará puxar o humor, que naõ offenda a garganta, & madurar o tumor, tirando juntamente as dores, para que naõ façaõ mais attracção a parte.

CAPITULO 40.

Como ſe ha de tirar a carne mal poſta nas ilhargas da taboa junto às queixadas, que impede o enfreamento, como tambem o gato carnoſo, junto às crinas.

MUytas peſſoas, que naõ tem viſto eſta obra de tirar o gato, & carne mal poſta, que impede o enfreamento lhes parece couſa muito difficultoſa, ſendo que huma, & outra ſe conſegue com muito bom ſucceſſo, ſabendo obrarſe como convem, porque o tirar a carne, ſem haver podridaõ nella, nem humores, que a cauſem, & fomentem, he muito mais facil de ſarar, do que aquella, que ſe tira por cauſa da podridaõ, ou ſymptomas, & humores.

Para ſe fazer eſta obra, ſe ha de abrir o couro ao comprido,

como

com hum ſó golpe mayor ainda, do que a carne, que ſe ouver de cortar, & apartandoſe a pele para huma, & outra parte, ſe cortará com huma navalha ſutil toda aquella carne, que faz o gato, ou difficuldade no enfrear, porque nem em huma, nem em outra parte deſtas, ha impedimento de principal arteria, muſculo, ou nervo, que ſeja perigoſo o cortarſe, como ſe vè na anatomia do cavallo, que tràs com tam claras meudezas Cezar Ruini. Supoſto que lance muito ſangne, ſe pòde deyxar ſahir atè dous, ou tres arrates, porque aſſim fica melhor deſcarregada a parte: logo ſe lavarà cõ vinho quebrado ſômente da frialdade no fogo, & ſe cozerá o couro com pontos, pondo por cima de todo o comprimento do golpe, huma tira de pano delgado, untada de termentina fina, lavada primeiro em agoa de tanchagem, & ſobre ella poràm cataplaſma de todo o ovo, continuando a cura da primeira tençam, porque muitas vezes coſtumam ſarar com ella, & ſe fizer materias lhe daràm huma lancetadã, ou mais ſe forem neceſſarias, pela parte mais baixa, metendolhe mechas com ſeus deſeſtivos ordinarios, atè ſarar de todo. E da meſma ſorte, que ſe fizer eſta rotura de huma parte do peſcoço, ſe farà da outra depois que a primeira eſtiver ſãa, para que a obra ſe conſiga com perfeiçaõ, igualdade; & ſegurança.

CAPITULO 41.

Do Ante-cor.

O Ante coraçaõ, ou Ante-cor, como o capitulam os Authores Latinos, he humor colerico, & ſanguineo, que ſe fórma diante do coraçaõ, nos peitos, humas vezes no meyo, outras tomando tambem com o peito parte da pá do cavallo. Eſta enfermidade he muito perigoſa, porque facilmente ſe communica ás membranas, que cercaõ o coraçaõ, as quaes a recebem com facilidade; por ſerem algum tanto eſponjoſas, & dali offendem o coraçam, & fazem morrer o animal, & por iſſo deſte mal mui pou-

cos eſcapaõ, & menos, ſe lhe naõ acodem com muita preſſa, & cuidado, curandoos methodicamente.

Manifeſtaſe pelo tumor, que aparece, & pela triſteza do cavallo, & porque cae algumas vezes em terra por deſmayo do coraçaõ, & perde o comer.

Os remedios purgativos alterantes, naõ obraõ neſte mal couſa alguma, antes pòdem ſervir de damno, por fazerem communicar ao coraçaõ os fumos, & vaporaçoens daquelle humor.

He neceſſario começar por ajudas, & dalas a meùdo, com tanto que nellas naõ entre purgativo algum; depois ſe ha de cercar o tumor com huma raya de fogo, para que naõ ſe eſtenda, & fazer huma cruz pelo meyo delle, applicando hum cautetio de fogo no meyo, que penetre o couro, & ſe naõ ponha cera, nem betume algum ſobre o couro, mas ſómente untar o fogo, & tumor cõ manteiga cozida, ou unto derretido. Logo ſangrar o cavallo na taboa da parte direita, tirando ſómente hum quartilho de ſangue, por naõ dibilitar a natureza; que neceſſita de todas as forças, para combater com o mal, ſervindo ſó a ſangria de reveller o impeto da fluxaõ.

Ao dia ſeguinte, ſe lhe dará pelo corno a potagem, que ſe ſegue:

Beberagem para o Ante-cor.

Tomarám bagas de louro, & de zimbro, de cada hum quatro onças, ariſtolochia redonda, poz de Marſim, de cada hum duas onças, genciana, & raiz de Angelica, de cada huma duas onças, & meya, myrra huma onça, & meya, açafram meya outava. Farám tudo em pòs groſſos, & ſe darám com humas gotas de vinagre, & duas onças de conſerva de rozas, & duas dramas de triaga velha; & depois ſe paſſeará o cavallo meya hora, que naõ haja comido duas horas dantes, & duas depois, o que lhe ſerá facil, porque o mal lhe tira a vontade de comer.

Alguns aconſelhaõ que eſta potagem, que diſſemos, ſe dè logo, antes da ſangria, & de tudo o mais, para que defenda o coraçam, & naõ he deſacertado; porèm ſe ſe der dantes, &

mais.

mais ao dia ſeguinte, depois da ſangria, & do fogo; & ajuda, ainda ſerà melhor.

Avendoſe obrado o que temos dito; ao outro dia ſe tornarà a ſangrar, na meſma parte, tirando ſómente hum arratel de ſangue, & logo lhe farão com huma lanceta, ou poſtemeiro cinco, ou ſeis bulracos divididos ſobre o tumor, nã cortando mais, que a pele, & entre ella, & a carne do tumor meteràm huns pedacinhos de eleboro negro tamanhos, como huma ferreta de atacas, & o tumor ſe unte todo muito bem com o ſeguinte.

Para untar o Antecor.

Tomaràm dous unguentos de agripa, de alter, marciatã, partes iguaes, & adelgaçados com oleo de louro; & ſe untarà o tumor.

Nã ſe deve fazer reparo na inchaçã; que fazem os pedacinhos de eleboro; porque puxam para fóra todo o humor venenoſo, & maligno; aſſim faz inchar em grande extremo, toda aquella parte, que he a tençã, com que ſe applica, & os unguentos para madurarem, & abrirem os pòros, com que o veneno, & malignidade achem toda a facilidade, para a ſahida, & ſe nã recolhaõ ao coraçã a ſuffocar o animal.

Se o mal apertar muito, & o cavallo nã tomar alivio, convem tornar a fazer outra ſangria no dia ſeguinte, & em todos, huma, & duas ajudas laxativas emollientes; lançandolhe no cozimento de mel rozado meyo arratel, huma quarta de oleo de arruda; ſeis gemas de ovos, huma onça de ſal commum, hum arratel de azeite. ſem nenhum purgativo, por medo de ſe nã irritar eſte venenoſo humor.

He neceſſario tambem fazer paſſear o cavallo de tempo, em tempo, para excitar o calor natural, a que ſe deſembarace, do que lhe he nocivo, & facilite o humor a que ſaia. Se o mal apertar muito o cavallo, & lhe tirar toda a vontade de comer, ſerá neceſſario buſcar todos os meyos para que coma, valendoſe para iſſo dos remedios, que temos dito nos Capitulos 22. & 23.

O oleo de arruda, que diſſemos para as ajudas, he muito neceſſario, & para muitos outros achaques dos cavallos, & muito facil, com o que direy, o como ſe faz, para q̃ o poſſa ter quem quizer em ſua caſa.

Como ſe faz o oleo de arruda, para ſervir aos cavallos.

Tomaràm hum arratel de azeite commum, & ſe lançará em hum tacho, com duas maõs cheas de arruda, que ferverà a fogo lẽto, & depois ſe coará, eſpremendo a arruda, tornandoa a lançar o meſmo oleo no tacho, lhe deitaraõ outras duas maõs cheas de arruda, & tornarà a ferver, & coandoſe ſegunda vez, ſe farà o meſmo na terceira. Depois guardarſe-hi o oleo, que tem grande virtude, & efficacia para digirir, & gaſtar os humores craſſos, & viſcoſos. He bom para a colica, para dores de rins da bexiga, do ventre, aſſim metido nas ajudas, como applicado exteriormente, ſerve muito a doenças, frias, mas como he quente, ſe naõ deve uſar delle, ſem conhecimento da cauſa da doença.

CAPITULO 42.

Do latejar do coraçaõ.

O Latejar do coraçam, he hum movimento violento, & precipitado, com que o coraçaõ, oprimido, ſe quer livrar do que o aflige, & lhe he nocivo. A cauſa mais ordinaria deſta ancia, he hum fumo, ou vapor negro, & maligno, em que o humor melencolico contribue muito, quando eſtà dentro nas veas, de que ſe levantam eſpiritus flactuoſos, que offendendo a traca arteria, fazem o latejar do coraçam, o que nos homens, he ordinariamente acompanhado de febre. Porèm nam he aſſim nos cavallos, aos quaes vemos de ordinario com eſtas palpitaçoens, ſem febre, nem ſinaes della, & outras vezes com menos latejar, & com febre grande, como conhecemos por todos os

ſymptomas ; ſendo a febre ſempre nos cavallos de grande perigo , & eſta palpitaçaõ muito facil de ſarar , & de que raras vezes ſe veria morrer cavallo algum.

Conhece ſe o latejar pela palpitaçam ; que faz o coraçam entre a pà eſquerda, & as coſtellas. Differe tambem da febre, em que os cavallos naõ perdem o comer, & ſòmente eſtam como cãçados , nem tem a lingoa ſeca, & eſquentada, nem o bafo das ventas,& boca ſae callido , & fogoſo , como nas febres.

Os remedios que fortificaõ o coraçaõ, & os alegraõ, & animaõ os eſpiritos , que diſſipaõ os vapores craſſos , & q̃ reſiſtem às ſuas malignidades, ſam os que convem , como ſaõ os ſeguintes.

Beberagem cordeal para o latejar do coraçaõ.

Tomarão borragens , lingoa de boy ſalvagem , erva cidreira , de cada huma ; huma maõ chea ; faraõ hum quartilho de cozimento fervendo meyà hora, depois ſe tiraràm do lume, & ſe ajuntaráõ duas maõs cheas de azedas, & deixando esfriar tudo , ſe coarà ; & no coado, desfaràm duas onças de conſerva de rozas , & hum eſcrupulo de açafraõ , faraõ beber tudo iſto morno ao cavallo, dahi a duas horas , lhe daram huma ajuda , que tenha virtude para diſſipar as ventoſidades, & abrir as obſtrucçoẽs , o que dará grande alivio aos cavallos oprimidos deſte mal , que precede de vapores , & ventoſidades.

Ajuda para o tremer do coraçaõ.

Tomaràõ ſeis quartilhos de calda laxativa , (como já temos enſinado ,) & lhe ajuntaràm artemiſia, macella , & coroa de Rey, de cada huma duas mãos cheas , linhaça , & ſemente de funcho; de cada hum duas onças , erva doce huma onça , pizadas as ſementes, tornarám a ferver meyà hora, depois coado , lhe ajuntará n mel eſcumado meyo arratel, & outro tanto de manteiga freſca , cõ hũa onça de ſal pizado, & duas onças de oleo de arruda; ao dia ſeguinte ſe lhe darà hũa ſangria ventilativa, tirando hum arratel, & meyo de ſangue , nas bragadas, & ſe ſentirem que ha calor eſtranho , repetiràm as ſangrias, & lhe daràm outra ajuda deſta maneira.

Outra ajuda.

Em outo quartilhos de agoa lançarãõ, as cinco ervas emollientes ordinarias, & meterãõ as raizes de azedas, lingoa de boy ſalvagem, com as ſementes de pepinos, de coloquintida, aboboras, & meloẽs pizadas groſſeiramente, & hum pouco de anìs. Depois de tudo cozido, & coado ajuntarám à calda de ſeis quartilhos, huma quarta de manteiga freſca, duas onças de canafiſtula, meyo arratel de oleo rozado, & lançaraõ a ajuda na forma, que diſſemos no Cap. 5. das ajudas, & ſe ainda o cavallo naõ ſarar, continuaràõ com mais ajudas refreſcativas, como eſta que direi.

Outra ajuda.

Tomaráõ ſeis quartilhos de ſoro de qualquer leite, & faràm ferver nelle as cinco ervas emellientes por tempo de meya hora, com duas onças de anìs, & depois o coaràm, no ſoro ſe lançarám ſeis gemas de ovos, huma quarta de manteiga freſca, meyo arratel de mel violado, huma onça de ſal em pó, & daráõ ajuda ao cavallo. Se o cavallo naõ eſtiver eſquentado, & for no inverno, ſe naõ ſangrarà, ſalvo em grande opreſſaõ, & eſtando cõ muitas carnes, porque entaõ ſe lhe dará eſta beberagem.

Beberagem para a palpitaçaõ do coraçaõ.

Tomaràõ cardo benedicto, ſalva, alecrim, de cada hum meya maõ chea, faraõ hum quartilho, & meyo de cozimento, que fique depois de ferver huma hora, & lhe ajuntaraõ hum quartilho de vinho branco, & os poz ſeguintes, de bagas de louro, de ariſtoloquia redonda; limadura de Marfim, de cada hum huma outava, galanga, canela, & cravos, de cada huma, hum eſcrupulo, o pezo de ſeis graõs de trigo, de açafraõ. Daraõ iſto morno a beber ao cavallo, depois o paſſearáõ meya hora, & com menos diſto ſaram os mais delles. Porèm advirtaõ que ainda que tome melhoria, naõ deixem de continuar os remedios, que parecerem neceſſarios, porque já vi deſaparecer eſte mal de todo com o primeiro remedio, & depois repetir com muito mayor força.

CAPITULO 43.

Do Esforço, ou Rendimento das pàs.

ESte accidente, ſendo mui commum aos cavallos, ha muitas ignorancias no verdadeiro conhecimento, de ſuas eſpecies, & aſſim he neceſſario examinar as circunſtancias, porque por falta de ſe naõ conhecerem bem, & ſaberem curar methodicamente, ficaõ os cavallos eſtropeado, & inuteis todo o tempo de ſua vida.

Para ſe conhecer eſte mal, convem primeiro ſaber, que a pá do cavallo, naõ eſtá pegada ao corpo com oſſo algum, mas ſòmente applicada ſobre a extremidade das coſtellas, & na quella ſituaçaõ unida ſòmente com cordas, & ligamentos que aſſeguram, & por iſſo com qualquer esforço, que o cavallo faça correndo, ou voltando, pondo huma maõ em alguma pedra movente, tropeçando, ou metendoa em qualquer cova, ou por outras muitas cauſas, de que procedem fazerem os ligamentos alguma extenſaõ extraordinaria, da qual recebendo accidente, & dor, chamaõ à parte humas certas agoas pegadiças, & petuitoſas, que embaraçaõ o natural movimento da pà. Eſtas agoas correndo à parte leza a relaxaõ, porque ſe engroſſaõ, & endurecem nella, impedindo a facilidade do movimento, que havia dantes, cauſando dores mais, ou menos, conſórme o grande, ou pequeno Esforço, procedidas da extenſaõ das cordas, & deſſas agoas, que muitas vezes alteradas, ainda que naõ endureçaõ cauſaõ acrimonia.

Pelo que o entento principal da cura, deve ſer ſempre encaminhado a atenuar, & conſumir aquellas agoas, & humores por reſoluçaõ, & evacuaõ, fortificando a parte para a reduzir ao ſeu primeiro eſtado.

Naõ deixa de ſer eſte mal difficultoſo de conhecer, quando ſe naõ vio fazer o Esforço. Porèm manifeſtaſe, vendo que naõ levanta o cavallo bem a maõ offendida, & envoltando ſobre ella, lhe faz cauſar ſentimento, & fazendo volta ſobre a contraria, faz

faz meya volta ſobre a ſaã, primeiro que carregue ſobre a offendida, que he ſinal infalivel do rendimento.

Tambem ſe conhece levantando a mão offendida, & fazendo mover a pá atrás, & adiante, aonde moſtra logo dor, & ſentimento, & ſe examine, em que parte o moſtra mayor, que he muyto neceſſario ponderala, para melhor applicação dos remedios porque ſendo eſforço ſômente, & não aberto, ſe diſtingue neſſe conhecimento.

Tambem he bom ſinal, para conhecer, ſe o manquejar he da pá, ou ſe da mão, & caſco; o advertir, que ſe o cavallo, depois de ter caminhado, & aquecido, manqueja menos, he da pá, & ſe depois de caminhar manqueja mais, he do caſco, ou braço, que neſte caſo ſe deve apalpar, & correr mui bem com a mão, para ver aonde tem o mal, deſferrando a mão, alegrando o caſco, & batendoo tambem ao redor, atè ſe achar donde moſtra o ſentimento, para que com certeza do mal ſe lhe applique a cura que convem.

Advirtaſe que bem pòde hum cavallo manquejar da pà, ſem eſtar rendido della, nem aberto, mas por aver recebido pancada nella, queda, ou aver topado com o peito ou pà, ou couce de outro cavallo; ou por aver ſido apertado da ſella no alto das pás; porèm para qualquer deſtes accidentes, ſempre he conveniente o principio da meſma cura, que ſe applica para o Eſforço.

Como ſe acode ao cavallo, que fez o Eſforço, ou Rendimento na pà.

Avendoſe reconhecido, que o cavallo manqueja da pá, ſendo pouco, por aver feito algum Eſforço, pondo a mão em pedra movente, ou metendoa em buraco, com que fizeſe alguma extenſam leve, baſtará ſangralo nos terços duas ſangrias, a primeira na mão contraria, & a ſegunda da propria leza, & metelo na agoa adonde eſteja a nadar com as maõs, & não quieto, meya hora pela manhãa & meya de tarde, como naõ ſeja em tempo de grandes frios, que com iſto ſarará logo, ſendo o achaque leve.

Se o Eſforço for mayor, & que com o remedio precedente não ſare, ſe fará o ſeguinte.

Re-

Remedio para mayor Esforço da pà.

Sangrarão o cavallo nos terços, recebendo o sangue em hum vaso, mexendoo sempre com a mão, porque se naõ coalhe, & misturandolhe hum quartilho de agoa ardente, carregarám a pá com este sangue, esfregandoa mui bem, para que a agoa ardente penetre, que com a qualidade, que tem de resolver o humor, & corroborar o sangue, basta muitas vezes este remedio, para sarar o cavallo, o qual estará sempre com maniatas justas.

Se com este remedio naõ sarar o cavallo, & que a manqueira continue, se lhe applicará o seguinte.

Carga para o Esforço, ou Rendimento da pà.

Tomarám da composiçaõ da carga primeira, que vay receitada no Capitulo 13. & se carregará, & untará com ella toda a pá offendida, a qual se ha de reformar tres, vezes, hum dia, & outro não, & será o mal mui grande, se não sarar com isto. Não se devem espantar ainda que a carga faça inchar a pà, & haja dor na inchação, que tudo he bom final, & se remedea a inchação, depois, q̃ o cavallo sara com os banhos do rio no verão ou de vinho, sendos inverno, em q̃ ajão fervido alecrim, mẽtraltos, poejos, & macella.

Se o mal for tão obstinado, que não queira obedecer aos remedios apontados, será necessario fazer nadar o cavallo a seco, o que se fará desta sorte.

Para o cavallo Rendido da pà nadar a seco.

Atarám a mão saã do cavallo com huma corda, & se dará volta com ella por cima da cernelha que torne a pegar na mesma mão saã, suspendendoa no ar, para que não possa chegar cõ ella ao chão, & desta sorte se passea o cavallo hum pouco sobre os tres pès, com o que fazendo força sobre a mão doente aquece, & faz abrir os pòros, para que os medicamentos possaõ penetrar, & a virtude, que tem de dissipar estes humores petuitosos.

Depois que o cavallo tiver nadado a seco meyo quarto de hora, he necessario sangralo nos terços, & tomar o sangue mexendoo sempre, & misturado com a carga primeira, que dissemos no Capitulo 13. a qual se ha de aquentar primeiro, que lhe misturem o sangue, & applicada sobre toda a pà. & braço, tendo o cavallo com

hum

hum patìm na mãõ ſaã, que he hum ferro ovado por baixo, que o naõ deixa ter a maõ fixa, nem eſtar ſobre ella para que eſteja ſobre o doente, & ſe ha de reformar a carga depois de vinte, & quatro horas, com que ſerá impoſſivel deixar de ſarar com eſtes remedios.

CAPITULO 44.

Do cavallo aberto.

SE o cavallo der taõ grande pancada, ou fizer algum exceſſo taõ violento, que deſpegue huma, ou ambas as pàs de ſeu lugar, que he aquillo, a que propriamente ſe chama abrir, ou deſpentear, o que ſe conhece mandado decer o cavallo por algũa ladeira, o qual ſe naõ pòde ter nas maõs, ou naquella de que eſtà aberto, pondoas abertas, & com os calcanhares mais para fóra, que a ponta do caſco, abrindo os cotovellos em cima, & ſumindo os peitos, para dentro, tambem bracejando com a pà, moſtra logo hum ſentimento grande.

Algumas vezes lhe inchaõ os peitos, & pás, & eſtando direito tem as maõs mais largas, & apartadas, do que coſtumava.

Sem embargo de que ſe conheça claramente eſtar o cavallo aberto, ſe lhe deve fazer primeiro todos os remedios leves, que atràs diſſemos no Capitulo 43. do Esforço, ou Rendimento da pá, porque ha cavallos de tam boa natureza, & temperamento, que eſtando totalmente abertos, tem ſarado com elles. Porèm vendo-ſe que com eſtas naõ obedece ſerà, neceſſario paſſar aos mais fortes, & proprios para eſte mal.

Remedio para o cavallo aberto.

Primeiramente ſe terà o cavallo muy bem chegado a huma parede prezo, & ſeguro, para que poſſa ſofrer a violencia da cura, ou deitado no chaõ em parte branda, alli lhe esfregaràõ a pà toda com hum tijolo, taõ fortemente, que fique como pizada, molhandoa com agoa ardente, depois de ſe haver esfregado. Logo lhe faràm duas aberturas de largura que caiba hum dedo polegar,

gar, huma entre as maõs por baixo da pá, & outra acima no peito por donde topa o peitoral na pà, tres dedos afaſtada da junta, outra por de tras da pà mais alta, & outra pegada ao cotovello, com que naõ fique na junta, porque naõ impida o movimento, nem chame o humor a ella; logo he neceſſario deſpegar a pele da pà cõ inſtrumento de pao boleado, & lizo, metendoo para varias partes, & deſpegando com elle a pele de muita parte da pà, aſſoprando com hum canudo pelos buracos, & esfregando com a maõ ao meſmo rempo: & entaõ meterám humas penas de ganço inteiras, untadas em baſilicaõ, & ſe porám de ſorte aſſegurando os pès entre o meſmo couro, que naõ caiaõ.

He neceſſario todos os dias duas vezes tirar as penas, & eſpremer as materias, tornando a metelas untadas no meſmo baſilicaõ, ou unto velho, o que ſe ha de continuar quinze, ou vinte dias, & mais, ſe for muita abundancia das materias, & no fim tirando as penas, as feridas por ſi ſaraõ.

Algũs cuidaõ que as penas, & canhoẽs naõ he neceſſario eſtarem mais que dez dias, porque eſſes baſtaõ para lançar as materias todas, porèm he grande erro, & engano, porque ſò ſaõ neceſſarios nove dias para digirir os humores, que foraõ cauſados da esfregaçaõ; & pizadura do ladrilho, & tirando as penas em dez dias, de qne utilidade poderâm ſer? Quando he neceſſario tempo para eſcoar da pá todo o que tem de impuro, & obrigar a natureza a deſcarregar pelas materias aquelles humores peruitoſos, & agoas groſſas, acres, & mordicantes, que entre a pà, & as coſtelas eſtaõ impedindo; que a natureza faça a uniaõ natural.

Poderàõ baſtar nove dias, ſe o mal naõ for velho, porèm quando reſiſtir aos remedios, & naõ obedeça, convem a evacuaçaõ mais larga.

Naõ ſe deve imaginar, que poderám ficar fiſtulas, ou callos, porque avendo ſempre as penas untadas, & as materias correndo livres, naõ ha que recear.

Tambem em lugar das penas uſaõ alguns ſedenhos, que fazem muito bom effeito, ſe esfregarem, & pizarem as pás primeiro, como temos dito, porque iſſo he o principal, & com

eſtes

eſtes remedios naõ poderà deixar de ſarar o mayor mal.

CAPITULO 45.

Dos peitos ſumidos, & pàs ſecas.

OS cavallos abertos, q̃ por falta dos Alveitares, ou deſcuidos de ſeus donos haõ ſido mal curados; vem a tal extremidade pelo tempo, & mal, que tem padecido, que os peitos ſe conſumem, & as pàs ſe ſecaõ com a falta do calor natural, porque os eſpiritos, naõ fazem ſeu curſo livre, a animar aquella parte, por eſtar leza, & entupida o q̃ ſe manifeſta claramente com a viſta. Para eſte eſtado da enfermidade, he admiravel remedio o ſeguinte.

Unguento para os peitos ſumidos, & pàs ſecas.

Tomarám raizes ſecas de malvaiſco, hũa onça, conſolida mayor, duas onças, & ſe forem verdes, tomarám dobrado pezo, graõs de Alforfas huma onça, ſalva, ſerpão, ouregãos do mato, de cada hum duas mãos cheas, lançarám fóra as raizes das ervas, & limpas eſtas, ſe cortaràõ meúdas, & ſe pizaram em groſſo, & os graõs de Alforfas, tudo metido em hum vaſo de alambique, com dous quartilhos de agoa ardente refinada por tres vezes, cuberto o alambique com ſeu capitel; que nam tenha abertura nem bico, por onde deſtille (que a eſtes chamáõ alambique cego:) & tapadas mui bem as juntas, ſe meterà o alambique em hum tacho, ou caldeira de agoa ſobre o fogo, que nam eſteja mais quente, que quanto a mãõ poſſa ſempre ſofrer a agoa, & eſtará aſſim ſeis horas, porque dentro ſe purifiquem as mezinhas, & fazendo circulaçoẽs na deſtillaçaõ; com que depois das ſeis horas ſe tirará do fogo, & ſe coarà por hum pano, & o que ficar liquido, & coado ſe tornará a meter no alambique com hum arratel de ſabam duro, cortado meùdo, & fechandoſe o alambique como dantes, ſe tornarà a por no tacho da agoa, com a meſma quentura, que diſſemos, por eſpaço de huma hora, que paſſada ſe tirarà, & deixará arrefecer aſſim fechado, depois ficará hum unguento,

de

de que ſe uſarà como diremos.

Tambem ſe pòde uſar outro unguento muito bom, ainda que naõ tem tanta efficacia, como o primeiro.

Outro unguento.

Tomarám hum quartilho de agoa ardente refinada tres vezes, & ſe lançará em hum vaſo de vidro forte, & lhe miſturaràm meyo arratel de ſabaõ duro pizado, & tapando o vidro, para que naõ evapore, ſe porá ſobre cinzas quentes, & ſe deixará eſtar com fogo brando, para que naõ eſtale, atè que o ſabam ſe desfaça, depois ſe tirará do fogo, & deixará esfriar, ſem o deſtaparem, & ficarà feito o unguento, do qual ſe uſarà como do outro acima deſta maneira.

Paſſearaõ o cavallo meya hora de trote apreſſado, para que aqueça, eſtando incapaz de poder paſſear, lhe esfregaraõ os peitos, & pàs com huns esfregoens aſperos de palha, para os fazer aquecer; eſtes ſe untarám mui bem com o unguento, esfregando muito, para os fazer penetrar, & untados, tomaraõ humas pás de ferro largas; ou enxadas vermelhas no fogo, & ſe poràm junto aos peitos, & pàs, ſem chegar có ellas ao cavallo; mas tam perto quanto elle as poſſa ſofrer, porque penetrando o unguento com a ſua virtude, & com a que lhe dá o calor do ferro, abre os póros, conſome o impuro, & atrahe o calor, & eſpiritos à parte.

Eſta untura ſe ha de fazer na fòrma que digo, todos os dias, atè que o cavallo cobre perfeita ſaude. Eſte unguento applicado da meſma ſorte, ſara tambem o Rendimento, ou Esforço de peitos, ſe naõ for aberto totalmente.

CAPITOUL 46.

Das maõs quebradas.

MUytos cuîdam, que quebrando o cavallo huma maõ, ou pè pelas canas, que ſe lhe naõ pòde fazer cura, & aſſim o mandaõ logo enterrar, ou lançar fóra, como já inutil, no que ſe enganaõ, porque os cavallos

vallos ſaram perfeitamente, ſe a quebradura he curada, como cõvem, ſuposto lhes fique alli hum nò, & ſobre oſſo, que ſómente os desfea, & quando naõ fiquem capazes para grandes cavallarias, o ficam ao menos para jornadas, & ſerviço ordinario, como dantes.

Carlo Ruini, no ſeu livro ſexto de Alveitaria Capitul. 15. que eſcreveo em Italiano, com muita erudiçaõ, & experiencias grandes; declara o methodo da cura mui meudamente, & vem a ſer a meſma; que os Algebriſtas fazem ao homem, ou a qualquer animal, que tenha braço, ou perna quebrada, encanandoa, & pondolhe ſuas cataplaſmas ordinarias, acrecentando mais, que eſteja o cavallo de maneira que naõ poſſa porſe ſobre a maõ, ou pè quebrado, até naõ eſtar perfeitamente endurecida a ſoldadura, para o que ſe tenha o cavallo poſto ſobre fundas com a maõ dobrada pela junta, & metida em outra funda pendente no meſmo corpo do cavallo. Soleyſel no ſeu livro intitulado Le perfait Mareſchal no Capirulo 46. tambem faz menção de hum cavallo, & de hum macho, que curou de pernas quebradas, com bom ſucceſſo. Pelo que ſe naõ devem deixar, ſem remedios os taes cavallos.

CAPITULO 47.

Das maõs pizadas, & inchadas do trabalho.

MUytas vezes, avendo os cavallos trabalhado muito em campanhas, feſtas, ou jornadas, lhe incham as maõs, & ficaõ os nervos endurecidos, & o pello arripiado, como claramente ſe manifeſta.

Havendo a carga, & compoſiçaõ, que diſſemos no Capitulo 13. he o melhor remedio, applicada na fórma, que no meſmo Capitulo ſe enſina, & naõ avendo eſta, ſe farà a ſeguinte.

Carga para as pernas inchadas, ou endurecidas do trabalho.

Tomaràm dous quartilhos de agoa ardente, meyo de oleo de nozes, outro meyo de manteiga freſca, huma onça de pedrahume queimada em pò, & metido tudo em huma caçoula, ou panela vidrada, cobrindoa com outra mui bem barradas, que nam eva-

evaporem, ſe porà ſobre cinzas quentes, por eſpaço de outo horas. Depois ſe deixarà esfriar antes de ſe abrir, & com eſte unguento, ſe esfregaraõ fortemente as mãos, & pernas, avendo-as primeiro eſquentado, com hum esfregaõ de palha groſſa.

Continuando iſto alguns dias ficaràõ logo as maõs deſinchadas, lizas, & brandas.

Sendo em tempo de veràm, lhe ſerá para o meſmo de grande proveito, os banhos do rio, eſtando nelles quieto, & com os peitos para a corrente.

Se os nervos eſtiverem mui endurecidos, as mãos tezas, & inchadas, ſe farà eſte remedio.

Para os pès, & maõs endurecidos, & inchados.

Tomaràm quatro, ou ſeis cachorrinhos de leite, poſtos a ferver em huma panela, com dous, ou tres quartilhos de borra de vinho tinto; até que a carne ſe deſpegue dos oſſos; depois lhe lançaràm huma maõ chea de raizes de malvas, & malvaiſco, & tanto q̃ tiver bem fervido, a tiraràm do lume, & lançaràm os oſſos fóra. Ajuntaràm á compoſiçaõ mel, & grayxa de pato, de cada hum dous arrates, oleo de linhaça, & de açucena, de cada hum ſeis oncas, unindo tudo em quanto eſtiver quente, com o que untarám fortemente os braços, & pernas todos os dias, até de todo ſarar, aquentando ſempre eſta compoſiçaõ, & applicando com todo o calor, que a maõ poder ſofrer.

Para eſta incomodidade, & nervos endurecidos, he tambem provavel remedio o oleo ſeguinte,

Oleo de tijolo para as pernas tezas, endurecidas, & inchadas.

Tomaràm hum tijolo velho, que peze hum arratel, & o faràõ vermelho no fogo, & aſſim o lançaràm em azeite; & depois q̃ eſtiver frio o farám em pó, & miſturaràm hum arratel de ſabaõ duro com o azeite, & pô de tijolo, & outro arratel de cal viva; hum cento de minhocas lavadas primeiro em vinho, meteràm iſto tudo em hum alambique, metendo-o obre ſo fogo da fornalha ordinaria, diſtillará pelo cano hum oleo excellente, para a incomodidade das mãos, & pès ſobreditas, esfregandoas com elle alguns dias, conſervaſe eſte oleo muito tempo, com ſua virtude guardado em vidro tapado.

CAPI-

CAPITULO 48.

Da ſobre roda.

ACima da rodela do joelho, ſe faz muitas vezes hum tumor mayor, ou menor, tomando partes da junta, ſendo algumas vezes mais duro, & outras menos, & ſe manifeſta com a viſta; & porque algumas vezes faz manquejar o cavallo, & moſtra dor dobrandolhe o joelho, ſe naõ for muito dura ſe lhe applicará o ſeguinte.

Remedio para a ſobre-rodela.

Tomaràm raizes de açucena, & de malvaiſco, de cada huma duas onças, de violas, & malvas de cada huma duas maõs cheas, ſemente de linhaça, & funcho, de cada hum duas onças, ferva tudo, & depois de eſtar bem brando, & desfeito, ſe lhe ajuntará de agoa ardente, meyo quartilho, eſtando já fóra do fogo, & ſe applicará quente.

Sendo a dureza grande, que ſe naõ desfaça com o ſobredito, applicado nove dias, ſe lhe raparà o pello, & ſe lhe daráõ humas ſarjas meùdas, que naõ cortem mais que a cuticula, esfregandoas primeiro mui bem, as untará n com o Potencial primeiro do Capit. 11. applicado na fórma, que ſe declara no dito Capitulo, cõ que ſerâ o tumor remediado. Advirtindo, que ſe uſe ſempre do primeiro remedio, ainda que a ſobre-rodela ſeja mui dura, porque quando ſe naõ desfaça ao menos abranda para q̃ depois obre melhor o Potencial.

CAPITULO 49.

Das Lupas.

AS Lupas he hum tumor, que ocupa a rodela do joelho, fazendoſe ſobre ella hũa inchaçaõ, que coſtuma ſer de duas maneiras. Humas vezes de hum homor aquozo, molle, & fleumatico, outras vezes denſo, & car-

carnoſo com que em parte differe nas outras, & applicaçaõ dos remedios.

He procedido eſte achaque mais ordinariamente de tropeçar o cavallo, & dar com força com os joelhos em pedras, ou durezas, & algumas vezes dar com elles na manjadoura, que naõ tem algum vazio por baixo.

Se as Lupas forem aquoſas, lhe applicarám logo a compoſiçaõ do Capitulo 13. que baſtará para a reſolver, deſgovernando primeiro o cavallo do alto, & baixo da maõ.

Sendo o tumor duro, ſe raparà o pello, & ſe lhe applicará o emplaſto ſeguinte.

Emplaſto para as Lupas denſas.

Tomaràm raizes de Briona redonda, meyo arratel, cortadas meùdas, & ſe frigirám em dous quartilhos de azeite, atè ſe gaſtar, pizado iſto, & depois eſpremido, & coado, ajuntarlhe de trementina de Beta meyo arratel, cera quatro onças com algumas gotas de vinagre forte, que fique em fòrma de emplaſto, & ſe applicará quente.

Eſte emplaſto he fortiſſimo, para deſfazer toda a dureza, huas vezes por reſoluçaõ, & outras ſupurandoas, cõfórme o intento da natureza; com o que vindo as Lupas a maturaçaõ, ſe abrirão pela parte mais baixa, deſviando de tocar nervos, ou ligamentos, curandoas com ſuas mechas, & deſeſtivos ordinarios.

Em caſo, que a dureza eſteja taõ calloſa, & rebelde, que naõ obedeça, ſe lhe dará hum dos Potenciaes do Capitulo 11. com as circunſtancias, que nelles ſe declaram.

CAPITULO 50.

Do Eſlabaõ.

O Eſlabaõ he hum tumor, humas vezes grande, outras pequeno, o qual ſe poem na junta do joelho pela parte de detràs, aonde ella faz a dobra, cauſaſe de pancada, ou relaxaçam de nervo, que faz alli cabeça, & como he a junta cauſa ordinariamente dor, & inchaçaõ, & por eſtes meſmos ſinaes ſe manifeſta.

O melhor remedio ; com q̄ coſtumaõ ſarar eſtes tumores dolorоſos naquella parte , he o ſeguinte.

Remedio para o Eſlabaõ.

Tomaràm duas partes de leite de mulher , & hũa de agoa ardente , & aſſi n em frio lhe miſturarám eſterco de menino treſco. o que baſte para ſe engroſſar, & ſe applicaraõ em pano groſſo, repetindoſe alguma vezes , iſto aplaca a dor , abranda reſolve , & gaſta o tumor , & ſe o tal for muito duro, lhe applicaraõ o Potencial primeiro do Capitulo 11. dandolhe as ſarjaduras muito ſuperficiaes.

O fogo actual he aqui muito arriſcado , & ſe tem viſto deixar o nervo entumecido , & creſtado , & o cavallo perdido, com que ſe naõ deve uſar delle.

A meſma cura , que temos dito ſe deve obſervar nos ſobreneruos ſimples, ou eslabonados.

CAPITULO 51.

Das Gretas.

COſtumaõ vir aos cavallos muito trabalhados (particularmente àquelles , em q̄ ha pouco cuidado de os alimpar , & lavar) humas gretas , a que os Italianos chamaõ (Malandres ,) na dobra do joelho , da parte de detràs , pelas quaes deſtillam humas humidades acres , & mordicantes, fazendo alli codeas , & gretas dolorоſas, que fazem manquejar o cavallo, & cõ mayor clareza o fazem logo ao ſair da eſtrebaria , & por eſtes meſmos ſinaes ſe manifeſtaõ.

Remedio para as Gretas.

Ea incomodidade he mui facil de remediar, avendo cuidado de levar a meúdo aquella parte com ourina freſca , & logo untala com manteiga de vaca, fervida primeiro muito , atè que ſe faça negra.

O oleo de nozes, com agoa rozada , partes iguaes, batido muyto hũa couſa com outra , tambem as ſara , continuando , & ſe tiver muito fogo, ſe lave com vinho primeiro , & logo ſe unte com

unguen-

unguento rozado, avendo ſempre cuidado da limpeza, & de que o naõ recolhaõ na eſtrebaria com as maõs cheas de lodo.

CAPITULO 52.

Das Sobre-canas.

AS Sobre-canas he hum tumor duro, & ſem dor, do tamanho de meya nòs, & algumas vezes mayor, que ſe poem na cana do braço pela parte de dentro, abaixo da junta do joelho; o qual procede mais ordinariamente de dar o cavallo com a ferradura de huma maõ pela cana da outra. Alguns o fazem mais vezes eſtando com manotas largas, ou com qualquer outra pancada, que dè na cana; porq̃ algumas vezes he pela parte de fóra, & tambem de diante. Muitas vezes procedem as Sobre-canas de trabalharem o cavallo muito novo, & ſe manifeſtam pelos ſinaes ſobreditos.

Se eſte tumor naõ toca nervo, nem ſobe à junta, naõ he propriamente manqueira, porque naõ faz prejuizo ao cavallo; com tudo, porque algumas vezes crecem, & porque cauſam fealdade, he conveniente o curalos, para o que darei hum remedio muito facil, com que os Alveitares Alemaens os coſtumaõ curar, & ſaraõ muitos perfeitamente.

Remedio para as Sobre-canas.

Tomaraõ na Primavera huns paos de aveleira, & ſalgueiro, & os porám ao fogo, os quaes diſtillaõ huma agoa pelas pontas, q̃ ficaõ fóra do lume. Eſta ſe irá recebendo, & guardando, cõ a qual rapando primeiro o pello da Sobre-cana, & amolentandoa com a eſfregaçaõ, de hum pao lizo, ſe lhe aplicarà deſta agoa, eſfreguando muito o tumor com ella, pondolhe em cima huns panos em dobras molhados na meſma, repetindo-os quatro vezes no dia, continuando muitos, & vendo que ſe vay conſumindo a dureza, ſe continuará atè de todo ſarar, ou a tornaràm a repetir dahi a hum mez: Em quanto durar a cura, naõ ſairà o cavallo fòra, nem molhe a maõ.

Outro remedio para as Sobre-canas.

Raparàm o pello, & esfregaràõ muito bem o tumor, para que abrande; logo lhe poràm em cima huma pele de toucinho gordo, com a gordura para fóra, & ſobre ella daràm hum botam de fogo, que ſeja plaino, & tamanho como hum toſtam; & logo voltaràm o toucinho, & com outro botaõ da meſma ſorte feito, que eſtará já quente, & ſe lhe applicarà da outra parte eſtando a gordura para dentro, & ſe lhe irà continuando deſta ſorte mais vezes atè que a ſobrecana ſe conſuma.

Outro remedio para tirar as Sobre-canas.

Tomaaõ hum ferro vermelho, embrulhado em hum pano molhado, & paſſaràm por cima do tumor atè que caia o pello; que ficarà como a palma da maõ; porèm ſempre (como diſſemos) ha de ſer primeiro mui amolentado, & esfregada a dureza, depois ſe picarà o tumor penetrando-o, & esfregalo cõ ſal meùdo, & tomar hum dente de alho na ponta de hum ferro, & metelo em oleo de nozes fervendo, & applicado aſſim quente muitas vezes, atè que o tumor eſteja molle, tomando alguns dentes de alhos crus, pizados, & applicalos ſobre o tumor, apertando-os, que naõ caiaõ, & paſſados dez, ou doze dias, eſtará gaſtada a ſobrecana. Porèm eſte ultimo remedio, deixa ſempre algũa falta de pello no meyo, porque faz huma chaga, a qual ſara depois, metendo o cavallo em banhos do rio, ou lavando-o com agoa ardente, ſem mais nada. Veja-ſe tambem o Capitulo 63. das ſobremaõs.

CAPITULO 53.

Da Extenſaõ, & Relaxamento dos nervos das maõs.

ALgumas vezes ſe relaxam os nervos, que vam por detràs da cana da maõ, motando dor, ou inchaçaõ, & procede eſte accidentente mais ordinariamente de alguma carreira violenta, ou cavallarias fortes, mayormente:

mente em cavallos novos, nam tendo ainda os nervos, & ligamentos com aquella dureza, & corpulencia neceſſaria. Logo ſe lhe deve acudir deſta maneira.

Remedio para os nervos relaxados.

Lavarſe haõ logo os nervos com agoa ardente morna em mui pouco fogo, porque naõ exhale a virtude: depois ſe lhe applicará Baltamo primo, que he o mais excellente para eſta incomodidade. Aonde naõ haja eſte balſamo ſe uſará do oleo de tijolo, que diſſemos no Capitulo 47. com outro tanto leite de mulher, com que aplacarà a dor; & depois lhe applicaràm da compoſiçaõ da carga, que diſſemos no Capitulo 13. pondoſe quente, que tem grande força para conſumir os humores, & fortificar os nervos.

Tambem ſaõ bons os banhos quentes de caldo de tripas; & meüdos de carneiro, cozendo com elles de macella, ſalva, funcho, & orteláa, de cada hum, huma maõ chea.

CAPITULO 54.

Da inchaçaõ ſobre a junta, & nó da maõ.

MUytas vezes incham as maõs, & pès aos cavallos principalmente em cima da junta de baixo das maõs, & pés, & ſuccede ordinariamente depois de haverem trabalhado muito, para o que he neceſſario fomentar a inchaçaõ deſta maneira.

Fomentaçaõ para deſinchar as maõs.

Tomaraõ oleo de nozes, & agoa ardente, partes iguaes, muito batida huma couſa com outra, & com iſto fomentãdo a parte de manhãa, & tarde, paſſeandoſe primeiro o cavallo eſpaço de huma hora, com que por tempo de outo, ou dez dias eſtarám deſinchadas.

Se a inchaçaõ for taõ grande, & rebelde, que naõ obedeça, ſe applicará quente a compoſiçaõ do Capitulo 13. com bolo Armenio, que a farà deſinchar em breve tempo.

Algumas vezes inchaõ as maõs mais acima da junta, procedida do muito deſcanſo, eſtando o cavallo na eſtrebaria comendo ſem exercicio. Eſta inchaçaõ com o paſſearem, & meterem na agoa, ſara.

Outro remedio para deſinchar as maõs.

A decoada de cinza de vides, lavando muito bem a inchaçaõ com ella, & applicando ſobre a parte as meſmas cinzas, tudo quente, com panos, que ſuſtentem: Eſte remedio faz deſinchar as maõs algumas vezes em vinte, & quatro horas.

CAPITULO 55.

Das Ovas.

AS Ovas he hum achaque muito conhecido de todos; & poucos cavallos deixaõ de as ter, em novos, ou velhos, ſendo muito trabalhados. Procedem ordinariamente de os trabalharem em potros, eſpecialmente delhe darem trabalho no tempo que comem verde.

Manifeſtaſe no alto da junta, que eſtà ſobre a quartela, como duas avelãas, ou ambolinhas; mayores, ou menores, cheas de hum humor molle, a que os Francezes chamaõ (muletes.)

Nam ſam as Ovas muito difficultoſas de gaſtar, porèm com a continuaçaõ do trabalho; tornam logo a vir facilmente.

Curam ſe com decoada feita de cinza de vides, lavandoas cõ ella quente, & applicando as cinzas da meſma ſorte ſobre ellas, apertandoas com hum pano, deſecam muito as Ovas, & as pernas inchadas.

Outro remedio.

O miolo de paõ enſopado em vinho tinto, quente, & poſto ſobre as Ovas de huma, & outra parte, atando levemente, ſara algumas Ovas, em tempo de vinte, & quatro horas.

Outro remedio.

Agoa ardente com pedra hume, deſfeita nelle, lavando as

Ovas à meùdo tambem as deſeca.

Outro Remedio.

Todas as vezes que o cavallo vier ſuado de trabalhar, pondo-lhe ſobre as Ovas de huma, & outra parte, humas eſponjas enſopadas em agoa ardente, & vinagre, partes iguaes, em breve tempo conſume as Ovas.

Se as Ovas forem jà antigas, & engroſſadas. ſerá neceſſario deſgovernar a maõ, ou pè no alto pela parte de dentro, & na quartela, pela parte de fóra. Supoſto que o contrario aconſelhem alguns Authores Caſtelhanos, os Italianos porèm o aprovaõ, & tem moſtrado a experiencia, que aſſim obra o deſgoverno mais ſeguro effeito, porque ſe atalha melhor a circulaçaã do ſangue, & dos humores, & depois do deſgoverno ſe applicará ſobre as Ovas eſte repercurſivo.

Repercuſsivo para conſumir as Ovas.

Tomarão pòs de rozas vermelhas, tres outavas, pòs de bolo Armenio, quatro onças, goma de trigo, quatro onças, çumo de tanchagem verde, & çumo de marmelo, de cada hum, huma onça, vinagre rozado tres onças, miſturaraõ tudo em frio, & ſe unirà em tal fórma, que ſe for raro, ſe lhe ajunte geço, & ſendo baſto, vinagre rozado; applicandoſe em fórma de emplaſto, continuando alguns dias, atè que todo conſuma as Ovas.

Outro remedio.

Sendo as Ovas tam rebeldes, ou endurecidas, que nam obedeção aos remedio, ſe lhe dará o Potencial primeiro do Capitulo 11. applicandoo com a ordem, que nelle ſe declara.

Alguns Alveitares abrem as Ovas. Porèm naõ he acerto: porque aquillo he humor, que eſtá dentro de ciſte, & paniculo, & he muito arriſcado a ficar o cavallo aleijado, como temos viſto; & quando o naõ fique, ſe o humor he tam delgado, que ſe evacue pela abertura, tambem aſſim he facil de deſecar com os medicamentos, ſem riſco de ſe abrir, & as que ſe abrem vemos, que nem por iſſo deixaõ de tornar a vir com mayor abundancia.

CAPITULO 56.

Das Porrilhas.

ESta manqueira, a que chamaõ (Porrilhas) he da meſma ſorte, que as Ovas, & dellas he, que ordinariamente ſe vem a formar, porque endurecendoſe por ſerem mal curadas, ou envelhecidas, ſe vem a fazer, as que chamaõ Ovas em potradas, & dahi paſſaõ a ſe chamarem Porrilhas. Sam da meſma ſorte que diſſemos das Ovas, ſómente tem a differença de ſerem mais groſſas, & endurecidas.

O melhor, & mais prompto remedio, depois de ſe haver deſgovernado a maõ, ou pè do alto, & baixo, como diſſemos das Ovas, he applicarlhe logo hum dos Potenciaes do Capitulo 11. & quando naõ ſarem, ſe lhe darà o fogo actual, que he o ultimo remedio, de que eu deſejo ſempre livrar os cavallos, podendo eſcuſarſe, com os remedios menos violentos.

CAPITULO 57.

Da Deslocaçaõ. & Esfriamento da junta.

ESte accidente de esfriar, ou deslocar a junta ſuccede ordinariamente aos cavallos, pondo alguma maõ violentamente em qualquer pedrinha movente, ou metendoa em cova, & torcendoa para alguma parte, ſe eſtiram, & violentam os nervos, & muſculos, ou ligamentos da junta, de que o cavallo fica muitas vezes eſtropeado, ſe lhe nam acodem logo; porque neſte caſo o remedio mais prompto, he o melhor, antes que o ar eſtranho, & os humores deçam à parte leza.

E ſuppoſto que o cavvallo naõ poſſa totalmente tirar o oſſo da junta, & ficar fóra della, ao menos a vem a torcer, ou a puxar mais de ſeu lugar, do que coſtuma no ſeu ordinario movimento natural.

Logo

Logo que isto socceder, lavarám a juntã, ántes que o ar estranho a penetre, & altere,& cõ agoa ardente,& se lhe applicará quente a composiçaõ do Capitulo 13. & sobre ella huma cataplasma, ou estopada, que cubra toda a junta com seu pano por cima. Estará assim vinte, & quatro horas em estrebaria abrigada. Passado este termo, se tornará a lavar com agoa ardente, & porlhe de novo outra carga da mesma composiçaõ sobre a velha, & continuardo atè sarar de todo.

Se o cavallo atè vinte, & quatro dias naõ sarar perfeitamente, serà necessario fazerlhe hum banho da maneira seguinte,

Banho para a deslocaçaõ da junta.

Tomarám raizes de malvas, & malvaisco consolida mayor, tudo pizado grosso, se cozerà em borra de vinho, & como estiverem meyas cozidas, lhe ajuntarám de flores de macella, gomos de salva, de hysopo, de alecrim, de ouregaõs do mato, de acintro, de funcho; de loureiro, tudo pizado, ferverá por tempo de duas horas, & se se gastar a borra lhe lançarám mais. Depois de aver fervido este tempo, se tirará do lume, & se apartarà da borra, & pizarà tudo em hum almofariz, alimpando algumas duezas, ou raizes grossas, que ficassem. Logo lhe misturaràm da borra, em que foy cozida, & lhe misturaráõ grayxa de ouriço cacheiro, & grayxa humana, & quando as naõ haja, servirà grayxa de pato, a que parecer necessaria, & se tornará a ferver tudo, até que a humidade da borra se gaste, & fique grosso; & cõ isto quente, depois de se haver lavada ajunta com agoa ardente, se applicarà em toda ella com sua estopada, tornandose a reformar da mesma maneira de vinte em vinte, & quatro horas, continuando este remedio atè recuperar saùde.

Se o cavallo naõ sarar com este ultimo remedio emdoze dias, serâ necessario applicarlhe o unguento dos cachorrinhos, de que fizemos mençaõ no Capitulo 47.

A pele de lebre he boa para atar os medicamentos com a pello para dentro, ao menos no tempo do inverno, & advirtase que se dè larga folga ao cavallo.

CAPI-

CAPITULO 58.

Das humidade, & gretas, que ſe criaõ nos machinhos, & quartelas, & das mais inchaçoẽs daquelle lugar.

INchaõ, & gretam os machinhos, & quartelas, & fazem humas codeas aſperas, abrindo o couro algũas vezes pela parte de detrás, no lugar dos machinhos, atè os candados, diſtillando ordinariamente humas agoas acres, & mordazes, que eſcaldam aquellas partes, & fazem muitas vezes manquejar o cavallo, o que naõ tem perigo, avendo cuidado de ſe curarem.

Procedem eſtes males das lamas, & deſcuido dos criados, recolhendo os cavallos nas eſtrebarias com os pès, & maõs çujas.

A primeira couſa, que he neceſſario, rapar o pello, & applicarlhe huma carga, que he mui commua, & efficaz para gaſtar, & conſumir todas eſtas humidades, a qual ſe faz da maneira ſeguinte.

Compoſiçaõ emplaſtica para deſecar as humidades, & ſarar as gretas.

Tomaràõ malvas, & malvaiſco, de cada hũ duas maõs cheas, dezoito cebolas ceſſens, cortadas meùdas, tudo em huma panela com cerveja, ou em falta deſta com tizana de cevada, ferverá tudo até ſe fazer como maſſa, lançando mais tizana, ſe ſe gaſtar, & depois que tudo eſtiver cozido, ſe tirarà, & pizará apartando alguns nòs, ou durezas, que fiquem das ervas, & ſe lhe ajuntarà hum arratel de manteiga, outro de graxa branca, & tornarà ao fogo, lançandolhe a meſma tizana, em que ſe cozeo, & ferverá mais algum tempo, mexendo ſempre, & como ſe for encorporando ſe tirará do fogo, & ſe lhe ajuntarà de trementina, & mel, de cada hum, hum arratel, mexendo tudo, & compondoo de ſorte, que ficando mui groſſo, lhe ajuntem tizana, & ſe delgado farinha triga.

Eſta compoſiçaõ tem grande virtude, que conſerva dous mezes, & mais. E ſupoſto ſe crie algum bolor por cima, naõ

deixa

deixa por baixo de eſtar boa, & fazer a ſua obra, & ſe applicará quẽ-te, reiterandoſe todos os dias, & quando ſe aquentar ſó a parte, que ſe ha de gaſtar.

Se ha muita humidade ſe poem fios, eſtriga por baixo, & a compoſiçaõ por cima, & ſe alimparàm muito aquellas partes, lavadas algumas vezes com agoa ardente.

Se ouver ulcera, & calos rebeldes, que naõ queiraõ ſarar logo, ſe uſarà do unguento negro, que ſe faz deſta maneira.

Unguento negro para todos os males rebeldes, ulceras, & corrupçoẽs de pès, & maõs.

Meteraõ em huma panela, hum arratel de mel commum, outro de caparroza em pò, & quente a fogo lento, ſe mexerá atè q̃ ferva, & tirada do fogo, ſe deixarà fazer morna, depois tornarà ao fogo, cõtinuando iſto tres vezes, & como eſtiver quaſi frio, ſe meterâ no unguento huma onça de arcenico em pò, tornando novamente a por a panela no lume, atè que ferva, & tirada ſe mexerá ſempre até arrefecer.

Advirto que naõ eſtejaõ ſobre o fumo, que evapòra eſte unguento, quando eſtà quente, porque pòde fazer muito dano aos circunſtantes, por ſer venenoſo.

Para ſe applicar, ſe raparà primeiro a parte, esfregandoa com hum rolo de palhas aſperas, depois untaràm a parte com o dedo levemente, applicando eſte unguento hum dia, & dous naõ, & veraõ, que ſararà perfeitamente todas as mais reſiſtentes ulceras, humidades, & gretas, que over.

Tambem ſe deve advertir, q̃ ſe as maõs, ou pès eſtiverem muinchados, ſe lhe applicaràm primeiro os remedios, que diſſemos no Capitulo 54. para deſincharem, porque depois fará ſua obra com efficicia o unguento.

CAPI-

CAPITULO 59.

Das Encabreſtaduras.

CHamao Encabreſtaduras às chagas, & golpes, que os cavallos muitas vezes fazem nas quarteias, embaraçandoſe com as cadeas, ou cordas das prizoẽs, ou ſejaõ as dos cabreſtos, ou ſoltas, travoẽs, & maniotas, com que algumas vezes fazem tam grandes golpes, que chegaõ a deſcobrir oſſos, & nervos, ſobrevindolhe inflamaçoens, & accidentes, que neceſſitam bem de remedios.

Outras vezes ſaõ taõ leves, que ſaraõ ſómente com azeite, vinho, partes iguaes, fervidos, atè que ſe gaſte o vinho, lavada a ferida todos os dias duas vezes.

Sendo os golpes grandes, & avendo inchaçaõ, naõ ha remedio melhor, que ſangrar o cavallo na taboa, lavando primeiro a chaga com vinho morno, & logo hirlhe aplicando o unguento da compoſiçaõ do Capitulo 13. o qual fará tam bom effeito, que em breve tempo ſerá o cavallo ſaõ. Solyſel no ſeu livro intitulado le Parfait Mareſchal, tràs hum caſo no Capitulo 128. de hum cavallo, que curou, ſem eſperança de poder ſarar, que encabreſtandoſe, cortou ao redor da quartela todo o couro, & carne ficãdo ſó o oſſo & nervos à viſta, & q̃ lhe naõ applicou deſde o principio atè o fim da cura outra couſa mais, que o unguento da compoſiçaõ, que digo, & aſſim em outras ſemelhantes ſe tem experimentado.

CAPITULO 60.

Dos Areſtins

OS Areſtins he huma humidade mordaz, que faz ouriçar o pello, pondoo tezo, como areſtas, que por iſſo ſe chamáram (Ariſtins.)

Poemſe por toda a quartela, atè a coroa do caſco, & ſobem

ſobem muitas vezes pelos braços, ou pernas atè o meyo della.

Procedem de andarem os cavallos por humidades, & lodos, para o que ſaõ ainda peyores os das ruas, que os dos caminhos, & tambem ſe cauſaõ das ourinas, & immundicias das eſtrebarias humidas, & çujas.

Conhecemſe, vendoſe o pello raro, & tezo; & muitas vezes com inchaçaõ, & groſſuras. Para eſte mal ſer curado, ſe procederá deſta maneira.

Cura dos Ariſtins.

Raparàõ o pello, & lavada mui bem aquella parte com vinho quente, ſe lhe applicarà em cima, agoa ſegunda dos ourives, q̃ he huma agoa verde, esfregando a parte com ella todos os dias, & naõ ſarando logo, ſe lhe adminiſtrará o ſeguinte.

Outro remedio.

Derreteràm ſal armonicado em vinagre forte, & depois de eſfregada a parte para aquecer, ſe esfregará com elle, & quando naõ ſare, ſe fará eſte, que ſe ſegue.

Outro remedio.

Depois de esfregada a parte para aquecer, tomaràm algodaõ molhado em eſpirito Vitriolo, & molhada a parte dos Areſtins levemente ſararà, & naõ ſarando, ſe uſarà ſegunda vez deſte remedio, que em breves dias o farà ſarar.

Outro remedio.

O unguento verde, de que ſe faz mençaõ no Capitulo 99. da ſarna, tem virtude para ſarar os Areſtins. O meſmo effeito faz para os rebeldes, o unguento negro do Capitulo 58. por mais envelhecidos, & ulcerados que ſejam. Porèm eſtes dous unguentos, ſe naõ applicam avendo fogo, & inchaçaõ inflamada, porque ſe a parte eſtiver inchada, ſe fará o remedio ſeguinte.

Remedio para a inchaçaõ dos Areſtins.

Tomaràm em huma panela nova, nove quartilhos de agoa, & lhe meteràm de caparroſa hum arratel, de pedra hume outro, tudo em pò, ferverà atè ſe gaſtar ametade, & com eſta agoa lavaraõ os Areſtins todas as noutes, com que deſinchaõ, & ſaraõ.

Se os Areſtins forem mui humidos, que ha alguns, que lançaõ

çaõ muitas agoas, foraõ eſte remedio.

Remedio para os Areſtins mui humidos.

Tomaraõ hum arratel de ſabam molle, duas onças de ſal cõmum pizado, huma onça de pedrahume queimada, tudo muybem unido, untaraõ com iſto os Areſtins, & paſſadas vinte, & quatro horas; lavaaõ toda a parte com a decoada de cinza de vides, tornando a reiterar a meſma cura por tres vezes, ſararáõ em tempo de nove dias. Tambem ſara os Areſtins a compoſiçam do Capit. 13. miſturando nella a terça parte do enxofre pizado, desfeito cõ azeite, unido ſobre o fogo, & applicado quente.

CAPITULO 61.

Da Coça das maõs, & pernas dos cavallos.

ALguns cavallos tem huma Coça nas maõs, & pernas de tal ſorte, que nem comem, nem aquietam, com o ſentido, & cuidado de ſe coçarem, & roçam muitas vezes o pello, fazendo faltas nelle. He mais ordinaria eſta falta nos cavallos velhos, do q̃ nos novos. Comtudo alguns tambem a tem quando eſtam em deſcanço, depois de eſtarem muito trabalhados. Eſta incomodidade ceſſa logo, tanto que ſe lhe applicar o remedio ſeguinte.

Para a Coça das pernas.

Tomaraõ meya onça de Euforbio em pò, metido em hum quartilho de vinagre forte, ſe porà no fogo de cinzas quentes eſpaço de tres horas, & com eſte remedio mais quente, que morno; ſe esfregaraõ as pernas do cavallo, avendolhas primeiro esfregadas com hum rolo de palhas aſperas, para que aqueçam. Eſte remedio coſtuma ſarar ao menos da ſegunda vez, & em ſeguimento diſto, he bom ſangrar o cavallo na taboa hum par de vezes, obſervando o modo de dar as ſangrias; como diſſemos nos Capitulos 2. 3. & 4.

CAPITULO 62.

Das Alcançaduras.

HA muitos cavallos, que correndo, ou voltando, ſe alcançaõ, dando golpes com as ferraduras dos pès nas maõs, mòrmente os cavallos curtos. Eu vi alguns, que naõ davaõ carreira, em que ſe naõ feriſſem, tirando algumas vezes pedaços da coroa do caſco. Para eſta incomodidade a melhor cura he neſta fórma.

Para curar as Alcançaduras.

Primeiro de tudo, he neceſſario lavar a ferida, & alimpar toda aquella parte com vinho quente, & ſal; ſe ouver algũ pedaço deſpegado, cortalo, & tomar hum ovo aſſado duro, partilo pelo meyo, & meterlhe pimenta em pô, & applicalo bem quente ſobre a parte bem atado. Se o cavallo naõ ſarar bem pela primeira vez, ſe tornará a repetir o dia ſeguinte.

Se o alcance fizer grande cova ſobre a coroa do caſco, ſe encherà de pimenta, & ſe lhe porá em cima hum adſtringente de fulujem, vinagre, claras de ovos, & bolo armenio.

A compoſiçaõ da carga do Capitulo 13. tambem ſara eſtas alcançaduras, applicada em fòrma de emplaſto com ataduras.

CAPITULO 63.

Das Sobre-maõs, ou Formas, & Cravos.

A Sobre-maõ, he hum tumor duro, que aparece na quartela, acima da coroa do caſco, participando algumas vezes delle, & pela mayor parte he mais por diante, ou pouco às bandas. Os Francezes lhe chamaõ (Formas,) & a differença, que fazem dos Cravos, he ſómente ſerem mayores, & menores duras, porque os Cravos ſaõ mais pequenos, & mais endurecidos, & ſe formam

mais

mais ordinariamente das bandas, chamandoſe cravos repaſſados aquelles, em que a dureza paſſa a outra parte, & faz manquejar muito, & com dores; o que naõ tem a ſobre-maõ, que ordinariamente coſtuma ter pouca dor quando a apertaõ cõ os dedos; porèm muitas vezes faz manquejar, porque comprime os nervos, cordas, & ligamentos, algũas vezes arruina tambem o caſco, porque lhe impede a ſubſtancia.

Eſtes achaques procedem mais vezes de trabalharem o cavallo muito na tenra idade, & de lhe darem carreiras violentas, com que os ligamentos brandos, & tenues ſe relaxam, & fazem aquella contuzaõ. Outras vezes de tropeçar o cavallo com força, correndo, ou voltando, & tambem de andarem com ferros de ſoltas, ou maniotas aſperas.

As ſobre maõs ſe manifeſtam de principio, como huma fava; porèm depois vem a crecer, & a fazerſe algũas vezes, como meya laranja.

A cura he bem difficultoſa pelos caminhos ordinarios. Os eſtrangeiros affirmam averem curado muitos neſta fórma.

Cura para as Sobremaõs.

Tomaràm huma meya bola de paõ tamanha, como ametade de huma laranja, & vaziandoa por dentro na fórma de hũa meya laranja ſem miolo, lhe meteràm dentro huma eſponja, pondo iſto ſobre o tumor com a eſponja, & abertura para elle, mui bem ſeguro que naõ caia. O meſmo tumor ajuda a ſuſtentar, deixando na meya bola hum buraco para a parte de cima, pelo qual todos os dias ſe lãçará vinagre forte, para que a eſponja o receba, & eſteja ſempre enſopada, continuando neſta fórma, ſem nunca ſe tirar a meya bola, dentro de vinte, ou trinta dias, ſarará a Sobre-maõ pela penetraçaõ, & repercuſſaõ do vinagre, & tambem o aconſelhaõ para as ſobrecanas, eu o naõ experimentei, porèm ſerá facil, & ſem perigo a experiencia.

He bom o fogo Potencial, que vay no Capitulo 11. dado com as circunſtancias, que nelle ſe aconſelhaõ, como tambem para os cravos, deſgovernando o cavallo do alto, & baixo, ſe o caſco naõ eſtiver falto de ſubſtancia, porque quando o eſteja ſe acabará de

arruinar,

arruinar, por lhe atalharem todos os caminhos da ſubſtancia.

Se naõ ſarar com o Potencial dado tres vezes em nove dias, ſerà melhor tornalo a repetir, depois de paſſarem alguns, do que darlhe o actual, que ſupoſto a mayor parte dos Authores o aconſelhaõ, tenho viſto roins ſucceſſos com elle, creſtandoſe, & encolhendoſe os nervos, & ligamentos, & quando ſe lhe haja de dar ſeja mui ſuperficial, & naõ profundo, por que he alli a pelle delgada, & acabará de arruinar o cavallo, nem lhe toquem com o fogo na coroa do caſco,

CAPITULO 64.

Dos Gavarros.

OS Gavarros he hum apoſtema de humor podre, & corrupto, procedido de deſcarga, que a natureza faz daquelle venenoſo humor.

Muitas vezes procede tambem de pizadura, que recebeo a parte, atrahindo humores a ella, & corrompendoſe. fazem aquella penetraçaõ.

Ha tres generos, ou eſpecies de Gavarros, ſupoſto que os Authores Eſpanhoes entendem, que ſó hum; porém pela differença do lugar, & variedade da cura ſe deſtinguem, porque ſupoſto, que todos ſejaõ do meſmo humor, & putrefaçaõ, ſaõ muito difficultoſos de curar, os que eſtaõ entre o pello, & caſco, & pelo contrario *muito faceis de ſarar*, os que naõ tocaõ o caſco, & eſtaõ ſituados ſómente na quartela; huns, & outros ſe manifeſtam com hum tumor pequeno; mas com dor grande.

Aquelle Gavarro, que eſtá entre o pello, & caſco, a que os Francezes chamaõ encornado, porque participa da tapa do caſco, que elles nomeaõ; corno tem muito mayor ſentimento, que apenas deixa o cavallo tocar com a ponta do caſco, & ordinariamente abre huma greta antes de eſperar ſupuraçaõ, porque o humor crù & mordaz, faz deſunir o caſco naquella parte.

O ſegundo he aquelle, que comprehende o nervo, a que chamaõ

maõ Gavarro nervudo.

O terceiro, & de menos cuidado, he o Gavarro ſimplex, que he aquelle, que eſtá na qnartella, ſem abraçar nervo.

A cura deſtas duas eſpecies, ha de ſer encaminhada a fazer ſair fóra a cabeça do Gavarro, porque ſahida ella, logo a enfermidade ſe vence com a cura. Chamaõ cabeça de Gavarro a hum pedacinho de carne podre, que em ſaindo fica hum buraco. A cura ſerá deſta maneira: Tanto que ſe perceber o tumor, ſe fará hum cozimento nella fórma.

Cozimento para os Gavarros.

Tomarão de cardo morto, & malvas partes iguaes, duas, ou tres cebolas cortadas meùdas, huma onça de lixo de pombas, & duas onças de unto ſem ſal, ou de baſalicão; ſendo tudo cozido, lhe ajuntarão huma maõ chea de azedas pizadas, com farinha de linhaça tudo em fórma de emplaſto, & ſe applicarà em eſtopada ſobre o tumor muy bem quente, que ſendo applicado duas, ou tres vezes, virá logo ſaindo a cabeça do Gavarro para fòra.

Outro remedio.

Tomarõ manteiga freſca, & azeite, partes iguaes, & ſe porá a ferver em pouca agoa, & ſe lhe ajuntarà a farinha triga peneirada, ferverão atè ficar groſſo, & ſe lhe ajuntarà na ultima fervura de eſterco de galinhas pizado a quarta parte. Tambem farà ſahir a cabeça do Gavarro eſte remedio, que ſe ſegue.

Outro remedio.

Tomarão quatro cebolas ceſſens, aſſadas debaixo de cinzas quentes; ſe pizarão depois, & lhe ajuntarão outro tanto de eſterco de menino em pó, & duas onças de oleo de linhaça, tres onças de manteiga ſalgada, duas gemas de ovos duras, tudo pizado, & unido ſobre o fogo.

Tanto que caia a cabecinha ao Gavarro, lhe meterão no buraco huns fios enrolados com baſilicão a primeira vez, para que acabe de ſupurar, & atrahir o reſtante, & ſe ouver podridão, ſe untarão os fios com Ægypciaco, & tanto que a carne eſtiver limpa, lhe deitarão pòz de carvaõ pizado, com que ſatarà logo.

A compoſiçaõ branda do Capitulo, tambem faz ſair a cabeça do Gavarro.

O Gavarro encornado, ou encaſcado, que eſtá entre o pello, & o caſco naõ lança a cabeça, nem a faz, porque o caſco faz que o Gavarro abra por ſi, ſem ſe ſuparar, & por iſſo he mais mordicante a materia encruada, & difficultoſo de ſarar, & ſe lhe naõ acodem com promptidaõ, ſolapa, & corrompe muitas vezes todo o caſco, & ſe deſara, ficando o cavallo perdido.

He neceſſario alegrar muito o caſco, para que vapore, & faça pouco pezo. O deſpalmalos logo como muitos aconſelham, he cauſa muitas vezes de ſe deſarar o caſco, naõ o havendo de fazer, ſe o naõ deſpalmaſſem, por razaõ de que a dor; que cauſa o deſpalmar, chama os humores áquella parte.

A ſangria da ponta do caſco, que chamaõ (ſonre,) he de grande proveito, como a experiencia tem moſtrado, ſupoſto que os antigos naõ tratarão della neſte caſo.

Se o cavallo eſtiver bem penſado, primeiro ſe deve ſangrar na taboa algumas vezes.

Neſte caſo naõ ſerve o cauterio Potencial. Porque alguns Alveitares deitaràm a perder muitos cavallos, ſeguindo hum conſelho de Franciſco de la Reyna, que o devia eſcrever ſem o ter experimentado, que he, meter pela boca do Gavarro huma pedra de ſolimaõ tamanha, como meya avelaã, a qual ainda que fizera a ſua obra boa, depois de aver feito, fica dentro; & vay ao fundo do ſeyo, & caverna, que o Gavarro faz grande, & com a potencia do veneno eſtranho altera a parte com tanta violencia, que vem a fazer, que a maõ ſem remedio ſe perca.

Pelo que he mais ſeguro o cauterio actual, que eſtando na maõ do official, lhe dá o eſpaço, que baſte para fazer a obra, & o tira logo. Eſte ſe deve meter com muita cautela tenteando primeiro com huma vareta de chumbo liza, & ſem ponta para ſaber o comprimento, & largura do ſeyo, & conſórme a ella meterlhe o cauterio, arrimado ſempre mais à carne, do que ao caſco, porque entrando por elle cõ o fogo encima no nacimento, ficará ſempre diſforme. Depois ſe irám dirigindo as materias cõ ſuas mechas de

deſſitivo ordinario, para que abraõ porta, a que poſſaõ ſair as materias, & eſcaras do fogo, & ſe và mundificando, & cicatrizando a chaga.

Outro remedio para o Gavarro encaſcado.

Os Authores Inglezes gábaõ muito os póz de ſimpatia, & affirmaõ que elles ſó lançados dentro no Gavarro o curam, & saraõ perfeitamente, por virtude occulta. Eu nunca fiz eſta experiencia por naõ aver occaſiam, depois que ſoube a qualidade, & virtude ſua.

He neceſſario que em todo o tempo da cura do Gavarro, eſteja o braça do cavallo da quartella para cima, enrolado com huns panos em muitas dobras, molhados em vinagre, & çumo de tanchagem, ou de erva moura, & que haja cuidado de os molharem tres, & quatro vezes no dia.

CAPITULO 65.

Do Galapago.

MUytos ſe enganam, & equivocam com os Galapagos, naõ os ſabendo differençar dos Gavarros, ſendo couſa muy diſtincta na qualidade, ainda que ſuppoſto faça o Galapago greta na coroa do caſco, entre ella, & a tapa, como faz o Gavarro, ſe differença em que eſte, faz caverna profunda, & materias ordinariamente fetidas, cauſando exceſſivas dores, & com groſſuras, & bordas, tudo ſinaes, que naõ ha Galapago, que he na ſuperficie, & ſem os outtos ſimptomas, & com lhe apararem bem o caſco, que abre junto à coroa rapando o pello, & applicando o unguento negro, que diſſemos no Capitulo 58. ſara em breve tempo, eſtando em eſtrebaria enxuta, & andará ſempre com os caſcos baixos, & naõ enchapinados.

CAPITULO 66.

Dos caſcos enchapinados, ou encaſtellados.

OS caſcos enchapinados ſaõ aquelles, que eſtam muy duros, apanhados, & mais eſtreitos junto à ferradura, do que na coroa do caſco, eſpecialmente do meyo para tràs, & algumas vezes com debruns na cinta do caſco, procedidos de agoamentos, & muytas vezes aperta, & oprime tanto o ſauco, que eſtá dentro do caſco, que faz manquejar o cavallo, & aquella roim formatura, he occaſiaõ de ſe abrirem Quartos infalivelmente.

Eſta incomodidade ſe acha mais ordinariamente nos cavallos de regalo, do q̃ nos trabalhados, & de menos carnes, porque aquelles comendo muito, & eſtando alli quietos naõ ſaõ os caſcos ſocorridos com a humidade, ſubſtancia neceſſaria, como aviam de ſer movendoſe os pès, & maõs com continuaçaõ, fazendo frequencia no exercicio, abrindo as vias para facilitar a entrada da humidade, que tempera, & augmenta a ſua natural compoſiçaõ.

Tambem o mao ferrar occaſiona muita parte deſte dano, como pelo contrario o bom modo de ferrar o remedea.

Para ſe dar remedio a eſte dãno, eſtando o caſco jà mal formado, & muito empedernido, importaõ pouco os muitos unguentos, que os Alveitares aconſelhaõ, porque hũ caſco duro, he muito mao de pénetrar, tanto aſſim he, que eſcrevem os Chroniſtas de Alexandre Magno, que o veneno, que Antipatro mandou para o matarem em nenhum vaſo de metais, ou vidros o poderàm conſervar, que o naõ rompeſe, & penetraſe, ſe naõ dentro de hum caſco de cavallo.

Como o que o principal he pertender, que o caſco duro, & empedernido vá ſaindo, & q̃ venha crecendo brando, o que ſe faz ferrandoſe o cavallo a meùdo. Faraõ hũas riſcas, com hum renete deſde o alto do caſco atè a ferradura, naõ taõ profundas, que penetrem toda a groſſura da cinta, mais entradas do meyo do caſco

casco para baixo, & menos para cima, porque assim vay alargando, desoprimido do grande aperto da tapa, Seraõ as riscas largas huma da outra tanto, como huma polegada. Faraõ que o cavallo tenha as maõs sempre metidas em huma cova, ou receptaculo, que se lhe faz junto às maõs, chea de esterco de vacas fresco, reformado a meúdo, adelgaçando-o com vinagre, & agoa, porque isto o faz crescer em breve tempo, & ainda que naõ penetre a dureza empedernida, penetra ao menos os candados, & abranda a palma do casco, & a coroa delle, paraque creça, & venha brando, & se vay alargando com esta brandura, & pezo do cavallo.

He necessario que neste tempo coma o cavallo verde, porque lhe dà mais humildade, para poderem abrandar, & crecer melhor os cascos. E naõ pareça que este esterco lhe possa fazer mal, porque até o seu proprio lhe he conveniente, como veraõ em que os cascos dos pès, saõ sempre melhores, que os das maõs, por estarem ordinariamente cheyos por dentro do esterco do cavallo.

Para tornar a por estes taes cascos na sua boa, & natural forma (quando se naõ consiga, com o que temos dito) he ultimo, & melhor remedio o despalmalos, que sendo feito com o metodo conveniente, como temos dito no Capitulo 12. nam tem nenhum prejuizo, nem ha melhor meyo para conseguir o remedio, aproveitandose de algumas advertencias, que se fazem no Capitulo 67. dos Quartos.

CAPITULO 67.

Dos Quartos, & Raças.

QUartos saõ hũas aberturas nos cascos, que principiam ordinariamente no alto; junto ao pello, & vem abrindo para baixo, chamaõse Quartos, porque se abrem na quanta parte do casco, humas vezes pela parte de dentro, & outras pela de fòra. Alguns differaõ, que o chamarse Quarto era, porque o cavallo naõ valia mais

que

que hum quarto, do que havia de valer naõ o tendo.

Succedem ſempre os Quartos nas maõs, porque eſtas naquelles lados, tem a cinta do caſco mais delgada, & mais groſſa adiante, o que he pelo contrario nos pès, adonde ſe achaõ tambem algumas vezes eſtas aberturas, porèm ſim diante, & naõ nos lados.

He muyto conſideravel defeito eſte nos cavallos, & ſe acha mais ordinariamente nos de mayor conta, & que tem mais pezo de carnes. Se eſta encomodidade naſce da deſtemperança ſeca dos caſcos, que lhe tem feito perder a boa fórma; he neceſſario todo o bom methodo da cura, porque ſe aſſi n naõ for, ainda que ſe curem huns, logo tornaõ outros, & incapacitaõ o cavallo de todo o ſerviço; com o andar abrem, & fechaõ, & algumas vezes lançaõ ſangue, & cauſaõ gtande dor.

Os Quartos procedem mais commumente dos caſcos ſe terem encaſtelados, & enchapinados com ſecuras, & como ficam mais eſtreitos junto à ferradura, & mais largo no alto, junto ao pello com força, & pezo do cavallo abre, & arrebenta em cima; porque o ſauco que vay por dẽtro naõ cabe no aperto do encaſtelamento do caſco.

E tambem quando ha huns debruns, que hajaõ ficado de algũs agoamentos; cauſam a meſma incomodidade.

Se o caſco ſendo bem temperado, & em natural proporçam formido, ſe lhe abrio hum Quarto por algum incidente, como de hum ſalto grande ſobre pedras, ou outro ſemelhante caſo; eſte naõ tem perigo, porque tanto que ſe cura, & encabeça fica ſeguro o cavallo.

Os ſinaes por donde os Quartos ſe conhecem ſaõ os meſmos, que tenho dito. Primeiro que vamos aos remedios mayores, ſerá bom applicar eſtes, que direy primeyro, que muytas vezes coſtumaõ baſtar.

Remedio para os Quartos.

Alimparàõ muy bem abertura, alegrando com o renete, com que naõ fique dentro alguma couſa çuja, lavandoa com vinho, logo ſe aquentarà oleo de louro, & fervendo ſe meterà huma fa-

tiaſinha de dente de alho, alimpa, q̃ caiba, na abertura, & na ponta de hum paõ ſe molhará no oleo, & aſſim fervente, ſe meterá no Quarto.

Outro remedio.

Molharám a rama de huma pena em agoa forte dos prateiros, & ſe meterá por dentro do Quarto; porque ſe deitar ſangue, & tiver dores he bom remedio que o cauteriza, & fortifica, fazendo vir de dentro o caſco endurecido; que a abertura de fóra naõ ha que canſar com remedios, para a fazer ſoldar, & os que o aconſelhaõ, o naõ obraõ, como dizem.

Quem ſe quizer hir ſervindo do cavallo, ainda que tenha Quartos, & mais que vá ſarando, uſará deſta maneira.

Outro remedio.

Mandaràm abrir, ou alegrar alguma couſa o Quarto, & dentro, depois de muy bem limpo, deitaraõ pimenta pizada, & com huma vela de ſebo eſtaràõ pingando em cima atè tapar a abertura; & ſe for veraõ, que temaõ ſe derreta o ſebo, & caia, ſe tarà huma maſſa mais dura para applicar derretida em lugar delle, feita de cera, ſebo, & trementina.

Faráõ deſentaloar muy bem o caſco com o puxavante, ſuppoſto que muitos aconſelhaõ o contrario, mas a experiencia moſtrará o effeito.

Os carellos das ferraduras, ſe querem curtos, & deſapertados das ranilhas: No direito donde eſtà o caſco ſe ha de aparar com o puxavante, mais do caſco, do que nas mais partes, com que aſſentado o caſco na ferradura, poſſa caber groſſura de meya pataca entre ella, & o caſco, naquelle direito, aonde eſtà o Quarto, & entre o caſco, & pello, ſe irà ſempre untando com o unguento, que direi, que ſuppoſto os livros aconſelhaõ grande cantidade de unturas para os caſcos, ſó neſte tenho achado verdadeira efficacia.

Unguento para os caſcos.

Tomaraõ manteiga freſca, hum arratel, de ſebo de bode, outro, ou de carneiro em falta delle, derretido primeiro, & apartado das membranas, junto em huma certaã, com quatro onças de cera branca, outras quatro de trementina commua, ſeis onças

de

de azeite, depois de derretido tudo, ſe tire do fogo, & ſe lhe ajunte meyo quarrilho de çumo de tanchagem, & torne ao fogo, mas ſeja brando, & antes eſteja mais tempo, ſempre ſerá neceſſario outo, ou dez horas, para que ſe gaſte, & conſuma o çumo da tanchagem ſem ferver a cacham, porque diminuirá a virtude da tanchagem, & o meyo para iſſo he tiralo do lume todas as vezes que quizer levantar fervura, tornandoo logo a por, & aſſim continuar. Eſtando feito ſe tire, & deixe esfriar mexendoſe ſempre; & quando ſe for começando de coalhar, lhe miſturaràm huma onça de incenſo em pò, mexendo até arrefecer.

Eſte unguento deſaltera o calor eſtranho, faz creſcer o caſco com muita brevidade, & o que creſce vem bom, & temperado, o que naõ fazem os baſilicoẽs, & grayxas, que naõ ſaõ corregidas.

Outro unguento.

Mel commum miſturado, & unido com manteiga crua, ou com ſebo de bode, ou carneiro derretido, tambem fazem muito bom effeito, ſendo no inverno, & no veràõ cõ unguento rozado tambem ſerve.

Para hum cavallo ſer curado perfeita, & methodicamente, dos Quartos; ſendo cavallo que o mereça, he neceſſario muito tempo, & muita paciencia, & entaõ ſe faz a cura neſta fórma, que direi.

Modo de curar os Quartos.

Primeyramente naõ ſe ha de ter o cavallo com muitas carnes, & ſe comece a cura em Março, ſendo poſſivel, porque he aſſim conveniente, por muitas cauſas. Meterſe o cavallo no verde, comendo delle em quanto durar a cura, & o desferraràm das maõs, aonde tem os Quartos, & lhe faràm huns riſcos com o retnete (como diſſemos dos cavallos enchapinhados,) & eſtaràm ſobre eſterco de vacas, que ſempre ſe irá renovando freſca de ſorte, que eſteja ſempre mole em cova, ou modo de tabuleiro, em que o cavallo tenha ſempre as maõs no dito eſterco; no qual ſe lançará outra tanta cevada muito cozida, atè que rebente, & pizada com a meſma agoa, em que ſe cozeo; neſta fórma terá ſempre

as

as maõs, com que naõ paſſe o eſterco muito acima do pello, a coroa, & caſco ſe untará de tres em tres dias com o unguento de tanchagem, que acima diſſemos neſte Capitulo, & ſe irá referrando o cavallo a meùdo com tanto, que lhe naõ chegue ao ſangue, nem o façam doer dos caſcos, porque ſe ſe laſtimar delles, naõ ſe podendo ter nas maõs, ſerà entaõ neceſſario que eſteja ferrado.

Depois que aſſim eſtiver, tempo de dous mezes, ſe veraõ os Quartos ſe vam abaixando, & os caſcos ſe vam reduzindo a melhor fórma, porque algumas vezes ſó com iſto ſe vam abrindo em baixo, & alargando os candados, & ranilhas, depois com o bom modo de ferrar, que acima digo ſe vam aperfeiçoando, & tornando a ſua natural fórma, porèm ſe naõ ſe alargarem por baixo, nem forem perdendo de todo a dureza, ſerà conveniente deſpalmar o caſco de huma maõ, & depois que eſtiver ſaã o da outra, tudo na fórma, & com as cautelas que digo no Capitulo 12 do deſpalmar, & aſſim como for endurecendo a palma, ſe ha de ir metendo ainda ſobre as cataplaſmas, huma fórma de pao leve feita a modo de ametade de hum ovo mayor, ou menor, conforme o tamanho do vazio do caſco; poſta com a parte ovada para a palma, & com o plaino para o chaõ, muy bem liza, & nedea, ſobre a qual carregando o pezo do cavallo vay abrindo em baixo, que he o que ſe pertende, para que fique livre de tornarem depois. Quantos, & conſeguindoſe ſaùde perfeita, averá ſempre cuidado de humedecer os caſcos depois, com o remedio do eſterco de vacas, pois he tam facil, & em falta tambem he bom o do meſmo cavallo; molhado primeiro, & metido dentro nos caſcos, ainda que naõ ſejaõ tão efficaz, como o outro, & a untará de tempo em tempo, ao menos no de muitas calmas, & no de geadas.

A Raça do pè ſe remedea ſòmente com o cortar do caſco, como diſſemos, com que naõ aſſente no direito da Raça da ferradura, & com iſſo ſahirá logo, & naõ abrirà mais.

As Raças, que ſaõ atraveſſadas, naõ ſaõ de cuidado, & com ſe lhe applicar o unguento, que diſſemos da tanchagem, vam logo obe-

obedecendo, & ſe tempera o caſco, & preſerva de naõ virem outras.

CAPITULO 68.

Das Encravaduras, pregoo da rua, & aſtilhas, que offendem o caſco.

HUma Encravadura he muy pouca couſa, & naõ ſe fazendo caſo della, póde paſſar a grande mal, & deitar a perder hum cavallo. Muytas vezes baſta huma gota de azeite quente para a ſarar, & outras he neceſſario muito trabalho, para as remedear; pelo que ſe naõ deve deſprezar nenhuma encravadura, por pequena que ſeja.

Para ſe ver ſe o cavallo eſtá encravado, quando manqueja, ſe mandará paſſear por ladrilho, em o qual ſe ſente mais, que na terra branda, & ſe levantarà a maõ ſaã, & com o martelo ſe iràõ batendo as pontas dos cravos, para ver em qual delles moſtra o ſentimento. Sendo o cavvallo ferrado de pouco tempo he mais certo indicio, para ſe entender, que ſerá encravadura; logo ſe lhe tire a ferradura, advirtindo no ſahir dos cravos, ſe aquelle, em que o cavallo moſtra dor; trás alguma eſtilha menos, que fique, dentro, ou ſe vem farpado, ou fez algum joelho para dentro, ou tràs ſangue para hir enformado melhor na cura, entaõ ſe ha de alegar, & manjfeſtar com o canto do puxavante, a parte offendida, & deitarlhe dentro oleo de Maravilha, que adiante neſte meſmo Capitulo direi, que ſem mais outra couſa ſara; pondolhe em cima ſebo derretido.

Se naõ ouver o oleo, remedeeſe com azeite, em que fervaõ humas folhas de betonica, & lançarlho fervente, advirtindo que naõ corra para o pello, & coroa do caſco, porque a queimará, & ſobre elle ſebo derretido, tapãdo com elle o buraco, para que naõ entre outra humidade.

Se ouver indicio de que dentro, aonde o cavallo ſe doe eſtà alguma farpa, ponta de prego, ou aſtilha de pao, he neceſſario hir deſco-

descobrindo com o puxavante, alegrando tudo o que for possivel, sem que se chegue ao sangue para tirar o que estiver estranho; que sem sair nunca a cura se poderá vencer, porèm se lhe nam poderem chegar, se irà usando do oleo de Maravilha; que diremos, porque elle a fará sahir com a materia em breves dias.

Se começar a fazer materia, se trate logo de apertar a coroa do casco com hum restringivo declara de ovo, vinagre, & fulujem em estriga, sem mais cousa alguma; & este se reformará duas vezes no dia em quanto ouver materia no casco, dando a esta sempre toda a boa saida por baixo, para que naõ suba à coroa do casco.

Se o cavallo meteo prego, ou astilla, que penetraſe muito; & tornou a sair, deixando buraco, he necessario tentealo para ver aonde chega, & se està entupido, que impida a saida da materia. Isto se faz com tenta de chumbo, ou cano de huma pena de galinha muito branda, & sutilmente, que naõ sirva de mayor dãno, & dentro se lhe lançará oleo de Maravilha fervente a primeira vez, & as demais morno, huma vez cada dia, atè de todo sarar tapando sempre a boca do buraco com sebo.

Se for muita a materia, se tapará o buraco cõ algodaõ, & naõ com sebo, curandose duas vezes no dia, continuando sempre a cataplasma do restingivo na coroa do casco.

He bom dar dous passos ao cavallo, quando se cura com o buraco aberto, para obrigar a sahir a materia.

Se naõ ouver o oleo de Maravilha, será necessario hir cortando da palma ao direito do buraco tudo o que poder ser, sem se chegar ao vivo, porèm avendo o oleo, naõ ha que temer, que elle he penetrante de sorte, que chega ao intimo da lezaõ, & sara por si só admiravelmente, & faz muitas vezes sair as astilhas de pao, & pedaços de ferro, que se naõ imaginavaõ estarem dentro.

Se a cura se dilatar, serà indicio de aver astilha, ou cousa estranha dentro, mas sempre sairá, ainda que se retarde, com tudo he bom meter brandamente a pena para a mover, & facilitar a sahida.

Algũas

Algumas vèzes os pregos, ou aſtilhas offenderàm, & picarão, o nervo, que vai por dentro, o que ſe conhece na mayor dor, que então tem o cavallo, & na retardaçam da cura, em que em lugar de materia ſae agoa amarella pela ferida; & o nervo da mão incha, ao que he neceſſario acudir em vendo eſtes ſinaes, que ſão bẽ manifeſtos, com deſpalmar logo a mão, ou pè, na fòrma que diſſemos no Capitulo 12. com que ficará manifeſta a chaga, para ſe ir curando como as mais chagas ordinarias.

O ballamo unido, & adelgaçado com oleo de aparicio, tambem pòde ſervir, em falta do oleo de Maravilha, porèm não penetra tanto, nem tem taõ efficaz virtude.

A receita do oleo de Maravilha tam celebrado de todos os Authores de varias naçoẽs, como a ſua obra merece, ſe faz na fórma ſeguinte.

Oleo de Maravilha.

Tomaraõ oleo de trementina, & de aperiçaõ, de cada hum quatro onças, oleo de Petroleo duas onças, meterám tudo em hũ valo de vidro, ſobre cinzas quentes, & ſe lhe meterà meya cutava de Orcanette pendurado por hum fio no vaſo, aquecerà tudo, tempo de hum quarto de hora, depois ſe tirará fóra o Orcanette, & guardarám o oleo para as neceſſidades.

Se quizerem fazer eſte oleo em fórma de unguento, lhe miſturarám cera, porèm não he então penetrante, mas ſerve de unguento, para ſe applicar á fiatica, golpes, pizaduras, obſtruçoens, & outros muitos achaques, & ſobre tudo tem virtude para as doenças dos caſcos.

Para as encravaduras, & picadas freſcas, de que já tratamos, ha muitos remedios para ſe lhe acodir logo, como trementina, quente com azeite, ou ſem elle, o azeite ſó, o ſebo derretido com pimenta, agoa ardente com açucar, azeite fervido com Sabina, ou com Ariſtoloquia, ou com Agrimonia, ou Serpentina, ou a erva chamada Milefolio, fervida com vinagre, com qualquer deſtes ingredientes, que acharem mais prompto, ſe podem ſervir delle, porque a dilaçaõ de buſcar o primeiro remedio, não ſirva de mayor dãno.

Quan-

Quando as encravas ſe fazem em jornadas, naõ he neceſſario mais, que deitar dentro o azeite fervente, com huma das ervas ditas, ou ſem ellas, ſe ſe naõ acharem, & tapar o buraco com ſebo, & em cima pez negro, & ferrar o cavallo para continuar a jornada.

Quando o cavallo manquejar de hum cravo, & ſe vir que elle naõ penetra, & eſtà muito por fóra, & ſem embargo diſſo o moleſtava, ſe naõ torne a meter pela meſma parte; ſe naõ por outra, porque muitas vezes he a dor por compreſſaõ.

Se hum cravo ſair com a ponta mais perto, do que he o ſeu cõprimento da haſte, naõ deitando fóra mais que a pontinha, he neceſſario tornalo a tirar, porque he final, que tem feito joelho para dentro, & que póde fazer dano, ainda que logo o naõ moſtre.

CAPITULO 69.

De quando as materias ſobem à coroa do caſco, & ameaçaõ o deſaralo.

HA muitàs vèzes encravaduras deſprezadas, & outras enfermidades dos caſcos mal curadas, das quaes as materias ſobem ao pello, por entre a cinta do caſco, & o ſauco, com muito perigo de ſe poder de ſarar, & deſpegar o caſco todo, aſſim como já eſtà naquella parte, por onde ſobe a materia. Procede iſto ordinariamente das materias retidas dentro no caſco, ſem lhes dar ſaida para bayxo.

Eſte mal he mais ordinario nas beſtas muares, porque tem os caſcos mais delicados.

O remedio he, logo que ſe perceber, deſpalmar o caſco para o deſabafar, & abrir ao impulſo das materias, apertar a coroa do caſco com os reſtingivos de claras de ovos, fulujem, & vinagre em eſtriga bem ajuſtada, & repetida muitas vezes; porèm antes de deſpalmar, he neceſſario acudir primeiro com alguns remedios bons, porque eſtes eſcuſam muitas vezes o deſpalmar, alegrando, & deſabafando muy bem o caſco, & palma, deſpegando

alguma

alguma couſa della, ſe for neceſſario, para dar ſaida às materias, & continuar com o canto do puxavante, ou renete, atè deſcobrir o mal. Se ouver o oleo de maravilha, de que atràs tratamos, metido quente na parte ſara, & penetra tudo, & logo paſſará ao meſmo pello. E ſe virem que em duas, ou tres curas naõceſſaõ as materias de ſobir, faraõ eſte remedio.

Remedio para as materias que ſobem entre o caſco.

Tomaraõ Egypciaco commum duas onças, & pôz das nozes de galhas tres onças, pòz de rozas vermelhas, & muita, de cadahum, huma outava, quatro onças de mel commum, faràm cozer tudo a fugo lento, mexendo até que ſe engroſſe, & deſte unguento applicaraõ ſobre a abertura, que eſtà em cima da coroa do caſco, & o reſtringitivo, que diſſemos por toda a mais coroa, & todo o caſco, excepto por baixo, que alli ſe continuarà, como diſſemos, que logo aos tres dias, irá pegando o caſco como ſauco, & nam ſahirá mais materia acima.

Muitas vezes, depois de ſe deſpalmar hum cavallo, quando cuidam, que já vay ſarando, reſponde a meteria acima, procedida das aplicaçoẽs, que fazem para fazer a nova palma. Em tal caſo, convem logo acudir acima, com o reſtringivo pelo caſca, & por cima delle, & ſòmente no lugar aonde ſae a materia, ſe ha de uſar do unguento, que diſſemos, applicado com eſtrigas, ou fios em cima delle, com que ao terceiro dia naõ ſubirà mais materia, & irá unindo, & ſarando.

Com eſte unguento ſe atalha a que naõ deſare o caſco, porq̃ ſe deſarar, & cahir nunca mais o cavallo preſtarà para nada, & ſe o pozerem em cura de novo caſco, mais cuſtarà a cura, & trabalho, do que ficará valendo depois o cavallo. E ſuppoſto que Martim Arredondo, diz, que curou huma mula, & que a mandou ſaã a ſeu dono, poderia ſer que a mandaſe, porque a naõ quereria por paga da cura.

Naõ a conſelharei que alguem ſe diſponha a mandar fazer tal cura, nem ao Alveitar que a aceite, ſalvo ſe for mais amigo do proveito, que o credito.

Muito ſe empenha a deſcreyer eſta cura de fazer caſco novo,

Carlo-

Carlo Ruini no ſeu livro, Infirmita del cavallo. Tambem Phelippo Eſcaco no ſeu livro de Meſcalzia, impreſſo em Veneza, & outros mais, mas nem com ſe ſeguirem as ſuas curas, & receitas à riſca, ſe tem obrado nada, com que me naõ canſo a relatalas, tendo da experiencia de todas mao conceito.

Muitos que naõ entendem nada de Alveitaria, cuidaõ, que he o meſmo haver ſido hum cavallo deſpalmado, que deſarado, ſendo tam differente, que o deſpalmado fica curado, & naõ val menos, & o deſarado fica perdido, & naõ val nada.

CAPITULO 70.

Da manqueira por defeito, ou falta de caſcos.

HA duas maneira da falta de caſcos, huns por muito molles, & humidos, a que chamaõ (Caſqui molli,) outros por muito aſperos, & quebradiços, que chamaõ (Caſqui vidroſo,) eſtes vidroſos ſe conhecem eſtalarem de tezos, & aquelles na brandura de molles.

Para os cavallos, que tem os caſcos vidroſos, & eſtaõ faltos delles; por averem tirado com a ferradura pedaços, ou andarem alguma jornada desferrados, he neceſſario apartarlhes o caſco, & verem ſe tem alguma pizadura particular dentro, que logo aonde a ha, lhe doe mais, & eſtá mais quente, & tem huma nodoa avermelhada, porque entaõ convem hir com o puxavante atràs della mais dentro, com que ſe naõ chegue ao ſangue, & lhe applicaraõ o ſeguinte.

Para a pizadura de dentro do caſco.

Derreteràõ pez negro duas partes, & huma de ſebo, ou manteiga, & fervente tudo, lhe meteram dentro no caſco, advirtindo, que naõ corra para o pello, que eſcalde, & a deixarám coalhar primeiro, que abaixe a maõ ao cavallo, & ſobre iſto, como tambem ao redor de todo o caſco, lhe poraõ humas papas neſta forma.

Papas para o caſco pizado.

Tomaráõ dous arrates de unto velho, ou em falta pingo, der-retерſe-ha em huma certãa, ajuntandolhe hum quartilho de vinagre, & meteraõ dentro farelos trigos, com que fique em fórma de papas groſſas, & ſe applicará duas vezes no dia, com ſua atadura, & em breve tempo ſerá ſaõ.

A carga da compoſiçaõ do Capitulo 13. tambem he excellente, metendoſe fervente dentro, & morna ao redor, fará ſarar o cavallo brevemente.

Eſtes cavallos de caſcos vidrotos, & quebradiços, os fazem muitas vezes peyores os ferradores, com lhe meterem os cravos muito juntos, ſaindo as pontas humas iguaes das outras, & com iſto apanhaõ huma parte do caſco, que arrancam com a ferradura.

Outras vezes lhe metem os cravos, com receyos de encravallos, tam baixos, que logo quebram o caſco, & ſe desferram, & arruinam os caſcos com poucos paſſos, que andem ſem ferradura. O unguento de caſcos do Capitulo 67. he bom para contemperar, & fazer crecer eſtes tacs caſcos. Para o deffeito dos caſcos molles he bom remedio eſte, que direy.

Remedio para os caſcos molles.

Apararáõ primeiro o caſco mui bem, & ajuſtarlhe a ferradura, & logo que eſtiver medida, & ajuſtada antes de a pregar fazella vermelha no fogo, & porlha em cima com huma torqueza, ou tenàz, deixandoa fazer cama, & logo que arrefecer, pregala, & apertar entaõ os canellos, & ferrando eſtes taes caſcos aſſim todas as vezes, veraõ que bom effeito achaõ, porque aquelle fogo fortifica, & deſopila os caſcos molles, & faz juntamente melhor aſſento, para aſſegurar a ferradura.

Em muita parte da Italia os meſmos ferradores, fazem as ferraduras, & naõ ferreyros, & aos mais dos cavallos ferraõ com eſta ordem. E ſobre tudo he neceſſario, que em todos os cavallos de roins caſcos haja cuidado de os ferrarem ſempre, depois da Lua cheya, & nunca em crecente della, & logo veraõ o effeito.

CAPITULO 71.

Da pancada do caſco, ou ferradura aſſentada.

AJunto neſte Capitulo a pancada do caſco, com a ferradura aſſentada, porque ambas fazem os meſmos ſymptomas.

Quando hum cavallo manqueja de hum caſco, & ſe nam tem viſto dar pancada nelle, tendoſe primeiro precebido, que não he encravado, ſe irà apalpando com a torqueza todo o caſco, depois de tirada a ferradura, apertando.o pelos lados, & por diante, & ſe naõ baſtar para moſtrar aonde eſtá o ſentimento, iràõ batendo na palma com hum martello de cravejar, para vir a perceber o lugar da dor, & ſe naõ baſtar, mandaraõ levantar a maõ ſaã, poſta a doente em terra igual, a irá batendo com o martelo, ou pè do puxavante toda ao redor, & no bayxo, & alto, atè ſe enformar do lugar da dor, porque para donde ella for, a ha de ir buſcando por dentro do caſco com o puxavante, tirando do caſco, ou palma o mais que poder pera deſabafar, & vintilar o fogo ſem que chegue ao ſangue, & ſe entender que haja materia, a deve deſcobrir, & ſempre neſte caſo he ſeguro o fazer logo huma fonte na ponta do caſco, de que póde fazer huma ſangria das ordinarias, porque ſem embargo de que alguns ſaõ de opiniaõ, que ſe naõ faça neſte caſo eſta ſangria, outros a aprovaõ, & a experiencia tem moſtrado que he muy efficaz, & deſcaregada a parte, & a refreſca; que he o que ſe pertende. E ſe ador for grande (ſem embargo de ſe haver primeiro ſangrado o cavallo na taboa, & ao outro dia na fonte,) & continuar, ſe deſpegue alguma couſa da palma com o canto do puxavante na parte affecta, & ſe lançarà alli o oleo de Maravilha, que diſſemos no Capitulo 68. mui bem quente, & na falta delle o oleo rozado fervido com trementina lavada primeiro em agoa, de tanchagem, ainda que naõ he tam boa como o oleo. Logo ſe deve ter cuidado com a coroa do caſco, cõ cataplaſmas de defen-

fenſivos, que o melhor, & mais facil he o de claras de óvos batidas com felugem, & vinagre, applicadas em eſtriga.

Se a pancada freſca, & de pouco tempo, depois de ſe alegrar o caſco, & deſabafar o lugat della, ſe lhe applicarão ſómente hũas papas, que ſam bem faceis por dentro, & ao redor, deſta maneira.

Papas para o caſco pizado.

Tomaráõ eſterco de vacas freſco, & o frigiaráõ com azeite, & aſſim fervente ſe meterá dẽtro no caſco, & ao redor, como naõ cheguem ao pello, que o eſcalde, repetindo iſto hũa vez cada dia, em poucos ſaratà o cavallo, ſem vir a fazer materias, nem ſer neceſſario mais trabalho.

O meſmo, que tenho dito ſe ha de obſervar na ferradura aſſentada, a qual ſe conhece em ver, que a ferradura, quando a tiraõ, eſtá logo liza naquelle lugar, & a palma alli mais alta, & logo ſe doe na parte, & ſe vè que he na palma, & naõ na cinta do caſco.

Eſte defeito de aſſentar a ferradura, he ordinariamente culpa do ferrador porque, ou deixa a palma mais alta, que a tapa, & cinta do caſco, ou naõ banha a ferradura com baſtante vertente para dentro, para que naõ aſſente na palma.

Se o cavallo por caminhar por calmas, ou areas quentes, ou correndo muito, ſe eſquentar das palmas, como algũas vezes ſuccede, & com iſto ſe doer do caſco, & ſe vé logo que o tem muito ſeco, & com grande quentura, ſe lhe meterá dentro ſem tirar a ferradura, & por fóra, do unguento de caſcos, que diſſemos no Capitulo 67. & ao dia ſeguinte darlhe banhos de agoa morna, em que ſe ajam cozido malvas, & tanchagem partes iguaes, uſando-os alguns dias, & o unguento depois do banho atè o calor eſtranho deſſiſtir de todo. A carga do Capitulo 13. tambem faz o meſmo effeito.

Cevada cozida atè que arrebente, pizada depois, & poſta no caſco, tambem ſerve, & a agoa em que ſe cozeo para banhar o caſco, morna.

CAPITULO 72.

Da podridaõ, ou figos das ranilhas, & formigueiro.

MUytas vezes padecem as ranilhas varias enfermidades, com que os cascos se naõ arruinando, por nam haver a limpeza necessaria, & recolherse o cavallo á estrebaria com as ranilhas ensopadas em lamas, de que resultaõ estes danos.

A primeira cousa que se fará, he alimpar, & cortar com o puxavante tudo o que for impuro, sem q̃ se chegue ao sangue abrindo muito bem os candados, & applicar alli o seguinte.

Adstringivo para as ranilhas.

Tomataõ cal viva em pò, & se meterá em vinagre, & depois se coará, & o vinagre coado, se porà a ferver, & com elle assim fervente, se molharão muito bem as ranilhas sem chegar ao pello, & sobre ellas se applicará depois restingivo de claras de ovos, batidas com felugem, & vinagre, continuaram aquelle lavatorio hum dia, & outro naõ, atê sarar, & se enxugar de todo.

Se for rebelde em sarar, lhe applicaraõ o unguento negro do Capitulo 58. que logo consumirá tudo.

Se o cavallo tiver Figo, que he hũa carnosidade exterior, ou alguma carne esponjosa, se lhe cortarà com hũa faca de fogo pela raiz, & se lhe applicará em cima azeite fervido com trementina, & cera amarella.

Se depois que cahir a escara, se vir que fica algũa raiz do Figo, ou carne flacida, se lhe lançaràõ póz dobrados que saõ tantos de Joannes de Vigo, como de pedra hume atè se gastar, & sobre elles Egypciaco.

Se as ranilhas se desatarem alguma cousa, despegando a tapa do sauco, se lhe appliquem os remedios, que dissemos no Capitulo 68. das Encravaduras, & seu defensivo a roda do casco.

A fonte da ponta do casco, tambem he remedio mui provado para todas as alteraçoens de ranilhas, & com ella feita, & des-

carre-

arregada a parte , obedecerá mais de preſſa aos mais leves reme-
ios.

Se as ranilhas padecerem alguma encomodidade por ſer hum
andado mais baixo , que outro, ſe lhe remedea com ſe pòr na fer-
adura canello forte, & juſto da parte do candado , q̃ abaixa mais,
cortarlhe o outro canello, para que ficando o que eſtá mais le-
antado em vaõ, venha abaixando atè igualar o outro.

Naõ he melhor para os cavallos de roins candados o deixa-
os entaloados , como muitos ferradores imaginam , antes deſſipa-
os , & abrilos , porque de ſe fazer o contrario , ſe vem a encaſte-
ar , & enchapinar.

O Formigueiro he hum buraquinho , que ſobe entre o caſco,
o ſauco ; procede ordinariamente de naõ ſerem referrados os
aſcos , & eſtarem muito envelhecidos , he neceſſario atalhar o
Formigueiro , antes que ſuba muito, & faça manquejar o cavallo.

Tanto que ſe perceber eſte achaque , ſe deve lavar muito bem
o caſco, alimpar o buraco , & lançarlhe dentro humas gotas de a-
goa forte dos Ourives, & dahi a tres dias deitarlhe dentro oleo de
Maravilha, de que attás tratamos, & ſe naõ ouver ſeja oleo de no-
zes fervente, & continuar alguns dias com elle , que ſaraiá logo ,
ſem difficuldade alguma.

CAPITULO 73.

Como ſe ha de chamar o calor natural a hum caſco, que eſtà privado de ſubſtancia , por cauſa de achaques.

SUccede muitas vezes, q̃ os cavallos por averem tido doen-
ças nos braços ou pernas, averem ſido deſgovernados, &
ſe lhe aver applicado forçoſos aſtringentes , vem a ſecarlhe
o caſco por falta de alimento, & de naõ ſer fomentado, &
ſoccorrido da natureza , & vay perdendo a ſua fórma de
tal ſorte ; que vem a fazer o cavallo inutil.

Iſto ſe conhece em que algumas vezes o cavallo manqueja , &
ſe lhe faz o caſco mais pequeno , & apanhado , & batendo nelle
ſoa , como couſa concava.

Para acudir a este dãno, he necessario golpear o casco todo de alto abaixo com o renete como dissemos para os enchapinhados; porèm profundando mais juntos os riscos, & abertos mais largos na superficie, do que no fundo, applicarlhe os unguentos dos cascos, que dissemos no Capitulo 67. depois se lhe applicará o seguinte.

Fomentaçaõ para o casco sem substancia.

Tomarão esterco de ovelhas duas partes, & huma de esterco de galinhas, & se meterá em huma panela com vinagre, & sal, tudo ferverá atè se reduzir em papas grossas. Em outra panela ferveràm malvas atè apodrecerem, & estando bem cozidas, se lhe meterá linhaça em pò, & tornará a ferver hum pouco; depois se tirarà do fogo, & se pizará em hum almofariz, & se lhe ajuntará huma outava parte de alhos crùs, muy bem pizados, & tudo junto reduzido em modo de massa molle, se encorporará com as papas, que se cozerão na outra panela, & se ajuntará a tudo hum pouco de oleo de lirio.

Depois de se ter muy bem aparado o casco com o puxavante, se lhe applicarão estas papas dentro do casco muyto ferventes, & se renovaráõ quatro, & cinco vezes no dia, & ao redor do casco applicaraõ a carga do Capitulo 13. & verão, que em breve tempo chamarão a substancia, & se hira humedecendo o casco, se jà de todo não estiver perdido.

E ao braço, ou perna toda, se lhe darám banhos com caldo cabeça, & pès de carneiro cozido com salva, funcho, & linhaça no qual se lançará a terça parte de agoa ardente, depois de se ter tirado do fogo, & se darão quentes, tudo o que for possivel, sem que se escalde.

CAPITULO 74.

Das mataduras, chagas, & feridas.

AS mataduras, chagas, & feridas dos cavallos saõ de muytas maneiras, & trazem algũas comsigo grandes consequencias, porque hũas saõ absolutamente mortaes, outras perigosas. outras tam leves, que lavando-

se

ſe ſó com agoa freſca ſaraõ ; outras ainda que pareçaõ péquenas, ſe tem dor grande , neceſſitaõ de ſe lhe acudir ' porque ſendo deſprezadas arruinaõ muitas vezes hum cavallo.

He neceſſario reparar muito na qualidade das chagas , & feridas, que humas ſaõ feitas com eſpada , outras com bala , & outras por deffeitos da ſella.

As mataduras, ou chagas, que ſaõ feitas na carne ſómente, ſaõ de menos cuidado , do que as feridas de nervos, ou juntas , & oſſos, & tambem as penetrantes pelo corpo do cavallo , porque eſtas ſaõ pela mayor parte mortaes.

Todas as chagas , & feridas dos cavallos, ſaõ mais trabalhoſas de curar no tempo de calmas , porque as moſcas as ajudaõ a corromper , ſe as naõ tem muito acauteladas.

Para tratarmos de todas as chagas he neceſſario , que ſe haja entendido algumas maximas geraes. A primeira he , que a carne do cavallo , he muy ſogeita à corrupçaõ , taõ molle, & flacida, que a minima couſa , que toca, eſtando alterada , de ſubito ſe corrompe ; & ſendo aſſim, ſe deve penetrar, o menos que poder ſer com o ferro huma chaga , porque toda a carne por donde corta o ferro , fica alterada, & he força , que depois ſe desfaça , & alimpe ſahindo em materia , com que ao menos ſe dilata mais a cura.

A ſegunda he , que ſe deve tirar toda a malicia , & podridaõ ſe ouver, & eſta tal ſe pòde cortar com navalha , conforme o lugar aonde eſtiver ; porèm ſendo em parte , que poſſa fazer dãno , he melhor gaſtala com medicinas , que tenhaõ força de corroer.

A terceira he , que nas grandes chagas ſe deve fazer revulſaõ no principio , para divirtir a fluxaõ , a qual ſe faz com as ſangrias ſem ſer neceſſario confiar de outras revulſoens menos efficazes como ſaõ, esfregaçoens , ventoſas , ligaduras , porque as ſangrias ſe fazem com mais ſegurança , & menos trabalho , & eſtas temperaõ o calor ; diminuem a quantidade , divertem , & moderam o curſo, & impetuidade do humor , & ſe eſte he corrupto , & podre , aliviam a natureza para melhor ajudar os medicamentos a que obrem o ſeu effeito. Com que ſaõ as ſangrias no principio de

de mayor proveito, do que todos os mayores defenſivos.

A quarta he, que todos os humores, que ſe poderem repercutir, ou reſolver ſem perigo, nunca ſe devem fazer vir a ſupuração, & aſſim ſe deve tratar ſempre dos repercuſsivos, querem a propriedade de fazer fugir os humores, q̃ correm à parte offendida. Os Medicos reparará̃ em alguma occaſiaõ, em que ſe naõ devem uſar, como aſſim he em tumor critico, que procede de huma deſcarga da natureza, com que alivia o interior à cuſta de hũa parte menos nobre, ou quando o tumor he nas partes emunctoriſas, ou ſe a chaga he feita de materia venenoſa, ou que a materia he craſſa, aduſta, & viſcoſa, que he quando tem raizes na parte, que neſtes caſos naõ ſe deve repercutir o humor, antes tratar de reſolutivos, porque eſtes podem reſolver o humor, nam impedindo a ſupuraçaõ, quando a natureza a queira intentar.

A quinta he, que as chagas pizadas ſam mais dilatadas, & difficeis de ſarar, porque he neceſſario que toda a carne pizada apodreça, & ſaya primeiro em materias antes que ſare a chaga, com q̃ ha dilaçaõ na cura.

A ſexta he, quando os beiços da chaga eſtam calloſos; duros, & ſecos, que impedem o poder ſarar a chaga, que neſte caſo he neceſſario ſarjalos, & applicarlhe o unguento verde do Capitulo 99. & ſe o nam ouver pòde ſervir o Ægypciaco para comer aquelles callos, ſem o que a chaga naõ pòde ſarar.

Para curar qualquer chaga, he neceſſario ſempre cortarlhe o pello dous, ou tres dedos ao redor, & que eſteja tudo limpo. As chagas ſimplex, feitas com a ſella, ou outra couſa, que naõ penetre muito, naõ he neceſſario mais, que fazerlhe o ſeguinte.

Para as chagas ſimplex.

As chagas ſimplex, & mataduras, que eſtão na ſuperficie, nam he neceſſario mais, que lavalas a meúdo com vinho tinto morno, & porlhe em cima farelos trigos, & verám a breviadade, com que ſarão. Quando as mataduras fazem callo dentro, que chamam unha, ſe curaràõ neſta fòrma

Para

Para as mataduras com unha.

Tomaràõ oleo de nozes, & outra tanta agoa de flor inuiro em batidas, que fique a modo de unguento, & fe lhe applicará fo- re o callo, & unha, com que fairà em breve tempo.

Outro remedio.

O unto velho, ou toucinho fervido, & pizado, com huns caf- os de cebola com nua aflada, applicandofe fobre a unha a faz fair.

Sempre fe deve procurar, que a unha faya antes com os emo- entes, do que arrancandoa com ferro, & violencias, caindo o tal allo, ou unha fe lavarà a chaga com vinho morno, & depois me- endolhe farelos trigos fara brevemente.

Se a chaga for grande, & profunda, que feja neceffario me- ha, (como fuccede fer na cernelha, ou nas coxas, ou em outra qualquer parte) naõ fe ufe de outra mecha, fe naõ de toucinho algado, porque eftas fem pizarem, fazem purgar as materias, & conſolidam a chaga, fem a moleftarem; fendo certo que toda a outra caſta de mechas, de qualquer forte, q̃ fejaõ, naõ pcdem dei- xar de aggravar, & dilatar a cura, porque (como diffemos) he a carne do cavallo muito molle, & facil de pizar.

As mechas de toucinho fe cortam ao comprido, confórme a medida da chaga, & dentro fe derretem alguma couſa, porèm pa- ra fe tornarem a meter, fe alimpam, & deixam arrefecer, para fe entezarem primeiro; o toucinho feja crú. Quem o naõ tiver ain- da uzado, logo experimentará o bom effeito deftas mechas fendo taõ faceis.

Se a chaga for çuja, & a carne fanguinolenta, & que os defefti- vos ordinarios não poſſaõ obrar com efficacia o que he neceſſa- rio, fe deve meter o fogo com ferro vermelho para queimar, & conſumir toda a malicia rebellioſa (com tanto que fe nam toque com o fogo no couro, porque naõ fe tocando nam apareceirá de- pois final donde foy a chaga:) & poſto o fogo fe applicarà por ci- ma da parte, hum defenſivo de bolo Armenio, vinagre, & clara de ovo, depois fairâ a eſcara ficando a chaga limpa, & facil de ſa- rar, obrando mais o fogo em hum inſtante, que os mayores un- guentos repetidos.

Deve-fe

Deveſe advirtir, quẽ os mundificativos ordinarios, que ſervem para os homens, ſe naõ devem meter em uſo nos cavallos, porque naõ obrão nada, nem tem a força, & vigor, que he neceſſario para elles, os quaes ſaõ compoſtos de mel, trementina, farinha de favas, cevada branca, çumo de tanchagem, raiz de lirio, & outros, nem os unguentos Aureum, o emplaſto de Betonica, & de Gracia Dei, & outros ſemelhantes. E como com as chagas dos cavallos ſe naõ deve diſſimular, & pòr em dilaçoens as curas, porque lhes não dem lugar a corrupção, convem uſar dos remedios, que lhe ſejão mais proprios, & efficazes.

O Egypciaco, naõ ha que duvidar, que he bom mundificativo para o uſo dos cavallos, & quem o quizer fazer em ſua caſa com a força, & ingredientes, que ſam neceſſarios, para a obra das chagas dos cavallos, he muito facil, & ſe faz deſta maneira.

Como ſe faz o Egypciaco para os cavallos.

Tomarão mel commum, quatro onças, que ſe milturará com meyo quartilho de vinagre, ferverà a fogo lento, & como começar a engroſſar, lhe ajuntaraõ duas onças de verdete, & ferverà tudo de vagar, mexendoſe, atè que ſe faça a modo de unguento; & ſe guardarà em hum vaſo para as neceſſidades.

O unguento verde, que ſe receita no Capitulo 99. ainda tem mais força, que o Egypciaco; para que hum, & outro unguento digirão, & mundifiquem com mais efficacia, ſe ha na parte putrefação, he bom lavar muito primeiro os unguentos em agoa ardente, & depois applicalos, porque aſſim preſervaõ muito de gangrenas.

Muitas vezes he neceſſario untar as mechas de toucinho do Egypciaco, ou unguento verde, para digirir, & mundificar a podridaõ, ſe a ha na chaga, & ainda que a mecha, quando depois a tiraõ ſahe verde, não he do humor da chaga, ſe naõ do verdete do Egypciaco, com que naõ ha niſſo engano.

Ha algumas chagas envelhecidas, nas quaes a carne naõ póde tomar, nem quer vir a cobrir a chaga, & particularmente ſuccede iſto ſobre oſſos, & nas chagas dos pès, & maõs, para o que, he neceſſario ſervir do aloe, & da ſarcocola, que ſe podem applicar

em

em pó, ou misturados com trementina, ou mel rozado, ou com algum unguẽto familiar, & apropriado paraisso. Porem naõ tenho achado cousa melhor, para criar carne em breve tempo sobre os ossos, ou em qualquer outra parte, que os pòs seguintes.

Pôs para fazer crecer a carne,

Tomaràõ sangue de dragaõ, bolo armenio fino, de cada hum meya onça, almecega, & sarcocola, de cada hum tres outavas, aloes; aristoloquia redonda, & raiz de lirios, de cada huma outava, & meya, farão pòz de tudo, metendo delles sobre a chaga, ou misturados em xarope de roza, ou trementina lavada, ou çumo de asintro; estes farám criar carne aonde naõ ouvesse já esperança de que crecesse.

As chagas depois de limpas, dirigidas, & mundificadas, se devem sómente secar com os pòs, que adiante diremos, tendo sempre o pello ao redor cortado, como temos dito. Porèm, como nos cavallos, que saõ necessarios para o serviço, convem toda a brevidade nas curas, direi hum unguento admiravel, que faz mais effeito em hum dia, que os outros em muitos.

Unguento para sarar, & secar as chagas, & mataduras.

Tomaràõ folhas de aristoloquia comprida, veronica; & salva, de cada hum, huma maõ chea, & outra de sanicola, raizes sevas de malvaisco, cortado tudo meùdo, se mereràm em hum tacho, com hum quartilho de nata, cozido tudo em hum quarto de hora, lhe ajuntaràm de consolida mayor huma onça, ferverà tudo atè que não fique da nata, se não a manteiga; depois coarám a manteiga, por hum pano raro, ou sedaço em hum vaso, & nas ervas, & raizes, que ficarem no tacho, se mererá huma quarta de toucinho gordo, pizado primeiro; isto fervido mui bem, & cozido por tempo de meya hora, que o toucinho esteja derretido, na ultima fervura lhe lançaràm duas onças de azeite commum, depois se coará tudo no vaso, que tem a manteiga, & se tornarà a pizar o toucinho, que ficar por derreter, & as ervas para se espremer tudo, & coar, com que não fique sumo, nem grayxa. Estando tudo assim quente lhe misturaráõ huma onça de pez naval derretido; & hũa onça, & meya de pedra hume em pò se-

ſe mexerà tudo atè que artefeça, & ſe guardará para as neceſſidades.

Para ſe uſar deſte unguento, ſe ha de aquentar a parte delle que ſe ouver de applicar na chaga, & molhar nelle hans fios, & applicalos mornos ſobre a chaga, & logo ſe verà, como em breves dias faz grande effeito.

He neceſſario alèm da applicaçaõ do unguento conſiderar, ſe a chaga tem alguma couſa de eſtranho, que ſe deve tirar, & ſe tiver callo, ou unha, ſe ha de apodrecer para que ſaya, ou porlhe o fogo, & depois de ſair o callo, ſe lhe applicará o unguento.

Pós para ſecar as chagas.

Tomaràm cal virgem, & a meterà n em agoa ardente, que baſte para desfazer a cal, & iſto ſe amaſſarà com mel commum, & ſe farà, como hum bolo, o qual meteraõ a ſecar no forno, depois que o paõ ſe tirar, fazendo eſta diligencia mais vezes, atè que o bolo fique biſcoutado, de que ſe faraõ pós, que tem efficaz virtude para deſſecar as chagas.

O carvaõ pizado, as cinzas peneiradas, a ſalva em pò, tambem ſervem para deſſecar as chagas.

Se a chiga tiver alguma parte, aonde ſe naõ poſſa alcançar cõ a viſta, & que ſeja neceſſirio mundificala, & alimpala, naõ ſendo capaz de ſe lhe pór o fogo, por ſer parte de nervos, ou oſſos, em as quaes naõ devem applicar fogo, ſerà neceſſario mundificala com a agoa ſeguinte, metendoa com mechas, ou ſiringa.

Agoa para alimpar as chagas.

Meteraõ em quatro quartilhos de agoa dous punhados de cal viva, & a deixaraõ eſtar ſeis horas, & depois vaziada a agoa, meteraõ huma outava de ſolimaõ em pó, ou mais, ſe quizerem mais forte, em cada arratel deſta agoa, lavaraõ a chaga algumas vezes com ella, & ſe for achaga muito podre, & çuja, lhe poraõ hum pano molhado, com que alimparà muito, & tambem o unguento verde do Capitulo 99. farà bom effeito, logo continuar com o unguento, que acima temos dito, com que me parece que tenho advirtido tudo o neceſſirio para todas as chagas ordinarias, em que naõ averà duvida em conſeguir a cura dellas.

A

As chagas donde ſae grande fluxo de ſangue, que ſe naõ pode extenguir ſem muito trabalho, por razaõ de alguma vea, que eſtá cortada, ſe a vea ſe vè, & ſe poder atar, he mais breve, & ſeguro remedio; porèm nam ſendo poſſivel, ſe lhe applicará incenſo, & aloes em pòz, tanto de hum, como de outro, que ſe miſturarà com clara de ovo, que fique em fórma de mel, & ſe lhe ajuntarem pellos de lebre cortados meùdos. Se eſte remedio nam baſtar, façaſe o ſeguinre.

Para eſtancar o fluxo de ſangue das chagas.

Tomarão ſangue de Dragão, & ſangue humano ſeco, & vitriolo, tudo feito em pòz, metidos ſutilmente, donde ſae o fluxo todos, ou alguns deſtes póz ceſſará ſem duvida; & ſe o lugar da parte o permitir, tambem huma ligadura apertada ajudará muito. Se o ſangue parar, naõ he neceſſario tratar da cura da chaga em tres dias, para que haja lugar de conſolidar a vea.

Os ſimplex, que obſtringem o ſangue, ſam raizes de ortigas, caſcas de romãas, & de pinhas, folhas de tanchagem, de ortigas, & ſalva, porcas de carvalho queimadas, & pagadas, com vinagre, farinha de favas, felugem, pedrahume, eſponja ſeca feita em pò, & outros muitos ſimplex. Porèm ponho eſtes para que na neceſſidade ſe valhaõ, do que acharem mais depreſſa; ſe bem em neceſſidade mui urgente, & fluxo impetuoſo, naõ ha couſa melhor, nem mais prompta, que fogo, ſe o lugar o permitir, ou Potencial, como he o Arſenico ſó, ou o ſolimaõ, que fazem hum callo logo; porém he neceſſario, q̃ haja cuidado ao cahir a tal eſcara, que naõ abra outro fluxo, & aſſim por entam ſe naõ ha de irritar a parte com remedios acres, & violentos de todos os ſimplex, ou parte delles, he facil couſa compor os remedios para atalhar o ſangue de huma chaga.

CA PI.

CAPITULO 75.

Das pizaduras, tumores da cernelha, ou cruz.

OScavallos ſe pizaõ, ou fazem tumores no alto da cernelha ſobre a uniam das pàs, & algũas vezes mais atràs ou adiante, procedidos ordinariamente das ſellas ſerem muito largas dos vaſos de diante, & aſſentarem na cernelha, outras vezes de ſerem tão apertados, q̃ os ſuadouros a comprimem, & pizam de ſorte, que vem a fazer tumores, & mataduras trabalhoſas, de que ſuccedem morrer muitos cavallos, por eſtar aquella parte acima do coraçaõ, que com qualquer malignidade de humor, q̃ penetra baixo ſe offende, & tambem porque eſtá participante da conglutinaçaõ, que fazem as pàs em cima, & movimento continuo dellas. Logo que o cavallo tiver tumor, ou inchaçaõ na cernelha, ſe lhe applicarà hum adſtringente deſta maneira.

Adſtringente para o tumor.

Tomaràm tres, ou quatro claras de ovos batidas muito bem, lhe lançaraõ huns pòs pedrahume, mexido tudo atè ſe fazer huma eſcuma muy groſſa, & iſto ſe applicarà em toda a inchaçam, cõ cataplaſmas de eſtopas por cima, que com iſto parará logo a inchaçaõ; tornarſe-ha a applicar do meſmo modo paſſadas ſeis horas, q̃ por mais que a cernelha eſteja pizada, ſempre ſe ha de começar pelo adſtringente, que dizemos, porque muitas vezes eſcuſa tudo o mais. Porèm ſe na parte ouver já pulſaçam, & indicio de materia com principio de ſupuração, ſe ha de ajudar a que venha a madurar, & abrir, para o que direi os melhores, & mais faceis remedios.

Maturativo para fazer ſupurar o tumor.

Hum remedio muy efficaz, ainda que groſſeiro, & mal cheiroſo para fazer ſupurar em vinte, & quatro horas eſte tumor, he o eſterco de homem freſco, ſem mais outra couſa, & já ſe tem applicado a homens bem aſſeados, que ſó com elle tiveram o ſucceſſo, que pertendiam. Tambem he bom emplaſto para ſupurar eſtes

eſtes tumores o ſeguinte.

Outro emplaſto para ſupurar, & aliviar a dor.

Tomaraõ cominhos em pò, farinha de linhaça, tanto de huma, como de outra, ferverá tudo em leite de vaca, & lhe ajuntaraõ eſterco de pombas em pó o que parecer neceſſario; eſte ſe aplicará em humas cataplaſmas, que logo farà amadurecer, & ſupurar, aliviando a dor juntamente.

Tanto que o tacto da materia ſe conhecer, que nam tem por cima mais, que o couro, naõ he neceſſario eſperar mais dilação, porque pòde fazer alguma corrupçaõ, & penetrar para dentro, & aſſim ſe deve logo abrir; & com fogo he mais ſeguro. Se o tumor for grande, ſerá bom fazer, hum buraco em cima, & outro em baixo, & meter de hum ao outro, hum ſedenho para evacuar bem todas as materias, ſem que fique receyo de que poſſa ficar naquella parte algum formento, que venha a fazer mayor dãno, & ſe não for tão grande o tumor, baſtarà hum buraco na parte mais baixa, ou em cada hum dos lados, conforme a ſituação do tumor, & então ſe lhe pódem meter nos buracos as mechas de toucinho ſalgado, como diſſemos no Capitulo 74 fazendo-as de todo o comprimento, que for neceſſario, & em quanto o tumor for lançando-ſe ha ſempre de ter todo muy bem untado com baſilicam, ou unto.

Se ouver muita podridaõ, he neceſſario meter as mechas untadas de Egypciaco, & avendo cavernas, a que não cheguem as mechas, ſiringarão com a agoa de arcabuzadas; que adiante diremos atè ſararem, & ſerá mais facil eſta cura, do que romper muita carne com navalha para deſcobrir o fundo das chagas. Se continuando eſta cura (como temos dito,) dez, ou doze dias, a chaga naõ for ſarando, & a inchaçaõ naõ eſtiver gaſtada, ſerá conveniente não deixar fechar os buracos, & renovalos com lhes tornar a meter o fogo, & continuar as mechas atè ſarar de todo.

E em caſo que a materia ſe engroſſe, & naõ ſe alimpe com os ſiringatorios, ſerá forçoſo o abrir com golpe, & manifeſtar o apoſtema para ſer curado, como chaga, & algumas vezes he neceſſario mais que hum golpe.

Tam-

Tambem ſuccede algumas vezes deſtas curas, ſe ſam dilatadas, fazerlhe callos, ou unhas nellas, as quaes ſe devem queimar,& penetrar cõ hum botaõ de fogo, & tambem a carne podre, & ficida ſe a ouver na chaga, ſe pôde queimar com ferro plaino (como jà diſſemos,) tratando das chagas.

He neceſſario grãde cautela no modo de ter prezo hum cavallo, que tem eſtas chagas, que com as materias, (& ainda mais quando vaõ já ſarando) fazem toda a diligencia por ſe coçarem, & buſcam para iſſo mil induſtrias, com que coçando a chaga a tornam a pizar, & apodrecer de novo, naõ podendo jà mais cobrar ſaùde, com que ſendo poſſivel atè pelo cabo devem eſtar prezos, & com duas cadeas no cabreſto para as bandas, & dous paos do cabreſto para a cilha, que ainda que ſe nam deite; naõ importa, porque deitandoſe ſe esfregam, & deitam a perder a cura.

Como as chagas eſtiverem limpas, & mundificadas, ſe ſecaraõ com pòs, que as naõ deixem criar carne eſponjoſa, & as vam preſervando limpas atè ſerem ſaãs, para o que ſam bons os pòz do Capitulo 74.

Supoſto que atrás fallando das chagas ſimplex, tenho receitado hum unguento perfeito para as ſarar, que naõ he neceſſario outro, com tudo, porque algumas vezes faltam ingredientes para huns, & os ha para outros, direy outro unguento muito experimentado para curar todas as chagas.

Unguento para as chagas, & mataduras.

Meteraõ em huma panela grayxa de porco, & azeite de cada hum, hum arratel, & ſe porá ao fogo, com duas maõs cheas de raizes de Lapazas, que he, Lapatum acutũ, & fervendo por tempo de meya hora, ſe mexerá por vezes, ao depois lhe acrecentaràõ duas maõs cheyas de erva de carpiteiro, que he, mille folium, cortada meùda, ſe deixarà ferver mais meya hora, & mais; coada depois eſta calda por hum pano ſe eſpremerá, & as raizes ſe lançaraõ fòra, & ao coado, ſe lhe ajuntarà hum arratel de trementina commua, & ſem tornar a fogo, começando de engroſſar lhe deitaraõ de verdete em pó huma onça, & de cal viva,

va, huma maõ chea, tudo mexido atè arrefecer.

Eſte unguento fica como balſamo, lavando primeiro a chaga com vinho, ſe applica quente, pelo que ſe aquente ſó o que for neceſſario, & com huma pena ſe cobre a chaga mui bem com elle, ſem ſer em muita groſſura, com que achaga ſe naõ veja, & aſſim ſe deixe eſtar ao ar, & ſem outra couſa por cima, & ſempre cõ advertencia de que ſe naõ roce, nem esfregue o cavallo.

CAPITULO 76.

Das chagas dos rins, & feridas penetrantes do corpo do cavallo.

JA que temos tratado dos tumores, & chagas, as devemos hir continuando por todo o corpo do cavallo, entaõ tornaremos ao noſſo methodo, que he hir continuando todos os achaques deſde a cabeça atè as ferraduras dos pès.

As pizaduras, ou chagas ſobre os rins ſe devem tratar cõ tanta precauçam, como as das cernelhas, de que jà falamos, porque ſobre os rins tem quaſi o meſmo perigo.

Tanto que ſe perceber inchaçaõ, he neceſſario tomar eſterco de cavallo, & lançalo em huma caldeira, & nella darlhe huma fervura com vinagre, que fique em modo de papas bem groſſas, & applicarlho em cima, & ſe a inchaçaõ for dorida, & levantar polmaõ alto, , & naõ alaſtrado, lhe porám claras de ovos batidas com pedra hume, como acima diſſemos.

Para os rins, & cernelha, he bom remedio, & facil, (ſe naõ ſe poder atalhar, a que a inchaçaõ venha a ſupraçaõ) ſeguir o que diſſemos acima no ſupurar, & abrir, & continuar achaga atè ſarar; & ſe naquella parte fizerem as materias ſeyos, & cavernas, he neceſſario ſiringalas, por naõ fazerem alli grandes aberturas. O que ſe farà com agoa da que chamaõ, agoas vulnerarias, de arcabuzadas; porque foraõ inventadas, & preparadas para as chagas, penetrantes das balas de arcabuzes, & mais armas de fogo.

Para ſe curarem as chagas fundas, & feridas penetrantes, como ſaõ às balas, ou eſtocadas, he neccſſario primeiro tentealas cõ muito ſentido, & mandar pór o cavallo aſſim, & da maneira, que eſtava quando recebeo a ferida, & como a eſtas penetrantes ſe lhe naõ pòde chegar muitas vezes com as mechas atè o fundo, nem com unguentos, & pòs, ſe inventaraõ as agoas chamadas de arcabuzadas, para ſe ſiringarem com ellar muitas vezes no dia, applicando della tambem hum pano molhado na ferida (ſe poder ſer,) & faſeha beber meyo quartilho ao cavallo cada dia, & aſſim ſararáõ as chagas por mais fundas, que ſejaõ, ſe naõ offenderaõ membro principal, por donde ſejaõ mortaes de neceſſidade.

Se o cavallo tiver febre, ſe lhe naõ deve dar a beber da tal agoa, porque eſtas vulneraes ſam compoſtas de ſimplex, quaſi todos quentes, que ſerviràm de mayores alteraçoens; porèm aos cavallos feridos poucas vezes lhe ſobrevem febres, como nos homens he muy ordinaria. A agoa vulneraria ſe faz deſta maneira.

Agoa vulneraria para feridas penetrantes.

Tomaraõ huma panella vidrada, na qual meteraõ outo quartilhos de vinho branco, huma onça, & meya de ariſtoloquia redonda, raſpada, depois porám a panela ſobre fogo moderado, ferverà atè que ſe gaſte ametade do vinho, & antes de o tirar do lume, lhe lançaràõ duas onças de açucar fino em pò, que eſtando tudo derretido, ſe tirará fóra, & ſe coará por hum pano, & deſta agoa ſe ſiringaraõ as feridas, & ſe dará ao cavallo a beber todas as manhãas meyo quartilho. Tambem ſe fazem outras muitas agoas vulnerarias para o meſmo effeito, que os Boticarios ſabem compor, & as póde fazer qualquer peſſoa, ſabendo os ſimplex de que ſam compoſtas, das quaes as principaes ſam; acyclamem, a ſabina, a verbena, as conſolidas mayor, & menor, a ſerpentina, & a azedoria, a galanga, avinça, provinça, centauria, betonica, ariſtoloquia, cerejas ſecas, carne humana em pò, terra ſigillata, bolo Armenio; de tudo iſto, ou parte deſtes ſimplex, ſe pòde compor a agoa vulneraria, cozendo, & pizando

deſte

deſtes ingredientes, para tirar delles a virtude, que por eſcuſar mais receitas de compoſiçoẽs, de que os livros tratam tanto, ponho antes o ſimplex, de que todas ſe compoem, uſandoſe da agoa na fórma, que acima tenho dito.

CAPITULO 77.

Das chagas, & feridas venenoſas, feitas por animaes raivoſos; & danados, & para preſervar da raiva, aſsim aos homens, como aos cavallos, & mais irracionaes.

COmo as feridas, & mordeduras de animaes raivoſos, ſaõ na opiniaõ de todos quaſi incuraveis, darei aqui hum remedio excellente, que he hum, *non plus ultra*, para ellas; porque aſſim nos homẽs, como nos animaes tem moſtrado a experiencia ſer efficaciſſimo, o qual adava encuberto em França hà muitos annos, em huma familia illuſtre, que tinha gloria de curar ſem intereſſe, a todos os que hiaõ deſeſperados da vida, buſcar aquelle refugio. Depois ſe deſcubrio por hum Padre da Companhia, Religioſo de vida exemplar, da meſma Familia, que eſtando enfermo fez eſcrupulo de naõ declarar eſte precioſiſſimo Antidoto, neceſſario tanto às vidas dos homens ſendo taõ facil a compoſiçaõ; o qual deu a receita, & inſtruçam; delle ao Author, dequem eu fielmente a tirey, & experimentei por varias vezes, & diz mais, que ainda que ſe haja tido huma, ou duas cezoẽs da raiva, valendoſe do remedio ſaravaõ logo: Diz aſſim a receita.

Receita para preſervar da raiva a todo o animal vivente, ferido, ou tocado della.

Se alguma peſſoa, ou animal for mordido de outro animal, ou peſſoa raivoſa, que tenha ferida, ou chaga aberta, primeiro de tudo, ſe ha de alimpar mui bem a chaga, rapando muito com alguma ferramenta, ou faca, ſem cortar couſa alguma, & ſe ouver alguma parte raſgada, que ſeja neceſſario unirſe, ſe lavará primeiro muito bem com agoa, & vinho morno, miſturandolhe ſal, quanto ſe poſſa tomar com tres dedos.

Depois de lavada, & limpa a chaga, tomareis raizes de rozeira brava as mais tenras, & de eſcorcioneira, de cada hum huma maõ chea; & as cortareis, & pizareis, logo lhe ajuntareis arruda, ſalva, & margaritas bravas, que crecem nos campos, de cada huma meya maõ chea das ervas, & das flores, porèm das margaritas ſe tome dobrado, duas cabeças de alhos limpas, huma garfada de ſal, de tudo iſto mui bem pizado, & unido metereis ſobre a ferida em modo de cataplaſma, & ſe a chaga for funda aveis de tirar o çumo, & ſubſtancia de tudo iſto, & deitalo dentro na ferida atandoa atè o dia ſeguinte.

Sobre iſto logo no meſmo dia que applicares as mezinhas, tomareis de toda ella o tamanho de huma nòs, & o lançareis no almofariz, & deitareis em cima meyo quartilho de vinho branco, miſturandoo com a maõ do almofariz, & pizado de novo, o coareis por hum pano, & dareis a beber o coado ao enfermo em jejũ, que depois lavarà a boca cõ vinho, & agoa, para lhe tirar o roim goſto deſta bebida, aqual he neceſſaria, para que a peçonha nam cometa o coraçaõ, ou para a lãçar fóra ſe já eſtiver apoderada das partes interiores, & naõ ſe ha de comer, nem beber tres horas depois de bebida.

Naõ he neceſſario tapar, nem lavar a chaga nos mais dias, como ſe fez no primeiro; porèm ha de applicarſe o remedio acima, de vinte em vinte, & quatro horas, por tempo de nove dias, tomando em todos elles a meſma bebida em jejum, ſem haver deſcuido pelo perigo, que ha atè paſſarem os nove dias.

Se nos ditos nove dias as chagas, ou feridas naõ eſtiverẽ ſaãs, (como naõ coſtumaõ eſtar, ſe ſaõ grandes,) ſe curaõ depois como chagas ſimplex, & paſſados os nove dias, ſe podem chegar ao enfermo ſeguramente, o que ſe naõ deve fazer antes delles, particularmente ſendo mordido alguns dias antes da cura.

Quando o cavallo, ou outro animal for mordido de outro animal raivoſo, ſe ha de uſar da meſma maneira, que temos dito ao cavallo, lançandolhe a bebida por hum corno, & ao caõ dandolha em leite, em lugar de vinho, que aſſim a tomaõ bellamente.

Todos eſtes ingredientes ſaõ muy cõmuns, & faceis de achar, porém ainda que falte algum, nem por iſſo deixa o remedio de obrar. Eſte meſmo uſo de mezinhas, fazem o meſmo effeito para todas as mordeduras de bichos venenoſos, para preſervar da peſte, & ares corruptos, com que toda a triaga nam tem valor, aonde eſtá eſte remedio, como a experiencia moſtrará; & toda a peſſoa curioſa pòde ter na ſua orta todas eſtas ervas, com toda a facilidade, para acudir cõ eſte remedio a ſemelhantes neceſſidades. Eſta he a receita, & regimento, que deu o Padre da Companhia.

CAPITULO 78.

Da Polmoeira, ou falta da reſpiraçaõ, que chamaõ dar aos foles.

ESte achaque he dos peyores, que padecem os cavallos & ſendo velho; & radicado no boſe donde procede, tem grande difficuldade o ſarar.

Procede de varias couſas, como ſaõ, as repetidas carreiras violentas em tempos de calmas, o beberem agoa fria, vindo eſquentados, apertarem com elles por ſubidas acima, quando vaõ muy cançados, ſem os deixarem deſafogar, & reſpirar, & por outras couſas mais, aſſim antecedentes como permitivas, com que os bofes recebem alteraçaõ, & algũas vezes chaga. Eſta enfermidade he ordinariamente acompanhada de toſſe, mas naõ he ſempre.

Conheceſe em ver, que o cavallo arqueija muito com as vrilhas, recolhendoas, & alargandoas com exceſſo, abrindo muito as ventas, & difficultando a reſpiraçaõ natural, & com mais impeto ſubindo alguma ladeira, ou trabalhando muito.

Se eſta ancia de reſpiraçaõ for antiga, & tam grande que atè ſobre os fins arqueja o cavallo, acompanhada de toſſe, & com ella lança algumas fleumas pela boca, & ventas, com ſangue algumas vezes, pouca eſperança poderá haver de ſaùde, & melhor he naõ cançar com curas, mayormente ſendo o cavallo velho, que por menos deſtes ſinaes; ſe hirá conſumindo, & de mal em peyor.

Este mal se alivia, comendo o cavallo verde, porèm he hum engano grande, pôrque depois tornando ao seco, se requinta o mal.

Para se tratar da cura desta enfermidade, he necessario, que o cavallo esteja em estrebaria abrigada, & que coma a reçaõ de cevada branca cozida, (& naõ de outro graõ,) & beba sempre agoa quente com farinha de cevada, & algũas colheres de mel desfeito nella, & logo se lhe dará a bebida seguinte.

Bebida para o cavallo que tem Polmoeira.

Tomaràõ marroyos, hyssopo, chicoria, sylvestre, de cada hum tres punhados, faraõ ferver em huma caldeira de agoa, & fervida bem, lhe ajuntaraõ huma quarta de regalice, & tirada do fogo se coarâ, no coado meteràm hum arratel de mel, logo se derreterâ outro arratel de enxofre, & derretido se lançarà na bebida, o qual se tornarà a tirar, & aderreter, lançandose por seis vezes, & na ultima se deitarà o enxofre fóra: depois estando o cavallo enfreado primeiro pela manhãa duas horas, se lhe darà pelo corno a terça parte desta beberagem, & se passearà meya hora, logo lhe daràõ outra tanta, & passeará outro tanto, & terceyra vez a ultima, & tornarà a passear.

Isto se continuará quinze dias, que se o mal estiver em estado de poder sarar, logo cobrarà o cavallo melhoria, & saùde, porèm este remedio obra melhor no principio do veram. Se o cavallo naõ sarar, se lhe daràm huns póz na cevada, que se fazem desta maneira.

Pòz para a Polmoeira, & tosse velha.

Tomaraõ baga de louro, mirride, genciana, aristoloquia redonda, de cada huma outo onças, agarico tres onças, açafram pizado duas outavas, he necessario que se pize cada cousa sobre si, & fazer pò muito sutil, que depois se peneirarà: & destes póz se daraõ huma colher pequena ao cavallo, na reçaõ ordinaria; para o que se ha de molhar a cevada, se naõ for cozida (como dissemos,) para que peguem os pòz; estarà o cavallo huma hora enfreado antes que coma a reçaõ com os poz, & outra depois, & se derem os pòz em hum quartilho de vinho branco ainda será

melhor, continuando-os atè acabarem,& bem ſe pòdem hir ſervindo do cavallo com moderaçaõ, ſem que o ſuem.

Os pòz farám bom effeito, ſe o cavallo naõ tiver dentro no corpo taes chagas, ou impurezas, que impidam a ſua operaçaõ.

Como as purgas cauſaó grande ancia, & fadiga aos cavallos, he neceſſario abſter dellas o mais que poderem, & neſte mal ainda os afligem mais; mas com tudo, ſe ſe entenderem eſtaõ repletos de humores, & difficeis nas evacuaçoes, ſe lhe daráõ eſte remedio, que he facil, & ſem perigo.

Beberagem purgativa para a Polmoeira.

Eſtarà o cavallo ſem beber dous dias, depois lhe offerecerám hum vaſo de agoa, & tanto que tomar o primeiro bocado, lho tiraràm, & lhe lançaràm na agoa dous arrates de azeite, & com elle lhe deixaráõ beber a demais, que eſte azeite ſem' alterar, lhe fará relaxar o ventre, & inteſtinos, & humedecer as vias, que a Palmoeira tem ſecas; & depois ſe lhe quizerem continuar outros pòz naõ avendo melhorado com os primeiros, uzaráõ do ſeguinte.

Outros pòs para a Polmoeira.

Tomaràm de regalice quatro onças, Eleboro branco huma onça; folhas de ſabina, hyſopo, & vetonica, de cada huma duas maõs cheas, ſemente de coentros, & cominhos, de cada hum duas onças, de enxofre em pò, duas onças, myrra boa huma onça, & meya, pizadas, cada huma ſobre ſi groſſeiramente, daràm iſto ao cavallo na cevada; no principio lhe daraõ menos de meya colher; depois ſe irá acrecentando atè huma colher, & mais coutinuando ſem interminſſaõ atè ſe acabarem.

Ainda que alguns cavallos naõ ſaraõ muitas vezes com todos os mayores remedios, ſaram outros com bem pequenos, porque ſuccedem ſararem huns com huns remedios, outros com outros. E aſſim direy alguns mais faceis, com que muytos tem ſarado de Polmoeiras, dando aos foles, com toſſes bem antigas.

Outro remedio para a Polmoeira.

Tomaràm huma duzia de ovos freſcos, metidos em vinagre forte, tanto tempo atè que a caſca ſe gaſte, & que naõ fique mais que

que a pelezinha de dentro, depois avendo tido o cavallo enfreado toda a noute, lhe faraõ engolir todos eſtes ovos, & vinagre, que os cobrio, & cuberto depois com huma manta o paſſearáõ duas horas, & depois o recolheràm. Eſte remedio tambem tem obrado grande effeito em algumas terçãas dos cavallos.

Outro remedio.

Por tempo de quatro dias, daraõ todas as manhãas ao cavallo hũ arratel de azeite, ſe o naõ quizer tomar em agoa, ſe lhe lançará pelo corno, & na reçaõ, que comer da cevada, ſe lhe lançará enxofre pizado duas partes, & huma de pò de chumbo por eſpaço, & tempo de quinze dias, dando em cada reçam meyo punho deſtes pòs, & em toda a agoa que beber lhe lançaraõ hum arratel de enxofre derretido, tornandoo a tirar do fundo da agoa, & lançandoo ſegunda vez da meſma ſorte, por tres, ou quatro, vezes, ſervindo ſempre o meſmo enxofre.

Outro remedio facil, & que faz bom effeito.

Tomaràm tres quartilhos de leyte de vaca quente, hum arratel de azeite, meyo quartilho de agoa de ſempre viva mayor, duas onças de póz de regalice, miſturado tudo ſe fará beber pelo corno ao cavallo, avendo primeiro eſtado enfreado, & ſem comer ſeis horas, & ſe darà morna, deitandolhe mais meyo quartilho de leyte tambem morno ſobre a bebida, para acabar de alimpar, & levar tudo para baixo, ao dia ſeguinte, & alguns mais por diante, ſe lhe hirãõ dando os póz, & ſe naõ ſarar naõ ha para que cançar mais, porque he ſinal de eſtar já o mal incuravel.

CAPITULO 79.

Da toſſe dos cavallos.

HA muitos cavallos, que tem toſſe, & naõ tem Polmoeira, nem daõ aos foles, & ha poucos, que tenhaõ Polmoeira, & dem aos foles ſem ter toſſe. A toſſe he hum movimento extraordinario das partes, q̃ ſervem à reſpiraçaõ, por meyo do qual a natureza buſca remedio para expellir para fóra o que lhe he nocivo no peito, & bofes.

A toſſe

A toſſe pòde proceder de muitas cauſas, cõmo ſaõ de frios, principalmente recebendoos, eſtando eſquentado o cavallo de algum trabalho, beber agoa muito fria, ou quando os botes ſe deſecaõ por falta de humidade, ou que ſe irritaõ por algum fumo, ou pó, comendo o na palha, & cevada, ou em agoas turbas, & lodozas, & pòde proceder, quando comer apreſſadamente, metendo alguma couſa nas vias da reſpiraçaõ, ainda que eſte ultimo ſara, ſem ſer neceſſario remedio.

Duvidaõ alguns em differençar a toſſe da Polmoeira, porèm he facil de diſtinguir, porque na Polmoeira logo ha grande batimento das ilhargas, & manifeſto, & os mais ſinaes, que no Capitulo 78. em que della tratamos ſe differaõ, o que naõ ha na toſſe ſimplex.

He neceſſario naõ deixar antigar a toſſe, porque della ſe paſſa a mayores danos. O remedio univerſal, para todo o genero de toſſe, procedida de qualquer cauſa, que ſeja, he o uſo dos pòs ſeguintes, com os quaes cobraõ todos os cavallos logo inteira ſaúde.

Pôs para toda a eſpecie de toſſes.

Tomaraõ cardo benedicto, regalice, anis, agarico, de cada hum duas onças, cardomomo, genciana, de cada hum duas onças, funcho duas onças, canela, & nòs noſcada, de cada hum quatro onças, galanga duas onças, & feyto tudo em pò ſeparadamente, depois ſe ajuntarám, & guardaràm em vidro tapado, ou em bolſa de couro, porque ſe conſervaõ ſem perderem a virtude.

Daõſe eſtes pós na cevada em pequena quantidade, molhandoa primeyro para que ſe peguem, depois ſe vaõ accrecentando atè chegar a hum punhado. Os cavallos repugnam no principio comelos na cevada, porèm depois vem a goſtar tanto delles, que eu tive hum cavallo, que andando enfaſtiado, & naõ querendo comer a cevada, era o melhor remedio para a levar, o lançarlhe os pòs nella.

Quem quizer examinar as virtudes de todos os ingredientes deſtes pòs, veja os livros dos ſimplex, que eu naõ poſſo eſtender-

derme a explicar as excellencias delles, porque vou sempre buf. cando a brevidade.

Se a tosse for de pouco tempo, & em cavallo novo, sem a ef. ficacia dos póz sobreditos, poderà sarar cõ outros remedios mais faceis, com que he necessario acudirlhe, antes que se antigue, & faça chaga no bofe, & passe à polmoeira, & dar aos foles.

Para a tosse.

Funcho, & enxofre dado na cevada sara a tosse nova, enxofre, & azeite faz o mesmo; mel, & agoa quente desfeito tambẽ he bom, baga de areira bem madura, & negra seca ao fumo, & feita em pó, dado na cevada sara a tosse.

Outro remedio,

Hum Author Inglez, diz maravilhas deste remedio, que he muy facil. Tomar as tripas de dous frangos assim cheyas, & com tudo o mais, que ouver dentro nelles, tirandolhe sómente o fel, cortado tudo meùdo, & misturado em hum arratel de azeite, dar-lho assim ao cavallo a beber pelo corno, tendoo primeiro entrea. do duas horas, & outras duas depois, continuando isto tres vezes de cinco em cinco dias. Eu naõ fiz a experiencia, porèm naõ pó. de ter perigo, quando naõ aproveite.

CAPITULO 80.

Da falta da respiraçaõ por calor estranho, & difficuldade da expulsaõ dos excrementos.

ESta encommodidade, que he muito ordinaria nos ca" vallos, tem muyta semelhança nos sinaes com a pol. moeira, porque tambem tem os mesmos batimentos de ilhargas, & difficuldades nos alentos, de que nace equi. vocaremse muitos Alveitares nestas curas, sendo mui. to diversas, & os remedios de huma para os da outra. Porèm differem os sinaes, em que a polmocira rara vez a ha sem tosse, o que naó ha nestoutra enfermidade, porque a polmoeira faz ma. yores arquejos, mas nam tam apressados, nam faz o calor na lin-

goa, nem no bafo, que ſae pelas ventas, como neſtoutro achaque. Alèm de que eſta enfermidade ſuccede a qualquer cavallo novo, o que naõ tem a polmoeira, que rara vez ſe acha em cavallo, que naõ paſſe de ſete annos para diante.

Eſta falta de reſpiraçaõ por calor eſtranho nace das obſtruçoẽs dos inteſtinos, porcedida de ſe dar muito trabalho ao cavallo, & comer ſeco, & muitas vezes de ſobras de humores groſſos, & viſcozos, que conglotinaõ as vias da expulſaõ dos excrementos, com que ſuccede eſta encomodidade muitas vezes a cavallos muito gordos, & repletos, o que tudo pelos ſinaes, que tenho dito ſe manifeſta.

O melhor, & mais facil remedio para acudir logo a eſta enfermidade, he ſangrar o cavallo nas ilhargas hum par de vezes; & ſe for em Lua nova melhor, & conſecutivamente depois da primeira ſangria, lançarlhe huma ajuda emolliente, & aperitiva neſta fórma.

Ajuda para a falta da reſpiraçaõ por obſtruçoẽs.

Farſe-ha cozimento das cinco raizes aparitivas, que faõ de grama, funcho, aypo, eſpargo, & gilbarbeira, de cada hum, huma onça, & avendo fervido em outo quarrilhos de agoa por tempo de meya hora, lhe meteraõ as cinco ervas emollientes, a ſaber, malvas, violas, malvaiſco, mercuriaes, & parietaria, de cada hum, hũa maõ chea, que faraõ ferver até eſtarem as ervas bem podres, & ſe coaraõ, ajuntandolhe ao coado meyo arratel de azeite, hũa quarta de mel mercurial, & duas colheres pequenas de ſal, & logo meterlo a comer verde, que tenho experimentado ſer o remedio mais facil, & melhor, com que livraõ ſem mais nada os mais dos cavallos.

Se for de verâõ durma fóra, & coma erva paſcendo; ſe ouver comodidade, & naõ a havendo, ſe lhe apanhe com o orvalho, & a mais tenra he a melhor; & ſe for inverno, que naõ aja ervas nos prados, lhe daraõ couves, folhas de rabaõs, & cenouras, & ſe as poder comer molhadas em azeite ſerá melhor; ſe naõ ouver eſtas comodidades, & o cavallo naõ melhorar, & continuar a reſpiraçaõ, & ſimptomas da falta da reſpiraçaõ, ſerá neceſſario pur-

gallo

galo com a purga ſeguinte.

Purga para a falta da reſpiraçaõ, por cauſa de repleçoens.

Tomaràõ aloes ſoccorrido duas onças, turbit meya onça, genciana meya onça, regalice meya onça, & da rapadura de ponta de cervo, duas outavas, tudo feyto em pòs, com hum arratel de toucinho, ou manteiga freſca, faràõ pirolas nà fórma, que diſſemos nos Capitulos 7. & 8. de dar as purgas, guardando o modo, q̃ diſſemos nos meſmos Capitulos.

Em caſo, que o cavallo eſteja com muita ancia, & grande batimento do coraçaõ; ſe lhe naõ deve dar a purga, ſe nam humas pirolas, que direi para relaxar o ventre, que ſaõ neſta fórma.

Pirolas.

Tomaraõ dous, ou tres arrates de toucinho, confórme o cavallo for, grande, ou pequeno, & lhe tiraraõ a pelle, & ſal, demolhando-o em cinco, ou ſeis agoas por algumas horas, metido em agoa corrente, ſe tira o ſal mais depreſſa. Tomaraõ couves vermelhas, barbaſco, branco, & cardo benedicto de cada hum, huma maõ chea, cortado tudo meùdo, lhe miſturaraõ o toucinho para fazer as pirolas, que ſejaõ do tamanho de nozes grandes, tendoſe enfreado dãtes o cavallo eſpaço de quatro horas, & outras quatro depois.

Se o cavallo ſarar, naõ he neceſſario enfaſtialo com mais medicamentos, porèm ſe naõ ſarar, ainda que tome alguma melhoria, he neceſſario continuar o remedio, & darlhe a beberagem ſeguinte.

Beberagem para a falta da reſpiraçaõ por cauſa de obſtruçoens.

Tomaraõ folhas de couves vermelhas de cardo benedicto, & de gordo lobo branco, de cada hum tres mãos cheas, faraõ ferver tudo em ſete; ou outo quartilhos de agoa, huma hora a cachaõ, & cuberta a panela, ſe deixarâ arrefecer, & eſtando quaſi fria, ſe coarà, & ſe deitaraõ na calda duas onças de conſerva de roza liquida, & desfeita com a calda, & huma outava de açafram, ſe darà ao cavallo em jejum, tendo tomado dantes huma ajuda, & ſe iraõ continuando eſtas beberagens atè doze dias, dandoſelhe a meſma ajuda todos os dias antes da beberagem.

Se

Se o cavallo perder a vontade de comer, ſe pararà com as beberagens, atè tornar a perder o faſtio, & o mal ſerá grande ſe com iſto naõ ſarar. Se o cavallo for novo, baſtará outra beberagem, q̃ direy para o ſarar, ſem tomar purga, nem outra couſa, porque cõ ella ſó ordinariamente ſaraõ, he a ſeguinte.

Beberagem para a falta da reſpiraçaõ.

Meteràm dentro em hũa panela outo quartilhos de agoa, cõ cardo benedicto, & pulmonaria, cortadas meùdas, de cada hũa, huma maõ chea, viſco de carvalho pizado groſſeiramente huma onça, raizes de malvaiſco pizadas meya onça, de enula campana outra meya onça, de hyſopo duas maõs cheas, ferverá tudo duas horas, depois ſe expremerà, & ſe lhe ajuntarà de çumo de regalice meya onça, & da meſma regalice pizada, hũa onça, anìs, & funcho, de cada hum meya onça em pò, huma outava de açafraõ, meyo arratel de mel eſcumado, & dous quartilhos de vinho branco, tudo muito bem miſturado, daraõ ao cavallo eſtando enfreado, & ſem comer quatro horas dantes, & depois o paſſearám huma hora, & recolheráõ, deixandoo eſtar enfreado mais duas hora.

Eſta beberagem ſe ha de dar ao cavallo quatro dias continuados, & depois o haõ de deixar deſcançar tres dias, & logo tornarlhe a continuar outros quatro dias, que infalivelmente ſararâ.

Pòs para a falta da reſpiraçaõ por obſtrucçoẽs.

Ha huns pòs, que ſe daõ miſturados com farelo molhado, q̃ continuados ſaram eſta doença, de que tratam os, que ſam deſta maneira.

Tomaraõ tres arrates de linhaça bem ſeca no forno, & ſe farà em pò, & lhe ajuntaraõ huma onça de enula campana, tres de genciana, duas de funcho, ſalva, & hyſopo, de cada hum tres onças; poraõ tudo em pó groſſeiro, & ſe miſturarà, para ſe ir dando com farelos, todas as menhãas duas colheres ordinarias, deixando depois o cavallo enfreado huma hora.

Se o cavalo eſtiver muito enfermo, & incapaz de purgas, & remedios violentos, lhe continuaraõ ajudas, & beberagens de fari-

farinha de cevada, & trigo, & ſe as beber com mel, & azeite, ſe lhe lancem, & ſempre quentes, podeſelhe repetir muitas vezes huma ajuda das cinco ervas emollientes, & na ultima fervura lançarlhe huma onça de ſene, & depois de coado deitar na calda meya onça de Crocus Metallorum, que faz grande effeito, & tornalo ao fogo hum quarto de hora; & depois ſe tornará a coar, & miſturandolhe meyo arratel de mel; & huma quarta de manteiga, ſe dará com as circunſtancias, que diſſemos no Capitulo 5. das ajudas.

Depois q̃ o cavallo for evacuando por epicrazim, & tomando mais alento, lhe iraõ dando os pós, & beberagem, & purgalo, ſendo neceſſario, como temos dito, & para ſe lhe dar a purga, vejaõ os Capitulos das purgas.

CAPITULO 81.

Do cavallo magro, & eſtaçado, que naõ quer tornar a medrar.

VEmos ordinariamente muitos cavallos, que depois de huma campanha larga, ou de repetidas jornadas, & trabalho naõ medraõ, & tem couro pegado nos oſſos, o pello ouriçado, as verilhas apanhadas, & hũa corda, que vai dellas para a barriga teza, & groſſa; & elles triſtes, & quebrantados, o eſterco negro, duro, & algumas vezes com bichos, & por mais que ſe gaſte com elles, ainda que comaõ muito, tudo he perdido, ſe os naõ curarem, porque a corrupçaõ dos humores, & roim ſangue, cauſados das roins agoas, da deſordem dos mantimentos, & em fim de todo o mao trato, naõ daõ lugar a perfeita nutriçaõ, nem a agitaçaõ natural, & exhalaçaõ dos eſpiritos.

Os cavallos, que eſtaõ neſta fórma, ſe lhes deve acudir antes com os remedios, que os curaõ, do que com muito comer ſem lhes fazer proveito. Para o que ſe devem logo ſangrar na taboa, & meter no verde, ſe for em tempo, que o haja, continuarlhe as

ajuda

ajudas emolliẽtes; & fazer hum cozimento neſta fórma para os cobrir, & fomentar a pelle que eſtá pegada à carne, & oſſos taõ reſtricta, que impede a evaporaçaõ de todo o corpo.

Fomentaçaõ para o couro, que eſtà pegado nos oſſos, & endurecido.

Tomaraõ as cinco ervas emollientes, que já temos nomeadas muitas vezes para as ajudas. & chicoria brava, jacinta, agrimonia, hypericam, folhas, de loureiro, mangerona, roſmaninho, arruda, ſalva, ſerpaõ, ouregaõs do mato, as cinco raizes aperitivas, de grama, funcho. aypo, eſpargo, & gilbarbeira, deſtas ervas, & raizes, naõ he forçoſo fazer o cozimento de todas, mas ſómente das que com mais facilidade ſe acharem, que por eſſe reſpeito nomeyo muitas, & ſe cozeraõ em caldeira grande em borra de vinho, metendo primeiro as raize, que ſaõ mais duras a ferver hum pouco, & depois as ervas. Eſtando tudo bem deſfeito, tomaraõ hũa maõ chea das ervas, & raizes; tam quante, quanto a maõ poſſa ſofrer, & esfregaràõ o cavallo por todo o corpo; molhandoo ſempre no cozimento, esfregando-o com força, & por baixo da garganta, & verilhas. Depois de eſtar aſſim bem amollentado, lhe untaraõ em quanto quente com o unguento, que direy todas as partes, aonde a pelle eſtiver mais dura, & pegada, & por todo o corpo ſe for poſsivel, eſpecialmente pela garganta, & nervos das verilhas, & havendo-o bem engraxado, he o unguento, que he o ſeguinte.

Unguento para abrandar a pelle endurecida dos cavallos magros.

Tomaràm de alter, & populeaõ, de cada hum duas onças, azeite commum, oleo de macela, de cada hum duas onças, unto de cavallo derretido duas onças, tudo miſturado em frio, logo ſobre a untura ſe ha de cubrir com hum lençol em duas dobras, enſopado na meſma borra, & cozimento, ſe enrolará muito em todo o corpo do cavallo, & cozello ſe for neceſſario, & ſobre elle huma, ou duas mantas bem envolvidas, aſſim eſtarâ vinte, & quatro horas, & acabado eſte tempo, ſe torne a fazer o meſmo, aſſim obranho como a untura, & veraõ, como o couro fica brando, & doce depois deſte remedio.

He neceſſario impedir ao cavallo que ſe naõ coce, porque a evaporaçaõ, & reſoluçaõ dos humores, que eſtavaõ craſſos, & embebidos nas extremidades, do couro, cauſaõ entaõ grande coça; do meſmo cozimento ſe for grande, ſe póde guardar para a ſegunda vez. Eſta fomentaçaõ he de muito proveito, porque abre os pòros, chama os eſpiritos, dà lugar as evaporaçoẽs, facilita todos os movimentos naturaes do corpo. He neceſſario eſtar ſempre cuberto depois daquelles dias primeiros, & tornalo a ſangrar na taboa, & darlhe outra ajuda ordinaria.

Se o cavallo moſtrar repleçaõ, & enchimento de humores, ſerà conveniente purgalo com a purga ſeguinte.

Purga para o cavallo magro, & repleto de excrementos,

Tomaraõ agarico meya onça, ſene huma onça, aloes huma onça, & meya, eſcamonea preparada duas oitavas, anìs, & cominhos, de cada hum huma outava, huma colher de ſal moido, tudo feito em pò groſſo ſe lançarâ em dous quartilhos de vinho branco em huma infuſaõ commua, & os aloes, & eſcamonea naõ haõ de ficar de infuſaõ, porém metelos ao dar da purga, mexendo, porque naõ fiquem no fundo, & depois de ſe darem, enxagoaráõ o vaſo, & corno com meyo quartilho de vinho branco, & darlho ſobre ella, guardando em tudo o mais a ordem, que diſſemos nos Capitulos das purgas. Ha cavallos doentes deſte mal, que tudo iſto he neceſſario para ſararem, & ha outros, que com muito menos ſaraõ logo.

CAPITULO 82.

Da febre do cavallo,

A Febre he hum eſtranho calor, geral em todo o corpo do cavallo, procedido de huma alteraçaõ, & revoluçaõ violenta dos humores. Naõ acho, com que a poſſa comparar melhor, para que atè os mais rudes, & groſſeiros me entendam, que com o fervor, que faz o vinho dentro na vaſilha, porque revolvendoſe, & agitandoſe,

doſe, crece, & ſe altera de ſorte, que ſe naõ achar lugar, rebentará a vaſilha pelas juntas, aquece muito, levanta fumos, & todo he húa confuſaõ, ſem haver húa gota clara, & depois, que ſe acaba, & ceſſa a fervura, ſe poem tudo em ſeu lugar, a borra vay ao fundo, o ſarro pegaſe âs taboas, a lira poemſe em ſima; o vinho fica claro, & a vaſilha quieta, & ajuſtada.

Da meſma ſorte com alteraçaõ, & fervor do ſangue, & dos humores, elles ſe envolvem com o ſangue, eſte ſe altera, & naõ cabe em ſeus vazos; os fumos ſe levantaõ ao cerebro; & recebe deſvarios, & deſvellos, o coraçaõ ſe aflige, as arterias pulſaõ, & parece que todo o corpo do animal ſe abre.

E depois que com os remedios a natureza ſenhorea, logo vay ſeparando o bom do mao; com que ceſſando a alteraçaõ, o ſangue ſe recolhe aos ſeus deſtrictos, os humores a ſeus vazos, os vapores, & fumos ſe ventilaõ, o coraçaõ, & arterias ſe moderaõ, o corpo fica livre.

Quando o animal eſtà febricitante, dão os ſinaes da deſordem & excitaçaõ, que ha dentro no corpo, a ourina, as pulſaçoens, a inquietaçaõ, & triſteza do cavallo, o calor do bafo, & ventas a lingo callida, & ſeca, as veas inchadas, as orelhas derruba, das, a cabeça baixa, o beiço de baixo pendurado, os lagrimaes vermelhos, os olhos luzidios, o movimento do corpo quebrantado, o arquejar das verilhas apreſſado, o eſterco negro, & ſeco, a falta das evacuaçoens ordinarias da natureza, & o grande faſtio.

Eſte modo de definiçaõ de Febre, & ſinaes della, baſta que ſaibaõ os Alveitares, que naõ ſaõ Filoſofos, nem obrigados a ſaber as eſpeculaçoens ſcientificas, que pertencem ex profeſſo aos Medicos, de que eu muy bem pudera aproveitarme, ſe por eſte modo ruſtico, & intelligivel naõ achàra mais conveniente a declaraçaõ para o intento. Pois acho cheos os livros de Medicina, de definiçoẽs das flores, com muy doutas eſpeculativas, fazendo juntamente os Doutores Medicos grande quantidade de eſpecies, & divizõs de febres, que ſe naõ achaõ nos cavallos; nos quaes as febres ſe reduzem ſómente a tres eſpecies, de que trataremos

taremos, que he õ noſſo principal intento ; tratando das curas; que a ellas convem conforme a razaõ, & experiencia, que delas ſe tem no corpo do cavallo, que he muito differente do homem.

A primeira eſpecie de Febre, he hũa alteração violenta de calor, ou ſeja acendida ſómente nos eſpiritos, ou em alguma inquietaçaõ do ſangue eſquentado, ou tendo ſua origem de algũs dos humores alterados, & como he acompanhada de muy poucos, accidentes, he muy facil de ſarar, porque como não ha podridaõ, que a fomente ; obedece logo aos remedios apropriados a ella.

A ſegunda eſpecie, he hũa febre com podridaõ de humores, & com notavel paixaõ nas partes internas, & he taõ violenta, que poem em perigo o cavallo, ſe naõ intermite, porque como naõ ſaõ muitos ſogeitos a Febres, ſe ha de entender ; que jà naõ vem, ſe naõ por cauſa muy violenta.

Os cavallos ſaõ mais regrados, que os homens nos ſeus apetites, porque os mantimentos dos cavallos ſaõ ſimplex, o ſeu beber claro, & que não póde turbar o cerebro, o ſeu exercicio contribue muito à ſua ſaúde, com que naõ tem muitas cauſas para Febres.

A terceira eſpecie de Febre, he a peſtilencial, a qual faz muitos accidentes em pouco tempo, derribando logo as forças no meſmo inſtante, que aparece, & moſtrando que ſenhorea logo o corpo todo, com grande perigo, & pouca eſperança da vida do cavallo. Procede por pizaduras, ou mordeduras de animaes venenoſos, por algum alimento peçonhento, ou inficionado, & corrupto, ou ar da meſma ſorte, que algumas vezes he tal, que já ſe vio morrerem todos os cavallos de hũa eſtrebaria.

As cauſas ordinarias das Febres ſaõ todas aquellas, que podem corromper, ou alterar os humores, ou ſeja eſquentando-os com exercicios violentos, ou por cauſa de alimentos quentes, ou de roim digeſtaõ, pella quantidade, ou qualidade delles, que naõ os podendo vencer o calor do eſtomago, ſe convertem em humores podres, q̃ corrõpem o ſangue, a falta de evacuações naturaes com

com obſtruçoens, perturbaõ as faculdades dos eſpiritos, & agitaçoens animantes do ſangue, & humores. E finalmente tudo aquillo, que póde impedir as operaçoens naturaes, póde ſer cauſa da Febre.

Os ſinaes por donde ſe manifeſtaõ as Febres, temos já dito atraz neſte Capitulo. As obſervaçoens geraes, que ſe devem guardar, he ter com dieta ao cavallo, ainda que elle queira comer, naõ lho permitirem, ſe naõ com amoderaçaõ, que direcomos, ainda que as primeiras vinte, & quatro horas naõ coma, naõ ſerá erro, porque com iſſo ſómente livraõ muitas vezes. E he hum grande engano que uzaõ alguns Alveitares, tanto que vem o cavallo enfermo, & febricitante, daremlhe logo caldas ſuſtanciaes de galinhas, leites, & ovos, & outras couſas contra a ſua natureza, & contra a boa regra, alem de que os taes ſuſtentos, ſe naõ pòdem dar, nem elles os comem, ſe naõ lançados pelo corno, que lhe cauſaõ opreſſaõ, & deſgoſto; & ſerve mais de augmentar a Febre. Com o que melhor lhe ſerá, o que comer por ſi voluntariamente, ſendo pouco, que o muito contra ſua natureza, que pelo corno ſe lhe der.

He tambem huma advertencia geral, muito neceſſaria, naõ permitir, que ao cavallo ſe dé purga alguma no tempo da Febre, porque neſſa confuſaõ dos humores a natureza, naõ pòde evacuar os malignos, ſem os ſeparar dos bons, o que ſe faz depois que a natureza ſenhorea, & os tem cozidos, & regeitados: alèm de que a purga eſquenta, ancia, trabalha, & cauſa dores nos inteſtinos, com que he capàz de lhe cauſar grande inflamaçaõ.

He tambem neceſſario ſe obſerve, que o cavallo eſteja ſempre no maſtigadouro, tirado o tempo, que lhe for neceſſario para comer algũa couſa.

A primeira eſpecie de Febre ſe chama ſimplex, & naõ devè cauſar tanto cuidado, como as outras, porque eſta ſára facilmente, & ſe cura quaſi ſempre deſta ſorte.

Como ſe cura a Febre ſimplex.

He neceſſario ſangrar logo o cavallo da parte direita na vea da taboa, tirarlhe dous quartilhos, & meyo de ſangue, & no meſmo dia darlhe a ajuda ſeguinte.

Ajuda para a Febre ſimplex.

Tomaráõ nove quartilhos de agoa, & lhe meteráõ duas mãos cheas de cevada ſem caſca, que ferverá hũa hora a cachaõ; depois lhe meteraõ mercuriaes, bredos, folhas de violas, & de parietaria, de cada hum tres mãos cheas, que ferveraõ menos de meyo quarto, depois ſe coará tudo, & ao coado lhe ajuntarám tres onças de canafiſtola, oleo rozado hũa quarta, outra de oleo violado, quatro onças de aſſucar, & ſe lançará com as cautelas, q̃ diſſemos no Capit. 5. das ajudas.

O dia ſeguinte ſe esfregará o cavallo com esfregações de palha aſpera, para abrir os pòros do couro, & vaporarem os excrementos do terceiro cozimento, & facilitarlhe as ſahidas, chamando o calor interno às extremidades.

Eſta esfregação adoça o couro do cavallo, que he groſſo, & eſtá mais ſeco, & duro com o Febre. He neceſſario untalo com oleo de macella, de violas, & de endros partes iguaes, & em falta deſtes o azeite commum, com oleo rozado, em igual quantidade.

Para ſeu comer, lhe daraõ folhas de chicorias, & alfaces, de borragens, & cevada verde, & de todas as mais ervas, que ſejaõ frias, & humidas, como tambem meloẽs, & malencias. De palha ſe lhe dè a menos, que for poſſivel, nec centeyo, ou milho; ſómente cevada em grão ſe pòde tambem dar, & melhor cozida, porque o centeyo, milho, ou trigo; & palha ſeca pòdem cauſar obſtruçoens, & fazem o eſterco duro, & naõ ſe deve dar muito de comer (como diſſemos) ao cavallo, ſalvo eſtiver muy debilitado, & deſtituido de forças.

Maſtigatorio para o cavallo febricitante.

Se a Febre paſſar de tres dias he neceſſario atar no maſtigadouro, embrulhadas, em hum pano, raizes de pyretro, agarico, pizado tudo groſſo, de cada hum duas outavas, regalice rapada

hũa

hũa onça outra de assucar, & fazendolhe mastigar isto a meùdo, descarregará o cerebro, & terá vontade de comer.

Tambem lhe podem dar alguns farelos trigos molhados, se os apetecer, que saõ trescos, & naõ alteraõ, lavandolhe a boca a meùdo com agoa de cevada, vinagre, & ouregãos.

A cevada sem casca cozida muito, depois pizada com assucar, & feita em modo de bolos cozidos no forno, he cousa que os cavallos comem, & apetecem muito; & lhe he de grande sustancia nas doenças. O beber ha de ser nesta forma.

Beberagem para o cavallo febricitante.

Ferveram agoa em huma caldeira, na qual se derreterám quatro onças de crital mineral, ou sal prunele, & deixando-o arrefecer, lhe lançará n hum punhado de farinha de cevada, ou trifega para a fazer branca, & desta agoa podem deixar beber ao cavallo tolla a que quizer, porque nesta forma tempera o ardor das entranhas, resiste à podridaõ, abre as veas, & facilita as obstrucçoens.

He muitas vezes necessario reiterar a sangria, quando o mal não diminue; continuar as esfregaçoens, & unturas, fazendo-as com mayor força pelas pernas, & braços, & repetir as ajudas.

He muito importante para a cura da Febre, saber de que causas procederia; porque se foy por aver padecido frios, nevoes, ou serenos, será necessario reiterar muitas vezes as esfregaçoens, cobrir muito bem o cavallo, & darlhe ajudas a meúdo. Se a Febre procedeo de grandes trabalhos, & fadigas, se lhe ha de offerecer a meùdo agoa cozida, na forma, que dissemos, com bem farinha de cevada peneirada, darlhe paõ branco cozido, & se for com assucar melhor, porèm sem manteiga, nem grayxa, nem muito sal. Se o cavallo tiver Febre por haver comido sustentos corruptos, ou esterco; será bom reiterar as sangrias, & ajudas com calda laxativa, com hũa mão chea de lixo de pombas, pizado, meyo arratel de manteiga salgada, & meyo quartilho de vinho, em que haja infundido Crocus Metallorum, como ensinamos no Capit. 5. porque este vinho tenho eu achado,

que faz grande obra nas ajudas; porèm nas febres se deve dar em menos quantidade, porque sucedendo mal, se naõ ponha a culpa ao remedio, sendo nacido o roim effeito, muitas vezes da violencia do mal.

Esta especie de Febre simplez, sara ordinariamente com menos destes remedios, porém he necessario naõ dissimular com ellas, porque muitas vezes degeneraõ em podres; se as deixaõ radicar.

CAPITULO 83.

Das Febres podres.

A FEBRE podre nos cavallos, he mais ordinaria no veraõ, que em outro algum tempo, & em particular nos lugares quentes. Os cavallos novos, saõ mais sogeitos a ellas, que os velhos; sobre todos os Alazoẽs, & Ruões, porque saõ de temperamento mais calido, & hè mais certa nos cavallos vigorosos, & ligeiros.

Conhecese, em que o cavallo tem a lingoa negra, seca, & ardente, os beiços, & tolanos esquentados, as ventas mais abertas, exhalando fumaças quentes por ellas, grande batimento do coraçaõ, titubia o cavallo, se o querem fazer andar, a cabeça baixa, & carregada com dor, & com todos os mais sinaes, que já dissemos.

Logo he necessario sangrar o cavallo, as primeiras vezes na taboa, as segundas nos terços, depois nas ilhargas, & ultimamente nas bragadas; isto se entende, sendo necessaria a continuaçaõ das sangrias, advertindo, que os cavallos naõ sofrem tanto a muita repetiçaõ dellas, como os homens, porque os seus alimentos solidos, naõ refazem o sangue taõ depressa.

As sangrias saõ nesta enfermidade o melhor remedio, porque diminuem a abundancia dos humores, facilitaõ os movimentos, impedem a rotura de algum vazo, ou veas, fazem parar a extravazão do sangue, temperão o calor, & tirado parte do que he nocivo, dão meyos à natureza, para que vença o restante daquil-

daquillo, que opprime.

Para ſuſtento baſta dar ao cavallo ſómente o que pòde impedir, que nã̃ morra de fome; a cevada em verde, ſe for tempo, q̃ a haja, os pès de folhas de vides ſã̃ muito bons, & tudo o mais que diſſemos atras nas Febres ſimplez̃, como tambem a agoa, que deve beber por nã̃ ſe repetir duas vezes.

Ha de eſtar no maſtigadouro todo o tempo, tirando de noute, & o que lhe for neceſſario de dia para comer alguma couſa; de manhãa, & tarde, ſe lhe hã̃ de dar as ajudas, que ſe ſeguem.

Ajuda para a Febre podre.

Na calda emolliente ordinaria, meteràm ſemente de funcho pizada groſſeiramente hũa onça, ferverá com duas mãos cheas de cevada ſem caſca; depois ſe coarà, & lançará na calda oleo rozado de violas, de cada hum quatro onças, ſeis gemas de ovos, & benedicta laxativa duas onças, ou canafiſtola tres onças.

Se quizerem meter em lugar de benedicta, ou canafiſtola hum quartilho de vinho, em q̃ haja eſtado de infuzã̃ ſeis horas, meya onça de Crocus Metallorum, ao qual chamã̃ alguns vinho emetico, lhe farà ainda melhor effeito.

Eſta ajuda feita neſta forma, & lançada, como diſſemo no Capit. 5. das ajudas, puxa pela impuridade, que acha nos inteſtinos, & alivia as partes ſuperiores.

Tambem he neceſſario fazerlhe as esfregaçoens por todo o corpo, & unturas que diſſemos, & lavarlhe a meùdo a boca com agoa de cevada, vinagre, & ouregãos, & as fontes com vinagre, & por dentro das ventas.

Com eſtes remedios livrã̃ muitos cavallos deſte Febre, mayormente ſe ella intermite, & tem crecenças, & diminuiçoens, que ſe he continua, & violenta, ſem diminuir atè os tres dias, he muito mao pronoſtico, que alguns dentro nos tres dias morrem.

***

CAPITULO 84.

Da Febre peſtilencial.

ESTA Febre, que os cavallos padecem algũas vezes, ſe cura de outra ſorte, porque não ſe trata aqui mais, que de fortificar a natureza, & de correger a malignidade do veneno, que cauſa os accidentes, que como he a cauſa da febre, ceſſando eſte, ſe extinguirá a Febre.

Jà diſſemos as cauſas venenoſas, de que procediaõ, & o quanto ſaõ perigoſas, com tudo tem livrado muitos deſte modo, que direy.

Como ſe cura a Febre peſtilencial.

Logo que o mal for conhecido, ſe deve ſangrar o cavallo antes que beba, & ſe tiver bebido, ſangralo ao dia ſeguinte em jejum; depois da ſangria dahi a duas horas, deſfazer triaga freſca, compoſta com aloes, & epatica em pòz, de cada hum, huma onça, confeiçaõ de jacinthos, & chiclaminus, de cada hum meya onças, dous quartilhos de calda, feita com eſcabioſa, cardo benedicto, & veronica, de cada hum huma mão chea, daràõ iſto ao cavallo, tendo-o dantes enfreado duas horas, & paſſearà meya depois de tomar a beberagem, & todos os dias ſe paſſearà huma hora, lançarlheão repetidas ajudas, & com iſto ſaraõ muitos, ſe o mal naõ acomete o coraçaõ.

Quando eſte mal procede de ar corrupto, de que huma eſtrebaria eſtà infectada, he neceſſario tirar della os outros cavallos, & não entrarem nella, ſem primeiro ſe alimpar, & pinzelar de novo, defumandoa com enxofre, & ſalitre, antimonio, pez, ſolas de çapatos velhos queimados, & depois fumos de alecrim, & ervas odoriferas, com vinagre, que tudo he defenſivo ao ar corrupto; lavar muito as manjadouras, & alimpar muito bem tudo.

Se o mal proceder de mordeduras de animaes venenoſos, he neceſſario acudir logo ao remedio contra a raiva, & mordeduras

vene-

venenoſas do Cap. 77. & uzar da triaga emitridates, & de outros defenſivos ſemelhantes.

CAPITULO 85.

Dos cavallos, que tem livrado da Fèbre.

QUANDO hum cavallo eſtá já livre da Febre, he conveniente purgalo, porque aquelles humores, & cauſas, que a aſcenderaõ, naõ pòdem eſtar todos evacuados, & pòdem ſervir de faiſca, que eſtá debaixo das cinzas, que depois ſe và fomentando, & torne a levantar mayores lavaredas; porque para ceſſar a Febre, naõ he neceſſario, que os humores roins, ou podridão, que a fomentavaõ tenhaõ ſahido para fòra do corpo, mas baſta ſómente, que naquella alteraçaõ, & batalha, que elles fizeraõ, ficaſſe vencedora, a natureza, que com os deſtruir, & pòr de parte, ficou livre da opreſſaõ, & ſentindoſe aliviada daquella pena, & quebrantada do trabalho, deſcança muitas vezes, & naõ ſe inquieta a expulſar o reſto do impuro; que ha no corpo. Para o que convem a purga para os ſegurar, que com os remedios irritantes, ou ſeja porque a deſpertaõ, & agitaõ, ou pela virtude attrahente delles, que iſto ſaõ queſtoẽs, que deixamos para a expeculativa dos Medicos doutos, baſta ſó ſabermos por experiencia, que com os purgativos ſe evacua o cavallo, & que fica limpo, & aliviado, & livre do nocivo, & de hũa recaìda, que o podia matar.

Naõ ſe deve buſcar os ſinais do cozimento, ou ſeparaçaõ dos humores nas ourinas, nem excremento dos cavallos porque naõ moſtraõ indicaçoens por onde aja eſſe cozimento; baſta ſó ver a calmaria depois da tempeſtade para aproveitar della com a purga, dandolhe do catholico que diſſemos no Cap 8. das purgas, & antes, & depois della ſe uſaráõ de algũas beberagens; & fomentaçoẽs, que refreſquem; & temperem todo o corpo, que ficou daquelle ardor eſquentado, & ſe daràa purga com as cautelas, que diſſemos no Cap. 7. das purgas.

Depois diſto ſe ha de hir alementando o cavallo pouco a

pouco,

pouco, & ſem abundancia, no que muitos ſe enganaõ, parecendolhe, que o muito comer repara logo as forças, & vigor, o que he pelo contrario, porque eſtando o cavallo fraco, & debilitado naõ pòde digirir, & fazer cozimento na muita quantidade, & pelo conſeguinte, devem ſer os ſuſtentos ligeiros, & de facil digeſtaõ.

CAPITULO 86.

Do mal de Olanda.

AESTA enfermidade chamaõ no noſſo vulgar mal de Olanda, por ſe entender, que foy trazida em cavallos Olandezes, & como he muito contagioſa, ſe communicaria logo a muytos, como ſe diz do mal Francès. Porêm eu me não acomodo a que aſſim ſeja, porque tenho viſto muitos cavallos com eſte mal, ſem averem tido ocaſiaõ de ſe lhe pegar, antes me parece ſe corromperia o vocabulo, chamandoſe de Olanda, avendoſe de ſe dizer, mal de landoa; porque faz por muitas partes do corpo hũas landoas, aſſim internas, como ſuperficiaes, ou tambem ſe diria mal de volanda, pelo que tem de andar correndo toda a ſuperficie do corpo, aparecendo em hũa parte, & logo em outra em breve tempo; mas de todo o modo naõ ſe pòde negar; que o mayor numero de cavallos o adquirem de contagio. Os que lhe chamão mal de Loanda ſe equivocaõ, & enganaõ; porque o mal de Loanda he achaque das gengivas, que ſe acha ſó nos homens, & muy diverſo deſte.

Os Authores Caſtelhanos chamaõ a eſta enfermidade lampazones; os Italianos, vermes, os Francezes, farcins; os Biſcainhos, lobadinos; os Alemães, vurmes; com mais propriedade q̃ todas; porque vurnes na ſua lingoa he hum bicho, que roe as arvores entre a cortiça, & o pao, & o vay corroendo todo.

Alguns fazem ſeis, & ſete eſpecies deſte mal, porèm tenho achado que todas ſe reduzem a tres, que ſaõ: Volante, Encordoado, & Radicado.

O mal

O mal de Olanda de qualquer eſpecie, que ſeja, he procedido, ou de contagio de outros cavallos, que eſtejaõ afectados do mal, comendo juntos, ou nos meſmos vazos, pondo as ſeilas, & freyos de hũas em outros, & ainda chegando-ſe hum ao outro; baſta muitas vezes. Tambem procede de haverem os cavallos comido algum verde podre, & melado por baixo, & beberem agoas chocas, & mal cheirosas, & quaſi ſempre os humores, que pecão ſaõ melanconicos, aduſtos, & requeimados de colera.

Eſte mal ſe manifeſta com muita clareza, porque logo ſe moſtraõ huns botoens, & cordas entre o couro, & carne, hũas vezes mais profundas; outras com tumor, ou ulcera, & ſempre amayor copia nos emuntorios, por baixo das queixadas, & por dentro das coixas em ſima, junto ás verilhas, por baixo do peitoral, pelas veas, & em outras muitas partes. Podeſe entender, que he mais, ou menos perigoſo eſte mal, conforme a abundancia delle, & as partes, em que ſe formaõ, ſerem mais, ou menos nobres, & mais perigoſo o mais interior, & radicado, & menos o ſuperficial, que pegandoſe na pelle com os dedos ſe levanta, & eſte he o de menos cuidado.

O mal de Olanda com ſer taõ enfadonho, & ſer ocaſiaõ da morte a alguns cavallos, naõ os aflige, nem tira a vontade de comer, antes ſervem como dantes; porque como a natureza alivia o interior à cuſta das partes exteriores; ſe acha ſem moleſtia; porèm não ſeja iſſo cauſa para que ſe lhes não acuda logo, porque o mal não deſcança, & os irá corrompendo todos, atè que naõ tenhaõ remedio.

A primeira eſpecie, he mal de Olanda volante. Conhecеſe por huns botoẽs, que aparecem por todo o corpo, agora em hũa parte, logo em outra, & por iſſo ſe chama volante, porque em hum inſtante ſe vem logo formados, aonde não havia nada.

Eſte mal he mais facil de atalhar, porque ainda naõ tem o ſeu aſſento fixo, nem tem formado raizes, & formento nos emuntorios, que o fomentem.

A ſegunda eſpecie de mal de Olanda, ſe chama encordoado. Conheceſe pelas graſſas durezas em modo de cordas, que forma

ma o humor entre o couro . & a carne , & sempre ao cõprido das veas , particularmente das grandes , que estaõ nas coxas pela parte de dentro , nas das vitilhas ; nas da taboa , & peitos , & se formão naquellas cordas botões , & tumores , que se abrem , & lançaõ materia fétida , acre , & mordicante.

As beiras das ulceras saõ sempre çujas , & encruadas , & na sua cor moſtraõ a má qualidade do humor requeimado , & muitas vezes se fazem duras , & callozas.

A terceira especie , he o mal de Olanda radicado. Aparece com tumores mayores nos emontorios ; nos quaes tem formado raizes muy pegadas , que apalpandose , ou abrindose se achaõ hũas glandulas , como avelãas mayores , ou menores , & como cacho de uvas, communicadas de hũas a outras ; & dali manaõ a todo o corpo botoens , & vergalhões , & com mais impeto às partes mais vesinhas desse emunrorio , & algũas vezes taõ interiores, q̃ se naõ manifestaõ à vista , porèm apalpandose sim ; & se lhe naõ acodem penetra o mal dentro ao interior , & mata o animal.

Como se cura o mal de Olanda.

Para proceder com ordem na cura desta doença , naõ se ha de cuidar , que com extirpar os tumores , & palear as chagas se pode curar , porque antes de se acabar a cura estaràm sahindo novos tumores , ou pouco depois de acabada ella ; porque sem tirar a causa , naõ pode cessar o effeyto. Para o que , he necessario evacuar os humores corrutos , & ajudar a natureza a que se descarregue melhor ; & convem , que o sustento seja de facil digestaõ , & que não acrecente humores , nem cause obstruções. As chicorias bravas , os cardos , a cevada branca , os farelos trigos molhados saõ convenientes , a agoa em que se haja derretido salitre , as purgas feytas com ruibarbo , aloes , agarico , escamonea , eleboro negro, & outros , como tambem as da compoſiçaõ , que dissemos no Capitulo das purgas.

As sangrias saõ aqui de muito proveito , porque impedem a corrupçaõ do sangue , & daõ lugar à natureza a produzir outro novo , & melhor.

Os suores depois de hum cavallo bem evacuado, he o remedio

dio, que melhor fára eſte mal (que tem muita ſemelhança com os humores gallicos dos homens, & com lepra, & alporcas) ſendo dadas na forma que direi para purificarem o ſangue por corruto, que eſteja, & extinguirem aquelle humor venenoſo.

He neceſſario, que hum Boticario curioſo, & verdadeiro faça com primor a deſtilaçaõ ſeguinte, que della depende todo o bom ſucceſſo da cura.

Agoa ſudorifica para os cavallos.

Tomaraõ antimonio crù meyo arratel, & outro tanto de aſſucar candil em pò; tudo miſturado em hum alambique ao fogo ſobre area, as juntas muy bem tapadas, & o fogo brando, & tanto que o alambique começar a deſtilar, ſe levantará à ponta alguã couſa, para que ſe naõ anticipe, antes dè baſtante revulução dentro, & a primeira agoa, que for cahindo q̃ he mais branca ſe guardará para lavar as ulceras feridas, que as ſeca logo, & depois vay caindo outro licor mais atabacado; que ſe receberá em outro vazo, que he o ſudorifico, que queremos. E a cura do cavallo de qualquer eſpecie, que ſeja o mal de Olanda, ſe fará nella forma.

Methodo da cura.

A primeira couſa ſerà, ſangranſe o cavallo nas veas da taboa de ambas as partes juntamente, & tirar de entre ambas quatro quartilhos de ſangue, deixando deſcançar o cavallo tres dias; não lhe dar centeyo; nem erva, & ſó palha molhada, pouca, fareloſ trigos, algũa cevada cozida, & agoa de ſalitre, como jà diſſemos.

Tres dias, depois das ſangrias, ſe purgará o cavallo com o catholico, que diſſemos no Capit. 8. das purgas, depois ſe deixará deſcançar tres dias; logo ſe tornarà a reiterar a purga, acrecentandolhe, ou diminuindo nas quantidades, conforme, o que tiver obrado com a primeira.

Feytas eſtas evacuaçoens, ſe meterá o cavallo nos ſuores, & naõ antes dellas, porque eſtando repleto, & tendo occupadas as primeiras vias, ſeria muito difficultoſo puxar os humores dellas, & evacualos com o ſuor pelo couro para fóra, ſendo mais facil,

cil, & melhor caminho ó dos purgativos para os lavar pelo ventre. Tambem direi outro purgativo proprio para este mal, se naõ ouvera o que assima digo.

Outra purga para o mal de Olanda.

Tomàraõ aloes socotrino hũa onça, raizes de jalapa, & folhas de sene, de cada hum meya onça, escamonea preparada hũa outava; coloquintida tres escrupulos, raizes de mechoacão hũa drama, & meya, & se o cavallo for de estimaçaõ, será necessario meter mais meya onça de ruybarbo; & senaõ, dobrar a escamonea, misturado tudo em pòz grosseiros, que se infundiràm em dous quartilhos de vinho branco (a reserva da escamonea, & aloes, naõ se ha de meter de infusaõ) ajuntaràm tambem de canela; & cravo de cada hum, huma outava, & de gengibre hum escrupulo.

Teràm o cavallo sem comer desde a meya noute atè as seis da manhãa, & se lhe dará a purga pelo corno, mexendoa muy bem primeiro; ao depois se lavarà o vazo corno, & a boca do cavallo, com meyo quartilho de vinho, para lhe tirar o mao sabor: cubriràm logo o cavallo com sua manta, & o passearâm hũa hora recolhido, estando depois com o freyo mais quatro horas.

Sempre he necessario que preceda haver tomado na noute antes da purga, hũa ajuda, & outra depois, que tiver purgado com ella Se a purga naõ ouver obrado bem, será conveniente reiterala com dobrado mechoacão; & na ajuda meteràm hum quartilho de vinho, em que se haja infundido Crocus Metallorum na fórma, que temos dito, se faz esta infusão, no Capit. 5.

Dous dias depois da primeira purga, se ha de sangrar ainda o cavallo, & tirarlhe tres quartilhos de sangue.

Se as purgas não obrarem, como succede naõ fazerem tal vez effeyto em algũs cavallos, & em outros obrarem abundantemente conforme as naturezas, & disposiçoens, obrando huns ingredientes melhor em huns, que em outros, em tal caso, se lhe daraõ as pirolas seguintes.

Pirolas para o mal de Olanda.

Tomarám folhas de sene, & raizes de hermodatiles, de cada

hum

hum meya onça, agatico tres outavas, escamonea preparada duas outavas, pedra de armenio lavrada meya onça, eleboro negro lavado em vinagre, & de infuzão nelle por tempo de tres horas, depois seco ao fogo lento, hũa outava, tudo se porá em pòz grosseiros, & se farão pirolas com dous arrates de toucinho lavado em muitas agoas, que lhe tirem o sal, & para corretivos, canela, cravo, funcho, & gengibre, de cada hum hũa outava; farám pirolas, embebido muy bem tudo no toucinho do tamanho de nozes grandes, & se guardarám no modo de dar a purga, as prevençoẽs que dissemos nos Capit. 7. & 8. das purgas, & o cavallo assim evacuado suará o mal de Olanda admiravelmente.

Como se dão os suores.

Primeiramente se enfreará o cavallo às sinco horas da manhãa, estará assim sem comer até as nove, & a estas lhe daràm meyo quartilho de agoa de cardo benedicto, em a qual lançarám trinta gotas do antimonio preparado, que atraz dissemos; depois lhe daraõ mais ainda meyo quartilho da mesma agoas sem o antimonio, & o cubriràõ todo muito bem, com duas, ou tres mantas, & o faràm passear a trote brando meya hora, ou mais, para o fazer suar, depois o recolherám, muy bem abrigado, esfregandolhe muito o suor, mas sempre cuberto, porque algũas vezes suaõ muito mais depois que estaõ dentro na estrebaria, & estará sem comer mais duas horas com o freyo posto.

Se cõ as trinta gotas o cavallo naõ tiver suado bastantemente, ao dia seguinte, guardando a mesma ordem, lhe lançaràm quarenta gotas, que serám o pezo de dous escropulos, & se as quarenta o naõ fizerem suar bem, se vá augmentando atè que a quantidade o faça suar abundantemente.

Porèm se com a menor quantidade suar bastantemente, naõ he necessario augmentarlhe a quantidade, se naõ hir com ella continuando os suores todos os dias; & se enfastiar, & perder de todo a vontade de comer, será necessario pararlhe com a cura alguns dias, até torna, a vontade, & depois continuar outra vez com os suores.

Ha muita difficuldade para se achar a quantidade certa, que convem

convem para fazer suar os cavallos, porquè o natural de cada hum he differente. Huns cavallos suó com trinta gotas, outros he necessario sincoenta para os fazeren suar. O melhor he começar por trinta, & aumentar, atè chegar a quantidade, que faça o effeyto.

Se naõ se entender que quantia seja hũa gota, se pòde regular pelo pezo de hum grão de trigo. Destes suores se daraõ ao cavallo dez, ou doze, & mais sendo necessario conforme suas forças; & se for debilitado, & que perca a vontade de comer, se podem enterpolar os suores, dandolhos hum dia, & outro naõ, se depois dos dez ou doze suores se vir, que os botoẽs ficaõ secos, & murchos, & as cordas diminuidas, & secas, se pode ter por certo, que o cavallo está saõ, & naõ necessita mais que de dieta. Porèm se os botoẽs, & ulceras estiverem ainda verdes, ou que algum tempo depois nação outros, será necessario purgalo de novo, & tornarlhe a dar outros tantos suores, & com isto sararaõ todas, & quaesquer especies de mal de Olanda por mais forte, que seja, sem ser necessario abrilos com navalhas, como fazem de ordinario os Alveitares logo pela primeira tençaõ; de que procedem muitas vezes fluxos de sangue, & perigo grande, & ficarem os cavallos disformes quando livrem, com culturas, & marcas grandes.

Muitos querem curar logo o mal de Olanda com fogo, sem precederem outras evacuaçõ̃es, & remedios mais faceis, & seguros por o acharem facil de executar, o qual naõ deixa de ser bom remedio, se naõ tivera o defeito de deixar os sinais do fogo, & juntamente ha algũas partes, aonde o fogo se naõ pòde dar com segurança, como he na cabeça, & partes nervosas, & inchadas.

Para se dar o fogo, he necessario seguir as cordas com o fogo, & atalhalas, sem que penetre o couro. Os botões, & funchos se deixaõ amadurecer, & se furaõ com botoens de fogo. Logo que se der o fogo, se sangrará o cavallo copiosamente, & purgalo duas, ou tres vezes (como temos dito,) conforme a necessidade o pedir, & tornando a aparecer mais botões, se deixaram amadurecer, & meterlhe o fogo.

A san-

A ſangria ſe pratica muito no principio, & fim da cura. Se depois de ſe dar o fogo ouver partes, aonde ſe naõ poſſa dar com ſegurança, ſe uzará do cauterio Potencial, que faz a meſma obra, ſendo dado methodicamente, do qual acharaõ receitas no Cap. 11. do fogo Potencial.

O fogo ſara o mal de Olanda em todas as partes, que eſteja, porèm ſem ſe evacuar o cavallos, ſerá quaſi ſempre inutil. Quando o cavallo ſe cura com o fogo deſte mal, he neceſſario trabalhalo no tempo da cura, tirado nos dias da purga, & ſangria Como eſte mal de Olanda, he muy ordinario nos cavallos, he neceſſario, que nos alarguemos mais nos remedios delle, para que cada qual faça aquelle, com que melhor ſucceſſo tiver, & conforme o merecimento do cavallo.

Em todo o genero de curas deſte mal, he ſempre neceſſario obſervar o que temos dito de ſangrias, & regimentos; & em ſeguimento diſſe, ſempre he bom remedio darlhe eſta purga ſeguinte.

Purga para o mal de Olanda.

Tomaràm raizes do verdadeiro eleboro negro (que neſta enfermidade he hũa das principaes drogas) a quantidade, que quizerem, & as lavarám, & enxugarám, & as metaõ em hum vazo com vinagre rozado, que fiquem em infuzão vinte, & quatro horas, & depois as tirarám; & ſecaraõ a fogo lento, & ſe guardaraõ para as neceſſidades.

Deſtas raizes pizadas tomaráõ tres outavas, hũa onça de ſene, turbit, & aloes, de cada hum meya onça, ruybarbo borrifado com vinho, huma outava, anìs, & funcho meya outava, de cada hum, ſalitre huma outava, gengibre, & nòs naſcada, de cada hum, hum eſcrupulo, & meyo; faràm de tudo pôz groſſeiros, & farão pirolas, com hum arratel de manteiga freſca, que daràm ao cavallo na forma, que diſſemos nos Capit. 7. & 8. das purgas, & deſcançando depois della dous dias, ſe lhe dará a beberagem ſeguinte.

Beberagem para o mal de Olanda.

Tomaràm raizes de angelica, de genciana, de valeriana, de beroni-

betonica, de ariſtoloquia redonda, & de malvaiſco, de cada hum hũa onça, & meya, ſe forem ſecas, & ſe verdes dobrarám o pezo; folhas de agrimonia, duas mãos cheas, pizaraõ as raizes groſſeiramente, & meteraõ tudo em huma panela bem tapada, com ſeis quartilhos de agoa, que ferverám atè ſe gaſtar ametade, & depois ſe coará, expremendo tudo bem, lhe ajuntaráõ à calda aſſim quente hũa onça, & meya de çumo de regalice, pizada juntamente, & ſe miſturará à calda outro tanto vinho branco, & meyo eſcrupulo de açafraõ.

Eſta infuzaõ ſe ha de dar ao cavallo em ſinco manhãas repartida, tendo-o primeiro enfreado tres horas dantes, & depois duas; paſſearaõ o cavallo meya hora depois que atomar; paſſados os ſinco dias logo as cordas, botões, ou chagas ſe hiraõ murchando, & ſarando, & ſe pódem hir ſervindo do cavallo com moderaçaõ.

Se o cavallo naõ ſarar com iſto, ſerá o mal muito grande, com que ſerá forçoſo tornar a curalo de novo, ſómente nas sangrias deve aver moderaçaõ, que naõ pòdem os cavallos com a muita repetiçaõ dellas.

O mal de Olanda radicado, he muytas vezes muy mao de extinguir, porque penetra a carne, & ſe revolve por baixo das veas, & faz nos emuntorios hum ninho de landoas, muy intrincadas; & a maſſa ſanguinaria participa muito deſte vicio; com que só com a força, & propriedades ocultas dos alixapharmacos, ſe tem achado, que ſara perfeitamente, ſendo curado eſte mal methodicamente.

Será o cavallo ſangrado, & purgado, como diſſemos; depois ſe lhe dará a infuzaõ do guayacaõ, ſalſifrazia, raiz da China, ou ſalſa parrilha, com eſta advertencia, que ſe o corpo do cavallo eſtiver cheyo de humores crùs, lentos, & viſcoſos, & o cavallo for gordo, & carregado de carnes, ſerà neceſſario mayor quantidade do guayacão, que os corra atenua, & prepara para melhor a natureza, & medicamentos purgantes os expulſarem do corpo.

Se o cavallo for ſeco, magro, & cheyo de humores quentes, &

belliosos, ou melancolicos requeimados, a infuzaõ de raiz da China os prepara, ſem augmentar o ſeu calor, & a infuzaõ da ſalça parrilha tambem ſerve para o meſmo, que he meãa na ſua temperança.

A infuſaõ do guayacaõ ſe faz deſta maneira.

Tomaraõ dez onças de pao de guayacaõ rapado, & o infundirám em outo quartilhos, & meyo de agoa, que ferverá a fogo lento por eſpaço de doze horas, & tendoſe a panela tapada, com que venha a ficar em ſeis quartilhos. Depois ſe courá, & ſe darám dous quartilhos cada dia ao cavallo continuados por tempo de ſeis dias, eſtando enfreado tres horas dantes, & duas depois; & entaõ ſe purgará com a purga atráz eſcrita, a que ajuntaràõ mais hũa onça de confeição amec ſimplex, ou com a compoſiçaõ, que diſſemos no Cap. 8. das purgas; ajuntandolhe a dita confeiçaõ amec.

A infuzaõ da China ſe fará neſta forma.

Infuzaõ do pao da China.

Tomaràm de raiz da China cortada meùda, quatro onças, & ſe infundirá em outo quartilhos, & meyo de agoa, & em vazo de vidro cuberto, eſpaço de quinze horas, depois as faràm ferver com fogo lento atè ſe gaſtar ametade, fazendo muito que nada ſe exhale eſtando fervendo; depois de coada, darám a terça parte ao cavallo cada manhãa, enfreado duas horas de antes, & duas depois. He neceſſario eſta infuzaõ, que ſe dè morna, & ſe faça de tres em tres dias, por quanto ſe corrompe, & faz azeda, continuando por ſeis; ou outo dias, & ao depois purgar o cavallo.

A infuzaõ da ſalça parrilha ſe ha de fazer neſta forma.

Infuzaõ de ſalça parrilha.

Tomarám ſeis onças de ſalça fendida, & cortada meùda, ſe infundirá em outo quartilhos de agoa, eſtando aſſim de noute atè pela manhãa, depois ſe ferverá na meſma agoa, atè ſe gaſtar ametade. Eſta coada ſe dará a terça parte ao cavallo, ſeis manhãas continuadas, ao depois diſto purgalo como temos dito.

Eſtas infuzões ſe pòdem tambem miſturar huas com outra, conforme as noticias dos humores, & temperamento do cavallo, que tem propriedade de diſſipar o humor maligno, purificar o ſangue, & conſumir todo o vicio delle, & com a prova ſe verificará os effeitos.

Para o mal de Olanda, que ſe poem na cabeça do cavallo darei receita de hum Italiano moderno muy louvada.

Receita para curar o mal de Olanda.

Tomaràm amerade de meyo quartilho de çumo de aſintro, no qual meteràõ hũa onça de pedra hume em pò, de ſal commum em pò, duas outavas, eſpirito de vitriolo, dez gotas; meteràm tudo em huma ambula, & eſtando o cavallo enfreado da meya noute atè as ſeis horas da manhãa, lhe lançaràm dentro nas orelhas hũa pouca deſta compoſiçaõ, esfregandolhe as orelhas para a fazer bem penetrar, & da meſma ſorte continuaràm atè ſe gaſtar toda a compoſição em ambas as orelhas. Tomarám depois o aſintro aſſim pizado; & com elle ſe taparám as orelhas, metendolho dentro nellas, ſe ataràm de tal modo com hum cordaõ, que as naõ penetre dentro ar algum, aſſim ſe deixará o cavallo eſtar cõ o freyo tres horas mais, & paſſadas ſe deixará comer o cavallo, ſem lhe tirarem os cordões das orelhas; & depois ſem comer delde a meya noute, atè as ſeis da manhãa o tornaràm a ter enfreado, & entaõ ſe lhe tiraràm os cordões, & lhe daraõ duas ſangrias ambas ao meſmo tempo nas veas da taboa, de que lhe tiraràm de entre ambas ſinco quartilhos de ſangue, deixandoo enfreado mais duas horas.

Eſta receita he particular, ſó tem hum defeito, que he ficarem ſempre os ſinaes do cordaõ nas orelhas, porque nacem nellas os cabellos brancos.

Com eſte remedio ſaraõ os cavallos do mal de Olanda, & aſſi na cabeça, como nas mais partes veſinhas atè as mãos, & ſuppoſto que o Author diz, que em todo o corpo que o mal eſteja o ſara, não fis experiencia mais; que dos que tinhaõ o mal na cabeça, & peitos, com que naõ ſeguro todo o corpo.

Outro remedio.

Olepi Eſcuyer traz hũa receita, com a qual diz tem curado infinitos cavallos, & que comprava todos os que eſtavaõ mais podres do mal de Olanda por menos preço, eſtando ſeguro em os ſarar logo. Para o que manda, ſe tomem raizes de lapatum acutum groſſas, & compridas, como hum dedo; & fendidas pelo meyo fazer hũa cruz na teſta do cavallo, deſpegandolhe o couro com hũa coſta de pao lizo, para meter as raizes, com que fiquem debaixo do couro em cruz, & ſeguras, aplicandolhe em ſima hum emplaſto de pez negro, que eſtarà atè que por ſi ſe deſpegue; depois tomarám partes iguaes de lapatum acutum, & de dente de Leaõ tanto das raizes, como das folhas, ſe pizaraõ em hum almofariz com dous dedos de ſal; & de tudo bem miſturado, ſe farán duas bolinhas, como nozes pequenas, que ſe meterán hũa em cada orelha, atadas muy bem ambas, & eſtará o cavallo aſſim vinte, & quatro horas; depois ſe cortaraõ os cordoens, & os botoens, & ulceras, ſe lavaram com o ſeguinte lavatorio.

Para as ulceras, & botoens.

Tomaráõ quatro quartilhos de vinagre, & ſe meteráõ nelle muitos ferros ferrugentos, por eſpaço de vinte, & quatro horas, & no fim ſe rapará toda a ferrugem ſobre hum vazo, & nella ſe lançarà hũa maõ chea de pedra hume, em pedra, & outra de ſal groſſo, & do meſmo vinagre ſe deitará hum quartilho, & meyo, tudo com o que dizemos miſturado, ſe fará ferver ao fogo atè que ſe conſumaõ duas partes; com a outra que ficar ſe eſfregaram os botões, & frunchos do cavallo, com hum pano groſſo, & aſpero, para que os eſcarne, abra, & faça ſangrar, & ſe em algũas partes ouver grande inchaçaõ, como nas pernas cuſtuma haver, ſe molharaõ panos neſte lavatorio, & ſe envolveraõ nellas. As eſfregaçoens ſe faraõ em hum dia, & em dous naõ atè ſe começarem as ulcéras, & botoẽs a murchar, & entaõ ſe polvoriſaraõ com caparroza, calcinada para os deſecar de todo Muitos cavallos doentes de mal de Olanda faraõ com o remedio ſeguinte.

Outro remedio.

Sangraràm o cavallo em ambas as veas do peſcoço, tirandolhe ſeis arrates de ſangue; ao dia ſeguinte lhe daraõ huma beberagem de tres quartilhos de vinho branco, duas onças de aloes ſocotrino, & duas onças de triaga fina, bem miſturado; guardando ſempre as regras que diſſemos no dar das purgas nos Capitulos 7. & 8. & com iſto ſecaõ os botões muitas vezes; ſem mais nada.

CAPITULO 87.

Das Ebuliçoens do ſangue.

HA muitos Alveitares, & peſſoas, que ſe enganaõ, & cuidaõ ſer mal de Olanda as Ebulaçoens do ſangue, & aſſim ſe poem em grande cuidado; & gaſtos para os curar. Quando ha ſuperabundancia de ſangue, & que ferve por cauſa do muito calor, derramaſe, ou ſe extravaſſa facilmente algũa parte deſte ſangue ſuperfluo, de que aparecẽ os funchos, & tumores por toda a parte do corpo, que parece mal de Olanda.

Iſto procede ordinariamente do muito comer *dos cavallos*; ſem trabalharem em tempo, que lhes dão o verde, he mais certo ſe os naõ ſangraõ logo; porque crece o ſangue em abundancia, & não póde reſolver o ſuperfluo. Diſtingueſe do mal de Olanda, em que nace de repente, da noute para a menhãa, & naõ ſaõ radicados com a carne do cavallo, nem taõ duras, nem buſcaõ as veas, como o outro, & ſobre tudo o ſarar brevemente desfaz logo a duvida, porque com duas ſangrias copioſa na taboa, que he o remedio, ſe reſolvem logo eſtes tumores, & com meterem o cavallo na agoa do rio hum par de vezes. As ſangrias ſendo pequenas, recolhem para dentro eſte humor, & em ſeguimento cauſa febre ao cavallo; o que ſe remedea com o ſangrarem mais, & darlhe depois da ſangria hũa proporcionada quantidade de triaga, que aliviará muito o cavallo, & fará lançar o humor por algũa via: O cavallo dormirá ao ſereno ſendo veraõ.

CAPI-

CAPITULO 88.

Da graixa ou gordura derretida.

A MESMA palavra, com que eſta doença ſe nomẽa; a explica, ſuccede pela mayor parte em cavallos gordos, quando fazem algum exercicio violento, & mais certa em tempo de calmas, q̃ recebendo o cavalo calor exceſſivo, ſe lhe derrete a graixa dentro do corpo, & deſte mal morrem muitos cavallos, porque he muito mao de conhecer, & ſe enganaõ com elle, & naõ lhe acudindo com promptidaõ ſe perde o cavallo, porq̃ algũas vezes dá muy poucos ſinaes de doente, trabalhando ainda dous dias em quanto a graixa lhe naõ entupe as faculdades naturaes, & morre logo de hum dia para outro, & ſe eſtá com deſcanço o manifeſta melhor. De ordinario perde o cavallo a vontade de comer, deitandoſe, & levantandoſe a meùdo, olhando para os rins; porèm mais certo indicio he metendolhe a maõ pelo ceſſo, trazer o eſterco envolto em graixa, & da meſma ſorte a mão, com que ſe moſtrará claramente ſer graixa, com que ficaõ os ſinaes claros, para ſe tratar logo dos remedios.

He neceſſario primeiro de tudo, fazer que ſe torne a meter a mão algũas vezes, untada em manteiga freſca, & tirarem todo o eſterco, & graixa; que poderem, ſem offender os inteſtinos; depois diſto ſe ha de ſangrar o cavallo na taboa, & darlhe hũa ajuda, que ſe fará com ſeis quartilho de calda ordinaria, na qual meteraõ duas onças de catholico commum fino, huma onça de diaprunis ſolitivo, huma quarta de mel violado, duas onças de canafiſtula, & hum quartilho de vinho, em que aja eſtado de infuzaõ Crocus Metallorum, como diſſemos no Capit. 5. Depois do effeyto da ajuda, ſe paſſeará em parte freſca meya hora, & dahi a huma ſe darà a beber ao cavallo meyo quartilho de ſempre viva mayor, miſturado com hum quartilho de vinho branco, iſto dado a tempo alimpa, & ſara o cavallo.

Depois de dada eſta beberagem , paſſearaõ o cavallo de paſſo vagaroſo hũa hora ; & ſe tornará a reiterar a ajuda , buſcaraõ todos os meyos para que o cavallo coma , ſeguindo o methodo, que temos enſinado nos Capitulos 22. & 23.

Para eſta doença , ſe coſtuma dar a beber ao cavallo meyo quartilho do ſeu meſmo ſangue , que ſe lhe tira da taboa , miſturado com hũa onça de eſcamonea preparada em vàpor de exofre , depois ſe paſſeará hũa hora , obſervando neſte remedio como no precedente ; a ſaber vazar o ceſſo , & darlhe ajudas.

Tem-me aſſegurado , que fazendo ſangrar hum carneiro , & todo o ſangue , que ſe tirar delle aſſim quente, dalo a beber ao cavallo ſara logo da graixa derretida ; o remedio he facil , eu o naõ tenho experimentado.

As pirolas compoſtas, com aſſafetida ; & de bagas de louro , reduzidas em pirolas tamanhas , como nozes , dadas ao cavallo depois de ſangrado , ſaõ muito efficazes , & ſaraõ o cavallo.

Todo o cavallo de graixa derretida ſara com facilidade (ſe he logo conhecido o mal,) curando-o como temos dito ; porèm naõ ſe conhecendo , mata logo o cavallo facilmente

CAPITULO 89.

Do Agoamento, Infuſura, & Resfriamento.

NAM faço ſeparaçaõ deſtas enfermidades , porque ſaõ todas hũa meſma couſa , ainda que ſejaõ capituladas com differentes nomes. E ſupoſto que alguns Authores Eſpanhoes dizem , que differem ellas ſomente nas cauſas , de que procedem, & que por eſtas ſaõ hũas mais perigoſas , outras menos , vemos com tudo , que ha Agoamento leve , & forte , Infuſura forte ; & leve, & da meſma ſorte os Resfriamentos , & juntamente vemos que as meſmas cauſas , que fazem os Agoamrntos , fazem tambem os Resfriamentos, & Infuſuras, como ſaõ ; o ſuor , & calor grande, a que ſe ſiga logo frio , porque o paſſar de hum extremo a outro, faz eſte dano.

dano. O trabalho violento, parando logo ō cavallo de repente ; o meterſe na agoa , eſtando ſuado ; o receber algum chuveiro de agoa , neve ; naō ſe lhe dar de beber vendo agoa, ou de comer vendo o mantimento , ou vendo comer outros cavallos, que eſtes grandes deſejos lhe cauſaō hūa revoluçaō grande no corpo, de que ſe ſegue o dano , que póde compararſe , com o que recebem as prenhadas, quando por deſejarem abrotaō ; o forçarem a que trabalhe o cavallo eſtando manco de algum pè , ou maō o eſtar na eſtrebaria , comendo muito ſem exercicio , mayormente em cavallos , que coſtumaō ter eſte dano , o eſtar o cavallo manco de algūa mão , que o obriga a eſtar ſobre os tres pés , o tirarlhe a ſella logo ſuado , ſem o paſſearem primeiro , & enrouparem , & naō lhe darem de comer vindo de trabalhar, & tambem o darlho com demaſia entaō , faz o meſmo dano , porque eſtá o calor dividido , & falta no eſtomago o que he neceſſario pera abraçar , & cozer muito mantimento , o encabreſtarſe hum cavallo , ou meterſe por baixo da manjadoura , ou ſoltandoſe com outros cavallos na eſtrebaria , trabalhando muito , por qualquer deſtas cauſas, & em fim por outras ſemelhantes, que com o nome de Agoamento ſe explicaō melhor , que com rezaō lhe chamàraō os antigos Agoamento , porque com o calor eſtranho, & revoluçaō de humores, ſe derretem eſtes, & convertem em hūas agoas liquidas , que correm para as partes baixas, debilitadas com o trabalho, & com pouco calor para o reſolver , & reſiſtir , de ſorte , que os nervos ſe encolhem , os muſculos inchaō, & as mãos , & pernas ſe fazem endurecidas , & ordinariamente padecem mais as mãos , que os pès, por terem aquellas mayor corpo ſobre ſi , de que deça mayor fluxaō ; & porque tambem recebem mayor pezo do corpo do animal , & os cavallos padecem frio grande , ou ſeja pela freſquidaō do lugar ſeguindoſe ao calor grande , ou pelo frio da cezaō , & como as mãos, & pès trabalhaō mais , levaō a mayor dor , recebēdo a mayor carga dos humores. Donde ſe adverte que he muyto neceſſario paſſear hum cavallo, muito a paſſo vagaroſo em parte abrigada , & muy bem cuberto depois de aver trabalhado com violencias, para ſe reſolve-

ſolverem, & diſsiparem os humores, que vem ſobre as mãos, & pès como tambem por ſe naõ esfriar o ſuor de repente, & tapar os pòros à evaporaçaõ.

Muitas vezes a companha ao Resfriamento a gordura derretida, & os cavallos, que ſaõ agoados com a graixa derretida, tem muito mayor trabalho a ſua cura.

O Agoamento mais trabalhoſo, he aquelle, que he acompanhado de febre; porque ſe naõ he curado com muita cautela, morre o cavallo facilmente, ou fica incapaz toda a ſua vida. O Agoamento menos perigoſo, he aquelle, que naõ dá em todos os quatro pès, & o que ſómente enteza os nervos por frio eſtranho, ſem grande decimento de agoas humoroſas, que ſe vè em que o cavallo move bem o corpo, ainda que as mãos andem tezas, & poem ſobre os pès, ſe o obrigaõ a andar, para hir a ſaltos, como manietado.

O cavallo, que eſtà com grande Resfriamento, naõ pode caminhar a diante, nem recuar a tras, naõ póde mover as mãos, & pès; ſem grande pena, naõ ſe atreve a por os pès no chaõ, nem quer comer, ſenaõ muito pouco, a pèle eſtà pegada muito ao corpo; as ilhargas ſumidas para ſima, & tem algũas vezes nellas grande batimento, & eſtá muy triſte, & treme algũas vezes.

O mayor Resfriamento não cauſa nunca a morte ao cavallo, (ſalvo ſe he acompanhado de febre;) porèm tem neceſſidade de ſe lhe acudir com grande cuidado, porque naõ ſendo aſſim, lhe decerám os humores aos caſcos de tal ſorte, que fique diſformme delles, & incapaz de ſervir.

A primeyra couſa, que ſe deve obrar neſta cura, he atalhar a que os homores, que eſtaõ derramados pelos nervos, & muſculos naõ caìão ſobre os caſcos, porque os fariaõ diſformes. Empedindoſe eſtes humores com remedios defenſivos em todo o caſco, & coroa delle, & nas mãos, & pès com a compoſiçaõ da carga, que diſſemos no Cap. 13.

Os Mouros, & Turcos, quando os ſeus cavallos tem Resfriamentos, lhe dão hum quartilho de çumo de cebolas brancas, com hũ pouco de çuma de alhos miſturados; ſangraõ-nos nas quatro pernas;

pernas; & dous dias depois ſe ſervem deiles, como dantes. Naõ creyo que remedio ſeja ſufficiente neſtas noſſas terras; eu nunca fiz delle experiencia.

Como ſe curaõ os Agoamentos.

Tanto que ſe conhecer o cavallo Agoado, he neceſſario ſangralo logo na taboa de ambas as partes copioſamente, & receber o ſangue em hum alguidar, movendo ſempre com a maõ, para que ſe naõ coalhe; depois meter o cavallo no rio atè lhe cobrir os pès, & mãos, com que naõ chegue à barriga, & nella o deixarám eſtar aſſim duas horas largas; neſte tempo ſe ferverà em hũa panela eſterco de porcos o mais freſco, que ſe achar com vinagre, & azeite de nozes. Saìndo da agoa ſe lhe ha de atar muito bem as mãos, & pès, com ataduras de pano de eſtopa novo, por ſima do joelho das mãos, & das curvas das pernas, para empedirem os humores, a que naõ deçaõ livremente, & ſe lhe untarám os pés do lugar das ataduras até todo o caſco com eſterco de porcos cozido em vinagre, & dentro nos caſcas havendo-os deſferrados primeiro, ſe meterá hum deſenſivo de vinagre fulugem, & claras de ovos, & pelo lugar das ataduras, & dahi para ſima, & por todas as eſpaldas, peitos, lombos, & coxas, ſe carregará com a compoſiçaõ do Capit. 13. miſturando nella o ſangue, que ſe tem tirado, & bolo Armenio na forma, que no meſmo Capit. 13. diſſemos, & dahi a algũas horas, lhe lançaràm hũa ajuda laxativa, & terão o cavallo em hũas fundas de mantas; ou lençoes em dobras, para que não ponha tanta força ſobre os pès, & mãos offendidos, que lhe acrecenta o mal, àlem de que deitandoſe não ſe pòde muitas vezes tornar a levantar.

Se o cavallo não quizer comer nada; he neceſſario darlhe pelo corno cevada cozida, & beberagens; & fazerlhe tudo o que for poſſivel, para que vá comendo, como diſſemos nos Capit. 22. & 23. & de ſeis em ſeis horas tornar a renovar o eſterco de porco, & o defenſivo por fora, & por dentro do caſco; paſſadas as primeiras vinte, & quatro horas ſe tirará o eſterco dos braços, & pernas, & ſe carregarám com a carga, que diſſemos no Cap. 13. & tornaraõ a fazer o meſmo de vinte em vinte, & quatro horas, como

como tambem por todas as mais partes, ſem tirarar a primeira; & ſe continuaraõ as ajudas, reiterando as ſangrias, fazendo huma cada dia ſempre na taboa, com que em breve tempo ſerá ſaõ.

Outro remedio.

Quando hum cavallo eſtá agoado, he neceſſario ſangralo em todas as quatro pernas, & ſe naõ ſe poderem achar bem as veas por cauſa da inchaçaõ, ſangrarſcha na taboa. Depois tomaram vinagre em hum alguidar, com dous punhados de ſal commum, & que eſteja hũa peſſoa em cada mão a esfregar, por eſpaço de meya hora com o vinagre, & ſal, & lhe encherám os caſcos por dentro, & por fóra, como aſſima fica dito; lançarlhe hũa ajuda, & dahi a ſeis, ou outo horas ſe reìtirem as esfregaçoẽs, & paſſear o cavallo meya hora, conſeguindo em lhe tornar a pòr o eſterco de porco por dentro: & por fóra dos caſcos, & continuando aſſim de tempo em tempo com eſte remedio, que for feito com diligencia, & cuidado ſe porá o cavallo em breves dias capaz de poder ſervir. Porèm he neceſſario acudirlhe com tempo, porque o agoamento envelhecido, he muito mao decurar.

Se o cavallo tiver faſtio, lhe deitem a cevada pelo corno, como temos dito, & ſe uze dos remedios, que lhe diſſemos nos Capitulos 22. & 23. E ſe o agoamento for com muito batimento das ilhargas, ſerâ neceſſario uzar das ſangrias, & continuar as ajudas

Outro remedio.

Eſte remedio ſe tem feito com bom ſucceſſo muitas vezes, & he deſte modo. Tomaraõ o çumo de huma duzia de cebolas brancas, o qual miſturaraõ com hum quartilho, & meyo de vinho branco, & com excremento de minino, que ſeja ſaõ, & miſturado tudo, o faraõ beber ao cavallo, ſangrando-o depois de ambas as veas da taboa, & ſe aquentará hũa pouca de aveya, couſa de hum alqueire em hũa caldeira, com agoa, & o mais quente que o cavallo a poder ſofrer, ſe lhe porá em hum ſaco ſobre os rins, & nos caſcos ſe uzará como temos dito.

Outro remedios.

O Senhor de Bella Villa diz, que uzava ſempre cõ bom ſuc-

ceſſo

ceſſo o rèmedio ſeguinte. Sangrar o cavallo em ambas as veas da taboa, tirarlhe ſeis arrates de ſangue, recebendo-o em hum alguidar limpo, & deixado coalhar. Depois tomar dous quartilhos da agoa, que ſair do ſangue, & dous quartilhos de vinho branco, com excremento de minino, que naõ chegue a outo annos, com diſtinçaõ, que ſe o cavallo for o do achaque, ſerá o excremento de minino, & ſendo egoa, ſerà de menina, & lhe ajuntaraõ duas onças de encenſo em pò, fazer que tudo ferva meya hora, & dalo ao depois a beber ao cavallo pelo corno. Logo que eſtiver ſangrado, ſe lhe meta nos caſcos, & ao redor delles o adſtringivo ſeguinte.

Adſtringente para dentro, & ao redor dos caſcos.

Tomaràm dous arrates de unto velho derretido, hum quartilho de vinagre, duas tigelas de farinha centeya, ferverà tudo, & ao depois ſe lhe ajuntará ainda na fervura, eſterco de porco fresco, ſe eſtiver muy delgado, ſe lhe meterá mais farinha, ſe duro mais vinagre, continuando com eſte remedio todos os dias, pondolho com atadura, que naõ caya, esfregandolhe as mãos, & pernas com decoada de cinza de vides, de alto abaixo, & molhados rolos de palhas trigas, ou centeas, ſe envolveràm nellas, molhandoas ſempre com a decoada. Não beberá o cavallo nos primeiros dias, comerá pouco graõ, palha a que quizer.

Paſſados os tres dias o levaraõ a agoa corrente, tendoo nella hũa hora, deixandoo beber a que quizer, repetindo iſto quatro, ou ſinco vezes Podenſe dar ajudas neſta receita, & ainda alguns dias depois de eſtar faõ, para que fique melhor, & mais ſeguro. Para todo o cavallo agoado, he admiravel remedio o uzo da carga, & compoſiçaõ do Cap. 13.

As pirolas compoſtas com aſſafetida, & bagas de louro, de que tratamos no Cap. 88. ſaõ tambem excellentes, porque com ellas ſomente curaõ todos os Olandezes os ſeus cavallos agoados, & as trazem de reſerva nas campanhas, para as occaſioens, porque os cavallos de Olanda ſaõ muito ſugeito a agoamentos.

CAPI-

CAPITULO 90.

Dos Torcilhões.

OS Torcilhoẽs ſaõ hũas dores de barriga exceſſivas, à que ſaõ muito ſugeitos os cavallos, procedidas de diverſas cauſas, que as fazem ocaſionar differentes effeytos. Hũas vezes nacem dos humores, que ſe enſeraõ nas entranhas, outras vezes de ventoſidades grandes, que afligem o cavallo, outras de ſupreſoẽs de ourina, outras por obſtruçoẽs de excrementos calidos, & ſecos, outras por materias cruas; craſſas, & viſcoſas de muito comer; mal dirigido, q̃ cauſaõ eſtes accidentes, & algũas vezes por ſangue eſquentado, & colera aceza, de que a natureza ſe quer deſcarregar pelo ventre, & o acha impedido. Chamaſe Torcilhaõ pelo torcer, que faz o cavallo com dores, ou por cauſar tormento, ou por ſerem tercãs de ventre.

Conheceſe o Torcilhão, quando o cavallo eſtà muito inquieto, & ſe deita, & levanta a meùdo, olhando muitas vezes para as verilhas, & todo ſe debate, & trabalha por ſe livrar da afliçaõ, que o moleſta. Muitas vezes, he acompanhada eſta doença com as olivas, que nacem abaixo das orelhas como diſſemos no Cap. 39. o que he neceſſario ſe advirta, porque ſupoſto, que a mayor parte das dores da barriga, ſaõ ſem olivas, tambem ha olivas ſem dores de barriga; & com eſtas coſtumaõ os cavallos fazer os meſmos ſinaes, que com as dores de barriga.

O Torcilhaõ tem muita ſemelhança com a colica dos homens; & como he doença de conſideraçaõ, & frequente nos cavallos, de que morrem muitos por erros das cutas, he neceſſario, que nellas nos alarguemos mais.

Os Authores, que melhor eſcrevéraõ, fazem ſeis eſpecies de Torcilhão, & tenho alcançado que ſaõ todas as que ordinariamente ſe achaõ.

CAPI-

CAPITULO 91.

Da primeira especie de Torcilhaõ.

QUANDO os cavallos comem muito, & o estomago naõ pòde fazer digestaõ, causaõse tantas cruezas, que suffocaõ o calor natural; & fazendo força para vencer as cruezas he causa das dores, & de receber juntamente vento nos intestinos. & estomago; que as augmenta. Poucos cavallos morrem desta especie de dores; acudindolhe a tempo oportuno, salvo se fosse algum cavallo taõ golosaõ, que comesse de repente tanta quantidade de trigo, ou centeyo em grão; que arrebentase, como succede muitas vezes a alguns, que acharaõ hum balde, ou saco à sua vontade.

O centeyo faz muyto facilmente este accidente, sendo muito, & bebendo logo sobre elle, & sendo crù he de mayor prejuizo do que cozido, & o mesmo he o trigo.

Como se acode à primeira especie do Torcilhaõ.

O remedio para este accidente, consiste em ajudar a digestaõ fortificando a natureza. Vomitorios naõ ha que tratar delles nos cavallos, porque lhe causaõ mais accidentes, que proveito. O que se fará logo, he mandar meter a maõ, & tirar todo o esterco do intestino recto, & lançarlhe huma ajuda laxativa ordinaria de outo quartilhos, na qual meterám hum de vinho de Crocus Metallorum, como ensinamos no Capit. 5. no mesmo tempo he necessario preparar meyo quartilho de agoa ardente; na qual se desfarà de triaga, grossura de huma avelãa, meya oncada de açafraõ, & farão beber tudo ao cavallo, tanto que tiver purgada a ajuda.

Se com este remedio não sarar logo, he necessario passealo muito bem, cobrilo, & impedilo, que se naõ deite; & estando emmantado, lhe passarám pela barriga hum esquentador com brazas dos ordinarios de esquentar as camas;

&c

& iſto por tempo de hum quarto , ou de meya hora ; mas de ſorte que o naõ queime. E ſe iſto naõ applacar as dores , he neceſſario darlhe meya onça de orviatão em hum quartilho de vinho branco. O orviatão he remedio ſeguro para todas as eſpecies de dores de barriga , com que ſempre ſe dà com ſegurança. O figado de viboras quando ſe acha nas boticas , he o mais excellente remedio de todos ; para todas as eſpecies , ainda que he caro , & poucos Boticarios o ſabem preparar , & tambem ſara o mal de Olanda.

Ha dores , que procedem do grande enchimento do eſtomago , com que a continuaçaõ das ajudas , he dos melhores , & mais ſeguros remedios.

CAPITULO 92.

Da ſegunda ſpecie do Torcilhão.

A SEGUNDA eſpecie de dores , he cauſada de ventoſidades , que he a mais ordinaria , que coſtumaõ ter os cavallos ; eſpecialmente ſaõ ſogeitos a ella , os que tem birra , porque a força , & puxos , que fazem em vaõ , lhes enchem o corpo de vento , porèm hũa boa ajuda carminativa baſta muitas vezes para os ſarar.

Avendo frialdades no corpo ſe pódem levantar dellas vapores , & ventoſidades , ſendo baſtantes para as levantar , & poucas para as diſſipar , & desfazer. Commumente ſaõ ſempre as ventoſidades levantadas por falta de calor ; & ſe eſtes ventos ſaõ em grande abundancia , fazem eſtender muito o eſtomago , & inteſtinos , cauſaõ grandes dores ao cavallo , & ſe conhecem pela inchação , que fazem , levantando o ventre para ſima , como que quer arrebentar , por donde ſe vè ſerem ventoſidades ; porèm nos demais ſinaes he como as outras , porque o cavallo ſe aflige , deita , & levanta ; & faz todos os demais movimentos , que dicemos.

Como ſe cura a ſegunda eſpecie do Torcilhaõ.

Acodeſe a eſta doença com ſangrar o cavallo nas verilhas, & debaixo da lingoa, & paſſeado, porque com o paſſeo o calor natural ſe agita, para vencer o mal; porèm deve ſer paſſeado pela redea a paſſo, & a trote bem cuberto, & ſe naõ baſtar, prepararám a ajuda ſeguinte, que a todo outro remedio neſte caſo anteponho.

Ajuda para a ſegunda eſpecie do Torcilhaõ.

Faràm ſeis quartilhos de cozimento das ſinco ervas emollientes ordinarias, com as ſementes ſeguintes, que he neceſſario pizalas, & fazelas ferver primeiro hum quarto de hora, antes que metaõ as ervas. As ſementes ſeraõ cominhos, ſemente de funcho, erva doce, de cada hum hũa onça, & tamem das ervas deſtas ſementes, ou das que dellas ſe acharem, meterám de cada huma, huma maõ cheа, & ſe ouver flores de macella, meya maõ chea. Depois de cozido tudo, ſe coará, & meyo quente, lhe lançaraõ tres onças de catholico commum, ou de benedicta laxativa; meyo arratel de azeite, ou hũa quarta de manteiga, & quatro onças de oleo de arruda eſcrito no Cap. 41.

De tudo iſto ſe fará ajuda, & ſe lançará na formã, que temos dito no Cap. 5. & ſe com eſta ajuda não purgar baſtantemente, ou que ainda haja dores, ſe repetirá a ajuda ſeguinte.

Outra ajuda.

Tomaraõ nove quartilhos de vinho tinto; que faraõ ferver com ſeis mãos cheas de ſalva, atè ſe gaſtar a terça parte, & o daraõ depois de coado ao cavallo, que faz muito bom effeyto neſtas dores. Se o cavallo naõ ſarar com as ajudas, ſerá neceſſario que dahi a huma hora, depois de ter lançada a ajuda, ſe lhe dè pelo corno hum arratel de azeite comum, & fazelo paſſear a trote pela redea, por eſpaço de hum quarto bem cuberto, & depois outro quarto de hora a paſſo ordinario.

Se naõ baſtarem eſtes remedios, ou que as ajudas naõ foſſem taõ bem preparadas, q̃ fizeſſem paſſar as dores, ſerá conveniente uzar de hum oleo purgativo; & carminativo, que tem notavel efficacia para attaher, & ſarar as ventoſidades, applicado em ajuda; &

he de mayores virtudes para as mais eſpecies de Torcilhoens.

As peſſoas ; que tem muitos cavallos em Olanda, cuſtumaõ ter deſte oleo ſempre em caza, que he muito facil, & ſe faz deſta maneira.

Oleo carminativo para o Torcilhaõ.

Tomaraõ arruda, nevada, ouregãos, ſecas à ſombra, de cada hũa, hũa mão chea; cominhos, erva doce, bagas de louro, de cada hum, hũa onça, dous arrates de azeite, hum arratel de vinho branco, porám as ſementes em pó, & pizaraõ as ervas ; & tudo junto meterám em huma panella de barro, & ſerá melhor vidrada por dentro, & cubrirám com outra panela, que fique ajuſtada boca com boca, muy bem barradas com maſſa, que naõ exhale fora, & fervendo aſſim a fogo lento por eſpaço de ſeis horas, ſe deixaràm depois esfriar algum pouco ; & ſe coará o azeite, ajuntandolhe quatro onças de coloquintida, ſe tornarà a meter na meſma panella, aſſim o azeite, como a coloquintida barrando a panela, como da primeira vez, ſe porà de novo a fogo lento por tempo de ſeis horas, & paſſadas ellas, eſpertaràm o lume, & o faraõ ferver a cachaõ duas horas & o deixaraõ esfriar antes de deſcobrir a panela, & ſe coarà, & eſpremerà, guardandoſe eſte oleo, porque ſe conſerva com toda a ſua virtude muito tempo.

Em hũa ajuda ordinaria, ſe metem tres atè quatro onças deſte oleo, que faz maravilhas, fazendo expellir as ventoſidades, puxaõ-do pelos humore viſcoſos, que muitas vezes, ou quaſi ſempre cauſaõ eſtas dores; & fará mais eſte oleo, que todos os electuarios da botica, cuſtando menos, de que a experiencia moſtrarà o bom effeyto.

CAPITULO 93.

Da terceira eſpecie do Torcilhaõ.

A TERCEIRA eſpecie de Torcilhaõ que dà aos cavallos, he mais facil de conhecer, que as precedentes; aqual procede de hũa ſorte de fleuma vidrada, que ſe apega às membranas, & tem acrimonia, ou ſeja por podridaõ, ou corrupçaõ, ou porq̃ he ſalgada, & mordicante irrita a natureza, que querendoſe deſcarregar della, faz

violencia, cauſando dores eſtranhas, que ſaõ inſuportaveis, & taõ inſofriveis, que muitas vezes morrem dellas os cavallos; o que ſuccede raras vezes nos Torcilhoẽs, de que já tratamos atras.

Eſta eſpecie de dores, ſe conhece, em que o cavallo àlem de ſe debater muito, & fazer os meſmos ſinaes dos outros Torcilhoẽs, ſe eſtá ſempre eſpremendo, & pondo em forma de querer lançar os excrementos, repetindo puxos grandes, ſem obrar nada, & juntamente ſua nas verilhas, & orelhas, & ſe lança algum eſterco he muy pouco, antes lança fleumas pegajoſas, que com grandes dores; ſe deſpegaõ das tripas, depois do que ha hum inſtante de deſcanço, em que cuidaõ eſtá ſaõ, porém logo tornaõ as dores a repetir, & os accidentes, como dantes.

Muitas vezes cuſtuma dar eſta eſpecie de Torcilhaõ ao cavallo, depois de ſe aver vazado muito no dia antecedente, que intentando a natureza aliviarſe da opreſſaõ das fleumas pegadas às tripas, faz lançar os excrementos, & ficarem ſó as fleumas movidas irritando os inteſtinos, que cauſaõ aquellas grandes dores; como acres, & pegadiças, obrigando os inteſtinos a grandes puxos, & forças, para quererem lançar fóra, o que lhe he taõ nocivo.

Para remedear eſte dano, he neceſſario preparar huma ajuda de leite, ou caldo de tripas; & meterlhe quatro, ou ſinco onças de azeite, outro tanto de manteiga freſca; meya duzia de gemas de ovos, & duas, ou tres onças de aſſucar maſcavado. Eſta ajuda adoça a acrimonia dos humores, mas como naõ tira a cauſa, ſerá neceſſario tornar a reiterala dahi a tres horas, & em lugar do azeite commum, meterlhe tres onças do oleo carminativo, de que fizemos mençaõ no Cap. 92.

Os purgativos pela boca, naõ ſaõ aqui convenientes, porque fariaõ mayor violencia, & aggravo, levando mais humores pelos inteſtinos já irritados, & cauſariaõ nova afliçaõ ao cavallo, com riſco de o matarem; álem de que hũa purga, eſtá quaſi vinte & quatro horas dentro no corpo do cavallo, & neſte tempo poderia já eſtar ſaõ, & morrendo, ſempre ſe ha de atribuir à purga. Com que ſó aconſelharey por melhor, a repetiçaõ das ajudas, hũas

hũas emollientes, outras carminativas, outras laxativas, & purgativas para puxarem algũas fleumas deſpegadas, q̃ vaõ abrindo caminho às outras.

Sòmente ſe o mal ſe for dilatando, ſe pòdem dar pela boca dous, ou tres arrates de azeite morno, ametade rozado, & ametade commum, com quantro onças de criſtal de tartaro, para lhe abrir os inteſtinos, alimpandoos, & cortando os humores, & lhe aplacarà as doress da colica, que com ſua lubricidade coará por dentro das tripas; adoçando os humores, & temperando o calor. Será bom paſſear o cavallo pela redea, & a paſſo vagaroſo, que naõ aqueça no paſſeo, por não irritar os humores. Nunca poderá ſer o mal taõ grande, que com todos eſtes remedios, ou partes delles naõ ſare.

CAPITULO 94.

Da quarta eſpecie de Torcilhão.

A QUARTA eſpecie de Torcilhaõ, he procedida de lombrigas, que ſe afferraõ no eſtomago, & na tripa grande, & cauſaõ taõ deſeſperadas dores aos cavallos, que ſe deixaõ cahir em terra, como mortos, ficando eſtendidos ſem movimento.

As lombrigas, que cauſaõ eſtas dores ſaõ commummente hũas largas, groſſas, & curtas, como pevides de aboboras, & de cor avermelhada. As compridas, brancas; & agudas nas pontas, naõ ſaõ taõ nocivas, como as primeiras, que roem muitas vezes as tripas, & as furaõ; donde nacem aos cavallos dores grandes, & exceſſivas.

Conheceſe que o cavallo tem lombrigas; & lhe cauſaõ eſte tormento, quando de tempo em tempo ſe achaõ no excremento. Porèm as avermelhadas; ſaõ mais difficultoſas de achar, por ſerem quaſi da meſma cor do excremento. Differenſaõſe tambem eſtas dores das outras, em que o cavallo, que as padece, ſe morde nas ilhargas com os dentes, & muitas vezes tiraõ pedaços de couro; como ſe foſſem doentes de raiva. Suaõ por todo o corpo, & ſe deitaõ, & levantaõ arrojandoſe mais repentinamente.

Naõ

Não fallo aqui em muitas caſtas, & eſpecies de lombrigas, a que ſaõ muito ſogeitos os cavallos, porque sò trato dos Torcilhoens, & das cauſas, de que procedem as dores, que das lombrigas trataremos em ſeu lugar particularmente.

Quando os cavallos padecem dores, por cauſa de lombrigas lhe daram hũa ajuda neſta forma.

Ajuda para o Torcilhaõ cauſado de Lombrigas.

Tomarám ſinco quartilhos de leite freſco, & meya duzia de gemas de ovos, hũa quarta de aſſucar, tudo unido, ſe dará ao cavallo em ajuda, que fará acudir as lombrigas à tripa grande. Advertindo que logo neſte tempo ſe de pella boca ao cavallo duas outavas de Mercurio doce, o qual ſabe hoje preparar qualquer Boticario; porèm haſe de dar em huma bòlaſinha de maſſa crùa, que faràm engolir ao cavallo, untada de manteiga, como pirola, porque de outra ſorte lhe ficará o Mercurio embebido pela garganta, & dentes queixaes, ſervindolhe de prejuizo.

Podeſe dar muita diverſidade de pós, & meſinhas para matar as lombrigas; porèm o mais excellente he o ſublimado, ou Mercurio doce que leva tudo a barrer, & sò com ſau vapor, mata toda a caſta de lombrigas.

Se não qnizerem uzar deſte remedio, où nao ouver o Mercurio preparado; ſe poderá uzar do remedio ſeguinte, que he bom para ſe guardar, para todo o tempo.

Beberagem para Lombrigas.

Tomaràm coloquintida, & agarico, de cada hum duas oitavas, turbit quatro outavas, tudo feito em pó groſſo, ſe miſturarà com hum copo de fel de boy, & hum quartilho de vinho branco, que ſe dará pelo corno ao cavallo; depois o paſſearàm muy bem cuberto, & dahi a quatro horas, lhe darám huma ajuda de caldo de tripas, ou de leite de vacas, em que ſe desfará meyo arratel de mel eſcumado, & ſeis gemas de ovos. Tambem ſe pòde fazer a calda de cozimento de cevada, agrimonio, & beldroegas, desfazendoſe nella meyo arratel de mel.

CAPITULO 95.

Da quinta especie de Torcilhão.

A QUINTA especie de dores, he muy frequente nos cavallos os quaes as padecem, quando não pòdem ourinar. São causadas por obstruções, que estão no collo da bexiga, ou alguns humores grossos, de que os rins se descarregaõ na bexiga, & nella se encorporão, & fazem densos, que não podendo sair tapão a via da ourina, & fazem supresoẽs, & dores grandes, ou inflamação na bexiga, ou areas grandes, ainda que nos cavallos raras vezes se achão estas.

Algumas vezes succedem as dores de supresaõ de ourina nos cavallos, por estar o intestino recto muito cheyo, & entupido de excrementos duros, que fazem compressaõ ao collo da bexiga, que impedem a expulsaõ da ourina. Esta doença he perigosa se os cavallos não saõ com promptidão soccorridos.

Os sinaes saõ quando o cavallo se deita, & levanta muitas vezes, & se aflige muito, faz differença das outras; em que o cavallo, se prepara repetidas vezes para ourinar, & não pòde, & lhe inchão as verilhas, ao que se ha de acudir desta maneira.

Como se ocode ao Torcilhaõ por causa da supresaõ da ourina.

Primeiro de tudo, se ha de mandar meter a mão no cavallo untada com manteiga, tirandolhe todo o esterco a que chegar com muito tento de não offender a tripa; logo o sangraràm na taboa; depois se lhe lançará hũa ajuda ordinaria no cozimento das sinco raizes aperitivas, como dissemos na segunda especie de Torcilhão Cap 92. ou lhe daraõ a ajuda seguinte.

Ajuda diuretica, que tem propriedade para fazer ourinar.

Tomarà n meyo arratel de trementina, desfeita, com meya duzia de gemas de ovos; em cozimẽto das sinco ervas emolientes, desfazendo a trementina dentro, com tres onças de azeite, que dissemos para as ajudas, no Cap. 92. & em falta deste outro

tanto

tanto de catholico commum, & ſe lançarà ao cavallo mais quente, que morna, como o naõ eſcalde, & ſe paſſeará meya hora antes de a tomar; a trementina ſe naõ lance na agoa ſem primeiro ſe desfazer nas gemas, porque na agoa ſe faz dura, & naõ ſerve.

Outro remedio para fazer ourinar.

Tambem fazem ourinar dous quartilhos de agoa morna, em que ſe tenhaõ fervido duas onças de erva doce, & duas outavas de ſemente de rabãos.

Outro remedio.

Tambem he bom ferver alhos em azeite, & com elle untar as verilhas, & toda aquella regiaõ.

Outro remedio.

O que faz ordinariamente grande effeyto, he ſaber meter a maõ pello ceſſo, & bollir a bexiga, que fica ali naquella parte, cõ que ourinaõ logo; & levar no punho da maõ, manteiga crùa, para engraixar dentro aquella parte.

Outro remedio.

Tambem ſe póde meter hũa candea de rolo de cera; untada em oleo de amendoas amargoſas, pela verga, & deixala eſtar hum pouco.

He bom, quando ſe fazem os remedios, fazer fomentaçoens ſobre os rins, & que ſe faça com dous alqueires de centeyo cozido; & quente quanto poſſa ſofrer o cavallo, poſtos em hum ſaco ſobre os rins, que ſaõ aonde chega o arçaõ trazeiro da ſella.

Outro remedio para fazer ourinar.

Hũa erva que chamaõ trepadeira, que nace entre os trigos, & trepa pellas canas delles, cozida em vinagre, & molhando com elle a verga, & bolças quente, faz logo ourinar. Se iſto naõ baſtar, faraõ o ſeguinte.

Outro remedio.

Tomaráõ hũa duzia de ſeixos brancos pequenos dos que ſe achaõ nas beiras dos rios, poſtos em hum fogaõ, os faraõ vermelhos, & lançaraõ aſſim em dous quartilhos de vinho branco, repetindo iſto tantas vezes; atè que os ſeixos ſe vaõ moendo; depois ſe dará deſte vinho ao cavallo, que he taõ diuretico, que

o fará logo ourinar.

Outro remedio.

O lixo de pombas borrifado com vinagre, & depois lançado em hũ teſto de brazas, defumando o cavallo pellos narizes metendolhe a cabeça por dentro de hum ſaco aberto de ambas as partes faz logo ourinar.

Muitas vezes baſta para o cavallo ourinar, metello em huma côrte de ovelhas, ſolto ali, ſem freyo, nem prizaõ; ou metido da meſma maneira na eſtrebaria de outros cavallos, tirando-os, & deixando-o sò ſolto.

Como muitas vezes a ſupreſaõ de ourinas, procede de fleumas craſſas, que empedem a expulſaõ, he neceſſario attender a iſſo com remedios convenientes. O mais ſeguro remedio para fazer ourinar hum cavallo, he darlhe meya colher ordinaria de azeite de ambar, dandolho em hum quartilho de vinho branco, fazendo-o paſſear logo.

Quando he hũa ſupreſaõ rebelde, que pòde ſer cauſada de inflamaçaõ no collo da bexiga, não ſerá conveniente reiterar muito os remedios diureticos pela boca, porque levariaõ mais fleuma á bexiga, & aumentariaõ as dores, & inflamaçaõ; com que neſte caſo ſerão mais ſeguras as applicaçoens exteriores, que temos dito, & fomentaçoens nas partes affectas.

Cuſtumão os cavallos com grandes dores da ſupreſaõ, ſumirſelhe para ſima hum teſticulo, & algumas vezes ambos, que comprimindo dentro o collo da bexiga, fazem as dores mayores, & a difficuldade da expulſaõ mais difficil; de que procede o morrer, ſe ſe não adverte niſſo acudindolhe com os remedios, que direi, & deſta circunſtancia, que algũas ſupreſoens trazem conſigo, nace o entenderem Reyna, Calvo, Redondo, & outros, que avia hũa eſpecie de Torcilhão que dava nos teſticulos, & que lhe naõ achavão remedios; porque todos os cavallos morriaõ.

Como ſe acode ao Torcilhão de Teſticalos retirados.

Atalhaſe eſte mal com deitarem o cavallo em palha, ou lugar muy brando, & untarlhe ali muito toda a regiaõ das verilhas com o oleo ſeguinte.

Oleo.

Oleo para fazer ſair os teſticulos retirados.

Tomaràm azeite commum dous arrates, & o meteràm em hũa panela com malvas, malvaiſco, farinha de linhaça, folhas de violas, & depois de bem ferver, lhe miſturaràõ meyo arratel de oleo de linhaça untado com iſto todas aquellas partes, & com as ervas applicandoas no lugar dos teſticulos, tudo quente o mais, que o cavallo puder ſofrer, com o que a pouco eſpaço vem logo aparecendo, & entaõ ſe pega nelles, & ſe ata hũa correa de couro muito brando aſſima delles, com que naõ tornem a retirarſe, & ſe fará levantar o cavallo, que ſem duvida lançará logo o excremento, & ourina; porque aquella fomentaçaõ adoça, & aplaca a inflamaçaõ do collo da bexiga, & abranda as dores.

He neceſſario, que ſe naõ trate mais de diureticos (como temos dito,) tanto, que ſe conhecer, que a difficuldade da ourina procede da inflamaçaõ, ou obſtruçaõ rebelde no collo da bexiga, o que he certo quando os teſticulos ſe retiraõ, porque neſte caſo todo o genero de diureticos he prejudicial.

A ſangria nas verilhas, & ainda na taboa, ſe o mal apertar muito, ſaõ muy louvada, & as ajudas laxativas, & fomentaçoens ſobre os rins, & ſobre o fole da verga.

O antimonio preparado chamado pós Angelicos, duas outavas, miſturados em hũa bola de manteiga; dado em forma de pirola, fará mais obra, que tudo.

Tambem ſe pòde ſiringar o cano com o colirio de raizes, ſem opio, com leite de mulher, com agoa de cevada, ou de malvas, & em reſoluçaõ ſeria a ſuperſaõ mortal de neceſſidade, ſe com todos eſtes remedios, ou parte delles naõ ſarafe.

CAPI-

CAPITULO 95.

Da ſexta eſpecie de Torcilhaõ.

RARAS vezes ſuccede aos cavallos eſta ſexta eſpecie de dores, a qual he cauſada de materia colerica, & toda de fogo, de que eſcapaõ muy poucos, he mà de differençar eſta dor das outras, & todos os remedios, que para as dores precedentes ſaõ uteis, para eſta ſaõ veneno, porque he lançar lenha ſobre o fogo.

Alguns ſinaes por donde ſe pòde conjecturar eſta eſpecie de Torcilhaõ, & differençar das outras, ſaõ o temperamento do cavallo; ſe he colerico, & fogoſo, ſe tem os lagrimais dos olhos, a lingoa, & toda a boca muy vermelhas, encendidas, & ſecas, & as pontas das orelhas muy frias.

Elte mal conete mais ordinariamente aos cavallos mais vigoroſos, & de mayores eſpiritos, & ſendo muyto mao de conhecer, ainda he peyor de curar. Com tudo livraõ alguns com o methodo ſeguinte.

Como ſe acode à ſexta eſpecie do Torcilhaõ.

Primeiramente, ſe dará ao cavallo hũa ſangria na taboa, pequena, & dahi a hũa hora, outra nas ilhargas, depois huma ajuda na forma ſeguinte.

Ajuda para o Torcilhaõ de colera.

Faràm cozimento de beldroegas, alfaces, malvas, chicorias, ametade de hum pepino maduro, ſe for em tempo, q̃ os haja; ferverá tudo eſpaço ſó de duas Ave marias; depois coado, lançarám na calda ſeis onças de mel rozado, com tres de lenitivo para ajudar a natureza a deſcarregar eſta materia.

Será conveniente fazer toda a diligencia, para que o cavallo coma, ou ſejão ervas freſcas, ou cevada verde, farelos moihados, ou o que elle quizer; porque eſtas dores bilioſas augmentaõſe com a abſtinencia.

Depois ſe levarà o cavallo ao rio, aonde o cubra todo, deixando o

mando o beber a què quizer ; & ſe for de inverno , ſe lhe darà agoa a beber com quatro onças de criſtal mineral a que chamão (ſal prunele) desfeito nella E ſobre tudo he neceſſario reiterar muitas vezes as ajudas , & algũas vezes a ſangria , fazendoas pequenas, & repetidas , & ſe lhe não dará centeyo , ainda que com eſte mal, tem os cavallos tão pouca vontade de comer , que fazem muy pouco gaſto , porque a deſordem da colera os deſpacha ordinariamente em menos de quarenta horas , & os que livrão deſte termo , & começão a comer , he grande final de eſcaparem.

CAPITULO 97.

Das Camaras , & Fluxos do ventre dos cavallos.

ESTA doença de Cameras , & Fluxo de ventre não he muy frequentada nos cavallos ; porèm quando as padecem os mata muy facilmente , & por iſſo ſe não deve fazer pouco caſo della. Quando o Fluxo de ventre vem por cauſa manifeſta , que he quando os cavallos comem verde , não ha para que reparar niſſo , porque o mantimento laxativo o cauſa , & ſerve eſſa Fluxão de grande bem , para a conſervação da ſaùde do cavallo , porque a natureza ſe alivia , deſcarregandoſe de tudo o que o corpo tem de impuro.

O Fluxo de ventre mao , he aquelle, que por fraqueza de eſtomago não pòde digirir os alimentos , & os deixa paſſar aos inteſtinos , & ſem quaſi ſerem alterados os lança o cavallo ; como os comeo ; ou ſe procede o Fluxo de corrução , & vicio de humores , que ocupão o eſtomago , empedindo a digeſtão , & movendo a natureza a expulſar os mantimentos ſem cozimento.

Eſtes humores não ſaõ ſempre frios , & crús ; porque muitas vezes a colera ſendo muita dos inteſtinos , faz puxar a ſi , & expellir as viandas , & eſta tal Fluxão não he perigoſa.

Se os alimentos ſaem inteiros, ſem final de cozimento , he neceſſario acudir logo ao cavallo com os remedios ; porque a natureza não pòde reparar as forças abatidas , ſem ſe aproveitar do

ſuſtento

ſuſtento, & lançando o como o comeo, ſe não pòde alimentar.

O Fluxo do ventre pòde proceder tambem, de que o cavallo coma muito, & a grande quantidade lhe ſeja empedimento, para que não faça cozimento algum, iſto ſe remedea facilmente com a deminuiçaõ do mantimento. Tambem ſuccede de comer o cavallo erva podre; & outros ſuſtentos roins; beber agoa de poço, & ciſternas, tambem cauſa eſte dano.

Podeſe conhecer o humor, que cauſa o Fluxo do ventre pelos excrementos, que o cavallo lança fóra; ſe caindo no chaõ fervem, & inhaõ, he final de colera, & ſe forem brancos denotão cruezas, & ſendo como agoa, moſtrão grande fraqueza; & ſe á Fluxaõ ſuccede vir tambem ſangue he de perigo a doença, & ſe lhe deve acudir com mayor cuydado.

Muitas vezes a Fluxaõ, ſerve de deſcarga, com que a natureza ſe alivia de algum humor importuno, que a obrigou a expulſalo; porèm ſe as Cameras paſſaõ de ſeis dias, & o cavallo perde a vontade de comer, he muy perigoſo, & muitas vezes depois os cavallos ſe fazem agoados.

Como ſe curaõ as Cameras, & Fluxo do ventre dos cavallos.

Ha de tiratſe a reçaõ de graõ ao cavallo, & em lugar della ſe lhe ha de dar farelos trigos, molhados em vinho tinto; a cevada branca torrada no fogo, & depois moìda; he muito boa, para ſe lhe dar ſempre na beberagem, & a palha, que comer muy bem eſcaldada primeiro. Logo ſe ha de começar pelas ajudas deterſivas como he a que ſe ſegue.

Ajuda para as Camaras.

Tomarám cevado branca com caſca dous punhados, rozas vermelhas, folhas de chicoria brava, agrimonia, barbaſco branco, bredos, mercuriaes, de cada hum hũa maõ chea, cozerá tudo em ſoro, ou agoa ferrada, que fique em ſeis quartilhos, nos quaes desfaràm ſeis gemas de ovos, mel rozado, & aſſucar maſcavado, de cada hum meyo arratel, & ſe lançará na forma, que temos dito no Capit. 5. das ajudas; & depois, que eſta ajuda tiver obrado, & vazado algũas materias corruptas conteúdas nos enteſtinos, repetiràm dahi a ſeis horas outra ajuda refreſcativa, & adſtrin-

adſtringentẽ, que ſe ſegue.

Ajuda adſtringente para as Cameras.

Tomaráõ as ervas chamadas, fintinodia, & barbaſco branco, de cada huma, huma mão chea, folhas de tanchagem duas mãos cheas, de balauſtias meya maõ chea, ſemente de mortinhos, de alfaçea, & de tanchagem, de cada hum duas onças, ferverá tudo em agoa de cevada, que fique em ſeis quartilhos, metendo tambem hũa maõ chea de rozas ſecas, na ultima fervura, & depois de coado, ſe lhe lançará na calda, de mel rozado, & de aſſucar maſcavado, de cada hum meyo arratel, & ſe lançará na forma, que diſſemos no Cap. 5. das ajudas, depois de haver purgado com as ajudas; ſe dará ao cavallo a beberagem ſeguinte.

Beberagem para as Cameras.

Tomaràõ outo nozes noſcadas grandes, ou dez ſe forem pequenas, & ſe queimaraõ no fogo de huma vela, depois as meterám de infuzaõ toda hũa noute em dous quartilhos de vinho tinto, que ſe darà ao cavallo morno tendo-o primeiro ſem comer enfreado quatro horas.

Outra beberagem para as Cameras.

Tomaràm ſeis quartilhos de leite, & meteraõ nelle huma balla de artelharia vermelha no fogo, & deſta meſma ſorte a tornaràm a meter quatro, ou finco vezes no meſmo leite; depois lhe ajuntaràm huma onça de ruibarbo bem toſtado primeiro, para que perca a virtude purgativa, acrecentandolhe mais brolho de uvas, tambem toſtado primeiro, & pizado, com huma onça de corno de veado queimado, de tudo ſe fará beberagem, que daraõ ao cavallo.

Quando os curſos do ventre procedem de cauſas frias, & de humores fleumaticos, & pituitoſos, he neceſſario depois das ajudas precedentes, dar ao cavallo a bebida ſeguinte.

Beberagem para as Cameras de cauſas frias.

Tomarám tres quartilho, de vinho tinto do mais eſcuro, & nelle meterám tres, ou quatro vezes hũa barra de aço bem vermelha no fogo, miſturando com o vinho meya duzia de gemas, de ovos, duas onças de terra ſigillata, com hũa onça de triaga, ve-

lha;

lha, & em ſeguimento diſto, ſe continuarám as ajudas conforme a neceſſidade.

Quando os curſos do ventre procederem de colera, & humores quentes; ſe dará a primeyra ajuda, que diſſemos, depois della eſta, que ſe ſegue.

Ajuda.

℞ Tomaràõ quatro quartilhos de vinho tinto, & dous de agoa chovediça, & nelles faraõ ferver as raizes de biſtorta, & de tormentina pizada em groſſo, de cada huma duas onças; depois lhe ajuntaraõ duas mãos cheas de folhas de piloſela; tudo muy bem cozido, ſe coará, & na calda desfaràm duas onças de catholico commum, & ſe lançará eſta ajuda como temos dito no Cap. 5.

Se a Fluxaõ do ventre continuar, ſe lhe darà a bebida ſeguinte.

Beberagem para o Fluxo do ventre de couſas quentes.

Tomarám agoa de rozas, & tanchagem, de cada hũa, hũ quartilho, miſturarám nella duas onças de conſerva de rozas velhas, ſementes de mortinhos, & tanchagem feytas em pòs, de cada hum, hũa onça, de triaga meya onça, faraõ hũa bebida diſto, que daraõ ao cavallo.

Tambem ſaõ muito convenientes as fomentaçoẽs de banhos, com que ſe esfrega o ventre, como ſaõ os que ſe ſeguem, que convem para todo o genero do Fluxo de ventre de qualquer cauſa, que proceda.

℞ *Fomentaçoens de banhos adſtringentes para o Fluxo do ventre.*

Tomaraõ tanchagem, & ſintinodia, de cada hum quatro mãos cheas, folhas de conſolida, ou ſimphitum, de cada hum hũa mão chea, nozes de galhas, & acipreſte, landes de carvalho, de cada hũa duas onças; rozas vermelhas, folhas de barbaſco de cada hũa tres mãos cheas; ferva tudo em hũa panela, com vinho tinto, & agoa chovediça, partes iguaes (as nozes, & landes, ſe haõ de lançar pizadas, juntamente com as ervas,) & como tudo eſtiver bem cozido ajuntarám na ultima fervura, hum quartilho de vinagre, & outro de oleo de marmellos.

Com

Com eſte banho ſe lavarà o ventre do cavallo, & faraõ fomen-
taçoens com elle quente, applicando-o por toda a região do ven-
tre.

Tambem ſe pòde untar o ventre do cavallo com oleos de marmelos, & mortinhos, partes iguaes, aquentando-os primeiro.

O banho aſſima, ſe póde reiterar muitas vezes, & tambem he de muita efficacia para todas as inchaçoens da barriga, procedidas de algũas eſporadas, & he tambem de utilidade para os teſticulos inchados, & inchaçoens de pernas, & braços.

CAPITULO 98.

Das Lombrigas, que ſe geraõ no corpo do cavallo.

DA corrupçaõ, & deſordem dos alimentos nace eſta geraçaõ das Lombrigas, porque ſe ſe raõ fazer cozimento perfeito, criaõſe cruezas, & humores, que facilmente apodrecem, & deſta podridão ſe geraõ diverſas caſtas de Lombrigas, & bichas, que atormentaõ, & afligem os cavallos.

Já tratamos no Capit. 94. dos Torcilhoens, & dores de barriga do grande dano, que fazem as Lombrigas, cauſando dores violentas; porèm deixamos para eſte Capitulo as differenças que ha dellas, & os remedios methodicos, & mais meúdamente declarados.

Saõ as Lombrigas algumas brancas, compridas, & delgadas nas pontas, outras pequenas como agulhas, que juntas em grande numero, ſaem muytas vezes nos excrementos do cavallo, & ha outras curtas, & largas, groſſas, & avermelhadas, ſemelhantes a pevides de aboboras, & ſam as mais nocivas, pelas muy grandes dores, que cauſaõ ao cavallo, & toda a ſorte de bichas fazem, que o cavallo enmagreſſa, & ande preguiçoſo, & que olhe muitas vezes para as verilhas dobrandoſe, & torcendoſe, o pello levantado, abreſelhe a boca

a boca muitas vezes, & naõ querem medrar por mais que comaõ, & isto fazem aquelles, que melhor passaõ com ellas; porèm quando as lombrigas os apertaõ, se deitaõ, & levantaõ muitas vezes com tanta afliçaõ, & dores que morrem muitos cavallos das dores, se a tempo lhe naõ acodem com os remedios.

Quando os cavallos estaõ de verde, saõ muitas vezes sogeitos a gerar huns bichos grossos, como favas, que se pegaõ no cesso; estes naõ saõ perigosos, & se tiraõ com a maõ, sem outro medicamento.

Remedio para as Lombrigas.

Os remedios, que temos dito para as Lombrigas no Cap. 94. dos Torcilhoës, saõ muito bons para toda a sorte dellas como saõ os pós, que ali dissemos, para esse effeyto.

Outro remedio.

A palha molhada em agoa, a donde se tenha desfeito salitre, comendo o cavallo della alguns dias continuados, mata as Lombrigas.

Outro remedio.

As folhas de pesegueiro, & de salgueiro verdes, cortadas meùdas misturadas com a cevada, mataõ as Lombrigas.

Outro remedio.

A sabina em pó; misturada com a cevada, mata as Lombrigas.

Outro remedio.

A semente de zedoaria pizada, & misturada com farelo trigo, molhado com vinho, mata toda a sorte de Lombrigas.

Outro remedio.

A semente de coentros, de cidras, de laranjas, de limões, a rapadura do marfim, & de corno de veado, saõ simplex, que juntos ou misturados com outros ingredientes, matão todos os bichos.

Outro remedio.

A semente de alface, de rabãos, de couves, de coentros, de cada hum duas onças; & de zedoaria huma onça, corno de veado quatro onças misturado tudo em pò se dará ao cavallo na ceva-

da

da, ou em farelo molhado repartido nas reçoens de nove dias, matará todo o genero de bichas,

Se o cavallo andar muito atormentado de quantidade de Lombrigas, ou seja sogeito a ellas, he necessario darlhe a purga seguinte.

Purga para as Lombrigas.

Tomarão hum arratel de mel escumado, & lhe ajuntaráõ tres onças, & meya de aloes em pò, & húa onça, & meya de semente de alexandria, & estando tudo muy bem cozido, se afaste do fogo, & untando as mãos de azeite, para que se naõ pegue nellas a composiçaõ, fazer disto pirolas, como nozes, polvarizando-as por fima de farinha triga, se daraõ ao cavallo, guardando as regras do modo de dar as purgas; que dissemos nos Capit. 7. & 8.

No mesmo dia que o cavallo tomar a purga, se lhe dirá a noute huma ajuda, com sinco quartilhos de leite, huma quarta de assucar, & seis gemas de ovos para chamar as Lombrigas; com esta doçura ao intestino recto; & dahi a duas horas depois do cavallo ter evacuado, se lhe lance huma ajuda de caldo de tripas, ou cozimento de cevada em que hajão fervido agrimonia, & bel-droegas; & desfarám na calda hum arratel de mel, quatro onças de assucar mascavado, duas onças de catholico commum, ou do oleo escrito no Cap. 92.

Podese dar de manhãa huma onça de triaga, porque matará as Lombrigas, que estiverem no ventre.

Outros pôs para matar as Lombrigas, & dissipar a materia, que as fomenta.

Tomaràm folhas de hipericão, & de fel da terra, de cada hũa duas onças, de coral, semente de alfaces, de cidra, de cada hum meya onça, de genciana, escamonea preparada em vapor de enxofre, & coloquintida, de cada hũa, hũa outava, canella, & semente de coentro, de cada hum, huma onça, tudo feito em pó, se dará o cavallo em jejum, havendo estado enfreado primeiro quatro horas, & se hirà dando todas as manhãas continuadas, atè se acabarem, dados em hum quartilho de vinho, hũa onça, & meya cada manhãa aos cavallos grandes, & aos pequenos, hũa onça, &

 nestes

neſtes meſmos dias ſe hirá dando ao cavallo repetidas ajudas de leite, ou caldo de tripas com mel, ou aſſucar para traher as lombrigas, & evacualas. Iſto ſára o cavallo de toda a eſpecie de bichas.

Outros pòz excellentes, & de pouco gaſto.

Tomaràõ muita quantidade de minhocas, que para as ajuntarem com facilidade, darei huma invençaõ boa. Hão de meter humas poucas de minhocas, com caſcas de nozes verdes de infuſaõ com agoa vinte, & quatro horas, com eſta agoa borrifarám a terra em lugares humidos, aonde a terra he pingue, & groſſa, que cuſtuma gerar minhocas, & em breve eſpaço; verão ſair aſſima todas as que eſtiverem debaivo da terra, aonde poderàm ajuntar a abundancia dellas, que quizerem; as quaes meterám em vinho branco, aonde eſtarám duas horas para ali vomitarem tudo o que tem de mao; depois ſe tirarám, & meteràm em hũa penella de barro, a qual muito bem tapada, & barrada cheya dellas, ſe meterà no forno, depois que ſe tira o paõ: metendoa tantas vezes atè que ſe ſequem, & mirrem de ſorte, que poſſaõ reduzirſe em pò, delle darám ao cavallo em duas manhãs atè duas onças com vinho tinto, avendo eſtado o cavallo enfreado, quatro horas primeiro; tambem ſe dam em farelos molhados com vinho, ou na cevada.

Paſqual Caracciollo, irmão do Duque de Martina, no ſeu livro intitulado Gloria dil Cavallo, traz grandes remedios para as Lombrigas, como tambem Vegefio no livro 1. capit. 44. porèm eu me não aproveito aqui de remedios, ainda que ſejão melhores, porque me fio mais deſtes, de que jà tenho experiencia.

CAPI

CAPITULO 99.

Da Sarna do Cavallo.

SARNA he hum vicio do couro, que o faz duro, seco, & aspero, faz arripiar o pello, & cair em algũas partes, tambem faz nacer burbulhas, & caspa, & tudo procede de humor acre requeimado. O mao sustento, a fome, o repetido trabalho, o ajuntamento de outros cavallos sarnosos, as almofaças, esfregoens, mantas, sellas, & freyos, que hajão servido em cavallos, que tivessem sarna, tudo isto a póde causar; como tambem por darem verde ao cavallo sem o sangrarem, ou vindo molhado do rio recolherse na estrebaria sem se enxugar primeiro, ou pelo abafarem com mantas, quando vem muito suado recolhendo-o logo, porque se encodea, & endurece o couro, reconcentrando em si o calor, & acrimonia do suor.

Quando os cavallos comem milhãas, pódem ser mais sogeitos a este mal, por ser erva de mais grosseira digestaõ.

Conhecese a Sarna, quando o cavalllo se esfrega, mais do que custumava, & em hũas partes mais do que em outras; como na taboa, nas crinas, no cabo, & em fim aonde a sarna mais lhe carrega, & muitas vezes começando por algumas partes, & se vem a fazer universal por todo o corpo; algũas vezes se manifesta com burbulhas, ou com o pello cahido em caspa, & sempre cõ o couro mais grosso, & endurecido na parte aonde a sarna he mais; o que se adverte levantando o couro nos dedos.

Ha duas especies de Sarna nos cavallos, a huma chamaõ Sarna viva, & à outra ulcerada. A Sarna viva he aquella, que naõ abrolha mais por sima do couro, que hũa caspa, & faz cair o pello. Esta he a mais difficultosa de saar, & procede ordinariamente de haver padecido o cavallo algumas fomes, ou frios grandes.

A outra especie de sarna, se manifesta por fóra com burbulhas,

lhas, funchos, inchaçoẽs, eſcamas, ou codeas; as quaes em ſe tirando deixaõ a parte eſfolada. Eſta ultima, he a mais facil de ſarar, que a outra, ſe não for nas crinas, ou cabo adonde ſe pega muito, & he muito difficultoſa de extinguir por cauſa, de que o couro naquellas partes, he muy groſſo, & os remedio o naõ podem penetrar taõ facilmente.

Como ſe cura a Sarna.

Para ſe curar eſte mal com propriedade, he neceſſario começar pela preparaçaõ de humor, que cauſa interior, porque ſeria occaſiaõ de grande dano, querer rebater para dentro o humor, q̃ a natureza expelle para fóra, de que podia proceder recolhendoſe, & hir offender alguma parte nobre.

A ſangria he quaſi ſempre neceſſaria, no principio da cura da ſarna, Vigeſio o aconſelha tambem aſſim, & que ſeja na parte mais veſinha da que eſtà affectada, como ſe a ſarna eſtiver naſ ancas, aonde a ſegunda eſpecie ſe cuſtuma mais ordinariamente por; ſeja a ſangria nas bragadas; ſe nas crinas, & peſcoço ſe ſangre na taboa; ſe nos peitos, & paz ſerá a ſangria nos terços.

Se o cavallo tiver Sarna no tempo de Primavera, ou em qualquer tempo de veram, he bom ſangralo muito na taboa, & metelo no verde, & ſe for poſſivel, que o coma de paſto de dia, & de noute dormindo nelle, ainda he melhor, porque muitas vezes iſto só baſta em muitos cavallos para lhe ſarar a Sarna pelo menos, untando os ſobre iſto juntamente com algum dos unguentos aqui eſcritos, porque a ſangria os deſcarrega, & prepara, o verde os purga, & o unguento os ſara.

Se for em outro tempo, que não ſeja de verão, ou em parte; que não haja comodidade de paſtarem, lhe daram duas ſangrias na taboa, & o ſeu proprio ſangue lhe faram hir comendo miſturado na cevada, ou em farelos molhados; nem ao cavallo ſe deve dar a comer muita cevada, em quanto ſe cura, & ſe lhe devem dar algumas ervas cortadas meúdas, como ſaõ eſcabioſa, lapatum acutum, fume terre; chicoria, amarga, & meya onça de enxofre pizado vivo, tudo muy bem miſtura-

do

do com farelos trigos, dado isto por tempo de outo dias, manhãa, & tarde.

Se for no inverno, se haõ de servir das raizes das mesmas ervas, & se o cavallo as não quizer comer, se ha de fazer huma infuzaõ com as mesmas ervas, ou raizes em tres quartilhos de agoa, fazendoa ferver atè que fique em dous, & coados, lhe misturarám hũa onça de enxofre vivo, & fazela engolir ao cavallo pela manhãa, tendo-o enfreado duas horas dantes, & duas depois, esta infuzaõ prepara os humores corruptos, que estaõ dentro do corpo para melhor se evacuarem, que será com as pirolas seguintes.

Pirolas purgativas para a sarna.

Tomarám hum arratel de trementina, aloes, & sene em pòs grosseiros, de cada hum hũa onça, agorico duas outavas, hermodatiles sinco outavas, folipode de carvalho meya onça, eleboro negro lavado em vinagre, dous escrupulos, tudo feito em pò grosso, misturalo com hum arratel, & meyo de toucinho para fazer pirolas, & dalas ao cavallo com as cautelas, que dissemos nos Capit. 7. & 8. das purgas.

Se o cavallo he de talha ligeira, bastará nas pirolas ametade do eleboro negro; & se for magro mimoso, & pouco robusto, bastarà, que lhe dem a beberagem seguinte, que he de grande effeyto.

Beberagem purgativa para a Sarna.

Tomarám tres quartilhos de soro de leite, & nelles infundirám quatro onças de tamarindos, & duas de folipode pizado grosso, com meya onça de anis, & seis cravos, faraõ cozer tudo com seis, ou sete cachoens, & tirando-o do fogo, lhe ajuntaráõ meya onça de regalice pizada grosseiramente, & a deixarám de infuzãõ toda a noute; ao dia seguinte a coarám, & ajuntaràm hũa onça de sene, & de turbit, & mechoacão, de cada hum meya onça em pòs, agarico duas outavas, canafistula bem desfeita duas onças, com duas outavas de coloquintida pizada, misturado tudo, se dará pela manhãa ao cavallo com a ordem, que dissemos nos Cap. 7. & 8. das purgas.

Depois que esta beberagem purgativa tiver acabado de obrar que o custuma fazer com muito bom effeito; se deixe descançar o cavallo, hum, ou dous dias, & passados lhe faraõ o banho seguinte.

Banho para a Sarna envelhecida.

Faraõ decoada de cinza de vides, & enchendo hũa panela, ou caldeira della; lhe ajuntarám pontas de gestas tenras quatro mãos cheas, de raizes de lapatum acutum, & de silidonia mayor, de cada hũa duas mãos chea; raizes de eleboro branco meyo arratel; faraõ ferver tudo, & depois de terem esfregado a Sarna com hum esfregaõ de sorte, que fique alterada, a lavaram muito bem com este banho, esfregandoa com as ervas, & raizes muy bem quentes, continuando com este remedio sinco, ou seis dias. Se este remedio naõ obrar logo bem, recorrerám aos que se seguem.

Oleo para a Sarna.

Tomarám hum arratel de oleo de linhaça, & em falta delle azeite commum; metido em hũa panela sobre o lume, lhe ajunteràm polvora pizada, hũa onça, enxofre vivo duas onças, euforbio meya onça, faraõ ferver tudo meya hora, tendo cuidado, que não pegue o fogo dentro, ou se derrame a fervura para fóra.

Esfregaràm primeiro a Sarna com hum esfregaõ, & logo applicaràm este oleo, esfregando novamente com elle muy bem quente as partes todas, aonde estiver a Sarna.

Outro oleo.

Tomaràm hum arratel de azeite, ao qual ajuntaràm de verdete em pò hũa onça, euforbio meya onça, enxofre vivo duas onças, ferverà tudo, mexendose, & em dando huma fervura boa se tirará do fogo, & se lhe darà em quente, hũa onça de sublimado. Este remedio he excellente para a Sarna, que está dentro nas crinas, & cabo, porque he muy penetrativo, por rezão do sublimado; & busca o mal atè o fundo.

Conhecese estar o cavallo saõ; quando o couro, aonde estava a Sarna fica mais delgado, & doce, como nas outras partes, que em quanto a pele está grossa; mostra ter humor, de que poderà

ainda saìr Sarna.

No inverno por tempos frios, saõ muy difficultosos de sarar os cavallos que tem Sarna, & se não sararem com os remedios, que dissemos, só poderà proceder de naõ haver sido bem purgado, & evacuado, sendo necessario tornalo a sangrar; & purgar de novo, & depois fazerlhe os remedios sobreditos, que naõ pòdem deixar de obrar, & sobre tudo para a Sarna muy rebel, & antiga, ou ulcerada, se poderá uzar do unguento, que se segue.

Unguento verde para a Sarna.

Tomarám hum arratel de mel em hũa panela nova, com quatro onças de verdete em pò, tres onças de agoa forte, misturado tudo em frio, estando a panela muy bem cuberta para as ocasioens.

Hũa só untura deste unguento, basta ordinariamente para sarar a Sarna; porèm hase de empedir, que o cavallo lhe naõ chegue com os dentes. Este unguento, quando a agoa forte he boa, faz caìr hũa escama, & ficar esfolada a parte, mas naõ deve dar cuidado, porque untada depois com graixa branca, logo a pelle sara, o pelo vem, sem ficar final algum, & o cavallo fica saõ.

Este unguento verde, naõ sò he bom para a Sarna, mas para todas as chagas sordidas, que para essas tem a mesma propriedade, que o Egypciaco, para mundificar, & digirir a carne sordida, & a podridaõ das chagas; & tem virtude para sarar os arestins, machinhos novos de ranilhas, os figos, & mais podridoens dos cascos, & supposto, que algumas vezes applicado muito, cause alguma inchaçaõ nas pernas, logo tornaõ a desinchar com agoa do rio, ou ao menos com a carga do Cap. 13

(:!:)

CAPITULO 100.

Do Esforço, ou Rendimento dos rins.

SUCCEDE muitas vezes caìrem os cavallos com tanta violencia, que offendem as partes interiores, & rompem algũas vezes veas dentro, de que ſe eſparge o ſangue, & cahe nas partes concavas, & baixas do interior, adonde ſe coalha, corrompe, & cauſa accidentes muito trabalhoſos, & algũas vezes a morte,

Succede muitas vezes, q̃ hum cavallo, faz hum esforço, ou rendimento de rins em huma queda ordinaria, taõ grande, como ſe caìra de muito alto, porque para eſte dano baſta; que as cordas, ou ligamentos, que acompanhão o eſpinhaço, ſe eſtendaõ ou relaxem para fazerem, que o cavallo ſe ache rendido delle, & ſe naõ poſſa mover dos rins. Iſto ſe manifeſta, quando ſe ſabe, que o cavallo tem dado queda, ou ſe deita ſangue pela boca, ou pelas ventas, ſe caminha com pezo das ancas, ſem o ſeu movimento ordinario, & o mais certo final he, naõ poder o cavallo recuar, eſpecialmente em hũa ſubida.

Como ſe cura o Esforço, ou Rendimento dos rins.

Para eſte dano, he neceſſario ſangrar o cavallo hum par de vezes na taboa, & logo em quente applicarlhe ſobre toda a região dos rins a carga, que eſcrevemos no Cap. 13. com bolo Armenio, reiterandoa algumas vezes, & depois dar banhos, & fomentaçoens ſobre os rins, com cozimentos de boas ervas; como já diſſemos no Capit. 47. das mãos, & pernas pizadas, & applicar panos dobrados molhados, & com as meſmas ervas ſobre os rins, tudo quente, & abrafado com huma manta, iſto ſe entende ao exterior; porèm para o interior, ſe farà o que ſe ſegue.

Ajuda para o Esforço, ou Rendimento dos rins.

Darſeha huma ajuda ao cavallo neſta forma. Tomarám qua-

tro

tro quartilhos de leite , dous de caldo de tripas , & neſta calda hraõ ferver por tempo de meya hora , folhas de malvas , & de violas, de cada huma tres mãos cheas , linhaça pizada hum punhado, depois ſe lhe ajunte flores de marcella , & de coroa de Rey , de cada hũa , hũa mão chea ; iſto coado , desfaràm na calda meyo arratel de oleo rozado , meya duzia de gemas de ovos, hũa quarta de aſſucar branco , & meyo arratel de termentina , que ſe desfarà com as gemas de ovos primeiro , tudo bem unido , & ſe lançará na forma , que temos dito no Capit. 5. das ajudas. Depois que a ajuda purgar , ſe farà eſta beberagem.

Beberagem para os rendimentos dos Rins.

Tomaràm meyo quartilho de azeite commum , huma onça de ſemente de maſtruços em pòs , ou onça , & meya , ſe for o cavallo grande, baſta bolo Armenio , & mumia , de cada hum meya onça, & faraõ engolir tudo ao cavallo.

A carga ſempre reiterada ſobre os rins , como diſſemos , & ſe miſturarem pòz de rozas , & de murta ainda farà neſte caſo melhor effeito. Alguns mandão meter os cavallos na agoa para eſte rendimento dos rins ; porém ſe elle for conſideravel , naõ convem , ſe o eſtorço , for leve , & a agoa for de marè , bem poderá baſtar para o ſarar.

CAPITULO 201.

Da inchaçaõ dos teſticulos.

INCHAM os teſticulos aos cavallos por varias cauſas. Hũas vezes por ſoroſidades , & humores , que decem alli. outras vezes por pancada , ou couce , que o cavallo receba , & tambem por decida de tripa , ſe ha rotura , que caîa dentro dos bolços.

Como ſe cura a inchaçaõ dos Teſticulos.

Se a fluxaõ he leve, naõ ha melhor remedio, que meter o cavallo no rio , q̃ com poucos banhos ſarará logo ; porèm ſe for decida de

de tripa, ou humor de mà qualidade, ſe uzará da cataplaſma ſeguinte, ſangrando primeiro o cavallo hum par de vezes na taboa.

Cataplaſma para os teſticulos.

Tomaràm farinha de cevada, & vinagre, & faraõ papas de tudo, & eſtando quaſi cozidas, ſe lhe ajuntará oleo rozado, & de marmelos o que parecer conveniente, conforme as papas, & dous dedos de ſal; applicarſeha com pouca quentura, & ſe atará pelo melhor modo, que puderem.

Fumentaçaõ.

Faraõ huma decoada de cinza de vides, & em quatro quartilhos della, ſe ajuntará meyo arratel de enxofre vivo; borras de vinho tinto, duas onças ferverà tudo junto meya hora; depois com hum pano brando, ſe lavarám os teſticulos muitas vezes.

Outra Cataplaſma.

Ferverám farinha de favas, ou favas pizadas em borras de vinho, & ſe meterá entre dous panos, ſendo raro, o que eſtiver para a parte dos teſticulos, & ſe applicará na parte.

Quando a ernea he de tripa decida, que tem cahido nos bolços por ſe haver relaxado o peritonio; (o que he muy facil de conhecer) entaõ ſe ha de procurar de tornar a recolher a tripa aſſima com a maõ, & metela no ſeu lugar; & para ſe fazer bem ſe ha de deitar primeiro o cavallo em parte branda, & lhe lavarám os teſticulos com agoa de tanchagem, depois de ſe lhe aver recolhido a tripa com a mão, logo eſtará preparado o adſtringente que ſe ſegue.

Adſtringente.

Tomaràm raizes de conſolida mayor; caſcas de romãas, & de carvalho, maçãas de acipreſte, galhas verdes; graons de ſumagre, de cada hum quatro onças, ſemente de anis, & de funcho, de cada hum duas onças, flor de romãas, de macella, coroa de Rey, de cada hum duas mãos cheas, pedra hume em pò meyo arratel, miſturado tudo em hũa ſaquinha acolchoada; ferverá aſſim metida em hũa caldeira, ou tacho cheo de vinho tinto; & ſe porá ſobre a rotura, por donde recolheraõ a tripa muito bem com-

pri-

primida com ataduras, que voltem por fima do cavallo; & por entre as pernas para fima; & se aquentarà a meſma almofada das drogas no vinho, em que foy cozida todos os dias, & tornalla a applicar quente, que terà bom ſucceſſo, ſe a rotura naõ for antiga, que entaõ ſerà melhor remedio capar o cavallo, que logo ficarà remedeado, porque ſe comprimem as bolças de ſorte, que tapaõ a rotura, & impedem o caìr da tripa.

Este remedio aſſima dito do colhaõ ſinho, he bom para apertar toda a ſorte de inchação, porque a faz repercutir, & reſolver brevemente. Tambem ſe pòde uzar do adſtringente.

Unguento adſtringivo.

Tomaràm vinagre rozado quatro onças, oleo rozado, & de murtinhos de cada hum ſinco onças, ferá meyo arratel, ferverà tudo, & depois lhe ajuntem de çumo de tanchagem; & de erva moura, de cada hum duas onças; eſtarà aſſim em fogo lento eſpaço de meya hora, depois lhe ajuntarão pòz de rozas vermelhas, & de murta de cada hum duas outavas, bolo Armenio, & terra ſigilata, de cada hum meyo arratel, & feito unguento, ſe applicará ſobre a parte.

Vegeſio no liv. 3. cap. 8 diz. que cevada queimada desfeita em pò com graixa de porco, faz deſinchar os teſticulos, & que tambem fel de cão, he excellente. Os remedios ſaõ faceis, & ſem perigo ſe pòdem experimentar.

CAPITULO 102.

De como ſe capaõ os cavallos.

HA muitos cavallos incapazes de todo o ſerviço pello exceſſo de ſua inquietação, procedida do grande cio; Se eſtes ſaõ froxos, & molles naturalmente, ficão triſtes, deſayroſos, & fracos; porèm os que ſaõ de ſua natureza muito vigoroſo, & alentados, não deixão de ficar depois de capados com baſtante coraçaõ, & ſerviço para tudo.

Por

Por dous modos ſe podem capar os cavallos, ſem perigo. O primeiro, & principal, em que tenho achado melhor ſucceſſo, & facilidade, he o ſeguinte.

Primeiro modo de capar os cavallos.

Teraõ o cavallo de palha, ao menos hum mez dantes, que não eſteja muy gordo, & ſempre he neceſſario, que ſeja na Primavera, ou Outono, em tempo temperado, & na deſfeyta da Lua; tres dias antes de ſe fazer a capadura, eſtará o cavallo ſem beber agoa alguma, & neſte terceiro dia ſe deitará o cavallo em parte branda, atandolhe muy bem os pès, & mãos juntos, lhe carregaràm ſobre a cabeça para que a não levante, porque aſſim eſtarà mais quieto.

Terão no fogão hũas facas de fogo preparadas, & pegando em hum teſticulo, daráõ nelle hum golpe com navalha, delviandoſe de o darem naquella cuſtura do perineo, que vay pelo meyo das bolças, & puxando pelo teſticulo, apartaràm delle brandamente com os dedos, ſem inſtrumento aquellas paraſtatas, & membranas, que o acompanhaõ, & logo cortaràm os nervos, que pegaõ no teſticulo com as facas de fogo; metendo dentro no lugar donde tiraõ o teſticulo, hum novelinho de lãa, ou fios tamanho, como huma nòs, enſopado em hum deſeſtivo, feyto de trementina lavada, oleo de aparicio, & rozado, partes iguaes; & neſte chumacinho ha de ficar prezo hum fio do comprimento de hum palmo, que fique pendurado de fora, & ſe ha de cozer a pele com huns pontos raros, & por entre elles ha de ficar pendurado o fio do chumaço. E o meſmo, que temos dito, ſe ha de fazer no outro teſticulo, & lavar todas aquellas bolças, & verilhas com vinagre morno, em que aja fervido ſalva, funcho, & tanchagem. Logo fazer levantar o cavallo, & darlhe hũa ſangria na taboa, & no dia ſeguinte outra da outra parte, & depois nos peitos, cada dia hũa atè quatro, & mais ſe ouver muita inflamaçaõ.

Sempre ſe iraõ fomentando os bolços, & toda aquella região com oleo rozado, & agoa de tanchagem, batidas hũa com outra.

Paſſados ſinco dias, ſe uzará de vinho eſtitico, cozido com

murta, caſcas de romãs, roſas ſecas, maçãs de acipreſte, a que ajuntaràm tambem duas nãos cheas de ſalva; & paſſados alguns dias; que as materias tenhaõ apodrecido os pontos, ſe irà puxando pello fio brandamente do chumaço atè que ſaya. Com eſte methodo fiz capar à minha viſta muitos cavallos novos, & velhos, & machos de liteiras todos com bom ſucceſſo.

Outro modo de capar.

Tambem ſe capaõ os cavallos, ficandolhe os teſticulos dentro; o que ſe faz, pegando na pele ſòmente; & dando nella hum golpe, ſem offender o teſticulo; & tirando eſte para fóra, darlhe tres voltas, & tornalo a meter dentro, aſſim torcido, com que as não deſande, & no outro teſticulo fazer o meſmo, & cozer os golpes, logo atalos com ourelos, ou ataduras brandas para ſeguarem, que não deſandem as voltas; cozendo a ferida com ſeus pontos ſeguros. Neſta forma ſe cuſtumão capar os boys, porèm não he neceſſario dar golpe, porque o teſticolo eſtá sò pegado por huma ponta, o que não póde fazerſe no cavallo, porque pega por duas, & por iſſo cae atraveſſado nos bolços, & ſem abrirem o couro, o não pòdem voltar.

Outros uzão de hũas talas, & diverſos modos de capar, que em todos ſe experimentão repetidas vezes maos ſucceſſos.

CAPITULO 103.

Do Rendimento, ou Esforço dos quartos trazeiros, ou ancas do cavallo.

OS cavallos àlem de ſe renderem pelos rins, tambem ſe rendem, & fazem eſforços nos quartos trazeiros, de que procede manquejarem de ſorte, que ſe não pódem ter no pè rendido.

Procede iſto muitas vezes de quedas, outras de eſtender, ou torcer muito a perna; & relaxaren ſe algumas cordas, & ligamtntos, ou ſahir de ſeu lugar o oſſo, que ajunta a coxa com o corpo. Para ſe averiguar, ſe o oſſo ſahio da junta, ou ſe he rela-

relaxamento de nervos, & ligamentos, ſe advertirá, que dos nervos, & ligamentos relaxados manqueja o cavallo, porèm poem o pè no chaõ, & ainda que ſeja com dores o governa, & ſe he deſlocação ſe não poem ſobre o pè. Este ſe ha de atar com hũa corda pelo travadouro, & pegar a corda a hũa arvore nova, que não ſeja tão tenra, que ſe arranque, nem tão groſſa, que ſe não mova, & fazer andar o cavallo adiante, para que puxando pelo pè prezo, o torne a encaixar em ſeu ſugar; logo applicarlhe a carga do Cap. 13. com bolo Armenio, & ſangrar o cavallo na taboa.

Se ouver ſómente relaxação de nervos, ou cordas ſe ha de começar pela ſangria da vea da quartela da meſma perna, & logo carregar a coxa com a carga do Capit. 13. continuarlhe os banhos, & fomentações, que receitamos para os cavallos abertos no Cap. 44. E pòdem aſſegurarſe, que a carga tem ſarado cavallos que já tinhaõ a coxa mirrada, & falta de ſuſtancia, & ſómente ella, & as fomentaçoens, que diſſemos baſtáraõ para as curar perfeitamente. Se o rendimento da coxa vier a carregar ſobre a perna atè a quartella, como ſuccede algumas vezes, ſangreſe o cavallo na põta do caſco, a que chamaõ fonte, & cubraſe a perna com a carga aſſima apontada.

CAPITULO 104.

Da Extenſaõ, & Relaxamento do nervo do jarrete.

SUCCEDE muitas vezes huma extenſaõ no nervo groſſo da perna, a que chamaõ jarrete por cauſa de alguma queda, ou força grande, que o cavallo faça ſobre hum pé, ou ſobre ambos, tambem de pancada, que receba no nervo, & algumas vezes por ſerem potros novos, tendo os nervos tenros, & fazerem alguma violencia, ou obrigando-os a ſaltos, & curvetas fortes, em que ſuſpendaõ o pèzo do corpo todo ſobre os pès, por qualquer deſtas, ou outras cauſas incha o jarrete, & cauſa grande dor ao cavallo, fazendo-o algũas vezes ſecar a coxa, & ſe manifeſta com a groſſura, que moſtra, & dor no nervo, quando o apalpaõ.

Como ſe cura a Extenção, ou Relaxamento do jarrete.

Para ſe remediar eſte achaque, ſe ha de ſangrar o cavallo no meſmo pè, na vea da quartela, logo mitigar a dor com banhos quentes repetidos a meùdo, que ſe farão de cabeça, & meùdos de carneiro cozidos com ſalva, mentraſtos, funcho, ſementes de moſtarda, & de marcella; depois deſgovernar o cavallo aſſima, & abaixo do jarrete com as cautelas, que diſſemos no Cap. 9. de deſgovernar, & applicarlhe hum adſtringente, que receitamos no ultimo lugar do Cap. 101. que he de oleo rozado, vinagre rozado, & outros ingredientes, que nelle ſe pòdem ver, por não ſe repetir mais vezes. Tambem a compoſição da carga do Capit. 13. he excellente neſte caſo.

Se a extenſaõ for leve, cuſtuma baſtar ſòmente fomentala a meùdo com agoa ardente; porèm ſe a relaxaçaõ do nervo for conſideravel, como cuſtumaõ ſer algumas vezes, & que quando o cavallo quer andar ſe eſquece com a perna atraz, como ſe eſtivera quebrada, ou fóra da junta, he neceſſario applicarlhe o ſeguinte.

Cataplaſma para o jarrete relaxado.

Tomarão raizes de conſolida maior, & de malvaiſco pizadas em groſſo, de cada hũa duas onças, ſe forem verdes duas; & meya, & fervidas depois em huma panela nova com vinho tinto, como eſtiverem brandas lhe meterám de malvas, malvaiſco, hyſopo, veronìca, ſanicola, de cada hum meya mão, cortadas meùdas, & depois de tudo cozido, mexendoa ſempre as pizaràm em almofariz atê fazer tudo, como maſſa; tornarám depois ao fogo, acreſcentandolhe de graixa de teixugo quatro onças, & ſe applicará quente em cataplaſmas, & panos, que a ſegurem; porèm antes de ſe applinar; ſe ha de ter untada a parte com o que ſe ſegue.

Fomentaçaõ para o jarrete relaxado.

Tomarám de oleo rozado duas onças, de macella, & de zinbro, de cada hum huma onça; & quente em hũa tigela, lhe miſturarám de caſtorium em pò, duas outavas, & eſtando quente ſe untarà a parte, para que penetre.

Eſta

Fſta untura ſe ha de applicar hum dia, & outro não, porque poderà cauſar inflamação, & neſte caſo ſe ha de uzar só do oleo rozado, em quanto torna a applacar.

Quando ſe tirar a cataplaſma, ſe ha de applicar ſobre a meſma maça outra de novo, & a atadura naõ ha de ſer muito apertada, mas de ſorte, que ſe conſerve na parte, que com eſtes remedios deſinchará logo os nervos, & tornaràm a ſeu temperamento por mais diſformes, que eſtiveſſem.

CAPITULO 105.

Do Agriaõ.

NO alto do nò, que eſtà detraz do jarrete, aonde dá o eſterco do cavallo, ſe cria hum tumor duro, gerado de materia; fleumatica, fria que ſe endurece por ſua viſcoſidade; procede de o cavallo dar algum couce, tocando com o nó em pedra, ou pao aſpero, ou de ſe eſfregar muito naquella parte, & algumas vezes do muito trabalho, & com elle creces; mais nunca ſe faz muito diſforme; tambem he hereditario, ordinariamente naõ cauſa dor algũa, nem faz manquejar o cavallo, sò lhe ſerve de deſeito á fealdade.

Eſte achaque de principio podeſe curar; poièm em ſendo envelhecido, tem muito difficultoſa cura. Quando o tumor he novo, baſta para o gaſtar o remedio ſeguinte.

Remedio para o Agriaõ novo.

Tomaràm huma parte de oleo de nozes, com duas de agoa ardente, mexido muy bem batido, q̃ ficará, como unguento; com iſto eſfregaraõ a parte fortemente a meùdo Para o Agriaõ mais antigo, ſe fará o emplaſto ſeguinte.

Emplaſto para o Agriaõ envelhecido.

Tomaraõ de galbano hũa onça, armoniaco tres onças, em plaſto opopanaco hũa onça, tudo ſe infundirá em hum quartilho de vinagre forte por tempo de quarenta horas, movendo-o a meùdo; depois o faraõ ferver atè ficar em ametade do vinagre, coado

coado por hum pano, & eſtando ainda quente ſe tornará ao fogo, ajuntandolhe pez negro, & rezina, de cada hum quatro onças, termentina duas onças; & de tudo, ſe fará emplaſto, que ſe applicará na parte, renovando o de tempo em tempo, atè que o tumor de todo ſe deſgaſte.

CAPITULO 106.

Dos Alifafes.

O ALIFAFE he hum humor frio, fleumatico, & ſoporoſo, que faz hũa inchaçaõ molle, & aquoſa, quando naõ he muito antiga. Nace entre o nervo groſſo do jarete, o oſſo da perna, & carregando nelle com a mão, paſſa o humor a outra parte mais abaixo, humas vezes, he com mayor tumor, outras com menos; huns ſaõ mais molles, & outros mais endurecidos.

As cauſas de que procedem os Alifafes, ſaõ ordinariamente de trabalharem muito os cavallos na tenra idade de potros; o muito deſcanço na eſtrebaria, em cavallos muito pezados, tendo o ladrilho muito baixo de detraz. Tambem ſaõ ſogeitos a eſte achaque, os que ſaõ muito levantados de diante, & os inclinados a fazer curvetas, & porſe ſobre os pès, ſaõ mais ocaſionados a eſte dano, & ſe cuſtuma achar mais vezes nos cavallos, que tem as pernas groſſas, & os jarretes carnudos, & ſaõ muitas vezes hereditarios.

Eſte achaque ſe manifeſta com hum tumor, como hum ovo mais, ou menos entre o nervo do jarrete, & o oſſo, & apalpandoſe obedeſe, ſem doer ao cavallo, quando ſe apalpa, ou comprime. Eſte achaque como ſe vem a antigar, & endurecer eſtropea o cavallo, & lhe entropece ajunta, & nervos, & tem então mais difficultoſo remedio; em quanto naõ ſaõ duros ſe curão neſta forma.

Como ſe curaõ os Alifafes.

Primeiro de tudo ſe deſgovernará o pè do Alifafe aſſima, & abai-

abaixo da junta com a ordem, que diſſemos no Cap. 9. do deſgoverno, logo ſe lhe raparà o pello ſobre o Alifafe, & ſe lhe applicará o ſeguinte.

Emplaſto para amolentar, & preparar o humor do Alifafe.

Tomaràm raizes de brionia, & de pepinos bravos, & em falta deſte ultimo, de açucènas, de cada hum duas onças, pizadas ſe cozeraõ em azeite, & graixa de porco, tanto de hum, como de outra, atè que vão amolentando, depois as pizarám tanto, que fiquem como maſſa, tornandoas a meter em o azeite, & graixa, acrecentandolhe de trementina quatro onças, & de pez, & rezina outro tanto, com meyo arratel de unguento amoniaco, tudo derretido lhe ajuntaràm farinha de linhaça, & de ſemente de funcho, tanto de huma, como de outra, quantidade ſufficiente, para engroſſar, tudo em modo de cataplaſma; & ſe applicará em eſtopas ſobre o Alifafe, com ataduras brandas, que não moleſtem o nervo, renovandoſe cada vinte, & quatro horas em nove dias continuos.

Tambem ſe pode uzar dos emplaſtos oxicrocio, & meliloto partes iguaes, continuados os meſmos nove dias. Eſtes emplaſtos não ſaõ mais que para amolentar, & preparar o tumor; com o que, depois de ſe uzar delles, (como temos dito) ſe farà o ſeguinte.

Emplaſto para conſumir, & gaſtar os Alifafes.

Tomaràm vinagre muito forte ſeis quartilhos, meteràm dentro, quatro pedaços de cal viva, deixando ferver aſſim em frios, ſem lume, atè ſe derreter; depois a deixarám eſtar duas, ou tres horas, com que aja lugar de ſe aſſentar no fundo; depois coarám o vinagre. & lançarám nelle duas mãos cheyas de cinza de vides, muy bem abrazadas, que tambem ſe deixaràm aſſentar no fundo; depois ſe coará o vinagre levemente em outra panela, & em dous quartilhos deſte vinagre, ajuntarám oleo de petroleo quatro onças, oleo de ciſtor outro tanto, pedrahuue; & enxofre, de cada hum duas onças, lixo de pombas ſeco quatro onças, tudo

do.

do bem misturado, & unido.

Nesta composiçaõ se molharám as ramas de hũas penas juntas, & se applicaràm sobre o Alifafe, tendolhe primeiro dado humas sarjes muito sotîs, que não penetrem todo o couro; & se applicará esta untura de seis em seis horas, continuandoa por tempo de outo, ou dez dias, sem a pòr em cataplasmas mais, que fómente molhar o Alifafe as vezes, que digo, tendo cautela em que o cavallo lhe não chegue com os dentes, que isto o farà secar.

Alguns Alveitares expertos, tambem abrem os Alifafes, & os vão depois degerindo, & mundificando, fazendo-os sair em materias, porèm he obra muito delicada, & perigosa; para quem a não tenha visto obrar, nem se podem declarar as meùdezas, & cautelas, com que deve fazerse, & quando se haja de executar, seja no verão, porque em tempo de frios, se tem visto ficarem cavallos aleijados para toda a vida.

O melhor, & mais seguro remedio, que tenho achado para curar os Alifafes, assim novos, como antigos, deqois de se haver desgovernado o pè, & amolentado o Alifafe, com os emolientes, que assima dissemos; he, darlhe humas sarjes meúdas, que penetrem sò atè o meyo do coro, & logo untalos com o Potencial dos bichos, que dissemos no Cap. 11. do fogo Potencial, applicado na forma, que nelle se declara.

Se o Alifafe for de pouco tempo, custuma algũas vezes sarar com o remedio seguinte.

Outro remedio para os Alifafes:

Tomaràm dous quartilhos de vinagre forte, & lhe meteràm tres onças de galbano, & outro tanto de almecega; farão ferver estas drogas, atè que os dous terços de vinagre se gastem; depois misturarám seis onças de sangue de dragaõ, hum arratel de bolo Armenio fino, trementina commua outro tanto, misturarám tudo sobre fogo lento, & se applicarà como carga com hum papel por sima, & se reformarà hum dia; & outro não, continuando alguns, atè se gastar o Alifafe.

Alguns daõ o fogo actual aos Alifafes, porèm o que naõ obrat nelles o unguento dos bichos, applicado na forma, que diſſemos, o não ha deſvencer o fogo actual.

CAPITULO 107.

Das curvas, & ſobre-curvas, & curvaças.

TODAS eſtas enfermidades de Curvas, Sobre-curvas, & Curvaças, de que alguns Authores querem fazer diviſoens, vem a ſer a meſma couſa, & aſſim o moſtrão as curas; em que pouco, ou nada ſe differem. Chamaõſe aſſim, pela parte, em que ſe poem, que he junto às curvas das pernas. A differença, que fazem ſòmente, he que a Curva, & Curvaça ſaõ os tumores de pouca dor, & a Sobre-curva he ordinariamente muito dolorоſa, & tanto aſſim. que algumas vezes ſendo antiga, faz o cavallo eſtreito, & apanhado das verilhas, & lhe faz ſecar a coxa, & cauſa eſtas dores por eſtar ſobre os nevos, & ligamentos donde a perna dobra.

Eſtes males ſaõ quaſi ſempre hereditarios, & quando ſe adquirem por cauſas, he em carreiras violentas, quando ao parar chamaõ ao cavallo de repente, fazendolhe meter muito os pès, ou fazendo-o dar voltas eſtreitas ſobre elles.

Manifeſtaſe com hum tumor duro pequeno, algũas vezes mayor, porèm nunca he muito grande.

Como ſe curaõ as curvas.

A primeira couſa ſerá deſgovernar a perna aſſima, & abaixo da junta pelo modo, que diſſemos do Cap. 9. do deſgoverno, & rapar o pello da parte, applicando ſobre a groſſura o ſeroto ſeguinte.

Seroto para as curas.

Tomarám emplaſto de aquilaõ de gomas, duas onças, gumeli, ou opoponaco, & amoniaco, de cada hum huma onça, & meya, oleo de eſpique; & de termentina, de cada hum huma onça, cera

nova.

nova a que for conveniente. He neceſſario pizar as gomas em vinagre, & depois fazelas ferver a fogo lento, & paſſalas por hum pano, & ajuntarihe o mais, fazendo huma maſſa a modo de emplaſto preparada por hum boticario, porque de outra ſorte ſe naõ fará como he neceſſario; & ſe porá eſte emplaſto em huma pele branda applicando em ſima do tumor; avendo-o primeiro eſtregado muy bem com oleo de açucenas.

O emplaſto eſtarà aſſim pegado ſete, ou outo dias, & mais ſe for neceſſario, o qual coſtuma gaſtar eſtes tumores reveis, & groſſeiros, & com elles ſòmente ſaraõ as Curvas, Sobrecurvas, & Curvaças, naõ ſendo muito antigas, & outros tumores, ſendo de humores craſſos, & petuitoſos.

Quando naõ fiquem gaſtados eſtes tumores de todo, ſe lhe poderá dar hum potencial na forma, que diſſemos no Cap. 11.

CAPITULO 108.

Dos Eſpáravoens.

HA duas differenças de Eſparavoẽs. Huns, que claramente ſe manifeſtaõ; outros, que com difficuldade ſe conhecem. Aos que ſe formaõ dentro na junta da perna, ſem moſtrarẽ por ſóra tumor, chamaõ os Italianos Eſpatavaõ ſeco, & os Eſpanhoes Degaravaõ ſuelo, porque dentro da junta ſe endurece hum humorſinho, que faz hum graõ, como gravanço, a que nòs chamamos grão de biſco; & quem fizer notomia em hum cavallo morto; que padeceſſe eſte achaque o acharà aſſim, o qual pica; & embaraça o movimento da junta; & o melhor ſinal, por onde eſte tal Eſparavaõ ſe conhece, he porque o cavallo, que o tem he muy eſpinhado do pè aonde eſtá o Eſparavão, ou de ambos ſe ſaõ dous, & os levanta, & puxa com galhardia, mas naõ lhe gabo a obra, porque em pouco tempo lhe vem a ſecar as coxas, & ancas, & ſe fazem eſtreitos das verilhas, & quanto mais os obrigaõ a fazer curvetas, & cavallarias ſobre os pès, mais depreſſa ſe eſtropeaõ.

Saõ eſtes eſparavoẽs muito maos de curar por eſtarem intrinſecos ; com tudo nos principios , ſuccede muitas vezes remedearenſe , com ſe deſgovernar aperna aſſima, & abaixo da junta, rapar o pello com huma navalha na junta , & esfregala muito com unguento de Mercurio , atè que ſe embeba nela , iſto por tres vezes , hum dia , & outro naõ, paſſear o cavallo huma hora antes de o untar , & outra depois.

Eſte remedio o fará ſarar , ſe ainda não for taõ envelhecido; que eſteja já duro , & como oſſo ; & quando o eſteja , naõ irá peyra peyor , & ſervirá mais annos.

O fogo , que muitos aconſelhaõ neſte Eſparavaõ os eſtropea muitas vezes , fazendolhe entropecer os nervos , & junta ſem proveito, como temos viſto por experiencia.

A outra diverſidade de Eſparavaõ ſe chama boyuno , porque todos os boys os tem aſſim , & da meſma ſorte , que aparecem nos cavallos, ainda que huns ſejão mayores, que outros.

Manifeſtaõſe claramente com hum tumor duro , levantado na ponta da junta da perna , pela parte de dentro ; aſſima logo donde cuſtumaõ fazer o deſgoverno da cana.

Saõ cauſados os Eſparavoens, aſſim os intrinſecos, como os boyunos de trabalhar o cavallo muito novo , de o fazerem andar ſobre os pès, de muitas curvetas , & ſaltos, trazerem pezo na garupa , ou outra peſſoa nas ancas , do muito trabalho, correrem por ſubidas, & muitas vezes saõ hereditarios.

O tumor he duro, como oſſo, & ſempre faz manquejar ocavallo , ſe não he no principio he depois , porque crece com o trabalho , & ſe vay radicando mais para dentro , cauſa grande dor ao cavallo , quando trabalha , & lhe faz ſecar a coxa fazendoos eſtreitos de verilhas.

Raro ſerá o cavallo Eſparavonado de muito tempo , a que ſe naõ tenha ſumido o bojo por mayor , que o tiveſſe.

Tambem ſe conhecem os cavallos Eſparavonados , em que poem o pè de ponta , & manquejaõ mais , quando ſaem da eſtrebaria , do que depois que aquecem.

Como ſe curaõ.

Eſta manqueira ſempre tem melhor remedio no principio, do q̃ue depois de antiga, deſgovernando o cavallo logo do alto, & baixo da junta; applicandolhe ſobre o tumor o ſeguinte.

Tomaràm dos unguentos de agripa, marcietão, & de alter, de cada hum duas onças, oleo de açucena huma onça; oleo de minhocas, & de ſemente de engos tres onças, tudo miſturado ſe porà quente ſobre o Eſparavaõ em fórma de emplaſto, & ſe renovará cada dia hũa vez, por nove dias, & no fim delles ſe porà o ſeroto, que diſſemos no Cap. 107. das curvas.

E não avendo melhoria, ſerá neceſſario darlhe hum dos penencias do Cap. 11. na forma, que nelle ſe declara, ou o fogo, actual, ſem o penetrar muito, porque he ali o couro delgado, & ſe o penetrar de todo, ſe perderà o cavallo, & aſſim ſe deve dar cõ as cautelas, que enſinamos no Cap. 10. de dar o fogo.

Os mais achaques, que os cavallos cuſtumaõ ter deſte lugar do Eſparavaõ; atè a ferradura do pè; temos jà tratado meúdamente de todos, quando fallamos das mãos, porque nas canas, & nos caſcos, ſaõ os meſmos como temos dito.

CAPITULO 109.

Dos cavallos topinhos.

CHAMAMSE topinhos os cavallos; quẽ poem os pès de ponta, & aſſim caminhaõ, & quanto mais ſe faz antigo eſte dano, peyor he de remediar, & he mais ordinario em beſtas muares, & mais commum nas velhas, q̃ nas novas, & muitas vezes ſe vem a incapacitar de todo o ſerviço, fazendo tambem humas gretas muito doloroſas nas quarrelas pela parte de detraz aſſima dos candados.

Todo eſte mal ſe remedea com por ao cavallo nos pès humas ferraduras, com hũas bordas compridas a diante, que paſſem alèm do caſco quaſi hũa polegada de comprimento, aparandolhe o caſco de ſorte, que fique deſentaloado o mais que poder ſer deixando-

xandolhe adiante no lume do caſco todo o que tiver.

Neſte meſmo tempo ſe haõ de fomentar as pernas, & nervos dellas, com banhos de caldo de tripas de carneiro, cozidas com ſalva, funcho, & gomos de loureiro, de cada hum huma maõ cheia, aplicando eſte banho mais quente que morno duras, & tres vezes cada dia, untando tambem ſobre o banho as meſmas pernas, & nervos dellas com unto de porco derretido, tirandolhe o ſal, & manteiga de vacas; miſturado tudo com partes iguaes continuando eſtas fomentaçoens, até que o cavallo ponha os pés iguaes que fique ſem eſſe defeito.

Avendo cuidado de que ande ſempre com ferraduras delgadas atraz, groſſas a diante, & bem deſentaloado.

Tambem he neceſſario, que o ladrilho da eſtrebaria, para remedear eſte dano ſeja lizo, & ſem covas, porque avendoas as buſcão eſtes taes cavallos de prepoſito; para nellas terem metidos os pès de ponta, com que nunca melhorariaõ.

ADVERTENCIA.

ALgũas enfermidades mais com que ſe alargaõ alguns Authores, eſpecialmente Eſpanhoes, fazendo capitulos particulares dellas ſe reduzem todas a eſtas, de que temos feito menção, porque a Tiricia nos cavallos ſe envolve na Polmoeira, a Eſtangurria nas enfermidedes da ourina, que vaõ na quinta eſpecie dos Torcilhoẽs, a Leforia nas Cameras, & Fluxoens de ventre, & aſſim todas as mais que parecer que aqui faltaõ. Tambem algũas doenças naõ refiro, porque sò ſe achaõ nos homens, ainda que alguns Authores as relataõ ſem neceſſidade, o que eu naõ quiz fazer, por tratar só de buſcar a brevidade, por não moleſtar aos leytores, alargandome sómente mais nos achaques a que os cavallos ſaõ mais ſogeitos, como Mormos, Torcilhoẽs, mal de Olanda, & outros ſemelhantes.

FINIS

LAUS DEO.

INDEX

DA

SUMMULA DA ALVEITARIA.

CAP. 1. *Como se hão de conhecer, & saber examinar as idades, achaques, & defeitos dos cavallos.* fol. 189.

Cap. 2. *Como se hão de fazer as sangrias, & as cautelas, que se devem observar.* fol. 199.

Cap. 3. *Em que tempo são mais convenientes as sangrias nos cavallos, & em que vea se hão de fazer conforme as causas.* fol. 201.

Cap. 4. *Que observaçoẽs se devem guardar no fazer da sangria, saber a quantidade, & conhecer a qualidade do sangue.* fol. 203.

Cap. 5. *Do modo, & ordem, com que se hão de dar as ajudas aos cavallos.* fol. 206.

Cap. 6. *Do modo de dar os xaropes, & dos simplex com que se compoem.* fol. 209.

Cap. 7. *Das cautellas, que se devem observar, para purgar os cavallos, & de todos os medicamentos purgantes que a elles convem.* fol. 211.

Cap. 8. *Como se deve dar a purga aos cavallos, & a ordem, que nisso se deve guardar.* fol. 221.

Cap. 9. *Como se ha de desgovernar o cavallo, & das advertencias, que deve haver nisso.* fol. 224.

Cap. 10. *Do modo, com que se ha de dar o fogo, do effeyto, que faz, & das cautelas, que se devem observar.* fol. 227.

Cap. 11. *Do fogo. & cauterios Potenciaes.* fol. 229.

Cap. 12. *Como se hão de despalmar os cavallos.* fol. 231.

Cap. 13. *De como se hão de fazer as cargas perfeitas para os cavallos.*

vallos. fol. 233.
Cap. 14. Dos ſinaes, & obſervação para conhecer todo o cavallo. doente. fol. 236.
Cap. 15. Da Birra. fol. 238.
Cap. 16. Da Fava. fol. 239.
Cap. 17. Da boca chea. ibid.
Cap. 18. Dos çapinhos, ou Barbalioens. fol. 240.
Cap. 19. Dos ſobre-dentes. ibid.
Cap. 20. Da boca ferida. fol. 241.
Cap. 21. Da lingoa ferida. fol. 242.
Cap. 22. Do faſtio dos cavallos, & dos remedios para os fazer comer. fol. 243.
Cap. 23. Dos cavallos, que deixão de comer por doenças graves, & que ſuſtento ſe lhes deve dar. fol. 245.
Cap. 24. Do fluxo de ſangue pela boca. fol. 247.
Cap. 25. Das chagas, & callos, que ſe fazem na barbada do cavallo. fol. 248.
Cap. 26. Das chagas ou ulceras de dentro das ventas. fol. 249.
Cap. 27. Da Fluxão dos olhos. ibid.
Cap. 28. Da pancada, ou golpe ſobre olho. fol. 251.
Cap. 29. Dos cavallos Lunaticos. fol. 252.
Cap. 30. Do tumor que nace entre as queixadas. fol. 254.
Cap. 31. Das Landoas, que nacem entre as queixadas. fol. 256.
Cap. 32. De toda a eſpecie de Mormo. ibid.
Cap. 33. Dos achaques, & enfermidades da cabeça. fol. 261.
Cap. 34. Da Ereſipela, & inflamação do roſto do cavallo. fol. 264.
Cap. 35. Do Eſpaſmo. fol. 266.
Cap. 36. Do vertigio. fol. 269.
Cap. 37. Do deſvario. fol. 270.
Cap. 38. Dos Alvarazos. ibid.
Cap. 39. Das olivas. fol. 271.
Cap. 40. Como ſe ha de tirar a carne mal poſta nas ilhargas da taboa junto às queixadas, que impede o enfreamento, como tambem o Gato carnoſo, junto às crinas. fol. 272.
Cap. 41. Do Ante-cor. fol. 273.

Cap. 42. Do Laiejar do coraçaõ. fol.276.
Cap. 43. Do esforço, ou Rendimento das paz. fol. 279.
Cap. 44. Do cavallo aberto. fol.282.
Cap. 45. Dos peitos ſumidos, & paz ſecas. fol.284.
Cap. 46. Das mãos quebradas. fol.285.
Cap. 47. Das mãos pizadas, & inchadas do trabalho. fol.286.
Cap. 48. Da ſobre-rodela fol. 288.
Cap. 49. Das Lupas. ibid.
Cap. 50. Do Eslabaõ. fol. 289.
Cap. 51. Das Gretas. fol 290.
Cap. 52. Das Sobre-canas. fol. 291.
Cap. 53. Da Extenſaõ, & Relaxamento dos nervos das mãos. fol. 292.
Cap. 54. Da inchação ſobre a junta, & nó da maõ. fol. 293.
Cap. 55. Das Ovas. fol. 294.
Cap. 56. Das Porrilhas. fol. 296.
Cap. 57. Da Deslocaçaõ, & Esfriamento da junta. ibid.
Cap. 58. Das Humidades, & gretas, que ſe criaõ nos machinhos, & quartelas, & das mais inchaçoens daquelle lugar. fol.298.
Cap. 59. Das Encabreſtaduras. fol. 300.
Cap. 60. Dos Areſtins. ibid.
Cap. 61. Da coça das mãos, & pernas dos cavallos. fol. 302.
Cap. 62. Das Alcançaduras. fol. 303.
Cap. 63. Das Sobre-mãos, Formes, & Cravos. ibid.
Cap 64. Dos Gavarros. fol. 305.
Cap. 65. Do Galapago. fol. 308.
Cap. 66. Dos caſcos enchupinados, ou encaſtelados. fol. 309.
Cap. 67. Dos Quartos, & Raças. fol. 310
Cap. 68. Das encravaduras, pregos de rua, & haſtilhas. que offendem o caſco. fol. 315.
Cap. 69. De quando as materias ſobem â coroa do caſco, & ameação o deſaralo fol. 318.
Cap. 70 Da Manqueira por defeito, ou falta de caſcos. fol. 320.
Cap. 71. Da pancada do caſco, ou ferradura aſſentada. fol. 321.

Cap. 72. Da Podridaõ, ou Figos das ramilhas, & formigueiros. fol 324.
Cap. 73. Como se ha de chamir o calor natural a hum casco que estâ privado de substancia por causa de achaques. fol. 325.
Cap. 74. Das Mataduras, chagas; & feridas. fol. 325.
Cap. 75. Das Pizaduras, & Tumores da sernelha, ou cruz. fol. 374.
Cap. 76. Das chagas dos rins, ou feridas penetrantes do corpo do cavallo. fol. 377.
Cap. 77. Das chagas, & feridas venenosas, feitas por animaes raivosos, & danados, & para preservar da raiva, assim aos homens, como aos cavallos; & mais irracionaes. fol. 339.
Cap. 78. Da Polmeira, ou falta da respiraçaõ, que chamaõ dar aos foles. fol. 341.
Cap. 79. Da Tosse dos cavallos. fol. 344.
Cap. 80. Da falta da respiraçaõ por calor estranho. & difficuldade da expulsaõ dos excrementos. fol. 346.
Cap. 81. Do cavallo magro, & estaçado, que naõ quer tornar amedrar. fol. 350.
Cap. 82. Da Febre dos cavallos. fol. 352.
Cap. 83. Das febres podres. fol. 358.
Cap. 84. Da febre pestilencial. fol. 360.
Cap. 85. Dos cavallos, que tem livrado a Febre. fol. 361.
Cep. 86, Do mal de Olanda. fol. 362.
Cap. 87. Das Ebuliçoens do sangue. fol. 374.
Cap. 88. Da Graixa, ou Gordura derretida. fol. 375.
Cap. 89. Do Agoamento, Infusura, & Resfriamento. fol. 376.
Cap. 90. Dos Torcilhoens. fol. 382.
Cap. 91. Da primeira especie do Torcilhaõ. fol. 383.
Cap. 92. Da segunda especie do Torcilhaõ. fol. 384.
Cap. 93. Da terceira especie do Torcilhaõ, fol. 386.
Cap. 94. Da quarta especie do Torcilhaõ. fol. 388
Cap. 95. Da quinta especie do Torcilhaõ, fol. 360.

Cap. 96. *Da ſexta eſpecie do Torcilhaõ.* fol. 394.
Cap. 97. *Das camoras, & fluxo do ventre dos cavallos.* fol. 395.
Cap. 98. *Das Lombrigas, que ſe geraõ no corpo do cavallo.* fol. 399.
Cap. 99. *Da ſarna do cavallo.* fol. 403.
Cap. 100. *Do Esforço, ou Rendimento dos rins.* fol. 408.
Cap. 101. *Da Inchaçaõ dos Teſticulos.* fol. 409.
Cap. 102. *De como ſe capaõ os cavallos.* fol. 411.
Cap. 103. *Do Rendimento, ou Esforço dos quartos trazeiros, ou ancas do cavallo.* fol. 413.
Cap. 104. *Da extençaõ, & relaxamento do nervo do jarrete.* fol. 414.
Cap. 105. *Do Agriaõ.* fol. 416.
Cap. 106. *Dos Alifafes.* fol. 417.
Cap. 107. *Das curvas, ſobre-curvas, & curvaças.* fol. 420.
Cap. 108. *Dos Eſparvoens.* fol. 421.
Cap. 109. *Dos cavallos Topinhos.* fol. 423.

FINIS.

LICENÇAS

Do S. Officio.

POde-se tornar aimprimir o livro de que se trata ; & depois de impresso tornará para se conferir, & dar licença que corra, sem aqual naõ correrá. Lisboa Occidental 15. de Mayo de 1733.

Alencastro. Cunha. Sylva. Cabedo. Soares.

Do Ordinario.

POde-se tornar aimprimir o livro de que se trata, & depois de impresso tornará para se conferir, & dar licença para que corra. Lisboa Occidental 15. de Mayo de 1733.

Gouvea.

Do Paço.

QUe se possa tornar a imprimir vistas as licenças do S. Officio, & Ordinario, & depois de impresso tornarâ a esta Meza, para se conferir, & taxar, & dar licença para correr, sem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental 19. de Mayo de 1733.

Galvaõ. Rego.

Do S. Officio.

VIsto estar conforme com o Original, póde correr. Lisboa Occidental 14. de Agosto de 1733.

Alencastro. Cunha. Teixeyra. Soares.

Do Ordinario.

VIsto estar conforme com o Original, pòde correr. Lisboa Occidental. 17. de Agosto de 1733.

Gouvea.

Do Paço.

TAxaõ em papel este Livro em oo. para que possa correr. Lisboa Occidental 25. de Agosto. de 1733.

Pereyra. Teixeyra. Rego.

Este libro

BIBLIOTECA PROVINCIAL UNIVERSITARIA * OVIEDO

HIPICA-ESPAÑOLA

T- 57 -